
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ANDERSON AFONSO DA SILVA

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM
GRUPOS DE PESQUISA**

Rio Claro

2017

ANDERSON AFONSO DA SILVA

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM
GRUPOS DE PESQUISA**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Maria A. V. Bicudo

Rio Claro – SP

2017

510.07 Silva, Anderson Afonso da
S586p A produção do conhecimento em educação matemática em grupos de pesquisa / Anderson Afonso da Silva. - Rio Claro, 2017
374 f. : il., figs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Maria Aparecida Viggiani Bicudo

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Filosofia da educação matemática. 3. Antropologia filosófica. 4. Fenomenologia. I. Título.

ANDERSON AFONSO DA SILVA

**A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM
GRUPOS DE PESQUISA**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Maria A. V. Bicudo – Orientadora
Unesp - Rio Claro

Profa. Dra. Angela Ales Bello
PUL- Roma

Profa. Dra. Ana Paula dos Santos Malheiros
Unesp - São José do Rio Preto

Profa. Dra. Luciane Ferreira Mocrosky
UTFPR - Curitiba

Prof. Dr. Roger Miarka
Unesp -Rio Claro

Resultado: **Aprovado**

Rio Claro, 30 de janeiro de 2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa Bruna e aos
meus pais Otacilio e Zilma

AGRADECIMENTOS

Aos que me orientaram e deram suporte institucional e financeiro para à realização desta tese:

À professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pela orientação cuidadosa e atenta a cada detalhe da pesquisa; por ter me inspirado e ensinado, com seu rigor e profissionalismo, como ser um pesquisador.

À professora Angela Ales Bello, pela seriedade e respeito estabelecidos durante minha supervisão no estágio de doutoramento na Itália; por quem construí grande admiração.

À Coordenação e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, por toda dedicação envolvendo diversos assuntos relacionados à vida acadêmica; pelo aprendizado nas disciplinas, seminários e conversas.

Aos professores, que constituíram a Banca Examinadora, pelas leituras atentas, apontamentos e contribuições realizadas que enriqueceram este trabalho.

À CAPES pelos apoios financeiros, tanto no Brasil como no exterior.

X X X

Aos que me apoiaram, incentivaram e estiveram comigo no desenvolvimento desta tese:

À minha esposa, Bruna, pelo companheirismo, atenção e amor dedicado em todos os momentos. A sua presença me faz crescer diariamente.

Aos meus pais e irmão, Otacílio, Zilma e Wanderson, agradeço por respeitarem minhas decisões e por entenderem que estar distante era necessário para esta conquista. O apoio ininterrupto de vocês foi imprescindível nesse caminhar.

Aos amigos que estiveram presentes nesse período nos corredores da Unesp, na República, no Sujinhos bar, no Cortiço... Estar com vocês e compartilhar em tantos momentos ideias, reflexões, provocações e risadas foi de grande importância no desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Esta investigação visa compreender os modos pelos quais se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática entre membros de grupos de pesquisa em programas de Pós-Graduação, que se dedicam aos estudos dessa área. A metodologia assumida para a realização da investigação foi a da Pesquisa Qualitativa Fenomenológica, percorrendo o caminho em busca do sentido do fenômeno estudado e também do entendimento de nós mesmos, abrindo, assim, possibilidades de compreender o próprio ser humano. Nesse caminhar fomos orientados pela interrogação *como se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisa em educação matemática?* Para darmos conta dessa interrogação, estudamos textos de autores da área da Educação Matemática e da Filosofia que tratam dos temas relacionados à produção de conhecimento em um coletivo ou na comunidade e ouvimos coordenadores de grupos de pesquisa que trabalham na área da Educação Matemática. Realizamos dez entrevistas com pesquisadores líderes de grupos de pesquisa instituídos no Brasil há mais de dez anos, que apresentam orientações de doutoramento concluídas. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Mediante esse procedimento, obteve-se um texto que expõe o discurso de cada entrevistado, tendo-se obtido, desse modo, dez textos escritos. O movimento de análise fenomenológica consistiu-se em dois momentos: a *Ideográfica* e a *Nomotética*. No primeiro, analisamos e interpretamos os textos constituídos das entrevistas. No segundo momento buscamos transcender os dados individuais de um depoente ao expor as interpretações particulares, adentrando em direção às suas articulações ao expor as compreensões dos sentidos e dos significados cada vez mais abrangentes. Articulamos, dessa maneira, as Ideias Nucleares: *Trabalho em Grupo; O movimento de ser do grupo de pesquisa: constituição, permanência e modificação; Geração da temática e Produção e autoria das investigações*. Essas Ideias Nucleares foram interpretadas e, na medida em que entrelaçamos as falas dos depoentes, as ideias abrangentes, as ideias nucleares e nossas compreensões dos textos estudados, fomos realizando um movimento de teorização do compreendido.

Palavras-chave: Educação Matemática. Filosofia da Educação Matemática. Antropologia Filosófica. Fenomenologia. Grupos de Pesquisa.

ABSTRACT

This research aims to understand the ways in which the production of knowledge in mathematics education are given among members of research groups in post-graduation programs, which are dedicated to studies in this area. The methodology assumed to carry out the research was the Phenomenological Qualitative Research, walking the path in search of the meaning of the phenomenon studied and also the understanding of ourselves, thereby opening up possibilities to understand the human being. In this walk we were guided by the question “how is the production of Mathematics Education knowledge in research groups?”. To achieve this question we had studied texts of authors belonging to the area of Mathematics Education and to the area of Philosophy, dealing with issues related to the production of knowledge in a collective or in a community and we had heard coordinators of research groups working in the field of Mathematics Education. We interviewed ten researchers leading research groups established in Brazil for more than ten years, who have already guided doctoral students. The interviews were audio-recorded and later transcribed. By this procedure, there was created a text showing the speech of each subject, yielding thereby ten written texts. The movement of phenomenological analysis consisted in two stages: the Ideographic and the Nomotetic. In the first one, we analyze and interpret the texts composed of interviews. At the second time we seek to transcend the individual data of a deponent by exposing some particular interpretations, entering towards their joints while exposing the understanding of the senses and meanings increasingly comprehensive. We had articulated in this way, the Nuclear Ideas: Working Group; The movement of belonging to the research group: constitution, permanence and change; Themes generation and Production and authorship of the investigations. These nuclear ideas were interpreted and while we interweaved the speeches of the deponents, the overarching ideas, nuclear ideas and our understanding of the texts studied were conducting a movement of theorization of the understood.

Keywords: Mathematics Education. Philosophy of Mathematics Education. Philosophical Anthropology. Phenomenology. Research groups.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	18
PRODUZINDO CONHECIMENTO EM GRUPOS DE PESQUISA	18
1.1 A produção de conhecimento em um coletivo ou na comunidade.....	19
1.1.1 Antropologia Filosófica	21
1.1.2 A estrutura da pessoa segundo uma perspectiva fenomenológica.....	23
1.1.3 A estrutura da pessoa: o corpo, a psique e o espírito.....	24
1.1.4 O eu e o outro em uma vida coletiva: massa, comunidade e sociedade	27
1.2 Produção de conhecimento em grupos de pesquisa em Educação Matemática.....	34
CAPÍTULO II	48
ASSUMINDO UMA POSTURA FENOMENOLÓGICA EM PESQUISA QUALITATIVA	48
2.1 Sentidos e significados da interrogação	50
2.2 Constituição dos sujeitos significativos	52
2.3 Comunicando com os sujeitos.....	57
2.4 Constituindo os dados da pesquisa.....	57
2.5 Breve apresentação da constituição dos dados e do movimento de análise.....	58
CAPÍTULO III	62
O MOVIMENTO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	62
3.1 Tratamento dos dados constituídos das entrevistas com sujeitos significativos	62
3.2 Análise Ideográfica	63

3.3	Análise Nomotética.....	66
3.4	Rede de confluência	113
	CAPÍTULO IV	115
	INTERPRETANDO AS IDEIAS NUCLEARES.....	115
4.1	Trabalho em Grupo	115
4.2	O movimento de ser do grupo de pesquisa: constituição, permanência e modificação	119
4.3	Geração da temática	160
4.4	Produção e autoria das investigações	174
	CAPÍTULO V	180
	SÍNTESE COMPREENSIVA.....	180
	REFERÊNCIAS	187
	APÊNDICES	190
1	CARTA CONVITE	190
2	CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS.....	192
3	TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	202

INTRODUÇÃO

Introduzindo o tema investigado

Compreender o modo pelo qual se dá a produção do conhecimento, em Educação Matemática, é fruto de um desassossego que tenho vivenciado desde quando cursava Licenciatura em Matemática e, mais recentemente, no Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro e, também, como professor de Matemática. Sempre me chamou a atenção o fato de pessoas participarem de um grupo de pesquisa onde um mesmo tema era debatido e, diversas vezes, um mesmo texto era estudado por todos os membros desse grupo, que acabava por produzir em conjunto um artigo ou outro produto.

É importante que seja explicitado o entendimento de que ao falar-se em *produção do conhecimento* sempre já se está aludindo àquele que se dá em todas as áreas do conhecimento e, de modo mais abrangente, a todo conhecimento humano, científico ou não. Na abrangência do tema também é enlaçada a compreensão da pessoa humana e do seu modo de ser com o outro em associações de pessoas, o que solicita um estudo que adentre pela Antropologia.

Entretanto, como minha área de atuação é a Educação Matemática, sendo o contexto em que vivencio experiências de ensino, de estudo e de pesquisa o da comunidade de educadores matemáticos, minha intenção foca a produção de conhecimento junto aos professores e pesquisadores que atuam nessa área. Como professor de Matemática, dentre outros aspectos, busco, na produção em Educação Matemática, efetuada por pesquisadores, um modo de sustentar a minha ação docente. Muitas vezes me deparo, como já afirmado, com textos produzidos por mais de um autor, alguns deles oriundos de um mesmo grupo de estudo formado por pesquisadores de uma mesma instituição ou de instituições diferentes. Isso me deixa perplexo e me leva a questionar como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática, quando um grupo de pessoas trabalha em conjunto. Tenho me perguntado: quem são esses pesquisadores que produzem? Como isso que está publicado foi produzido? Quais os nomes ou qual o nome que aparece como autores ou autor e por que esses nomes ou esse nome indicado como autores ou autor, se o trabalho é realizado em grupo? Essas indagações se avolumam em sentido e fazem crescer minha perplexidade, enquanto me dou conta, no ambiente dos eventos científicos dessa área, que a produção do conhecimento é, prevalentemente, realizada entre pesquisadores de diferentes instituições, mostrando-se como uma produção coletiva de membros da comunidade de educadores/pesquisadores da área.

Constato, ainda, que essa produção é realizada em ambientes tanto presenciais quanto em encontros que se dão via *Internet*, ou seja, a distância.

Essa perplexidade tem me acompanhado, de modo que ela se manifesta em diferentes ambientes em que participo de discussões e de apresentação de trabalhos pertinentes à área. Nesse *estar-junto* à comunidade de pesquisadores e de profissionais que investigam e que desenvolvem atividades de ensino e de aprendizagem em Educação Matemática, dei-me conta que esse assunto não tem passado despercebido por estudiosos que se voltam para a produção coletiva do conhecimento.

Nos dias de hoje e dentre pesquisadores que focam a presença dos recursos informáticos na produção científica e sua veiculação, pode-se destacar, de modo mais enfático, a conexão em cadeia, mencionando Pierre Lévy. Esse autor¹ afirma que o coletivo é estrutural à inteligência, caracterizando uma racionalidade, ou seja, uma lógica de produção do conhecimento no mundo atual, dada a comunicabilidade² que se expande mediante a informática. Para esse autor, na atualidade, a *Internet* é o símbolo do grande meio heterogêneo e transfronteiriço³. Ele designa esse ambiente como ciberespaço⁴ e considera que *a forma e o conteúdo do ciberespaço ainda são especialmente indeterminados*. Afirma que *não existe nenhum determinismo tecnológico ou econômico simples em relação a esse assunto*⁵. Explicita que nós, pessoas informaticamente interconectadas, assumimos a condição de seres nômades, sem, no entanto, locomovermo-nos no espaço físico, pois:

[...] o espaço do novo nomadismo não é o território geográfico, nem o das instituições ou o dos Estados, mas um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de construir sociedade⁶.

Esse autor, conforme nosso entendimento, considera que, ao nos interconectarmos pelos fios que se multiplicam em um dinamismo gigante, sempre se expandindo e criando novas conexões sem pré-projeto teleológico, tornamo-nos nômades, sem mapas para serem seguidos frente à paisagem que, rapidamente, muda e tudo transforma. Esse ambiente abre a possibilidade de nos engajarmos na via da *inteligência coletiva*, na medida em que

¹ Cf. LÉVY, 1999.

² Este termo é entendido como o processo de comunicar entre membros de uma comunidade o que é pensado e expresso em linguagem inteligível.

³ LÉVY, 1999, p. 12.

⁴ O Ciberespaço é o [...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...], *na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização* (LÉVY, 1999, p.92 – grifo do autor).

⁵ LÉVY, 1999, p. 12-13.

⁶ LÉVY, 1998, p. 5.

compartilhamos conhecimentos com nossos pares, valendo-nos de recursos tecnológicos de comunicação, como, por exemplo, a *Internet*. Engajamo-nos em um movimento de concentrar forças, multiplicando experiências, buscando, em tempo real, soluções para problemas complexos e respostas às nossas perguntas.

De acordo com Baier e Bicudo,

[...] nesse cenário, a via da inteligência coletiva se mostra como um caminho promissor para nosso futuro e é sobre essa ideia que esse autor (Lévy) desenvolve uma utopia que diz do modo pelo qual ele antevê possibilidades de modificações estruturais na constituição do conhecimento, nos modos de ser do ser humano, olhado de uma perspectiva antropológica, nas formas de organização social e de administração governamentais⁷.

Minha perplexidade frente a essa ideia de *inteligência coletiva* vai ganhando contornos, tendendo, aos poucos, a delinear a interrogação que me move neste pensar investigativo, que apenas se anuncia em uma nuvem de ambiguidades que solicitam discernimento, na medida em que esse modo de pensar acolhe a possibilidade de um trabalho conjunto de muitos entornos de um mesmo tema ou de temas que se entrecruzam.

As perguntas já expostas: Como esse conhecimento em Educação Matemática que chega até nós é produzido? Quem produz? Onde é produzido? ganham vulto no âmbito dessas interconexões que se vão expandindo em redes. Observo que *produção do conhecimento em grupo de pesquisa* também traz consigo uma questão pragmática: a produção e a efetivação de estudos entre e por grupos institucionais e interinstitucionais é tida como positiva, compondo indicadores para as agências financiadoras e fomentadoras aprovarem projetos e liberem recursos à pesquisa.

Essas considerações ampliaram minhas indagações, pois além de pessoas, agora também comparecem inter-relações institucionais, que acabam podendo ser entendidas como ampliação da comunidade de pesquisa.

O visado pela pesquisa

Esta investigação visa compreender os modos pelos quais se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática entre membros de grupos de pesquisa em programas de Pós-Graduação, que se dedicam aos estudos dessa área.

Percebo que as ideias que se iluminam e se apagam no movimento do meu pensar e que estão sob o meu olhar indagador clamam por clareza. Ou seja, sinto que é preciso esclarecer o entendimento que para mim se faz disso que busco.

⁷ BAIER; BICUDO, 2013, p. 4.

Meu desassossego inicial se avoluma, recrudescer e se coloca com maior força, dando origem à busca por compreender essas minhas inquietações. Intenciono compreender o que ocorre e como acontece a produção do conhecimento nessa área no âmbito da comunidade e no âmbito de grupos de pesquisa, bem como refletir sobre o significado desse movimento de produção do conhecimento, tanto no bojo da própria Educação Matemática, como no da produção do conhecimento humano. Dou-me conta, então, que meu olhar perquiridor olha da perspectiva da Filosofia da Educação Matemática. Com isso, outro esclarecimento se impõe: como compreender Filosofia e Filosofia da Educação Matemática.

Para compreender Filosofia, atento para o dito por Bornheim ao se referir aos *caminhos que levam à consciência mundana a assumir o labor filosófico*⁸. Em seu texto, suas explanações sobre o pensar filosófico, percorre o caminho em que se vai de uma atitude ingênua à filosófica. Expõe o sujeito partindo de uma atitude em que deixa de agir movido pela admiração e pela aceitação do posto e passando a adotar uma postura investigativa. Esse percurso é movido pela negatividade que se mostra mediante estranhamentos, questionamentos e insatisfações se abrindo à *consciência filosófica, desde a sua etapa ingênua e pré-filosófica até o despertar para o problema do sentido da realidade*⁹.

Compreendo que Bornheim apresenta um movimento que envolve essa postura investigativa e, para expô-la, destaca as características da admiração ingênua acompanhada de um comportamento dogmático, que resulta em uma dicotomia desse primeiro momento ao passar pela experiência negativa – caracterizada pela dúvida e pela crítica – e esse movimento culmina no que denomina *conversão filosófica*, ou seja, no filosofar.

No sentido da existência de um movimento que envolve uma postura investigativa, Bornheim¹⁰ expõe que a admiração constitui-se como uma postura positiva do homem, dando um sentido à sua realidade, sendo motivadora do estabelecimento de uma atitude filosófica. Todavia, afirma que, na admiração, existem problemas, uma vez que, quando se instala, assume características de um pensar ingênuo. Segundo o autor, quando o homem está admirado por algo, apresenta um gesto ingênuo, resultando em um comportamento dogmático, o qual não lhe abre a possibilidade do filosofar. Destaca que *o homem só abandona a postura dogmática a partir do momento em que julgar, por razões suficientemente radicais, que a realidade, basicamente, deixou vacilar ou perdeu o seu*

⁸ BORNHEIM, 1973, p. 4.

⁹ BORNHEIM, 1973, p. 4.

¹⁰ Cf. BORNHEIM, 1973.

*sentido*¹¹. Para transcender à postura dogmática, é preciso, ainda seguindo o pensamento de Bornheim, que o sujeito vivencie uma experiência de ruptura a qual pode ser vivenciada em diferentes nuances, mas é, especialmente, destacada na crítica e na negatividade do que ele - o sujeito - acreditava de modo ingênuo.

Bornheim afirma que:

[...] através da experiência negativa se verifica uma perda do mundo, esta mesma experiência possibilita a abertura do horizonte para uma reconquista do mundo. Tal reconquista, por sua vez, só é possível na medida em que se ultrapassar a experiência da negatividade, vencendo o egocentrismo que constitui a sua alma. Pois o característico da experiência da negatividade é tornar o homem prisioneiro de seu próprio inferno, limitando-o à sua particularidade. E o único caminho para vencer essa prisão radica num ato de conversão espiritual, numa autêntica metanóia – mudança essencial de pensamento – no sentido de estabelecer-se uma abertura para a realidade, superadora de toda experiência negativa, descentralizadora do egocentrismo¹².

O autor destaca a existência de uma conversão filosófica, onde declara que ambas, tanto a admiração quanto à experiência negativa carregam características de cunho filosófico. Porém, segundo Bornheim, elas também possuem limitações, podendo ser suprimidas somente a partir de reflexões. Sendo assim, a negatividade age como um refinamento crítico, onde, posteriormente, a admiração pode vir a ter uma posição filosófica. Nesse entendimento, somente depois desses movimentos se constitui a conversão filosófica

[...] podemos, assim, afirmar que o espírito crítico traz em seus lábios tanto o fel da negatividade quanto o sabor do desvelamento do real. Se, de um ponto de vista genético, mergulha na experiência negativa, o que lhe dá dimensão filosófica, porém, é o permanecer disponível ao mistério do real. Neste sentido, pode-se compreender a passagem da indiferença ontológica para a problemática da diferença ontológica, isto é, todo o comportamento que faz o homem transcender a sua dogmática relativa ao fundamental¹³.

Desse modo, o movimento dialético mencionado por Bornheim encaminha a pessoa para o filosofar. Este é caracterizado por um movimento existencial, em que a pessoa caminha com suas vivências e suas inquietações, questionando, refletindo e filosofando. Segundo Bornheim,

[...] a Filosofia é uma ocupação do homem, que encontra nele o seu ponto de partida como também o seu ponto de chegada. Contudo, o homem não pode ser compreendido como uma realidade reduzida ou fechada sobre os seus próprios limites [...] consentindo ao ser, realiza-se o homem como liberdade e como inteligência. O ser é, pois, a medida do homem e do filosofar¹⁴.

¹¹ BORNHEIM, 1973, p. 39.

¹² BORNHEIM, 1973, p. 79.

¹³ BORNHEIM, 1973, p. 94.

¹⁴ BORNHEIM, 1973, p. 13.

Realizando um movimento de voltar sobre o meu modo de me posicionar em relação à *produção do conhecimento em Educação Matemática*, perguntei-me o modo pelo qual estava se dando o meu caminhar em direção ao pensar filosófico no que concerne a esse tema. Dei-me conta de estar vivenciando a experiência da negatividade, uma vez que já não estava aceitando, de modo inquestionável, que essa produção se dá em grupo. Reorganizando minhas perplexidades e perguntas que vinha levantando, entendi que sob elas há uma interrogação que as abarca e que, conforme entendo, me orienta na busca de compreensão. Assim expressei essa interrogação: *como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática?*

O foco desta pesquisa fica mais nítido e assim se mostra: *como, na comunidade de pesquisadores/educadores matemáticos, o conhecimento é produzido*, e, mais do que isso, ao ser produzido em grupos de pesquisa, quando seus membros estão uns junto aos outros, como o produto desse trabalho resulta como publicação do produzido em nome de autores específicos.

Percebo que, ao aprofundar o estudo e indo em direção aos indícios que apontam para o processo de produção do conhecimento humano, a investigação que aqui se anuncia solicita que seja ampliado o campo de investigação e que sejam abordadas questões de cunho Filosófico-Antropológico.

Entretanto, tenho clareza de que estou focando grupos de pesquisa que investigam e produzem em Educação Matemática. A literatura específica sobre esse tema é a veiculada entre a comunidade de educadores matemáticos e será estudada. Em termos de questões sobre a pessoa, a comunidade e a sociedade a literatura é abrangente e é sobre ela que nos debruçaremos, ainda que assumindo perspectivas que serão explicitadas no decorrer do trabalho. Sobre vivências em situações de produzir conhecimento em grupos de pesquisa serão ouvidos, em entrevistas, investigadores brasileiros ou de outras nacionalidades, mas que atuam no Brasil.

Compreendo que com a exposição do entendimento do pensar sobre esse assunto, apresentada por pesquisadores significativos que atuam nessa área, pela compreensão da literatura sobre esse assunto, também produzida por investigadores em Educação Matemática, e com a exposição do entendimento dos estudos em Antropologia-Filosófica, a compreensão do interrogado avançará e poderá iluminar as dúvidas, as indagações e as perplexidades apontadas.

Essas inquietações, como apontadas anteriormente, convergiram na interrogação assim posta: *como se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisas em Educação Matemática?*

Estrutura da tese

Visando situar o leitor, descrevo, de modo sucinto, o que será aprofundado nos capítulos que compõem este texto.

No Capítulo I, *Produzindo conhecimento em Grupos de Pesquisa*, são expostas compreensões de textos de autores que tratam dos temas relacionados à produção de conhecimento em um coletivo ou na comunidade. Neste capítulo, também exponho minhas vivências como pós-graduando, trazendo discussões e estudos realizados no âmbito da academia em relação aos temas que convergem para os pontos debatidos. Nesse viés, são apresentadas possibilidades de trabalhos coletivos, realizados presencialmente e a distância. Também é apresentado um estudo voltado para a Antropologia Filosófica, com o foco na estrutura da pessoa humana segundo uma perspectiva fenomenológica, perpassando pela vida coletiva: massa, comunidade e sociedade.

No capítulo II, *Assumindo uma postura fenomenológica em pesquisa qualitativa*, são apresentados os significados da pesquisa qualitativa, segundo uma abordagem fenomenológica, expondo a interrogação balizadora do movimento investigativo e seu sentido para a pesquisa. Também são descritos, nesse capítulo, como ocorreram a constituição dos sujeitos significativos e a produção dos dados da pesquisa.

No capítulo III, *O movimento de análise das entrevistas*, anuncia-se o tratamento dos dados de pesquisa produzidos junto aos sujeitos significativos. O movimento de análise das entrevistas e as reduções fenomenológica, igualmente, expostos a partir dos quadros ideográficos e dos quadros nomotéticos.

No capítulo IV, *Interpretando as Ideias nucleares*, expõe-se o movimento de compreensões sobre a produção de conhecimento em Educação Matemática e apresentamos as articulações do diálogo entre estudos da antropologia filosófica, trabalhos de autores significativos sobre a temática investigada e depoimentos dos entrevistados, orientado pela interrogação que norteou a presente pesquisa. Esse movimento de articulação é apresentado em quatro textos: o primeiro diz do trabalho em grupo; o segundo do movimento de ser do grupo de pesquisa: constituição, permanência e modificação; o terceiro da geração de temáticas; e o quarto da produção e autoria das investigações, que dizem dos modos de produção do conhecimento em Educação Matemática.

No capítulo V, intitulado *Síntese Compreensiva*, expõe-se o movimento de investigação realizado pelo pesquisador, que possibilitou compreender o fenômeno de pesquisa. Articula-se uma síntese compreensiva que abrange as compreensões sobre o fenômeno interrogado, evidenciando as características que se destacaram a respeito da produção do conhecimento em Educação Matemática em grupos de pesquisa.

CAPÍTULO I

PRODUZINDO CONHECIMENTO EM GRUPOS DE PESQUISA

No título deste capítulo, destacam-se dois sub-temas importantes: a questão da produção do conhecimento em um coletivo ou na comunidade e a de grupos de pesquisa em Educação Matemática. Optamos¹⁵ por focar ambos de modo tematizado. Isto é, tomaremos cada um deles e, mediante estudos investigativos realizados em títulos bibliográficos que consideramos apropriados a esta investigação, adentraremos pelas ideias que estão presentes nos textos dos autores estudados, intencionando clarear seus significados e o sentido que para nós fazem.

É importante compreender o sentido de produção de que falamos ao nos referirmos à produção do conhecimento. A produção, do ponto de vista técnico, consiste em transformar um objeto, ou seja, existe uma série de operações que modificam certas características de um determinado objeto. Entretanto, economicamente, o sentido de produzir está relacionado à utilidade deste objeto produzido. Sendo assim, do ponto de vista econômico, uma ação de produção diz respeito a toda aquela que torne um objeto útil ou que faça aumentar a sua utilidade em um determinado contexto social ou ainda é caracterizado como a criação de bens e serviços para suprimir as necessidades do ser humano. No bojo dessa concepção está a própria produção econômica, uma vez que a produção também pode ser manifesta em valores - o útil, tomado na acepção de bom -, ou em termos monetários, porque a moeda constitui um padrão comum de valores.

Nesta pesquisa, a produção do conhecimento está sendo tratada como o processo pelo qual o conhecimento é constituído e, ao ser expresso e compartilhado pelos sujeitos e cossujeitos que convivem em uma comunidade, torna-se um bem comum, à disposição de práticas vivenciadas no cotidiano de todos em conjunto e de cada um, individualmente. Com isso queremos deixar claro que, embora o conhecimento possa sim se tornar um bem de consumo e ter um valor econômico, nosso foco incide sobre o modo pelo qual ele vai sendo gerado ao se estar com o outro em grupos de pesquisa.

¹⁵ A partir deste item, não escreverei mais na primeira pessoa do singular, mas na primeira do plural, pois já apresento um trabalho efetuado junto a minha orientadora e colegas do grupo de pesquisa, com quem dialogo trazendo dúvidas, possíveis encaminhamentos para que, em conjunto, os esclareçamos.

Voltando aos temas de destaque no título do capítulo, o primeiro, a produção do conhecimento, será trabalhado da perspectiva de autores que se dedicam à Filosofia Antropológica. Entendemos que nesse campo as questões sobre a formação ou a constituição da pessoa, da comunidade e da sociedade são estudadas de modo aprofundado, possibilitando que se compreendam de maneira ampla as exposições trazidas pelos autores de Educação Matemática sobre pesquisas efetuadas em grupo, em um coletivo, formado pelos membros do grupo de pesquisa, em princípio.

A investigação que apresentamos a respeito dos assuntos acima apontados e que denominamos como sendo de fundo filosófico-antropológico, foram realizados na perspectiva de autores fenomenólogos. Sabemos e assumimos que a pergunta que não se cala é: *por que fenomenologia?* Nossa preocupação se coloca para nós como compreender o modo pelo qual a produção do conhecimento se dá para a pessoa, olhada em sua individualidade, e para a comunidade. Percebemos que não nos aquietávamos com explicações que assumiam as características da objetividade - da sociedade, por exemplo - e da subjetividade - do indivíduo, por exemplo - como já postas em estudos que tratam da construção do conhecimento. Percebíamos que era preciso compreender a própria constituição da pessoa que, sem perder sua singularidade ao estar em uma associação junto a outras pessoas, produz conhecimento. À medida que fomos entrando em contato com trabalhos de autores fenomenólogos, encontramos em seus escritos explicitações disso que buscávamos e que, para nós, foram fazendo sentido. É dessas explicitações e desse sentido que nos ocuparemos a seguir, com o intuito de expor o que compreendemos a respeito da produção do conhecimento.

1.1 A produção de conhecimento em um coletivo ou na comunidade

Nesta pesquisa, entendemos que para focar nossa investigação sobre a produção do conhecimento em grupos de pesquisa, é preciso iniciar focando o modo de viver cotidianamente das pessoas, quando de imediato se percebe um jogo entre a individualidade e o coletivo, ou seja, como se costuma ingenuamente falar, da oposição entre pessoa e sociedade. Isso porque compreendemos que na constituição do conhecimento os entrelaçamentos da sensação, percepção, cognição e atos julgadores se impõem junto aos modos de o indivíduo *estar - com os outros*¹⁶, constituindo e produzindo conhecimento.

Esse modo de ver o mundo nos leva à busca pela compreensão de como a produção do conhecimento se constitui no contexto cotidiano vivenciado pelas pessoas junto a seus pares,

¹⁶ Quaisquer que sejam.

de modo que, ao explicitar nosso entendimento do percebido nesse contexto focado, realizamos uma descrição a respeito dos aspectos e características entendidos como nucleares.

Entendemos que com esse movimento estamos percorrendo o que Edmund Husserl apresenta como sendo um caminho investigativo, movido pela compreensão de que é pela *descrição* dos modos pelos quais a *coisa*¹⁷ aparece para o sujeito que se pode falar do *fenômeno*¹⁸. A descrição proposta pelo procedimento investigativo husserliano trata da suspensão dos juízos sobre aceitação passiva do mundo circundante para, com isso, colher as estruturas do fenômeno. A suspensão dos nossos juízos de valores em relação ao fenômeno também é denominada por Husserl de *epochè*. Este movimento coloca em suspensão nosso conhecimento cotidiano e também informações científicas presentes em nossa cultura, de modo que não os tomemos como pressupostos da investigação, mas que os olhemos como fundo em que o fenômeno é destacado. A intenção é focar o fenômeno e buscar compreender também o seu entorno. Nesse sentido, a investigação fenomenológica realiza o movimento de ir em direção à estrutura disso que é indagado, e o de ir em direção ao seu entorno.

Assim, a descrição de cunho fenomenológico busca examinar criteriosamente os modos pelos quais o fenômeno se manifesta, em diferentes perspectivas, almejando compreender suas características nucleares ou estruturais ou essenciais. Para realizar o movimento descritivo é necessário voltar-se para *a-coisa-mesma* intencionalmente

¹⁷ O próprio entendimento de *coisa* solicita explicitação em termos de como é compreendida no âmbito da fenomenologia. *Coisa* não é tida como um *em-si* que ali está em sua pureza objetiva, porém, fenomenologicamente, também é constituída pela ação da percepção. A percepção é um ato que ocorre no agora e que sempre nos dá a coisa em perfis, isto é, a visada intencional que põe o fenômeno a mostrar-se se dá de uma perspectiva assumida do ponto zero que é o do corpo vivente. Essa é a essência da percepção. Sendo assim, *pertence à essência da coisa ser perceptível apenas por uma percepção que opere através de perfis. Desde então, a coisa percebida não é um em-si, ao ser dado através de perspectivas não subjaz nenhum ser sem perspectivas, a coisa é apenas a identidade vazia de uma multiplicidade de manifestações, um ser que para o qual um além é um pensamento absurdo.* (MOURA, 1989, p. 177). O vazio é preenchido por atos intencionais que mediante de reuniões articuladas nesses mesmos atos vão preenchendo a multiplicidade de uma unidade.

¹⁸ A pesquisa fenomenológica tem como foco o estudo do fenômeno. É importante que se exponha o modo pelo qual se entende o significado de fenômeno nesta pesquisa, pois esse termo é empregado e trabalhado em diferentes campos do conhecimento, que, por sua vez, assumem diferentes concepções de realidade, de conhecimento, bem como de procedimentos metodológicos. A nomenclatura *fenomenologia* é formada pela união de duas palavras, a saber, *fenômeno*, que significa aquilo que se mostra mais *logia*, uma derivação de logos que, da tradução do grego, apresenta um de seus significados como sendo pensamento. O fenômeno se mostra para quem o olha, para um sujeito vivo e encarnado, intencionalmente dirigido para o que solicita sua ação. Entretanto, o fenômeno não se mostra em si; assim *o fenômeno é o que se mostra em um ato de intuição ou de percepção*, ou seja, não se trata de um objeto dado que possa ser manipulado por um sujeito observador. Não é questão de assumir-se sujeito e objeto *como geneticamente separados no desenrolar do processo de conhecer* e, sim, assumir que o fenômeno se mostra para aquele que o olha e ao olhar o foca de modo atento, percebendo as diferentes modalidades disso que se mostra *delineado como fenômeno*, considerando todo o *entorno em que o fenômeno faz sentido*.

interrogada no mundo-vida¹⁹, descrevendo-a no modo pela qual ela aparece no aí onde as experiências acontecem. O *ir-à-coisa-mesma* é o moto propulsor da teoria de Husserl, em que o termo *coisa* já se torna fenômeno ao ser intencionalmente focado, buscando o sentido que para nós faz.

Nessa perspectiva, assumimos o conceito de fenomenologia proposto por Husserl, como uma incessante busca de dar-mo-nos conta daquilo que se mostra – fenômeno - em um olhar intencional, compreendendo o sentido que para nós faz. Segundo Bicudo²⁰, fenômeno é o que se *mostra na intuição ou percepção*, e logos é o movimento *articulador dos atos da consciência*, formando a palavra fenomenologia.

Neste trabalho o fenômeno é a produção do conhecimento em grupos de pesquisa da área de Educação Matemática. Côncios da complexidade do tema, trabalharemos com a literatura que dele trata, tanto do ponto de vista filosófico, como daquela produzida pelos pesquisadores da área, bem como trabalharemos com descrições sobre os modos pelos quais membros desses grupos se apresentam ao estarem uns com os outros produzindo conhecimento.

A investigação que apresentamos a respeito dos assuntos que abrangem a constituição da produção do conhecimento em grupos de pesquisa, como já afirmado alhures, é por nós compreendida e denominada como sendo de fundo filosófico-antropológico porque estamos interrogando o modo pelo qual o próprio grupo de pessoas é constituído e se mantém atuante. De modo consonante com o já exposto, é realizada na perspectiva de autores fenomenólogos. A seguir, traremos compreensões sobre Antropologia Fenomenológica.

1.1.1 Antropologia Filosófica

Ao adentrar pelo caminho investigativo no entorno da pessoa e das suas diferentes formas de associação no *estar-com-o-outro* no mundo, compreendemos aclarar o segundo destaque do título deste capítulo que abrange os grupos de pesquisa em Educação Matemática. Percebemos que para realizar a explicitação da produção do conhecimento que, conforme compreendemos, se constitui nos modos de proceder e de entrelaçar momentos da

¹⁹ *Mundo-vida*, traduzido da palavra alemã *lebenswelt*, ou mundo da vida, como a maioria dos autores de língua latina traduzem o termo, é entendido como a espacialidade (modos de ser no espaço) e a temporalidade (modos de ser no tempo) em que vivemos com os outros seres humanos e os demais seres vivos e a natureza, bem como com todas as explicações científicas, religiosas e de outras áreas de atividades e conhecimento humano. Mundo não é um recipiente, uma coisa, mas um espaço que se estende à medida que as ações efetuadas e cujo horizonte de compreensão se expande à medida que o sentido vai se fazendo para cada um de nós e a comunidade em que estamos inseridos. (BICUDO, 2010, p. 23, n.1).

²⁰ Cf. BICUDO, 2011.

vida envolvendo a pessoa em diferentes comunidades, necessitamos ir em direção ao aprofundamento de explicitações antropológicas sobre o fenômeno *pessoa*. Com esse estudo, fazendo um movimento de maior aprofundamento ainda, enfatizamos a importância de dois aspectos importantes da vida cotidiana da pessoa: a *individualidade* e o *coletivo*, isto é, a singularidade da pessoa expressa também na dimensão de sua subjetividade e a intersubjetividade que está nas raízes do coletivo.

Ao assumirmos uma postura fenomenológica, já exposta anteriormente, percorremos o caminho em busca do sentido do fenômeno estudado e também do entendimento de nós mesmos, abrindo, desse modo, possibilidades de compreender o próprio ser humano. Nas obras de Stein²¹ nos deparamos com um aprofundamento na compreensão da pessoa humana, em que se esclarece e explicita compreensões, oriundo de um trabalho realizado por ela ao se debruçar sobre os estudos de seu mestre, Husserl.

Conforme essa autora, o ser humano é capaz de conhecer a si mesmo e também as coisas que estão em seu externo, no mundo. Desse modo, as *coisas*, objetos inanimados e seres vivos, como os animais, excetuados os seres humanos, não são capazes de conhecer a si mesmos. Ao diferenciar-se dos animais e das coisas, os seres humanos podem realizar uma análise profunda e entender a si mesmo e também as outras *coisas*. Ao se posicionar de modo investigativo sobre si mesmo, o ser humano se apresenta como fenômeno a ser investigado, podendo dizer: eu sou um ser humano e sou o fenômeno de minha investigação; ele consegue olhar para o seu interior, percorrendo um caminho investigativo.

Entretanto, se nos indagarmos: por onde se deve começar esse caminho investigativo de si mesmo, o pensamento husserliano explicita que devemos nos atentar para as nossas próprias vivências, isto é, *devemos iniciar nossa reflexão pelas vivências das quais estamos cônescios*²². Aclarando essa questão, podemos exemplificar fazendo um relato de nossas histórias individuais, começando desde as primeiras lembranças, ainda como uma criança e, sucessivamente, passando pela adolescência e chegando à fase adulta. Procedendo desse modo, exporíamos uma série de experiências vivenciadas que nos ajudariam a entender a nós mesmos.

Uma vez expostas essas vivências, podemos nos indagar sobre suas estruturas e, também, se essa experiência individual é exclusiva de um único indivíduo; ou, ainda, quando estamos com outros, perguntar como devemos nos comportar diante de experiências similares. Segundo a filosofia husserliana, devemos procurar esses pontos comuns nas experiências

²¹ Cf. STEIN, 1996; 1999; 2000; 2001.

²² ALES BELLO, 2015, p. 27.

similares entre o eu e o outro, pois se não tivéssemos essas experiências, nós não teríamos possibilidades de compreender o outro, ou seja, quando um sujeito relata sua história de vida, se o outro não puder vivenciar experiências similares às dele não haveria possibilidade de um entender ao outro. Não haveria possibilidade de comunicarem-se.

Esse é um aspecto muito importante presente na concepção fenomenológica husserliana, pois diz de os indivíduos viverem uns com os outros em comunidade. Destaca-se, desse modo, que o ser humano não é um ser isolado no mundo, mas que vive com os outros.

É no bojo dessas questões e elucidações que a pessoa se destaca como um fenômeno a ser focado, uma vez que sua formação se dá nesse seu estar com o outro, agindo no coletivo e junto às demais pessoas sem que sua singularidade se dissipe. Para explicitar o jogo pessoa e comunidade - subjetividade e coletividade -, seguiremos o caminho percorrido por Stein, iniciando pelo seu estudo a respeito da estrutura da pessoa.

É importante explicitar nosso entendimento de que no modo de proceder fenomenológico inicia-se o estudo da comunidade pelo estudo da pessoa, não por afirmar que a pessoa seja mais importante ou tenha primazia sobre a comunidade, mas porque é pela descrição de suas vivências que sua estrutura se mostra, bem como a da constituição da comunidade.

1.1.2 A estrutura da pessoa segundo uma perspectiva fenomenológica

Stein expõe sua compreensão sobre as características dos seres humanos e salienta primeiramente que a pessoa é compreendida como um eu consciente e livre, pois estes atos livres são responsáveis por determinar sua própria vida²³. Desse modo, considera a pessoa humana como uma realidade única, isto é, *unidade de corpo vivente e alma*²⁴. Evidencia, ainda, que por se caracterizar como pessoa, o ser humano se distingue de todos os outros seres vivos, uma vez que *ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual*²⁵.

²³ Cf. STEIN, 1999.

²⁴ Ales Belo salienta que *podemos dizer que a organização da alma entelequial é quádrupla: corpórea, corpórea-psíquica, afetiva e espiritual. No que se refere ao ser humano, trata-se de cinco princípios fundamentais agrupados de tal forma que a parte que se chama alma (Seelegrund) por sua vez é diferenciada em dois âmbitos sucessivos, o afetivo e o espiritual, e no que se refere ao corpo, descobre-se junto com a corporeidade (Leib) uma alma corpórea (Leibseele) que podemos definir psíquica. A alma entelequial, enquanto princípio fundamental, dito também entelêquia essencial, é como o artífice de todo o organismo vivo, uma espécie de logos ou projeto da espécie. Ele constrói para si o seu corpo e se encarna nele* (ALES BELLO, 2000, p. 133-134).

²⁵ STEIN, 2013, p. 67.

Segundo Stein, o material de partida para uma investigação acerca do ser humano é apontado por tudo aquilo que temos diante de nossos olhos em nossas vivências²⁶. Se observarmos a nossa vida cotidiana, ao nos encontramos com outros seres humanos, somos atraídos primeiramente por suas exterioridades: os aspectos físicos, como o modo de falar, de andar, de olhar etc. que nos fazem similares a esses outros indivíduos, porém, salienta que o ser humano não é somente um corpo próprio material, mas também se define como um corpo vivente; continua enfatizando, de modo profundo e particular, que esse ser humano não é apenas vivente, mas também um ser consciente, uma vez que entre os seres vivos, nós, seres humanos, possuímos as faculdades de querer, de pensar e de avaliar. Afirma que possuímos a faculdade espiritual²⁷, que se manifesta em sua individualidade na posição social, como ser comunitário, histórico e cultural²⁸. Este ser comunitário, em tudo que vivencia em sua vida, realiza uma experiência de si mesmo e quando apresenta uma abertura para experimentar o que se encontra em seu externo e também em seu interno, acaba por conhecer a si mesmo como um eu *corpo-vivo-espiritual* que pode conter em si um mundo²⁹. É pelas vivências da consciência que podemos conhecer a estrutura do indivíduo.

Entendemos que essa estrutura apresentada e aprofundada pela autora em suas obras é fundamental para a realização da presente pesquisa, uma vez que buscamos compreender o modo pelo qual se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisa e, então, os relatos das vivências dos pesquisadores, membros de grupos de pesquisas, tanto em suas ações individuais como também nas pertencentes à comunidade em que estão inseridos, se constituem nos dados de nossa análise. Explicitações sobre o modo pelo qual a pessoa é constituída juntamente com a constituição da comunidade e da sociedade contribuem para a compreensão do tema aqui investigado.

1.1.3 A estrutura da pessoa: o corpo, a psique e o espírito

²⁶ Cf. STEIN, 2000.

²⁷ Ales Bello (2015), salienta que nós, seres humanos, não temos apenas os atos psíquicos, mas também, os atos espirituais, isto é, que nosso corpo tem sensações de coisas que não somos nós, por exemplo, quando sento em uma cadeira e esta me faz mal, digo: não estou me sentindo bem sentado nessa cadeira, e ao expressar o desejo de trocar de assento, estamos validando a situação, de tal modo que não é um ato corpóreo e nem mesmo um ato psíquico, ou seja, estou fazendo uma reflexão, e isso se trata de outra vivência. Esta reflexão me diz das possibilidades do que fazer na situação de não me sentir bem ao sentar em uma cadeira, o fato de tomar uma decisão é outra vivência, vou decidir se permaneço sentado nessa cadeira ou se mudo de lugar. Esse ato não se caracteriza como corpóreo ou psíquico e sim, como ato espiritual; este ato, é exclusivo dos seres humanos, se observamos um cão, por exemplo, se sente frio ou calor, este animal não tem capacidade de validar sua situação, as pessoas ao contrário possuem a capacidade de validarem as situações. Os atos espirituais expressam a capacidade humana de escolha e de validação, e esta dimensão do espírito é a dimensão dos atos vividos.

²⁸ Cf. STEIN, 2000.

²⁹ Cf. STEIN, 2001.

O caminho de investigação fenomenológico husserliano apresenta uma possibilidade de aprofundamento na busca pelo sentido do que é o ser humano; enfatiza que essa compreensão só pode ser realizada pelas vivências dos sujeitos. Essas experiências não são imaginadas ou postas em compreensões abstratas e intelectualizadas que delas falam, mas são carnisais, pois o sujeito as está vivenciando em seu corpo vivente.

Desse modo, compreendemos que o ser humano pode ser conhecido em sua interioridade pelas suas vivências que também falam do seu entorno. Segundo Husserl³⁰, o ato de buscar pelo sentido das coisas apresenta uma preocupação, que se caracteriza como um identificador do método fenomenológico, a saber, a intenção do sujeito humano que busca compreender o sentido das coisas que acaba por entrelaçar-se à preocupação de como ele mesmo é constituído.

Acordando com esse procedimento da análise fenomenológica husserliana, iniciaremos um estudo do indivíduo humano, também denominado sujeito e pessoa.

A estrutura da pessoa humana expressada por Stein apresenta-se constituída por um entrelaçamento composto pelo *corpo*, *psique* e *espírito*, expressada pela palavra alemã *Geisten*. Ainda, sabemos que o corpo, a *psique*³¹ e o espírito se manifestam pelas vivências humanas, ou seja, não são separados delas, sendo, portanto, carnisais. A interpretação fenomenológica sobre o corpo vivente abrange o *espírito*, pois, como salientado nas obras husserlianas, todos os seres humanos vivenciam experiências e delas podem se dar conta. Esta concepção se mostra importante, pois não trata o ser humano como um ser redutivo, como uma estrutura composta apenas pelo corpo ou pelo par *corpo e psique*, mas salienta a existência do espírito e o distingue da psique. Husserl, assim como Stein, investiga o ser humano sobre todos os pontos de vista e destaca o que primeiro vê, a materialidade do corpo, que expressa com a palavra *Körper* e, avançando em análises, expõe que se dá conta que esse corpo não é apenas materialidade, porém expressa intenção e vontade de fazer algo em uma situação, mostrando-se como corpo vivente. Anuncia essa ideia com a palavra *Leib*. Assim, o corpo vivente expressa, de modo entrelaçado, pela sua linguagem, que também engloba sua

³⁰ Cf. HUSSERL, 2006.

³¹ A palavra *psique*, como exposto por Ales Bello (2015) é originária da língua grega que indica uma parte divina e imaterial do ser humano, sendo complexa e dizendo do aspecto espiritual por excelência; ainda, é uma palavra epistemologicamente derivada dos atos divinos, ou seja, a psique é compreendida, tradicionalmente, como sendo de um território que não faz parte do corpo, pois é imaterial, ou seja, não podemos tocar. A psique é também o território dos atos de reação e de impulso, sendo que esses atos nós não controlamos, eles vêm de forma espontânea. Por exemplo, quando dizemos a outra pessoa: *nesse momento tenho sede* essa outra pessoa que está conosco pode, no momento, não ter sede, mas isto não impede que entenda o que estou sentindo, pois sentir a necessidade de beber água é um sentimento comum entre as pessoas. Ela não consegue mensurar a sede que estou sentindo, mas tem a compreensão do que significa sentir sede.

ação, a vontade do agente e a manifestação da vida psíquica e espiritual. *Leib* traz a organização da alma entelequial, que é quádrupla. A alma revela-se como um *núcleo* organizador das dimensões corpórea - do *Körper* -, psíquicas, afetivas e espirituais. Segundo Stein, o termo *pessoa humana* é também considerado o cerne da reflexão e da obra fenomenológica, motivo pelo qual Husserl, de acordo com ela, sempre retoma esse tema, de modo constante e analítico durante toda sua vida³².

Esta estrutura do ser humano não é exclusividade dos estudos fenomenológicos. Existem teorias materialistas que afirmam existir apenas alma e corpo, e também se encontra em autores cristãos, como São Paulo e Santo Agostinho a afirmação de uma tripla repartição da estrutura do ser humano, constituído pelo corpo, alma e espírito, porém não a expõem através de uma análise das vivências³³.

Ao realizarmos a análise das vivências é preciso que fiquemos atentos à sua especificidade ao contrapormos objetos inanimados, animais e plantas em relação à pessoa humana. Conforme compreendemos estudando Husserl, só podemos efetuar uma análise das vivências para os seres que possuem a capacidade experiencial, ou seja, de dar-se conta de sua experiência vivenciada. Aclarando a comparação entre os seres humanos e os animais e os objetos inanimados, por exemplo, entendemos que os animais possuem uma vivência corpórea e psíquica, porém não têm a capacidade reflexiva que, segundo Husserl e Stein, é característica exclusiva do ser humano. A pedra não apresenta vivências por não ter corpo psíquico. Pode-se pensar em uma hierarquia, em que a pedra é limitada em relação ao ser humano por não possuir vivências, assim como os animais também o são por não possuírem a capacidade reflexiva.

Na análise das vivências podemos constatar a existência de um movimento de universalidade que abrange a estrutura que se mostra nas experiências vivenciadas pelo indivíduo, de particularidades que se mostram comuns, por compartilharmos com o outro e de individualidade, ao focarmos o vivenciado pela pessoa em sua singularidade.

³² Cf. PEZZELLA, 2003.

³³ Segundo Bicudo, *a vivência não é entendida como algo dado, pois somos nós que penetramos no interior dela e que a experienciamos de maneira imediata [...] a vivência, ou o experienciado, é percebida e refletida no fluxo dos atos da consciência*. Desse modo, entendemos que a experiência vivenciada não diz de uma realidade meramente subjetiva, pois é experiência do que está lá para nós em um campo onde mundo e experiência que dele temos são dados em um movimento de conexão e articulação e não isoladamente. A unidade de sentido se estende enlaçando tanto a recolha e a união do passado vivido, como a antecipação do futuro no contexto total de significado. *Passado e futuro estão presentes à experiência, constituindo um horizonte que acolhe a interpretação* (BICUDO, 2011, p. 33-34).

Essa singularidade das experiências vivenciadas pela pessoa é compreendida na visão husserliana e expressada por Stein³⁴ ao enfatizarem que quando uma pessoa afirma *eu vivo* ela está afirmando que realiza vivências, o que indica que toda pessoa viva, ao viver, realiza vivências. Essa é uma estrutura. Notemos que as nossas experiências de vida podem ser alteradas, nossos corpos podem ser alterados, até mesmo nossas atitudes podem ser alteradas, mas permanecemos sempre sendo a mesma pessoa, o *eu vivo* que vivencia experiências de modo singular. Esse núcleo, de acordo com Stein³⁵ é identitário de cada pessoa.

Mas a pessoa, como já exposto, vive com outras podendo constituir associações, havendo o eu e o outro em uma vida coletiva. É disso que o item seguinte trata, buscando evidenciar a constituição da comunidade, que se mostra na análise das vivências da pessoa enquanto ser também singular.

1.1.4 O eu e o outro em uma vida coletiva: massa, comunidade e sociedade

Conforme Ales Bello enfatiza, *cada eu individual vive como pessoa e como comunidade [...] nós não somos absorvidos pela comunidade, pois permanecemos sempre como eu pessoal*³⁶, isto é, vivemos de modo individual aquilo que é partilhado na vida comunitária como, por exemplo, com intensidades específicas de emoção, com modos afetivos de nos aproximarmos dos outros, como práticos ao enfrentarmos nossas lidas cotidianas etc.

Dadas as singularidades das pessoas, podemos indagar: como elas se organizam? Quais as possibilidades de associações? Como vivem ou trabalham umas com as outras? Como apontado pela autora supracitada, o aspecto mais importante do viver junto com o outro é a *comunidade*.

Para compreender sua constituição, iniciamos pelo movimento em que o outro nos é dado como *eu* e, também, pelo movimento da constituição do eu da pessoa, avançando para a constituição da intersubjetividade.

O conhecimento do outro se dá na vivência da entropatia que é uma experiência imediata em que o outro é percebido pelo eu.

De início a percepção do outro é empírica, mas para compreendê-la é preciso efetuar uma *epochè* da atitude natural e também uma redução a tudo que cria obstáculo, abrindo caminho para que nós, enquanto seres humanos possamos nos dar conta de nossas vivências,

³⁴ Cf. STEIN, 2000.

³⁵ Cf. STEIN, 1999.

³⁶ ALES BELLO, 2015, p. 88.

no âmbito de nossa própria interioridade. É um movimento de escavar nossos sentimentos, emoções, para compreender a origem da emoção, da tomada de decisão, da reflexão, da intuição. Nesse movimento buscamos regredir às operações construtivas que estão na base dos procedimentos do pensamento e de expressões culturais.

Fenomenologicamente não se fica refém da absolutização do eu, pois a própria redução permite-nos afirmar que nos encontramos circundados dos outros semelhantes a nós, que nos compreendem e que compreendemos. De modo que as vivências próprias ao eu permanecem como seu resíduo, constituindo, paulatinamente, um primado egológico que também, de modo súbito, se dá conta do outro, emergindo o nós, constituindo, junto com as expressões da compreensão, a intersubjetividade.

A consciência do eu individual e o ato da reflexão fazem vir à tona a presença das vivências, ou seja, dos atos que são vivenciados por todos os eus, dentre os quais Husserl cita como os mais importantes: a percepção, a lembrança e a entropatia.

A percepção é a ação mais significativa por nos colocar em contato imediato, isto é, sem conceitos intermediários, com o mundo, com as coisas e com os outros vistos em sua corporeidade. Damo-nos conta, pela percepção, dos corpos – Leib – dos outros como semelhantes ao nosso corpo-vivo.

A constatação da semelhança do corpo do outro e do meu próprio é proveniente de um ato diferente da percepção, entendido por Husserl como entropatia. Esta solicita uma percepção, mas não se limita a ela. Do mesmo modo enlaça a recordação da lembrança da vivência já ocorrida. De modo que a lembrança/recordação tem em comum com a entropatia o trazer a presença, tornar presente, ou seja, a presentificação.

Quando percebemos o outro como semelhante a nós, intuímos, apreendemos, portanto entropatizamos com o que o outro está vivendo. Damo-nos conta de que outro está vivenciando uma emoção, por exemplo, mas essa emoção é sentida no seu corpo-vivente, mas não o é sentida do mesmo modo em nosso corpo-vivente. Para nós é originário apenas o ato entropático. Percebemos o outro vivenciando uma situação de felicidade e sentindo-se feliz, entropatizamos com ele, sentindo-nos também felizes com sua felicidade, mas não sentimos a sua felicidade.

A ação entropática é a origem da possibilidade de comunicação que junto com a linguagem constituem o núcleo da intersubjetividade. *A intersubjetividade não é uma soma de subjetividades que forma uma comunidade. É constituída por atos de empatia e na dimensão*

*da comunicação efetuada no corpo-encarnado e explicitada de maneira mais organizada, refletindo o logos e a estrutura linguística na linguagem*³⁷.

A análise fenomenológica da entropatia evidencia que em uma primeira instância percebe-se a corporeidade própria e a do outro. Vivenciar meu corpo abre-me a relação com o mundo exterior. Mas, essa análise evidencia, também, que distingo diferentes qualidades do corpo percebido: animado, inanimado. A entropatia efetua o ato dessa distinção e traz a possibilidade de compreender o outro como corpo animado, vivente, que apresenta vida psíquica por tomar posição espontânea, por se emocionar. Dessa maneira, os três momentos constitutivos do ser humano são cultivados na e pela entropatia que se abre às relações entropáticas. A entropatia está presente em seres dotados de atos psíquicos, e se dá na corporeidade inclusive de animais.

Dada a intersubjetividade, constituída pela entropatia e pela linguagem, a constituição da comunidade vai se expondo, evidenciando a abertura para se compreender a realização da singularidade humana sempre constituída junto aos outros, donde se compreende que a singularidade da pessoa e a vida por ela vivida, podendo se dar na solidão é uma abstração. A comunidade humana, com suas características muito diferenciáveis, se delinea como uma visão de mundo, anunciada por Husserl pela palavra *weltanschauungen*, expressando a criatividade humana. Essa visão não é passível de ser ignorada, mas reconduz a algumas estruturas fundamentais que permitem o diálogo e a comunicação. A comunidade é uma forma associativa determinante para estabelecer conexão intersubjetiva.

A organização da vida comunitária é uma complexidade que solicita a presença da individualidade e do coletivo, entendidos como dois aspectos do modo de vida da pessoa. Assim, um grupo não é constituído apenas pela união de diferentes pessoas. Visando transcender afirmações comuns e amplamente repetidas, tanto em trabalhos acadêmicos como pelas pessoas do mundo não acadêmico, em uma generalidade vazia de compreensões mais detalhadas e articuladas, vamos nos deter nos modos pelos quais se dão as formas de organização da pessoa humana com seus semelhantes em grupo ou comunidade. Para tanto, trazemos os trabalhos de Edith Stein, autora que se dedica a esse tema.

Stein destaca, ao descrever e analisar a vida cotidiana da pessoa, a *individualidade* e o *coletivo*. O ponto primeiro de ligação entre ambos é o ato da entropatia. De acordo com Ales Bello, pela entropatia

³⁷ BICUDO, 2010, p. 35.

[...] entramos no terreno de atos de consciência através da percepção, distinguindo os vários atos, os atos de qualidade diversa. Se apreendo imediatamente que pessoa é diferente de cadeira, então há um ato que me permite isso³⁸.

Nesse modo de ver e estar com o outro, damos conta da existência de outros indivíduos como semelhantes a nós, estando com estes no mundo-vida, reforçando a compreensão de que vivemos sempre com outras pessoas e não somos seres isolados no mundo. Desde nosso nascimento nos encontramos inseridos em um contexto social e assim se dá por toda nossa vida, sempre estando em ambientes interpessoais de diversas formas de organização. Cada uma dessas formas organizacionais nos remete a compreensões da posição de cada pessoa no contexto associativo, em que a dimensão interpessoal é tão importante que toda a nossa educação depende da interpessoalidade estabelecida uns com os outros ao estarem em contextos associativos específicos em que estamos inseridos. É no interior dessas organizações que podemos buscar compreender as possibilidades de ações a serem realizadas pelos seus membros, tomados em sua individualidade.

Cada pessoa constituinte de uma organização é composta pela estrutura *corpo, psique e espírito*, isto é, cada pessoa possui um corpo vivo encarnado que é *animado pela psique*³⁹, em que corpóreo-psíquico, junto com o espírito constituem uma totalidade. A dimensão psíquica nos direciona a efetuar atividades coletivas movidos por impulsos psíquicos. Estes são atos não controlados por nós, eles se dão em uma situação em que nos expressamos de modos diferentes ao sermos afetados por ocorrências a nós alheias. É o caso, por exemplo, de estarmos atentos a um concerto musical e haver uma pane elétrica que, concomitantemente, corta a claridade, deixando-nos na escuridão, e provoca um forte barulho. Há uma ruptura brusca no envolvimento com a sonoridade da música, e o ambiente em que se está se modifica bruscamente. Cada pessoa pode sentir e se comportar de modo diferente: com medo, com horror, com pânico, com tranquilidade.

Tomemos o exemplo de as pessoas se movimentarem movidas pelo pânico, querendo se retirar do recinto o mais rapidamente possível. As pessoas agem sem controle, podendo umas pisarem nas outras, caírem, serem feridas. Não há uma organização desse movimento. Elas comportam-se como uma *massa*. A característica da massa é de pessoas estarem *juntas sem uma forma especificamente própria*, movendo-se a esmo.

No exemplo supracitado, em que as pessoas movidas pelo pânico buscam a esmo sua saída do recinto, pode(m) existir entre elas, alguém ou algumas que buscam acalmar os demais e pensar em possibilidades de sair dali de maneira mais segura e rápida. Estas pessoas

³⁸ ALES BELLO, 2006, p.72.

³⁹ ALES BELLO, 2006, p. 71.

estariam apresentando *um controle que é de natureza espiritual*⁴⁰. Essa é uma liderança que nasce no interior dessa associação de pessoas que estavam reunidas para assistirem ao concerto. O interesse pela ação – sair de modo seguro e rápido do recinto – é de todas as pessoas que ali se encontram.

Há, entretanto, no modo de vida cotidiano, associação de pessoas que são organizadas por interesses de outra - ou de grupos - que esteja fora dessa associação. Assim, uma ideia que exprima uma posição ou modo de atender às necessidades do grupo é trazida de fora e estimulada a ser aceita. Esse é o caso de campanhas publicitárias, por exemplo, ou mesmo de posições político-partidárias, serem introjetadas no interior de associações de pessoas, reunindo-as em torno dessas propostas. Nesse caso, está se *formando* uma associação de pessoas *sem uma forma especificamente própria*⁴¹.

Os estudos de Stein revelam que o projeto proposto por alguém – ou por grupos – externo à associação de pessoas não é criado a partir de suas vivências psíquicas, mas é elaborado de modo intelectual. Pode, então, apresentar aspectos positivos ou negativos, pois quando algum indivíduo *se utiliza da massa para um fim moral, faz algo negativo, pois não respeita a liberdade do ser humano*⁴².

De acordo com o modo de pensar husserliano e aprofundado por Stein, a organização que respeita a liberdade da pessoa humana é a comunidade, caracterizada pelo modo de agir de seus membros ao assumirem responsabilidades recíprocas. Entendemos, assim, que, em uma comunidade, cada membro considera sua liberdade e também a do outro, e, ao assumir essa postura, se constitui um projeto comum que sustenta o coletivo. Esse projeto conjunto se caracteriza como bom e útil para o todo, isto é, para a comunidade, mas também para cada membro individualmente que constitui esse todo.

O vínculo pessoal presente em uma comunidade é também caracterizado como uma ligação moral, sustentada pela postura de responsabilidade, no bojo da qual está presente a *atitude de solidariedade*⁴³. Essa atitude requer a presença igualitária de seus membros, ainda que exista, entre estes, um que se destaque em relação aos outros, estando no *fluxo comunitário a ponto de promovê-lo*⁴⁴ como líder.

Entendemos que a comunidade é sustentada por todos os seus membros constituintes. Indo além, esta sustentação é denominada por Stein como sendo seu núcleo.

⁴⁰ ALES BELLO, 2006, p. 71.

⁴¹ ALES BELLO, 2006, p. 76.

⁴² ALES BELLO, 2006, p. 72.

⁴³ ALES BELLO, 2015, p. 98.

⁴⁴ ALES BELLO, 2015, p. 100.

O *núcleo* de uma comunidade da qual emerge sua característica e que garante a sua duração, é o sustentador da vida comunitária, e, portanto, do seu modo de ser pessoal específico, enquanto, na medida em que os seus membros se dedicam à comunidade⁴⁵.

De modo que quanto maior for a composição dos membros dessa comunidade, havendo cada vez mais membros agindo de maneira dedicada a ela, maior *será sua consistência e mais confiável será seu modo de se apresentar externamente*⁴⁶ a outros. Assim, segundo Ales Bello⁴⁷, quando expressamos que uma determinada comunidade nos transmite confiança, também estamos dizendo que sua constituição é sólida e que há um número suficiente de membros sustentadores, que se caracterizam como sendo seu núcleo. Não é suficiente que a comunidade possua um líder forte, que certamente contribui para que a comunidade tenha seus traços, porém, *se a alma que dá consistência ao todo for apenas esse guia a comunidade se fragmentará*⁴⁸. Essa autora enfatiza, também, que o núcleo da comunidade não está ligado a uma pessoa específica, como, por exemplo, o chefe ou o líder, mas sim em todos os seus membros sustentadores.

Outra possibilidade de agrupamento de pessoas é *a sociedade*, cujo objetivo é a realização de projetos específicos. É importante notar que uma associação caracterizada como uma sociedade pode se tornar uma comunidade, se seu núcleo sustentador, isto é, seus membros, estabelecerem vínculos psíquicos e espirituais.

As características da sociedade exposto por Ales Bello ressaltam que as formas comunitárias podem e devem contribuir para o desenvolvimento singular de cada membro. Sendo assim, para alcançar esse desenvolvimento no viver em comunidade, o indivíduo não desenvolve apenas seus interesses particulares e sim, deve viver com o outro, ou seja, conviver com outros indivíduos em uma comunidade.

Segundo Ales Bello, a comunidade de povo encontra-se na base da comunidade do Estado, e salienta que são *duas possibilidades interessantes, pois mostram que em grandes organizações sociais podem haver comunidade, vínculos espirituais entre seus membros, além de vínculos corporais, étnicos*⁴⁹. A autora também enfatiza que existe a possibilidade de o indivíduo pertencer a várias comunidades simultaneamente, mesmo que estas sejam distintas entre si e exemplifica citando o caso de Edith Stein, que mesmo pertencendo à comunidade judaica, depois de se converter ao cristianismo na forma do catolicismo,

⁴⁵ STEIN, 1996, p. 297.

⁴⁶ ALES BELLO, 2015, p. 100.

⁴⁷ Cf. ALES BELLO, 2015.

⁴⁸ ALES BELLO, 2015, p. 101.

⁴⁹ ALES BELLO, 2006, p. 77.

expressava que continuava fazendo parte da comunidade judia, contemporaneamente à comunidade cristã.

Existem grupos que apresentam um vínculo étnico-corporal menor que outros. Nessa perspectiva, Ales Bello salienta que *se o povo se fundamentasse somente no vínculo étnico, alguns povos não poderiam existir [...] pois, o povo possui um fundamento também espiritual, isto é, um reconhecimento e aceitação da alteridade, do diferente dentro do mesmo território*⁵⁰. Novamente tomemos o exemplo do povo judeu, que se constitui como povo, sem possuir um território comum para que seus membros vivam juntos. Ales Bello ressalta que o exemplo do povo judeu *mostra que o fundamental é sentir-se uma comunidade de povo caracterizada, sobretudo, por uma atitude espiritual*⁵¹.

Os povos, segundo essa autora, sempre se organizaram de maneira política, constituindo com isso, formas de organizações políticas denominadas de *Estado*. Este que *prevê uma impessoalidade das leis, o que quer dizer que elas valem para todos os membros, independente do grupo étnico ou da comunidade a que pertençam*⁵². Estas leis permitem que os membros tenham igualdade de direitos entre si. De modo que as leis fundadas em um Estado podem estar ligadas a um povo, mas também podem valer como uma organização para diferentes povos que vivem juntos, de modo que o *Estado vai além do povo, está acima dos vários povos e cumpre zelar por todos*⁵³. Entretanto, o Estado só se manterá quando a comunidade de povo que o constitui se mantenha unida e aceitando sua unidade política.

Desse modo, destaca-se a existência do conceito de comunidade em diferentes níveis, sendo que *o elemento que a caracteriza é sempre o da unidade espiritual, cultural e da vontade coletiva. Comunidade não é o mesmo que vários indivíduos que se colocam juntos*⁵⁴.

Retomando o exposto nos itens acima, entendemos ser a ideia de comunidade como apresentada por Stein importante para que se compreendam as diferentes modalidades de associações humanas. Como primado para a constituição da comunidade tem-se a entropatia que, junto com a linguagem, constitui a intersubjetividade. Ambas as ações – intropáticas e da expressão do compreendido pela linguagem – se amalgamam às características espirituais da pessoa que sustentam a possibilidade da liberdade e a intenção coletiva de realizar algo, que toma a forma de um projeto, constituindo a comunidade. Destacamos, assim, que no núcleo da ideia de comunidade se encontram a liberdade, a solidariedade e o respeito.

⁵⁰ ALES BELLO, 2006, p. 78.

⁵¹ ALES BELLO, 2006, p. 79.

⁵² ALES BELLO, 2006, p. 80.

⁵³ ALES BELLO, 2006, p. 80.

⁵⁴ ALES BELLO, 2006, p. 81.

1.2 Produção de conhecimento em grupos de pesquisa em Educação Matemática

Visando a uma abertura de perspectivas sobre os modos de produção do conhecimento em Educação Matemática, realizamos estudos de trabalhos de autores que trabalham nessa área e que tratam desse tema, buscando compreender como eles se expressam sobre as características dos modos de realizarem-se pesquisas efetuadas em um coletivo. Para tanto, fizemos uma incursão na literatura à disposição na comunidade desses pesquisadores, onde também nos inserimos, destacando os autores que são mais visíveis, por serem mais citados em estudos que fazem referência a esse assunto.

Dentre os autores considerados por nós como significativos, por serem bastante referenciados, apresentamos os discursos de Pierre Lévy, Etienne Wenger, Dario Fiorentini, João Pedro da Ponte e Marcelo de Carvalho Borba. Esses autores estão presentes nos estudos realizados durante a preparação para do projeto desta pesquisa; em ementas ou programas de disciplinas cursadas durante o doutoramento; e/ou ainda em dissertações e teses, livros e artigos de periódicos estudados.

Dois desses autores foram por nós entrevistados. Entretanto, entendemos que os textos por eles publicados e a *fala-falante*⁵⁵ deles trazida nas entrevistas dizem de seus entendimentos em momentos diferentes e talvez de perspectivas diferentes. Queremos dizer com essa explicação que suas compreensões, trazidas aqui, não têm a função de serem paradigmas do que pensam para que suas falas-falantes sejam avaliadas. Porém suas publicações junto àquelas dos outros autores nos ajudam a adentrar no âmbito da compreensão da produção em grupos de pesquisa em Educação Matemática. Juntamente com o entendimento das questões da produção do conhecimento, olhada da perspectiva da Filosofia Antropológica serão trazidos na interpretação que faremos constituída por um tecido de diferentes falas e de nossa compreensão e interpretação sobre elas.

As ideias expostas sobre a produção coletiva do conhecimento encontram-se em Pierre Lévy, que apresenta uma fundamentação para o conhecimento coletivo sustentada em

⁵⁵ Merleau-Ponty se refere à fala-falada e à fala-falante, ao expor suas compreensões a respeito da linguagem e do nela expresso. A fala-falada é um dizer em que as palavras são carregadas com os significados já disponíveis no mundo linguístico. Toma as palavras como objetos dados. A fala-falante é carregada de vida, expressa sentidos que o sujeito falante reaviva em suas vivências, expressando emoções, insights primeiros, expondo-se, muitas vezes mediante gestos ou tentando pronunciar palavras com sentidos outros que se unem à palavra do mundo linguístico. Afirma que em um primeiro momento, exigidos por uma reflexão sobre a linguagem, a associaríamos com a fala-falada, não exigindo esforço expressivo e com isso não nos atentaríamos para a fala-falante, *em que a intenção significativa se encontra em estado nascente*, isto é, o que representa a possibilidade de criação de novos significados (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 42).

três bases, a saber: *cada pessoa no mundo sabe*⁵⁶, ou seja, todo ser humano sabe algo; *nunca se sabe*⁵⁷, isto é, nunca se tem um conhecimento pleno ou completo de um tema específico; e *todo saber está na humanidade*⁵⁸, ou seja, todo saber é mundano. Para ele, em qualquer grupo, cada indivíduo apresentará um determinado conhecimento constituído no movimento de suas vivências ou que tenha experienciado em suas práticas de vida cotidiana, compreendendo, de forma geral, que *o saber é uma dimensão do ser*⁵⁹.

Lévy expõe, em seus escritos⁶⁰, a existência de mudanças nas relações com os saberes. Expressa o conceito de *inteligência coletiva*, no qual os seres humanos compartilham conhecimentos individuais entre seus pares em sociedade e, para isso, utilizam-se de recursos tecnológicos de comunicação, como, por exemplo, a *Internet*. Embora este autor se refira à *Internet*, portanto, a uma tecnologia sustentada em recursos da informática, sabe-se que não são apenas estes recursos que permitem a comunicação aludida. Entretanto, entendemos que sua ênfase a esse recurso advém das características da própria rede de comunicação sustentada pela *tela informacional*⁶¹ entendidas como a dinamicidade de interconexões que se bifurcam velozmente.

Esse autor afirma que o indivíduo pode disponibilizar a outros o seu conhecimento sobre determinado assunto, em um movimento de compartilhar suas compreensões, percepções, lembranças e imaginação, podendo disparar possibilidades de acontecer a produção coletiva do conhecimento.

Segundo Lévy, existe, na atualidade, um movimento muito acelerado em tornar público, em *sites*, *blogs*, *vídeos*, *chats*, *impressos*, entre outros modos, o conhecimento produzido. Ao mesmo tempo, é interessante observar que, por sua vez, esses meios de divulgação do conhecimento carregam consigo o desenvolvimento das telecomunicações, o qual também acelera a possibilidade de constituir um coletivo pensante.

Para esse autor, a evolução da sociedade humana só foi possível graças à característica única dos seres humanos de adaptarem-se ao ambiente, bem como, de transformá-lo. Ele apresenta estágios de desenvolvimento da comunicação humana, destacando: a *oralidade* – transmissão das ideias, do conhecimento individual a partir da fala, explicando: *quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras, de*

⁵⁶ LÉVY, 1998, p. 100.

⁵⁷ LÉVY, 1998, p. 100.

⁵⁸ LÉVY, 1998, p. 100.

⁵⁹ LÉVY, 1998, p. 100.

⁶⁰ Cf. LÉVY, 1998.

⁶¹ Cf. BICUDO; ROSA, 2010.

*conceitos, de modelos, mas também de imagens, sons [...] mas apenas os nós selecionados pelo contexto serão ativados com força suficiente em nossa consciência*⁶². A escrita, apresentada em hipertexto, *designa, portanto a configuração de ativação de uma grande rede semântica*⁶³.

Lévy⁶⁴ afirma, ainda, que nós, seres humanos, temos a capacidade de nos comunicar com outros por meio da linguagem e, graças à escrita, vencemos uma nova etapa, pois a *escrita possibilitou um acréscimo de eficácia da comunicação e da organização dos grupos humanos bem mais importante que o permitido pela fala*⁶⁵ o que tornou viável criar e transmitir significados em sociedade.

Esse ambiente de telecomunicações, olhado em sua abrangência e complexidade é caracterizado por Bicudo e Rosa⁶⁶ como *ciberespaço*, onde o homem se põe junto à máquina para o desenvolvimento de determinada atividade. Desse modo, o ciberespaço possibilita e potencializa, através de recursos disponibilizados pelas mídias, a produção de ideias coletivas, de maneira que estas possam ser transmitidas e apropriadas por outros indivíduos.

A produção do conhecimento coletivo que se constitui, de modo colaborativo, acontece tanto em trabalhos desenvolvidos a distância, como em trabalhos presenciais. Também na vida acadêmica, no interior de Programas de Pós-Graduação, como no caso deste de Educação Matemática de que sou aluno, vive-se uma realidade em que se mostra o movimento de colaboração entre alunos e professores da instituição ou convidados, presentificada em orientações, discussões entre pares, em seminários, conversas em diferentes ambientes como salas de aula, bares, festas, *Internet*, por exemplo.

Sobre essa produção coletiva de conhecimento apresentada, Lévy afirma que, atualmente, existe um movimento muito acelerado, no qual as informações se dinamizam dentre os pares desse coletivo, e o conhecimento produzido é lançado a outros em suas comunidades. Assim, aos sujeitos é exigido buscar por novos meios para subsidiar suas *necessidades reais e a especificidade de seu trajeto de vida*⁶⁷, podendo, desse modo, produzir conhecimento, ao mesmo tempo em que se comunicam socialmente e se sentem parte de determinado grupo.

Nesse horizonte, tem-se notado que as formas de comunicação realizadas entre os grupos privilegiam o saber coletivo. Pierre Lévy afirma:

⁶² LÉVY, 1993, p.23.

⁶³ LÉVY, 1993, p.23.

⁶⁴ Cf. LÉVY, 1998.

⁶⁵ LÉVY, 1993, p. 17.

⁶⁶ Cf. BICUDO; ROSA, 2010.

⁶⁷ LÉVY, 1999, p. 169.

[...] o saber da comunidade pensante não é mais um comum, pois doravante é impossível que um só ser humano, ou mesmo um grupo, domine todos os conhecimentos, todas as competências; é um saber coletivo por essência, impossível de reunir em uma só carne. O mundo virtual é, essencialmente, o espaço da experiência em conjunto⁶⁸.

Entretanto, mesmo estando em um movimento em que a colaboração se manifeste e até se imponha, entendemos que sempre há um sujeito, não isolado, que intencionalmente se coloca em sintonia com o que está em produção e que é sempre movimento *intencional* dirigido ao que está à sua volta, como foi exposto no item anterior.

Corroborando com Lévy e expondo outras perspectivas de entendimento a respeito deste tema, Etienne Wenger, na obra *Comunidade de Prática: aprendizagem, significado e identidade*, trabalha a *significativdade*, importante para compreender o movimento que se dá entre as pessoas em um coletivo, construindo o conhecimento. Buscamos⁶⁹ estudar os conceitos trabalhados e apresentados desse autor que se revelaram, para nós, por meio das referências presentes em pesquisas, sobre esse temas, realizadas por autores do *Grupo Prática Pedagógica e Matemática - PRAPEM*⁷⁰, que também se dedicam ao tema da aprendizagem colaborativa.

Wenger expõe o significado que a prática assume como experiência na vida cotidiana, explicitando que essa não é uma questão tratada na vertente filosófica por ele, nem por meio de investigação de significados etimológicos dessa palavra. Apresenta, no texto mencionado, a necessidade de o indivíduo estar inserido em um processo denominado de *negociação do significado*. Para ele, o ato de viver é um constante processo de negociação do significado das coisas entre os seres humanos em suas relações diárias, em que a linguagem se destaca. O autor salienta que esse processo não se limita à linguagem e que esta não está, necessariamente, associada a uma conversação entre seres humanos, mas inclui também as relações sociais.

Segundo Wenger⁷¹ a negociação do significado é constituída por dois processos: de *participação* e de *reificação*, os quais se configuram como uma dualidade. A negociação caracteriza-se como uma troca que pode ser retomada e reajustada e implica algumas considerações sobre a forma de viver significativamente no coletivo, onde o processo de

⁶⁸ LÉVY, 1998, p.181.

⁶⁹ A investigação sobre esta questão foi efetuada durante a disciplina de Didática Aplicada à Educação que ocorreu no segundo semestre do ano de 2013 e foi ministrada pela professora Rosana Giarretta Sguerra Miskulin.

⁷⁰ O grupo PRAPEM é coordenado pelo professor Dario Fiorentini e vinculado a Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

⁷¹ Cf. WENGER, 1998.

negociação composto pela dualidade apresentada é fundamental para a experiência humana do *significado*.

Esse processo é constituído de modo simultâneo, dinâmico e histórico. Em seu movimento, carrega: a habilidade mútua de os participantes da negociação afetar os outros e por eles ser afetado; o envolvimento de uma multiplicidade de fatores e de perspectivas; a produção de uma nova resolução para a convergência destes fatores e perspectivas; e, a incompletude dessa resolução, que pode ser parcial, uma tentativa efêmera ou específica para uma determinada situação.

Wenger, para descrever a experiência social dos indivíduos em suas práticas cotidianas, apresenta o conceito de *participação*. Afirma que esta é complexa, pois na ação de participar estão articulados *o fazer, o falar, o pensar, o sentir e o pertencer*, envolvendo o indivíduo por completo em seus modos e articulações e em sua relação com o outro. Para ele, a participação possibilita um reconhecimento mútuo, formando-se uma identidade através das relações que estabelece, isto é, uma identidade de participação. Nas comunidades de prática são envolvidos todos os tipos de relações: conflituosas, harmoniosas, intimidantes, políticas, competitivas e cooperativas. A participação vai para além do envolvimento direto em tarefas específicas e com determinadas pessoas, colocando a negociação do significado no contexto de nossos modos de pertencimento a várias comunidades. Torna-se, assim, constituinte da nossa identidade.

Outro conceito importante no texto de Wenger é o de reificação, utilizado de forma muito geral, referindo-se a processos em que a experiência das pessoas ganha forma, por meio de objetos, que refletem essa mesma experiência em coisas concretas. Esses objetos tornam-se pontos de atenção em torno dos quais a negociação de significado se organiza. Segundo o autor, todas as comunidades de prática produzem abstrações, símbolos, histórias, termos e conceitos que reificam qualquer aspecto dessa prática de uma forma *congelada*, ou, como compreendemos, estática, na medida em que representa uma convergência dessas ações apresentadas por um produto, tomado como uma coisa concreta. A reificação se concretiza por meio de um vasto conjunto de atos, a saber: o fazer, o conceber, o representar, o nomear, o codificar e o descrever, assim como o perceber, o interpretar, o utilizar, o reutilizar, o decodificar e o reformular. Para ele, a reificação determina a nossa experiência de um modo muito concreto. Ilustra essa sua afirmação mediante um exemplo de processador de texto o qual reifica uma forma de entender a escrita, mas também altera a própria forma pela qual escrevemos.

Esclarece, ainda, que a *reificação* se refere tanto ao processo como ao produto, fruto desse processo. Wenger afirma que *se o significado existe apenas na respectiva negociação, ao nível do significado, o processo e o produto não são distintos*⁷² e que não origina, necessariamente, um desenho (*design*) específico, podendo assumir grande diversidade de formas, onde os produtos produzidos não sejam apenas objetos concretos ou materiais, mas também reflexões sobre essas práticas.

De acordo com Wenger, o conceito de reificação tem duas faces. De um lado, está o seu poder; do outro, o seu perigo. O produto de um processo de reificação pode ganhar autonomia para além da finalidade almejada e do seu processo de produção – o seu valor significativo pode ser sempre expandido, mas também pode ser perdido.

Wenger enfatiza a dualidade presente no processo de *reificação* e *participação*, uma vez que ambas as ações são, simultaneamente, distintas e complementares – não podem ser consideradas isoladamente – e formam uma unidade na sua dualidade. Afirma que, nos casos em que a participação prevalece, casos em que o que interessa é muito pouco reificado, pode não existir material suficiente que permita fundamentar especificidades de coordenação ou contemplar concepções divergentes. E, naquelas situações em que o que prevalece é a reificação, tudo é reificado criando poucas oportunidades para a partilha de experiências ou de negociações interativas, não havendo, então, participação suficiente que permita recuperar um significado coordenado, relevante e generativo. Quando ocorrem interpretações divergentes de uma dada situação é necessário analisá-las em termos desta dualidade para que o ponto de equilíbrio seja encontrado.

Esta dualidade *participação* e *reificação* se caracteriza como fundamental na constituição das comunidades de prática, da sua evolução ao longo do tempo, das relações entre práticas, da identidade dos participantes e ainda em organizações mais abrangentes nas quais as comunidades de prática existem. Wenger apresenta, ainda, de modo sucinto, alguns pontos sobre essa dualidade, em que uma não existe sem a outra; são duas dimensões que interagem; implicam-se reciprocamente, uma não substitui a outra; transformam a sua relação através da renegociação; e descrevem uma interação.

Em nossa pesquisa, focaremos grupos que trabalham coletivamente, caracterizando o ambiente investigativo desta pesquisa; discutiremos as diferentes maneiras de as relações entre os membros do grupo se organizarem, visando a um determinado objetivo.

⁷² WENGER, 1998, p. 60.

O trabalho apresentado por Fiorentini, nos textos: *Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente?*; e *A Pesquisa e as Práticas de Formação de Professores de Matemática em face das Políticas Públicas no Brasil*, caracteriza o trabalho em grupo de forma coletiva⁷³, onde cada integrante se completa, discutindo, elaborando e executando as ações de modo conjunto. Para ele, esse modo de proceder se caracteriza como trabalho colaborativo⁷⁴.

Destacamos, baseados nos textos desse autor, alguns aspectos importantes para a estrutura do trabalho colaborativo, a saber: *a voluntariedade; a identidade; a espontaneidade; a liderança compartilhada; a corresponsabilidade; o apoio e o respeito mútuo*. Segundo Fiorentini, os grupos colaborativos apresentam uma sistemática de organização.

Para Fiorentini, o trabalho coletivo apresenta algumas características desafiadoras, quando se trata de um trabalho realizado no âmbito da educação. Isso porque as atividades propostas devem atender às solicitações da área e das agências avaliadoras e fomentadoras da pesquisa e visarem a um trabalho em conjunto no âmbito da instituição proponente e buscar, também, parceria com outras instituições, realizando, assim, um trabalho interinstitucional. Além disso, os membros do grupo que realizam a pesquisa têm uma participação voluntária⁷⁵, mostrando-se dispostos a refletir sobre sua prática e também sobre os conceitos teóricos estudados. Esse processo de desenvolvimento da investigação do grupo e em grupo acontece durante toda sua temporalidade de produção – no momento presente de seu acontecer e após seu encerramento – de forma coletiva.

Entretanto, de acordo com esse autor, não se pode generalizar, afirmando que todo trabalho coletivo se caracteriza como colaborativo. Existem trabalhos cooperativos, ou seja, que são inseridos em um trabalho coletivo, porém não se define como colaborativo apesar de o processo também ser em conjunto com outros indivíduos e destacando algumas condições para que o grupo executor do trabalho colaborativo realize sua proposta, como a existência de *harmonia* de tal modo que seja criada uma *sinergia* que torne possível o fluxo de discussões e produções em grupo, tornando possível o surgimento de novos conhecimentos.

Segundo Fiorentini, a metodologia de trabalho colaborativo apresenta alguns pontos importantes: os problemas investigados são aqueles vivenciados no ambiente pesquisado; esses problemas são discutidos e refletidos junto com o grupo de pesquisa; a partir do

⁷³ O termo coletivo, nesta pesquisa, está se referindo à associação de pessoas.

⁷⁴ O termo colaborativo diz do modo de estar com o outro realizando pesquisa, referido por esse autor especificamente.

⁷⁵ Participação voluntária, no texto estudado, refere-se à participação de pessoas que não têm obrigações institucionais como, por exemplo, realizar mestrado, doutorado, pós-doutorado, pesquisas vinculadas à Pós-Graduação. São professores que vão às reuniões quando querem esclarecer algumas questões.

problema pesquisado, leituras são indicadas; o grupo, a partir das leituras, estabelece ações para serem desenvolvidas no local; há um relato efetuado por uma pessoa sobre um *problema específico vivenciado* por ela e, a partir desse problema, o grupo todo organiza atividades a serem desenvolvidas no próprio ambiente em que o problema foi percebido e levantado pela pessoa relatora que fica incumbida de desenvolver atividades e de relatar o modo pelo qual foram realizadas ao grupo. Nesse movimento, dá-se uma ação reflexiva sobre o problematizado, as atividades vistas como passíveis de darem conta do problema relatado, e do modo pelo qual as ações foram realizadas e percebidas de maneira auto avaliativa. Caracterizando o fim desse ciclo de trabalho colaborativo, são elaborados textos para serem publicados.

Na perspectiva exposta por Fiorentini, apresentamos a organização de trabalho em grupo no que se refere aos modos de organização do *Grupo de Sábado*, cujo responsável é o próprio pesquisador Dario Fiorentini, professor pesquisador na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Esse grupo, como já anuncia sua nomenclatura, trata-se de um grupo de estudo entre professores que se reúne aos sábados. É um grupo caracterizado a partir de suas produções e os próprios pesquisadores participantes o denominam como colaborativo. Esse grupo visa ao debate entre temas trazidos pelos professores, oriundos de suas práticas pedagógicas. Segundo as descrições apontadas, durante os debates dos temas acontecem estudos e os participantes compartilham experiências; traçam metas; realizam atividades em sala de aula a partir das metas estabelecidas; registram e expõem ao grupo as experiências pedagógicas; e produzem colaborativamente. Como ressaltado nas publicações do grupo, todas as ações são decididas e realizadas em conjunto, caracterizando um apoio mútuo entre seus integrantes, visando a um determinado objetivo.

Fiorentini entende que não havendo uma liderança no grupo colaborativo, o produto é publicado em nome de todos. Isso, por si, traz obstáculos, uma vez que tanto em reuniões científicas, quanto em periódicos não são aceitos trabalhos com uma quantidade grande de autores.

Continuando a expor o nosso movimento de estudo e de compreensão do conceito de trabalho colaborativo, apresentamos o texto de Boavida e Ponte⁷⁶, apresentam que o trabalho colaborativo *constitui uma estratégia fundamental para lidar com problemas que se afiguram*

⁷⁶ Cf. BOAVIDA; PONTE, 2002.

*demasiado pesados para serem enfrentados em termos puramente individuais*⁷⁷, como por exemplo, investigações sobre a prática pedagógica.

Esses autores expõem que a colaboração tem se mostrado importante em trabalhos de desenvolvimento de *projetos curriculares* e de *projetos de intervenção educativa*. Afirmam que compreendem que o trabalho colaborativo oferece vantagens, tais como: organizar e agrupar pessoas que desejam se empenhar em um objetivo comum, que tenham experiências, competências e perspectivas diversificadas, e a intenção de explorar um novo tópico ou avançar na compreensão de uma problemática, interagindo, dialogando e refletindo em conjunto. Enfatizam que o fato de um grupo trabalhar coletivamente, não implica que esteja perante uma situação de colaboração, pois na colaboração, embora os papéis sejam diferentes, o trabalho é conjunto, numa base de igualdade de modo a haver ajuda mútua sem hierarquia entre seus membros.

Segundo os autores, o termo colaboração, é adequado para a situação em que *diversos intervenientes trabalham conjuntamente, não numa relação hierárquica, mas numa base de igualdade de modo a haver ajuda mútua e a atingirem objetivos que a todos beneficiem*⁷⁸ e salienta que não é fácil instituir um grupo colaborativo e/ou mantê-lo coeso e trabalhando, mas, quando se estabelece se torna um dispositivo com grande poder de realizações.

Boavida e Ponte expõem que quando se estabelece relações hierárquicas, como de um chefe designando ordens a seus subordinados se configura como uma atividade conjunta mas de natureza não-colaborativa. Também salientam que o significado de colaboração que assumem em suas pesquisas é distinto de cooperação, e expõem a etimologia das palavras colaboração e cooperação, derivadas das palavras *trabalhar*, que compreendem como o desenvolvimento de atividades para atingir determinados fins e *operar*, entendido como a realização de uma operação, e destacam que ambas as palavras são usadas com o acompanhamento do prefixo *co*, que significa ação conjunta. Porém, evidenciam que existe um distanciamento de alcance do significado entre as duas palavras, pois um determinado plano de trabalho pode não determinar todas as ações a serem desenvolvidas, de modo que o trabalhar pode requerer um grande número de operações, que muitas vezes são imprevisíveis, com isso, o que nortearia o trabalho em conjunto seria os objetivos determinados. Para os autores, a colaboração exige *uma maior dose de partilha e interação do que a simples realização conjunta de diversas operações, a cooperação*⁷⁹.

⁷⁷ BOAVIDA; PONTE, 2002, p. 43.

⁷⁸ BOAVIDA; PONTE, 2002, p. 45.

⁷⁹ BOAVIDA; PONTE, 2002, p. 46.

Os autores afirmam que a colaboração desencadeada no processo de trabalho colaborativo deve apresentar características específicas, quais sejam: a colaboração entre os membros de um determinado grupo seja um processo emergente, no qual sempre exista uma base comum previamente negociada, pois o diálogo se caracteriza como um aspecto importante do trabalho colaborativo; o trabalho seja realizado em conjunto; e haja confiança entre os membros do grupo. Também expõe a necessidade de apresentar mutualidade nos objetivos comuns; diálogo entre os pares envolvidos e negociação dos objetivos, dos modos de trabalhos, prioridades etc., e destacam que *um trabalho em colaboração não envolve apenas uma aprendizagem relativamente ao problema em questão. Envolve, também, uma autoaprendizagem e uma aprendizagem acerca das relações humanas*⁸⁰.

Borba apresenta um ponto de vista baseado em estudos com outros autores, como Lévy e Tikhomirov, expondo que as investigações envolvendo diferentes formas associativas de pessoas devem *estar refletindo sobre coletivos pensantes que fossem formados por humanos e não - humanos*⁸¹.

Segundo o autor, existe uma dicotomia entre técnica e *ser-humano* e salienta que da perspectiva histórica da qual se valem em suas investigações, *sugere que os seres humanos sejam constituídos por técnicas que estendem e modificam seu raciocínio e, ao mesmo tempo, esses mesmos seres humanos estão constantemente transformando essas técnicas*⁸², de modo que com isso não aceitam a existência de uma dicotomia supracitada, mas sim um entendimento de que o conhecimento só pode ser produzido a partir da relação humana com uma determinada mídia, ou com uma *tecnologia da inteligência*.

A perspectiva teórica apresentada pelo autor,

[...] se apóia na noção de que o conhecimento é produzido por um coletivo formado por seres-humanos-com-mídias, ou seres-humanos-com-tecnologias e não, como sugere outras teorias, por seres humanos solitários ou coletivos formados apenas por seres humanos.

De modo que a construção do conhecimento ocorra a partir de um coletivo entre seres humanos e não humanos; ainda é salientado o papel que as mídias apresentam de moldar as possibilidades que esses coletivos têm de construir conhecimento⁸³, em que *a oralidade, a escrita e as diversas faces da informática* se apresentam como os pontos centrais das análises

⁸⁰ BOAVIDA; PONTE, 2002, p. 50.

⁸¹ BORBA, 2001, p. 135.

⁸² BORBA, 2001, p. 135.

⁸³ Cf. BORBA, 2001.

desenvolvidas visando os *problemas podem ser propostos para que sejam desenvolvidos por sistemas coletivos formados por seres-humanos e diversas mídias*⁸⁴.

É apresentado que o visado nas pesquisas do grupo exposto no presente artigo busca pela identificação de como acontece a interação, dentro de um coletivo – constituído por seres humanos e mídias -, entre diferentes mídias.

Segundo Borba, não é a simples utilização do *software* que realiza a ligação entre seres humanos e a mídia, mas sim, a influência desta relação, identificada pelo *procedimento negativo*, isto é, um movimento que busca o surgimento de uma dada conjectura, ou um dado raciocínio, sem a utilização do *software*. E ainda, enfatiza a utilização do termo *transformação* para se referir a possível modificação resultante a partir da presença de *novos atores informáticos ou não*.

Sendo assim e dando continuidade na exposição envolvendo os diferentes modos de estarmos uns com os outros, em um coletivo, expomos a seguir, investigações realizadas por pessoas que se associam de diferentes modos, como: agrupando professores de Matemática que trabalham em instituições diversas e agrupando pessoas que se encontram em diferentes ambientes (presencial e a distância). São exemplos que, conforme entendemos evidenciam características de estar-com-o-outro, produzindo conhecimento na coletividade.

Sense of Reality Mathematical Modelling é uma pesquisa realizada por Villa-Ochoa e López⁸⁵ que expõem uma possibilidade de trabalho coletivo, na medida em que traz modos de pessoas trabalharem em grupo.

Os autores expõem como objetivo do texto utilizar a modelagem e aplicação de modelos em estudos do mundo real. Apresentando uma conexão entre o estudo da realidade com o conhecimento matemático articulado com recursos didáticos, visando à aprendizagem da Matemática, afirmam que os professores que trabalham com modelagem em suas práticas se tornam mais sensíveis aos problemas da vida. Essa pesquisa contou com a participação de quatro professores que atuavam em diferentes níveis da escola pública na região de Medellín – Colômbia em que, em suas aulas, trabalharam com modelagem em situações de vida deles com seus alunos. Os autores afirmam que estiveram presentes às aulas desses professores, que realizaram uma reunião com eles para retomarem episódios relacionados à Matemática e às atividades de ensino praticadas e, por fim, entrevistaram cada professor.

Villa-Ochoa e Lopez entendem, ao retomarem reflexivamente o seu trabalho, que os professores com os quais trabalharam mostraram-se mais sensibilizados para detectarem

⁸⁴ BORBA, 2001, p. 139.

⁸⁵ Cf. VILLA-OCHOA; LÓPEZ, 2011.

situações no cotidiano sociocultural dos alunos. Ainda, segundo esses autores, o estudo realizado evidencia a importância do trabalho em grupo e revela que o tema tratado sobre o contexto sociocultural com destaque de alguns aspectos, sensibilizou os professores sobre modos de interpretar a realidade em que trabalham com seus alunos e as maneiras de articulá-la ao conteúdo do livro didático.

Ainda, expondo outros diferentes modos de associações de pessoas, produzindo conhecimento nessa coletividade, evidencio que o Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática – GPIMEM, coordenado pelo professor Marcelo de Carvalho Borba, apresenta uma vasta produção de trabalhos realizados coletivamente, com situações de pesquisas desenvolvidas tanto presencialmente quanto em ambientes virtuais a distância. No ambiente do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Unesp/RC, é comum que membros dessa comunidade participem de algumas dessas situações de aprendizagem, cursando disciplinas, assistindo a palestras, participando de seminários durante eventos da pós-graduação.

Diante disso, expomos situações de trabalho coletivo, realizados pelo grupo apresentado, que foram discutidas e/ou trabalhadas durante disciplinas cursadas pelos pesquisadores.

A primeira pesquisa, desenvolvida por Santos,⁸⁶ expõe uma possibilidade de produção do conhecimento matemático em um curso a distância, objetivando a discussão entre os membros participantes, disparadas por atividades de geometria espacial e utilizando um ambiente virtual - TelEduc⁸⁷. A sala virtual dava condição para que os alunos interagissem de modo assíncrono, a partir de suas ferramentas disponíveis como fórum e correio eletrônico.

A segunda pesquisa apresentada trata-se do trabalho de Borba e Zulatto⁸⁸, em que são apresentadas questões que focam a produção coletiva de conhecimento. A pesquisa descreve o desenvolvimento de um determinado curso de formação de professores, realizado a distância, e que tinha como objetivo trabalhar atividades propostas de geometria euclidiana por meio de um *software* denominado *geometriks*⁸⁹. Valia-se, também, de um ambiente virtual, que

⁸⁶ Cf. SANTOS, 2006.

⁸⁷ O software foi desenvolvido pelo Núcleo de Informática Aplicada a Educação (NIED) da Unicamp e possui ferramentas para disponibilizar conteúdos, atividades e comunicação entre os participantes, por meio de correio eletrônico e bate-papo.

⁸⁸ Cf. BORBA; ZULATTO, 2006.

⁸⁹ *Software* desenvolvido por Viggo Sadolin, da *The Royal Danish of Educational Studies, Copenhagen*, Dinamarca. Há uma versão em português, que tem como responsáveis a Profa. Dra. Miriam Godoy Penteadó e o Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba, da Unesp, Rio Claro-SP.

permitia que os participantes discutissem em um *chat*. O conteúdo das informações registradas nas discussões nos *chats* foi analisado.

Essas são investigações que envolvem grupos de pesquisadores que se organizam e trabalham coletivamente, produzindo conhecimento em Educação Matemática, ainda que assumam modos diferenciados de procedimento.

Retomando os estudos apresentados neste item, compreendemos que os autores da área da Educação Matemática que focam a produção de conhecimento em grupos de pesquisa, nos quais pessoas se associam para investigar determinados temas ou dar conta de problemas levantados em situações de vida, expressam características desse modo de trabalhar. São destacadas que as formas de comunicação que se dão em grupo privilegiam um saber coletivo. A ideia de coletivo, ainda que esteja presente para os autores apresentados neste item, é exposta em diferentes acepções. Coletivo no sentido de que todo saber está na humanidade, entendida como a totalidade de humanos e de seus conhecimentos, e no modo de colocarem em prática esse conhecimentos entre seus pares. Coletivo, no sentido de ser um trabalho realizado por pessoas associadas em um grupo, pessoas essas que trabalham de modo colaborativo. Colaborativo que se sustenta em modos de se estar disponível ao outro, como sendo livre, corresponsável em relação aos pares e ao grupo, solidários. Esses modos de estar junto ao outro são sustentados pela confiança e pela disponibilidade de participar. A participação é articulada pela comunicação em que diferentes atos estão presentes, como, por exemplo, perceber, fazer, falar, conceber, interpretar. A comunicação entre as pessoas que se unem em um grupo é sustentada pela confiança, pelo apoio mútuo, pela ausência de hierarquia, pela postura de ver e assumir a si e ao outro como iguais entre si no que concerne à produção do conhecimento.

X X X

Finalizamos este capítulo que tematizou a questão da produção do conhecimento em um coletivo ou na comunidade e a de grupos de pesquisa em Educação Matemática. Ambos os temas foram tratados em subitens e ao final dos mesmos retomamos nossa compreensão do ali tratado ao modo de uma síntese transitória. Síntese por reunir as ideias que destacaram como significativas em nossa leitura analítica e interpretativa e transitória por não ser fechada e definitiva, estando sempre aberta a compreensões outras que a re-signifique, re-estruture ou mesmo complemente modos de compreender.

Nossa compreensão assim expressa não se configura como um *a priori* tomado como paradigma da análise dos discursos obtidos nas entrevistas que serão descritas e analisadas, mas é tomada tão somente como perspectivas em que o fenômeno foi a nós se mostrando. A perspectiva de que olhamos para as falas de nossos sujeitos significativos é a de destacar suas vivências no interior dos grupos de pesquisa.

CAPÍTULO II

ASSUMINDO UMA POSTURA FENOMENOLÓGICA EM PESQUISA QUALITATIVA

O entendimento de fenomenologia exposto na Introdução e no Capítulo I deste trabalho sustenta a investigação que realizamos a respeito de *como se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisa em educação matemática*. Esse *como* diz do *modo pelo qual* os pesquisadores, que trabalham em grupo, percebem-se e ao grupo, produzindo conhecimento em Educação Matemática.

A compreensão do próprio movimento de conhecer focado em estudos de Husserl solicita a referência à análise das estruturas intencionais da consciência, por ele entendida como fonte doadora originária de sentido, isto é, como fonte de significado para o mundo; ou seja, os atos da consciência geram o *fazimento* de sentido às coisas mundanas. Consciência entendida como um movimento, como um fluxo que enlaça o intencionado e que o traz para si.

Para explicitar o que queremos dizer nessas afirmações, pensemos no seguinte exemplo: ao visitar um museu com antiguidades raras, olhamos atentos o exposto em um setor reservado, separado por um vidro transparente. Do lado de lá do vidro transparente podemos ver vários objetos, alguns com tonalidades foscas, outras brilhantes. Podemos descrever esses objetos pelas características que se mostraram a nós ao olharmos de modo atento para elas. Porém, ao descrever as peças vistas, não dizemos do vidro transparente que ali está entre nós e as peças. Segundo Ales Bello, *o fluxo de consciência é como o vidro, normalmente não nos interessamos⁹⁰ por ele*, mas pelos objetos e coisas que estão além dele.

Husserl⁹¹ expõe três conceitos de consciência: o primeiro como consistência fenomenológica real do eu empírico, como o entrelaçamento das vivências psíquicas na unidade do seu curso; o segundo, a consciência como percepção interna das vivências psíquicas próprias; o terceiro, a consciência como nome coletivo para toda a classe de atos psíquicos ou de vivências intencionais. São *vivências* ou *conteúdos de consciência* as percepções, as representações da imaginação e da fantasia, os atos do pensamento conceitual,

⁹⁰ ALES BELLO, 2015, p. 28.

⁹¹ Cf. HUSSERL, 2012.

as pressuposições e as dúvidas, as alegrias e as dores, as esperanças e os temores, os desejos, o dar-se conta das lembranças, por exemplo.

As vivências são registradas pela capacidade de *dar-nos conta* dos sentidos. O percebido apresenta-se como resultado da percepção e *esse dar-se conta é a consciência*⁹² *de algo, por exemplo, a consciência de tocar alguma coisa*. Essas sensações são vivências registradas pelos sujeitos que delas podem tomar ciência. Assim, a consciência significa que podemos, enquanto tocamos e/ou olhamos para um determinado objeto, dar-mo-nos conta do tocar e/ou olhar. Ou seja, a consciência é a dimensão que nos possibilita dar-mo-nos conta de estar vivenciando alguma atividade.

Darmo-nos conta de é um ato crucial para que se possa realizar pesquisa qualitativa segundo um enfoque fenomenológico. Isso porque este ato diz da reflexão, do voltar-se sobre o percebido na dialética do perceber-percebido ou do ver-visto ou da noesis-noema. O ato de perceber é um movimento que nos põe em contato com as coisas desse mundo e que abre possibilidades de sentir e de expressar, de constituir e compreender o significado das coisas que estão em nosso campo de percepção.

A percepção ocorre no movimento do correlato ver-visto, que, de acordo com Husserl⁹³, é a síntese *noesis-noema*, ou seja, do ato do *sujeito que percebe* e o *percebido*, sendo sujeito e objeto compreendidos como constitutivamente ligados. A percepção acontece no *agora* da realização do próprio ato de perceber. O percebido é deslocado para o fluxo da lembrança, podendo ser elaborado em atos da consciência, de maneira que se vá processando a compreensão e a interpretação, articuladas e passíveis de serem expressas em linguagem. Sendo assim, apenas se pode falar do par percepção-percebido mediante a descrição disso que foi percebido e elaborado intencionalmente, solicitando que a descrição do que se mostrou seja analisada e interpretada, atentando-se para a ambiguidade própria da linguagem pela qual é exposta, dada a densidade de sentidos que ela transporta.

Com esse entendimento, caminhamos para ouvir nossos sujeitos significativos a respeito de suas compreensões sobre a constituição, manutenção e permanência do grupo de pesquisa do qual participam. O relato expresso pelos sujeitos significativos diz das vivências de que se dão conta, ou seja, das quais têm consciência.

Assim, focamos os relatos dos entrevistados, refletidos sobre os seus dar-se conta de se perceberem, em suas lembranças, agindo em seus grupos de pesquisa, expressos em seus depoimentos pela linguagem falada e gravada.

⁹² ALES BELLO, 2006, p. 31.

⁹³ Cf. Husserl, 1980.

O movimento fenomenológico de buscar pelos sentidos e significados do dito que transcende o individual e avança, buscando por núcleos de ideias que entrelaçam, em todos mais abrangentes, aqueles sentidos e significados. A transcendência do individual é crucial no processo investigativo, pois é nesse movimento que a teorização sobre o investigado pode se dar.

Esse movimento há que ser realizado de modo atento, passo a passo, e o pesquisador precisa expor como realiza esse avanço, ou seja, precisa tornar tão claro, quanto possível, o seu pensar articulador de ideias. Assim procedendo, o rigor da pesquisa se mostra.

No item que segue, serão explicitados os procedimentos desta investigação.

2.1 Sentidos e significados da interrogação

A interrogação que move esta pesquisa é assim por nós exposta: *como se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisa em educação matemática?*

Destacamos que, em uma perspectiva de pesquisa fenomenológica, interrogar é diferente de perguntar, pois a pergunta solicita esclarecimentos e explicitações. A interrogação demanda *maneiras de assumir perspectivas a partir das quais a interrogação será perseguida*⁹⁴. Ao perseguir a interrogação, o pesquisador deixa de viver uma postura de admiração ingênua e passa a buscar pelos modos mediante os quais se constitui a perplexidade investigada diante do mundo. Assim, podemos afirmar *que pesquisar é perseguir uma interrogação em diferentes perspectivas*⁹⁵.

A interrogação posta é muito ampla, pois abrange todos os pesquisadores, universalmente, considerados. Entendemos que os abarcamos na medida em que trabalhamos com textos de autores nacionais e estrangeiros que tratam de questões sobre a formação da pessoa, da formação da comunidade, de modos de proceder em grupos de pesquisas que focam a Educação Matemática. Porém para realizarmos as entrevistas com os sujeitos considerados significativos nesta pesquisa, restringimos sua amplitude e os buscamos acrescentando o país em que esses pesquisadores estão situados, que, no caso desta pesquisa, foi escolhido o Brasil, uma vez que aqui também nos encontramos como profissionais.

A interrogação norteadora da presente investigação busca compreender a constituição do grupo de pesquisa, no que concerne à formação da pessoa e da comunidade, e as maneiras de efetivação das ações produtivas realizadas por pessoas que, junto a outras, investigam um mesmo tema em grupos de pesquisa. Essas ações foram focadas em pesquisadores/as que

⁹⁴ BICUDO, 2011, p. 23.

⁹⁵ BICUDO, 2011, p. 24.

formam grupos de pesquisa, organizados entorno de assuntos a serem estudados e que se reúnem em termos de conhecimentos prévios que se mostraram prazerosos e bem sucedidos, do ponto de vista da atividade final, qual seja, a realização da investigação. Assim, a pergunta diretriz desta investigação é posta na modalidade de *como ocorre essa produção*, sendo que esse *como* incide sobre as atividades desenvolvidas, sobre o modo propulsor da investigação, sobre as modalidades de trabalho de cada um, tomado em sua singularidade e individualidade e com o/s outro/s companheiro/s desse grupo. Saber-se acerca desse *como* é possível mediante relatos de pessoas que vivenciaram experiências de trabalho investigativo em grupo.

Sendo nossa intenção compreender a constituição de grupos de pesquisa e suas características e ir à própria vivência da experiência de pesquisadores que trabalham em grupos e dispostos à colaboração entre e com os seus membros, ao trabalhar fenomenologicamente, fez-se preciso buscar esses pesquisadores e lhes perguntar sobre suas experiências vivenciadas ao trabalhar coletivamente. Ou seja, buscar sujeitos que vivenciam o fenômeno investigado.

Como trabalhamos com autores significativos na área da Educação Matemática e da Antropologia Filosófica, entrelaçamos nossas compreensões sobre os estudos realizados com os relatos dos nossos sujeitos significativos e avançamos em direção à visualização de possibilidades de compreender como os autores significativos entendem conhecimento colaborativo; como compreendem a constituição de grupo de pesquisa; como os próprios investigadores entendem sua investigação; como se dão os modos pelos quais a produção do conhecimento é efetuada e as maneiras pelas quais se apresentam essa produção.

Os autores estudados a respeito de Antropologia Filosófica foram destacados dentre aqueles que tratam da formação da pessoa e da comunidade em uma perspectiva fenomenológica, explicitada no capítulo anterior. Também nesse capítulo são trazidos aqueles que tratam da investigação em Educação Matemática em grupos de pesquisa. Esses estudos, apresentados no Capítulo I, são importantes para nossa própria compreensão dos depoimentos dos nossos entrevistados e para a interpretação das ideias que venham a transcender os depoimentos dos sujeitos tomados em suas individualidades. O presente nas obras daqueles autores não é tomado como uma base teórica que servirá de paradigma de comparação e avaliação dos relatos dos sujeitos significativos. Porém, em uma tessitura articulada pelas ideias por nós compreendidas, constituirão o texto de nossa compreensão sobre a interrogação posta.

Abaixo apresentamos o modo pelo qual os sujeitos significativos foram assim constituídos.

2.2 Constituição dos sujeitos significativos

Os sujeitos significativos que se destacam para a presente pesquisa são aqueles que vivenciam a experiência de produzir conhecimento junto a outros pesquisadores em grupos de pesquisa na região de inquérito estudada, a saber, a Educação Matemática. Desse modo, colocamo-nos em busca de indícios dessa produtividade e por quem a realiza do modo acima descrito, qual seja trabalhando em seu próprio grupo ou com outros pesquisadores de grupos distintos.

Assim, assumindo como horizonte nossa inquietação de pesquisa e levando em consideração as díspares organizações de pesquisadores em diferentes instituições de ensino, nos voltamos para os grupos de pesquisa que afirmam trabalhar com Educação Matemática no cenário brasileiro de pesquisa.

Para chegar até esses grupos de pesquisa, nos balizamos pela institucionalização desses grupos junto ao diretório do CNPq⁹⁶. Nesse diretório, ao consultar por grupos de pesquisa que assumem trabalhar com Educação Matemática – ressaltamos que existem grupos de outras áreas que descrevem, nas repercussões dos trabalhos, que produzem pesquisas voltadas para a Educação Matemática – deparamo-nos com aproximadamente quatrocentos grupos de pesquisa. Em que pese a grande quantidade detectada e indagando para além dela, perguntamo-nos se todo e qualquer grupo de pesquisa em Educação Matemática estaria firmemente constituído e produzindo conhecimento. É notório que a partir de 2000 houve um crescimento da área, decorrente da criação de grande número de mestrados acadêmicos e mestrados profissionais na área de Ensino de Ciências, que abarca também a Educação Matemática. Ponderamos que os grupos formados mais recentemente não revelam nuances e abrangência do tema investigado. Por isso, buscamos por grupos com as seguintes características: possuir mais de dez anos de existência e ter pesquisas de doutorado concluídas, por entender que a partir de determinada experiência vivenciada haveria possibilidade de o coordenador, ou líder, apresentar os modos de organização e constituição da produção do conhecimento em Educação Matemática do seu respectivo grupo.

Optamos por realizar sucessivas buscas no *site* do CNPq, alterando as características existentes na ferramenta de busca do diretório, a fim de abarcar de maneira abrangente os

⁹⁶ <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>, acesso em 11 de maio de 2014.

diferentes grupos que trabalham com Educação Matemática no Brasil. As buscas ocorreram de cinco modos distintos. Cada modo apresentou as seguintes informações de busca:

- **Primeiro modo:** Educação Matemática; Grande grupo: Ciências Exatas e da Terra; Área do grupo: Matemática; 87 grupos.
- **Segundo modo:** Educação Matemática; Grande grupo: Ciências Humanas; Área do grupo: Educação; 344 grupos.
- **Terceiro modo:** Educação Matemática; Grande grupo: Ciências Humanas; Área do grupo: Psicologia; 5 grupos.
- **Quarto modo:** Educação Matemática; Grande grupo: Ciências Humanas; Área do grupo: Antropologia; 1 grupo.
- **Quinto modo:** Educação Matemática; Grande grupo: Ciências Humanas; Área do grupo: Sociologia; 1 grupo.

Essa busca permitiu que detectássemos e pré-seleccionássemos 438 grupos. Analisando suas constituições e historicidade, conforme acima mencionado, obtivemos 24 grupos de pesquisa, quais sejam:

- Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- Educação Matemática, Cultura e Cidadania na USS (USS/Vassouras-RJ);
- Grupo de Análise Numérica (UFU/Uberlândia-MG);
- Matemática e Cultura (UFRN/Natal-RN);
- Desenvolvimento Curricular em Matemática e Formação de Professores (PUC/São Paulo-SP);
- História Oral e Educação Matemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- História, Filosofia e Educação Matemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- Grupo de Pesquisa em História da Matemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- Prática Pedagógica em Matemática (Unicamp/Campinas-SP);
- Grupo de Trabalho e Estudos em Resolução de Problemas (Unesp/Rio Claro-SP);
- Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- Microgênese nas Interações Sociais (UnB/Brasília-DF);
- Psicologia Cognitiva (UFPE/Recife-PE);

- Psicologia da Educação Matemática (Unicamp/Campinas-SP);
- Psicologia do Conhecimento (UnB/Brasília-DF);
- Grupo de Estudos da Complexidade (UFRN/Natal-RN);
- Estudos de retórica aplicados à educação (UEM/Maringá-PR);
- Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação Matemática e Sociedade (Unisinos/São Leopoldo-RS);
- Fenomenologia em Educação Matemática (Unesp/Rio Claro-SP);
- Estudos Curriculares em Educação matemática (Ulbra/Canoas-RS);
- Educação Matemática (UFPR/Curitiba-PR);
- Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação de Professores de Matemática (Unicamp/Campinas-SP);
- Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação (UNIBAN/São Paulo-SP).

Esses vinte e quatro grupos estão distribuídos por estados do território nacional: 13 grupos em São Paulo; 2 grupos no Distrito Federal; 2 grupos no Rio Grande do Sul; 2 grupos no Rio Grande do Norte; 2 grupos no Paraná; 1 grupo no Rio de Janeiro; 1 grupo em Minas Gerais e 1 grupo em Pernambuco.

Entendemos que poderíamos entrevistar apenas os atuais líderes dos grupos de pesquisa, dada a impossibilidade de seguir, por um período relativamente grande suas atividades, co-participando de suas reuniões, por diferentes motivos. Um deles se refere à disponibilidade de tempo para participar de pelo menos seis meses das atividades de cada grupo, o que se mostrou inviável. Outra possibilidade seria escolher um grupo pelo seu significado junto à área e tomá-lo como um estudo de caso e co-participar de suas reuniões. Tentamos realizar a pesquisa desse modo. Entretanto, os membros do grupo contatado não aceitaram essa espécie de ingerência em seus trabalhos. Outro modo que se mostrou foi entrevistar os líderes ou os coordenadores dos grupos de pesquisa.

Salientamos que essa possibilidade se mostrou coerente ao que buscávamos compreender. Fomos questionados por membros da comunidade de pesquisadores da Educação Matemática que colocaram a questão: entrevistar apenas o líder poderia não abranger toda a dimensão da historicidade do grupo, e, ainda, se ele não poderia maquiar o fluxo de atividades e encobrir embates entre os membros do grupo. Entretanto, ponderamos que a descrição do entrevistado, ao expor-se, relatando o que ocorre de modo amplo, não conduzido por perguntas prévias que direcionam o movimento de articulação do seu discurso, abre possibilidades de serem constatadas dissonâncias do dito. Ainda, ao descrever a vida do

grupo, situa-se no momento presente da entrevista, mas enlaça tanto o passado, contando o que aconteceu e como o grupo foi constituído etc., como o futuro, ao falar em termos de perspectivas que se abrem.

Assim os vinte e quatro líderes dos grupos selecionados constituíram-se como sujeitos significativos desta investigação. Foi a eles que nos dirigimos, convidando-os às entrevistas para a constituição dos dados da pesquisa.

- Angela M. Cristina Uchoa de Abreu Branco (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/Brasília-DF);
- Antonio Roazzi (UFPE/Recife-PE);
- Antonio V. Marafioti Garnica (Unesp/Bauru-SP);
- Bernadete Barbosa Morey (UFRN/Natal-RN);
- Célia Maria Carolino Pires (PUC/São Paulo-SP);
- César Guilherme de Almeida (UFU/Uberlândia-MG);
- Claudia Lisete Oliveira Groenwald (Ulbra/Canoas-RS);
- Dario Fiorentini (Unicamp/Campinas-SP);
- Dione Lucchesi de Carvalho (Unicamp/Campinas-SP);
- Estela Kaufman Fainguelemt (SEVERINO SOMBRA/Vassouras-RJ);
- Gelsa Knijnik (Unisinos/São Leopoldo-RS);
- Lourdes de la Rosa Onuchic (Unesp/Rio Claro-SP);
- Luzia Marta Bellini (UEM/Maringá-PR);
- Maria Angela Miorim (Unicamp/Campinas-SP);
- Marcelo de Carvalho Borba (Unesp/Rio Claro-SP);
- Marcia Regina F de Brito (Unicamp/Campinas-SP);
- Maria Helena Fávero (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/Brasília-DF);
- Maria A. Viggiani Bicudo (Unesp/Rio Claro-SP);
- Maria da Conceição Xavier de Almeida (UFRN/Natal-RN);
- Maria Tereza Carneiro Soares (UFPR/Curitiba-PR);
- Romulo Campos Lins (Unesp/Rio Claro-SP);
- Sérgio Roberto Nobre (Unesp/Rio Claro-SP);
- Siobhan Victoria Healy (ANANHANGUERA/São Paulo-SP);
- Ubiratan D'Ambrosio (Unesp/Rio Claro-SP).

Esses grupos, como já salientado, realizam suas atividades em diferentes regiões do país. Porém, alguns Estados se destacam e dispõem de grupos de pesquisas em várias universidades, como, a saber, no Estado de São Paulo que, em cinco instituições (PUC⁹⁷; USP⁹⁸; Unicamp⁹⁹; Unesp¹⁰⁰ e BANDEIRANTES¹⁰¹), apresenta onze grupos de pesquisa selecionados, integrantes de programas de Pós-Graduação; como por exemplo, o da Unesp, *Campus* de Rio Claro – SP, onde estou inserido, existem vários grupos de pesquisa atuantes e selecionados por essa busca.

Refletindo sobre isso, entendemos que a intenção da pesquisa não é focar determinados centros de produção do conhecimento em Educação Matemática e sim compreender os modos pelos quais esses sujeitos se organizam para constituir uma determinada produção. Outro critério utilizado na escolha dos sujeitos significativos, e consequentemente convidá-los a participar da pesquisa, foi excluir aqueles pesquisadores que em pesquisas anteriores recentes, cederam entrevista para outros pesquisadores do grupo FEM¹⁰², do qual participo.

Desse modo, o movimento de escolha dos sujeitos significativos resultou em 18 indicações. A professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo, orientadora desse trabalho, por questões éticas foi excluída desta lista. Assim, tivemos respostas positivas, aceitando ser entrevistados/as, dos seguintes sujeitos:

- Antonio Roazzi (UFPE/Recife-PE);
- Bernadete Barbosa Morey (UFRN/Natal-RN);
- Célia Maria Carolino Pires (PUC/São Paulo-SP);
- Claudia Lisete Oliveira Groenwald (Ulbra/Canoas-RS);
- Dario Fiorentini (Unicamp/Campinas-SP);
- Lourdes de la Rosa Onuchic (Unesp/Rio Claro-SP);
- Marcelo de Carvalho Borba (Unesp/Rio Claro-SP);
- Maria Tereza Carneiro Soares (UFPR/Curitiba-PR);
- Siobhan Victoria Healy (ANANHANGUERA/São Paulo-SP);
- Sérgio Roberto Nobre (Unesp/Rio Claro-SP).

⁹⁷ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁹⁸ Universidade de São Paulo.

⁹⁹ Universidade Estadual de Campinas.

¹⁰⁰ Universidade Estadual Paulista.

¹⁰¹ Universidade Bandeirante de São Paulo.

¹⁰² Grupo de pesquisa Fenomenologia e Educação Matemática – Unesp/Rio Claro, coordenado pela professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo.

Salientamos que os outros pesquisadores escolhidos e que não constam nessa listagem acima ou não responderam às duas tentativas de contato por *e-mail* ou não aceitaram o convite de participação.

2.3 Comunicando com os sujeitos

O primeiro contato com os sujeitos significativos foi realizado via correio eletrônico – *e-mail*, pela professora e orientadora dessa pesquisa, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Neste *e-mail*, tomado como uma carta convite – apêndice 1 –, foram explicitados o objetivo da pesquisa e os procedimentos futuros, que, caso o pesquisador aceitasse participar da pesquisa, estaria ciente das etapas futuras que sua entrevista possibilitaria para a investigação.

Desse modo, foram contatados os dezessete pesquisadores e, de imediato, 9 deles responderam ao *e-mail*, sendo que 8 acenaram positivamente participar da pesquisa, e uma professora rejeitou o convite por motivos de saúde. Quinze dias depois de ter enviado o primeiro *e-mail*, entramos novamente em contato com os pesquisadores que até aquele momento não tinham respondido. Dessa vez houve respostas de outros pesquisadores, sendo que 2 deles também aceitaram ser entrevistados.

A seguir expomos o modo como constituímos, tratamos e analisamos os dados advindos dos relatos dos sujeitos significativos.

2.4 Constituindo os dados da pesquisa

A constituição desses dados se originou a partir da realização de entrevistas com dez líderes de grupos de pesquisa que afirmam trabalhar com Educação Matemática.

As entrevistas foram realizadas, presencialmente, com 8 pesquisadores e por *Skype* com outros 2. A dinâmica dessas entrevistas foi estabelecida por um diálogo entre *entrevistador e entrevistado*, partindo de um núcleo disparador, a saber: solicitamos que o pesquisador, líder do grupo, descrevesse seu grupo, de modo a expor suas relações cotidianas de pesquisas, no ambiente do grupo. Durante a entrevista, caso o entrevistador sentisse o apelo por saber de mais detalhes, outras indagações eram apresentadas ao pesquisador, sempre tendo como norte atento os modos de produção de conhecimento em Educação Matemática do grupo.

Nos momentos que antecederam as entrevistas, foram expostos aos entrevistados os procedimentos futuros de análise da pesquisa, e eles, unanimemente, aceitaram e autorizaram a transcrição e a publicação dos textos produzidos, a partir das entrevistas neste trabalho e, da

mesma forma, em futuros trabalhos, envolvendo a temática da presente tese. As autorizações dos depoentes também envolvem a exposição de seus respectivos nomes, e estão cedidas nas cartas de sessão, conforme o modelo anexado – apêndice 2 – à pesquisa.

As entrevistas foram transcritas em primeiro momento, de modo literal, ou seja, respeitando a organização da fala pelo entrevistado. As transcrições das dez entrevistas resultaram em dez textos. Esses textos apresentam as características de fala e de articulação de concordância da fala do sujeito entrevistado.

2.5 Breve apresentação da constituição dos dados e do movimento de análise

Nos textos obtidos com as transcrições das entrevistas, registradas em áudio, são destacados trechos significativos do dito pelos entrevistados, que dizem da interrogação da pesquisa. Esses trechos foram destacados, guiados pela pergunta norteadora da investigação, e são denominados de *Unidades de Sentido - US*. As *unidades de sentido* são entendidas, por nós pesquisadores, como o momento em que o entrevistado diz e apresenta características significativas do nosso objeto de investigação, a saber, os modos pelos quais a produção de conhecimento em grupos de pesquisa se dá.

As *US*, em um segundo momento da análise, são reescritas, expondo a compreensão sobre o explicitado por esses sujeitos à luz de nossa investigação central. A compreensão possibilitada pela análise hermenêutica é exposta em *Unidades de Significados - USg*, agora escritas na linguagem do pesquisador e, indagando-se pelo sentido dessas *USg*, tem-se a *Compreensão do dito - CD*. Esse movimento - *US*, *USg*, enxerto hermenêutico e *CD* - possibilita a compreensão da interrogação, *como se dão os modos de produção de conhecimento em Educação Matemática em grupos de pesquisa*. Procedendo-se às reduções sucessivas, articulamos: primeiras convergências de sentido e de significado - *PCSS*, *Ideias abrangentes - IA* e *Ideias Nucleares - IN*. A redução fenomenológica caracteriza-se como um movimento do pensar, expondo, por meio das articulações de ideias, a complexidade de sentidos e de significados que se entrelaçam nas ideias abrangentes.

O movimento de exposição das compreensões do fenômeno abarca o processo no qual os pesquisadores colocam o fenômeno em evidência. Guiados pelos estudos husserlianos, entendemos que o fenômeno de pesquisa é colocado em suspensão ou evidência ou *epoché*. Isso quer dizer que os pré-conceitos do pesquisador sobre o tema de pesquisa também estão em suspensão e, assim, ele os põe em atenção para que suas experiências vividas não conduzam, deterministicamente, o movimento de pesquisa.

As compreensões do fenômeno de pesquisa são expressas quando vamos-às-coisas-mesmas e, assim, dizemos do fenômeno de investigação com o que se mostra no movimento de percepção e com sua análise, reflexão e interpretação. Nesta perspectiva, expressamos compreensões daquilo que se mostra, segundo o olhar inquiridor do pesquisador.

Ainda segundo Husserl, o movimento de redução é tomado como a intencionalidade, determinada pelos atos de consciência. Como sujeitos intencionais, estamos abertos ao mundo que se apresenta à nossa percepção, de modo que o movimento de redução expresse o mundo em sua essencialidade. Assim, podemos, a partir dessa transcendência do mundo, descrevê-lo e interpretá-lo.

Esse movimento se apresenta com importância para a investigação, pois *pela redução os atos da consciência expõem-se, ou seja, toma-se ciência deles de modo que, pela reflexão, são explicitadas as raízes cognitivas das próprias afirmações*¹⁰³. Deve-se esclarecer que, conforme Bicudo¹⁰⁴, aqui, redução não se refere a uma simplificação ou a um resumo do apresentado no texto, mas a um movimento de pensar articulador em que os sentidos vão se enrolando em mais sentidos e pelos significados atribuídos, postos em linguagem, vão se configurando em ideias que os abrangem em uma totalidade compreensiva.

Nesta modalidade de pesquisa, a articulação de ideias, em todos mais abrangentes, dão origem a *categorias abertas* ou convergências. Segundo Martins e Bicudo, as categorias a partir da *perspectiva fenomenológica de conduzir a pesquisa [...] são chamadas abertas em contraposição às categorias como concebidas aristotelicamente. Categorias são, segundo Husserl, grandes regiões, não apriorísticas, de generalizações*¹⁰⁵.

Ainda no que diz respeito à nossa investigação, visamos a articulação das categorias abertas ou grandes convergências que constituirão uma rede de significados do fenômeno focado. Essa rede solicita uma meta-compreensão do pesquisador, na direção de apresentar o modo pelo qual ele está compreendendo o fenômeno, após o movimento investigativo efetuado, em um diálogo estabelecido entre a interrogação posta, os autores estudados, a fala dos sujeitos de pesquisa e os pesquisadores com os quais trabalhamos.

Buscando ilustrar o que será desenvolvido por nós na análise desta investigação, apresentamos uma pesquisa realizada por outro integrante¹⁰⁶ do grupo FEM concluída no ano de 2011, a qual expressa o movimento investigativo que temos praticado.

¹⁰³ BICUDO, 1999, p. 22.

¹⁰⁴ Cf. BICUDO, 2011.

¹⁰⁵ MARTINS; BICUDO, 1989, p. 80-81.

¹⁰⁶ Trata-se da tese de doutoramento de Roger Miarka, intitulada: *Etnomatemática: do ôntico ao ontológico*, que analisou, a partir de uma perspectiva fenomenológica, o discurso de cinco pesquisadores em etnomatemática,

Visando delimitar uma região de inquérito a ser investigada, Miarka expõe sua proposta de pesquisa: *investigar os modos pelos quais a pesquisa em etnomatemática se mostra em sua região de inquérito*. A partir dessa intenção de investigação, abrem-se os seguintes objetivos: abertura de discussões de temas que estejam inseridos no âmbito da comunidade de *pesquisa em etnomatemática, de modo a efetuar o movimento ôntico-ontológico, e trazer críticas radicais e reflexões que ajudem a comunidade de pesquisadores em etnomatemática a compreender melhor aquilo que foi discutido*¹⁰⁷.

O desenvolvimento da pesquisa se deu com o autor assumindo uma postura fenomenológica e seguindo-a como metodologia de pesquisa. Segundo Miarka, essa atitude se mostrou importante devido a algumas características próprias da fenomenologia, assumidas como centrais para a pesquisa, sendo estas: *seu rigor metodológico ao lidar com descrições*¹⁰⁸; *tomar a percepção como primado na compreensão do fenômeno*¹⁰⁹; *a compreensão do fenômeno é perseguida indo-à-coisa-ela-mesma*¹¹⁰.

Foram entrevistados sujeitos considerados significativos na área. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas literalmente. Segundo o autor, essas transcrições se constituíram como texto e desse modo são tratadas na pesquisa; sendo assim, as cinco entrevistas resultaram em cinco distintos textos. Cada um dos textos *em sua íntegra foi organizado sequencialmente por blocos de ideias entendidos como discursos contínuos do entrevistado sem interrupção do entrevistador*¹¹¹ e reunido em uma sequência numérica. Foi realizada uma análise hermenêutica em cada texto, a partir dos trechos selecionados nos blocos de ideias, apresentando uma compreensão do pesquisador sobre esses trechos, uma vez que o pesquisador apropria-se dos estudos das obras do sujeito entrevistado, tentando por sua vez expressar o compreendido em uma linguagem clara e fiel à região de inquérito investigada e denominando-os como Unidade Discursiva de Significado, ressaltando *que análise não visava a uma tradução do dito, mas a uma explicitação da compreensão do dito pelo pesquisador*¹¹².

buscando por seus fundamentos metodológicos, filosóficos e epistemológicos, apontando suas diferenças, semelhanças e complementaridades. A pesquisa foi guiada pela seguinte pergunta direcionadora: *Quais são os modos pelos quais a etnomatemática se apresenta em sua região de inquérito?*

¹⁰⁷ MIARKA, 2011, p. 31.

¹⁰⁸ Cf. BICUDO, 2005.

¹⁰⁹ Cf. MERLEAU-PONTY, 2000.

¹¹⁰ Cf. MIARKA; BICUDO, 2012.

¹¹¹ MIARKA, 2011, p. 42.

¹¹² MIARKA, 2011, p. 42.

A pesquisa, por ser fenomenológica ocorre por reduções sucessivas, em que se buscam as características essenciais do fenômeno. No FEM tem-se assumido a importância de, ao finalizar a investigação, proceder a uma meta-análise sobre o realizado.

Esse movimento é o visualizado para esta investigação.

CAPÍTULO III

O MOVIMENTO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, trazemos os procedimentos seguidos ao realizarmos a investigação do tema desta pesquisa, visando deixar claro os modos pelos quais avançamos a cada passo, desde a constituição dos dados dos individuais que analisamos expostos nos Quadros ideográficos até às convergências mais abrangentes expostas nos Quadros Nomotéticos. A seguir trazemos essa explicitação.

3.1 Tratamento dos dados constituídos das entrevistas com sujeitos significativos

Uma vez constituídos os dados mediante a realização das entrevistas e de suas transcrições, inicia-se um movimento de tratamento dos dados expressos nos relatos do dito pelos sujeitos significativos.

Sendo assim, nos voltamos para a importante ação de transcrever o dito pelos sujeitos significativos, conforme exposto no item 2.4 do Capítulo II deste texto. A transcrição foi realizada da gravação em áudio das entrevistas. Mediante esse procedimento, obteve-se um texto que expõe o discurso de cada entrevistado, tendo-se obtido, desse modo, dez textos escritos. Estes textos são os relatos que serão analisados e interpretados.

Conduzidos pela interrogação, buscamos entrevistar os pesquisadores líderes dos grupos de pesquisas, visando, a partir de seus depoimentos envolvendo suas relações cotidianas que se dão no âmbito do grupo de pesquisa que coordenam, obter relatos que expõem visadas do fenômeno investigado.

Sendo assim, após a realização das dez entrevistas, procedemos com as transcrições do dito. Durante o processo de transcrição, caracterizado como um trabalho árduo, minucioso e lento, os pesquisadores já se colocavam em atenção à luz da interrogação da pesquisa. O movimento de transcrição expõe as vivências do fenômeno expressa pelos pesquisadores entrevistados. Nas transcrições é evidenciado o fenômeno vivenciado pelo sujeito entrevistado.

Resumindo o dito, as entrevistas de cada sujeito significativo, após serem transcritas, foram analisadas. Nesse processo de análise, foram destacadas as US, entendidas como

citações relevantes dos depoentes, olhadas da perspectiva da interrogação formulada pelos pesquisadores. Essas unidades exigiram que fossem compreendidos os sentidos do dito pelo sujeito e, para tanto, buscamos efetuar uma análise hermenêutica que pode apontar sentidos e significados.

A análise fenomenológica busca compreender o fenômeno de pesquisa à luz da pergunta diretriz da investigação. Esse movimento de análise e interpretação é complexo e considerado imprescindível para que se possa dizer do percebido, conforme entendemos, lançando-se mão da análise hermenêutica.

Entendemos, conforme Bicudo¹¹³, que é importante o enxerto hermenêutico na análise dos depoimentos, uma vez que são relatados em fala-falante transcrita em textos escritos que trazem o discurso do entrevistado, ou seja, a sua articulação do exposto em linguagem logicamente organizada. Sendo a característica das palavras ditas ambígua dada sua polissemia, e, também, dado que a linguagem logicamente organizada faz sentido no contexto histórico-cultural em que se insere, é preciso que se busque pelo sentido que o dito faz no relato do pesquisador e no contexto em que se encontra. Trazendo explicitações de sentidos e significados, mediante estudos interpretativos, pois hermenêuticos, busca-se não ficar refém de uma análise puramente empírica dos relatos, apenas repetindo recortes dos mesmos, tal como foram falados.

Abaixo seguem dois momentos do movimento de análise fenomenológica.

3.2 Análise Ideográfica

Na análise dos dados da pesquisa, assim como durante todo o seu desenvolvimento, assumimos a postura fenomenológica que, *como método de investigação, [...] trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto*¹¹⁴ nas teorias, ideologias, expressões culturais e históricas.

Explicitada a postura investigativa assumida e envolvida pela sistematicidade do caminhar fenomenológico, a seguir apresentamos os passos realizados na análise fenomenológica. Esses passos envolvem momentos distintos: um da *análise ideográfica*, e outro da *análise nomotética*.

A *análise ideográfica* tem por meta esclarecer os sentidos e significados presentes nos discursos dos depoentes, entendidos como individuais no todo das entrevistas realizadas. Este

¹¹³ Cf. BICUDO, 2011.

¹¹⁴ BICUDO, 1999a, p. 12-13.

movimento perpassa pela leitura atenta – tantas vezes quantas sejam necessárias para que o seu sentido se faça para os pesquisadores -, do texto obtido pela transcrição das entrevistas, pelos destaques de passagens importantes à luz da interrogação e pela análise hermenêutica, a qual ajuda a mostrar os sentidos das palavras por movimentos do pensamento articulador do pesquisador na exposição das transcrições das unidades de significados.

Sendo assim, o movimento de análise fenomenológica se inicia com a constituição dos dados. No caso particular desta investigação, os dados, como já explicitado, foram constituídos mediante as entrevistas realizadas. Movidos pela pergunta norteadora desta pesquisa, *como se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisa? buscamos por sujeitos significativos e os entrevistamos*. Como já mencionado, foram realizadas 10 entrevistas com pesquisadores líderes de grupos de pesquisa constituídos no Brasil há mais de dez anos, que apresentam orientações de doutoramento concluídas. Esse quesito mostrou-se relevante, pois se tratam de grupos com uma historicidade que permite revelar seu próprio movimento constituinte.

As *entrevistas transcritas*¹¹⁵ foram organizadas e estruturadas no que denominamos *análises ideográficas*, concernentes a cada entrevista realizada. Desse modo, o texto da entrevista é trazido em sua totalidade, porém já com destaques das Unidades de Significado, bem como com a explicitação do respectivo enxerto hermenêutico, da USg e da CD especificadas mediante siglas e números, expondo, então, nosso modo de organização do pensado à luz da interrogação da pesquisa.

As entrevistas, em sua íntegra, se encontram no apêndice 3.

A seguir uma situação exemplificadora de como foram constituídos as análises ideográficas:

Sujeito Significativo AR: Prof. Dr. Antonio Roazzi

Unidades de sentido	AR - Bom, eu não me lembro em qual ano, porque na realidade, entre nós, tem uns grupos de pesquisas... <u>Antigamente a gente fazia assim, todo mundo que é da <i>pós-graduação</i> é um grupo de pesquisa, entendeu? Então, colocava junto, o <i>coordenador</i> colocava todo mundo</u> , até para justificar quando pede financiamento, isso na primeira fase da década de 1990, depois da década de 1990 começou, vamos fazer vários grupos, então, várias pessoas fizeram os grupos específicos, né?
Enxerto	<i>Pós-graduação</i> : curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as

¹¹⁵ Daqui em diante serão denominados apenas Relatos.

Hermenêutico	apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado. <i>Coordenador:</i> professor da pós-graduação que organiza e dinamiza as atividades do curso.
Unidades de significado	AR5 - O depoente se refere ao modo pelo qual o grupo de pesquisa foi constituído na pós-graduação por todos integrantes desse curso e organizado pelo coordenador da pós-graduação.
O que é dito	CDAR5 - Da historicidade do grupo de pesquisa na pós-graduação.

Em síntese, as análises ideográficas são nomeadas pelas iniciais do nome do Sujeito significativo seguido por duas letras maiúsculas em negrito acompanhadas de um número ordinal. As letras correspondem às iniciais do nome do pesquisador entrevistado. Os números representam a ordem do quadro referente a todos os quadros que constituem a entrevista. No exemplo acima, o Quadro número 5 é a ordem de sua realização, e AR são as iniciais do nome do professor entrevistado, Antonio Roazzi.

Nos Quadros são apresentadas as falas do entrevistado. Todos os relatos foram realizados pelo pesquisador, representado pela primeira letra do seu nome: **A** (Anderson) destacada em negrito e suas falas são destacadas em itálico no texto. O entrevistado é representado pelas letras iniciais dos seus dois primeiros nomes e destacadas em negrito, seguida por sua fala.

Os *quadros Ideográficos* foram trazidos, nesse momento da análise, como um organizador do texto, expondo um passo do movimento de análise que está sendo realizada.

É importante esclarecer que terminada a transcrição do áudio, obteve-se um texto escrito. As *US* são passagens destacadas entendidas como importantes para abertura da compreensão. Avançando no movimento de análise rumo à articulação do sentido compreendido pelo pesquisador, articulam-se as *USg*, expostas na linguagem do pesquisador já abrangendo as compreensões abertas pela análise hermenêutica. Ainda, no movimento de análise, pergunta-se, sistematicamente, pelo que é compreendido do que foi dito, que, no quadro Ideográfico, é trazido como a *CD*. Estas são expressas e nomeadas da seguinte forma: **CD** mais as iniciais dos dois primeiros nomes do pesquisador entrevistado, com letras maiúsculas e em negrito, seguidas por um número ordinal que representa a ordem em que aparecem nos textos analisados da unidade de significado no texto.

Finalizada a análise ideográfica, adentramos o movimento de transcender os dados, caminhando em direção a articular ideias que abrangem as compreensões do dito pelo pesquisador, mediante reduções sucessivas que conduzem às articulações, cada vez mais

abrangentes, evidenciando o movimento que vai do individual ao geral, ou seja, da análise ideográfica para a nomotética.

Expomos abaixo, um resumo da sequência do movimento de investigação desta pesquisa.

- Leituras e releituras das transcrições das entrevistas;
- Destaque das US dos relatos obtidos da transcrição da entrevista de cada sujeito significativo;
- Análise de cada US, com a ajuda da interpretação hermenêutica, constituindo USg escritas na linguagem do pesquisador;
- Compreensão do que é dito nas USg à luz da pergunta de pesquisa;
- Construção da Matriz Ideográfica;
- Construção das Matrizes Nomotéticas;
- Constituição das convergências das Ideias Abrangentes e das Ideias Nucleares;
- Construção de uma Rede de Significados;
- Interpretação do que as Ideias Nucleares dizem do fenômeno interrogado à luz da região de inquérito.
- Apresentação de uma síntese compreensiva que abrange as características que se destacaram a respeito da produção do conhecimento em grupos de pesquisa.

3.3 Análise Nomotética

Como já explicitado, a análise ideográfica se refere às características específicas da análise do discurso das entrevistas individualmente consideradas. A transcendência desses individuais ou especificidades é realizada no movimento da análise *nomotética*. Esta *indica o movimento de reduções que transcendem o aspecto individual da análise ideográfica*¹¹⁶.

Fenomenologicamente, essa transcendência do individual se dá por meio das compreensões realizadas, em que os pesquisadores se atentam às convergências e divergências de sentido e significados articulados, avançando em direção à compreensão e exposição dessas articulações pela linguagem.

Bicudo (2011) expõe a importância de nos colocarmos em atenção nos momentos de análise e seus respectivos procedimentos indicados, não os considerando como algo linear e que seguem certo padrão de realização, porém enfocando *movimento do pensar que se realiza efetuando insights, abstrações, comparações, articulações, reunindo e separando aspectos,*

¹¹⁶ BICUDO, 2011, p. 58.

*expressando o compreendido pela linguagem*¹¹⁷, ou seja, são os movimentos do pensamento investigativo que os pesquisadores efetuam ao realizar a investigação, teorizando.

A seguir apresentamos nas matrizes nomotéticas a exposição e disposição do modo pelo qual realizamos as reduções em busca das *ideias abrangentes* que constituem as *ideias nucleares desta pesquisa*.

A primeira Redução, denominada R1, é constituída pelas US, USg e CD, explicitadas pelas CD acrescidas das indicações do entrevistado e numeração das passagens destacadas e analisadas no texto. Obtivemos: CDCP de 1 a 48; CDLH de 1 a 63; CDDF de 1 a 78; CDMB de 1 a 89; DCMT de 1 a 50; CDAR de 1 a 35; CDBM de 1 a 41; CDCL de 1 a 56; CDSN de 1 a 34; CDLO de 1 a 29; e as quais somadas perfizeram 522, cuja lista se encontra no apêndice 3.

Dispostas em uma sequência, e, paulatina e sucessivamente, perguntamo-nos pelo que dizem as 522 CD. Nesse movimento se procede às convergências de sentidos que se fazem para os pesquisadores, os quais solicitam uma nomeação, suficientemente abrangente para delas falarem. Estas 522 CD foram articuladas no segundo movimento de redução, R2, como exposta a seguir, constituindo as 34 *Primeiras Convergências de Sentido e Significado - PCSS*. São estas articulações nomeadas e numeradas que se constituem em dados para a redução seguinte, a R3. Esta é denominada *Ideias Abrangentes*, que especificamos como R3IA, numeradas de 1 a 7. Perguntando-nos, novamente, se, pelo que dizem as 07 Ideias Abrangentes, poderia ser realizada mais uma redução. Pela nossa compreensão, houve possibilidade de se proceder a mais uma, a R4, denominada *Ideias Nucleares*, especificadas como R4IN, numeradas de 1 a 4.

Abaixo, expomos a R2 apresentada em 34 Quadros indicados pelas respectivas articulações das CD mediante o número da redução e da convergência, indo de R2.1 a R2.34 e nomeados também pela expressão do entendimento que essa convergência diz.

QUADRO R2.1: FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR1: Do grupo de pesquisa e sua constituição: dos professores orientadores e seus respectivos orientandos.
CDAR26: Da participação no grupo: pesquisadores, alunos de mestrado e doutorado e também, ex-alunos formados no grupo.
CDBM1: Segundo a entrevistada, inicialmente, seu grupo não era estruturado como um grupo de pesquisa, e sim, apenas um grupo de estudo que contava com a participação dela, do professor Fossa e de seus respectivos orientandos.

¹¹⁷ BICUDO, 2011, p. 59.

CDBM2: Da constituição do grupo: estrutura inicial e articulações para constituição de um grupo de pesquisa.
CDCP1: Da constituição do grupo de pesquisa: foi constituído no ano de 2000, e é um grupo de pesquisa do programa de estudo dos pós-graduados em Educação Matemática da PUC-SP.
CDCP4: Da constituição do grupo de pesquisa: quando foi trabalhar na PUC-SP, em um programa de pós-graduação, a sua primeira vontade foi de constituir um grupo de pesquisa que debatesse, analisasse as questões curriculares no Brasil.
CDCP5: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: quando começou a orientar alunos na pós-graduação, de certa maneira foi guiada pelo desejo investigativo dos estudantes, e salienta que cada um vem com uma ideia, um desejo de pesquisar este ou aquele tema.
CDCP6: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: nos primeiros passos de sua constituição, o grupo tinha ainda um foco de pesquisa delimitado, e acabou constituindo dois subgrupos, cujos estudos estavam voltados para a questão do currículo e da formação de professores.
CDCP7: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: em seu início o grupo organizou dois projetos de pesquisa, o primeiro sobre inovações curriculares no ensino fundamental e médio; e o segundo sobre a formação de professores.
CDDF1: Da constituição do grupo de pesquisa: com objetivo de se apoiarem mutuamente e aprofundarem nas discussões teóricas e metodológicas do processo de pesquisa.
CDDF2: Da constituição e produção do grupo de pesquisa: características de seu desenvolvimento com produções significativas de estudos e de trabalhos.
CDDF3: Da constituição do grupo de pesquisa e organização de subgrupos de pesquisa.
CDDF4: Da constituição do grupo de pesquisa: carregando as características de estudo e pesquisa sobre a formação de professores de matemática e uma coordenação mais forte visando à institucionalização do grupo.
CDDF5: Da constituição e característica do grupo de pesquisa: o surgimento aconteceu por meio dos anseios dos pós-graduandos.
CDDF6: Da constituição e característica do grupo de pesquisa: no início do grupo, o aspecto referente aos saberes docente era muito forte e a epistemologia da prática docente e desenvolvimento profissional veio surgir com bastante força dois ou três anos depois e a partir do surgimento dessa nova vertente, a primeira referente aos saberes docente perde força e espaço.
CDDF8: Da constituição dos membros do grupo de pesquisa: grupo formado apenas por doutores que desejam continuar participando das pesquisas.
CDDF57: Da constituição do grupo de sábado: uma alternativa de espaço, formação e desenvolvimento profissional dos professores a partir dos estudos das práticas, discussões e reflexões sobre o ensinar e aprender matemática nas escolas.
CDMB1: Da existência do grupo de pesquisa: o GPIMEM está completando agora, segundo o código civil, sua maioria, pois o grupo no ano de 2015 vinte e um anos de existência.
CDMB2: Do surgimento do grupo de pesquisa: desejo de quebrar com a solidão e querer

utilizar as tecnologias informáticas.
CDMB3: Do surgimento do grupo de pesquisa: da presença dos pesquisadores que ajudaram na constituição do grupo.
CDMB58: Do crescimento do grupo de pesquisa: reflete na influência do grupo em trabalhos desenvolvidos na escola, e também na quantidade de pessoas que podem ter sido ajudadas.
CDMT1: Da constituição do grupo: oriundo da linha de pesquisa do mestrado, cognição, aprendizagem e interação social, tendo sido o solo para a criação da nova linha de pesquisa, com foco em investigações em Educação Matemática.
CDMT2: Da constituição das temáticas de investigação do grupo: psicologia da Educação, com ênfase na psicologia da Educação Matemática; formação de professores; história da matemática e história da Educação Matemática.
CDMT3: Dos participantes do grupo: congrega pessoas oriundas de dois programas de mestrado e doutorado, a saber, de Educação e Educação Matemática.
CDMT5: Da constituição do grupo: o grupo foi constituído a partir da intenção de ser uma linha de pesquisa do curso de doutorado da UFPR.
CDSN3: Da criação do grupo de pesquisa e seus integrantes: sempre foram os pesquisadores/orientadores e seus respectivos orientandos; e ressalta também que no surgimento do grupo, também contavam com a participação do professor Ubiratan D'Ambrósio e de seus orientandos que trabalhavam com questões de história, etnomatemática e outros assuntos.
CDLH1: Da coordenação de grupos de pesquisa: atualmente no diretório do CNPq possui dois grupos de pesquisa cadastrados. O primeiro grupo: Tecnologia e meios de expressões matemáticas e o segundo: Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação que trabalha principalmente com tecnologias digitais, de psicologia ou deficiências.
CDLH6: Da criação do grupo de pesquisa: na mesma época em que seu grupo foi criado e começou a desenvolver pesquisas voltadas para tecnologias digitais, outros grupos de diferentes lugares do Brasil também foram criados, como no caso de grupos inseridos a pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.
CDLH48: Da criação de grupos de pesquisa: decidiu criar um novo grupo de pesquisa por pressão e visando a mudança na nomenclatura do novo grupo, pois segundo ela o fato do grupo primeiro grupo ter em seu título tecnologia, o grupo a usa em um sentido mais amplo.
CDLO10: Da temática investigativa do grupo: o professor Baldino saiu da UNESP, o grupo precisou ter sua forma, e salientam que possuem um projeto de pesquisa que não termina, pois é constituído por pessoas diferentes, com assuntos diferentes.
CDLO11: Da criação do grupo de pesquisa: criou o GTERPE a partir da necessidade de reformular o antigo grupo do professor Baldino, e salienta que o grupo não está cadastrado na SBEM, mas não sabe o motivo.
CDLO13: Da constituição do grupo de pesquisa: criaram o grupo com a denominação de GTERP e desde 1992 esse grupo funciona na pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.

As 32 CD expostas neste Quadro R2.1 trazem o sentido de formação de grupo de pesquisa, na medida em que os sujeitos expõem modos pelos quais os grupos que coordenam

foram se constituindo. Optamos por nomear o Quadro com o nome da convergência articulada, pois assim, conforme nossa compreensão, a ideia que reúne essas 32 CD já fica explicitada.

QUADRO R2.2: PROCEDIMENTOS DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR2: O que o grupo de pesquisa faz: orientações coletivas.
CDAR3: O que o grupo de pesquisa faz: discussão dos projetos de pesquisa dos docentes e discentes.
CDAR10: Das ações do grupo de pesquisa: realização e participação de reuniões e eventos com o objetivo de discutir as temáticas e pesquisas em desenvolvimento no grupo.
CDAR11: Das ações do grupo de pesquisa: realização e participação de reuniões e eventos com o objetivo de discutir as temáticas e pesquisas em desenvolvimento no grupo.
CDBM14: Reuniões do grupo de pesquisa: retomada da rotina de encontros do grupo.
CDBM15: Reuniões do grupo: manutenção e escolhas de leituras já realizadas pelo grupo de pesquisa em anos anteriores.
CDBM18: Dos encontros do grupo: exposições das ideias de temas de pesquisa do grupo de pesquisa.
CDBM31: Das apresentações dos pesquisadores nas reuniões do grupo: expõe as investigações e possibilidades de trabalho entre os demais membros do grupo de pesquisa.
CDCP12: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o primeiro projeto de pesquisa que realmente funcionou nessa perspectiva de grupo foi o de construção de trajetórias hipotéticas de aprendizagem e implementação de inovações curriculares no ensino médio.
CDCL39: Do desenvolvimento de investigações coletivamente no grupo de pesquisa: os membros trabalham individualmente, em parcerias, por exemplo, orientador e orientandos e também com pesquisadores visitantes.
CDDF61: Dos aspectos e do rigor investigativo do grupo: há no grupo um rigor investigativo que atende aos pressupostos de natureza acadêmica, embora o grupo de sábado não se caracterize como um grupo acadêmico institucionalizado. Essa característica permite que o grupo seja mais livre para escrever da forma que desejar, apresentando uma liberdade maior e resultando em outros aprendizados.
CDMB55: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: da participação dos membros do grupo em atividades que não estão relacionadas com suas investigações de pesquisa. Exemplifica, expondo a interação realizada na submissão do último projeto do grupo e salienta que os alunos que participaram das atividades entendiam a importância de aprender a elaborar um projeto de tamanha envergadura.
CDMB56: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: nas interações dos membros do grupo para o desenvolvimento de atividades que não estão relacionadas com suas pesquisas, os membros do grupo ganham algumas coisas e perdem outras.
CDMB57: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: as pessoas se relacionam muito por meio da internet e usam a internet para manter determinadas distâncias que são necessárias para evitar tensões.

CDMB62: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: a ajuda dos membros do grupo entre si, porém essa ajuda é de livre vontade, não existindo nenhum tipo de pressão social por parte do orientador.
CDMB63: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: o coordenador reúne pessoas que querem realizar voluntariamente um trabalho específico, considerando que as diferentes inteligências e habilidades. Salienta que a pessoa que realiza uma tarefa obrigada dá mais trabalho, pois ele perde um determinado tempo explicando o que deve ser feito, e no final o resultado é pior do que o proposto inicial.
CDMB64: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: os membros do grupo realizam outras tarefas que não as específicas do tema de pesquisa, porém o coordenador se coloca em atenção na designação destas, pois, para realizar determinadas tarefas, a pessoa precisa saber de matemática, de tecnologia, de educação e junto com isso e precisa apresentar certa vocação para determinada função administrativa.
CDMB75: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: o GPIMEM passou a ter um canal do youtube que se caracteriza como um disponibilizador de várias falas dos cursos a distância gravadas, e também está desenvolvendo um trabalho de extensão utilizando as redes sociais, pois notaram que os alunos não respondiam e-mail; os professores apresentavam várias dificuldades de estarem em um AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem.
CDMT22: Dos procedimentos de trabalho do grupo: reuniões entre os pesquisadores em que todos os envolvidos na investigação são ouvidos e colaboram de forma oral e escrita dos projetos investigativos de outros membros do grupo de pesquisa.
CDLO9: Das discussões do grupo de pesquisa: o grupo continuou com as temáticas do grupo de pesquisa do Baldino, era da Educação Matemática e tinham reuniões às quintas-feiras, em que eram discutidos os problemas que geravam críticas e de onde muitas teses nasceram das discussões do grupo.

As 21 CD expostas neste Quadro R2.2 trazem o sentido dos procedimentos que os grupos de pesquisa assumem em seu modo de existir. *Procedimentos de Grupo de Pesquisa* é o sentido que se fez para nós ao reunirmos os sentidos e significados das CD expostas nesse Quadro.

QUADRO R2.3: TEMÁTICAS DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR4: Com o que o grupo de pesquisa trabalha: com cognição e aspectos mais amplos como apego e emoção.
CDAR12: Das temáticas investigativas do grupo: ligadas às questões e aspectos que envolvem o cognitivo.
CDBM5: Da temática investigativa do grupo: após a formação de alguns pesquisadores, a temática investigativa do grupo ficou sendo a história da matemática.
CDBM6: Da temática de investigação do grupo: história da matemática.
CDCP2: Da constituição da temática do grupo de pesquisa: a vivência profissional possibilitou a coordenadora do grupo, compreender a existência de um distanciamento entre

o professor e os diferentes níveis de decisões das <i>propostas curriculares</i> .
CDCP3: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: afirma que participou de diferentes situações envolvendo a reforma curricular de 1980, e que isso despertou o interesse de ir para pós-graduação, cursando o mestrado em matemática, e o doutorado em Educação, investigando a questão dos currículos de matemática.
CDCP8: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo sempre procurou definir, de modo claro para todos os membros, quais eram os projetos de pesquisa; produzindo um documento de referência do que está sendo realizado, que indique o que cada pesquisador está realizando.
CDCP9: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a maioria das investigações foram motivadas por interesses dos estudantes e também por um debate inicial que o grupo instituiu para conduzir os pesquisadores à compreensão da importância de trabalharem temas em comum.
CDCP14: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo desenvolveu uma pesquisa comparativa sobre o desenvolvimento curricular em países da América Latina; e ressalta que essa proposta foi apresentada ao grupo por ela, pois tinha certa experiência na presidência da FISEM – Federação Ibero-americana de Sociedade de Educação Matemática, firmando vários contatos com pesquisadores de outros países.
CDCP15: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a pesquisa desenvolvida sobre currículo de matemática na educação de jovens e adultos foi um projeto proposto por quatro alunos ingressantes, um doutorando e três mestrandos, que revelaram o interesse por trabalhar com currículos da educação de jovens e adultos. Então isso é mais uma vantagem de você trabalhar com grupos, porque você pode estar dimensionando vários níveis, várias etapas, várias situações e trazendo isso para um debate, o que se fosse feito individualmente a gente não teria tantas possibilidades.
CDCP17: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a denominação do grupo, desenvolvimento curricular de matemática e formação de professores, procura explicitar os dois focos de trabalho do grupo, que são articuladas com políticas públicas na investigação em Educação Matemática.
CDCP19: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: no projeto de pesquisa do grupo são indicados os autores, destacados de um levantamento de literatura, que serão estudados.
CDCP24: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o coordenador intui a força de um tema compatibilizando os interesses individuais de cada pesquisador membro do grupo e salienta que apenas o interesse individual do pesquisador não é suficiente para justificar uma pesquisa, mas sim a demanda existente dessa temática na área investigada.
CDCL1: Das temáticas do grupo de pesquisa: o que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia. Ainda, ressalta que o grupo busca pesquisar questões do currículo de maneira que se pode realizar uma transformação curricular.
CDCL2: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o currículo de matemática nas perspectivas de o que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia.
CDCL3: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: o currículo de educação

matemática do ensino fundamental e médio.
CDCL5: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: o uso das tecnologias na Educação Matemática.
CDCL6: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: o currículo nas séries iniciais do ensino fundamental através das competências dos alunos.
CDCL7: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: a utilização de metodologias tanto no ensino fundamental como no ensino médio.
CDCL8: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: a utilização da tecnologia na sala de aula, mais especificamente com o uso de sequências didáticas eletrônicas.
CDDF9: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: o engajamento do grupo se dá em um projeto universal do estado da arte da pesquisa que tem o professor como foco de estudo, financiado pelo CNPq. Esse projeto, por ter a característica de ser realizado no âmbito nacional, trouxe alguns pesquisadores que pertenciam ao grupo e estavam afastados e envolve a análise de aproximadamente mil dissertações e teses.
CDDF12: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: a ênfase de pesquisa do grupo ao se tornar interinstitucional se transforma, deixando de se realizar apenas pesquisas denominadas de primeira ordem, de natureza mais empírica e optando a desenvolver pesquisas de segunda ordem, que seriam trabalhos de meta-análise.
CDDF20: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: Da região e dos sujeitos investigativos do grupo de pesquisa.
CDDF21: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: Dos interesses de pesquisa e constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
CDDF53: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: Do foco de discussões do grupo de sábado.
CDDF54: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: Dos participantes e da ênfase nas discussões do grupo de sábado.
CDDF60: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: Da perspectiva investigativa e das temáticas do grupo PRAPEM.
CDDF67: Da temática investigativa e das discussões do grupo de pesquisas: os livros e as pesquisas desenvolvidas coletivamente e publicados pelo grupo refletem-se nos projetos gestados analiticamente pelos pesquisadores.
CDMB6: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a preocupação investigativa do grupo converge para as tecnologias em informática e expõe a existência de uma transformação acelerada que envolve essa região investigativa, e exemplifica essa transformação com a mudança na nomenclatura da área, de Tecnologias da Informação para Tecnologias Digitais da Informação.
CDMB7: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a internet se tornou muito presente no Brasil na época de surgimento do grupo, contribuindo para a definição da temática investigativa.
CDMB8: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a temática vem se transformando, assim como o grupo que está em constante aprendizado ao pesquisar a dinâmica das tecnologias no ensino e aprendizagem da matemática.
CDMB10: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: investigações voltadas para a

informática, outras mídias e Educação Matemática; como estas tecnologias digitais entram ou não entram na sala de aula e/ou como a internet tem transformado o nosso cérebro, como a internet tem transformado as nossas normas de boa convivência.
CDMB11: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: investigando como os alunos pensam o software de maneiras distintas; como que diferentes alunos trabalhando com diferentes softwares e lápis e papel e outros instrumentos pensam matemática, como que eles constroem matemática, como que eles produzem matemática.
CDMB12: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: como o trabalho com tecnologia estaria sempre associado com criação, com geração de novos problemas.
CDMB13: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: elaboração e execução das atividades que compõem as pesquisas de dissertações e teses são rascunhos e aprimoramento do que está sendo realizado sobre a temática central de investigação no grupo de pesquisa.
CDMB15: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: o grupo realizada o que se convencionou chamar em Educação Matemática de modelagem matemática, investigando como os alunos pensam e geram problemas abertos na medida em que trabalham com tecnologias diferentes.
CDMB16: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a segunda vertente de investigação do grupo de pesquisa é a modelagem matemática.
CDMB17: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a terceira vertente de investigação do grupo é a questão da EAD online; e ressalta que a vertente de pesquisa principal do grupo não é construída pela vontade do coordenador ou de outros membros do grupo, e sim, por forças sociais.
CDMB18: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a EAD online acompanha as mudanças e desenvolvimento da internet, o que é denominado de AVA Ambientes Virtuais de Aprendizagem, e as investigações nesse ambiente convergem para: como realizar os cursos? Como pensar atividades? Como que a matemática poderia estar se modificando nesse ambiente virtual?
CDMB21: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a presença de celulares na sala de aula, em que os alunos podem acessar e indicar links sobre o conteúdo estudado. O depoente ressalta que as questões investigativas se caracterizam em como o grupo lida com isso e em como trabalhar com isso.
CDMB22: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a quinta vertente de investigação do grupo deriva da educação online, no qual os pesquisadores analisam cursos de educação online que não sejam oferecidos pelo próprio grupo.
CDMB23: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: surgem dos insights do coordenador do grupo vivenciando situações mais diversas do seu cotidiano.
CDMB27: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: foca a performance matemática digital, em que busca também transformar o aluno naquele que publica na internet.
CDMT4: Da temática de investigação do grupo: as pesquisas do grupo tratam da relação professor x aluno x conhecimento de matemática.
CDMT7: Das temáticas de investigações do grupo: trabalha com psicologia da educação e

formação de professores nas séries iniciais e educação infantil.
CDMT8: Das temáticas de investigações do grupo: as pesquisas desenvolvidas no grupo abram a Psicologia da Educação, com ênfase na psicologia da Educação Matemática; formação de professores; história da matemática e história da Educação Matemática.
CDMT9: Das temáticas de investigação do grupo: suas escolhas acontecem via o observatório da educação e pesquisas individuais de cada pesquisador/orientador.
CDMT10: Das temáticas de investigação do grupo: os pesquisadores junto com seus respectivos orientandos possuem seus temas de pesquisas individuais.
CDMT12: Das temáticas investigativas do grupo: o observatório da educação, com o tema de investigação ENADE.
CDMT13: Das temáticas investigativas do grupo: atualmente, por meio do observatório da educação, o tema de investigação que está unindo o grupo é o PINAIC.
CDMT14: Das temáticas investigativas do grupo: atualmente, pela via da pesquisa, o tema de investigação que está unindo o grupo é o PINAIC.
CDMT48: Das temáticas investigativas do grupo: as diferentes linhas de pesquisas do grupo com seus distintos pesquisadores distancia o grupo de uma temática própria, na qual as produções de pesquisa seguem sempre o mesmo direcionamento.
CDMT49: Das temáticas investigativas do grupo: o CNPq orienta que os grupos de pesquisas apresentem uma temática própria de direcionamento de suas pesquisas e produções.
CDSN1: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: assuntos específicos da história da matemática e que tenham ligação com filosofia da matemática e com a Educação Matemática.
CDSN8: Da temática central de investigação do grupo: duas linhas fortes, a primeira da história da matemática como conteúdo, e a segunda da história da matemática no Brasil.
CDSN12: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a partir da indicação do tema de investigação do orientador para os orientandos, o grupo vai ramificando os projetos grandes, em que o professor Marcos Teixeira realiza investigações voltadas para área do conteúdo, com trabalhos ligados ao Brasil; a professora realiza investigações voltadas para área de álgebra e de análise, principalmente análise matemática.
CDLH3: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: as investigações de pesquisas, cuja temática era tecnologias digitais tinham perspectivas de matemática inclusiva, e ressalta que esse foco investigativo não se restringia a pessoas com necessidades especiais, mas sim, em termos de inclusão de uma maneira geral.
CDLH4: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: buscou desenvolver em seu grupo de pesquisa, reunindo a temática, tecnologias digitais com a importância dos meios de mediação e envolvimento com os aprendizes.
CDLH5: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a conjectura de pesquisa do grupo é que se o pesquisador entender os processos cognitivos daqueles que experienciam o mundo através de canais que diferem dos usuais, então irão entender melhor a construção do conhecimento.
CDLH7: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: possuem muita força nas partes teórica e prática; e salienta que por um lado buscam entender os processos de

aprendizagem nas diversidades de aprendizes; todos os diferentes fatores que interferem, seja individual, seja social, cultural, institucional, instrumental, tecnológico, mas por outro lado também gostariam de ver uma participação daqueles que tradicionalmente são mais marginalizados nas aulas de matemática.

CDLH8: Das investigações do grupo de pesquisa: ao trabalharem com professores que tinham certas visões sobre a turma de matemática, na aula de matemática são confrontados com outras possibilidades; ressalta que quando esses professores se deparam com alunos com algum tipo de deficiência, enfrentam muitas dificuldades e muitas vezes o aluno diferente acaba sendo culpado de certa forma com essa mudança, pois esses professores não sabem agir com esse novo tipo de aluno.

CDLH9: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: as investigações do grupo trabalham com professores nas salas de aulas para tratar questões de inclusão de forma local, uma vez que os professores não se sentem preparados para esse trabalho.

CDLH10: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o que sustenta o grupo é um sonho de um novo tipo de matemática escolar, almejando uma contribuição de mudança nas estruturas curriculares.

CDLH11: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a temática com a qual trabalham tem duas consequências, uma a do lado prático, no sentido de alcançar o objetivo esperado ao realizar investigações com certo número limitado de alunos e professores; e a outra com um caráter egoísta, no sentido do grupo investigar os processos de ensino e aprendizagem em relação a termos diferentes.

CDLH12: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: acontecem esforços de pesquisadores, professores e alunos para entenderem e desenvolverem fazeres da matemática escolar.

CDLH13: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: foi criado no ano de 2002, quando ela e também a pesquisadora Solange, começaram a trabalhar com aprendizagem de pessoas cegas; e ressalta que o projeto em execução tinha como proposta trabalhar matemática e educação inclusiva.

CDLH18: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: do desejo da pesquisadora em convencer outros pesquisadores sobre o valor do que podem aprender se adotarem uma maneira particular de olhar o desenvolvimento da cognição matemática.

CDLH21: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o sacrifício da sistematicidade por uma praticidade.

CDLH28: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente no grupo existem muitas pesquisas investigando sobre o professor e as práticas pedagógicas.

CDLH29: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente no grupo existem muitas pesquisas investigando sobre a formação inicial do professor e as práticas pedagógicas.

CDLH34: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo trabalha com a inclusão e procura pensar com muita criatividade nos títulos dos trabalhos publicados, para que a temática investigativa se torne mais visível.

CDLH35: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: as pessoas com deficiências eram de certa forma excluídas das pesquisas que trabalhavam internacionalmente com

grupos marginalizados, com negros, com questões de discriminação por sexo, condições de pobreza, grupos indígenas; e salienta que o interesse do grupo é contribuir com as questões de igualdade e de poder.

CDLO7: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: se viu diante da temática investigativa da resolução de problema quando foi trabalhar em Rio Claro e posteriormente assumiu a orientação de dois alunos, cujo professor/orientador deixou o programa de pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.

CDLO8: Da constituição do grupo de pesquisa: quando formou seu grupo de pesquisa, ele ainda não era cadastrado, mas os membros do seu grupo e ela mesma contavam com o grupo do professor Baldino que realizava reuniões aos sábados e juntava professores da região de Rio Claro; salienta que a pedido desse professor, seu grupo foi incorporado ao grupo dele.

CDLO26: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: que a sua resolução de problemas atende aquilo que o grupo quer ver, e ressalta que o objetivo primeiro da Educação Matemática é a aprendizagem do aluno.

As 75 CD expostas neste Quadro R2.3 trazem o sentido dos procedimentos investigativos dos grupos de pesquisa. *Temáticas do grupo de pesquisa* é o sentido que se fez para nós ao reunirmos os sentidos e significados das CD expostas nesse Quadro.

QUADRO R2.4: HISTORICIDADE DA CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR5: Da historicidade do grupo de pesquisa na pós-graduação: no início de suas atividades o grupo de pesquisa era constituído por todos os pesquisadores integrantes do curso e organizado pelo coordenador da pós-graduação, mas que essa prática se modificou e os pesquisadores passaram a formar seus próprios grupos.

CDBM3: Dos participantes do grupo: no início de suas atividades o grupo de pesquisa apresentava outra denominação, pois era constituído por pesquisadores de duas áreas investigativas distintas: história da matemática e etnomatemática.

CDBM4: Das temáticas investigativas do grupo: as pesquisas do grupo de pesquisa abrangiam duas distintas áreas investigativas, a saber: história da matemática e etnomatemática.

CDBM6: Da temática de investigação do grupo: a linha de pesquisa história da matemática no grupo de pesquisa foi fundada pelo professor Fossa que tem se definido como pesquisador que faz investigação histórica de História da Matemática.

CDBM9: Das temáticas investigativas do grupo: constituição do foco de investigação históricas da história da matemática.

CDBM14: Reuniões do grupo de pesquisa: retomada da rotina de encontros do grupo.

CDBM41: Dos pesquisadores do grupo: o grupo está se renovando de forma brusca e não paulatina de uma geração para outra.

CDCP5: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: quando começou a orientar alunos na pós-graduação, de certa maneira, foi guiada pelo desejo investigativo dos estudantes, e salienta que cada um vem com uma ideia, um desejo de

pesquisar este ou aquele tema.
CDCP6: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: nos primeiros passos de sua constituição, o grupo tinha ainda um foco de pesquisa delimitado, e acabou constituindo dois subgrupos, cujos estudos estavam voltados para a questão do currículo e da formação de professores.
CDCP7: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: em seu início o grupo organizou dois projetos de pesquisa, o primeiro sobre inovações curriculares no ensino fundamental e médio; e o segundo sobre a formação de professores.
CDCP14: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo desenvolveu uma pesquisa comparativa sobre o desenvolvimento curricular em países da América Latina; e ressalta que essa proposta foi apresentada ao grupo por ela, pois tinha certa experiência na presidência da FISEM – Federação Ibero-americana de Sociedade de Educação Matemática, firmando vários contatos com pesquisadores de outros países.
CDCP15: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a pesquisa desenvolvida sobre currículo de matemática na educação de jovens e adultos foi um projeto proposto por quatro alunos ingressantes, um doutorando e três mestrados, que revelaram o interesse por trabalhar com currículos da educação de jovens e adultos. Então isso é mais uma vantagem de você trabalhar com grupos, porque você pode estar dimensionando vários níveis, várias etapas, várias situações e trazendo isso para um debate, o que se fosse feito individualmente a gente não teria tantas possibilidades.
CDCL12: Dos temas investigativos já trabalhados no grupo: geometria analítica, com números decimais, números naturais, multiplicação e divisão dos números naturais, frações, equações de primeiro grau e sequências didáticas.
CDDF65: Do perfil dos participantes e das discussões do grupo de pesquisa: no início de suas atividades o grupo de formação de professores era constituído por professores e seus respectivos alunos de mestrado e doutorado.
CDDF66: Da alteração do perfil dos participantes e das discussões do grupo de pesquisa: depois que o grupo deixou de ser predominantemente constituído com mestrados e doutorandos, passou a ser um grupo constituído por doutores.
CDDF69: Dos temas investigativos já trabalhados no grupo: não é qualquer trabalho que é apresentado no grupo, e sim, aquele que tem relação com a temática de investigação do grupo de pesquisa.

As 16 CD expostas neste Quadro R2.4 trazem o sentido da *Historicidade da constituição do grupo de pesquisa*.

QUADRO R2.5: IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM GRUPO

CDBM21: Dos encontros do grupo: importância do trabalho em grupo para constituição de um elo e aprofundamento investigativo dos estudos do grupo de pesquisa.
CDDF36: Do comprometimento dos pesquisadores com os compromissos do grupo de pesquisa: da sabedoria de que o pertencimento ao grupo de pesquisa carrega a responsabilidade de assumir também seus compromissos de trabalho.
CDDF39: Das interações para o desenvolvimento investigativo entre os pesquisadores do

grupo de pesquisa.
CDDF40: Das ações de colaboração entre os pesquisadores e seus orientandos para o desenvolvimento das atividades investigativas propostas e assumidas pelo grupo de pesquisa.
CDMT6: Da união entre os pesquisadores do grupo: perspectiva de relação com o conhecimento matemático e divulgação desse conhecimento para as escolas básicas; cursos de graduação e pós-graduação.
CDBM21: Dos encontros do grupo: importância do trabalho em grupo para constituição de um elo e aprofundamento investigativo dos estudos do grupo de pesquisa.

As 6 CD expostas neste Quadro R2.5 trazem o sentido da *Importância do Trabalho em Grupo*.

QUADRO R2.6: GRUPOS VINCULADOS À PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

CDBM37: Das instituições públicas com programas de pós-graduação: no estado do Rio Grande do Norte existem poucas instituições públicas de ensino superior, Programa de pós-graduação com grupos apresentando infraestrutura de pesquisa existe apenas na UFRN.
--

A CDBM37 exposta neste Quadro R2.6 traz o sentido dos *Grupos Vinculados à Programa de Pós-graduação*.

QUADRO R2.7: MODOS DE O GRUPO DE PESQUISA SE COMPOR

CDAR6: Característica da composição do grupo de pesquisa: afinidade nas diferentes pesquisas entre os membros do grupo.
CDCL21: Da motivação investigativa dos membros do grupo de pesquisa: surge no interesse dos temas comuns. Não existe desistência de pesquisadores em pesquisas em andamento, em virtude do interesse comum.
CDCL22: Dos membros do grupo de pesquisa: é formado por pesquisadores do programa de pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, alunos de iniciação científica, de mestrado, de doutorado, professores da rede pública e pesquisadores realizando pós-doutorado.
CDCL23: Dos pesquisadores visitantes no grupo: existem pesquisadores que realizam pós-doutorado junto ao grupo de pesquisa, investigando questões voltadas para o currículo.
CDCL24: Dos pesquisadores visitantes no grupo: participam do grupo vários professores da rede de ensino, interessados pela temática investigativa.
CDCL25: Dos pesquisadores visitantes no grupo: participam do grupo vários professores da rede de ensino, interessados pela temática investigativa.

As 6 CD expostas neste Quadro R2.7 trazem o sentido de os *Modos de o Grupo de Pesquisa se compor*.

QUADRO R2.8: TENTÁCULOS DO GRUPO DE PESQUISA

CDBM40: Dos pesquisadores do grupo: há pesquisadores oriundos do grupo e que trabalham em outros campos da UFRN.

A CDBM40 exposta no Quadro R2.8 traz o sentido dos *Tentáculos do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.9: MODOS DE DECIDIR PARTICIPAR DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR7: De como decide participar de grupos de pesquisa: visando a temática investigativa.

CDCP13: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente a coordenadora do grupo não orienta ninguém que não esteja dentro de um projeto de pesquisa; para isso, no processo de seleção o grupo divulga os projetos de pesquisa em andamento, assim como também faz nas primeiras reuniões do semestre para os ingressantes.

CDLO20: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: que identifica o que o aluno tem de conhecimento prévio, ele tem potencialidade para construir um conhecimento novo, e então dentro da metodologia do grupo, vai questionando esse aluno até chegar ao novo conhecimento; salienta que é esse o modo que trabalha com resolução de problemas, e que problema sempre existiu, é ele quem motiva os pesquisadores.

As 3 CD expostas neste Quadro R2.9 trazem o sentido dos *Modos de decidir participar do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.10: ESCOLHA DE TEMAS DE PESQUISA

CDAR8: De como os temas investigativos do grupo são escolhidos: das propostas dos alunos e sugestões do orientador.

CDAR9: Os temas investigativos do grupo são escolhidos: em função dos financiamentos.

CDAR13: Da constituição das temáticas do grupo de pesquisa: muitos projetos a ideia da temática, a escrita e a coordenação são realizadas pelo pesquisador/orientador, porém outros pesquisadores participam junto no desenvolvimento.

CDBM9: Da constituição das temáticas do grupo de pesquisa: a estreita ligação do grupo de pesquisa com a Sociedade Brasileira de História da Matemática impulsionou o direcionamento das temáticas do grupo para investigações históricas da história da matemática.

CDBM10: Da constituição das temáticas do grupo de pesquisa: os interesses particulares de cada pesquisador direcionam sua escolha do tema de investigação.

CDBM11: Da constituição das temáticas do grupo de pesquisa: a decisão de escolher a obra que um mestrando ou um doutorando utilizará em suas respectivas pesquisas, cabe ao próprio orientando junto com seu orientador.

CDBM12: Das temáticas investigativas do grupo: escolha realizada pelo orientador, pelo fato de o orientando não ter maturidade.

CDBM13: Das temáticas investigativas do grupo: escolha realizada a partir da disponibilidade e alcance do grupo a possíveis obras investigativas.

CDMB48: Da força de um tema de investigação: todos os integrantes do grupo se

identificam com o seu tema central de investigação. Também salienta que conhece novas ideias que estão circulando nas discussões e também nas interações sociais dos eventos.

CDMB49: Da força de um tema de investigação: que aprende muito participando de eventos científicos e que durante as interações sociais, como turismo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando e ao pensar sobre o que está sendo dito junto ao estudado e debatido em seu grupo vão surgindo questões novas.

CDMB50: Da força de um tema de investigação: o coordenador do grupo aprende muito participando de eventos científicos e que durante as interações sociais, como turismo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando fica pensando em sua existência, nos vinte e um anos de participação do GPIMEM, de seus dez anos que antecederam a criação do grupo e de vivência com a Educação Matemática.

As 11 CD expostas neste Quadro R2.10 trazem o sentido das *Escolha de Temas de Pesquisa*.

QUADRO R2.11: MODOS DE OS PESQUISADORES E ORIENTANDOS DO GRUPO DE PESQUISA SE ARTICULAREM

CDAR14: Das ações do grupo de pesquisa: os demais pesquisadores participam dos projetos que estão em desenvolvimentos do coordenador do grupo, e o coordenador do grupo também participa dos projetos em desenvolvimento dos outros pesquisadores. Essa articulação possibilita um aumento nas produções dos pesquisadores.

CDAR15: Das ações do grupo de pesquisa: atualmente por meio da internet tudo funciona mais fácil e devido às condições do trânsito da cidade de Recife, o coordenador do grupo prefere fazer muitas das ações de interação com o grupo pela via internet.

CDAR16: Das ações do grupo de pesquisa: atualmente a permanência do coordenador do grupo na universidade acontece em ocasiões determinadas, a saber: reuniões, eventos ou disciplinas; e que na maioria das vezes a comunicação com o grupo acontece via correio eletrônico - email.

CDSN18: Das ações do grupo de pesquisa: os membros do grupo se mantêm ligados à temática investigativa do grupo, trabalhando de dois modos: individualmente e procurando unir o que de comum há entre os trabalhos.

As 4 CD expostas neste Quadro R2.11 trazem o sentido dos *Modos de os Pesquisadores e Orientadores do Grupo de Pesquisa se articularem*.

QUADRO R2.12: COMO SE DÁ O CREDENCIAMENTO DE AUTORES EM PRODUÇÃO COLETIVA DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR24: Da produção do grupo de pesquisa: a produção é credenciada em nome do pesquisador que coletou os dados, ou que participou da escrita ou de outro modo da pesquisa.

CDAR25: Da produção do grupo de pesquisa: a produção é credenciada em função da participação do pesquisador na investigação.

<p>CDBM34: Do credenciamento dos autores em publicações do grupo: a produção do grupo é credenciada em nomes dos pesquisadores que escolheram trabalhar naquela temática específica; existindo a possibilidade de outros membros do grupo participarem em diferentes temáticas e conseqüentemente produzirem coletivamente com outros participantes do grupo de pesquisa.</p>
<p>CDBM35: Do credenciamento dos autores em publicações do grupo: as pesquisas do grupo são publicadas individualmente e não expõem de maneira geral a produção do grupo, e sim, as investigações individuais dos pesquisadores com seus orientandos.</p>
<p>CDBM36: Do credenciamento dos autores em publicações do grupo: a autoria do das publicações do grupo acontece naturalmente, em que cada professor/orientador publica junto com seus orientandos, não existindo no grupo de uma pesquisa ser realizada coletivamente e depois a indicação dos autores.</p>
<p>CDCP39: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: é decidida em função da realização da pesquisa, e salienta que o pesquisador pode mencionar o trabalho de outro colega de grupo, como uma citação ou um texto dela.</p>
<p>CDCP40: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: trabalhos apresentados em eventos científicos são de autoria dos estudantes e do seu orientador.</p>
<p>CDCL38: Do credenciamento da autoria das publicações do grupo de pesquisa: em nome do(s) membro(s) que realiza(m) a investigação.</p>
<p>CDCL40: Do credenciamento da autoria das publicações do grupo de pesquisa: se dá a partir da dedicação do pesquisador perante o desenvolvimento do trabalho. O grupo não publica em nome de todo o grupo.</p>
<p>CDCL41: Do credenciamento da autoria das publicações do grupo de pesquisa: se dá para aqueles pesquisadores que realmente trabalharam para produzir o resultado de pesquisa. O grupo não publica em nome de todo o grupo.</p>
<p>CDCL43: Do credenciamento da autoria das publicações do grupo de pesquisa: embora todos os pesquisadores conheçam, discutam e opinem sobre os diversos trabalhos realizados no grupo de pesquisa, a autoria é direcionada apenas para quem trabalhou no desenvolvimento da pesquisa.</p>
<p>CDDF16: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: o coordenador do grupo não realiza proposta de pesquisas, e sim, que as ideias de temas de pesquisas surgem em grupo.</p>
<p>CDDF17: De como são definidos os autores dos trabalhos realizados de modo colaborativo no grupo de pesquisa: o trabalho tem uma dimensão fortemente colaborativa, em que todos participam. Existem várias publicações dos trabalhos do grupo, em que os autores são todos os participantes do trabalho e que o primeiro autor é definido por aquele que assume a iniciativa e/ou coordena o trabalho.</p>
<p>CDMB76: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: são credenciadas em nome de seus autores, no GPIMEM ninguém é obrigado a colocar o nome do orientador.</p>
<p>CDMB77: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: existe uma regra central, em que nenhum aluno de doutorado, orientando do professor entrevistado seja obrigado a publicar um artigo com ele; ressalta que o aluno pode querer e ele não querer e também o contrário, o pesquisador pode querer e o aluno não.</p>

CDMB78: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: no último livro publicado pelo grupo, houve uma organização em que alunos de diferentes orientadores trabalharam com orientadores de outros alunos, para terem vivências diferentes também nesse ato de trabalho coletivo.
CDMB79: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: é exigido que o nome do GPIMEM seja citado nos trabalhos, ou seja, que tenha alguma referência ao grupo.
CDMB80: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: é exigido que o nome do GPIMEM fosse citado nos trabalhos, ou seja, que tenha alguma referência ao grupo; o grupo se tornou um cartão postal de visitas, muito forte
CDMB81: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: no último livro publicado pelo grupo, foi decidido em convenção do grupo que os capítulos não teriam mais do que um autor, e ressalta que exceções existiram depois de serem analisadas.
CDMB82: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: na conferência do GT 6 da SBEM de Tecnologias, o grupo buscou pegar membros Juniors que estivessem chegando ao grupo para fazer os pôsteres apresentando o grupo, sendo uma boa maneira desses membros conhecerem o grupo de pesquisa.
CDMB83: Das reuniões do grupo de pesquisa: realiza conferências internas em que sempre buscam convidar um auditor externo, exemplifica que já foram convidados professores como: Ole Skovsmose e Maria Bicudo para olharem o trabalho do grupo e dar um feedback.
CDMT35: Do credenciamento das produções do grupo: não há publicações que envolvam todos os membros do grupo e sim no máximo três pesquisadores credenciados por pesquisa efetuada.
CDMT36: Do credenciamento das produções do grupo: existem pesquisas realizadas apenas pelos pesquisadores do grupo, em que a autoria da pesquisa se dá pela proximidade do pesquisador ao tema investigado ou por ordem alfabética.
CDSN25: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: em nome de quem as produziu e não consideram que o trabalho do aluno seja também do orientador, portanto se o aluno desenvolveu o trabalho, a produção é dele, não colocando o nome do orientador nesse trabalho, a menos que o trabalho tenha sido feito em conjunto.
CDSN26: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: não entende que o pertencimento do aluno no laboratório de pesquisa x, e conseqüentemente produza nesse espaço, dá o direito das produções apresentarem o nome do coordenador do laboratório em todos os trabalhos que forem publicados pelo grupo.
CDLH40: Do credenciamento das pesquisas do grupo: quando começou a sua vida como pesquisadora, trabalhava com projetos que tinham o envolvimento de vários outros pesquisadores, em seu ponto de vista, teve sorte sua orientadora, Celia Hoyles, é uma pessoa muito ética; e ressalta que uma das orientações de sua orientadora, era que para desenvolver uma pesquisa seria necessário primeiramente estabelecer critérios para decidir certas coisas, como por exemplo, a ordem dos autores nos artigos.
CDLH41: Do credenciamento das pesquisas do grupo: leva em conta a questão dos financiamentos, e salienta que se o grupo solicitar auxílio financeiro para determinada pesquisa é melhor colocar um pesquisador menos experiente, para que ele tenha a

oportunidade de crescer profissionalmente.
CDLH42: Do credenciamento das pesquisas do grupo: não sabe se é necessário ter uma separação entre os pesquisadores jovens e os mais experientes, mas é de parecer que se respeite esses mecanismos para não deixar uma pessoa receber os frutos do trabalho dos outros.
CDLO15: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: as produções o grupo de pesquisa são realizadas em grupo, e exemplifica o último livro publicado; salienta que é uma produção do grupo e que colocaram dois pesquisadores como colaboradores, mas não há o domínio, não é da Lourdes, é do grupo.

As 29 CD expostas neste Quadro R2.12 trazem o sentido de *Como se dá o credenciamento de autores em produção coletiva do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.13: PERMANÊNCIA DE MEMBROS NO GRUPO DE PESQUISA

CDAR28: Da permanência de ex-alunos no grupo: manutenção dos alunos acontece devido à aprovação dos alunos formados no grupo na própria instituição formadora, a UFPE.
CDAR29: Da permanência de ex-alunos no grupo: manutenção dos alunos acontece devido à aprovação dos alunos formados no grupo na própria instituição formadora, a UFPE; e também pela afinidade com os alunos formados.
CDAR30: Da permanência de ex-alunos no grupo: caracterizado como algo importante, possibilita aos pesquisadores estabelecerem uma interação para discutir e analisar dados de pesquisas.
CDAR32: Da permanência de ex-alunos no grupo: na maioria das vezes, os egressos não continuam participando das pesquisas do grupo, e sim interagem com os demais membros.
CDAR33: Da permanência de ex-alunos no grupo: a procura dos alunos egressos ao grupo, buscando dar continuidade nos estudos investigativos.
CDAR34: Da procura dos alunos egressos ao grupo, buscando dar continuidade nos estudos investigativos.
CDAR35: Da procura dos alunos egressos ao grupo, buscando dar continuidade nos estudos investigativos e produzindo junto com o grupo de pesquisa.
CDBM21: Dos encontros do grupo: importância do trabalho em grupo para constituição de um elo e aprofundamento investigativo dos estudos do grupo de pesquisa.
CDBM23: De como os pesquisadores se mantêm engajados na participação e nas investigações do grupo de pesquisa: a disposição de tempo, o esforço para estar com o outro e a transcendência do trabalho solitário.
CDBM24: De como os pesquisadores se mantêm engajados na participação e nas investigações do grupo de pesquisa: o grupo como possibilidade de diálogo.
CDBM38: Da permanência de ex-alunos no grupo: da situação em que o grupo se encontra, de androgenia, isto é, não sendo algo bom e nem passível de escolha.
CDBM39: Da permanência de ex-aluno no grupo: trata-se de uma situação que não pode ser questionada, pois não é uma questão de escolha.
CDCP25: De como os pesquisadores se mantêm ligados à temática investigativa do grupo: afirma não saber como os pesquisadores do grupo se mantêm ligados à temática

<p>investigativa, mas ressalta as dificuldades encontradas por esses membros do grupo, como as condições gerais que os alunos da pós-graduação, em que a grande maioria trabalha mais do que poderiam, e ainda têm as questões de tempo, da distância, em São Paulo tudo é complicado para as pessoas virem para uma reunião. Essas são dificuldades que o grupo enfrenta.</p>
<p>CDCP41: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existem alguns doutorandos que também fizeram mestrado no grupo, e salienta que esses pesquisadores voltaram e quiseram continuar; essa ação é um indicador positivo de interesse dos ex-alunos pela temática investigativa do grupo.</p>
<p>CDCP42: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existem relatos que o trabalho no grupo é rico e salienta que mesmo aqueles que não estão fazendo pós-doutorado, esporadicamente aparecem nas reuniões de segunda-feira, o qual é um espaço aberto para quem quer retornar, discutir algum tema e fazer depoimentos do que eles estão fazendo na prática.</p>
<p>CDCP43: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existem ex-alunos que realmente desaparecem para sempre; e ressalta que de seu ponto de vista isso está associado à questão de condição de trabalho.</p>
<p>CDCP44: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: na constituição do grupo aconteceram vários percalços, no sentido de não saber como se faz e como organiza um grupo; e salienta que os ex-alunos do grupo podem utilizar dessa experiência vivenciada no grupo ao levar para a atuação dele em seu respectivo novo grupo de pesquisa.</p>
<p>CDCP45: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: os ex-alunos do grupo que estão trabalhando apresentam relatos de que usam as estratégias vivenciadas no grupo nos seus locais de trabalho.</p>
<p>CDCP46: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: é positiva, pois possibilita a construção de diálogos.</p>
<p>CDCP47: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existe um sentimento de pertencimento ao grupo, em que o ex-aluno se sente respaldado, o grupo é o local que ele tem mais liberdade de dizer o que pensa.</p>
<p>CDCL44: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: com a continuidade das participações nas reuniões, desenvolvendo trabalhos, estando interessados e motivados no desenvolvimento de pesquisas, caso contrário, eles são retirados no grupo de pesquisa.</p>
<p>CDCL45: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: é extremamente positiva, pois isso possibilita ao grupo visões diferenciadas.</p>
<p>CDCL46: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: é extremamente positiva, salientando que os convênios firmados com outros grupos também são importantes, pois recebem pesquisadores visitantes e também visitam outros grupos.</p>
<p>CDCL47: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: contribuem muito com o desenvolvimento das pesquisas e demonstra a motivação dos membros do grupo.</p>
<p>CDDF26: Da motivação em dar continuidade nas investigações do grupo de pesquisa: o que alimenta o grupo, embora alguns docentes estejam em fase de aposentadoria, é a paixão pela pesquisa.</p>
<p>CDDF34: De como os pesquisadores se mantém engajados na participação nas</p>

investigações do grupo de pesquisa: existe uma dificuldade devido às demandas pessoais; em que o envolvimento com as obrigações institucionais resultou na diminuição do tempo disponível de cada pesquisador para se dedicar aos projetos do grupo.
CDDF75: Da pertinência de pesquisadores ao grupo de pesquisa: a permanência no grupo é uma opção de cada participante e que é muito difícil ter uma participação totalmente a distância, pelas características que o grupo exige.
CDDF78: Das potencialidades na continuidade de participação dos pesquisadores ao grupo de pesquisa: a permanência de pesquisadores no grupo é interessante, pois o grupo se mantém atualizado, se caracterizando como uma frente de desenvolvimento teórico e metodológico, levando contribuições para as pesquisas locais e também, se fortalece na medida em que é aberto a outras possibilidades e perspectivas, se colocando em uma rede com outros grupos, se articulando com outras comunidades.
CDMB31: Da permanência de pesquisadores ao grupo: se dá pela realização de projetos vinculados ao grupo, caso não estejam desenvolvendo projetos, os pesquisadores deixam de serem associados, mas podem voltar ao grupo posteriormente.
CDMB45: Da permanência de membros ao grupo de pesquisa: acontece com o consentimento dos docentes e também do próprio aluno.
CDMB53: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: necessita que esse pesquisador esteja atuante em suas investigações, que esteja desenvolvendo projetos vinculados ao grupo.
CDMB54: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: todos são capazes de formar seus próprios grupos de pesquisas, e que ficar participando do GPIMEM é uma questão de interesse pessoal; no grupo existe uma característica muito forte, que é a solidariedade.
CDMB59: Da participação de ex-alunos ao grupo de pesquisa: que não querem fazer pesquisas, que optaram por continuar lecionando nas escolas, que visitam o grupo esporadicamente.
CDMB84: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: existem ex-alunos que desejam participar do grupo, mas por conta da carga horária de trabalho não conseguem desenvolver uma pesquisa; mas que se desejar voltar a fazer pesquisa o grupo estará aberto para recebê-lo.
CDMB85: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: a permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa segue o princípio da não obrigatoriedade e ressalta que a interação com alunos recém-formados é muito benéfica para ambas às partes, pois eles podem estar influenciando o grupo, estar me educando, estar mostrando novos caminhos e para vários deles é muito benéfico também, e enfatiza que o GPIMEM tem se tornado uma escola de pós-doutorado.
CDMB86: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: existem vários doutores formados no PPGEM, que não foram formados por mim e nem no GPIMEM, mas que usam e abusam, pois sabem que o pesquisador sempre apresenta sugestões em discussões sobre a tese e vem me pedir conselhos sobre A, B ou C.
CDMB87: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: dar contribuições para o desenvolvimento de pesquisas de outros alunos externos ao grupo é muito importante para

ele, pois em seu ponto de vista isso se caracteriza como o trabalho de educar.
CDMB89: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: ajudam bastante com a oxigenação de novas ideias, apresentando novas questões, trazendo novas indicações de leituras.
CDMT37: Da permanência de ex-alunos ao grupo: ocorre quando o egresso continua produzindo na mesma direção dos temas investigados pelo grupo de pesquisa.
CDMT38: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade da investigação primária do mestrado/doutorado pela via da metodologia.
CDMT39: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade da investigação primária do mestrado/doutorado pela via da metodologia.
CDMT40: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade na produção relacionada ao tema de formação do mestrado/doutorado e participação nas atividades do grupo de pesquisa.
CDMT41: Da permanência de ex-alunos ao grupo: a possibilidade de discussões das produções e temas investigativos com egressos que produzem em vieses diferentes das produções do grupo de pesquisa.
CDMT42: Da permanência de ex-alunos ao grupo: importante, pois a partir dessa interação acontecem discussões que dão continuidade a produção teórica do grupo.
CDMT44: Da permanência de ex-alunos ao grupo: participação dos egressos em outras instâncias nas atividades e produções, passando de aluno para pesquisador do grupo de pesquisa.
CDMT45: Da permanência de ex-alunos ao grupo: participação é direcionada à produção do grupo de pesquisa.
CDMT46: Da permanência de ex-alunos ao grupo: mudança de papel, passando de aluno para pesquisador do grupo de pesquisa.
CDMT47: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade nas investigações das temáticas que realizavam nas pesquisas de doutorado.
CDSN27: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: acontece quando esses pesquisadores continuam ligados ao grupo, produzindo na mesma área, não produzindo conjuntamente, mas ligados de certo modo ao grupo; que a presença de ex-alunos fortalece o grupo.
CDSN28: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: é positiva, pois expõe que o grupo não se desfaz com a saída do aluno, que o grupo se mantém.
CDSN29: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: é positiva, pois para esse pesquisador recém-formado é importante ele estar vinculado a um grupo.
CDSN30: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: não faz questão de estar vinculado a nenhum grupo de pesquisa e que já esteve credenciado em vários; os convites de participação eram realizados, pois os grupos precisavam se fortalecer; para os pesquisadores que estão começando é importante participar em grupo de pesquisas.
CDSN31: De como os pesquisadores que continuam no grupo avançam em suas pesquisas: quando eles continuam investigando aquilo que foi desenvolvido em suas pesquisas. Então se eles continuam, estão vinculados ao grupo e dão continuidade à investigação de pesquisa, entende que estão avançando com o grupo de pesquisa.

CDSN32: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: existem alunos – mestrados ou doutorandos - que passaram pelo grupo, se formaram e não ficaram nem como pesquisadores.
CDSN33: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: já orientou aluno - mestrado ou doutorado, que participou do grupo, se formou e nunca mais soube nenhuma notícia
CDSN34: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: é importante analisar, qual foi a herança deixada pelos pesquisadores que não permaneceram no grupo.
CDLH16: Dos participantes do grupo de pesquisa: atualmente o grupo é grande, caracterizando um grupo significativo, e salienta que o grupo possui sorte, pois os pesquisadores que se aliaram no surgimento do grupo, muitos deles continuam de uma forma ou de outra participando das atividades de pesquisa.
CDLH36: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: é muito variável, e salienta que alguns pesquisadores buscam a pós-graduação, mas não têm a pretensão em continuar pesquisando no grupo, e sim, buscam devolver para o grupo atividades de desenvolvimento profissional onde eles estão trabalhando.
CDLH37: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: é interessante que os pesquisadores formados no grupo trabalhem em escolas específicas, pois pode ter algum professor (a) interessado na temática investigativa por ter alunos que realmente sejam interessantes ao trabalho do grupo.
CDLH38: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: o grupo de pesquisa é relativamente jovem, possui dez a doze anos, e ressalta que os mestrados normalmente têm passagens rápidas e nem sempre voltam para realizar o doutoramento; e uma iniciativa de conexão são as produções de trabalhos em parceria com os atuais membros do grupo.
CDLH39: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: existe uma conexão com os ex-alunos do grupo e cita o exemplo do ex-aluno Léo, que foi seu orientando de doutorado e tinha como temática investigativa a síndrome de down, e atualmente, ele estabelece convites de trabalho e a pesquisadora ressalta que retribui, convidando também para fazer coisas com o grupo; ainda salienta que pode acontecer de não desenvolver pesquisas com ex-aluno, mas existe uma ligação em que fica informada das atividades em desenvolvimento desse pesquisador, que também gosta de saber o que o grupo está desenvolvendo.
CDLH58: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: é positiva para o grupo, pois quanto maior for o número de pesquisadores em contato e compromisso com o grupo, maior será a contribuição com a área pesquisa.
CDLH60: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: contribui para o grupo e também, para as instituições em que os pesquisadores estão vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas.
CDLH61: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: contribui para o grupo e também, com as instituições em que os pesquisadores são vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas e aprofundam na contribuição que está desenvolvendo para a área de investigação.
CDLH62: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: o que o ex-aluno que mantém vínculo com o grupo está realizando em suas orientações, em sua instituição de

ensino, o grupo nunca vai saber; mas o que interessa para o grupo são os dados que estão sendo coletados, com o intuito de escreverem artigos juntos; e salienta que em seu ponto de vista, na área de investigação do grupo existem poucos pesquisadores.

CDLH63: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: uma marca da importância dos diferentes grupos de pesquisa é a possibilidade de se juntarem, por exemplo, o grupo de Rio Claro com o qual estabelece uma relação bastante direta; e também que a vinda do professor Ole Skovsmose tem mudado algumas direções dos trabalhos do grupo, pois é trazido e apresentado outro olhar, e ressalta que esse tipo de colaboração tem fortalecido seu grupo de pesquisa.

As 67 CD expostas neste Quadro R2.13 trazem o sentido da *Permanência de membros no Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.14: AÇÕES DO COORDENADOR DO GRUPO

CDBM19: Das ações do coordenador do grupo: a presença do coordenador na constituição do tema do grupo de pesquisa acontece por meio de suas experiências vividas.

CDBM20: Das ações do coordenador do grupo: manter os participantes do grupo envolvidos e interessados nos temas investigativos.

CDDF42: Da coordenação geral e das coordenações específicas dos encontros de discussão do grupo de pesquisa: que a coordenação geral do grupo é realizada pelo coordenador, mas durante os encontros, quem mais se identifica com o tema sugerido para o debate, assume a coordenação da plenária.

CDSN15: Das ações do líder do grupo: tem por obrigação ficar atento às pesquisas que estão acontecendo, precisa estar atento ao que os alunos estão fazendo em suas pesquisas e fazer ligação entre um e outro.

CDSN16: Das ações do líder do grupo: tem que estar juntando as temáticas de pesquisa realizada pelos membros do grupo.

CDSN17: Das ações do líder do grupo: precisa estar fazendo com que os estudantes percebam que existe uma ligação entre os temas e que um pesquisador não pode ficar dependente do outro por se tratar de temáticas individuais, e também que um pesquisador não pode estar entrando na área de atuação do outro.

CDLH1: Da coordenação de grupos de pesquisa: atualmente no diretório do CNPq possui dois grupos de pesquisa cadastrados. O primeiro grupo: Tecnologia e meios de expressões matemáticas e o segundo: Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação que trabalha principalmente com tecnologias digitais, de psicologia ou deficiências.

CDLH2: Da coordenação de grupos de pesquisa: quando começou a realizar pesquisas se sentiu muito sozinha e buscou trabalhar em um grupo que já investigava o uso das tecnologias digitais, pois não trabalhava com Educação Matemática.

As 8 CD expostas neste Quadro R2.14 trazem o sentido das *Ações do coordenador do Grupo*.

QUADRO R2.15: MODOS DE ELABORAR O PROJETO MAIOR DO GRUPO DE PESQUISA

CDBM17: Elaboração do projeto maior do grupo: o grupo não possui um projeto maior que abarca as demais pesquisas, porém, foi elaborado um projeto maior, por exigência do CNPq apenas com a finalidade de cadastramento do grupo.
CDCL13: Da elaboração do projeto maior do grupo de pesquisa: nas discussões realizadas quinzenalmente junto com os membros do grupo de pesquisa.
CDMB88: Da definição de um projeto maior de pesquisa: pede a opinião e ajuda de todos os docentes do grupo e também de alguns doutorandos.
CDMT18: Dos procedimentos para a constituição da temática central de investigação do grupo: reuniões entre os pesquisadores para a elaboração do projeto maior do grupo de pesquisa.
CDMT19: Da constituição da temática central de investigação do grupo: reuniões entre os pesquisadores.
CDSN13: Da elaboração do projeto maior do grupo: mediante uma discussão que acontece desde a criação do grupo de pesquisa, a necessidade de uma metodologia para se trabalhar com um projeto, e segundo o entrevistado, os trabalhos de história da matemática não atendem uma metodologia pré-concebida, pois os pesquisadores não sabem o que irão investigar e como irá trabalhar a temática.
CDSN14: Da elaboração do projeto maior do grupo: saem a partir do contato estabelecido na realização do campo de trabalho, sendo que nesse momento os pesquisadores começam a enxergar determinados temas que precisam ser aprofundados.
CDLH26: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: não conta com a participação de todos os membros do grupo; e salienta que conta com contribuições de pesquisadores que tiveram passagem pelo grupo; que os pesquisadores e os membros que ficam mais tempo participando do grupo fazem as indicações e contribuições para os direcionamentos dos temas investigativos.
CDLH27: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: a preocupação central de pesquisa é com o processo cognitivo de aprendizagem.
CDLH30: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: é muito difícil reunir todos os membros do grupo em um único momento, pois pertencem a uma universidade particular e a grande maioria dos pesquisadores tem outros compromissos de trabalho, e muitos deles não residem no estado de São Paulo.
CDLO18: Do projeto maior do grupo de pesquisa: nunca alterou o projeto maior do grupo, ressalta que é sempre o mesmo, com o mesmo estilo e que o diretório de grupos do CNPq nunca solicitou a ela atualização.
CDLO19: Do projeto maior e da temática investigativa do grupo de pesquisa: a temática do projeto maior realizada no credenciamento do grupo se manteve, e salienta que mudam os pesquisadores do grupo, porém a maneira de trabalhar é sempre em termos da nossa linha de pesquisa com resolução de problemas.

As 12 CD expostas neste Quadro R2.15 trazem o sentido dos *Modos de elaborar o projeto maior do Grupo de Pesquisa*.

**QUADRO R2.16: MODOS DE O GRUPO DE PESQUISA PROCEDER ÀS ORIENTAÇÕES E DE
DEFINIR E DEBATER PROJETOS**

CDAR17: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídas as articulações de orientações e discussões de projetos do grupo.
CDAR18: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídas as articulações de orientações e discussões de projetos do grupo.
CDAR21: Das ações do grupo de pesquisa: como ocorrem as apresentações e discussões de projetos do grupo.
CDAR22: Das ações do grupo de pesquisa: como ocorrem as apresentações e discussões de projetos do grupo.
CDCP18: Da constituição de um projeto de pesquisa: a ideia central dos projetos e os objetivos são formulados a partir do debate feito com os membros do grupo, porém a organização escrita é ela quem faz.
CDDF44: Das discussões sobre a realização das ações de trabalho assumida pelo grupo de pesquisa.
CDDF68: Das perspectivas investigativas, das exposições e das discussões das temáticas e pesquisas realizadas no grupo PRAPEM.
CDDF72: Do tema de investigação e das discussões sobre o processo investigativo do grupo de pesquisa.
CDDF73: Das discussões para definição do caráter das publicações, individual ou coletiva, do grupo de pesquisa.
CDDF76: Das interações e temática investigativa do grupo de pesquisa.
CDMT28: Das relações existentes no grupo: o vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores acontece por meio de grupos de estudos.
CDMT29: Das relações existentes no grupo: cada linha de pesquisa organiza suas reuniões e o vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores acontece por meio de grupos de estudos.

As 12 CD expostas neste Quadro R2.16 trazem o sentido dos *Modos de o Grupo de Pesquisa proceder às orientações e de definir e debater projetos*.

QUADRO R2.17: INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR19: Da institucionalização do grupo: da constituição e da avaliação das ações do grupo de pesquisa.
CDAR20: Da institucionalização do grupo: pedidos de financiamentos à pesquisas.
CDAR27: Da permanência de ex-alunos no grupo: a institucionalização não interfere nas articulações dos participantes do grupo.
CDBM16: Da institucionalização do grupo de pesquisa: características assumidas pelo grupo para a regularização junto ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq.
CDBM25: Da institucionalização do grupo de pesquisa: exigências para credenciamento e manutenção do grupo no diretório de grupos do CNPq.
CDBM26: Da institucionalização do grupo: possibilitando uma visibilidade aos

pesquisadores e financiamentos de pesquisas de pesquisa.
CDBM27: Da institucionalização do grupo: reconhecimento da universidade e outras agências fomentadoras de recursos.
CDBM28: Institucionalização do grupo de pesquisa: quando o grupo não é oficializado, isto é, informal, se caracteriza como um grupo de estudo.
CDBM29: Da institucionalização do grupo de pesquisa: caso o grupo de pesquisa não seja institucionalizado o risco de se perder e se acabar seria maior.
CDCP30: Da institucionalidade do grupo de pesquisa: o grupo ainda está em um movimento de constituição de grupo de pesquisa, de projeto de pesquisa, e salienta que isso é recente no Brasil; e que estar cadastrado no diretório do CNPq dá visibilidade, permite ao grupo buscar parcerias para desenvolver projetos, permite diálogos, etc.
CDCP31: Da institucionalização do grupo de pesquisa: os grupos de pesquisa do Brasil são abandonados, tanto do ponto de vista das instituições macro, da CAPES e CNPq, e salienta que de seu ponto de vista, as políticas não são direcionadas para grupos e sim para os pesquisadores individualmente.
CDCP32: Da institucionalização do grupo de pesquisa: ter um grupo de pesquisa cadastrado no diretório é importante, pois dá visibilidade ao grupo, porém ressalta que posterior ao cadastramento o grupo precisa ir se atualizando no diretório.
CDCP33: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante todo o processo de organização da CAPES, em relação aos grupos de pesquisa, e salienta que no Brasil temos se tem uma base de dados de fazer inveja para outros países, porém entende que indaga o que está sendo feito com isso?
CDCP34: Da institucionalização do grupo de pesquisa: até o próprio MEC e outros órgãos poderiam estar demandando de grupos de pesquisa, a investigação de algumas questões que são fundamentais para eles, e salienta que não vê esse movimento, no Brasil só se cadastra os grupos, mas não se dá um retorno interessante a esses cadastros.
CDCP35: Da institucionalização do grupo de pesquisa: ter um grupo cadastrado no CNPq é preciso fazer alguns procedimentos, que são reconhecidos institucionalmente, mas reforça o argumento que há pouco espaço para você até registrar esses modos de produção no diretório de grupos.
CDCP36: Da institucionalização do grupo de pesquisa: ser institucional garante alguma visibilidade ao grupo de pesquisa, garante confirmar sua existência, e salienta que essa forma de registro institucional é insuficiente para você fazer debates.
CDCP37: Da institucionalização do grupo de pesquisa: vê muita vantagem na organização de grupos, em que são escolhidas as temáticas investigativas, e ressalta que esse movimento acontece de melhor qualidade do que se fossem realizados individualmente por cada pesquisador.
CDCL27: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante pelo fato do o grupo ser ligado a uma pós-graduação, existindo obrigações a serem realizadas.
CDCL28: Da institucionalização do grupo de pesquisa: possibilita ao grupo de pesquisa apoio financeiro para realização de pesquisa.
CDCL29: Da institucionalização do grupo de pesquisa: existe o compromisso de dar um retorno para a sociedade, influenciando a escola, os órgãos governamentais e as políticas

públicas.
CDCL30: Da institucionalização do grupo de pesquisa: estar ligado a uma pós-graduação permite visibilidade e credibilidade.
CDCL31: Da institucionalização do grupo de pesquisa: contribui para o fortalecimento do grupo de pesquisa, pois possibilita a viabilização de recursos financeiros de modo a aumentar o número de pesquisadores engajados nas pesquisas; ainda, ressalta que estar participando de um programa de pós-graduação ligado a uma universidade é importante, pois recebe apoio para o desenvolvimento das investigações das temáticas do grupo e credibilidade frente aos órgãos públicos. Entende que ser institucional é estar engajada em um programa de pós-graduação, ligada a uma universidade e estar com apoio dessa universidade.
CDCL32: Da institucionalização do grupo de pesquisa: as pesquisas realizadas não são isoladas, e sim ligadas a outras pesquisas e outros pesquisadores.
CDCL33: Da institucionalização do grupo de pesquisa: algo importante que possibilita constituir convênios com grupos de outras instituições.
CDCL34: Da institucionalização do grupo de pesquisa: não influencia nos modos de produção do grupo de pesquisa, pois o grupo desenvolve pesquisas com autonomia.
CDCL35: Da institucionalização do grupo de pesquisa: atrelamento com algumas pré-condições de trabalho, mas o grupo apresenta ter autonomia e poder de decisão no desenvolvimento de pesquisas.
CDCL36: Da responsabilidade dos membros do grupo no desenvolvimento de pesquisas: apresentando um compromisso com a verdade, em que essa responsabilidade não esteja atrelada com compromissos pré-determinados pela instituição e visando resultados.
CDDF10: Da institucionalização do grupo: o grupo passa a ser interinstitucional, deixando de ser da UNICAMP, e, por essa razão, foi desmembrado do PRAPEM, desvinculando-se da característica de subgrupo do mesmo e ganhando autonomia.
CDDF11: Da Inter institucionalidade do grupo: o grupo se torna interinstitucional e a sede dos encontros é na UNICAMP.
CDDF43: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: dá maior visibilidade ao grupo e um grupo visível, institucionalizado pode fortalecer a negociação dos participantes com suas instituições de ensino.
CDDF45: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: possibilita que as instituições liberem esses pesquisadores para estarem presentes nas reuniões do grupo.
CDDF46: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: possibilita uma legitimidade do grupo.
CDDF47: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: um papel importante para as instituições dos pesquisadores participantes, pois nos relatórios enviados para a CAPES constará como trabalho colaborativo ou de intercâmbio entre programas.
CDDF48: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: contribui para o fortalecimento do grupo.
CDDF49: Da constituição e da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: passa a ser um processo que não seja apenas formal, em que o grupo se registre no CNPq ou que tenha credenciamento e reconhecimento da instituição, mas que o grupo seja

constituído e reconhecido pela produção, pela efetividade de suas pesquisas.
CDDF50: Dos aspectos da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa: vai além da legalização do grupo, em que ela se institua não apenas legalmente, mas também em uma prática, um tipo de trabalho que seja reconhecido pelas instituições tanto de fomento, quanto de trabalho dos pesquisadores.
CDDF51: Da influência da institucionalização nos modos de produção do grupo de pesquisa: da certeza por parte do coordenador do grupo que a institucionalidade influencia seus modos de produção.
CDDF52: Da influência da institucionalização nos modos de produção do grupo de pesquisa: a institucionalização influencia nos modos de produção do grupo, pois existem ações que não são necessariamente monitoradas pela instituição universidade ou pela escola, apresentando-se em um espaço fronteiro.
CDDF63: Da potencialidade da institucionalidade e da produção de pesquisas no grupo PRAPEM: nos trabalhos do grupo são abordados temas de como o grupo foi e se mantém instituído, e ainda como desenvolve e produz pesquisas.
CDDF64: Da institucionalização e produção do grupo PRAPEM: se o grupo for denominado como grupo de pesquisa e não fizer pesquisa não tem razão em ser institucionalizado, e afirma que todo grupo de pesquisa tem que ter produção.
CDMB69: Da institucionalização do grupo de pesquisa: em outro grau de institucionalização, o de programa de pós-graduação junto a CAPES, foi considerado de questão fundamental a nucleação de novos grupos e novos programas de pós-graduação a partir do programa o PPGEM da UNESP de Rio Claro.
CDMB60: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a importância da visibilidade. São procurados pela imprensa, por outros grupos de pesquisas, devido à institucionalização junto ao CNPq e também junto à própria UNESP.
CDMB61: Da institucionalização do grupo de pesquisa: os membros do grupo ajudam muito, existem diversas tarefas, com diferentes pessoas ajudando de diversos modos, no que nós chamamos de tarefas administrativas.
CDMB65: Da institucionalização do grupo de pesquisa: os membros dos grupos utilizam da institucionalização para se fortalecerem e exemplifica dizendo de mestrandos e doutorandos que ao se inscreverem em um concurso usa da institucionalização para se fortalecer.
CDMB67: Da institucionalização do grupo de pesquisa: influencia em seus modos de produção; essa contribuição e a publicidade dessa institucionalização são importantes para a vida institucional de cada um dos membros do grupo.
CDMB68: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a vivência do GIPIMEM contribui com o modo de outros grupos de pesquisa que estão sendo criado procederem.
CDMB71: Da institucionalização do grupo de pesquisa: estar no diretório do CNPq trás pouca influência diretamente para o grupo, mas ter um projeto do CNPq, ter um projeto OBEDUC da CAPES, ter a cooperação internacional com grupos estrangeiros influência bastante nesse grau de institucionalização, nas questões epistemológicas, mas principalmente na questão da visibilidade e do grupo não se fechar dentro de suas relações.
CDMT30: Da institucionalização do grupo: na importância e influência da

institucionalização para o desenvolvimento de projetos de pesquisas
CDMT31: Da institucionalização do grupo: na contribuição para o fortalecimento do grupo de pesquisa.
CDMT32: Da institucionalização do grupo: na participação em projetos que auxiliaram o financiamento da construção de um prédio para a realização das atividades da pós-graduação.
CDMT33: Da institucionalização do grupo: como pertencimento e a realização na instituição daquilo que é proposto nos projetos de pesquisas.
CDSN19: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importantíssimo, pois a universidade precisa saber o que está acontecendo no grupo.
CDSN21: Da institucionalização do grupo de pesquisa: caso um pesquisador seja ligado a um determinado grupo de pesquisa, ele utiliza disso para se expor e ser reconhecido por outros grupos; ainda salienta que a existência do grupo depende da frequente atualização, caso contrário deixa de existir.
CDSN22: Da institucionalização do grupo de pesquisa: não contribui para o fortalecimento do grupo, pois de seu ponto de vista, o grupo pode existir sem ser institucional.
CDSN23: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante para a visibilidade do grupo, mas não influencia a pesquisa propriamente dita; que o grupo pode existir sem a institucionalidade, mas que para tornar os trabalhos conhecidos, a institucionalização é importante.
CDLH47: Da institucionalização do grupo de pesquisa: se caracteriza como um problema, pois ela coordena dois grupos cadastrados no CNPq, o primeiro originalmente cadastrado na PUC-SP, visando investigações voltadas para tecnologias e meios de expressão em matemática; e agora recentemente, foi cadastrado na universidade UNIBAN o segundo grupo, Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação.
CDLH49: Da institucionalização do grupo de pesquisa: o grupo é associado, de seu ponto de vista a seus pesquisadores/membros; e salienta que tanto o coordenador, que está na instituição, como vários outros pesquisadores que pertencem ao grupo e são de outras instituições, recebem apoio para continuar desenvolvendo as ações investigativas.
CDLH50: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a continuação do grupo está ligada, não exclusivamente, mas em grande parte aos pesquisadores que buscam o grupo por conta da pós-graduação.
CDLH51: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a existência do grupo está ligada ao vínculo com os alunos e ex-alunos do grupo; e salienta que atualmente o grupo tem colaboradores do Canadá e Inglaterra; muitos deles não constam na lista do CNPq, pois não possuem currículo Lattes, desse modo afirma que se o grupo não apresentar associação com alguma instituição, o grupo não existiria.
CDLH52: Da institucionalização do grupo de pesquisa: vê o grupo como além da instituição, talvez pelo fato do grupo apresentar um contato muito forte com os professores de instituições diferentes.
CDLH53: Da institucionalização do grupo de pesquisa: contribui para o fortalecimento do grupo, pois estabelece relações com diferentes pesquisadores de diferentes instituições.
CDLH55: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante ter certo orgulho do

grupo, e esse orgulho também está associado à Instituição que o grupo está inserido.
CDLH56: Da institucionalização do grupo de pesquisa: influencia o modo de produção do grupo e expõe existir duas vertentes, a primeira a de disseminar as produções; e a segunda, negativo, pois de seu ponto de vista, o mundo acadêmico não é sempre decente em relação a produções.
CDLH57: Da institucionalização do grupo de pesquisa: alguns softwares produzidos pelo grupo são disponibilizados, em alguns casos, sem nenhum credenciamento do grupo, e salienta que por esse motivo esse mesmo material pode ser reproduzido e publicado com outra nomenclatura; que a disseminação através de sites, é o modo de as pessoas interessadas encontrarem os materiais do grupo.
CDLO27: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a institucionalização do grupo é conveniente para os relatórios do CNPq, para que conste que o grupo exista que se reúne com relativa frequência, e ressalta que ser institucionalizado garante ao grupo algumas certezas e valores.
CDLO28: Da institucionalização do grupo de pesquisa: existe uma busca por grupos de pesquisa, e salienta que recentemente o grupo recebeu financiamento para realização de um evento científico, o SERP.
CDLO29: Da institucionalização do grupo de pesquisa: permite uma divulgação do grupo, e salienta, que por isso pode mostrar para todo mundo que a FAPESP reconhece como um grupo bom de pesquisa.

As 67 CD expostas neste Quadro R2.17 trazem o sentido da *Institucionalização do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.18: AVALIAÇÃO DAS AÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR19: Da institucionalização do grupo: a característica de institucionalização do grupo é um faz de conta, pois em sua visão, os pesquisadores fazem pesquisa independente da constituição de um grupo e que em sua opinião o grupo é uma coisa natural dos humanos, que surge a partir da interação entre pessoas e após a constituição de um grupo junto ao CNPq não há uma avaliação das ações do mesmo e se não existe essa avaliação o grupo tem autonomia para escrever o que quiser.
--

A CDAR19 exposta no Quadro R2.18 traz o sentido da *Avaliação das ações do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.19: DA IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ENTRE OS PESQUISADORES DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR31: Da importância na articulação de ações investigativas e interação entre pesquisadores do grupo: outros pesquisadores e ex-alunos o procuram, pois sabem de sua capacidade de analisar dados, e também pela importância de continuarem interagindo.
CDCP27: Das interações entre os pesquisadores do grupo de pesquisa: apesar da falta de tempo dos pesquisadores, o grupo cria laços de solidariedade e de interesse no trabalho entre os participantes.

CDCL17: Da motivação investigativa dos membros do grupo de pesquisa: acontece através das leituras e do contato com outros pesquisadores.
CDCL55: Das relações investigativas do grupo de pesquisa: as ações de pensar, refletir, estudar e desenvolver uma investigação junto com o grupo de pesquisa são extremamente importantes; e ainda, o grupo possibilita aos pesquisadores ter experiências e discussões colaborativas.
CDCL56: Das relações investigativas do grupo de pesquisa: estar em grupo colaborativamente é escutar o outro, em um ambiente em que todos os membros tenham voz, possam opinar e serem ouvidos durante as discussões de ideias.
CDDF59: Das potencialidades na participação no grupo de sábado: prazer participar do grupo de sábado, pois as ideias são muito vivas, os professores trazem a vida da escola para os pesquisadores da universidade de modo bem real, sendo contundente com suas facilidades e complexidades. Ainda, salienta que o grupo produz um espaço de aprendizagem para todos.
CDMB14: Da interação entre os membros do grupo de pesquisa: teorizações das atividades realizadas em pesquisas do grupo; discussão de que apenas a tecnologia não é importante, mas que o importante é pensar problemas abertos que possam gerar explorações com as tecnologias.
CDMB52: Da interação com outros pesquisadores: durante a participação no congresso ICMI em Águas de Lindóia – SP, temático sobre formação de professores, entretanto foi com o objetivo de aprender e no final resultou no que é hoje a principal colaboração internacional do grupo de pesquisa.
CDSN18: Do envolvimento dos membros do grupo com a temática investigativa: trabalhando de dois modos: individualmente e coletivamente.

As 9 CD expostas neste Quadro R2.19 trazem o sentido da *Importância da interação entre os pesquisadores do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.20: PRODUÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

CDAR23: Da produção do grupo de pesquisa: existe a necessidade de aprovação dos projetos junto à pós-graduação; e ainda que os resultados dessas discussões possam resultar em artigos e capítulos de livros.
CDBM7: Dos produtos resultantes de pesquisas do grupo: do tratamento dos dados à publicação; trabalhe nessa obra de modo a constituir possibilidades, que visem à compreensão do texto pelos alunos em sala de aula.
CDBM8: Dos produtos resultantes de pesquisas do grupo: do tratamento dos dados à publicação.
CDBM30: Da produção do grupo: característica individuais presentes nas discussões entre orientador e orientandos do grupo de pesquisa.
CDBM32: Das apresentações das pesquisas do grupo: participação em eventos científicos.
CDBM33: Das apresentações das pesquisas do grupo: não existe um modo de exposição coletivo das produções do grupo e sim, eventos específicos, escolhidos individualmente pelos pesquisadores, em que são apresentadas e discutidas, individualmente as pesquisas

produzidas no grupo.
CDCL42: Das publicações do grupo de pesquisa: escrita de artigos a partir de testes realizados anteriormente por ex-orientandos são objetos de investigações.
CDCL49: Das investigações realizadas no grupo de pesquisa: podem influenciar ou levar os resultados a outras pessoas, possibilitando que pensem e reflitam sobre as temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
CDCL50: Das investigações realizadas no grupo de pesquisa: é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola.
CDCL51: Das investigações realizadas no grupo de pesquisa: é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola, pois pode ser um modo de impactar, de influenciar, de melhorar a escola.
CDCL52: Das publicações do grupo de pesquisa: são sempre resultados das investigações realizadas pelos pesquisadores do grupo.
CDCL53: Das publicações do grupo de pesquisa: são sempre resultados das investigações realizadas pelos pesquisadores, muitas vezes resultados de um projeto maior.
CDDF13: Da ênfase de investigação do grupo de pesquisa: apresenta uma perspectiva de teorização do campo, de construção teórica do tema <i>formação de professores</i> e do desenvolvimento profissional dos professores.
CDDF14: Da produção do grupo de pesquisa: as publicações do grupo estão disponíveis em artigos de periódicos, capítulos de livros - quatro livros publicados, sendo um deles produzido com colaboração internacional de um grupo do Canadá.
CDDF15: Da presença do grupo na revisão da literatura sobre formação de professores e respectiva teorização: apresenta uma liderança nacional no aspecto da formação de professores, tanto de revisão como de teorização nesse campo de pesquisa.
CDDF19: Das produções e temáticas do grupo de pesquisa: contemplam as sub-temáticas, envolvendo uma diversidade de interesse dos membros do grupo que entre si entram em acordo a respeito das definições assumidas.
CDDF25: Das ações organizadas a partir das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a partir das temáticas investigativas define uma literatura de estudo, que segundo ele irá fundamentar teoricamente o grupo. Esses textos são lidos e discutidos coletivamente, no qual essas leituras visam dar resinificados e rumos aos projetos.
CDDF37: Do foco de trabalho do grupo de pesquisa: o grupo tem uma função de sistematização de teorização, em que o grupo vê como importante dar retornos fortes para cada uma das instituições do que é trabalhando no grupo.
CDDF55: Das produções investigativas do grupo de sábado: escreve e produz, apresentando uma produção de cinco livros publicados, abordando pequenas investigações de sala de aula, de natureza mais narrativa.
CDDF70: Das características de produção, das interações entre os pesquisadores e da organização das reuniões do grupo de pesquisa: no grupo de pesquisa existem dois tipos de produção, as que apresentam colaboração do grupo; e as que seguem a perspectiva da pesquisa colaborativa.
CDDF74: Das características e das influências apresentadas nas produções do grupo de pesquisa: existem casos de autoria individual, onde os outros participantes colaboram com

leituras, críticas e revisões ortográficas, e ressalta que certa produção de uma comunidade, na qual as pessoas podem produzir individualmente, mas essa produção sofre influências e contribuições do coletivo.
CDDF77: Das contribuições levadas pelos pesquisadores à suas instituições de ensino: existe uma contribuição que é recíproca, é mútua, não é apenas do grupo, no sentido de ir do grupo para as instituições e às vezes das instituições para o grupo.
CDMB9: Das produções do grupo de pesquisa: o último livro lançado pelo grupo relata um pouco da história do grupo, em que foram analisadas teses e produções do grupo por duplas de pesquisadores, havendo uma interação de pesquisadores experientes com outros mais novatos.
CDSN6: Da produção do grupo de pesquisa: especificamente os trabalhos de mestrado e doutorado saíram, na maioria das vezes, ligados a história do conhecimento, a história da matemática no Brasil e pouquíssimos trabalhos ligados a assunto de Educação Matemática.
CDSN7: Das produções do grupo de pesquisa: os trabalhos desenvolvidos no grupo relacionado a Educação Matemática apresentaram os conteúdos matemáticos no desenvolvimento pedagógico como temática.
CDLH14: Das publicações do grupo de pesquisa: o grupo se consolidou no ano de 2008, quando os membros do grupo começaram a apresentar as publicações em desenvolvimento em eventos da área e também em revistas científicas.
CDLO22: Das publicações e temáticas investigativas do grupo de pesquisa: na constituição do último livro publicado pelo grupo fizeram em duas partes, a primeira tratando da teoria e da prática, e a segunda em ensino, aprendizagem e avaliação de matemática.

As 27 CD expostas neste Quadro R2.20 trazem o sentido da *Produção do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.21: MODOS DE CONSTITUIR TEMÁTICAS

CDCP10: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o fato de ir estruturando o trabalho e organizar pequenos projetos de pesquisas dentro do grupo foi uma estratégia interessante e produtiva, que por um lado facilitou o trabalho de orientação; e por outro lado, possibilitou possibilidades dos estudantes realizarem trabalhos mais consistentes.
CDCP20: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente no grupo, estão lendo e estudando os artigos de um determinado livro, para, a partir desses estudos, os integrantes do projeto irão formular seus projetos de pesquisa; ainda ressalta que os temas investigativos são debatidos coletivamente com todo o grupo de pesquisa.
CDCP22: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: resultante das discussões ocasionadas nas reuniões e nos estudos, a partir disso o grupo formaliza um projeto de pesquisa.
CDCP23: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: são definidas coletivamente; e ressalta que sugeriu investigações sobre os currículos da América Latina, fazendo um estudo comparativo.
CDCL9: De como surgem às temáticas investigativas do grupo de pesquisa: emergem das

discussões entre os membros do grupo de pesquisa.
CDCL10: De como surgem às temáticas investigativas do grupo de pesquisa: não saberia dizer exatamente quando surgem às temáticas investigativas o grupo; salienta que as temáticas investigativas surgem das dificuldades do grupo, das problemáticas que os professores encontram nas salas de aula. Há um processo de questionamentos e de amadurecimento das perguntas levantadas.
CDCL18: Da definição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: acontecem nas discussões dos projetos do grupo.
CDCL26: Segundo a pesquisadora, de seu ponto de vista, a motivação dos membros do grupo de pesquisa em continuar engajados em suas pesquisas vem do interesse pessoal de cada indivíduo na temática de pesquisa.
CDCL54: De como surgem às temáticas investigativas do grupo: a experiência de pesquisa de cada membro do grupo direciona os caminhos investigativos e possibilita a discussão dos caminhos de pesquisa.
CDDF16: Como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: como coordenador do grupo não realiza proposta de pesquisas, e salienta que as proposições acontecem de maneira colaborativa e conjunta. As ideias de temas de pesquisas surgem em grupo.
CDDF18: Como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: os projetos são propostos pelos participantes do grupo de pesquisa, e salienta como todos são doutores e trabalham em suas respectivas instituições de ensino, trazendo para o grupo suas demandas de trabalho.
CDDF21: Dos interesses de pesquisa e constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo se preocupa com a formação e constituição do professor em sala de aula, em todos os subgrupos de trabalho.
CDDF22: De como são constituídos os temas investigativos do grupo de pesquisa: as exposições das ideias para constituírem um tema de pesquisa acontecem em grupo e são influenciadas pelas literaturas a que o grupo tem acesso. O grupo discute de antemão para organizar seus planos futuros.
CDDF23: depois da definição do tema de pesquisa, esse será a preocupação central do grupo, no qual posteriormente serão discutidas e definidas outras ações, como a de seleção, produção dos dados e análise.
CDDF24: Da constituição de subgrupos do grupo de pesquisa: são constituídos subgrupos do grupo maior, intencionados a partir das temáticas investigativas.
CDDF28: Da constituição de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: os participantes de um evento científico levantaram a ideia de elaborar e desenvolver um livro, o que foi realizado e publicado, contemplando e trazendo aportes do mundo inteiro.
CDDF29: Da constituição de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: o que mobiliza o grupo para determinada temática de pesquisa é algo complexo, que envolve a interlocução do grupo com suas leituras, pesquisas, interesses particulares dos pesquisadores e orientandos, de modo que as temáticas são definidas diante do conflito dessas perspectivas, ideias e interesses dos membros do grupo de pesquisa.
CDDF30: Da constituição de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: acontece a partir da perspectiva colaborativa que o grupo assumiu, em que todos os membros do grupo

discutem desde o objetivo da pesquisa à definição do tema.
CDDF32: Da exposição ideias e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa: acontecem situações em que determinada proposta de temática ser apresentada, elas foram adquirindo corpo próprio, se constituindo em algo diferente daquilo que foi inicialmente proposto.
CDDF33: Da exposição ideias, discussões e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa: durante a negociação das temáticas de pesquisa, o grupo visa contemplar a perspectiva apresentada pelos membros individualmente considerados, de modo que se identifiquem com as ideias do grupo.
CDDF58: Da constituição das temáticas investigativas e da participação dos professores nas reuniões do grupo de sábado: as temáticas do grupo são definidas coletivamente; sendo assim, a partir das temáticas os pesquisadores buscam por literaturas abrangentes.
CDDF68: Das perspectivas investigativas, das exposições e das discussões das temáticas e pesquisas realizadas no grupo PRAPEM.
CDDF72: Do tema de investigação e das discussões sobre o processo investigativo do grupo de pesquisa: são as práticas de pesquisa sobre a formação de professores e a prática de pesquisa em que são discutidos os processos de pesquisar.
CDDF73: Das discussões para definição do caráter das publicações, individual ou coletiva, do grupo de pesquisa: antes de efetivar certa publicação, o grupo realiza um debate, em que são discutidos se a intenção de pesquisa tem relação com a temática com a qual o grupo está trabalhando; caso isso não se configure a publicação é descartada como sendo do coletivo.
CDMB19: Do surgimento de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: o termo <i>seres-humanos-com-mídias</i> surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos.
CDMB20: Do surgimento de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: o termo seres humanos com mídias surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos.
CDMB24: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: dos insights do coordenador do grupo – nadando e/ou caminhando com alunos do grupo de pesquisa e junto a alunos.
CDMB25: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: expõe o caso de um aluno que já apresentava destreza com a ferramenta de produção de vídeos, mas que não tinha experiência como professor para pensar na sala de aula. Entretanto, na união pesquisador e orientando resultou em um produto investigativo.
CDMB26: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: temas advindos da sociedade e que se manifestam na utilização das tecnologias.

CDMB28: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: de questões subjetivas, do desejo, das questões objetivas, das possibilidades de cada membro do grupo e da materialidade disponível.
CDMB29: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: acontece mediante essa interface, essa combinação de questões objetivas e subjetivas, em que uma está impregnada da outra.
CDMB30: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: em dois momentos, o primeiro, ao ser pensado por ele – coordenador, porque era a principal liderança e pensava em projetos, nas vertentes investigativas e nos financiamentos. E o segundo momento, com os pesquisadores mais experientes do grupo e pelos pesquisadores associados.
CDMB35: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: a elaboração de um tema de investigação acontece colaborativamente, mas a exposição, ou publicação, não, pois há simetrias, e ressalta que existem pressões dos dois lados, do aluno que deseja investigar o projeto com algumas características e do orientador, do departamento e de agências de fomento do outro lado.
CDMB36: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: discussão de um possível tema investigativo com pesquisadores mais experientes do grupo.
CDMB37: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: o coordenador apresenta para crítica e sugestões tema que será investigado futuramente, podendo ou não desenvolver todos. Então, há membros do grupo pleiteiam os outros temas que não foram escolhidos, para desenvolverem.
CDMB38: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: efetuada pelos pesquisadores docentes do grupo, tanto os pesquisadores da UNESP, quanto aqueles que cooperam internacionalmente ou de outras instituições; também por alunos mais experientes, geralmente os doutorandos. E ainda, que o grupo dá, em momentos específicos, mais atenção aos que no momento estão precisando.
CDMT2: Da constituição das temáticas de investigação do grupo: psicologia da Educação, com ênfase na psicologia da Educação Matemática; formação de professores; história da matemática e história da Educação Matemática.
CDMT15: Da constituição da temática central de investigação do grupo: é elaborado pelos pesquisadores líderes junto com os demais membros do grupo de pesquisa.
CDMT17: Da constituição da temática central de investigação do grupo: reuniões entre os pesquisadores para a elaboração do projeto maior do grupo de pesquisa.
CDMT19: Da constituição da temática central de investigação do grupo: foi preciso ouvir semanalmente tudo o que estava sendo trabalhado por cada pesquisador do grupo junto com seus respectivos orientandos.
CDMT21: Das temáticas investigativas do grupo: realização de reuniões para elaboração de projetos e também, finalização de pesquisas.
CDSN9: De como surgem os temas investigativos do grupo de pesquisa: inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores.
CDSN10: De como surgem os temas investigativos do grupo de pesquisa: inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores e salienta que os alunos do grupo trabalham

com trabalhos já delineados pelos orientadores.
CDSN11: De como surgem os temas investigativos do grupo de pesquisa: das experiências dos pesquisadores/orientadores; quando o aluno chega ao grupo, o orientador apresenta o tema para ele. Ainda, ressalta que em todos os trabalhos sob sua orientação, foi ele que apresentou o tema investigativo para o aluno.
CDLH15: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: de dois modos diferentes. Primeiro das preocupações dos pesquisadores aliados ao grupo - os alunos de pós-graduação que vêm com suas questões e preocupações; e a segunda, vem do desejo de contribuir para uma nova perspectiva teórica, na qual o grupo visa entender o papel do corpo na construção do conhecimento social.
CDLH17: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: como coordenadora e os demais pesquisadores/orientadores do grupo também indicam temas investigativos a seus alunos/orientandos; e salienta que muitos dos temas são decididos por mais de um pesquisador.
CDLH19: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: sobre as diferentes maneiras de se fazer matemática para os alunos, e trabalha também com sons ao utilizar música na prática pedagógica.
CDLH20: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: o grupo indica uma temática investigativa para o aluno, geralmente ele aceita, pois chegam ao grupo com propostas de pesquisas obscuras.
CDLH22: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: é elaborado pelos pesquisadores que estão ligados a projetos de pesquisas com financiamentos vigentes.
CDLH23: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: para ter visibilidade, não vê alternativa, a não ser, o grupo se adequar ao modismo das agências de fomento.
CDLH24: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: quando o grupo pleiteia financiamento para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, este passa por adequações que o órgão financiador exige, porém, ressalta que as questões fundamentais de grupo são decididas a partir dos resultados de pesquisa desenvolvidas.
CDLH25: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: a construção do projeto maior do grupo não acontece colaborativamente com os outros membros de pesquisa, e ressalta que existe no grupo pesquisadores que são mais centrais, e outros que vem e vão, que apenas passam pelo grupo com a finalidade de obter certa qualificação.
CDLO16: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: na primeira reunião com os orientandos é discutida a temática anual de investigação do grupo; salienta que disponibiliza para os alunos as revistas do NCTM, para que eles busquem temáticas de investigação.
CDLO17: Da constituição da temática investigativa do grupo: nas exposições de pesquisas realizadas, ela expõe para os alunos o que está sendo realizado, e salienta que esse é um caminho para a constituição da temática investigativa do grupo.
CDLO21: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: se conhece o projeto de pesquisa de cada orientando.
CDLO23: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: não existe uma regularidade para definir as temáticas investigativas do grupo de pesquisa, e

exemplifica que é como na sala de aula, preparamos uma aula e o aluno faz uma pergunta que muda todo o andamento da mesma; ainda, salienta que em seu grupo às vezes se reúnem apenas para resolver problemas.

CDLO24: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: durante as reuniões do grupo surge a definição de temas investigativos; e também a pesquisadora sempre apresenta materiais novos para os alunos se atualizarem e usarem em suas investigações.

As 57 CD expostas neste Quadro R2.21 trazem o sentido dos *Modos de constituir temáticas*.

QUADRO R2.22: NÃO DIZ DA PERGUNTA DE PESQUISA

CDLO25: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: salienta que existem discursos de outros pesquisadores sobre a metodologia utilizada no grupo e exemplifica citando a fala da professora Rosana, que diz que a metodologia de ensino-aprendizagem, avaliação da matemática através da resolução de problemas, de seu ponto de vista não é uma metodologia, e sim uma filosofia da educação.

A CDLO25 exposta no Quadro R2.22 não diz da pergunta de pesquisa.

QUADRO R2.23: DISPOSIÇÃO DE TEMPO PARA OS MEMBROS PARTICIPAREM DO GRUPO DE PESQUISA

CDCP29: Da disposição de tempo dos pesquisadores para a temática de investigação do grupo: no processo seletivo, quando os alunos ingressantes no grupo são entrevistados, esses se comprometem de ter todo o tempo disponível para as atividades do grupo, mas segundo ela a sobrevivência fala mais alto e eles acabam pegando mais aulas do que deveriam; ainda existem os problemas familiares e pessoais que acabam interferindo no desenvolvimento das pesquisas.

CDMT26: Da disposição de tempo dos pesquisadores em relação às temáticas do grupo: na relação do orientador com seus orientandos, e também em grupos de estudo agregando ex-pesquisadores e alunos do grupo de pesquisa.

CDMT27: Da disposição de tempo dos pesquisadores em relação às temáticas do grupo: o vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores acontece por meio de grupos de estudos.

As 3 CD expostas neste Quadro R2.23 trazem o sentido das *Disposições de tempo para os membros participarem do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.24: GRUPO GERANDO NOVOS GRUPOS A ELE VINCULADOS E RESPECTIVAS CARACTERIZAÇÕES

CDDF38: Da caracterização dos subgrupos para o grupo de pesquisa: são uma instância importante do grupo de pesquisa.

CDMT50: Da constituição de grupos: necessidade de discussão e orientações no momento de formação dos grupos de pesquisa.

CDLO12: Da constituição de grupos de pesquisa: a partir do seu grupo, o GTERPE, outros grupos foram criados.

As 3 CD expostas neste Quadro R2.24 trazem o sentido do *Grupo gerando novos grupos a ele vinculados e respectivas caracterizações*.

QUADRO R2.25 EXECUÇÃO DE PROJETOS DO GRUPO DE PESQUISA

CDCP16: Dos projetos de pesquisa do grupo: desenvolve dois projetos menores: um que trabalhava com aprendizagem significativa e currículo, que já possui pesquisas concluídas; e também a organização curricular e formação de professores em diferentes níveis e modalidades de ensino; e também salienta que o grupo deve ter diretrizes que balizam seu movimento de pesquisa, de modo a ter uma visão antecipada do que se quer fazer, mas também apresentando uma abertura a novas questões.

A CDCP16 exposta no Quadro R2.25 traz o sentido de *Execução de projetos do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.26: REUNIÕES DO GRUPO DE PESQUISA

CDCP21: Das reuniões do grupo de pesquisa semanalmente o grupo se reúne e são trabalhadas as temáticas que estão sendo investigadas.

CDCP26: Das reuniões do grupo de pesquisa: muitas vezes os participantes saem animados de uma reunião do grupo, porém na reunião posterior os alunos retornam sem ter conseguido realizar uma leitura aprofundada do texto que será debatido e/ou não tenha conseguido organizar suas ideias para avançar na proposição de questões; e salienta que o grupo enfrenta problemas desse tipo.

CDCP28: Das reuniões do grupo de pesquisa: no programa de pós-graduação de que participa, existe um seminário mensal, que reúne todos os grupos de pesquisa e a cada semestre é escolhido um professor do próprio programa para apresentar e debater certo tema.

CDCP48: Das reuniões do grupo de pesquisa: ela organiza no início do semestre uma pauta das reuniões do grupo, em função ao andamento dos trabalhos, dos autores que serão discutidos, dos textos que serão estudados, do pesquisador que apresentará o texto do outro.

CDCL11: Das reuniões do grupo de pesquisa: as quais acontecem semanalmente com discussões sobre a questão central de investigação do grupo, a saber, o currículo da matemática na educação básica.

CDCL14: Das reuniões do grupo de pesquisa: acontecem discussões e reflexões de temas considerados importantes na organização de um currículo de matemática e de políticas públicas.

CDDF35: Da participação dos pesquisadores nas reuniões do grupo de pesquisa: os membros do grupo estão também muito envolvidos em funções administrativas.

CDDF41: Dos encontros presenciais e das discussões de textos significativos pelos pesquisadores do grupo de pesquisa.

CDMB39: Das reuniões do grupo de pesquisa: as reuniões do grupo acontecem geralmente

às sextas-feiras à tarde e enfatiza que nos últimos dez anos o grupo esteja passando por uma crise de crescimento.
CDMB40: Das reuniões do grupo de pesquisa: o crescimento do grupo está dificultando que os membros se expressem em apenas uma reunião.
CDMB41: Das reuniões do grupo de pesquisa: o crescimento do grupo está exigindo a realização de uma multiplicidade de reuniões.
CDMB42: Das reuniões do grupo de pesquisa: o crescimento do grupo está exigindo a realização de uma multiplicidade de reuniões, um caso particular citado é uma reunião específica para discussão de projetos de pesquisa.
CDMB43: Das reuniões do grupo de pesquisa: os membros do grupo realizam reuniões de estudos e discussões de textos com pessoas de outros grupos.
CDMB47: Da força de um tema de investigação: ter propostas específicas para cada membro, de modo que esse pesquisador se sinta à vontade para desenvolvê-la.
CDLH31: Das reuniões do grupo de pesquisa: gostaria de ter um espaço em seu grupo de pesquisa, no qual os pesquisadores que já finalizaram suas pesquisas participem com os demais membros.
CDLH54: Das reuniões do grupo de pesquisa: as reuniões que o grupo desenvolve conta com a participação dos pesquisadores que pertencem à mesma instituição.
CDLO14: Das reuniões e produções do grupo de pesquisa: o grupo se reúne toda terça-feira em grupos de estudo e salienta que as investigações e produções são realizadas em grupo.
CDMT16: Das reuniões do grupo: de modo periódico e modelos diferentes.
CDMT20: Das reuniões do grupo de pesquisa: encontros periódicos quinzenais e contato entre os pesquisadores via e-mail.
CDSN4: Das reuniões do grupo de pesquisa: a criação de uma jornada específica de história da matemática na UNESP de Rio Claro – SP, mas, que depois de certo período se acabou.
CDSN5: Das reuniões do grupo de pesquisa: embora o grupo ainda exista, sendo ele o coordenador, praticamente as reuniões presenciais do grupo são realizadas e coordenadas pelo professor Marcos Teixeira.

As 21 CD expostas neste Quadro R2.26 trazem o sentido das *Reuniões do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.27: APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS DO GRUPO DE PESQUISA

CDCP38: Das apresentações das publicações do grupo de pesquisa: são apresentadas em eventos científicos, e salienta que a própria estruturação do programa de pós-graduação estimula e valoriza a participação dos alunos em congressos e principalmente a publicação em artigos de periódicos.
CDCL37: De como são apresentadas as investigações do grupo de pesquisa: em congressos no Brasil e exterior, artigos científicos, livros.
CDDF31: Da exposição ideias e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa: qualquer membro do grupo pode fazer indicação de ideias, exemplifica dizendo que uma

<p>ideia apresentada por ele pode ser fortemente modificada, remodelada em função dos interesses de cada participante.</p>
<p>CDDF32: Da exposição ideias e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa: acontecem situações em que determinada proposta de temática ser apresentada, elas foram adquirindo corpo próprio, se constituindo em algo diferente daquilo que foi inicialmente proposto.</p>
<p>CDDF33: Da exposição ideias, discussões e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa: durante a negociação das temáticas de pesquisa, o grupo visa contemplar a perspectiva apresentada pelos membros individualmente considerados, de modo que se identifiquem com as ideias do grupo.</p>
<p>CDDF68: Das perspectivas investigativas, das exposições e das discussões das temáticas e pesquisas realizadas no grupo PRAPEM.</p>
<p>CDDF69: Das apresentações e da temática investigativa do grupo de pesquisa: não é qualquer trabalho que é apresentado no grupo, e sim, aquilo que tem relação com a temática de investigação do grupo de pesquisa.</p>
<p>CDMB72: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: são apresentadas em congressos desde iniciação científica até os congressos internacionais.</p>
<p>CDMB73: Segundo o entrevistado, as pesquisas do grupo são apresentadas em diversos congressos como: ICME; PME e também estão participando bastante dos ENEM's.</p>
<p>CDMB74: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: em livros, e salienta que nesses vinte e um anos, são oito livros de autoria própria; mais quatro ou cinco organizados; uns cinquenta capítulos de livros; e vários artigos, cada vez mais publicados no exterior e no Brasil.</p>
<p>CDMT34: Modos de apresentação das pesquisas desenvolvidas no grupo: em seminários de apresentações do grupo, eventos organizados pelas linhas de pesquisa do grupo e eventos científicos.</p>
<p>CDSN24: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: em congressos em geral, seus orientandos participam de quase todos os congressos da área e salienta que existem poucos congressos da área, sendo assim, o grupo tem por meta que os alunos participem desses eventos.</p>
<p>CDLH33: Das apresentações de pesquisas do grupo: quando os membros do grupo submetem publicações expondo suas investigações, precisa-se pensar com muita criatividade nos títulos, de modo que evidencie que o grupo não realiza pesquisas voltadas apenas para uma pequena área de interesse e também para que atraia ouvintes nas apresentações.</p>
<p>CDLH43: Da apresentação das pesquisas do grupo: acontecem no site do grupo, o qual tem várias páginas, a saber: de publicações, de introdução e dos pesquisadores com seus respectivos currículos Lattes do grupo.</p>
<p>CDLH44: Da apresentação das publicações do grupo: além da disponibilização de publicações no site do grupo, também publicam em jornais, em livros, em congressos nacionais e internacionais.</p>
<p>CDLH45: Da apresentação das publicações do grupo: desenvolve e disponibiliza por meio do seu site, softwares com produtos do grupo.</p>

CDLH46: Da apresentação das publicações do grupo: participam de eventos para professores, realizados em semanas de licenciatura, em eventos como os SMEM's de Rio Claro - SP; salienta que gostam de ir para estados que são mais distantes dos centros de pesquisas em Educação Matemática no Brasil, pois encontram professores que são abertos para ouvir por não têm muitas chances de diálogo.

As 17 CD expostas neste Quadro R2.27 trazem o sentido da *Apresentação dos trabalhos do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.28: INTERNACIONALIZAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

CDMB32: Da internacionalização do grupo de pesquisa: o grupo é internacionalizado deste seu surgimento.

CDMB33: Da internacionalização do grupo de pesquisa: o grupo já se formou internacionalizado por consolidar algumas cooperações com grupos estrangeiros; interação com o professor Ole Skovsmose durante seis anos, ocasionando sua vinda pela primeira vez para Rio Claro; e também a dissertação de mestrado do coordenador do grupo, que trabalhou com etnomatemática e educação matemática crítica, resultando em dois ou três artigos e capítulos publicados na Springer ou no For the Learning of Mathematics.

CDMB34: Da interação com pesquisadores estrangeiros no grupo de pesquisa: são apresentadas teses em que usam o construto seres-humanos-com-mídias de uma maneira que ele nem sabe se concorda, mas que tomou a decisão de não decidir isso, e sim, de estar discutindo e debatendo.

As 3 CD expostas neste Quadro R2.28 trazem o sentido da *Internacionalização do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.29: INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS DE PESQUISAS DISTINTOS

CDCL16: Dos convênios investigativos firmados pelo grupo: o grupo desenvolve pesquisa se relacionando com outras instituições e em suas investigações são trabalhadas as questões de competência da observação com sentido na prática docente.

CDCL19: Da motivação investigativa dos membros do grupo de pesquisa: nas participações em eventos científicos e das relações existentes com pesquisadores de outros grupos, no caso da presença de professores visitantes no grupo e também de pesquisadores do grupo que visitam outras instituições.

CDCL20: Dos convênios investigativos firmados pelo grupo: os pesquisadores que visitam o grupo convivem com os membros por um período e participam das atividades e reuniões coletivas.

CDCL23: Dos pesquisadores visitantes no grupo: existem pesquisadores que realizam pós-doutorado junto ao grupo de pesquisa, investigando questões voltadas para o currículo.

CDCL24: Dos pesquisadores visitantes no grupo: participam do grupo vários professores da rede de ensino, interessados pela temática investigativa.

CDCL25: Dos pesquisadores visitantes no grupo: participam do grupo vários professores da rede de ensino, interessados pela temática investigativa.

CDDF62: Do processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional a partir da participação de pesquisadores externos junto ao grupo PRAPEM.
CDMB34: Da interação com pesquisadores estrangeiros no grupo de pesquisa: são apresentadas teses em que usam o construto seres-humanos-com-mídias de uma maneira que ele nem sabe se concorda, mas que tomou a decisão de não decidir isso, e sim, de estar discutindo e debatendo.
CDMT23: Da relação entre pesquisadores de diferentes grupos: o ponto agregador é à formação de professores voltada para as políticas públicas.
CDMT24: Da relação entre pesquisadores de diferentes grupos: o grupo é constituído por pesquisadores dos setores da Educação Matemática, da Educação e das Ciências Exatas; e salienta a desvalorização da Educação Matemática pelos outros setores.
CDMT25: Da relação entre pesquisadores de diferentes departamentos: os pesquisadores se unem pela via da licenciatura com o objetivo de formar professores de matemática; produzindo pesquisas voltadas para a formação inicial de professores.

As 11 CD expostas neste Quadro R2.29 trazem o sentido da *Interação entre Grupos de Pesquisas distintos*.

QUADRO R2.30: INTUIÇÃO DA FORÇA DE UMA TEMÁTICA

CDCL15: De como o coordenador intui a força de um tema investigativo do grupo de pesquisa: durante a realização das leituras discutidas no grupo e dos convênios de pesquisa em que o grupo se associa com outras instituições.
CDDF27: De como é intuído a força de um tema investigativo para o grupo de pesquisa: vai além da argumentação com o grupo, envolve também emoção, sentimento, apresentando um movimento que mobiliza o grupo a querer estudar determinado tema ou aprofundar em uma determinada perspectiva.
CDMB48: Da força de um tema de investigação: todos os integrantes do grupo se identificam com o seu tema central de investigação. Também salienta que conhece novas ideias que estão circulando nas discussões e também nas interações sociais do evento.
CDMB49: Da força de um tema de investigação: que aprende muito participando de eventos científicos e que durante as interações sociais, como turismo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando.
CDMB50: Da força de um tema de investigação: que aprende muito participando de eventos científicos e que durante as interações sociais, como turismo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando e com isso, fica pensando em sua existência, nos vinte e um anos de participação do GPIMEM, de seus dez anos que antecederam a criação do grupo e de vivência com a Educação Matemática.
CDMB51: Da intuição da força de um tema de investigação: a intuição da força de um tema de pesquisa é algo complexo e que de um ponto de vista acontecem em congressos e notas.
CDMT16: Das reuniões do grupo: de modo periódico e modelos diferentes.

As 7 CD expostas neste Quadro R2.30 trazem o sentido da *Intuição da força de uma temática*.

QUADRO R2.31: INFRAESTRUTURA GERADA PELO GRUPO DE PESQUISA

CDMB4: Dos auxílios financeiros conquistados pelo grupo: construção de um laboratório de pesquisa - Laboratório de Informática e Educação Matemática e também um anfiteatro maior para o uso coletivo do departamento.

CDMB5: Dos auxílios financeiros conquistados pelo grupo: da importância da construção de um laboratório de pesquisa - Laboratório de Informática e Educação Matemática para os discentes da pós-graduação.

As 2 CD expostas neste Quadro R2.31 trazem o sentido da *Infraestrutura gerada pelo Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.32: GRUPO DE TRABALHO

CDLO2: Da constituição do grupo de pesquisa: ela sempre gostou de grupo de trabalho, e salienta que não acha interessante pesquisadores serem isolados.

CDLO3: Da constituição do grupo de pesquisa: em 1965, a professora Lourdes de La Rosa Onuchic iniciou em Rio Claro na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje UNESP seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática.

CDLO4: Da constituição do grupo de pesquisa: quando se constituiu os seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática, buscou do grupo da licenciatura quem gostava de ensinar.

CDLO5: Da constituição do grupo de pesquisa: no início dos trabalhos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro - SP foi designada a ela a responsabilidade do curso de pedagogia.

CDLO6: Da dinâmica do grupo de pesquisa: grupo era discutir as dúvidas e fazer com que os alunos falassem.

As 5 CD expostas neste Quadro R2.32 trazem o sentido de *Grupo de Trabalho*.

QUADRO R2.33: QUESTIONAMENTOS SOBRE AS PRODUÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA

CDCL2: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o currículo de matemática nas perspectivas do que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia.

A CDCL2 exposta no Quadro R2.33 traz o sentido dos *Questionamentos sobre as produções do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R2.34: CARACTERIZAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

CDDF7: os aspectos desenvolvimento profissional da pesquisa do professor sobre a própria prática e a identidade e a profissionalidade docente foram se desdobrando e ganharam força dentro do grupo de pesquisa e que alguns contextos de prática formativa ou de desenvolvimento profissional foram sendo intuídos.

A CDDF7 exposta no Quadro R2.34 traz o sentido da *Caracterização de investigação do Grupo de Pesquisa*.

Novamente, persistentes no movimento de redução, tomamos as 34 *Primeiras Convergências de Sentido e Significado* em uma sequência de 1 a 34, perguntando-nos do que dizem sobre a interrogação formulada, constituindo, agora, o R3, articulando 07 Ideias Abrangentes. Compreendemos o sentido que para nos fazem, como exposto nos Quadros R3 de 1 a 7.

QUADRO R3.1: CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

Modos de o grupo de pesquisa se compor
O grupo gerando novos grupos a ele vinculados e respectivas caracterizações
Tentáculos do grupo de pesquisa
Formação do grupo de pesquisa

As 4 PCSS expostas neste Quadro R3.1 trazem o sentido da *Constituição do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R3.2: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO GRUPO DE PESQUISA

Interação entre grupos de pesquisas distintos
Internacionalização do grupo de pesquisa
Execução de projetos do grupo de pesquisa
Reuniões do grupo de pesquisa
Apresentação dos trabalhos do grupo de pesquisa
Disposição de tempo para os membros participarem do grupo de pesquisa
Ações do coordenador do grupo
Modos de elaborar o projeto maior do grupo de pesquisa
Da importância da interação entre os pesquisadores do grupo de pesquisa
Modos de o grupo de pesquisa proceder às orientações e de definir e debater projetos
Institucionalização do grupo de pesquisa
Avaliação das ações do grupo de pesquisa
Modos de decidir participar do grupo de pesquisa
Escolha de temas de pesquisa
Modos de os pesquisadores e orientandos do grupo de pesquisa se articularem
Como se dá o credenciamento de autores em produção coletiva do grupo de pesquisa
Questionamentos sobre as produções do grupo de pesquisa
Caracterização de investigação do grupo de pesquisa
Procedimentos do grupo de pesquisa
Escolha de temas de pesquisa

As 20 PCSS expostas neste Quadro R3.2 trazem o sentido da *Estrutura e funcionamento do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R3.3: MOVIMENTO DO GRUPO DE PESQUISA: PERMANÊNCIAS E MODIFICAÇÃO

Historicidade da constituição do grupo de pesquisa
Permanência de membros no grupo de pesquisa

As 2 PCSS expostas neste Quadro R3.3 trazem o sentido do *Movimento do Grupo de Pesquisa: permanência e modificação*.

QUADRO R3.4: GERAÇÃO DA TEMÁTICA

Intuição da força de uma temática
Modos de constituir temáticas
Temáticas do grupo de pesquisa

As 3 PCSS expostas neste Quadro R3.4 trazem o sentido da *Geração da Temática*.

QUADRO R3.5: INSTITUCIONALIZAÇÃO E INFRAESTRUTURA

Infraestrutura gerada pelo grupo de pesquisa
Grupos vinculados à Programa de Pós-graduação: infraestrutura

As 2 PCSS expostas neste Quadro R3.5 trazem o sentido da *Institucionalização e Infraestrutura* do Grupo de Pesquisa.

QUADRO R3.6: PRODUÇÃO E AUTORIA DAS INVESTIGAÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA

Autoria da produção do grupo de pesquisa
--

A PCSS: Autoria da produção do Grupo de Pesquisa exposta no Quadro R3.6 traz o sentido da *Produção e Autoria das investigações do Grupo de Pesquisa*.

QUADRO R3.7: TRABALHO EM GRUPO

Importância do trabalho em grupo
Grupo de trabalho

As 2 PCSS expostas neste Quadro R3.7 trazem o sentido do *Trabalho em Grupo*.

Perguntando-nos, novamente, pelo que dizem as 7 *Ideias Abrangentes* e ficamos atentos para saber se ainda poderiam convergir em sentidos e significados mais abrangentes. Entendemos que poderíamos realizar mais uma redução, a R4 que denominamos *Ideias Nucleares* expostas nos quadros abaixo. Nesse movimento entendemos que poderíamos realizar uma convergência articulando os sentidos e significados das *Ideias Abrangentes* de 1

a 4, e as Ideias abrangentes 5, 6 e 7 permaneceram, entretanto, para manter a nomenclatura da redução 4, foram renomeadas como Ideias Nucleares.

**QUADRO R4.1: MOVIMENTO DE SER DO GRUPO DE PESQUISA:
CONSTITUIÇÃO, PERMANÊNCIA E MODIFICAÇÃO**

Constituição do grupo de pesquisa
Estrutura e funcionamento do grupo de pesquisa
O movimento do grupo de pesquisa: permanências e modificação
Institucionalização e infraestrutura

As 4 IN expostas neste Quadro R4.1 trazem o sentido do *Movimento de ser do Grupo de Pesquisa: constituição, permanência e modificação*.

QUADRO R4.2: GERAÇÃO DA TEMÁTICA

Geração da temática

A IN: geração da temática exposta no Quadro R4.2 traz o sentido da *Geração da temática*.

QUADRO R4.3: PRODUÇÃO E AUTORIA DAS INVESTIGAÇÕES

Produção e autoria das investigações

A IN: produção e autoria das investigações exposta no Quadro R4.3 traz o sentido da *Produção e autoria das investigações*.

QUADRO R4.4: TRABALHO EM GRUPO

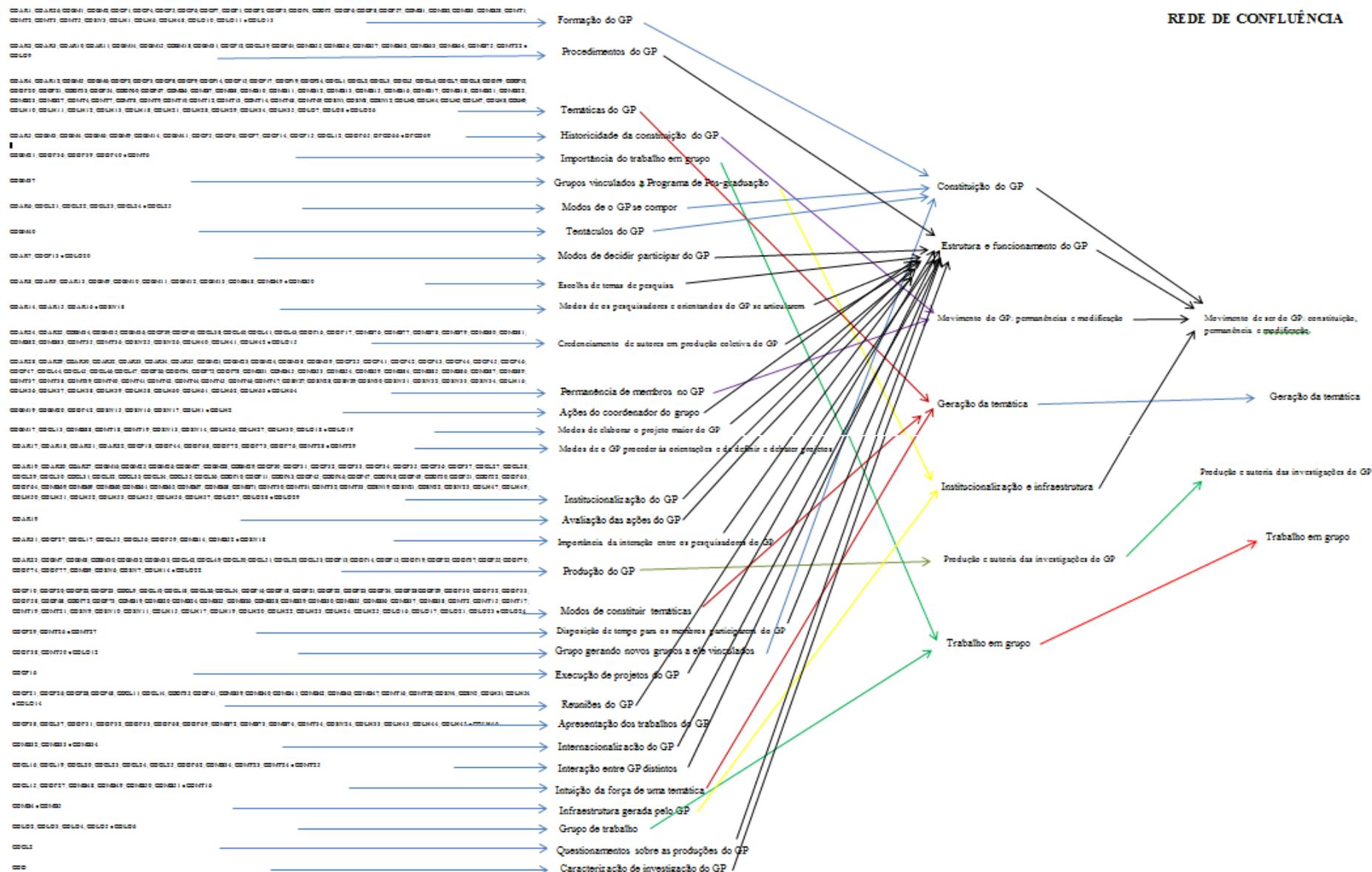
Trabalho em Grupo

A IN: trabalho em grupo exposta no Quadro R4.4 traz o sentido do *Trabalho em Grupo*.

3.4 Rede de confluência

Expomos nesta Rede de Confluências, de modo visual, o movimento que realizamos de convergência das Unidades de Significado e das Primeiras convergências de sentido ou significado, expressando, assim, as Ideias Abrangentes e as quatro Ideias Nucleares.

REDE DE CONFLUÊNCIA



CAPÍTULO IV

INTERPRETANDO AS IDEIAS NUCLEARES

Todo o movimento investigativo realizado na constituição desta pesquisa se deu à luz da pergunta diretriz: *como se dá a produção do conhecimento em grupos de pesquisas em Educação Matemática?* Salientamos que o foco desse *como* não incide sobre os modos de estar uns com os outros, trabalhando de modo coletivo, mas nas ações em que a intuição de temas, entendidos como significativos, se articulam no pensar dessa coletividade e, no movimento do seu acontecer, produz conhecimento. A intenção que nos moveu ao longo desta investigação foi compreender como o trabalho se constitui de modo coletivo ao mesmo tempo em que são publicados com os nomes de alguns membros e não em nome do grupo.

Nesse movimento de exposição de nossas compreensões de como a produção de conhecimento acontece nas articulações entre os membros de um grupo de pesquisa, buscamos transcender os dados individuais de um depoente ao expor as interpretações particulares, adentrando em direção às articulações das *ideias nucleares* ao expor as compreensões dos sentidos e dos significados de cada vez mais abrangentes e aclarando o movimento que avança dos individuais à generalidade.

Nesta etapa de movimento investigativo, caminhamos procedendo a um pensar que realiza teorização, na medida em que entrelaçamos as falas dos depoentes, as ideias abrangentes, as ideias nucleares e as nossas compreensões dos estudos realizados.

Organizamos a apresentação das Ideias Nucleares do seguinte modo: *Trabalho em Grupo; O movimento de ser do grupo de pesquisa: constituição, permanência e modificação; Geração da temática; e Produção e autoria das investigações*, por compreender que assim podemos expor nossas compreensões. Nossas articulações dizem: do movimento de ser dos grupos, como foram constituídos, como permaneceram e se modificaram no decorrer do tempo; da geração da temática de pesquisa que se mostrou como uma ação complexa e que se realiza de maneiras diferentes nos diversos grupos; da própria vida do grupo produzindo de diferentes modos e com diferentes arranjos os temas investigados.

4.1 Trabalho em Grupo

A Ideia Nuclear denominada *Trabalho em Grupo* é constituída pelas reduções sucessivas realizadas ao analisar o discurso dos sujeitos significativos entrevistados nesta pesquisa, mais especificamente dos núcleos de *ideias abrangentes* a respeito de *importância do trabalho em grupo e grupo de trabalho*.

As reduções dessas *ideias abrangentes* aclaram o destacamento do estar com o outro em grupo exposto nas falas dos depoentes. Estar com o outro no mundo expõe a compreensão de que não somos seres isolados, mas, sim, que estamos sempre junto a outros sujeitos semelhantes a nós, ou não. Em grupos de pesquisa seus membros estão-junto-aos-outros, atualizando esse seu modo de ser. Entretanto, por ser grupo de pesquisa os sujeitos já se colocam juntos em termos de um projeto de investigação articulado por um tema que se mostra como importante para todos. O grupo de pesquisa, então, se revela como uma comunidade, no sentido de ser sustentado por todos os seus membros constituintes, reunidos por vínculos estabelecidos por uma postura de responsabilidade e de solidariedade. Essa atitude de solidariedade requer, como diz Stein¹¹⁸, a presença igualitária de seus membros, ainda que no seu interior existam membros que se destaquem em suas atividades em relação aos outros. Há um solo intersubjetivo, constituído pela entropatia e pela linguagem, quando as diferentes pessoas do grupo se veem como iguais e podendo se compreender pela expressão de sua fala-falante, tanto por gestos como por linguagens de outras modalidades. Verem-se como iguais no âmago de um grupo de pesquisa tem o sentido de as pessoas estarem-umas-com-as-outras, sem sentimento de hierarquia, ainda que realizando ações diferenciadas, em relação ao núcleo da comunidade, que, de acordo com Stein, dele

[...] emerge sua característica e que garante a sua duração, é o sustentador da vida comunitária, e, portanto, do seu modo de ser pessoal específico, enquanto, na medida em que os seus membros se dedicam à comunidade¹¹⁹.

No grupo de pesquisa esse núcleo é constituído pelo tema investigativo que abrange o interesse individual e coletivo de seus membros, possibilitando a organização da sua vida comunitária. Em seu depoimento, Maria Soares destaca a relação de união entre os membros de seu grupo de pesquisa, como sendo constituída *a partir da perspectiva de relação com o conhecimento matemático*¹²⁰, dando relevância ao aspecto coletivo do grupo, e, quanto ao aspecto individual afirma que ao buscar participar do grupo, o aluno já tem uma motivação *a priori* que o impulsiona, a saber, o anseio investigativo por temáticas relacionadas à Educação Matemática.

¹¹⁸ Cf. STEIN, 1996.

¹¹⁹ STEIN, 1996, p. 297.

¹²⁰ MARIA TERESA, USg, 6. 3.

Outra característica que se mostra da composição de grupos de pesquisa é salientado pela pesquisadora Lourdes Onuchic. Para ela, formar grupos de pesquisa é prazeroso. Essa pesquisadora salienta *que não acha interessante pesquisadores serem isolados*¹²¹. Tendo em vista essa preocupação, a pesquisadora expõe que no ano de 1965, como citado no livro *Relatos de Memórias*, a trajetória histórica de 25 anos da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, escrito por ex-presidentes da SBEM¹²², iniciou, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Rio Claro, hoje Unesp, uma atividade em grupo para realizar *seminários sobre método modernos do ensino de matemática*¹²³. Esta pesquisadora entende que outros grupos de pesquisas foram criados a partir dos membros participantes desses seminários. O núcleo sustentador desse seu grupo é formado pelos alunos do curso de Licenciatura em Matemática que gostavam de ensinar. Para ela, a *dinâmica do grupo era discutir as dúvidas e fazer com que os alunos falassem*¹²⁴. Essas discussões giravam em torno das dúvidas presentes nas salas de aulas enquanto o professor ensina determinado conteúdo; prepara um tema de aula; ou, ainda, quando um aluno estuda determinado conteúdo. Essa pesquisadora entende que é necessário fazer com que esses alunos, ao se depararem com suas dúvidas, falem com seus pares e expressem suas compreensões.

Estar-junto-a é constitutivo da pessoa e, como afirmado, se atualiza na comunidade que pode ser organizada em grupo de pesquisa, inclusive. Para Bernadete Morey, há um sentimento de estar isolado intelectualmente, entre os professores da universidade, o qual pode ser enfrentado e até dissipado na medida em que conversem com seus pares. Isso pode se dar em trabalhos em grupo de pesquisa. Essa pesquisadora afirma que os pesquisadores de seu grupo de pesquisa, *buscam um elo para lerem, estudarem e discutirem pontos significativos para o grupo*, pois de seu ponto de vista, caso os pesquisadores ajam *apenas como professores e não tenham uma relação de discussão com seus pares do grupo, se sentirão isolados do ponto de vista intelectual*¹²⁵.

Sentir-se pertencendo, de modo responsável, a um grupo de pesquisa, transcende o isolamento comum entre professores de universidades que, pela organização administrativa dessa instituição, acabam trabalhando de modo isolado ao ministrarem suas aulas, darem conta de tarefas administrativas, etc. Esse aspecto é exposto pelo pesquisador Marcelo Borba ao salientar que *a cada ano a seção de pós-graduação exige mais serviços administrativos do*

¹²¹ LOURDES ONUCHIC, USg LO2.

¹²² Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

¹²³ LOURDES ONUCHIC, USg LO3.

¹²⁴ LOURDES ONUCHIC, USg LO6.

¹²⁵ BERNADETE MOREY, USg BM21.

*coordenador do grupo e, por esse motivo, os membros do grupo ajudam muito*¹²⁶. De modo que dadas as diversas atividades exigidas dos pesquisadores do grupo, em especial do coordenador, foram criadas, em seu grupo, as denominadas tarefas administrativas a serem efetuadas pelos diversos orientandos que assumem responsabilidades de realizá-las, embora, em um primeiro plano, seriam de responsabilidade do pesquisador/orientador. Desse modo, há a vivência da atitude de solidariedade e de responsabilidade, bem como, se vê distintas ações realizadas por diferentes pessoas que se percebem como semelhantes, ainda que assumindo posições diferentes no grupo. Além disso, esse aspecto tem um caráter pedagógico, pois, ao realizarem essas atividades, os participantes do grupo aprendem, por exemplo, a elaborar um projeto.

O sentir-se pertencendo ao grupo de pesquisa também diz dos modos em que os membros do grupo encaram as diversas atividades, tanto de pesquisa como administrativas. Para Dario Fiorentini, o pertencimento a um grupo de estudo conduz os membros a assumirem responsabilidades de trabalho junto ao grupo de pesquisa e afirma que *pertencimento traz a responsabilidade*¹²⁷. Exemplifica isso expondo as atividades que envolvem o atual projeto de pesquisa do grupo. Diz que dada a amplitude do projeto atual do seu grupo,

[...] cada participante terá que fichar cerca de trinta teses, e que para este trabalho os pesquisadores aceitam a ajuda de seus orientandos que apresentam certa proximidade nas temáticas de trabalhos com os temas das teses a serem fichadas¹²⁸.

Portanto, nota-se, na dinâmica do grupo, um entrelaçamento entre os objetivos de pesquisa do projeto maior pelo qual o coordenador é oficialmente responsável, com estudos dos alunos, membros do grupo. Cita que dada a dimensão ou a envergadura do projeto atual de pesquisa do grupo, os pesquisadores, quase em sua totalidade, se *valem da ajuda de seus orientandos para efetuarem fichamentos das teses*¹²⁹. Desse modo, destaca outro aspecto que considera importante: o auxílio de trabalho dos orientandos em relação à pesquisa do orientador, originado pela *alta demanda de trabalho e compromissos*¹³⁰ por parte dos pesquisadores.

Assim, compreendemos possíveis possibilidades de se trabalhar junto com outras pessoas, em grupo, e também modos distintos de se constituir um grupo de trabalho. Um

¹²⁶ MARCELO BORBA, USg MB61.

¹²⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF36.

¹²⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF39.

¹²⁹ DARIO FIORENTINI, USg DF40.

¹³⁰ DARIO FIORENTINI, USg DF40.

modo de formar um grupo se apoia na escolha dos seus participantes *a partir de* ou em *torno* a características pré-determinadas; outra maneira é constituir o grupo que tem como núcleo o desejo de pessoas de se unirem para realizar uma investigação acerca de temáticas investigativas abrangentes.

Outro aspecto que destacamos como importante diz da dinâmica de elaboração das ações do grupo de trabalho. Constituída uma comunidade de grupo de pesquisa há uma disposição explícita de abrir espaço para que os membros do grupo compartilhem experiências entre si, de modo que a partir de uma discussão consequente se efetivam aprofundamentos teórico e metodológico de temas estudados. E, uma vez constituído o grupo de pesquisa, é preciso ouvir-se e ficar-se atento aos interesses comuns entres os participantes, organizando o trabalho e mantendo-se compromissos assumidos pelos membros, individualmente.

Compreendemos que o movimento de estarem *com* outros: alunos, professores e outros, seja para ler, debater, estudar ou escrever artigos científicos pode ser o disparador para a constituição de grupos de pesquisas, como exporemos no item sucessivo, intitulado, *o movimento de ser do grupo de pesquisa: constituição, permanência e modificação*.

Síntese de nossas compreensões

Compreendemos o trabalho em grupo de pesquisa como um modo de os pesquisadores darem conta de seu sentimento de solidão, ou seja, de não terem com quem dialogar sobre suas ideias, leituras e projetos. Em sua gênese há uma disponibilidade solidária para com o outro, escolhido entre os profissionais de sua área, em virtude da proximidade de interesses por temas a serem pesquisados. Instala-se uma disposição explícita de abrir espaço para que os membros do grupo compartilhem experiências entre si. De uma discussão consequente acabam por se efetivar esclarecimentos metodológicos e realizados aprofundamentos teórico de temas estudados. Essa disponibilidade solidária conduz à aprendizagem de ouvir o outro, de atentar para as tendências das questões e de conseguir organizar o trabalho a ser realizado pelo grupo.

4.2 O movimento de ser do grupo de pesquisa: constituição, permanência e modificação

Esta Ideia Nuclear evidencia as características existentes entre os membros constituintes dos grupos de pesquisas cujos coordenadores foram entrevistados, e também, o

movimento de ser dos grupos, como foram constituídos, como permaneceram e se modificaram no decorrer do tempo.

A pesquisadora Bernadete Morey expõe que seu grupo era constituído por pesquisadores das linhas de pesquisas: *história da matemática e de etnomatemática*, por esse motivo tinha outra denominação¹³¹, e por conta do acolhimento de pesquisas em torno dessas linhas investigativas, sua denominação ficou sendo Matemática e Cultura. Também destaca que a linha de pesquisa história da matemática, desse grupo, foi iniciada pelo professor Fossa, que orientou e orienta pesquisas com foco em história da matemática. Além disso, a entrevistada ressaltou que *a estreita ligação do grupo de pesquisa com a Sociedade Brasileira de História da Matemática impulsionou o direcionamento investigativo da temática do grupo*¹³² acerca da história da matemática.

Segundo a professora Bernadete Morey, seu grupo de pesquisa está passando por um período de transição, pois alguns pesquisadores estão se aposentando e o grupo está se renovando, de modo que as *substituições de pesquisadores do grupo estão acontecendo de forma brusca e não paulatina de uma geração para outra*¹³³. Ela atribui a esse movimento o fato do grupo ter passado por um período sem realizar reuniões, mas destaca que os encontros regulares voltaram a acontecer.

A pesquisadora Célia Pires, em sua entrevista, conta que a constituição do seu grupo de pesquisa se deu quando ela começou a orientar alunos na pós-graduação, e expressa que, de certo modo, foi guiada pelo desejo investigativo dos estudantes que buscavam o grupo com ideias e desejos individuais de temáticas investigativas. A professora Célia Pires afirma que

[...] nos primeiros passos de sua constituição o grupo tinha ainda um foco de pesquisa delimitado, e acabou constituindo dois subgrupos, cujos estudos estavam voltados para a questão do currículo e da formação de professores¹³⁴.

A entrevistada expõe que esses dois subgrupos investigativos criados no início das atividades do grupo acarretaram na organização de dois projetos de pesquisa, *o primeiro sobre inovações curriculares no ensino fundamental e médio e o segundo sobre a formação de professores*¹³⁵.

Concernente ao entendimento de realização de pesquisas efetivadas em um programa de pós-graduação, o pesquisador Antonio Roazzi expõe que, em sua instituição, o grupo de

¹³¹ BERNADETE MOREY, USg BM3.

¹³² BERNADETE MOREY, USg BM9.

¹³³ BERNADETE MOREY, USg BM41.

¹³⁴ CÉLIA PIRES, USg CL6.

¹³⁵ CÉLIA PIRES, USg CL7.

pesquisa era constituído por todos os integrantes da pós-graduação e organizado pelo respectivo coordenador. Afirma que, depois, essa prática se modificou e os pesquisadores passaram a formar seus grupos, resultando com isso na constituição do seu grupo de pesquisa.

Ainda, na mesma linha de discussão da constituição de um grupo de pesquisa, a partir das ações de um pesquisador e seus orientandos inseridos em uma pós-graduação institucionalizada, o pesquisador Dario Fiorentini salienta que, no início de suas atividades, o grupo de formação de professores, era constituído por professores e seus respectivos alunos de mestrado e doutorado. Assim, o projeto de pesquisa de cada pós-graduando era discutido¹³⁶. Entretanto, expõe que depois que o grupo deixou de ser predominantemente constituído com mestrandos e doutorandos, passando a ser composto apenas por doutores *são apresentados os projetos de pesquisas gestados no coletivo do grupo e as produções coletivas com outros autores externos ao grupo*¹³⁷. Ainda, segundo o docente, *não é qualquer trabalho que é apresentado no grupo, e sim, aquilo que tem relação com a temática de investigação do grupo de pesquisa*,¹³⁸ isto é, temáticas relacionadas à formação de professores de matemática.

No movimento de buscar compreensões acerca da historicidade da constituição de um grupo de pesquisa, damos conta que a inserção de jovens pesquisadores, recém-formados em programas de pós-graduação, pode estabelecer a constituição de grupos de pesquisas. Entretanto, destacamos ser este um dos perfis expostos nas entrevistas realizadas nesta investigação, em que outros casos também são apresentados, como a existência de grupos formados apenas por doutores/pesquisadores, ou por professores atuantes na rede pública de ensino, ou ainda, por alunos não bolsistas e alunos bolsistas que possuem mais tempo para se dedicarem às atividades do grupo.

Ainda, compreendemos pertencer à historicidade da constituição de grupos de pesquisa a união envolvendo pesquisadores de diferentes linhas de pesquisas. As relações estabelecidas no trabalho supracitado pode se constituir como fator incisivo para a criação de novas linhas investigativas. Entretanto, a criação de novos grupos, que trabalham na direção de suas respectivas linhas de pesquisas, passa, com o tempo, por transformações, seja na modificação das temáticas investigativas ou dos membros constituintes do grupo.

A relação existente entre os pesquisadores em formação e os já formados no grupo se mostra a nós como um ponto importante, não só na perspectiva da constituição do grupo de pesquisa, mas também de sua permanência, pois entendemos existir uma transitividade entre

¹³⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF65.

¹³⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF66.

¹³⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF69.

os membros que compõem esse coletivo, não sendo esta transitividade estabelecida apenas pelos pesquisadores que estão em formação, que ao concluir suas pesquisas tendem a se desvincularem das atividades do grupo, mas também dos pesquisadores/orientadores que abandonam o grupo para constituírem outros grupos ou também, o caso dos pesquisadores que se aposentam de suas atividades acadêmicas. Neste último caso, compreende-se existir entre os membros do grupo uma renovação, a ponto de destacar entre os membros constituintes, novos líderes do grupo.

A docente Maria Soares afirma que seu *grupo se constituiu a partir da linha de pesquisa: cognição, aprendizagem e interação social*¹³⁹ do curso de mestrado do departamento de Educação da UFPR. Posteriormente, foi implementado no programa de pós-graduação o curso de doutoramento, tendo sido constituída uma linha de pesquisa em Educação Matemática.

De acordo com a entrevistada,

[...] a história do grupo se inicia com uma matriz focada na produção de conhecimento do aluno, e do professor querendo entender o pensamento desse aluno [...] e posteriormente com a instituição da linha de pesquisa em Educação Matemática outras três perspectivas de pesquisa se originaram, a primeira voltada para a aprendizagem, contando com o apoio de um professor da psicologia da Educação e ênfase na psicologia da Educação Matemática; a segunda voltada para a formação de professores; e a terceira centrada na história da matemática e história da Educação Matemática¹⁴⁰.

A docente enfatiza que seu grupo de pesquisa foi constituído com a intenção de ser uma das linhas de pesquisa do curso de doutorado que estava sendo implantado na UFPR e que *o anseio investigativo do grupo se dava na relação com a formação de professores, independente da orientação investigativa que o grupo assumisse*¹⁴¹. Atualmente, o grupo congrega pessoas oriundas de dois programas, de mestrado e de doutorado, um em Educação e outro em Educação Matemática, *fortemente ligados à formação de professores e também à relação com a aprendizagem*¹⁴².

O sentimento de solidão e a vontade de dar conta dele também moveram pesquisadores a constituírem grupos de pesquisa. Esse sentimento vem junto ao desejo de investigar determinados assuntos. Lulu Healy expressa que quando começou a realizar pesquisas *se sentiu muito sozinha e buscou trabalhar com um grupo que já investigava o uso*

¹³⁹ MARIA SOARES, USg MT1.

¹⁴⁰ MARIA SOARES, USg MT2.

¹⁴¹ MARIA SOARES, USg MT5.

¹⁴² MARIA SOARES, USg MT3.

*das tecnologias digitais*¹⁴³. Célia Pires relata que seu grupo de pesquisa, constituído no ano de 2000, é um grupo de pesquisa do programa de estudo dos pós-graduandos em Educação Matemática da PUC-SP, e que a implementação do grupo foi movida pelo desejo *de constituir um grupo de pesquisa que debatesse, analisasse as questões curriculares no Brasil*¹⁴⁴. Marcelo Borba coordena o GPIMEM na Unesp, *Campus* de Rio Claro-SP, grupo que realiza pesquisas há 21 anos. Marcelo Borba enfatiza que a ideia de formação de um grupo de pesquisa surgiu *do desejo de acabar com a solidão e de utilizar as tecnologias informáticas*¹⁴⁵ e que, no início, o grupo era constituído por ele, pela professora Miriam Godói Penteado e por Telma Aparecida Gracias, que na época era aluna de iniciação científica.

De acordo com o entrevistado,

[...] o grupo cresce anualmente e isso assusta, pois o crescimento do grupo reflete em sua influência nos trabalhos desenvolvidos na escola, e também na quantidade de pessoas que podem ter sido ajudadas¹⁴⁶.

Dario Fiorentini relata, com ressalva, que a constituição de seu primeiro grupo aconteceu pelo ensejo dos pós-graduandos de mestrado e doutorado *em constituir um grupo com uma temática de estudo específica, com objetivo de se apoiarem mutuamente e aprofundarem-se nas discussões teóricas e metodológicas do processo de pesquisa*¹⁴⁷. É salientado pelo pesquisador que, no fim do seu primeiro ano de existência, o grupo já apresentava características de desenvolvimento com produções significativas de estudos e de trabalhos e que, a partir do ano de 1990, *o grupo foi regularizado junto ao CNPq como um grupo de pesquisa*¹⁴⁸.

Segundo o entrevistado,

[...] o grupo não apresenta uma característica estável, sendo constituído pela iniciativa dos pós-graduandos que tinham como meta dar aportes teóricos e metodológicos para quem fosse desenvolver estudos sobre o professor, sobretudo sobre a formação de professores. No início do grupo, o aspecto referente aos saberes docentes era muito forte e a epistemologia da prática docente e desenvolvimento profissional veio surgir com bastante força dois ou três anos depois e a partir do surgimento dessa nova vertente, a primeira referente aos saberes docente perde força e espaço¹⁴⁹.

¹⁴³ LULU HEALY, USg LH2.

¹⁴⁴ CÉLIA PIRES, USg CP4.

¹⁴⁵ MARCELO BORBA, USg MB2.

¹⁴⁶ MARCELO BORBA, USg MB58.

¹⁴⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF1.

¹⁴⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF2.

¹⁴⁹ DARIO FIORENTINI, USg DF6.

Dario Fiorentini relata que, quando os pós-graduandos se formaram, o grupo teve uma alteração em seu perfil, que era de acolher mestrandos e doutorandos, passando a ser constituído apenas por doutores, que continuaram participando das pesquisas do grupo. Afirma que o grupo de pesquisa CEMPEM é originário e, no começo, agregava toda a Educação Matemática trabalhada na Unicamp, porém, nos anos seguintes, foi dividido em subgrupos que trabalhavam com temáticas específicas. O grupo PRAPEM foi constituído no final da década de noventa, em 1999, carregando as características de estudo e pesquisa sobre a formação de professores de matemática, *e que a partir do ano 2000 o grupo passa a se constituir efetivamente, com uma coordenação mais forte, visando à institucionalização do grupo*¹⁵⁰. De acordo com o entrevistado, o grupo tem o mesmo tempo de existência que o grupo de formação de professores e apresenta *uma alternativa de espaço, formação e desenvolvimento profissional dos professores a partir dos estudos das práticas, discussões e reflexões sobre o ensinar e aprender matemática nas escolas*¹⁵¹.

Assim como o docente Dario Fiorentini, a pesquisadora Lulu Healy afirma ser coordenadora e possuir mais de um grupo de pesquisa. Ela afirma que, atualmente, no diretório do CNPq, possui dois grupos de pesquisa cadastrados, sendo o primeiro: *Tecnologia e meios de expressões matemáticas*; e o segundo: *Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação que trabalha principalmente com tecnologias digitais, de psicologia ou deficiências*¹⁵². Segundo a entrevistada, na mesma época em que seu grupo foi criado e começou a desenvolver pesquisas voltadas para tecnologias digitais, outros de diferentes lugares do Brasil também foram constituídos, e exemplifica apontando aqueles grupos inseridos na pós-graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro – SP. Em decorrência disso, entende que os membros do grupo de pesquisa foram pressionados a criarem um novo grupo, pelo fato de a nomenclatura apresentar a palavra tecnologia. Mas entende que as pesquisas desenvolvidas no grupo têm um sentido mais amplo que o trazido pela palavra *tecnologias*¹⁵³.

Os docentes Sergio Nobre e Antonio Roazzi expressam que seus grupos de pesquisas são constituídos por pesquisadores/orientadores e seus respectivos alunos/orientandos. Antonio Roazzi afirma ter um grupo de pesquisa, no qual *trabalha junto com dois professores da UFPE e também com alunos, por eles orientados*¹⁵⁴ e afirma haver a participação de ex-

¹⁵⁰ DARIO FIORENTINI, USg DF4.

¹⁵¹ DARIO FIORENTINI, USg DF57.

¹⁵² LULU HEALY, USg LH1.

¹⁵³ LULU HEALY, USg LH48.

¹⁵⁴ ANTONIO ROAZZI, USg AR1.

alunos formados no grupo.¹⁵⁵ Em consonância com a discussão, o pesquisador Sérgio Nobre expressa que os integrantes do seu grupo de pesquisa sempre foram os pesquisadores/orientadores e seus respectivos orientandos e também ressalta que *em seu surgimento, o grupo contava com a participação do professor Ubiratan D'Ambrosio e de seus orientandos* que trabalhavam com questões de história, etnomatemática, além de outros assuntos¹⁵⁶.

Outros pesquisadores expressam transformações acontecidas durante o movimento de constituição do grupo de pesquisa. A docente Bernadete Morey expõe que, inicialmente, o seu grupo não era estruturado como um grupo de pesquisa, e sim, apenas como um grupo de estudo que contava com a participação dela, do professor Fossa e de seus respectivos orientandos, mas salienta que com o tempo e *aos poucos, o grupo de estudo foi se estruturando e se constituindo em um grupo de pesquisa*¹⁵⁷.

A docente Lourdes Onuchic também apresenta o movimento de transformação e constituição de seu grupo, afirmando que quando o professor Baldino deixou a Unesp para trabalhar em outra instituição de ensino, o grupo precisou ter uma forma e salienta que a criação do GTERPE aconteceu resultante dessa necessidade de reformular o antigo grupo do professor Baldino. Destaca que desde sua criação, no ano de 1992, *o grupo funciona na pós-graduação da Unesp de Rio Claro – SP*¹⁵⁸ e *possui um projeto de pesquisa que não termina, pois é constituído por pessoas diferentes, com assuntos diferentes*¹⁵⁹.

O desejo de estar com outros pesquisadores visando aprofundar investigações sobre uma determinada temática também é um dos motivos propulsores de constituição de grupos de pesquisa. Muitas vezes, o grupo é constituído mediante a união de pesquisadores que estão dispostos a estudar um tema.

Exposta essa compreensão, se mostra importante aclarar que a constituição de grupos de pesquisa, envolvendo a relação entre diferentes pesquisadores, muitas vezes, acontece inicialmente em grupos de estudos. Ao avançar na sua dinâmica de trabalho, que se prolonga na temporalidade do grupo, a organização desse grupo ganha forma e passa a impulsionar a criação de um novo grupo. Porém, entendemos como distintas as relações estabelecidas em cada uma dessas formas de envolvimento entre pesquisadores, pois compreendemos que, segundo os moldes estabelecidos no Brasil, para se constituir um grupo de pesquisa forte e

¹⁵⁵ ANTONIO ROAZZI, USg AR26.

¹⁵⁶ SERGIO NOBRE, USg SN3.

¹⁵⁷ BERNADETE MOREY, USg BM2.

¹⁵⁸ LOURDES ONUCHIC, USg LO13.

¹⁵⁹ LOURDES ONUCHIC, USg LO10.

visível institucionalmente, este deve ser institucionalizado e ser cadastrado e constantemente atualizado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq.

Os diferentes aspectos solicitados para o cadastro de um novo grupo no diretório citado, também contribui para o movimento de transformação dos grupos, pois possibilita a ampliação de suas linhas investigativas, vínculos com outras temáticas de diferentes grupos ou, ainda, como expresso pela depoente Lulu Healy, o fato de possuir a palavra *tecnologia* presente na nomenclatura de seu grupo de pesquisa, resultou na necessidade de constituição de um novo grupo, pois acredita que as pesquisas desenvolvidas pelo grupo aprofundam o sentido usual da palavra *tecnologia*. Sendo assim, compreendemos existir um movimento que envolve as relações estabelecidas entre os membros do grupo, com as pesquisas desenvolvidas e em desenvolvimento, também nas publicações desse produzido, e ainda, que a nomenclatura do grupo e de suas respectivas publicações auxilia na solidificação de como o grupo é visto e procurado dentro e fora da comunidade acadêmica.

O pesquisador Antonio Roazzi afirma que o grupo de pesquisa é constituído por pessoas que apresentam mais afinidade em uma mesma temática de pesquisa. Nessa mesma perspectiva, a docente Claudia Groenwald expõe que *a motivação de pesquisa dos membros do seu grupo se dá pelo interesse dos temas comuns* e salienta que normalmente *não existe desistência de pesquisadores em pesquisas em andamento*¹⁶⁰. De acordo com a entrevistada, seu grupo de pesquisa é formado por pesquisadores do programa de pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, professores da rede pública de ensino, alunos de iniciação científica, de mestrado, de doutorado e pesquisadores realizando pós-doutorado¹⁶¹. Ainda nessa perspectiva, salienta que o fato de o grupo ser procurado por pesquisadores, por conta das temáticas investigativas, como no caso de uma professora que está fazendo pós-doutorado, é uma novidade, porém expõe que existe a efetiva participação no grupo de vários professores da rede de ensino. Afirma que estes *procuram o grupo em função das temáticas desenvolvidas nas pesquisas do grupo*¹⁶².

A busca pela participação em grupos de pesquisas é um aspecto que se aclara nas discussões dos entrevistados, mostrando-nos ser estabelecida pelo interesse em pesquisar temas comuns e/ou de aprofundamento de temáticas investigativas. Compreendemos a existência de perfis constitutivos dos membros de grupos, como já ressaltado anteriormente, e ainda que os grupos são procurados por pessoas distintas, porém com a mesma

¹⁶⁰ CLAUDIA GROENWALD, USg CL21.

¹⁶¹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL22.

¹⁶² CLAUDIA GROENWALD, USg CL24.

intencionalidade investigativas. Entendemos que os grupos acolhem professores atuantes na rede de ensino, graduandos, pós-graduandos em nível de mestrado, doutorado ou pós-doutorado e ainda, ex-pesquisadores já formados e que buscam esporadicamente dialogar ou participar dos estudos junto ao grupo de pesquisa.

Entretanto, devido à demanda envolvendo a participação no grupo, os pesquisadores líderes estabelecem modos de decidir como aqueles que buscam o grupo podem efetivar suas participações e compreendemos que alguns agem por aptidão pessoal, como no caso do docente Antonio Roazzi que expõe que, por conta de uma característica pessoal, isto é, de fazer aquilo que o atrai no momento, decide pela participação no grupo de pesquisa conforme a importância que o assunto investigado assume no dado momento para ele.

Célia Pires afirma que, atualmente, está se permitindo não orientar quem não esteja participando de um projeto de pesquisa e enfatiza que no processo de seleção de alunos, o grupo divulga os projetos de pesquisa em andamento. Faz isso também nas primeiras reuniões do semestre para os ingressantes¹⁶³.

Como destacado, as transformações existentes na reunião de diferentes pesquisadores, visando o aprofundamento teórico e/ou estudo de temáticas específicas resultam na constituição de grupos de pesquisas, e, também, no estabelecimento de atividades investigativas com mais de um grupo de pesquisa. A coordenação de grupos que se assumem em transformação, segundo nossa compreensão, se efetua em um entrelaçamento das ações cotidianas envolvendo os programas de pós-graduação, nas definições de temáticas investigativas e teóricas e abrangendo a constituição e desenvolvimento das pesquisas entre os membros do grupo. O coordenador, por sua vez, tem a função de direcionar, estabelecer relações e organizar as diferentes ações envolvendo todo o grupo de pesquisa.

Dario Fiorentini expressa que a coordenação geral do grupo é realizada por ele, porém destaca que, durante os encontros do grupo, o pesquisador que mais se identifica com o tema sugerido para o debate, assume a coordenação da plenária e desenvolve o que considera ser um papel importante de sintetizar, levantar questões sobre a temática e coordenar toda a discussão, com o intuito de alcançar um aprofundamento teórico junto ao grupo¹⁶⁴.

Concernente à discussão sobre as ações do coordenador do grupo de pesquisa, o entrevistado Sergio Nobre afirma que o líder do grupo de pesquisa tem por obrigação tomar conta de todas as pesquisas que estão sendo desenvolvidas no grupo, *precisa estar atento ao*

¹⁶³ CÉLIA PIRES, USg CP13.

¹⁶⁴ DARIO FIORENTINI, USg DF42.

*que os alunos estão fazendo em suas pesquisas e fazer ligação entre um [aluno] e outro. É isso que o líder faz*¹⁶⁵. Estando o líder atento e

[...] fazendo com que os estudantes percebam que existe uma ligação entre os temas e que um não pode ficar dependente do outro por serem temas individuais, mas que um não pode estar entrando na área do outro¹⁶⁶.

De modo que o líder do grupo tenha que estar juntando as temáticas de pesquisa realizada pelos membros do grupo, e exemplifica a seguinte situação: *o coordenador apresenta uma temática para dois alunos, esses que trabalham independentes um do outro, mas que interagem em discussões que delimitam suas ações investigativas*¹⁶⁷.

Concernente à discussão acerca dos procedimentos do grupo de pesquisa, compreendemos que os pesquisadores estão envolvidos com tarefas administrativas institucionais, prática docente, além das atividades investigativas estabelecidas *no* ou *com* outros grupos. Esse envolvimento apresenta como resultante uma sobrecarga de trabalho realizada pelos pesquisadores, e isso, segundo nossa compreensão, faz com que designem a seus alunos/orientandos a responsabilidade de execução de tarefas que não envolvem suas pesquisas.

Essas tarefas administrativas mostram-nos como um agente de formação de pesquisadores, no qual o discente, ao assumir a responsabilidade administrativa de uma tarefa do grupo, estabelece uma ligação que se mostra presente em todo o movimento de realização da mesma e ainda pode contribuir em suas ações futuras como pesquisador. Marcelo Borba, indo ao encontro do afirmado, expõe o envolvimento dos discentes de seu grupo na elaboração do projeto maior do grupo e destaca que há um ganho a aqueles alunos que desenvolvem atividades do tipo.

Outros casos de atividades discentes em funções administrativas do grupo se mostram na organização de eventos científicos particulares do grupo ou aberto para comunidade acadêmica, leituras de pesquisas em desenvolvimento, apresentando observações e críticas, no grupo e coordenação de discussões e/ou reuniões do grupo. Compreendemos que estas atividades evidenciadas estão relacionadas diretamente com as reuniões esporádicas realizadas pelos grupos com objetivos diversos. Esses objetivos perpassam os diferentes níveis de desenvolvimento das investigações, desde o debate visando à construção de um projeto até a finalização de uma pesquisa. Evidencia-se, com o exposto, o surgimento de novas investigações resultantes das discussões ocorridas nas reuniões coletivas do grupo, e

¹⁶⁵ SERGIO NOBRE, USg SN15.

¹⁶⁶ SERGIO NOBRE, USg SN17.

¹⁶⁷ SERGIO NOBRE, USg SN16.

ainda compreendemos que essas relações podem expor as diferentes relações estabelecidas pelo grupo com pesquisadores de outras universidades do Brasil e/ou exterior.

Os convênios estabelecidos entre os grupos ou entre pesquisadores de diferentes grupos se mostram como potencialidades de fortalecimento e de estimulação das pesquisas desenvolvidas no grupo. Expomos esses aspectos por compreendermos, em nossas análises, que os convênios possibilitam um aprofundamento nas discussões e produções, além de disseminar e fortalecer a temática investigativa com elos formados entre diferentes pesquisadores, algumas vezes com pesquisadores estrangeiros que apresentam uma nova perspectiva da temática investigativa do grupo a partir das vivências em seus países.

Todo esse movimento exposto nas diferentes relações estabelecidas pelos membros de um grupo de pesquisa conduz à solidificação e permanência dos participantes, e, com isso, compreendemos existir um crescimento que exponha certa maturidade do grupo explicitada em suas orientações concluídas e publicações. Além disso, por conta do crescimento, o grupo é exigido a realizar uma variedade de encontros, cada um com uma pauta singular. Concernente a essa discussão, compreendemos que os grupos passam por períodos de renovação e suas reuniões servem também para a retomada de discussões já estabelecidas, leituras e debates já realizados anteriormente, mas que voltam a serem necessários para os novos membros do grupo de pesquisa.

Essa dinâmica é exposta pelo docente Antonio Roazzi que enfatiza a realização de *orientações coletivas e individuais, para ler, criticar e debater projetos de pesquisa de alunos e professores*¹⁶⁸ e também reuniões para discutirem os projetos de pesquisas, tanto dos professores, como dos alunos de mestrado e/ou doutorado, e ainda enfatiza a realização de *quatro reuniões anuais, com o intuito de discutir as pesquisas em desenvolvimento*¹⁶⁹. Destaca que os eventos realizados pelo grupo também são caracterizados como espaços de discussão das pesquisas do grupo e expõe que o mesmo não possui um projeto guarda-chuva, onde uma pesquisa maior abarca as demais.

Marcelo Borba apresenta outro aspecto de organização de seu grupo. Afirma que em seu grupo de pesquisa submeteu um projeto maior com parceria de uma pesquisadora estrangeira e que, durante um período, os membros ficaram atarefados por conta desse projeto, pois foram envolvidos em atividades que não diziam respeito a suas respectivas pesquisas de mestrado ou doutorado. Segundo o pesquisador entrevistado, os discentes não estavam sendo forçados a realizar o trabalho, não forçados no sentido escravo, e sim

¹⁶⁸ ANTONIO ROAZZI, USg AR2.

¹⁶⁹ ANTONIO ROAZZI, USg AR10.

*convidados a estabelecer uma relação social em que se efetiva a participação, pois alunos entendiam a importância de aprender a elaborar um projeto de tamanha envergadura*¹⁷⁰.

Afirma:

[...] nas interações dos membros do grupo para o desenvolvimento de atividades que não estão relacionadas com suas pesquisas e que não quiseram participar da elaboração do projeto, ganham algumas coisas e perdem outras. Por exemplo, no caso da submissão de um projeto, caso não participem não aprendem como faz um projeto grande, não participam da dinâmica e das incongruências¹⁷¹.

Para Marcelo Borba a ajuda dos membros do grupo é de livre vontade, não existindo nenhum tipo de pressão social por parte do orientador. Ele entende que a pessoa que realiza uma tarefa obrigada, dá mais trabalho a ele, enquanto orientador e/ou coordenador do grupo, e exemplifica dizendo que perde determinado tempo explicando a tarefa que deve ser realizada ao aluno, e quando este devolve o que foi pedido está pior que antes. Expõe a *ideia de inteligência coletiva de Pierre Levy, que as pessoas têm diferentes inteligências, elas têm diferentes habilidades*¹⁷², de modo que ao solicitar tarefa a algum membro do grupo, primeiramente se atenta para determinadas coisas que *a pessoa precisa saber de matemática, de tecnologia, de educação e junto com isso precisa apresentar certa vocação para realizar determinada função administrativa*¹⁷³. Afirma que seu grupo atualmente se relaciona muito por meio da internet e que também a usa para manter determinadas distâncias entre os membros, que são necessárias para evitar tensões¹⁷⁴. Expõe que, desde o ano de 2012, o GPIMEM passou a ter um canal oficial no *youtube* que se caracteriza como um disponibilizador de várias falas dos cursos a distância gravadas, e também desenvolve trabalho de extensão e de educação utilizando as redes sociais, pois notaram, em cursos anteriores realizados pelo grupo, que os alunos não respondiam *e-mail* e que os professores apresentavam várias dificuldades de estarem em um AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Bernadete Morey expõe a característica do modo de renovação dos membros do grupo de pesquisa. Relata que o grupo voltou a realizar reuniões, pois se encontra em outra geração de pesquisadores e por conta disso *a retomada de leituras já realizadas em gerações anteriores se faz necessária para a manutenção e escolhas de temas investigativos do*

¹⁷⁰ MARCELO BORBA, USg MB55.

¹⁷¹ MARCELO BORBA, USg MB56.

¹⁷² MARCELO BORBA, USg MB63.

¹⁷³ MARCELO BORBA, USg MB64.

¹⁷⁴ MARCELO BORBA, USg MB57.

*grupo*¹⁷⁵. Ainda, segundo a pesquisadora, *no início da história do grupo as exposições das ideias de temas de pesquisas aconteciam em reuniões em que participavam os pós-graduandos e professores/orientadores do programa de pós-graduação da UFPE*¹⁷⁶ e ressalta que *a apresentação do trabalho de um aluno/pesquisador engendra a vontade do outro em participar da pesquisa*¹⁷⁷. Este ponto de vista é corroborado pela docente Lourdes Onuchic quando expõe que seu grupo pertence à área de investigação da Educação Matemática e realizam reuniões semanais, em que se discutem os problemas que geravam críticas e ressalta que muitas teses nasceram das discussões do grupo¹⁷⁸.

Ainda, concernente às reuniões realizadas pelo grupo de pesquisa, a docente Maria Soares aponta dois momentos que interpreta como importante, sendo estes, a construção e a finalização de um projeto de pesquisa e expõe que o grupo entende ser um trabalho em que se tem de ouvir todas as pessoas envolvidas – pesquisador/orientador e seus orientandos. Ainda, de acordo com a entrevistada, o grupo tem um caráter colaborativo no desenvolvimento de investigações de seus membros e que *esta colaboração acontece tanto de forma escrita em pareceres, quanto de forma oral*¹⁷⁹. Do mesmo modo, a docente Célia Pires expressa que o primeiro projeto de pesquisa que realmente funcionou na perspectiva de grupo foi o de construção de trajetórias hipotéticas de aprendizagem e implementação de inovações curriculares no ensino médio¹⁸⁰.

O docente Dario Fiorentini observa que nas pesquisas do grupo existe um rigor investigativo que atende aos pressupostos de natureza acadêmica, e salienta que no grupo de sábado por não se caracterizar como um grupo institucionalizado, isso não acontece. Segundo o docente, essa característica *permite que o grupo seja mais livre para escrever da forma que desejar, apresentando uma liberdade maior e resultando em outros aprendizados* e salienta que atualmente tem investigado o que se aprende em comunidades investigativas¹⁸¹. Essas ações que envolvem o movimento de pesquisa do grupo também foi salientado pela docente Claudia Groenwald ao expor que *efetua investigações de pesquisa tanto individualmente, como junto com seus orientandos e com os professores pesquisadores participantes dos convênios firmados com diferentes instituições do Brasil e do exterior*¹⁸².

¹⁷⁵ BERNADETE MOREY, USg BM15.

¹⁷⁶ BERNADETE MOREY, USg BM18.

¹⁷⁷ BERNADETE MOREY, USg BM31.

¹⁷⁸ LOURDES ONUCHIC, USg LO9.

¹⁷⁹ MARIA SOARES, USg MT22.

¹⁸⁰ CÉLIA PIRES, USg CP12.

¹⁸¹ DARIO FIORENTINI, USg DF61.

¹⁸² CLAUDIA GROENWALD, USg CL39.

Segundo a docente Célia Pires, é organizada no início do semestre uma pauta das reuniões de seu grupo, *em função ao andamento dos trabalhos, dos autores que serão discutidos, dos textos que serão estudados, do pesquisador que apresentará o texto do outro*¹⁸³ e com isso o grupo se reúne todas as segundas-feiras para que sejam *trabalhadas as temáticas que estão sendo investigadas*¹⁸⁴ e salienta que, muitas vezes, dessas reuniões, os participantes saem animados, porém exemplifica expondo que na reunião posterior o pesquisador retorna sem ter conseguido realizar uma leitura aprofundada do texto a ser debatido e/ou não tenha conseguido organizar suas ideias para avançar na proposição de questões e enfatiza que o grupo enfrenta problemas desse tipo¹⁸⁵.

De acordo com os docentes Lourdes Onuchic, Claudia Groenwald, Maria Soares e Marcelo Borba as reuniões de seus respectivos grupos acontecem semanalmente. Segundo a pesquisadora Lourdes Onuchic seu grupo se reúne toda terça-feira em grupos de estudos na Unesp de Rio Claro - SP e *salienta que as investigações e produções são realizadas em grupo*¹⁸⁶. A mesma organização de realizar reuniões do grupo de pesquisa semanalmente é exposto pela pesquisadora Claudia Groenwald, quando destaca que *nas reuniões se discute a questão central de investigação acerca do currículo da matemática na educação básica e políticas públicas*. Salienta que nessas reuniões, durante as discussões e reflexões de textos, surgem as propostas investigativas que são desenvolvidas no grupo. Também são ressaltados pela pesquisadora os convênios de pesquisas estabelecidos e exemplifica o convênio que está atualmente vigente com *a Universidade de Laguna em que são investigados temas voltados as questões tecnológicas do currículo de matemática*¹⁸⁷.

Para Marcelo Borba as reuniões já se caracterizam como uma marca do grupo e estas acontecem geralmente às sextas-feiras à tarde. Entretanto, enfatiza *que nos últimos dez anos o grupo está passando por uma crise de crescimento*¹⁸⁸, e por conta disso expõe que *uma reunião apenas está ficando muito difícil para os membros participantes possam se expressar*¹⁸⁹, exigindo a realização *de uma multiplicidade de reuniões do grupo de pesquisa*¹⁹⁰ e exemplifica expondo o caso de uma reunião específica *para discussões de projetos de pesquisa*¹⁹¹, e também reuniões *de estudos e discussões de textos com pessoas de outros*

¹⁸³ CÉLIA PIRES, USg CP48.

¹⁸⁴ CÉLIA PIRES, USg CP21.

¹⁸⁵ CÉLIA PIRES, USg CP26.

¹⁸⁶ LOURDES ONUCHIC, USg LO14.

¹⁸⁷ CLAUDIA GROENWALD, USg CL11.

¹⁸⁸ MARCELO BORBA, USg MB39.

¹⁸⁹ MARCELO BORBA, USg MB40.

¹⁹⁰ MARCELO BORBA, USg MB41.

¹⁹¹ MARCELO BORBA, USg MB42.

*grupos*¹⁹². Segundo o docente entrevistado, o grupo realiza conferências internas em que se busca convidar um auditor externo. Marcelo Borba exemplifica isso contando que já os professores Ole Skovsmose e Maria Bicudo já foram convidados para olharem o trabalho do GPIMEM e darem um *feedback*¹⁹³. Em contrapartida, a pesquisadora Maria Soares ressalta que *as reuniões do grupo de pesquisa acontecem periodicamente e com modelos diferentes*¹⁹⁴ e ainda, salienta que depois que os temas investigativos do grupo são definidos, as reuniões que eram semanais passam a ser quinzenais e também que *o contato via e-mail com os pesquisadores do grupo se estabelece com maior frequência*¹⁹⁵.

Outra característica apresentada na discussão acerca das reuniões do grupo de pesquisa é o comprometimento estabelecido entre os membros perante o grupo. Nesta perspectiva, Dario Fiorentini expõe que *existe um compromisso dos participantes em relação às reuniões do grupo*, em que os pesquisadores assumem o compromisso de estarem presentes, e nas ocasiões em que o grupo for *discutir determinados textos, esses devem ser lidos por todos* e também sempre são escolhidos responsáveis para coordenar as sessões de discussões¹⁹⁶, porém, expõe que *os membros do grupo estão também muito envolvidos em funções administrativas*, por serem coordenadores de programas de pós-graduação e diretores de faculdade, e isso *prejudica a efetividade na presença de todos os membros do grupo em suas respectivas reuniões*¹⁹⁷. Ainda, em outra perspectiva acerca do comprometimento firmado no desenvolvimento das reuniões do grupo, a docente Lulu Healy destaca que as reuniões que seu grupo desenvolve conta com a participação dos pesquisadores que pertencem à mesma instituição e salienta que gostaria de ter um espaço no grupo de pesquisa, no qual *os pesquisadores que já finalizaram suas pesquisas participassem com os demais membros*, onde realmente reunisse todos os membros na mesma sala, fato este, destacado, como *nunca ocorrido*¹⁹⁸.

Já o docente Sergio Nobre ressalta que uma ação importante oriunda das reuniões do seu grupo de pesquisa foi *a criação de uma jornada específica de história da matemática* na Unesp de Rio Claro – SP, mas, que depois de certo período se acabou¹⁹⁹. E salienta, que

¹⁹² MARCELO BORBA, USg MB43.

¹⁹³ MARCELO BORBA, USg MB83.

¹⁹⁴ MARIA SOARES, USg MT16.

¹⁹⁵ MARIA SOARES, USg MT20.

¹⁹⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF41.

¹⁹⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF35.

¹⁹⁸ LULU HEALY, USg LH31.

¹⁹⁹ SERGIO NOBRE, USg SN4.

embora o grupo ainda exista, sendo ele o coordenador, praticamente *as reuniões presenciais são realizadas e coordenadas pelo professor Marcos Teixeira*²⁰⁰.

Diante do exposto, compreendemos existir uma dinamicidade que estabelece as ações nas reuniões do grupo de pesquisa e perpassa o modo no qual os pesquisadores se articulam dentro do grupo ou com outros grupos.

Segundo o docente Antonio Roazzi, alguns pesquisadores do grupo começam a participar de seus projetos que estão em desenvolvimento, porém ele também participa dos projetos em desenvolvimento desses outros pesquisadores e explicita que *essa articulação possibilita um aumento nas produções dos pesquisadores*²⁰¹. Expõe que nos dias atuais tudo funciona mais fácil, pelo fato de ter acesso à *Internet* e enfatiza que *devido às condições do trânsito da cidade de Recife, prefere fazer muitas das ações de interação com o grupo pela via da internet*²⁰² e que sua permanência na universidade acontece apenas em determinadas ocasiões, como: reuniões, eventos ou disciplinas.

Sergio Nobre salienta que os membros do seu grupo se mantêm ligados à temática investigativa de dois modos, individual e coletivamente²⁰³.

Compreendemos que a permanência de membros no grupo de pesquisa se efetiva pelo desejo de os pesquisadores membros em continuarem suas pesquisas desenvolvidas durante o mestrado ou doutorado. Essa compreensão se aclara nas falas dos docentes entrevistados quando expressam ser facultativo e de livre arbítrio dos pesquisadores formados a permanência no grupo de pesquisa, porém, em alguns casos, estabelecem critérios para a manutenção dos participantes do grupo.

A docente Claudia Groenwald, por exemplo, expõe que a permanência de ex-alunos no grupo se dá quando

[...] os pesquisadores formados no grupo continuam participando das reuniões, desenvolvendo trabalhos, estando interessados e motivados no desenvolvimento de pesquisas, caso contrário, eles são retirados no grupo de pesquisa²⁰⁴.

Notamos na fala da professora os critérios estabelecidos para a permanência de ex-alunos junto ao grupo de pesquisa. Essa argumentação também é apresentada por outros pesquisadores entrevistados. O docente Sergio Nobre salienta que a permanência de ex-alunos

²⁰⁰ SERGIO NOBRE, USg SN5.

²⁰¹ ANTONIO ROAZZI, USg AR14.

²⁰² ANTONIO ROAZZI, USg AR15.

²⁰³ SERGIO NOBRE, USg SN18.

²⁰⁴ CLAUDIA GROENWALD, USg CL44.

ao grupo acontece quando *os pesquisadores continuam ligados ao grupo, produzindo na mesma área, não produzindo conjuntamente, mas ligados de certo modo ao grupo*²⁰⁵.

Na mesma direção argumentativa vai o docente Marcelo Borba ao expor que quando os pesquisadores em formação no grupo finalizam suas pesquisas são inseridos como pesquisadores associados ao grupo e enfatiza que a permanência de um pesquisador no grupo acontece *com o consentimento dos docentes e também do próprio aluno, onde ambas as partes precisam querer*²⁰⁶. Afirma que essa relação acontece se o pesquisador egresso *estiver atuante em suas investigações, e ainda se estiver desenvolvendo projetos vinculados ao grupo*²⁰⁷, porém, caso isso não se efetive *os pesquisadores deixam de serem associados*²⁰⁸, podendo retornar ao grupo posteriormente.

Ainda, reforçando o mesmo posicionamento, a pesquisadora Maria Soares expõe que

[...] a permanência de ex-alunos ao grupo está relacionada a dois fatores: continuidade na produção relacionada ao tema de formação do aluno no mestrado/doutorado e participação nas atividades do grupo de pesquisa²⁰⁹.

Isto é, quando os pesquisadores apresentam uma *continuidade à investigação primária do mestrado/doutorado pela via da metodologia*²¹⁰ do grupo e apresenta um exemplo, do caso de um ex-aluno de mestrado e doutorado, formado no grupo, que mantém o vínculo *fazendo pesquisa em temas originados em sua pesquisa de doutorado*²¹¹. A pesquisadora também apresenta um contraexemplo sobre a permanência de ex-alunos junto ao grupo de pesquisa, citando o caso de uma ex-aluna que *apresenta uma produção diferente ao viés de produção do grupo*, mas enfatiza que sua presença *possibilita discussões e produção de trabalhos relacionados a temas de investigação do grupo*²¹².

Os pesquisadores expõem dificuldades encontradas para alguns casos de ex-alunos que desejam participar como atuantes do grupo de pesquisa, como o apresentado pela pesquisadora Célia Pires ao discorrer sobre as condições gerais que os alunos enfrentam em suas rotinas de trabalho, salienta *que a grande maioria trabalha mais do que poderia, e ainda têm as questões de tempo, da distância*, e salienta que na cidade de São Paulo tudo é complicado para as pessoas se encontrarem para uma reunião²¹³.

²⁰⁵ SERGIO NOBRE, USg SN27.

²⁰⁶ MARCELO BORBA, USg MB45.

²⁰⁷ MARCELO BORBA, USg MB53.

²⁰⁸ MARCELO BORBA, USg MB31.

²⁰⁹ MARIA SOARES, USg MT40.

²¹⁰ MARIA SOARES, USg MT38.

²¹¹ MARIA SOARES, USg MT39.

²¹² MARIA SOARES, USg MT41.

²¹³ CÉLIA PIRES, USg CP25.

Marcelo Borba apresenta o mesmo posicionamento em relação à carga horária de trabalho dos ex-alunos ao expressar que alguns possuem *quarenta horas de aulas por semana e não conseguem fazer nada, mas que se desejar voltar a fazer pesquisa o grupo estará aberto para recebê-lo*²¹⁴. Avançando na explanação sobre a relação do grupo com ex-alunos, o docente apresenta outra perspectiva, aquela dos pesquisadores formados no grupo *que não querem fazer pesquisas e que optam por continuar lecionando nas escolas*²¹⁵, sobretudo salienta que esses ex-alunos visitam o grupo esporadicamente e enfatiza que de seu ponto de vista *o grupo ajuda a constituir bons professores para todos os níveis de ensino*²¹⁶.

Para o docente Dario Fiorentini, em corroboração com o apresentado por Célia Pires e Marcelo Borba, *a permanência no grupo é uma opção de cada participante*²¹⁷ e salienta que existem ex-orientandos que após o término de suas pesquisas, mesmo desejando dar continuidade na participação das atividades do grupo não o fazem por residirem em estados longínquos da cidade de Campinas-SP, e salienta ser *muito difícil uma participação totalmente a distância, pelas características que o grupo exige*²¹⁸. Ainda para o pesquisador, *manter os pesquisadores do grupo engajados em um projeto maior não tem sido fácil devido às demandas pessoais* e salienta que o envolvimento com as obrigações institucionais resultou em uma diminuição do tempo disponível de cada pesquisador para se dedicar aos projetos de pesquisa do grupo²¹⁹.

Dario Fiorentini ressalta que o que alimenta o grupo de pesquisa *é a paixão pela pesquisa*²²⁰. E destaca que o grupo

[...] se fortalece na medida em que é aberto a outras possibilidades e perspectivas, se colocando em uma rede com outros grupos, se articulando com outras comunidades, aberto para aceitar novas ideias e isso ajuda para que o grupo possa estar permanentemente evoluindo e se transformando nesse processo de pesquisa e estudos do grupo²²¹.

Segundo esse docente, existe um interesse dos pesquisadores recém-formados em continuar participando das pesquisas, pois o grupo se mantém atualizado, se caracterizando como uma frente de desenvolvimento teórico e metodológico, levando contribuições para as pesquisas locais.

²¹⁴ MARCELO BORBA, USg MB84.

²¹⁵ MARCELO BORBA, USg MB59.

²¹⁶ MARCELO BORBA, USg MB59.

²¹⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF75.

²¹⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF75.

²¹⁹ DARIO FIORENTINI, USg DF34.

²²⁰ DARIO FIORENTINI, USg DF26.

²²¹ DARIO FIORENTINI, USg DF78.

Para a docente Célia Pires, a *permanência de ex-alunos no grupo é positiva, pois possibilita a construção de diálogos*²²² e expõe que isso é um indicador *positivo de interesse dos ex-alunos pela temática investigativa do grupo*²²³, pois esses pesquisadores relatam que o trabalho no grupo é rico e salienta que mesmo aqueles que não estão fazendo pós-doutorado, esporadicamente aparecem nas reuniões do grupo com o intuito de discutir algum tema específico ou fazer depoimentos que estão realizando em suas práticas docentes. Ainda, salienta que os ex-alunos que continuam participando do grupo e que estão trabalhando em diversos locais, sejam em escolas ou universidades *apresentam relatos de que usam as estratégias vivenciadas no grupo nos seus locais de trabalho*²²⁴ e salienta que as experiências vivenciadas pelo pesquisador na relação com o grupo pode ser *benéfica em sua atuação em seu respectivo novo grupo de pesquisa*²²⁵. Ainda, é ressaltado pela pesquisadora que estar no grupo acarreta em um sentimento de pertencimento ao grupo, em que o ex-aluno se sente respaldado, onde o grupo se constitui como um local em que os pesquisadores têm mais liberdade de dizer o que pensa.

Esse ponto de vista também é reiterado pelas docentes Maria Soares e Claudia Groenwald. A primeira salienta que *a permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa é fundamental, pois a partir dela acontecem discussões que dão continuidade a produção teórica do grupo*²²⁶. A segunda expõe que *a permanência de ex-alunos no grupo é extremamente positiva, pois possibilita ao grupo visões diferenciadas*²²⁷. De acordo com a docente, Claudia Groenwald, a permanência dos alunos formados no grupo contribui com a realização das pesquisas que estão em desenvolvimento, e ainda, que dar continuidade em suas pesquisas, *demonstra a motivação desses membros pelo grupo*²²⁸. A relação estabelecida com ex-alunos e também com pesquisadores visitantes, segundo o ponto de vista da docente, *possibilita estabelecer e realizar convênios com outros grupos, de modo a receber e fazer visitas a outros pesquisadores*²²⁹.

O docente Marcelo Borba reitera seu discurso apresentado anteriormente e salienta que

²²² CÉLIA PIRES, USg CP46.

²²³ CÉLIA PIRES, USg CP41.

²²⁴ CÉLIA PIRES, USg CP45.

²²⁵ CÉLIA PIRES, USg CP44.

²²⁶ MARIA SOARES, USg MT42.

²²⁷ CLAUDIA GROENWALD, USg CL45.

²²⁸ CLAUDIA GROENWALD, USg CL47.

²²⁹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL46.

[...] o GPIMEM tem se tornado uma escola de pós-doutorado [...] na qual os ex-alunos que continuam vinculados ao grupo ajudam bastante com a oxigenação de novas ideias, apresentando novas questões, trazendo novas indicações de leituras²³⁰.

Para esse docente, *a permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa segue o princípio da não obrigatoriedade* e ressalta que a interação com alunos recém-formados é muito benéfica para ambas as partes, grupo e aluno, pois o grupo se influencia com suas presenças. Como coordenador, ele sente que está se educando com essas relações, por ter a possibilidade de visualizar novos caminhos.

Para Sergio Nobre, *a presença de ex-alunos fortalece o grupo*²³¹ e a permanência destes pode acarretar em um avanço, isto é, no caso daqueles pesquisadores que dão continuidade em suas investigações de doutorado, o docente *entende que esses pesquisadores estão avançando com o grupo de pesquisa*²³². Ainda, apresenta uma nova perspectiva dessa potencialidade ao afirmar que o pertencimento ao grupo para um pesquisador recém-formado é importante e *revela que o grupo não se desfaz com a saída do aluno, isto é, o grupo se mantém*²³³.

Lulu Healy também expõe uma perspectiva sobre a permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa ao mencionar que considera como positiva essa relação e quanto maior for o número de pesquisadores mantendo contato e compromisso com o grupo acarretará em contribuições para área de investigação do grupo e enfatiza uma recíproca *relação de aprendizagem entre todos os membros do grupo de pesquisa*²³⁴. Ainda, salienta que

[...] a permanência de ex-alunos no grupo contribui para o grupo e também, para as instituições em que os pesquisadores são vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas²³⁵.

Segundo a entrevistada, a permanência de ex-alunos no grupo contribui para o grupo e, também, para as instituições em que os pesquisadores são vinculados, pela possibilidade desses programas constituírem a abertura de novas linhas de pesquisas e aprofundarem na contribuição que estão desenvolvendo para a área de investigação.

O docente Antonio Roazzi apresenta um posicionamento singular em relação à permanência de ex-alunos aos seus grupos formadores, expressando que os pesquisadores recém-formados *geralmente não continuam participando do grupo*, e salienta que os alunos egressos o procuram com o intuito de continuar pesquisando, e não necessariamente

²³⁰ MARCELO BORBA, USg MB89.

²³¹ SERGIO NOBRE, USg SN27.

²³² SERGIO NOBRE, USg SN31.

²³³ SERGIO NOBRE, USg SN28.

²³⁴ LULU HEALY, USg LH58.

²³⁵ LULU HEALY, USg LH60.

participando das pesquisas do grupo, e sim interagindo com os demais membros e estabelecendo *uma relação boa entre os pesquisadores atuantes e os egressos do grupo*²³⁶.

Compreendemos pela exposição do pesquisador, que quando se estabelece contato com um ex-aluno, essa relação pode estabelecer novos ramos investigativos. O pesquisador Antonio Roazzi cita dois exemplos de alunos egressos que retornaram ao grupo: o primeiro, um aluno que cursou o mestrado e o doutorado sob sua orientação. Leonardo, após sua formação, foi aprovado em um concurso e trabalha na UNIVASF²³⁷, e depois de um tempo de trabalho o procurou com o desejo de continuar nos estudos, dessa vez em nível de pós-doutorado²³⁸. O segundo, uma ex-aluna que se formou junto ao grupo e passou no concurso na UFPE, trabalhando no departamento de Educação, na área de fonoaudiologia. Segundo o entrevistado, ele co-orienta os alunos dela e os dois estão produzindo juntos. O pesquisador continua sua explanação e apresenta o que para ele seria uma exceção, e pode se caracterizar como um articulador para a permanência de egresso junto ao grupo, em casos *de ex-alunos que obtenham aprovações em concursos na própria UFPE*²³⁹, e ainda outra possibilidade de *interação estabelecida não só pelo motivo de pesquisa, mas também pela afinidade*²⁴⁰. Segundo o depoente, quando acontece dessa permanência se efetivar, a considera como *positiva para ambos, pois se tem um interlocutor com quem o pesquisador pode interagir para discutir e analisar dados investigativos*²⁴¹.

Ainda, segundo o pesquisador entrevistado, não existe um único caminho para estabelecer relações investigativas com pesquisadores egressos do grupo, mas sim vários caminhos. Exemplifica com o caso de um ex-aluno de mestrado e doutorado que finalizou sua pesquisa e está orientando em uma instituição que não tem pós-graduação, por conta disso, os alunos desse ex-orientando vieram para UFPE e estão sendo orientados por ele, juntamente com o ex-orientando que desempenha a função de co-orientador. O pesquisador expõe que *essa articulação gera produtos e funciona muito mais do que as palhaçadas do grupo de pesquisa*, e salienta *que quanto menos institucionalizar o grupo é melhor*²⁴².

Bernadete Morey relata que *o grupo de pesquisa está em uma situação que se caracteriza como androgenia, não sendo algo bom e nem passível de escolha*²⁴³, em que a

²³⁶ ANTONIO ROAZZI, USg AR32.

²³⁷ Universidade Federal do Vale do São Francisco.

²³⁸ ANTONIO ROAZZI, USg AR33.

²³⁹ ANTONIO ROAZZI, USg AR28.

²⁴⁰ ANTONIO ROAZZI, USg AR29.

²⁴¹ ANTONIO ROAZZI, USg AR30.

²⁴² ANTONIO ROAZZI, USg AR35.

²⁴³ BERNADETE MOREY, USg BM38.

permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa *não é uma coisa a ser questionada, pois não se trata de uma questão de escolha*²⁴⁴. Em seu ponto de vista, a interlocução com outros pesquisadores não aconteceria em outro lugar, a não ser no grupo de pesquisa e isso faz com que as pessoas busquem estar no grupo²⁴⁵.

Segundo a pesquisadora Bernadete Morey,

[...] os pesquisadores do grupo de pesquisa buscam um elo para lerem, estudarem e discutirem pontos significativos para o grupo, pois segundo a depoente, se os pesquisadores do grupo agirem apenas como professores e não tiverem uma relação de discussão com seus pares do grupo, se sentirão isolados do ponto de vista intelectual²⁴⁶.

Os docentes Célia Pires e Sergio Nobre expõem que nem todos os pesquisadores formados junto ao grupo de pesquisa efetivam o prosseguimento de pesquisas. *Existem ex-alunos que desaparecem para sempre*, salienta a pesquisadora Célia Pires, porém ressalta que este fato pode estar *associado à questão de condição de trabalho*²⁴⁷ dos pesquisadores formados. Sergio Nobre apresenta o mesmo ponto ao dizer que já orientou mestrados e doutorandos, que depois da conclusão das pesquisas, *nunca mais soube nenhuma notícia*²⁴⁸. E salienta a importância de se analisar *qual foi à herança deixada pelos pesquisadores que não permaneceram no grupo*²⁴⁹.

Marcelo Borba salienta a existência entre os docentes e pesquisadores em formação do grupo, o combinado é que todos sejam capazes de constituir seus próprios grupos de pesquisas, e que *continuar participando do GPIMEM é uma questão de interesse pessoal*²⁵⁰. Segundo esse pesquisador, existem vários doutores formados no PPGEM da Unesp de Rio Claro - SP, que não foram orientados por ele e nem mesmo membros do GPIMEM, mas que usaram e abusaram de suas orientações, pois sabem que o pesquisador sempre apresenta sugestões em discussões sobre a tese e costumam pedir conselhos sobre A, B ou C²⁵¹. Ainda segundo o docente, dar contribuições para o desenvolvimento de pesquisas de outros alunos externos ao grupo é muito importante para ele, pois de seu ponto de vista *isso se caracteriza como o trabalho de educar*²⁵².

²⁴⁴ BERNADETE MOREY, USg BM39.

²⁴⁵ BERNADETE MOREY, USg BM24.

²⁴⁶ BERNADETE MOREY, USg BM21.

²⁴⁷ CÉLIA PIRES, USg CP43.

²⁴⁸ SERGIO NOBRE, USg SN33.

²⁴⁹ SERGIO NOBRE, USg SN34.

²⁵⁰ MARCELO BORBA, USg MB54.

²⁵¹ MARCELO BORBA, USg MB86.

²⁵² MARCELO BORBA, USg MB87.

Maria Soares relata que em seu grupo, quando os pesquisadores finalizam as investigações de doutoramento, estes passam a constituir seus próprios grupos de pesquisa e a ter seus próprios orientandos, e caso aconteça de um ex-aluno desejar continuar pesquisando junto ao grupo acontecerá se nesta relação existir uma continuidade das temáticas investigativas que realizavam na pesquisa de doutorado²⁵³. Para essa docente, quando um ex-aluno retorna ao grupo, ele é credenciado como pesquisador, *participando em outra instância nas atividades e produções do grupo*²⁵⁴, se distinguindo de quando o aluno é doutorando e passa a ser pesquisador e salienta que *quando o ex-aluno que também já é professor/orientador em outra instituição retorna ao grupo, sua participação é direcionada à produção*²⁵⁵. Ainda, ressalta que, uma vez que o aluno se formou e tenha constituído seu próprio grupo de pesquisa, ao retornar passa a ter um papel de pesquisador do grupo de pesquisa.

Lulu Healy afirma que, atualmente, seu grupo é grande, e o caracteriza como um grupo significativo, possuidor de sorte, *por ter os pesquisadores que se aliaram no surgimento do grupo ainda como participantes de suas atividades de pesquisa*²⁵⁶. Segundo essa pesquisadora, a permanência de ex-alunos ao grupo é muito variável, e salienta que alguns pesquisadores buscam a pós-graduação, mas não tem a pretensão em continuar pesquisando no grupo, e sim, *buscam devolver para o grupo atividades de desenvolvimento profissional onde eles estão trabalhando*²⁵⁷. Afirma que

[...] para o grupo é interessante que os pesquisadores formados no grupo trabalhem em escolas específicas, pois pode ter algum professor(a) interessado(a) na temática investigativa por ter alunos que realmente sejam interessantes para o grupo trabalhar²⁵⁸.

A pesquisadora expressa que *o que interessa para o grupo são os dados que estão sendo coletados* por esses ex-alunos, para com estes escreverem artigos juntos. Também enfatiza que na área de investigação do seu grupo existem poucos pesquisadores atuantes²⁵⁹ e destaca a existência de uma conexão com os egressos do grupo, citando o exemplo de um pesquisador formado no grupo, que foi seu orientando de doutorado e tinha como temática investigativa a síndrome de down, e atualmente estabelece a ela convites de trabalho e a

²⁵³ MARIA SOARES, USg MT47.

²⁵⁴ MARIA SOARES, USg MT44.

²⁵⁵ MARIA SOARES, USg MT45.

²⁵⁶ LULU HEALY, USg LH16.

²⁵⁷ LULU HEALY, USg LH36.

²⁵⁸ LULU HEALY, USg LH37.

²⁵⁹ LULU HEALY, USg LH62.

pesquisadora ressalta que retribui os convites, convidando-o também para fazer atividades em parceria com o grupo²⁶⁰. Essa relação acontece com outros pesquisadores e com diferentes grupos de pesquisas, exemplificando, a ligação que o grupo estabelece com o grupo de pesquisa EPURA do PPGEM da Unesp de Rio Claro – SP e salienta que a vinda do professor Ole Skovsmose para o Brasil tem mudado algumas direções dos trabalhos do grupo, por apresentar outro olhar às investigações do grupo e ressalta que esse tipo de colaboração tem fortalecido seu grupo de pesquisa²⁶¹.

A importância da interação entre os pesquisadores do grupo de pesquisa e em muitos casos estendendo-se com outros grupos mostra-se como um laço de união que envolve todos os membros do grupo e tem como finalidade a teorização e o aprofundamento investigativo das pesquisas do grupo. Esses vínculos são formados pela união de diferentes pesquisadores na execução de uma mesma pesquisa ou ainda na colaboração de um pesquisador para a efetividade da pesquisa de outro membro. Compreendemos existir um interesse comum que motiva a união de diferentes pessoas para trabalharem juntas em uma mesma temática. Tais interesses, que são individuais, perpassando pela composição de uma publicação ao aprofundamento teórico de uma temática.

Compreendemos, diante dos diversos interesses existentes na composição de um trabalho coletivo, ser o movimento do grupo realizado por suas experiências vividas envolverem suas disponibilidades para com o outro e para consigo mesmo.

As uniões de interesses por temas pesquisados entre pesquisadores diversos, da mesma instituição ou não, acontecem ao acaso, de modo variado, porém evidenciando que o acaso é o do encontro e que a atenção do investigador está sempre em estado de alerta.

O docente Marcelo Borba ressalta que na interação entre os membros do grupo de pesquisa acontecem teorizações das atividades realizadas em pesquisas específicas e salienta a característica de investigação do grupo de pesquisa de que *apenas a tecnologia não é importante, mas sim, o pensar em problemas abertos que possam gerar explorações com as tecnologias*²⁶². O pesquisador exemplifica expondo que durante a participação no congresso ICMI em Águas de Lindóia – SP, temático sobre formação de professores, participou mesmo sabendo que não era sua área central de pesquisa, entretanto *foi com o objetivo de aprender e no final resultou no que é hoje a principal colaboração internacional do grupo de pesquisa*²⁶³.

²⁶⁰ LULU HEALY, USg LH39.

²⁶¹ LULU HEALY, USg LH63.

²⁶² MARCELO BORBA, USg MB14.

²⁶³ MARCELO BORBA, USg MB52.

Este elo produzido por diferentes pesquisadores no desenvolvimento em conjunto de pesquisas é expresso por Antonio Roazzi quando expõe que outros pesquisadores e ex-alunos o procuram para trabalhar juntos, *pois sabem de sua capacidade de analisar dados, e também pela importância de continuarem interagindo*²⁶⁴. A interação é resultante das ações que envolvem esses pesquisadores nos diferentes momentos de interação. Segundo a docente Célia Pires, apesar da falta de tempo dos pesquisadores em se dedicarem nas pesquisas do grupo, *se estabelece laços de solidariedade e de interesse entre os participantes* engajados em uma investigação²⁶⁵, ou, como expresso pelo docente Sergio Nobre, os membros do grupo se mantêm ligados à temática investigativa do grupo trabalhando de dois modos: *individualmente e coletivamente e que a função do grupo é juntar os trabalhos comuns*²⁶⁶.

Claudia Groenwald ressalta que *o pensar dos membros do grupo é motivado pelas leituras, pelo contato com outros pesquisadores e com outras experiências* que vão envolvendo os membros do grupo em diferentes tipos de pesquisa, *sempre ligados às questões do currículo de matemática*²⁶⁷.

[...] as ações de pensar, refletir, estudar e desenvolver uma investigação junto com o grupo de pesquisa são extremamente importantes, pois o grupo possibilita aos pesquisadores ter experiências e discussões colaborativas²⁶⁸.

Compreendemos que as ações realizadas por pesquisadores com os membros do seu grupo de pesquisa e com pessoas de outros grupos, dizem da produção de conhecimento em Educação Matemática, pois o pensar articulador ocorre nessas ações conjuntas, quando as pessoas se colocam em situação de estudar, debater, ouvir, expor compreensões sobre temáticas de interesse comum. Nesses encontros podem acontecer teorizações das atividades realizadas em pesquisas específicas, bem como a exposição do pensar de maneira aberta sobre diversas problemáticas, resultando em novas explorações. Pode se dar, ainda, a análise e tratamento de dados de pesquisas que estão em andamento, ou a retomada de dados obtidos em pesquisas já finalizadas, constituindo um movimento de ser do grupo de pesquisa.

O movimento de ser do grupo de pesquisa também se mostra em suas vivências de estar-com-o-outro de modo colaborativo.

Segundo a entrevistada Claudia Groenwald, estar em grupo colaborativamente se caracteriza em escutar o outro, em um ambiente em que todos os membros tenham voz,

²⁶⁴ ANTONIO ROAZZI, USg AR31.

²⁶⁵ CÉLIA PIRES, USg CP27.

²⁶⁶ SERGIO NOBRE, USg SN18.

²⁶⁷ CLAUDIA GROENWALD, USg CL17.

²⁶⁸ CLAUDIA GROENWALD, USg CL55.

possam opinar e serem ouvidos durante as discussões de ideias e que todos os membros tem voz no grupo, isto é, que os pesquisadores realmente sejam ouvidos de maneira igualitária, para que *os membros não se sintam inferiorizados e nem valorizados, é desse modo que o grupo entende ser colaborativo*²⁶⁹.

Estar em um grupo de pesquisa colaborativo também é destacado por Dario Fiorentini que afirma ser um prazer participar do grupo de sábado, pois

[...] as ideias são muito vivas, os professores trazem a vida da escola para os pesquisadores da universidade de modo bem real, sendo contundente com suas facilidades e complexidades e que o grupo produz um espaço de aprendizagem para todos, de compreensão do mundo da escola, e que muitas vezes os professores participantes migram para os cursos de mestrado e doutorado, se caracterizando como um bom contexto de desenvolvimento de um professor pesquisador²⁷⁰.

A relação exposta pelo docente Dario Fiorentini envolve o engajamento mútuo e recíproco dos membros do grupo em relação a todo o movimento de pesquisar do grupo, seja em pesquisas individuais ou coletivas. Essas relações estabelecidas em grupos estão atreladas à disposição de tempo que os participantes dedicam ao grupo. De acordo com a docente Célia Pires, no processo seletivo, quando os alunos ingressantes do grupo são entrevistados, esses declaram que irão ter todo o tempo disponível para as atividades do grupo, mas *a sobrevivência fala mais alto e eles acabam pegando mais aulas do que deveriam e também existem os problemas familiares e pessoais que interferem no desenvolvimento das pesquisas*²⁷¹.

Compreendemos que o movimento de caracterização das investigações do grupo de pesquisa é constituído pelos vínculos estabelecidos entre a presença e o envolvimento dos pesquisadores em torno das temáticas investigativas. Nessa perspectiva, o docente Dario Fiorentini ressalta que *os aspectos de desenvolvimento profissional da pesquisa do professor sobre sua prática e sua identidade profissional e também sobre sua profissionalidade docente foram se desdobrando e ganharam força dentro do grupo de pesquisa* e salienta que alguns contextos de prática formativa ou de desenvolvimento profissional foram sendo intuídos nesse processo. Ainda, salienta que os grupos colaborativos, por exemplo, ganharam destaque durante a primeira década do ano 2000 e quando o grupo almejou compreender como acontecia a aprendizagem docente e o seu desenvolvimento profissional em contexto de grupos colaborativos. De modo a compreender *o sentido esses grupos fazem transformações*

²⁶⁹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL56.

²⁷⁰ DARIO FIORENTINI, USg DF59.

²⁷¹ CÉLIA PIRES, USg CP29.

*nas práticas escolares, do currículo escolar e a relação disso com o próprio processo de constituição do professor*²⁷².

Todo o movimento de relação concernente aos modos de procedimento pelos pesquisadores/orientadores ou pelo líder do grupo realizarem as orientações e as definições e debates dos projetos de pesquisa são realizados nos grupos de pesquisa seguindo um esquema pré-estabelecido nas pautas das reuniões dos grupos. O pesquisador Antonio Roazzi afirma que na organização das reuniões coletivas, que acontecem mais ou menos a cada dois meses, é estabelecido um cronograma em relação às apresentações, em que seus orientandos e também os outros alunos, orientandos dos outros pesquisadores do grupo, participam. Também, salienta que durante as reuniões quando explica um tema específico para determinado aluno, os demais também têm a oportunidade de aprender, e ainda que cada aluno apresente seu projeto de pesquisa, possibilitando que *todos os integrantes participem das discussões*²⁷³. Esse pesquisador destaca dois exemplos das dinâmicas das reuniões coletivas citadas, o primeiro diz das apresentações e discussões dos projetos de pesquisa, em que *existe o momento das críticas e questionamentos, no qual o autor dos questionamentos aponta por caminhos e soluções*²⁷⁴. O segundo diz das apresentações das pesquisas em andamento, na qual *antes do exame de qualificação, o aluno apresenta seu projeto e este será discutido por todos os outros integrantes*²⁷⁵.

Para Dario Fiorentini existem dúvidas que envolvem o processo de realização das tarefas do grupo, *exigindo que sejam expostas a todo o grupo, para que coletivamente sejam discutidas*²⁷⁶ e ressalta que, antes de efetivar certa publicação, o grupo realiza um debate, *em que são discutidos se a intenção de pesquisa tem relação com a temática com a qual o grupo está trabalhando* e caso isso não se configure a publicação é descartada como sendo do coletivo²⁷⁷. Esse entrevistado salienta que esse procedimento acontece também para a publicação de livros e exemplifica citando o caso do terceiro livro publicado pelo grupo, no qual *o tema de investigação são as práticas de pesquisa sobre a formação de professores e a prática de pesquisa, em que são discutidos os processos de pesquisar* e salienta que a obra é composta por várias pesquisas, tanto realizadas de modo individual, como em

²⁷² DARIO FIORENTINI, USg DF7.

²⁷³ ANTONIO ROAZZI, USg AR17.

²⁷⁴ ANTONIO ROAZZI, USg AR22.

²⁷⁵ ANTONIO ROAZZI, USg AR21.

²⁷⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF44.

²⁷⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF73.

*colaboração*²⁷⁸. O docente Dario Fiorentini expõe que no caso do atual projeto universal, *o grupo está recuperando vários ex-orientandos ou ex-participantes a participarem novamente das pesquisas do grupo*, e salienta que o encontro presencial acontece uma vez por ano, visando à organização e participação desses docentes que estão distantes²⁷⁹. Este vínculo apresentado pelo entrevistado também é exposto pela docente Maria Soares, quando expõe que o contato com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores, acontece através do grupo de estudo, e a partir disso, faz com que os atuais alunos também frequentem essas reuniões, e ainda, salienta que *cada linha de pesquisa do grupo adota seus procedimentos para organizar suas reuniões*²⁸⁰.

Dario Fiorentini enfatiza que o grupo PRAPEM ao se constituir

[...] preponderantemente de doutores, mudou também o esquema de discussão de projetos individuais, a única exceção acontece quando se tem algum pesquisador fazendo pós-doutorado junto com o grupo, trabalhando com uma temática de interesse do grupo [...] havendo uma discussão muito grande sobre o projeto e depois, na fase de finalização, durante a análise dos dados, novamente ocorre uma apresentação, em que todos os membros do grupo participam das discussões²⁸¹.

A efetivação das reuniões realizadas pelos grupos de pesquisa mostra-nos como o moto das atividades investigativas do grupo, pois nesses momentos são debatidos temas, expostas propostas investigativas, pesquisas em desenvolvimento e outras tantas possibilidades, além de compreendermos ser resultante do movimento de estar e trabalhar coletivamente no grupo constituente de novas propostas de trabalho, como expressa a pesquisadora Célia Pires: *a ideia central dos projetos e os objetivos são formulados a partir do debate feito com os membros do grupo*²⁸².

A escolha de temas de pesquisa, muitas vezes, são constituídos nas reuniões coletivas estabelecidas no grupo de pesquisa e, segundo nossa compreensão, movidos pelo desejo coletivo e/ou individual de pesquisa.

Segundo o docente Marcelo Borba, *o tema central de investigação do grupo não é algo pessoal, e sim coletivo*. Esse docente salienta que aprende muito participando de eventos científicos, pois *passa a conhecer novas ideias que estão circulando nas discussões e também nas interações sociais do evento*²⁸³ e exemplifica dizendo que ao realizar turismo em um

²⁷⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF72.

²⁷⁹ DARIO FIORENTINI, USg DF76.

²⁸⁰ MARIA SOARES, USg MT29.

²⁸¹ DARIO FIORENTINI, USg DF68.

²⁸² CÉLIA PIRES, USg CP18.

²⁸³ BERNADETE MOREY, USg BM48.

evento, *escuta muito o que os outros pesquisadores fazendo*²⁸⁴ e que isso o faz pensar em sua existência, *nos vinte e um anos de participação do GPIMEM, de seus dez anos que antecederam a criação do grupo e de vivência com a Educação Matemática*²⁸⁵.

Já a docente Bernadete Morey ressalta que *a estreita ligação do grupo de pesquisa com a Sociedade Brasileira de História da Matemática impulsionou o direcionamento investigativo da temática do grupo*, a saber, investigações históricas da história da matemática²⁸⁶. E salienta que esta temática é escolhida conforme *os interesses próprios dos pesquisadores/orientadores do grupo*²⁸⁷ pelo fato de *o orientando não apresentar maturidade para escrever o trabalho sozinho*²⁸⁸.

Nesta perspectiva, compreendemos que não existe uma postura de liberdade por parte dos membros do grupo na tomada de decisões individuais que envolvem futuras temáticas investigativas. Isso significa que diferentemente do exposto por Fiorentini²⁸⁹ e BoaVida e Ponte²⁹⁰, no que concerne às atitudes colaborativas dos membros do grupo de pesquisa, os grupos acima apresentados desenvolvem trabalho comum, porém não de modo colaborativo. É importante que se compreenda modos diferentes de os grupos procederem e que nessa diferença ainda pode-se afirmar que são grupos e que os seus membros se reúnem em torno de temáticas que delineiam linhas de investigação.

A pesquisadora Bernadete Morey afirma que existem muitas escolhas que precisam ser realizadas para o desenvolvimento das pesquisas do grupo e a decisão para essas escolhas é de responsabilidade do orientador junto com seu orientando. Exemplifica o caso da escolha de *uma obra que um aluno de mestrado ou de doutorado utilizará em sua respectiva pesquisa*²⁹¹ e salienta que a escolha estará *relacionada com sua disponibilidade e alcance do grupo, que esteja publicada em línguas que o pesquisador consiga fazer o seu estudo e que desperte a curiosidade investigativa do pesquisador*²⁹².

Exposto o movimento apresentado pelos pesquisadores, compreendemos que o grupo estabelece diversas relações com diferentes pesquisadores, alguns oriundos do grupo ou que o buscam pela temática desenvolvida. Desta relação se aclaram os tentáculos do grupo, isto é, a instituição de outros grupos de pesquisas ligados à temática e trabalho do grupo ou, ainda,

²⁸⁴ MARCELO BORBA, USg MB49.

²⁸⁵ MARCELO BORBA, USg MB50.

²⁸⁶ BERNADETE MOREY, USg BM9.

²⁸⁷ BERNADETE MOREY, USg BM10.

²⁸⁸ BERNADETE MOREY, USg BM12.

²⁸⁹ Cf. FIORENTINI, 2004.

²⁹⁰ Cf. BOAVIDA e PONTE, 2002.

²⁹¹ BERNADETE MOREY, USg BM11.

²⁹² BERNADETE MOREY, USg BM13.

subgrupos de trabalho, como salientado pela docente Bernadete Morey: *os pesquisadores do grupo de pesquisa em geral são oriundos do programa de pós-graduação da UFRN*, alguns, que trabalham em outros campi da UFRN²⁹³. A pesquisadora também expõe que esses grupos estão vinculados a programa de pós-graduação e salienta que no estado do Rio Grande do Norte existem poucas instituições públicas de ensino superior e que *programa de pós-graduação com grupos apresentando infraestrutura de pesquisa existe apenas na UFRN*²⁹⁴.

Desse modo, entendemos existir um movimento do grupo de gerar novos grupos a ele vinculados e respectivas caracterizações.

Maria Soares expressa que existe uma movimentação efetuada pelo CNPq sobre a definição de grupos de pesquisas e salienta a necessidade de discussões acerca do momento da formação de grupos, e ainda que o CNPq efetuasse orientações nessa direção²⁹⁵, pois como salientado pelos pesquisadores Lourdes Onuchic a partir do GTERPE, outros grupos de pesquisas foram criados²⁹⁶ e Dario Fiorentini que *os subgrupos são uma instância importante do grupo de pesquisa*²⁹⁷.

Além disso, como exposto por Marcelo Borba e também pela docente Maria Soares, existe uma infraestrutura gerada pelo grupo de pesquisa. O pesquisador Marcelo Borba expõe que *o ano de 1996 foi um marco para o grupo*, pois o mesmo conseguiu verba financiada pela Fapesp para a construção de um laboratório denominado *Laboratório de Informática e Educação Matemática* e também um anfiteatro maior para o uso coletivo do departamento²⁹⁸ e salienta que esta aquisição conquistada pelo grupo de pesquisa foi um marco em termos de espaço, *pois o laboratório do GPIMEM era utilizando por várias pessoas de dentro e de fora do grupo, pois na época era praticamente o único laboratório de informática do campus*²⁹⁹. Segundo Maria Soares, a participação do grupo em pesquisas no projeto da FINEP possibilitou a justificação para a construção de um prédio, que se transformou em um andar, *fazendo com que o grupo adquirisse um lócus, um espaço próprio para as atividades da pós-graduação*³⁰⁰.

A infraestrutura gerada pelo grupo pode contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e também no acolhimento de pesquisadores visitantes, para trabalharem juntos com os demais membros. Desta forma, compreendemos existir uma interação entre grupos de

²⁹³ BERNADETE MOREY, USg BM40,

²⁹⁴ BERNADETE MOREY, USg BM37.

²⁹⁵ MARIA SOARES, USg MT50.

²⁹⁶ LOURDES ONUCHIC, USg LO12.

²⁹⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF38.

²⁹⁸ MARCELO BORBA, USg MB4.

²⁹⁹ MARCELO BORBA, USg MB5.

³⁰⁰ MARIA SOARES, USg MT32.

pesquisas distintos, em que as relações estabelecidas contribuem e influenciam as pesquisas do grupo.

Segundo o pesquisador Marcelo Borba, *as interações desenvolvidas com os pesquisadores estrangeiros influenciam as ações investigativas do grupo*. O professor Marcelo Borba relata que há oito anos de cooperação com o professor George Gadanidis e também com pesquisadores colombianos, Jonh Alexander Villa-Ochoa e Carlos Mario Jaramillo López. Esse pesquisador ressalta que a cooperação com pesquisadores estrangeiros influencia o grupo, pois nas pesquisas deles são apresentadas teses em que usam os conceitos produzidos pelo grupo. Ainda, salienta que

[...] as interações desenvolvidas com os pesquisadores estrangeiros influenciam as ações investigativas do grupo, pois das pesquisas deles são apresentadas teses em que usam o construto seres humanos com mídias de uma maneira que ele nem sabe se concordo, mas que tomei a decisão de não decidir isso, e sim, de estar discutindo e debatendo³⁰¹.

Esse depoente afirma que no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro se fala de internacionalização, porém *o seu grupo é internacionalizado deste seu surgimento*³⁰², pois suas várias idas ao exterior têm consolidado algumas cooperações de grupos estrangeiros. Ele exemplifica isso citando que *estabeleceu interação com o professor Ole Skovsmose durante seis anos, ocasionando sua vinda pela primeira vez para Rio Claro e também que sua pesquisa de mestrado, quando trabalhou com etnomatemática e educação matemática crítica, resultando em dois ou três artigos e capítulos publicados na Springer ou no For the Learning of Mathematics*³⁰³.

Claudia Groenwald também expõe que seu grupo *desenvolve pesquisa em conjunto* e exemplifica a relação estabelecida com o professor Salvador Llinares e ressalta que *em suas investigações são trabalhadas as questões de competência da observação*³⁰⁴. Essa pesquisadora manifesta que a motivação do grupo em continuar realizando pesquisas

[...] se configura a partir das participações em eventos científicos e das relações existentes com pesquisadores de outros grupos, e também a presença de professores visitantes no grupo, assim como a ida de pesquisadores do grupo para visitar outras instituições, ambas as situações possibilitadas por convênios firmados entre os grupos³⁰⁵.

³⁰¹ MARCELO BORBA, USg MB34.

³⁰² MARCELO BORBA, USg MB32.

³⁰³ MARCELO BORBA, USg MB33.

³⁰⁴ CLAUDIA GROENWALD, USg CL16.

³⁰⁵ CLAUDIA GROENWALD, USg CL19.

De acordo com essa pesquisadora, quando seu grupo recebe pesquisadores visitantes, *estes convivem com os membros do grupo por um período de tempo e participam das atividades e reuniões coletivas do grupo de pesquisa*³⁰⁶.

Maria Soares traz relatos sobre a existência de pesquisadores do seu grupo vinculados a outras instituições e outros grupos de pesquisas.

O ponto agregador entre os grupos sempre foi à formação de professores voltada para as demandas das políticas públicas [...] e formar professores, produzindo pesquisas de mestrado e doutorado voltadas para a formação inicial de professores³⁰⁷.

A pesquisadora afirma que seu grupo é constituído por pesquisadores dos setores da Educação Matemática, Educação e Ciências Exatas e evidencia que *o maior desafio é os pesquisadores do setor das Ciências Exatas valorizarem os pesquisadores do setor da Educação Matemática*, e ainda, ressalta existir o apoio dos pesquisadores do setor da Educação aos pesquisadores da área de ciências exatas³⁰⁸.

Entendemos que o estar-com-o-outro, envolvendo os membros dos grupos de pesquisa ao realizarem investigações com pesquisadores e/ou grupos de outros países se dá também pela acolhida de professores visitantes junto ao grupo, nas idas ao exterior para a participação de eventos científicos, influencia o modo de ser do grupo. Isso pode levar os membros do grupo a se animarem a continuar pesquisando determinadas temáticas e, também, na ampliação das investigações e competências.

O docente Antonio Roazzi ressalta que estar em grupo é uma ação *natural dos humanos, que surge a partir da interação entre pessoas*³⁰⁹. Segundo esse pesquisador, após a constituição do grupo de pesquisa junto ao diretório de grupo do CNPq, isto é, do seu cadastramento, não existe nenhuma avaliação de suas ações e salienta que não existindo nenhum controle, *o grupo tem autonomia para escrever o que quiser*³¹⁰. Corroborando a crítica ao CNPq apresentada pelo depoente, a entrevistada Célia Pires expõe que *os grupos de pesquisa no Brasil são abandonados*³¹¹, tanto do ponto de vista das instituições macro, da CAPES e CNPq, e salienta, reforçando a posição já apresentada por Antonio Roazzi de que as políticas não são direcionadas para grupos e sim para os pesquisadores individualmente³¹².

³⁰⁶ CLAUDIA GROENWALD, USg CL20.

³⁰⁷ MARIA SOARES, USg MT25.

³⁰⁸ MARIA SOARES, USg MT24.

³⁰⁹ ANTONIO ROAZZI, USg AR19.

³¹⁰ ANTONIO ROAZZI, USg AR19.

³¹¹ CÉLIA PIRES, USg CP31.

³¹² CÉLIA PIRES, USg CP31.

Bernadete Morey expõe que, para efetivar o cadastramento do grupo na plataforma do CNPq, *era necessário apresentar linhas de ação e temas investigativos*³¹³, onde o grupo cadastrou um projeto maior não vigente, *que consta apenas no diretório do CNPq*³¹⁴. A docente Célia Pires salienta que para realizar o cadastro de um grupo é preciso fazer alguns procedimentos que são reconhecidos institucionalmente, mas expressa *que há pouco espaço para registrar esses modos de produção no diretório de grupos*³¹⁵.

Compreendemos que a característica de *institucionalização* expressa o modo pelo qual o grupo de pesquisa se institui e se fortalece em uma instituição, proporcionando autonomia para suas realizações e uma base sustentadora das ações articuladoras de pesquisa. Estar institucionalizado possibilita uma visibilidade do grupo de pesquisa na instituição de origem e em outras, com as quais dialoga e se inter-relaciona, podendo gerar reconhecimento da comunidade pelo trabalho que realiza.

A característica de institucionalização do grupo de pesquisa, para Antonio Roazzi, é entendida como *um faz de conta*³¹⁶, pois, para se realizar pesquisa, não se faz necessário constituir um grupo. Esse ponto de vista é também compartilhado pelo professor Sergio Nobre, quando salienta que *ser institucional não é condição necessária para o fortalecimento do grupo, pois o grupo pode existir sem ser institucional*³¹⁷. Essa afirmação não é compreendida do mesmo modo pela professora Bernadete Morey, que expressa que quando o grupo não é institucionalizado, isto é, oficializado, ele *se caracteriza como um grupo de estudo*³¹⁸.

O docente Marcelo Borba destaca que *estar no diretório do CNPq traz pouca influência diretamente para dentro do grupo*, e que futuras influências podem ser estabelecidas a partir de outros tipos de relações, como por exemplo, o desenvolvimento de projetos em parceria com outras instituições.

De acordo com a docente Lulu Healy, o fato de o grupo ser institucionalizado se caracteriza como um problema para ela, pois atualmente coordena dois grupos cadastrados no CNPq, *o primeiro originalmente cadastrado na PUC-SP, visando investigações voltadas para*

³¹³ BERNADETE MOREY, USg BM16.

³¹⁴ BERNADETE MOREY, USg BM16.

³¹⁵ CÉLIA PIRES, USg CP35.

³¹⁶ ANTONIO ROAZZI, USg AR19.

³¹⁷ SERGIO NOBRE, USg SN22.

³¹⁸ BERNADETE MOREY, USg BM28.

*tecnologias e meios de expressão em matemática; e o segundo na universidade UNIBAN o segundo grupo, Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação*³¹⁹.

Para Dario Fiorentini, ser institucional vai além dos moldes de estar legalizado e expõe que

[...] o aspecto de institucionalização vai além da legalização do grupo, em que ela se institua não apenas legalmente, mas também em uma prática, um tipo de trabalho que seja reconhecido pelas instituições tanto de fomento, quanto de trabalho dos pesquisadores³²⁰.

De acordo com o docente Dario Fiorentini, ser institucional vem do verbo instituir, ou seja, de algo que se consolidou e tem certo reconhecimento de uma comunidade, onde esse processo não seja apenas formal, com o grupo se registrando no diretório do CNPq ou que tenha credenciamento e reconhecimento de sua instituição de origem, *mas que o grupo seja constituído e reconhecido pela produção, pela efetividade de suas pesquisas*³²¹. A argumentação da professora Bernadete Morey vai em direção ao exposto pelo docente Dario Fiorentini ao afirmar que ser institucional significa *ser reconhecido pela universidade e outras agências fomentadoras de recursos, dando sustentação às pesquisas do grupo*³²².

Dos pesquisadores entrevistados, todos, exceto Antonio Roazzi, destacaram como importante a característica do grupo ser institucionalizado. Segundo o pesquisador Antonio Roazzi *ter um grupo institucionalizado não é importante, pois seu grupo de pesquisa não pede auxílio de fomento ao CNPq*³²³, expondo à existência de outros órgãos de auxílio a pesquisa que podem ser utilizados sem que o grupo seja institucional.

Bernadete Morey, Claudia Groenwald e Maria Soares destacam a possibilidade do grupo de pesquisa requerer e utilizar de fomento para a realização de suas pesquisas. Segundo Bernadete Morey, a institucionalização do grupo de pesquisa *possibilita pleitear verbas para financiamentos de pesquisas*³²⁴. A mesma argumentação é apresentada pela pesquisadora Claudia Groenwald ao expor que a institucionalização *possibilita ao grupo de pesquisa apoio financeiro para realização de pesquisa*. Ainda, segundo essa pesquisadora, a utilização de apoio financeiro pode trazer um fortalecimento do grupo, *pois a viabilização de recursos financeiros pode aumentar o número de pesquisadores engajados nas pesquisas do grupo*³²⁵.

³¹⁹ LULU HEALY, USg LH47.

³²⁰ DARIO FIORENTINI, USg DF50.

³²¹ DARIO FIORENTINI, USg DF49.

³²² BERNADETE MOREY, USg BM27.

³²³ ANTONIO ROAZZI, USg AR20.

³²⁴ BERNADETE MOREY, USg BM26.

³²⁵ CLAUDIA GROENWALD, USg CL31.

Na perspectiva da docente Maria Soares a característica do grupo ser institucional é fundamental, e ressalta que ela *influencia quando os pesquisadores desenvolvem projetos que envolvem construções e cita o exemplo dos projetos da FINEP*³²⁶. Segundo a exposição dessa docente, a partir da participação no projeto citado, seu grupo conseguiu justificar a construção de um prédio, que se transformou em um andar, *fazendo com que o grupo adquirisse um locus, um espaço próprio para as atividades da pós-graduação*³²⁷. Essa pesquisadora entende a institucionalidade como sendo o pertencimento do grupo e a realização de pesquisas na instituição daquilo que é proposto nos projetos de pesquisas, isto é, *que a institucionalidade do grupo se dá pela produção de conhecimento que é reconhecido em uma determinada instituição de ensino*³²⁸.

Segundo Bernadete Morey, a característica de institucionalização é importante, pois *caso o grupo de pesquisa não fosse institucionalizado o risco de se perder e deixar de existir seria maior*³²⁹, porém, considera *difícil mantê-lo atualizado, pois salienta que para realizar essa tarefa é preciso saber utilizar da informática*³³⁰. Nessa perspectiva, da atualização constante do grupo, o docente Sergio Nobre salienta que *a existência do grupo depende da sua frequente atualização, caso contrário deixa de existir*³³¹. Esse mesmo argumento é expresso pela docente Célia Pires ao ressaltar que *posterior ao cadastramento, se faz necessário o grupo ir se atualizando no diretório*³³².

Os entrevistados Bernadete Morey, Célia Pires, Claudia Groenwald e Marcelo Borba expõem que a característica de institucionalização possibilita visibilidade ao grupo de pesquisa. A pesquisadora Bernadete Morey evidencia a existência de *certa visibilidade aos pesquisadores vinculados ao grupo*³³³. De outra perspectiva, a docente Célia Pires expõe que *na medida em que todos os pesquisadores da pós-graduação desejam ter um grupo de pesquisa cadastrado no diretório é importante, pois dá visibilidade ao grupo*³³⁴ de tal modo que confirme sua existência, *e também permita ao grupo buscar parcerias para desenvolver projetos, permita diálogos, etc.*³³⁵.

³²⁶ MARIA SOARES, USg MT30.

³²⁷ MARIA SOARES, USg MT32.

³²⁸ MARIA SOARES, USg MT33.

³²⁹ BERNADETE MOREY, USg BM29.

³³⁰ BERNADETE MOREY, USg BM25.

³³¹ SERGIO NOBRE, USg SN21.

³³² CÉLIA PIRES, USg CP32.

³³³ BERNADETE MOREY, USg BM26.

³³⁴ CÉLIA PIRES, USg CP32.

³³⁵ CÉLIA PIRES, USg CP30.

Essa também é a perspectiva apresentada pela docente Claudia Groenwald ao expor que *estar ligado a uma pós-graduação permite visibilidade e credibilidade ao grupo de pesquisa*³³⁶. Para o docente Marcelo Borba, a institucionalização do grupo de pesquisa possibilita visibilidade ao estabelecer contato com pesquisadores de outros grupos, de modo *a não se fechar dentro de suas relações*³³⁷ e salienta que

[...] os membros dos grupos utilizam da institucionalização para se fortalecerem, por exemplo, os mestrandos e os doutorandos ao se inscreverem em concursos usam da institucionalização do grupo para se fortalecerem³³⁸.

Ainda nessa perspectiva de expor as potencialidades que a institucionalização permite ao grupo, Marcelo Borba salienta que essa característica faz com que o grupo tenha projetos vigentes *como OBEDUC da Capes*³³⁹, e salienta a possibilidade de estabelecer cooperações de pesquisa internacionais, como os ativos com a Colômbia, Canadá e Argentina.

Esse tipo de relação com pesquisadores de outros grupos de pesquisa também é argumentado como uma característica da institucionalização pelas pesquisadoras Lulu Healy e Claudia Groenwald. A primeira se manifesta dizendo que a institucionalização *contribui para o fortalecimento do grupo, pois estabelece relações com diferentes pesquisadores de diferentes instituições*³⁴⁰. Já a segunda pesquisadora destaca que com o grupo institucionalizado *as pesquisas realizadas não são isoladas, e sim ligadas a outras pesquisas e outros pesquisadores*³⁴¹ e exemplifica dizendo dos *convênios firmados com grupos de outras instituições*³⁴².

Segundo a docente Lulu Healy, a existência e continuação do grupo estão ligadas não exclusivamente, mas em grande parte *com os pesquisadores que buscam o grupo por conta da pós-graduação*³⁴³, com vínculos estabelecidos com *os alunos e ex-alunos do grupo* e também com os colaboradores de outros países, como Canadá e Inglaterra. Essa pesquisadora ressalta que *muitos desses colaboradores não constam na lista do CNPq, por eles não possuírem currículo lattes*³⁴⁴. Segundo essa entrevistada, tanto ela como coordenadora, que está na instituição do grupo, como os vários outros pesquisadores que pertencem ao grupo e

³³⁶ CLAUDIA GROENWALD, USg CL30.

³³⁷ MARCELO BORBA, USg MB71.

³³⁸ MARCELO BORBA, USg MB65.

³³⁹ MARCELO BORBA, USg MB71.

³⁴⁰ LULU HEALY, USg LH53.

³⁴¹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL32.

³⁴² CLAUDIA GROENWALD, USg CL33.

³⁴³ LULU HEALY, USg LH50.

³⁴⁴ LULU HEALY, USg LH51.

são de outras instituições, *recebem apoio para continuar desenvolvendo as ações investigativas*³⁴⁵.

Essa pesquisadora expõe que vê o grupo como além da instituição por estabelecer contato com diferentes pesquisadores de diversas instituições, porém, salienta que *se o grupo não apresentar associação com alguma instituição, o grupo não existiria*³⁴⁶. Lulu Healy ressalta ainda que, levando em consideração a SBEM, é importante ter certo orgulho do grupo, *e esse orgulho também tem associação com a Instituição que o grupo está inserido*³⁴⁷.

Para a docente Lourdes Onuchic a institucionalização *permite uma divulgação do grupo* e exemplifica expondo que pode mostrar para todo mundo que a Fapesp reconhece seu grupo de pesquisa como bom³⁴⁸, e, ainda, que a institucionalização do grupo é conveniente para os relatórios do CNPq, de modo que conste a existência do grupo, que se reúne com relativa frequência, e ressalta que *ser institucionalizado garante ao grupo algumas certezas e valores*³⁴⁹, exemplificando que há pouco tempo *o grupo recebeu financiamento para realização de um evento científico, o SERP*³⁵⁰. Outro tipo de divulgação, não do grupo, mas dos pesquisadores membros é apresentado pelo docente Sergio Nobre, ao salientar que *um pesquisador ligado a um determinado grupo de pesquisa pode se utilizar disso para se expor e ser reconhecido por outros grupos*³⁵¹.

Para o docente Dario Fiorentini a característica de institucionalização contribui para o fortalecimento do grupo, pois existe um reconhecimento institucional que *possibilita o uso do espaço físico da universidade para a realização das atividades do grupo, e também disponham de recursos e financiamentos*³⁵². Nessa perspectiva, esse docente exemplifica dizendo que *se um pesquisador não pertencer a nenhum grupo institucionalizado junto ao CNPq, não conseguirá financiamento para realizar pesquisa*³⁵³. Ainda segundo esse pesquisador, outra potencialidade da institucionalização *se dá pela visibilidade primeira ao grupo, no qual um grupo visível, institucionalizado pode fortalecer a negociação dos*

³⁴⁵ LULU HEALY, USg LH49.

³⁴⁶ LULU HEALY, USg LH51.

³⁴⁷ LULU HEALY, USg LH55.

³⁴⁸ LOURDES ONUCHIC, USg LO29.

³⁴⁹ LOURDES ONUCHIC, USg LO27.

³⁵⁰ LOURDES ONUCHIC, USg LO28.

³⁵¹ SERGIO NOBRE, USg SN21.

³⁵² DARIO FIORENTINI, USg DF48.

³⁵³ DARIO FIORENTINI, USg DF48.

*participantes com suas instituições de ensino*³⁵⁴, de modo que ser institucional possibilita que as instituições liberem os pesquisadores para estarem presentes nas reuniões do grupo³⁵⁵.

Pois segundo destacado por esse docente

[...] a institucionalização do grupo passa a ter um papel importante para as instituições dos pesquisadores participantes, pois nos relatórios enviados para a CAPES constará como trabalho colaborativo ou de intercâmbio entre programas³⁵⁶.

Para Dario Fiorentini, a institucionalização possibilita um reconhecimento legítimo de seu grupo, por se tratar de um grupo desenvolvedor de projetos de pesquisas interinstitucionais e com projetos interprogramas, de modo que a partir da cooperação se apresenta com um trabalho entre instituições³⁵⁷. Ser interinstitucional é uma característica particular do grupo, como salientado pelo pesquisador, que *a partir de 2004/2005 o grupo passa a ser interinstitucional e ganha autonomia, deixando de ser da UNICAMP, utilizando-a como sede dos encontros*³⁵⁸.

O pesquisador Antonio Roazzi reforça seu posicionamento perante o conceito de institucionalização, salientando que *se não tivesse um grupo cadastrado no CNPq, continuaria produzindo, fazendo pesquisas em colaboração com as outras pessoas em um grupo* e expõe que a constituição de grupo de pesquisa é *uma invenção nova no Brasil*³⁵⁹. Este aspecto da institucionalização também é destacado pela professora Célia Pires, que expõe reconhecer como importante a organização da Capes no processo de cadastramento dos grupos de pesquisa, elogiando o banco de dados que se tem, porém se indaga, *o que está sendo feito com isso?*³⁶⁰ A docente Célia Pires expõe que o *MEC e outros órgãos poderiam estar demandando de grupos de pesquisa*³⁶¹ cadastrados na plataforma, porém salienta que não vê esse movimento e reforça a crítica apresentada de que *no Brasil só se cadastra os grupos, mas não se dá um retorno interessante a esses grupos cadastrados*³⁶². Ainda, em relação ao cadastramento dos grupos no diretório do CNPq, a docente Celia Pires salienta que vê muita vantagem nesse tipo de organização de grupos para o movimento de escolha das

³⁵⁴ DARIO FIORENTINI, USg DF43.

³⁵⁵ DARIO FIORENTINI, USg DF45.

³⁵⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF47.

³⁵⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF46.

³⁵⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF10.

³⁵⁹ ANTONIO ROAZZI, USg AR27.

³⁶⁰ CÉLIA PIRES, USg CP33.

³⁶¹ CÉLIA PIRES, USg CP34.

³⁶² CÉLIA PIRES, USg CP34.

temáticas investigativas, e ressalta que esse movimento *acontece com melhor qualidade do que se fossem realizados individualmente por cada pesquisador*³⁶³.

Segundo a docente Claudia Groenwald, a institucionalização não influencia nos modos de produção do grupo de pesquisa, *pois o grupo tem que desenvolver pesquisas com autonomia para poder realmente se caracterizar investigativo*³⁶⁴. Nessa perspectiva, o pesquisador Sergio Nobre também afirma que a institucionalidade é importante para a visão do grupo, mas não influencia o trabalho; e salienta que o grupo pode existir sem a institucionalidade, mas que para produzir trabalhos, a institucionalização é importante e enfatiza que, pela grade histórica do mundo acadêmico, não adianta o grupo produzir e não expor para a sociedade³⁶⁵ e afirma ainda que *o grupo ser institucional é importantíssimo, pois a universidade precisa saber o que está acontecendo no grupo*³⁶⁶.

Já para os pesquisadores Lulu Healy, Marcelo Borba e Dario Fiorentini a característica de institucionalização influencia nos modos de produção do grupo. A pesquisadora Lulu Healy apresenta que, por exemplo, a criação do *site* do grupo, que é uma atividade recente, tem dois lados, *o primeiro de disseminar as produções; e o segundo, negativo, de o mundo acadêmico não ser sempre decente em relação as produções*³⁶⁷. Essa entrevistada exemplifica que alguns *softwares* produzidos pelo grupo são disponibilizados, em alguns casos, sem nenhum credenciamento do grupo, e salienta que por esse motivo esse mesmo material pode ser reproduzido e publicado com outra nomenclatura. A pesquisadora diz ainda que *a disseminação através de sites, são modos das pessoas interessadas encontrarem os materiais do grupo*³⁶⁸.

Para Marcelo Borba a institucionalização do grupo de pesquisa influencia em seus modos de produção e ressalta que essa contribuição e a publicidade dessa institucionalização são importantes para a vida institucional de cada um dos membros do grupo³⁶⁹ *e contribui para formar cultura de outros grupos de pesquisa*³⁷⁰. Ainda, para Marcelo Borba, *ser institucional quer dizer de estar ligado a uma instituição, de fora ou da própria universidade, com outros grupos e outras universidades*³⁷¹. Esse pesquisador expõe que em outro grau de institucionalização, o de programa de pós-graduação junto a CAPES, *foi considerado de*

³⁶³ CÉLIA PIRES, USg CP37.

³⁶⁴ CLAUDIA GROENWALD, USg CL34.

³⁶⁵ SERGIO NOBRE, USg SN23.

³⁶⁶ SERGIO NOBRE, USg SN19.

³⁶⁷ LULU HEALY, USg LH56.

³⁶⁸ LULU HEALY, USg LH57.

³⁶⁹ MARCELO BORBA, USg MB67.

³⁷⁰ MARCELO BORBA, USg MB68.

³⁷¹ MARCELO BORBA, USg MB66.

*questão fundamental a nucleação de novos grupos e novos programas de pós-graduação a partir do programa o PPGEM da Unesp de Rio Claro*³⁷².

O pesquisador Dario Fiorentini expressa que *certamente a institucionalidade influencia nos modos de produção do grupo de pesquisa*³⁷³ e cita, como exemplo, um artigo que publicou no ano de 2013 em uma revista de Portugal, em que define as comunidades acadêmicas de professores, discutindo a relação entre a universidade e a escola. Esse pesquisador salienta existir ações que não são necessariamente monitoradas pela instituição universidade ou pela escola, apresentando-se em um espaço fronteiro entre as duas instituições. Nessa perspectiva, expõe a existência do terceiro grupo de estudo liderado por ele, *o grupo de sábado, que apresenta uma natureza investigativa, não sendo institucionalizado, pois visa um espaço mais livre e menos monitorado, seja pela instituição ou pela própria escola*³⁷⁴.

Outro aspecto apresentado pelo docente Dario Fiorentini é que os grupos acadêmicos e institucionalizados influenciam tanto os institucionalizados ou os não institucionalizados, pois por serem institucionalizados, *os valores que a instituição carrega valorizando seus produtos, vai influenciar direto ou indiretamente as ações do grupo*³⁷⁵. Esse pesquisador estabelece ainda uma relação entre a institucionalização e as produções do grupo, quando expõe que *se o grupo for denominado como grupo de pesquisa e não fizer pesquisa não tem razão em ser institucionalizado*³⁷⁶, e afirma que todo grupo de pesquisa tem que ter produção de pesquisa.

Segundo a entrevistada Claudia Groenwald, a institucionalização de um grupo de pesquisa *o atrela a algumas pré-condições de trabalho*³⁷⁷, mas ressalta a importância do grupo ter *autonomia e poder de decisão*³⁷⁸ em relação às decisões que o grupo deve realizar e salienta que a institucionalização é importante pelo fato do grupo estar *ligado a uma pós-graduação e salienta que por esse motivo existem obrigações importantes a serem realizadas*³⁷⁹. De modo que esse compromisso se caracteriza

[...] na produção de pesquisas que deem retorno para a sociedade, de modo que essas pesquisas realizadas influenciem a escola, os órgãos governamentais e as políticas públicas³⁸⁰.

³⁷² MARCELO BORBA, USg MB69.

³⁷³ DARIO FIORENTINI, USg DF51.

³⁷⁴ DARIO FIORENTINI, USg DF52.

³⁷⁵ DARIO FIORENTINI, USg DF63.

³⁷⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF64.

³⁷⁷ CLAUDIA GROENWALD, USg CL35.

³⁷⁸ CLAUDIA GROENWALD, USg CL35.

³⁷⁹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL27.

³⁸⁰ CLAUDIA GROENWALD, USg CL29.

Segundo essa docente, quando um grupo realiza uma investigação científica, este deve *apresentar compromisso com a verdade, de modo que essa responsabilidade não esteja atrelada com compromissos pré-determinados visando resultados, pela instituição*³⁸¹. De modo que a institucionalização junto à universidade não carregue pré-condições nas pesquisas realizadas pelo grupo, isto é, que o grupo tenha autonomia de pesquisa independente de sua institucionalização.

Compreendemos, conforme a exposição dos entrevistados, que a institucionalização do grupo de pesquisa abre mais possibilidades de intercâmbio com outras instituições. Isso contribui com o fortalecimento dos programas de pós-graduação envolvidos, pois eles podem ampliar seu leque de produção.

Existe uma relação recíproca de contribuição no que concerne às instituições envolvidas, tanto as que desenvolvem atividades com o ensino superior, como aquelas que trabalham com escolas do Ensino Básico. Muitos dos professores que buscam a participação no grupo para debates de temas envolvendo sua prática pedagógica, acabam por também realizar pesquisas de mestrado e doutorado sob a orientação e elaboração junto ao grupo, o que implica em sua formação.

A institucionalização da qual estamos tratando neste Núcleo Abrangente de significados não trata da legalização dos grupos de pesquisa, mas, sim, do credenciamento destes no diretório de grupo de pesquisa do CNPq. A característica dessa institucionalização dá-lhe visibilidade, uma vez que já é da prática dos pesquisadores brasileiros se valerem da plataforma Lattes do CNPq para obter informações de outros profissionais. Por exemplo, no caso particular desta pesquisa, encontramos os sujeitos significativos, líderes de grupos institucionalizados, por meio do diretório acadêmico de grupos de pesquisas.

Outro aspecto importante evidenciado nas falas que dizem da institucionalização refere-se a maior possibilidade de financiamento de pesquisas. O financiamento, por sua vez, quando obtido, fortalece a própria característica de institucionalização e do grupo, na medida em que permite que os gastos com a locomoção de seus membros para a produção de conhecimento, por exemplo, sejam ressarcidos.

Os grupos de pesquisa que estudamos evidenciam que sua estrutura, entendida em termos dos projetos que desenvolvem, dos financiamentos que recebem, dos membros que formam e que permanecem no grupo, colaborando com as investigações em andamento, dá sustentação para a formação pedagógica de pesquisadores e fortalecem a produção do

³⁸¹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL36.

conhecimento. Esse fortalecimento se mostra na comunidade de pesquisa desse grupo, tanto olhando no interior do grupo, quanto nos tentáculos que expandem suas atividades, levando-as a outras instituições e trazendo as daquelas para si.

Síntese de nossas compreensões

Como a *physis*, força imperante que faz brotar e que mantém sendo isso que brota, o grupo de pesquisa nasce de uma força imperante, explicitada como o desejo de estar junto com os outros, trabalhando temas significativos de investigação. Criar um grupo de pesquisa exige liderança para reunir pessoas e para intuir questões abrangentes e importantes que possam unir os diferentes em torno de estudos e de discussões de determinados assuntos, mas, ao mesmo tempo, permitir que haja liberdade de as pessoas se exporem em sua singularidade. Essa liderança se mostra no modo de condução dos trabalhos, na *pré-visão* do que é preciso fazer para que o grupo não se cristalice, mas percorra seu trajeto que vai se impondo pela dinâmica de sua vida. Esta é realizada pela entrada de novos membros, pela saída de antigos ou pela sua manutenção. Neste caso, modificando sua posição no grupo. Faz-se, também, pela modificação de interesses, pela expansão de fronteiras, pelo acolhimento de outros grupos. Mostra-se, principalmente, na convivência com profissionais do mesmo porte, acolhendo sugestões, modificando modos de proceder e, mais do que isso, de estar-com-o-outro visto como igual, pois pessoa em movimento de produzir. Assumir o outro como igual não quer dizer que todos façam a mesma tarefa ou se a realizarem, compreender que a realizam de modo diferente. Enfim, o grupo de pesquisa se impõe pelo seu perfil que se delineia na sua historicidade.

4.3 Geração da temática

Pela análise e interpretação que procedemos às entrevistas realizadas, compreendemos que a geração da temática dos grupos de pesquisa é uma ação complexa e que se realiza de maneiras diferentes, delineada pelo modo de proceder do coordenador junto ao grupo e pela própria vida do grupo. Dá-se no fluxo de suas realizações, em que os diferentes membros estão uns com os outros de modo solidário e responsável, trabalhando de modo coletivo. Dá-se: na retomada do coordenador que articula informações advindas de leituras, de conferências assistidas, de participação de eventos científicos com as questões que estão sendo discutidas ou que vão se anunciando em seu grupo; pelo conhecimento de políticas públicas que são lançadas, indagando pela sua atualização; do estabelecimento de convênios

com outras instituições quando há intercâmbio de interesses institucionais e de disposição de estudar temas comuns aos seus agentes; demanda da temática presente na comunidade de pesquisa; intenção de contribuir com nova perspectiva teórica, das experiências dos pesquisadores/orientadores; fomento de agências de pesquisa. Temas de pesquisa também adquirem vida, de modo que, muitas vezes, uma vez postos em sua positividade, vão avançando e abrindo caminhos, quase que se bifurcando em subtemas ou novos temas. De modo muito forte, um aspecto que se destaca é ser coletiva a geração dos temas de pesquisa no âmbito do grupo.

A intuição do tema de pesquisa do grupo é uma ação complexa que não se deixa expor de modo linear e que não se aprisiona em paradigmas previamente delineados.

Dario Fiorentini e Marcelo Borba afirmam que não é fácil argumentar ou teorizar sobre como intuem a força de uma temática de pesquisa. Dario Fiorentini salienta que é um movimento *que vai além da argumentação com o grupo, envolve também emoção, sentimento, apresentando um movimento que mobiliza o grupo a querer estudar determinado tema ou aprofundar em uma determinada perspectiva*³⁸².

Dario Fiorentini relata que todos os membros constituintes do grupo participam na elaboração das temáticas investigativas, e afirma que *como coordenador do grupo não realiza proposta de pesquisas*, e salienta que *as proposições acontecem de maneira colaborativa e conjunta. As ideias de temas de pesquisas surgem em grupo*³⁸³, de modo que os projetos são propostos pelos membros do grupo de pesquisa, e argumenta que o fato do grupo ser composto apenas por pesquisadores doutores, faz com que estes tragam de suas respectivas instituições de ensino suas demandas de trabalho. Para esse pesquisador, o grupo *se preocupa com a formação e constituição do professor em sala de aula* e se caracteriza pelo trabalho colaborativo e *negociativo*. Todavia, enfatiza que *durante as definições dos temas de pesquisas ocorrem discussões acaloradas e com conflitos entre os participantes* que, de seu ponto de vista, *acontecem por se tratar de um grupo heterogêneo, havendo diversidades de concepções e pensamentos, mas que tudo isso enriquece as discussões e fortifica a temática resultante dessas plenárias*³⁸⁴. As exposições das ideias que podem ser constituintes de um tema de pesquisa *acontecem em grupo e são influenciadas pelas literaturas a que o grupo tem acesso. O grupo discute de antemão para organizar seus planos futuros*³⁸⁵ e depois da sua

³⁸² DARIO FIORENTINI, USg DF27.

³⁸³ DARIO FIORENTINI, USg DF16.

³⁸⁴ DARIO FIORENTINI, USg DF21.

³⁸⁵ DARIO FIORENTINI, USg DF22.

definição ele se torna a preocupação central do grupo, em torno do qual *são discutidas e definidas outras ações, como a de seleção de novos membros, da produção dos dados e análise* ou ainda, da instituição de subgrupos do grupo maior, *intencionados a partir das temáticas investigativas*³⁸⁶. Dario Fiorentini salienta que isso acontece *graça ao engajamento conjunto dos participantes do grupo, ressalta que de seu ponto de vista, este pode ser o segredo do grupo ainda estar motivado a trabalhar coletivamente*³⁸⁷. Segundo esse entrevistado, durante a negociação das temáticas de pesquisa, o grupo visa contemplar a perspectiva apresentada pelos membros individualmente, de modo que se identifiquem com as ideias do grupo. Esse pesquisador ressalta ainda que *o grupo abre possibilidades de contemplação das ideias de todos os participantes, mas que isso não significa que aconteça sem tensões, mas que o entusiasmo e harmonia prevalecem nas relações o grupo de pesquisa*³⁸⁸ e ainda, que sucessivo a definição da temática de pesquisa, os pesquisadores buscam por literaturas abrangentes. Esse entrevistado ressalta também que *o grupo de sábado é um espaço muito prazeroso e que se sente bem em participar, embora o horário das reuniões pudesse ser utilizado para o lazer em sua vida particular*³⁸⁹.

Marcelo Borba afirma que *o tema central de investigação do grupo não é algo pessoal, e sim coletivo*³⁹⁰ e expressa que durante sua participação em eventos científicos passa a conhecer novas ideias que estão circulando. Esse docente salienta que *busca participar também de seções que não tratem das temáticas investigativas de seu grupo de pesquisa, com o intuito de ver como os outros grupos estão fazendo pesquisa*. Mesmo nas interações sociais do evento, de acordo com ele, ao se colocar em diálogo com os outros participantes, *escuta muito o que os outros pesquisadores estão falando*³⁹¹.

Para esse docente as temáticas investigativas do grupo são constituídas coletivamente, entretanto, ele vê também outro movimento que engloba individuais e outros coletivos, mas não contando com o grupo como um todo. Isso porque ressalta a importância da experiência na decisão de escolha investigativa. Para ele há momentos especiais que revelam a união do grupo ao gerar temáticas. Segundo esse pesquisador, a noção de seres-humanos-com-mídias, trabalhada em seu grupo, *surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos*

³⁸⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF24.

³⁸⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF32.

³⁸⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF33.

³⁸⁹ DARIO FIORENTINI, USg DF58.

³⁹⁰ MARCELO BORBA, USg MB48.

³⁹¹ MARCELO BORBA, USg MB49.

conhecimentos de maneiras distintas e, mais ainda, como a própria noção do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos³⁹².

O pesquisador Marcelo Borba destaca que *os temas de investigação do grupo são questões advindas da sociedade que se manifestam na utilização das tecnologias disponíveis*³⁹³ e também *de questões subjetivas, do desejo, das questões objetivas e das possibilidades de cada membro do grupo, bem como, da materialidade disponível*³⁹⁴ e ainda, que a escolha de um tema investigativo no grupo de pesquisa acontece mediante a interface das questões objetivas e subjetivas, na qual *as questões objetivas são impregnadas de humanidade quando, no grupo, se coloca mediante a ideia de seres humanos com mídias, e também que as questões subjetivas são impregnadas de objetividades a partir das coisas que nos cercam*³⁹⁵. Esse pesquisador também expõe que os temas investigativos são escolhidos no grupo, e salienta que *em um primeiro momento era pensado apenas por ele, por ser o coordenador do grupo*. Posteriormente, em um segundo momento, a decisão de escolha de um tema investigativo *era dividida com pesquisadores mais experientes do grupo, pois como apresentado pelo pesquisador, o grupo conta com seis docentes da Unesp e outros oito docentes associados ao grupo, tanto do Brasil, como de outros países*³⁹⁶. A complexidade da intuição do tema fica evidente no depoimento de Marcelo Borba ao dizer, por exemplo, que *as temáticas investigativas do grupo surgem de seus insights nadando ou caminhando, sozinho ou com alunos*³⁹⁷, exemplificando com o caso do aluno Nilton Domingues, que trabalha com vídeos em sala de aula, e realizou sua iniciação científica sob sua orientação, e, um ano e meio depois, descobriu que o aluno tinha ganhado um prêmio da Skol, em que desenvolveu certo vídeo publicitário. Esse aluno *não tinha experiência como professor para pensar na sala de aula, porém juntos desenvolveram atividades em uma disciplinas ministradas pelo pesquisador e desenvolveram experimentos em sala de aula*³⁹⁸ e salienta que toda essa dinâmica resultou na dissertação de mestrado defendida pelo discente.

Claudia Groenwald destaca que intui a força de investigação de um tema *durante a realização das leituras, dos convênios de pesquisa em que o grupo se associa com outras instituições*³⁹⁹. Célia Pires revela que intui a força de um tema *compatibilizando os interesses*

³⁹² MARCELO BORBA, USg MB19.

³⁹³ MARCELO BORBA, USg MB26.

³⁹⁴ MARCELO BORBA, USg MB28.

³⁹⁵ MARCELO BORBA, USg MB29.

³⁹⁶ MARCELO BORBA, USg MB30.

³⁹⁷ MARCELO BORBA, USg MB24.

³⁹⁸ MARCELO BORBA, USg MB25.

³⁹⁹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL15.

*individuais de cada pesquisador, membro do grupo. Além de entender que o interesse individual do pesquisador não é suficiente para justificar uma pesquisa, considera relevante a demanda existente dessa temática na área investigada*⁴⁰⁰.

Compreendemos que a intuição de uma temática investigativa se mostra como algo complexo, pois não se aprisiona no fato de aceitar um tema em um momento estático da ação de pesquisar, mas envolve um movimento realizado pela interação entre os membros do grupo, avançando por ondas que abarcam sentimentos de emoção e disposição de estar com o outro em um trabalho coletivo que visa aprofundar uma determinada temática.

A temática de pesquisa pertence ao coletivo do grupo, uma vez que a vida comunitária perpassa os desejos individuais dos membros da comunidade e esta se constitui e se nutre pelos desejos, posturas e força dos seus membros, porém a força que a move é comum. É, de acordo com Edith Stein, gerada pelo pertencimento, pela reciprocidade e autonomia, em que o ser comunitário realiza atividades individuais que visam o intuito do grupo em sua totalidade.

O estar coletivamente realizando pesquisa e intuindo a força de uma futura temática investigativa, segundo nossas compreensões, podem acontecer em diversos momentos em que os pesquisadores dialogam tanto entre aqueles do mesmo grupo de pesquisa, como de outros. Muitos pesquisadores buscam estabelecer convênios de pesquisa com outras instituições do Brasil e também do exterior. Desse modo, os diferentes modos de estar junto dos membros de um grupo, como em reuniões, realizando leituras, dando pareceres, fazendo seminários, proferindo palestras, conversando em *chats*, contribuem para que os coordenadores dos grupos intuem a força de uma temática investigativa. Essa ponderação vai ao encontro de BoaVida e Ponte⁴⁰¹ ao considerarem que aspectos como: liberdade assumida pelos pesquisadores quando decidem por interesses comuns; possibilidade de exploração de uma nova temática; de avançar no aprofundamento de uma investigação; possibilidade de estar junto de algum pesquisador conhecido; e de se mostrar como uma estratégia pode modificar as relações de poder presentes no âmbito institucional, dizem das diversas motivações que levam os pesquisadores a se associarem de modo colaborativo.

Esse nosso entendimento fluiu com as leituras dos autores da Educação Matemática e de autores da Filosofia, bem como dos depoimentos de nossos entrevistados. Os aspectos de solidariedade, autonomia e responsabilidade aparecem nessas leituras, como constituindo o cerne de uma comunidade, cujos membros vivenciam juntos situações em que agem de modo colaborativo tendo em vista algo.

⁴⁰⁰ CÉLIA PIRES, USg CP24.

⁴⁰¹ Cf. BOAVIDA E PONTE, 2002.

Para Célia Pires, o fato de ir estruturando o trabalho e organizar pequenos projetos de pesquisas dentro do grupo é uma estratégia interessante e produtiva, pois de *um lado facilita o trabalho de orientação e, por outro, possibilita aos estudantes realizarem trabalhos mais consistentes*⁴⁰². Essa pesquisadora exemplifica isso expondo que, atualmente, em seu grupo, *estão lendo e estudando os artigos de um determinado livro, para com esses estudos [...] formularem seus projetos de pesquisa* e ressalta que *os temas investigativos são debatidos coletivamente com todo o grupo de pesquisa*⁴⁰³. Essa docente caracteriza esses temas como sendo resultantes das discussões havidas nas reuniões e nos estudos. Além dessa prática, também sugere temas investigativos como, por exemplo, *os currículos da América Latina*⁴⁰⁴. Nesse movimento descrito, *o grupo formaliza um projeto de pesquisa*⁴⁰⁵. Célia Pires destaca que sempre procurou definir, de modo claro para todos os membros, quais eram os projetos de pesquisa do grupo, *produzindo um documento de referência do que está sendo realizado, que indique o que cada pesquisador está realizando*⁴⁰⁶.

Essa docente afirma que a maioria das investigações desenvolvidas no grupo foi motivada por interesses dos estudantes e também por um debate inicial instituído no grupo, e salienta que tal procedimento tem como objetivo *convencer os pesquisadores da importância de trabalharem temas em comum*⁴⁰⁷. Relata que o grupo desenvolveu uma pesquisa comparativa sobre *o desenvolvimento curricular em países da América Latina e ressalta que essa proposta foi apresentada ao grupo por ela, pois tinha certa experiência na presidência da FISEM, firmando vários contatos com pesquisadores de outros países*⁴⁰⁸. Outro exemplo se trata da pesquisa desenvolvida sobre currículo de matemática na Educação de Jovens e Adultos, sendo um projeto proposto por quatro alunos ingressantes ao grupo, um doutorando e três mestrandos, *que revelaram o interesse por trabalhar com currículos da educação de jovens e adultos*⁴⁰⁹ e também que na denominação do grupo, desenvolvimento curricular de matemática e formação de professores, *já procura explicitar os dois focos de trabalho que são articuladas com políticas públicas na investigação em Educação Matemática*⁴¹⁰. E ainda,

⁴⁰² CÉLIA PIRES, USg CP10.

⁴⁰³ CÉLIA PIRES, USg CP20.

⁴⁰⁴ CÉLIA PIRES, USg CP23.

⁴⁰⁵ CÉLIA PIRES, USg CP22.

⁴⁰⁶ CÉLIA PIRES, USg CP8.

⁴⁰⁷ CÉLIA PIRES, USg CP9.

⁴⁰⁸ CÉLIA PIRES, USg CP14.

⁴⁰⁹ CÉLIA PIRES, USg CP15.

⁴¹⁰ CÉLIA PIRES, USg CP17.

que no projeto de pesquisa do grupo são indicados os autores, destacados de um levantamento de literatura, que serão estudados⁴¹¹.

Corroborando com o ponto apresentado, a pesquisadora Claudia Groenwald ressalta que, de seu ponto de vista, as possibilidades de pesquisa de seu grupo são definidas também pelas discussões dos projetos dos membros do grupo, e que dessa perspectiva, a experiência de pesquisa de cada membro do grupo direciona os caminhos investigativos e possibilita a discussão de outros novos caminhos. Enfatiza que *a reflexão realizada de modo colaborativo é muito mais rica, pois apresenta diferentes pensamentos, pontos de vistas, leituras e experiências*⁴¹². Afirma não saber apontar o exato momento em que surge o tema, mas enfatiza que *a partir das dificuldades do grupo, das problemáticas que os professores encontram nas salas de aula, há um processo de questionamentos e de amadurecimento das perguntas levantadas*⁴¹³. Afirma que seu grupo de pesquisa foi criado e se mantém *atuante em torno da proposta investigativa do currículo de educação matemática do ensino básico, mais especificamente nas séries finais do ensino fundamental e médio*⁴¹⁴, mas salienta que existem pesquisas que abordam outros níveis de ensino, como por exemplo, uma pesquisa de doutorado que investigou *a utilização de metodologias tanto no ensino fundamental como no ensino médio*⁴¹⁵. De modo que a temática de investigação de suas pesquisas é voltada para *o currículo nas séries iniciais do ensino fundamental*⁴¹⁶, mais especificamente trata das questões curriculares: *o que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia*. Ressalta que o grupo busca pesquisar questões do currículo de maneira que se pode realizar uma transformação curricular⁴¹⁷.

Maria Soares relata que *o projeto maior do grupo é elaborado colaborativamente entre todos os pesquisadores*, e salienta que o tema central desse projeto maior *agrega o conjunto de pesquisa do grupo como um todo*⁴¹⁸. Essa depoente destaca que no início do grupo de pesquisa, os pesquisadores se reuniam com muita frequência, pois precisavam ouvir de cada membro do grupo o que estava sendo investigado em suas pesquisas particulares *até que conseguiram constituir uma perspectiva comum para compor o projeto guarda-chuva do grupo*⁴¹⁹. Mas dada a maturidade do grupo, atualmente *agenda um encontro mensal para a*

⁴¹¹ CÉLIA PIRES, USg CP19.

⁴¹² CLAUDIA GROENWALD, USg CL54.

⁴¹³ CLAUDIA GROENWALD, USg CL10.

⁴¹⁴ CLAUDIA GROENWALD, USg CL3.

⁴¹⁵ CLAUDIA GROENWALD, USg CL7.

⁴¹⁶ CLAUDIA GROENWALD, USg CL6.

⁴¹⁷ CLAUDIA GROENWALD, USg CL1.

⁴¹⁸ MARIA SOARES, USg MT15.

⁴¹⁹ MARIA SOARES, USg MT17.

*finalização dos trabalhos e que durante a criação de projetos, o grupo apresenta uma frequência maior de encontros*⁴²⁰. Segundo Maria Soares, corroborando com o discurso apresentado pelas pesquisadoras Célia Pires e Claudia, *as investigações do grupo lidam com pesquisas que assumem a Educação Matemática como um campo de conhecimento estritamente voltado para a relação composta por: professor x aluno x conhecimento de matemática, tanto na educação básica como no ensino superior*⁴²¹ e destaca o vínculo estabelecido com a psicologia da Educação Matemática, agregada à perspectiva de formação de professores, que apresenta uma *grande produção do grupo em pesquisas voltadas para as séries iniciais, anos iniciais e educação infantil*⁴²².

Segundo essa entrevistada, as linhas investigativas pertencentes ao grupo de pesquisa foram constituídas a partir da formação que os pesquisadores/orientadores tiveram, a saber: *um professor com a formação voltada para a psicologia da Educação Matemática e formação de professores, outro para a filosofia da educação matemática e outro para a história da Educação Matemática*⁴²³ e destaca que os temas de investigações no grupo são escolhidos por dois modos diferentes, *o primeiro via o observatório da educação, por pesquisas que visam uma quantidade de pessoas juntas produzindo conhecimento sobre o mesmo tema. E o segundo modo são as pesquisas individuais de cada pesquisador/orientador do grupo*⁴²⁴. Nessa perspectiva, essa entrevistada exemplifica que durante a definição de temas de pesquisa pode acontecer da proposta de temática apresentada ganhar corpo próprio e se constituir em algo diferente do proposto inicial.

Marcelo Borba enfatiza que *seu próximo projeto de pesquisa será desenvolvido junto ao grupo e já foi discutido com cinco pessoas*.⁴²⁵ Afirma que *um membro do grupo solicitou autorização para desenvolver uma determinada ideia de pesquisa, uma vez que ele já estava com outra opção de escolha*⁴²⁶.

Lulu Healy afirma que as escolhas das temáticas investigativas do grupo de pesquisa surgem de dois modos, o primeiro *das preocupações dos pesquisadores aliados ao grupo - os alunos de pós-graduação*; e o segundo, *do desejo de contribuir para uma nova perspectiva teórica, na qual o grupo visa entender o papel do corpo na construção do conhecimento*

⁴²⁰ MARIA SOARES, USg MT21.

⁴²¹ MARIA SOARES, USg MT4.

⁴²² MARIA SOARES, USg MT7.

⁴²³ MARIA SOARES, USg MT8.

⁴²⁴ MARIA SOARES, USg MT9.

⁴²⁵ MARCELO BORBA, USg MB36.

⁴²⁶ MARCELO BORBA, USg MB37.

*social*⁴²⁷. Enfatiza que ela como coordenadora e os demais pesquisadores/orientadores do grupo *indicam temas investigativos a seus alunos/orientandos e que muitos dos temas são decididos por mais de um pesquisador*⁴²⁸. Ainda nessa perspectiva, essa docente expressa que quando uma temática investigativa é indicada a um aluno, *geralmente é aceita, pois estes chegam ao grupo com propostas de pesquisas obscuras*⁴²⁹.

Essa pesquisadora apresenta uma perspectiva que diverge dos demais pesquisadores entrevistados, ao afirmar que *a construção do projeto maior do grupo não acontece colaborativamente com os outros membros do grupo de pesquisa*, e sim, que existe no grupo pesquisadores que são mais centrais, *e outros que vem e vão, que apenas passam pelo grupo com a finalidade de obter certa qualificação*⁴³⁰ e de seu ponto de vista, o projeto maior do grupo é elaborado pelos pesquisadores que estão ligados a projetos de pesquisas com financiamentos vigentes⁴³¹. Também salienta que *para o projeto de pesquisa ter visibilidade, não existe alternativa, a não ser, o grupo se adequar ao modismo das agências de fomento*⁴³² e salienta que quando o grupo pleiteia financiamento para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, *este passa por adequações que o órgão financiador exige*, porém, ressalta que *as questões fundamentais de grupo são decididas a partir dos resultados de pesquisa desenvolvidas*⁴³³.

Lourdes Onuchic também expõe um movimento diverso do apresentado até aqui. Ela afirma que os temas investigativos do grupo *saem da primeira reunião que tem com os orientandos, em que são discutidas as temáticas investigativas anuais do grupo* e salienta que *disponibiliza para os alunos as revistas do NCTM, para que eles busquem temáticas de investigação*⁴³⁴ e também, na *exposição das pesquisas realizadas e em andamento*⁴³⁵. Essa pesquisadora afirma que não existe uma regularidade para definir as temáticas investigativas do grupo e exemplifica que é como na sala de aula, *preparamos uma aula e o aluno faz uma pergunta que muda todo o andamento da mesma*. Enfatiza que em seu grupo, *às vezes, eles se reúnem apenas para resolver problemas*⁴³⁶ e que durante essas reuniões surge a definição de temas investigativos.

⁴²⁷ LULU HEALY, USg LH15.

⁴²⁸ LULU HEALY, USg LH17.

⁴²⁹ LULU HEALY, USg LH20.

⁴³⁰ LULU HEALY, USg LH25.

⁴³¹ LULU HEALY, USg LH22.

⁴³² LULU HEALY, USg LH23.

⁴³³ LULU HEALY, USg LH24.

⁴³⁴ LOURDES ONUCHIC, USg LO16.

⁴³⁵ LOURDES ONUCHIC, USg LO17.

⁴³⁶ LOURDES ONUCHIC, USg LO23.

Sergio Nobre afirma que os temas a serem estudados no grupo de pesquisa surgem, *inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores*⁴³⁷, em que *os alunos do grupo trabalham com trabalhos já delineados pelos orientadores*⁴³⁸. Salienta que quando o aluno chega ao grupo, o orientador apresenta o tema para ele. Ainda, ressalta que em todos os trabalhos sob sua orientação, foi ele que *apresentou o tema investigativo para o aluno*⁴³⁹.

Indo em outra direção em relação aos que afirmam que as temáticas são definidas em grupo, compreendemos que há entre coordenadores de grupos de pesquisa aqueles que não procedem desse modo.

Segundo o pesquisador Sergio Nobre, seu grupo de história da matemática faz pesquisa sobre assuntos específicos, a saber: *história da matemática; filosofia da matemática entre outros ligados à Educação Matemática*⁴⁴⁰ e salienta que a proposta que mantém o grupo atuante foi sempre igual, apresentando duas linhas fortes, *a primeira da história da matemática como conteúdo, e a segunda da história da matemática no Brasil*⁴⁴¹. Ainda, de acordo com esse entrevistado, *a partir da indicação do tema de investigação do orientador para os orientandos, o grupo vai ramificando os projetos grandes, contando com a participação dos outros membros do grupo*⁴⁴².

Lulu Healy, corroborando com Nobre, afirma que as temáticas investigativas de seu grupo não acontecem envolvendo todo o grupo de pesquisa, isto é, salienta que apenas os pesquisadores mais centrais discutem o que seria o tema central de investigação.

Antonio Roazzi salienta escolher uma temática balizado nas atividades que está realizando no período, mas afirma que seu grupo de pesquisa *trabalha com cognição e com aspectos mais amplos, como apego, emoção, que estão por trás dos aspectos cognitivos*⁴⁴³ e expõe que *as temáticas de pesquisa do grupo estão sempre ligadas às questões cognitivas*⁴⁴⁴.

Um aspecto que se destacou em nossas análises se refere ao modo de gerar temáticas em um grupo de pesquisa, que mostra sua historicidade.

Marcelo Borba expõe que seu grupo de pesquisa manteve ao longo de toda sua existência – 21 anos – a preocupação com as tecnologias em informática e salienta que *existe uma transformação acelerada acontecendo nessa região investigativa, e exemplifica expondo*

⁴³⁷ SERGIO NOBRE, USg SN9.

⁴³⁸ SERGIO NOBRE, USg SN10.

⁴³⁹ SERGIO NOBRE, USg SN11.

⁴⁴⁰ SERGIO NOBRE, USg SN1.

⁴⁴¹ SERGIO NOBRE, USg SN8.

⁴⁴² SERGIO NOBRE, USg SN12.

⁴⁴³ ANTONIO ROAZZI, USg AR4.

⁴⁴⁴ ANTONIO ROAZZI, USg AR12.

a mudança na nomenclatura da área, de *Tecnologias da Informação para Tecnologias Digitais da Informação*⁴⁴⁵. Segundo esse depoente, concomitante à época da criação do grupo, a *Internet* se tornou muito presente no Brasil, o que contribuiu para definirem essa temática investigativa. Porém, ressalta que *a temática investigativa do grupo está sempre se transformando e o grupo esteja em constante aprendizado e pesquisando a dinâmica das tecnologias no ensino e aprendizagem da matemática, inserido na sociedade de forma geral*. Ainda, salienta que a temática investigativa, contribui para que o grupo pense em questões epistemológicas e ontológicas sobre o que é o ser humano, sobre esse ser em movimento, que é influenciado por uma tecnologia que ele mesmo fabricou⁴⁴⁶. Marcelo Borba salienta que, em seu grupo, as pesquisas tratam de investigações voltadas para a informática, outras mídias e Educação Matemática e ressalta que houve uma mudança nessa temática, em que as outras mídias estão todas informatizadas, pensadas em termos do *Word*, da televisão que virou digital, em tudo que encontramos *chip*, sendo assim *o foco investigativo é como que estas tecnologias digitais entram ou não entram na sala de aula e/ou como a internet tem transformado o nosso cérebro, como a internet tem transformado as nossas normas de boa convivência*⁴⁴⁷. Ainda nessa perspectiva, esse pesquisador expressa que o grupo se mantém atuante em torno das investigações de *softwares*, como o GeoGebra, investigando como os alunos pensam o *software* de maneiras distintas; como que diferentes alunos trabalhando com diferentes *softwares* e lápis e papel e outros instrumentos pensam matemática, como eles constroem matemática, como eles produzem matemática⁴⁴⁸; em investigações de como o trabalho com tecnologia estaria sempre associado com criação, com geração de novos problemas⁴⁴⁹; e investigações no que se convencionou chamar em Educação Matemática de modelagem. Salienta que o foco investigativo das pesquisas com essa temática se caracteriza no como os alunos pensam e geram problemas abertos na medida em que trabalham com tecnologias diferentes⁴⁵⁰. Esse pesquisador enfatiza que *a segunda vertente de investigação do grupo de pesquisa são as pesquisas voltadas para a modelagem matemática*. Porém, destaca que *as vertentes de trabalho predominante são: modelagem e tecnologias digitais*⁴⁵¹, e ainda, *a terceira vertente de investigação do grupo é a questão da EAD online*. Marcelo Borba ressalta que a vertente de pesquisa principal do grupo flutua um pouco, não sendo construída

⁴⁴⁵ MARCELO BORBA, USg MB6.

⁴⁴⁶ MARCELO BORBA, USg MB8.

⁴⁴⁷ MARCELO BORBA, USg MB10.

⁴⁴⁸ MARCELO BORBA, USg MB11.

⁴⁴⁹ MARCELO BORBA, USg MB12.

⁴⁵⁰ MARCELO BORBA, USg MB15.

⁴⁵¹ MARCELO BORBA, USg MB16.

apenas pela vontade do coordenador ou de outros membros do grupo, e sim, por forças sociais⁴⁵². Outra vertente de investigação do grupo apresentada pelo depoente deriva da educação *online*, no qual os pesquisadores analisam cursos de educação *online* que não sejam oferecidos pelo próprio grupo; e ressalta que atualmente o grupo tem dois projetos, em que estão analisando o que o governo com suas políticas públicas de Universidade Aberta do Brasil utilizam as tecnologias nos cursos de matemática, mantendo o foco nas licenciaturas de matemática⁴⁵³; e o projeto desenvolvido com a parceria dos pesquisadores George Gadanidis e Ricardo Scucuglia, que possui como tema investigativo a performance matemática digital, em que o foco é transformar o aluno naquele que publica na *Internet*⁴⁵⁴. Segundo Marcelo Borba, o grupo está passando pelo que ele chama de quarta tendência investigativa, caracterizando como uma mudança que traz a mobilidade, os celulares na sala de aula presencial e exemplifica que em um curso a distância oferecido recentemente, os alunos tinham autonomia para inserir na plataforma utilizada para o curso, *links* mais interessantes do que aqueles que o pesquisador apresentou a eles sobre matemática e arte. O depoente ressalta que as questões investigativas se caracterizam em: como o grupo lida com isso? Como trabalhar com isso?⁴⁵⁵

Lulu Healy também expõe a historicidade da geração de temáticas em seu grupo. Suas pesquisas versavam, inicialmente, sobre tecnologias digitais que tinham perspectivas de matemática inclusiva, e ressalta que *esse foco investigativo não se restringia a pessoas com necessidades especiais, mas sim, em termos de inclusão de uma maneira geral*⁴⁵⁶ e salienta que buscou desenvolver unir *a temática tecnologia digital com a importância dos meios de mediação e envolvimento com os aprendizes*⁴⁵⁷. De modo que a conjectura de pesquisa do grupo se dá pela busca de compreensão do pesquisador acerca dos processos cognitivos daqueles que experienciam o mundo através de canais que diferem dos usuais, caso isso ocorra, os pesquisadores irão entender melhor a construção do conhecimento.

Segundo essa pesquisadora, as investigações realizadas em seu grupo possuem muita força nas partes teórica e prática; e salienta que por um lado buscam entender os processos de aprendizagem nas diversidades de aprendizes; todos os diferentes fatores que interferem, seja individual, seja social, cultural, institucional, instrumental, tecnológico, mas por outro lado também gostariam de ver uma participação daqueles que tradicionalmente são mais

⁴⁵² MARCELO BORBA, USg MB17.

⁴⁵³ MARCELO BORBA, USg MB22.

⁴⁵⁴ MARCELO BORBA, USg MB27.

⁴⁵⁵ MARCELO BORBA, USg MB21.

⁴⁵⁶ LULU HEALY, USg LH3.

⁴⁵⁷ LULU HEALY, USg LH4.

marginalizados nas aulas de matemática⁴⁵⁸. Ainda, ressalta que *as investigações do grupo trabalham com professores nas salas de aulas para tratar questões de inclusão de forma local*⁴⁵⁹.

Ainda nessa perspectiva, Lulu Healy expõe que atualmente no grupo existem muitas pesquisas investigando o professor e as práticas pedagógicas, e essa é uma questão importante e central para o seu grupo de pesquisa⁴⁶⁰ e que o grupo tem se esforçado em investigações sobre a formação inicial de professores⁴⁶¹. Segundo essa depoente, as pessoas com deficiências eram de certa forma excluídas das pesquisas que trabalhavam internacionalmente com grupos marginalizados, com negros, com questões de discriminação por sexo, condições de pobreza, grupos indígenas; e salienta que o interesse do grupo é contribuir com as questões de igualdade e de poder⁴⁶².

A pesquisadora Lulu Healy afirma ainda que o que sustenta o grupo é um sonho de um novo tipo de matemática escolar, *e que muitas das pesquisas são estruturadas em torno da matemática escolar almejando uma contribuição de mudança nas estruturas curriculares*⁴⁶³.

Maria Soares afirma que o grupo que coordena já teve um momento forte de pesquisa cujo tema investigativo foi o ENADE⁴⁶⁴ e expressa que no momento um dos *temas que tem unido o grupo atualmente é o PNAIC*⁴⁶⁵, por ser uma política do governo federal. Essa pesquisadora entende que o seu grupo de pesquisa se difere de outros grupos de pesquisa que possuem uma temática própria, na qual as produções de pesquisa seguem sempre o mesmo direcionamento⁴⁶⁶ e salienta que existe uma observação do CNPq de que os grupos de pesquisas apresentem uma temática própria direcionando suas pesquisas e suas produções⁴⁶⁷.

Dario Fiorentini expõe uma mudança no grupo: antes as perspectivas do grupo era de projetos maiores; *hoje o grupo tem uma função de sistematização de teorização*, em que o grupo seja importante em dar retornos fortes para cada uma das instituições do que é trabalhando no grupo, e salienta que *esse movimento alimenta e retroalimenta o pesquisar do grupo*⁴⁶⁸.

⁴⁵⁸ LULU HEALY, USg LH7.

⁴⁵⁹ LULU HEALY, USg LH9.

⁴⁶⁰ LULU HEALY, USg LH28.

⁴⁶¹ LULU HEALY, USg LH29.

⁴⁶² LULU HEALY, USg LH35.

⁴⁶³ LULU HEALY, USg LH10.

⁴⁶⁴ MARIA SOARES, USg MT12.

⁴⁶⁵ MARIA SOARES, USg MT13.

⁴⁶⁶ MARIA SOARES, USg MT48.

⁴⁶⁷ MARIA SOARES, USg MT49.

⁴⁶⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF37.

De modo contrário a esses grupos que alteram suas temáticas investigativas, compreendemos existir aqueles que não as alteram, preservando a matriz original, como expresso pela pesquisadora Lourdes Onuchic, quando diz que as investigações de seu grupo de pesquisa estão entorno da mesma temática investigativa que originou o grupo, a saber, a resolução de problemas.

A pesquisadora Lourdes Onuchic afirma que se viu diante da temática investigativa da resolução de problema quando assumiu a orientação de dois alunos, cujo professor/orientador deixou o programa de pós-graduação da Unesp de Rio Claro – SP⁴⁶⁹ e salienta que a temática desenvolvida no grupo sobre *resolução de problemas atende aquilo que o grupo quer ver, e ressalta que o objetivo primeiro da Educação Matemática é a aprendizagem do aluno*⁴⁷⁰.

Entendemos existir ações efetuadas para a composição de projetos investigativos nessa perspectiva, como a discussão de pesquisas já realizadas, porém a constituição de novas investigações tem como direcionador *a priori* uma temática de fundo.

A pesquisadora Bernadete Morey também apresenta um discurso em torno deste ponto e salienta que a temática investigativa do grupo de pesquisa, *após a formação de alguns pesquisadores, ficou sendo a história da matemática*⁴⁷¹, pois reitera que a linha de pesquisa história da matemática em seu grupo de pesquisa foi fundada pelo professor Fossa, *que por muitos anos e até hoje continua a orientar pesquisas com esse foco investigativo, a saber, investigações históricas da história da matemática, sem ligação com a educação matemática*⁴⁷².

Sendo assim, compreendemos que as temáticas investigativas de grupos de pesquisa são constituídas em um movimento complexo, envolvido por todas as ações e relações dos membros do grupo. Entendemos que durante as discussões para escolha de um projeto de pesquisa, a temática é influenciada pelas leituras realizadas no grupo, pelo desejo de contribuir com a área investigativa do grupo e pelas necessidades apresentadas pela sociedade.

Síntese de nossas compreensões

A geração da temática dos grupos de pesquisa é uma ação complexa e que se realiza de maneiras diferentes, delineada pelo modo de proceder do coordenador junto ao grupo e

⁴⁶⁹ LOURDES ONUCHIC, USg LO7.

⁴⁷⁰ LOURDES ONUCHIC, USg LO26.

⁴⁷¹ BERNADETE MOREY, USg BM5.

⁴⁷² BERNADETE MOREY, USg BM6.

pela própria vida do grupo. Dá-se no fluxo das realizações do próprio grupo, em que os diferentes membros estão uns com os outros de modo solidário e responsável, trabalhando comunitariamente. Entretanto a intuição do tema que articula as diferentes investigações e atividades do grupo, e que se mostra suficientemente forte para manter o grupo sendo, é uma ação complexa que não se deixa expor de modo linear e que não se aprisiona em paradigmas previamente delineados. A materialização dessa intuição em projetos é um dos modos de o líder exercer sua liderança. Não se trata de uma atividade imposta em decorrência de posição assumida, mas ela se dá no movimento do pensar responsável daqueles para quem o grupo é vivenciado como importante e como um projeto de vida profissional.

4.4 Produção e autoria das investigações

A produção do grupo de pesquisa é destacada de diferentes modos e com diferentes arranjos pelos líderes dos grupos aqui analisados.

De acordo com Antonio Roazzi, todas as discussões envolvendo as pesquisas dos doutorandos de seu grupo podem *resultar em artigos e capítulos de livros*⁴⁷³. Esse pesquisador expõe existir uma interconexão entre ele e seus orientandos e ex-orientandos, de modo que a interação seja resultante de pesquisas de mestrado ou doutorado e/ou artigos científicos. Essa produção ocorre mediante orientações, muitas vezes coletivas, a todos seus alunos e também a outros alunos do grupo e a orientandos de outros pesquisadores. Segundo esse entrevistado, muitas vezes as produções acontecem ao indicar um aluno a fazer pós-doutoramento e salienta casos em que alunos foram para o exterior e com êxito desempenharam trabalhos unindo o grupo do Brasil com o grupo visitado. Dessa união, conforme entende, resultaram trabalhos coletivos entre os pesquisadores dos dois grupos.

Compreendemos que estar com o outro em grupo de pesquisa, expondo, ouvindo e debatendo estudos científicos e pontos de vistas impulsiona a produção do conhecimento. Essa compreensão vai ao encontro do tematizado por Fiorentini⁴⁷⁴ ao expressar que em um grupo colaborativo todos os participantes aprendem nas diferentes interações de uns com os outros, produzindo dessas interações re-significações sobre as temáticas investigadas.

Em muitos casos expostos pelos depoentes, essa articulação é concretizada e se fortalece nas produções do grupo, como salienta Lulu Healy, ao expor que o grupo *se*

⁴⁷³ ANTONIO ROAZZI, USg AR23.

⁴⁷⁴ Cf. FIORENTINI, 2004.

*consolidou no ano de 2008; com isso, os membros do grupo começaram a apresentar as publicações em desenvolvimento em eventos da área e também em revistas científicas*⁴⁷⁵.

A visibilidade das pesquisas realizadas auxilia o fortalecimento, amadurecimento e permanência do grupo de pesquisa. A exposição da produção do grupo acontece de diversas maneiras, como textos escritos, vídeos, palestras, apresentações em eventos da área, cursos de formação, entre outros.

Segundo Bernadete Morey, as pesquisas do grupo não são apresentadas de modo especial, não existe uma exposição própria e identificadora do grupo, pois segundo ela, cada pesquisador e orientador tem os seus eventos, seus veículos de publicações, é o pesquisador individual⁴⁷⁶ se apresentando. Afirma que as produções do grupo que coordena possuem características individuais, no sentido de estarem em torno das discussões entre orientador e orientandos⁴⁷⁷.

Segundo os pesquisadores essas produções expostas acontecem evidenciando as características investigativas do grupo. Bernadete Morey expõe que para *levar uma obra antiga para sala de aula, antes é preciso que o educador matemático faça sua digestão*, isto é, trabalhe nessa obra de modo a constituir possibilidades, que visem à compreensão do texto pelos alunos em sala de aula⁴⁷⁸. Os artigos e demais produções do grupo expõem esses estudos.

Sergio Nobre afirma que a produção do grupo, especificamente os trabalhos de mestrado e doutorado saíram, na maioria das vezes, *ligados à temática da história do conhecimento, da história da matemática no Brasil e pouquíssimos trabalhos ligados a assunto de Educação Matemática e história com educação*⁴⁷⁹.

O grupo de Claudia Groenwald publica artigos a partir de resultados de testes aplicativos em sequência didática realizados e armazenados na plataforma SIENA utilizada pelo grupo e exemplifica que *temáticas já realizadas anteriormente por ex-orientandos também são objetos de investigações*⁴⁸⁰. Entende que a potencialidade da exposição das produções do grupo de pesquisa acontece pela possibilidade de *influenciar ou levar os resultados a outras pessoas, permitem que pensem e reflitam sobre as temáticas*

⁴⁷⁵ LULU HEALY, USg LH14.

⁴⁷⁶ BERNADETE MOREY, USg BM33.

⁴⁷⁷ BERNADETE MOREY, USg BM30.

⁴⁷⁸ BERNADETE MOREY, USg BM7.

⁴⁷⁹ SERGIO NOBRE, USg SN6.

⁴⁸⁰ CLAUDIA GROENWALD, USg CL42.

*investigativas do grupo de pesquisa*⁴⁸¹, destacando que *é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola*⁴⁸², pois em seu entendimento esses resultados podem melhorar de modo geral a escola. Dario Fiorentini também discorre sobre potencialidade da produção do seu grupo, expondo *existir uma grande contribuição para o trabalho de cada participante em suas instituições de ensino*. Afirma existir uma contribuição recíproca, mútua, *não é apenas do grupo, no sentido de ir do grupo para as instituições, mas também vai das instituições para o grupo*⁴⁸³. Conforme expõe, seu grupo de pesquisa apresenta uma *liderança nacional no aspecto da formação de professores, tanto de revisão como de teorização nesse campo de pesquisa*⁴⁸⁴ e destaca que as publicações do grupo contemplam as sub-temáticas, envolvendo *uma diversidade de interesse dos membros do grupo que entre si entram em acordo a respeito das definições assumidas*⁴⁸⁵. Esse pesquisador expõe que após ser acordado entre os membros do grupo as temáticas investigativas define-se uma literatura de estudo, que, segundo ele, irá fundamentar teoricamente o grupo.

Esses textos são lidos e discutidos coletivamente, no qual essas leituras visam dar resinificados e rumos aos projetos. O professor entrevistado salienta que durante a realização de um projeto de pesquisa, o grupo vai perspectivando alternativas e projetando possibilidades futuras⁴⁸⁶.

Afirma que em seu grupo de pesquisa há dois tipos de produção, a primeira, *que apresenta colaboração do grupo*; e a segunda, *que seguem a perspectiva da pesquisa colaborativa*. Esse depoente expõe que o grupo é caracterizado por produzir pesquisa colaborativa, em que um grupo de pesquisadores se reúne e desenvolve uma pesquisa conjunta, em colaboração, desde a concepção do objeto de estudo à escrita. Fiorentini afirma que a autoria do produzido também é coletiva, onde todos são pesquisadores e também autores. Critica o fato de nem todas as instituições aceitarem um artigo produzido e assinado por oito autores. Expõe que quando acontecem publicações envolvendo vários autores a definição de quem será o primeiro autor também é discutida coletivamente. *Este será sempre aquele pesquisador que assume a coordenação, o processo de escrita, em que todos os outros participantes apresentam suas contribuições, mas ao primeiro autor cabe a finalização e acabamento final*⁴⁸⁷. A outra possibilidade de produção apresentada por Dario Fiorentini são os casos de autoria individual, *onde os outros participantes colaboram com leituras, críticas e*

⁴⁸¹ CLAUDIA GROENWALD, USg CL49.

⁴⁸² CLAUDIA GROENWALD, USg CL50.

⁴⁸³ DARIO FIORENTINI, USg DF77.

⁴⁸⁴ DARIO FIORENTINI, USg DF15.

⁴⁸⁵ DARIO FIORENTINI, USg DF19.

⁴⁸⁶ DARIO FIORENTINI, USg DF25.

⁴⁸⁷ DARIO FIORENTINI, USg DF70.

revisões ortográficas, e ressalta que há produção individual de uma comunidade, em que as pessoas podem produzir individualmente, mas que *essa produção sofre influências e contribuições do coletivo*⁴⁸⁸.

Compreendemos que essas formas de agrupamentos dos pesquisadores que resultam em suas publicações são expostas pelos depoentes como sendo um disparador das potencialidades existentes nessa união, que podem resultar em possíveis contribuições a outros pesquisadores, seja pertencente ao grupo ou não.

Conforme Lourdes Onuchic, a constituição do último livro publicado pelo grupo de pesquisa que coordena aconteceu em duas partes: *a primeira tratando da teoria e da prática, e a segunda em ensino, aprendizagem e avaliação de matemática*⁴⁸⁹.

Marcelo Borba expõe o movimento que ele considera ser uma análise dos trabalhos realizados em seu grupo, quando no último livro publicado pelo grupo, foram agrupados pesquisadores mais experientes com um mais novato para investigar teses e produções realizadas no próprio grupo⁴⁹⁰. De acordo com esse entrevistado, *a elaboração de um tema de investigação acontece colaborativamente, mas a exposição, ou publicação, não, pois há simetrias, e ressalta que existem pressões dos dois lados, do aluno que deseja investigar o projeto com algumas características e do orientador, do departamento e de agências de fomento do outro lado*⁴⁹¹. E ainda, que *a discussão de um tema de pesquisa é efetuada pelos pesquisadores docentes do grupo, tanto os pesquisadores da Unesp, quanto àqueles que cooperam internacionalmente ou de outras instituições*; também por alunos mais experientes, geralmente os doutorandos⁴⁹².

Dario Fiorentini expõe que a pesquisa de segunda ordem, visada pelo grupo, *apresenta uma perspectiva de teorização do campo, de construção teórica do tema formação de professores e do desenvolvimento profissional dos professores*. Desse modo, os trabalhos visam construir metas-discursos e metas-pesquisas e sistematizar de modo teórico os estudos sobre o tema⁴⁹³. Salienta que as publicações do grupo estão disponíveis *em artigos de periódicos, capítulos de livros - quatro livros publicados, sendo um deles produzido com colaboração internacional de um grupo do Canadá*⁴⁹⁴. Destaca que no grupo de sábado,

⁴⁸⁸ DARIO FIORENTINI, USg DF74.

⁴⁸⁹ LOURDES ONUCHIC, USg LO22.

⁴⁹⁰ MARCELO BORBA, USg MB9.

⁴⁹¹ MARCELO BORBA, USg MB35.

⁴⁹² MARCELO BORBA, USg MB38.

⁴⁹³ DARIO FIORENTINI, USg DF13.

⁴⁹⁴ DARIO FIORENTINI, USg DF14.

liderado por ele, escreve e produz, apresentando uma produção de cinco livros publicados, *abordando pequenas investigações de sala de aula, de natureza mais narrativa*⁴⁹⁵.

A entrevistada Claudia Groenwald enfatiza que as publicações do grupo são sempre resultados das investigações realizadas, exemplifica expondo um livro que está sendo lançado, resultado de um projeto maior: *o Observatório da Educação*⁴⁹⁶, *a temática aborda o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem de frações utilizando tecnologia e aplicados em sala de aulas*⁴⁹⁷ e ainda, que as publicações do grupo são sempre resultados das investigações realizadas.

Síntese de nossas compreensões

Compreendemos que nos grupos de pesquisa a produção é gerada no interior da comunidade desse grupo, uma vez que seus membros estão uns com os outros em um ambiente de solidariedade, respeito e em que há liberdade de escolha da pessoa por estar ou não ali. Entretanto, esse estar junto tem em vista a disposição para estudar e produzir em torno de temas comuns ao grupo. Dada à vivência dos valores que subjazem a prática dos grupos de pesquisa, há colaboração mútua entre seus componentes, bem como, estudos, debates, análise de textos escritos por eles próprios, evidenciando uma produção coletiva. Contudo, mesmo sendo coletiva essa produção o/a, os/as autor/es, autora/s é/são específico/s. Muitas vezes apenas um nome aparece como do/a responsável pela produção, como é o caso de dissertações e teses, por exemplo; em artigos, uma, duas, três, conforme o caso. No interior do grupo as escolhas dos/das autores/autoras, ainda que sejam realizadas de modo diverso, elas incidem sobre as pessoas que mais presentes estiveram em relação à determinada produção, quase que a assumindo como líder responsável.

Esse aspecto é relevante, pois vem ao encontro de nossa interrogação: se é produzido em grupo, não é o grupo o autor do produto? Entendemos que sim é e, ao mesmo tempo, não é. Não se trata de uma contradição, mas da complexidade do coletivo e do individual, ou seja, da comunidade e da subjetividade. Está-se sempre com o outro, sendo-se. Está-se no grupo, produzindo o conhecimento coletivamente, de modo colaborativo, pois solidário. Porém, a força do tema que traz o grupo unido, também se sustenta pela força das questões das pessoas entendidas em sua singularidade e pelo modo de elas serem e se posicionarem em relação à dinâmica e à estrutura do grupo, responsabilmente. Essas singularidades se materializam em

⁴⁹⁵ DARIO FIORENTINI, USg DF55.

⁴⁹⁶ CLAUDIA GROENWALD, USg CL53.

⁴⁹⁷ CLAUDIA GROENWALD, USg CL52.

projetos específicos ligados ao interesse de todos e em produtos que apresentam compreensões e teorizações diversas, sobre um mesmo assunto.

CAPÍTULO V

SÍNTESE COMPREENSIVA

Ao nos encaminharmos para o momento de finalizar esta investigação, entendemos que se trata mais de um movimento em que expomos nossas compreensões sobre o fenômeno sob foco. Trata-se de um movimento que tem por tarefa trazer o compreendido na investigação realizada, mas que não fecha isso que compreendemos como se fosse um ponto final. Por esse motivo denominamos este capítulo de síntese compreensiva entendida como provisória, uma vez que a investigação nunca se fecha.

Articulamos uma síntese compreensiva que abrange nossas compreensões sobre *como se dá a produção de conhecimento em Educação Matemática em grupos de pesquisa*, evidenciando as características que se destacaram a respeito da produção do conhecimento em grupos de pesquisa.

Entendemos, no final desta investigação, que o movimento de análise e tematização das Ideias Nucleares nos possibilitou responder nossa pergunta de pesquisa. A complexidade da temática investigativa exposta no desenvolvimento da pesquisa faz com que essa resposta seja anunciada também em um movimento constituído por diferentes aspectos significativos que, como compreendemos, dizem de como se dão os modos de produção do conhecimento em Educação Matemática em grupos de pesquisa.

Entendemos que a produção do conhecimento em Educação Matemática em Grupos de Pesquisa se dá: na comunidade dando sustentabilidade na vida de um grupo de pesquisa; com o grupo se delineando como tal antes de ser comunidade; na solidariedade entre os membros do grupo; no coletivo, quando a intencionalidade é dirigida a um tema ou a um interesse específico; de modo coletivo ao estudar, apresentar, discutir e investigar temas; na presença de pesquisadores e alunos, ex-alunos e outros ao grupo; na institucionalização do grupo e na produção do conhecimento do grupo como uma escola de formação de pesquisadores.

A comunidade dá sustentabilidade à vida de um grupo de pesquisa, pois nós, pessoas singulares e individuais, ao estarmos com os outros no mundo, expomo-nos em nosso modo de ser que é, conforme os estudos que realizamos e expusemos no Capítulo II, somos sempre junto a outros sujeitos semelhantes a nós, ou não. O grupo de pesquisa pode se constituir

como uma comunidade quando em seu dinamismo as atitudes de autonomia, de colaboração, de solidariedade, de responsabilidade e de atenção permanecem presentes e fluem entre os membros do grupo. Um grupo de pesquisa é constituído por diferentes pessoas que desenvolvem ações singulares, mas que apresentam um fundo comum que mantém o grupo atuante. Trata-se de solo constituído pela intersubjetividade. Esta traz em seu cerne a entropatia e a linguagem. A esfera da intersubjetividade é complexa, pois carrega consigo toda a questão da linguagem e da comunicação. Entretanto, existe um ponto importante que *se põe antes e que dá sustentação para a compreensão* dessa complexidade. Trata-se da compreensão de como o eu reconhece o outro como igual, sendo ele, primariamente, singular. Verem-se como iguais no âmago de um grupo de pesquisa tem o sentido de as pessoas estarem-umas-com-as-outras, sem sentimento de hierarquia, ainda que realizando ações diferenciadas, em relação ao núcleo da comunidade, constituído pelo tema investigativo que abrange o interesse individual e coletivo de seus membros, possibilitando a organização da sua vida comunitária.

Viver uma vida comunitária traz consigo os anseios e desejos individuais dos membros de uma comunidade e esta se constitui e se nutre pelos desejos, posturas e força dos seus membros, porém a força que a move é comum. É, de acordo com Edith Stein, gerada pelo pertencimento, pela reciprocidade, autonomia, responsabilidade e solidariedade, em que o ser comunitário realiza atividades individuais que visam o grupo em sua totalidade.

O grupo de pesquisa, então, se revela como uma comunidade, no sentido de ser sustentado por todos os seus membros constituintes, reunidos por vínculos estabelecidos por uma postura de responsabilidade e de solidariedade. Entretanto, por ser grupo de pesquisa já se colocam juntos em termos de haver um projeto de investigação articulado por um tema que se mostra como importante para todos. Compreendemos que a caracterização das investigações do grupo de pesquisa é constituída pelos vínculos estabelecidos pela presença e pelo envolvimento dos pesquisadores em torno das temáticas investigativas.

Essa articulação de diferentes pesquisadores visando estarem juntos para pesquisar ou desenvolver atividades com desejos comuns delineiam o estilo do *grupo*, ainda que a criação de grupos possa se dar de diferentes modos e ser um ato movido por diversos propósitos. No caso de pessoas se reunirem para estudar e debater assuntos que são importantes para elas, a comunidade vai se constituindo na própria existência do grupo. Na medida em que o grupo se apóia na comunidade que foi se constituindo pela vivência de valores como solidariedade, autonomia, respeito, o seu modo de ser vai se firmando.

O estilo do grupo diz muito de como os coordenadores de grupos de pesquisa efetuam as escolhas de novos participantes a partir de ou em torno às características do grupo e também do desejo de pessoas de se unirem para realizar uma investigação acerca de temáticas investigativas.

O modo de se estar com o outro em grupo estudando e realizando investigações é diferente em cada grupo. O comum aos grupos de pesquisa é manter as pessoas unidas em torno de interesses investigativos e sustentadas na atitude de respeito mútuo.

Eles duram na temporalidade, mantendo-se. Mas essa manutenção não se dá sobre a imutabilidade de modos de ser e de fazer. Antes, modificam-se na convivência entre seus membros e com membros de outros grupos, de instituições diferentes ou não. Grupos distintos podem se reunir com vistas ao aprofundamento teórico e/ou estudo de temáticas específicas. Pode ocorrer que dessa ação surjam novas linhas e novos grupos de pesquisas. A coordenação de grupos que se assumem em transformação, segundo nossa compreensão, se efetua em um entrelaçamento das ações cotidianas envolvendo os programas de pós-graduação, nas definições de temáticas investigativas e teóricas e abrangendo a constituição e desenvolvimento das pesquisas entre os membros do grupo. O coordenador, por sua vez, exerce sua liderança ao intuir o direcionamento que há que conduzir o acontecer do grupo, não de modo determinístico, mas como um cuidado com o grupo de pesquisa.

Estar-com-outros coletivamente realizando pesquisa, diz da *intencionalidade dirigida a um tema ou a um interesse específico* do líder dos grupos e/ou dos seus membros. O estar junto pode acontecer em diversos momentos em que os pesquisadores dialogam tanto entre si, membros do mesmo grupo de pesquisa, como com os de outros grupos, como quando pesquisadores buscam estabelecer convênios de pesquisa com outras instituições do Brasil e também do exterior.

Essa associação, levando em consideração os diferentes modos pelos quais ela se dá, como em reuniões, leituras, pareceres, seminários, palestras, *chats*, podem contribuir para que os coordenadores dos grupos intuem a força de uma temática investigativa. A intuição do tema de pesquisa do grupo é uma ação complexa que não se deixa expor de modo linear e que não se aprisiona em paradigmas previamente delineados. Envolve um movimento constituído pela interação entre os membros do grupo, avançando pelos sentimentos de emoção e disposição de estar-com-o-outro em um trabalho coletivo, que visa aprofundar o conhecimento de uma determinada temática, mas sempre há uma liderança que, em um movimento do pensar reúne informações e forças, vendo-as sob prismas diversos e, em um

lampejo, percebe o tema que pode manter a atividade do grupo, avançando em termos do já realizado.

A articulação entre pesquisadores de um grupo de pesquisa, e que em muitos casos se estende para outros grupos, mostra-se como um laço de união que envolve todos os membros do grupo. Pode conduzir a um movimento de teorização e aprofundamento do investigado. Compreendemos que o grupo, em sua temporalidade histórica, contempla: interesses de pessoas tomadas em sua singularidade, a reunião de pessoas que se voltam para buscas de conhecimento de um tema comum, o desenvolvimento de atividades que abrangem as pessoas em sua individualidade e o grupo em sua totalidade e materialização de produtos de suas realizações, avançando, então, para colocar-se na comunidade de pesquisadores da área de modo visível e, ao mesmo tempo, contribuindo com pesquisas de outros grupos e pessoas.

Compreendemos que as temáticas investigativas de grupos de pesquisa são constituídas em um movimento complexo, envolvente por todas as ações e relações dos membros do grupo. Entendemos que durante as discussões para escolha de um projeto de pesquisa, a temática é influenciada pelas leituras realizadas no grupo, pelo desejo de contribuir com a área investigativa do grupo e pelas necessidades apresentadas pela sociedade. Dá-se no fluxo das realizações do grupo, em que os diferentes membros estão uns com os outros de modo solidário e responsável, trabalhando de modo coletivo; na retomada do coordenador que articula informações advindas de leituras, de conferências assistidas, de participação de eventos científicos com as questões que estão sendo discutidas ou que vão se anunciando em seu grupo; pelo conhecimento de políticas públicas que são lançadas, indagando pela sua atualização; do estabelecimento de convênios com outras instituições quando há intercâmbio de interesses institucionais e de disposição de estudar temas comuns aos seus agentes; demanda da temática presente na comunidade de pesquisa; intenção de contribuir com nova perspectiva teórica, das experiências dos pesquisadores/orientadores; fomento de agências de pesquisa.

Os temas de pesquisa também adquirem vida, de modo que pode ocorrer que uma vez postos em sua positividade, vão avançando e abrindo caminhos, quase que se bifurcando em subtemas ou novos temas. De modo muito forte, um aspecto que se destaca é ser coletiva a geração dos temas de pesquisa no âmbito do grupo. Muitas vezes esse movimento acontece incluindo os alunos, ex-alunos e outros pesquisadores externos ao grupo.

A relação existente entre os pesquisadores que estão em formação e os já formados no grupo se mostra a nós como um ponto importante, não só na perspectiva da constituição do

grupo de pesquisa, mas também de sua permanência, pois entendemos existir uma transitividade entre os membros que compõem esse coletivo, não sendo esta transitividade estabelecida apenas pelos pesquisadores que estão em formação, que ao concluir suas pesquisas tendem a se desvincularem das atividades do grupo, mas também dos pesquisadores/orientadores que abandonam o grupo para constituírem outros grupos ou também, o caso dos pesquisadores que se aposentam de suas atividades acadêmicas. Neste último caso, compreende-se existir entre os membros do grupo uma renovação, a ponto de destacar entre os membros constituintes, novos líderes do grupo. Concernente a essa discussão, compreendemos que os grupos passam por períodos de renovação e suas reuniões servem também para a retomada de discussões já estabelecidas, leituras e debates já realizados anteriormente, mas que voltam a serem necessárias para os novos membros do grupo de pesquisa.

Todo esse movimento exposto nas diferentes relações estabelecidas pelos membros de um grupo de pesquisa conduz à solidificação e permanência desses participantes no grupo, e com isso compreendemos existir um crescimento que expõe certa maturidade do grupo, explicitada nas orientações concluídas e nas publicações. Além disso, por conta do crescimento, o grupo acaba por precisar exigir uma variedade de encontros, cada um com uma pauta singular.

A permanência de membros no grupo de pesquisa se efetiva pelo desejo de os pesquisadores membros em continuarem suas pesquisas desenvolvidas durante o mestrado ou doutorado. Essa compreensão se aclara nas falas dos docentes entrevistados quando expressam ser facultativa e de livre arbítrio dos pesquisadores formados a permanência no grupo de pesquisa, porém, em alguns casos, estabelecem critérios para a manutenção dos participantes do grupo.

É importante destacar que o estilo do modo de ser do grupo, sua dinâmica, sua durabilidade que dá conta de mudanças sem descaracterizá-lo ou inviabilizá-lo, criam um ambiente pedagógico em que a forma/ação⁴⁹⁸ de pesquisadores acontece.

Focando a questão de como o grupo se constitui como tal, o sentimento de solidão se mostra. É revelado na busca de encontrar pares que possam dialogar e investir em estudos e investigações a respeito de um assunto de interesse comum. Estar com o outro em grupo de

⁴⁹⁸ Segundo Bicudo (2003), o termo forma/ação enfatiza o significado de forma, como formato ou aparição de algo que toma forma por meio de um ato atualizador, o qual lhe serve como conteúdo e força que impele à forma apresentada. Na concepção fenomenológica de forma/ação, o foco passa a ser o movimento constante de pensar e repensar a ação, em um movimento de ação-reflexão-ação-reflexão do professor/pesquisador, por compreender que o profissional nunca está formado, mas sempre em processo de forma/ação.

pesquisa coletivamente, expondo, ouvindo e debatendo estudos científicos, possibilita a produção do conhecimento do grupo de pesquisa. Isso, aos poucos, torna o grupo visível na medida em que ele se expõe à comunidade acadêmica, fortalecendo-o, dando sustentabilidade a sua permanência. A inserção de jovens pesquisadores, recém-formados, em programas de pós-graduação também pode estabelecer a constituição de grupos de pesquisas. Entretanto, destacamos ser este um dos perfis expostos nas entrevistas realizadas nesta investigação, em que outros casos também são apresentados, como a existência de grupos formados apenas por doutores/pesquisadores, ou por professores atuantes na rede pública de ensino, ou ainda, por alunos não bolsistas e alunos bolsistas que possuem um maior tempo para se dedicarem nas relações concernentes às atividades do grupo.

Compreendemos que a duração e permanência de um grupo de pesquisa exposta por sua historicidade pode ser sustentada por sua *institucionalização*, que diz do modo pelo qual o grupo de pesquisa se institui e se fortalece em uma instituição. Ela viabiliza maior autonomia para suas realizações e uma base sustentadora das ações articuladoras de pesquisa. Estar institucionalizado possibilita uma visibilidade do grupo de pesquisa na instituição de origem e em outras, com as quais dialoga, potencializando o reconhecimento da comunidade pelo trabalho que realiza. No Brasil, as características da institucionalização dos grupos estão visíveis para todos na plataforma Lattes do CNPq, em que todos os pesquisadores brasileiros estão cadastrados.

Esta visibilidade está assentada na estrutura do grupo, pois segue o padrão de grupo de pesquisa designado pelo CNPq e exposto em sua plataforma, exigindo que as seguintes características sejam informadas: nome do grupo, coordenação do grupo, objetivos, resumo do projeto e relação dos membros do grupo. Esse dado e respectivo credenciamento na plataforma Lattes permite que o grupo apresente sua estrutura exposta, bem como, sua longevidade. Assim, estabelece-se uma dialética: grupo constituído e operando se institucionaliza; grupo institucionalizado encontra algumas facilidades de financiamento para suas atividades. O financiamento por sua vez, quando obtido, fortalece a própria característica de institucionalização e do próprio grupo, na medida em que permite que os gastos com a locomoção de seus membros, por exemplo, sejam ressarcidos. Além disso, há, também, possibilidades de fortalecimento com o financiamento de equipamento necessário à infraestrutura da pesquisa. O fortalecimento de infraestrutura pode contribuir com o desenvolvimento de pesquisas e também criar facilidades para acolher pesquisadores visitantes que vêm trabalhar com o grupo.

A *produção de conhecimento do grupo* de pesquisa se caracteriza como o moto envolvente e resultante de todas as ações articuladas por seus membros, ao trabalharem individualmente ou em colaboração com outros. As produções carregam as características do grupo.

Dada à força do exposto *Síntese de nossas compreensões* no item 4.4., trazemos o já ali posto por nós, uma vez que, conforme entendemos dá conta de nossa interrogação.

Compreendemos que a produção do conhecimento é gerada em um movimento complexo que envolve todas as ações do grupo de pesquisa, envolvendo com isso todos seus membros constituintes. Ainda, que singularmente, cada membro desenvolva ações particulares, essas são diretamente ligadas à força que conduz o grupo ativo, produzindo. De modo que exista no grupo um ambiente acolhedor, que respeite a liberdade individual e propicie ajuda solidária recíproca entre os membros, que estão juntos pelo desejo e disposição em estudar, debater e produzir em torno das temáticas comuns ao grupo. Dada a vivência dos valores que subjazem a vivência investigativa do grupo de pesquisa, entendemos existir uma colaboração mútua entre seus membros, bem como, a realização de grupos de estudos, debates, análise de textos escritos por eles próprios, evidenciando um movimento constitutivo da produção coletiva. Entretanto, mesmo existindo esse movimento de produção coletiva do grupo, a publicação, produto desse movimento é apresentada em nome de autores específicos. Em muitos casos apenas o nome de um autor específico aparece como responsável pela produto publicado, como é o caso de dissertações e teses, por exemplo. No grupo, durante o movimento investigativo, as escolhas pelos autores acontecem, de modo diversos, incidindo sobre aqueles pesquisadores que mais estiveram presente em relação a determinada produção, assumindo uma postura de líder responsável pelo trabalho.

Esse aspecto é relevante, pois vem ao encontro de nossa interrogação: se é produzido em grupo, não é o grupo o autor do produto? Entendemos que sim é e, ao mesmo tempo, não é. Não se trata de uma contradição, mas da complexidade do coletivo e do individual, ou seja, da comunidade e da subjetividade. Está-se sempre com o outro, sendo-se. Está-se no grupo, produzindo o conhecimento coletivamente, de modo colaborativo, pois solidário. Porém, a força do tema que traz o grupo unido, também se sustenta pela força das questões das pessoas entendidas em sua singularidade e pelo modo de elas serem e se posicionarem em relação à dinâmica e à estrutura do grupo, responsabilmente. Essas singularidades se materializam em projetos específicos ligados ao interesse de todos e em produtos que apresentam compreensões e teorizações diversas, sobre um mesmo assunto.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Tradução de Ir. J. T. Garcia e M. Mahfoud. Bauru: ed. Edusc, 2006.
- _____. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de A. Angonese. Bauru: ed. Edusc, 2000.
- _____. *Pessoa e Comunidade*. Comentário: Psicologia e Ciência do Espírito de Edith Stein. Tradução de M. Mahfoud e Ir. J. T. Garcia. Belo Horizonte: ed. Artesã, 2015.
- BAIER, T.; BICUDO, M. A. V. A criação da inteligência coletiva, de acordo com Pierre Lévy, em cursos de educação a distância. *Revista Acta Scientiae*, v. 15, p. 420-431, 2013.
- BICUDO, M. A. V. A. Contribuição da fenomenologia para à educação. In: _____ (Org). *Fenomenologia uma visão abrangente da Educação*. São Paulo: ed. Olho D'água, 1999. p. 11-51.
- _____. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: ed. Cortez, 2000.
- _____. *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: ed. Cortez, 2011.
- _____. *Pesquisa em Educação Matemática: concepções & perspectiva*. São Paulo: ed. Unesp, 1999.
- _____. Uma leitura de O Primado da Percepção e suas consequências filosóficas. In: _____; ESPOSITO, V. H. C. (Org.) *Joel Martins...: um seminário avançado em fenomenologia*. São Paulo: Educ, 1997. p. 113-125.
- _____. Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa. *Revista eletrônica de Educação Matemática*, v. 9, n 1, p. 7-20, 2014.
- _____. Filosofia da Educação Matemática segundo uma perspectiva Fenomenológica. In: _____. (Org.) *Filosofia da Educação Matemática Fenomenologia, Concepções, Possibilidades Didático-Pedagógicas*. São Paulo: ed. UNESP, 2010. p. 23-49.
- _____. Pesquisa Qualitativa: significados e a razão que a sustenta. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 1(1), p. 7-26, 2005.
- _____; ROSA, M. *Realidade e cibernundo: horizontes filosóficos e educacionais antevistos*. Canoas: ed. ULBRA, 2010.
- _____; ROSA, M. A Presença da Tecnologia na Educação Matemática: efetuando uma tessitura com situações/cenas do filme Avatar e vivências em um curso a distância de formação de professores. *Revista Alexandria*, v. 6, p. 61-103, 2013.

BOAVIDA, A. M.; PONTE, J. P. da. Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas. In: *GTI (Org), Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa, p. 43-55, 2002.

BORNHEIM, G. A. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. Porto Alegre: ed. Globo, 1973.

BORBA, M. C. Coletivos seres-humanos-com-mídias e a produção matemática. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2001, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2001. p. 135-146.

BORBA, M. C.; ZULATTO, R. B. A. Different media, different types of collective work in online continuing teacher education: would you pass the pen, please? In: CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL GROUP FOR THE PSYCHOLOGY OF MATHEMATICS EDUCATION, 30., 2006, Praga. *Anais...* Praga: Charles University, 2006. p. 201-208.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2001.

FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M; ARAÚJO, J. de L. (Org.). *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2004.

HIRATSUKA, P. I. *A vivência da experiência da mudança da prática de ensino de Matemática*. 2003. 492 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 2003.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Tradução de Z. Loparic e A. M. Campos Loparic. São Paulo: ed. abril cultural, 1980.

_____. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*. Tradução de D. F. Ferrer. Rio de Janeiro: ed. Forense Universitária, 2012.

_____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Tradução de M. Suzuki. Aparecida: ed. Ideias & Letras, 2006.

LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de C. I. da Costa. São Paulo: ed. 34, 1993.

_____. *O que é virtual*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. Tradução de C. I. da Costa. 2 ed. São Paulo: ed. 34, 1999.

_____. *A inteligência Coletiva: Para uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: ed. Loyola, 1998.

MANGANARO, P. *Empatia*. Roma: ed. Messaggero, 2014.

MARTINS, J. *Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: Educação como Poiesis*. _____; ESPÓSITO, V. H. C. (org.). São Paulo: ed. Cortez e Autores Associados, 1992.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: ed. Moraes, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*. São Paulo: ed. Martins Fontes, 1991.

_____. *O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*. Campinas: ed. Papirus, 2000.

MIARKA, R. *Etnomatemática: do ôntico ao ontológico*. 2011. 427 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 2011.

MIARKA, R.; BICUDO, M. A. V. Matemática e/na/ou Etnomatemática? *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 5(1), p. 149-158, 2012.

MOCROSKY, L. F. *A Presença da Ciência, da Técnica, da Tecnologia e da Produção no Curso Superior de Tecnologia em Fabricação Mecânica*. 2010. 364 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 2010.

MOURA, C. A. R. *Crítica da razão na fenomenologia*. São Paulo: ed. Nova Stella/EDUSP, 1989.

PEZZELLA, A. M. *L'antropologia filosofica di Edith Stein*. Roma: ed. Città Nuova, 2003.

SANTOS, S. C. *A Produção Matemática em um ambiente virtual de aprendizagem: o caso da geometria euclidiana espacial*. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 2006.

STEIN, E. *Essere finito e Essere Eterno*. Per una elevazione dell'essere. Roma: ed. Città Nova, 1988.

_____. *Psicologia e scienze dello spirito*. Contributi per una fondazione filosofica. Roma: ed. Città Nuova, 1996.

_____. *La struttura della persona umana*. Roma: ed. Città Nuova, 2000.

_____. *Introduzione alla filosofia*. Roma: ed. Città Nuova, 2001.

VILLA-OCHOA, J. A.; LÓPEZ, C. M. J. Sense of Reality Through Mathematical Modelling. In: KAISER, G. et al (Org.) *Trends in Teaching and Learning of Mathematical Modelling*. Nova Iorque: ed. Springer, 2011. p. 701-711.

WENGER, E. *Communities of Practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: ed. Cambridge University Press, 1998.

APÊNDICES

1 CARTA CONVITE

Rio Claro, SP, 21 de maio de 2014

Senhor professor,

Apresento meu aluno Anderson Afonso da Silva, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP/RC que, sob minha orientação está efetuando uma investigação sobre *o como* se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. O foco desse *como* não incide sobre os modos de estar uns com os outros, trabalhando de modo coletivo, mas nas ações em que a intuição de temas entendidos como significativos se articula no pensar dessa coletividade e, no movimento do seu acontecer, produz conhecimento desse grupo.

Para tanto, um dos modos que antevimos de trabalhar essa realidade foi ir-à-coisa-mesma, ou seja ao grupo de pesquisa entendido como consolidado e conversar com o seu atual líder sobre essa questão. Entendemos, no âmbito da compreensão da historicidade como tratada por Husserl, que o presente carrega consigo o passado e o futuro, donde o atual líder, ao falar do Grupo certamente trará sua historicidade.

Estamos tomando como grupo consolidado aquele já constituído há pelo menos dez anos, com produção em Educação Matemática que abrange teses de doutorado, dissertações de mestrados, trabalhos publicados em periódicos e livros, ou seja, produção que tenha sido exposta ao público da comunidade científico-acadêmica.

Venho, portanto, perguntar sobre a possibilidade de termos sua contribuição como participante depoente para a referida pesquisa.

Caso haja essa possibilidade, podemos agendar um horário com o senhor a partir do mês de junho, podendo também ser em julho, agosto e setembro. A entrevista será gravada e transcrita, transformando-se em um texto a ser analisado e interpretado no contexto dos temas tratados pelo grupo específico e pela bibliografia que versa sobre produção de conhecimento e conhecimento coletivo. Para tanto, precisaremos de sua anuência documentada.

Agradecendo sua atenção, aguardamos sua resposta.

Respeitosamente,

Prof^a. Dr^a Maria Aparecida Viggiani Bicudo

Orientadora.

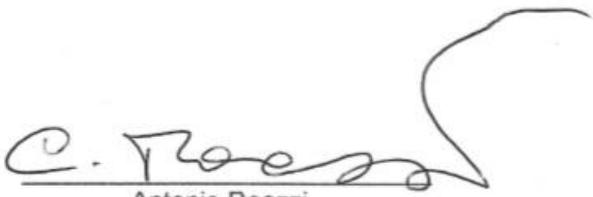
2 CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Recife, 20 de novembro de 2014

Eu, Antonio Roazzi, carteira de identidade número 21632520458
declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da
Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em
Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação
acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente
ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente declaração

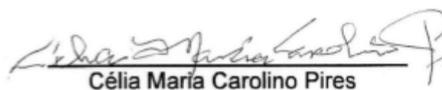

Antonio Roazzi

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 15 de agosto de 2014

Eu, Célia Maria Carolino Pires, carteira de identidade número 4.192.415-0, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração


Célia Maria Carolino Pires

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 12 de dezembro de 2014

Eu, Claudia Lisete Oliveira Groenwald, carteira de identidade número _____, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração

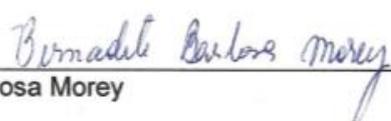
Handwritten signature of Claudia Lisete Groenwald in cursive script.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Natal, 24 de novembro de 2014

Eu, Bernadete Barbosa Morey, carteira de identidade número _____, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presentedeclaração


Bernadete Barbosa Morey

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 10 de setembro de 2014

Eu, Dario Fiorentini, carteira de identidade número 8024473418 declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração



Dario Fiorentini

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 16 de fevereiro de 2014

Eu, Lourdes de la Rosa Onuchic, carteira de identidade número 1.204.713, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração


Lourdes de la Rosa Onuchic

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 18 de agosto de 2014

Eu, Siobhan Victoria Healy, carteira de identidade número V279554-f, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração



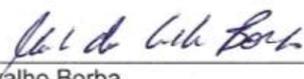
Siobhan Victoria Healy

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 09 de outubro de 2014

Eu, Marcelo de Carvalho Borba, carteira de identidade número 3244205-5, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presentedeclaração



Marcelo de Carvalho Borba

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro, 22 de outubro de 2014

Eu, Maria Tereza Carneiro Soares, carteira de identidade número _____, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração



Maria Tereza Carneiro Soares

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Rio Claro - SP, 06 de fevereiro de 2015

Eu, Sergio Roberto Nobre, carteira de identidade número 8173362, declaro que cedo os direitos da entrevista concedida a Anderson Afonso da Silva, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nível de doutorado, com fins de investigação acadêmica, afirmando que dela poderá valer-se para tanto, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração



Sergio Roberto Nobre

3 TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

A primeira entrevista realizada ocorreu no dia 15 de agosto de 2014 das 14h30min às 16h horas na residência situada na Rua Paulistânia, 520 – Vila Madalena em São Paulo. A pesquisadora entrevistada é a professora Dra. **Célia Maria Carolino Pires**, líder de pesquisa do grupo Desenvolvimento Curricular em Matemática e Formação de Professores da PUC-SP.

Sujeito Significativo CP: prof. Dra. Célia Maria Carolino Pires

Unidades de sentido	<p>A: Boa tarde professora Célia, primeiramente gostaria de agradecer sua disposição em colaborar com minha pesquisa. A senhora recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de minha investigação, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. A senhora pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</p> <p>CP: <u>O nosso grupo de pesquisa foi constituído no ano de 2000, é um grupo de pesquisa do programa de estudo dos pós-graduados em Educação Matemática da PUC-SP</u> e quando eu fui para o programa, havia uma tendência muito forte de pesquisadores desse programa que investigavam a questão da <i>didática francesa</i>, até pela formação desses pesquisadores que havia sido na França, esse era um foco muito presente e que caracterizava e ainda caracteriza em grande parte o programa da PUC-SP.</p>
Enxerto Hermenêutico	PUC-SP: refere-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP; Didática francesa: refere-se a uma tendência teórica da Educação Matemática.
Unidades de significado	CP1: Segundo a pesquisadora entrevistada, seu grupo de pesquisa foi constituído no ano de 2000, e é um grupo de pesquisa do programa de estudo dos pós-graduados em Educação Matemática da PUC-SP, que no seu início, investigava a questão da didática Francesa.
O que é dito	CDCP1: Da constituição do grupo de pesquisa: foi constituído no ano de 2000, e é um grupo de pesquisa do programa de estudo dos pós-graduados em Educação Matemática da PUC-SP.
Unidades de sentido	CP: No meu caso, embora eu também tenha um contato com a didática francesa, <u>eu tive uma experiência anterior muito forte com a questão dos currículos de matemática, tanto em termos da minha pesquisa no doutorado,</u> como da minha vivência profissional com a questão do desenvolvimento curricular, então, desde que eu comecei a lecionar, eu tive contato como professora da educação básica com a implantação dos guias curriculares de matemática, no período da matemática moderna, <u>então eu vivenciei toda aquela discussão de uma reforma curricular,</u> as dificuldades, a falta de planejamento, a gente não sabia muito bem o que estava mudando, quais eram as motivações. <u>E ai nessas vivencias foram ficando muito claro para mim que havia um distanciamento do professor dos níveis de decisões das propostas curriculares.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP2: De acordo com a depoente, durante suas vivencias profissionais, ficou claro, de seu ponto de vista, que havia um distanciamento entre o professor e os diferentes níveis de decisões das propostas curriculares.
O que é dito	CDCP2: Do interesse por um tema: a questão do currículo matemático presente nas propostas curriculares e o distanciamento do professor dessas propostas
Unidades de sentido	CP: Depois, talvez por alguma questão de carma, não sei! Em outros momentos, eu também tive essa possibilidade de acompanhar o desenvolvimento curricular porque eu vim trabalhar na Secretária de Educação do Estado de São Paulo no órgão chamado CENP – Coordenadoria de Estudo e Normas Pedagógicas, que agora recebeu outra denominação na reestruturação da secretaria, e nesse momento ai, <u>eu participei de outras situações de reforma curricular, que foi a reforma curricular de 1980. Isso me despertou o interesse, eu fui fazer o mestrado em</u>

	<u>matemática, mas quando eu fui fazer o doutorado em educação eu escolhi exatamente a questão dos currículos de matemática</u> a organização linear, a organização em rede, fiz o meu trabalho nisso, e talvez por isso, quando terminei o doutorado em 1995 fui convidada para trabalhar na equipe dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a coordenar depois o grupo dos parâmetros da antiga quinta a oitava, agora sexta a nona e em função disso, eu fui juntando experiências nessa questão do currículo.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP3: A pesquisadora afirma que participou de diferentes situações envolvendo a reforma curricular de 1980, e que isso despertou o interesse de ir para pós-graduação, cursando o mestrado em matemática, e o doutorado em Educação, investigando a questão dos currículos de matemática.
O que é dito	CDCP3: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: afirma que participou de diferentes situações envolvendo a reforma curricular de 1980, e que isso despertou o interesse de ir para pós-graduação, cursando o mestrado em matemática, e o doutorado em Educação, investigando a questão dos currículos de matemática.
Unidades de sentido	CP: Claro que ela está articulada a outros temas: a formação de professores; a questão do ensino e aprendizagem; a questão de didática; mas de alguma maneira eu percebia que faltava uma reflexão mais focalizada na questão curricular e talvez por isso <u>quando eu fui para PUC-SP, um programa de pós-graduação, a minha primeira vontade foi de fazer um grupo de pesquisa que debatesse, analisasse as questões curriculares no Brasil,</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP4: Segundo a entrevistada, quando foi trabalhar na PUC-SP, em um programa de pós-graduação, a sua primeira vontade foi de constituir um grupo de pesquisa que debatesse, analisasse as questões curriculares no Brasil.
O que é dito	CDCP4: Da constituição do grupo de pesquisa: quando foi trabalhar na PUC-SP, em um programa de pós-graduação, a sua primeira vontade foi de constituir um grupo de pesquisa que debatesse e analisasse as questões curriculares no Brasil.

Unidades de sentido	CP: até porque na época fizemos um levantamento e vimos que era muito pequena a produção de conhecimento nesse campo. <u>Só que quando você começa a orientar, de certa maneira você é mais guiado <i>pelo desejo</i> dos estudantes do que dos seus próprios interesses, cada um vem com uma ideia, um desejo de pesquisar este ou aquele assunto,</u> e eu acho que nas primeiras movimentações,
Enxerto Hermenêutico	<i>Pelo desejo:</i> refere-se ao interesse investigativo dos estudantes do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	CP5: Segundo a depoente, quando começou a orientar alunos na pós-graduação, de certa maneira foi guiada pelo desejo investigativo dos estudantes, e salienta que cada um vem com uma ideia, um desejo de pesquisar este ou aquele tema e com isso deixou de focar a questão do currículo.
O que é dito	CDCP5: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: quando começou a orientar alunos na pós-graduação, de certa maneira foi guiada pelo desejo investigativo dos estudantes, e salienta que cada um vem com uma ideia, um desejo de pesquisar este ou aquele tema e com isso deixou de focar a questão do currículo.
Unidades de sentido	CP: <u>nos primeiros passos de constituição do grupo a gente não tinha ainda um foco tão delimitado, mas de toda maneira, eu acabei já constituindo dois subgrupos, o grupo ainda não tinha essa denominação, ainda não estava registrado no <i>diretório</i> com esse nome, mas a gente já tinha dois subgrupos dentro do grupo cujos estudos estavam mais voltados para a questão do currículo e para a questão da formação de professores.</u> Ai a minha ideia era que mesmo as pesquisas sobre formação de professores elas estivessem articuladas com a questão do currículo, não a formação de professores geral, mas enfim, como é que o professor em função da sua formação e da sua atuação ele é um mediador do currículo.
Enxerto Hermenêutico	<i>Diretório:</i> refere-se ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq.
Unidades de significado	CP6: Segundo a pesquisadora entrevistada, nos primeiros passos de sua constituição, o grupo

	não tinha ainda um foco de pesquisa delimitado, e acabou constituindo dois subgrupos, cujos estudos estavam voltados para a questão do currículo e da formação de professores.
O que é dito	CDCP6: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: nos primeiros passos de sua constituição, o grupo tinha ainda um foco de pesquisa delimitado, e acabou constituindo dois subgrupos, cujos estudos estavam voltados para a questão do currículo e da formação de professores.
Unidades de sentido	CP: Então, <u>nós organizamos dois projetos que foram: inovações curriculares no ensino fundamental e médio; e outro que era o: formação de professores</u> , com essas finalidades, no relatório você tem lá os objetivos explicitados de cada um desses grupos.
Enxerto Hermenêutico	Projeto: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se à ideia, desejo, intenção de fazer ou realizar algo no futuro. Filosoficamente, diz de pro-jeto – colocar à frente, em realização, algo planejado.
Unidades de significado	CP7: Segundo a depoente, em seu início o grupo organizou dois projetos de pesquisa, o primeiro sobre inovações curriculares no ensino fundamental e médio; e o segundo sobre a formação de professores.
O que é dito	CDCP7: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: em seu início o grupo organizou dois projetos de pesquisa, o primeiro sobre inovações curriculares no ensino fundamental e médio; e o segundo sobre a formação de professores.
Unidades de sentido	CP: <u>Uma coisa que a gente sempre procurou fazer no grupo foi definir claramente junto com eles quais eram os nossos projetos de pesquisa, fazer um documento referência do que a gente estava fazendo e localizando cada um deles.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP8: Segundo a entrevista, o grupo sempre procurou definir, de modo claro para todos os membros, quais eram os projetos de pesquisa; produzindo um documento de referência do que está sendo realizado, que indique o que cada pesquisador está realizando.
O que é dito	CDCP8: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo sempre procurou definir, de modo claro para todos os membros, quais eram os projetos de pesquisa; produzindo um documento de referência do que está sendo realizado, que indique o que cada pesquisador está realizando.
Unidades de sentido	CP: Eu digo que nessa trajetória grande que a gente já tem com todos esses <u>trabalhos de mestrado e doutorado concluídos, eu acho que 15 doutorados e mestrado também tem um número, que eu não me lembro mais, acho que uns 40 e tantos, acho que a grande maioria ela foi motivada por interesses dos estudantes, mas também por um debate inicial que a gente foi travando no grupo e convencendo da importância de trabalhar com algumas coisas em comum</u> , nem sempre isso é totalmente possível, porque as vezes o doutorando ou o mestrando tem um outro interesse e as vezes, você inclusive orienta que ele procure outro grupo, por exemplo: eu não me sinto competente para orientar projetos de tecnologia, não é a minha área.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP9: De acordo com a pesquisadora entrevistada, no grupo já foram realizados trabalhos de mestrado e doutorado, por volta de 15 teses de doutorado e 40 dissertações de mestrado; e salienta que a maioria das investigações foram motivadas por interesses dos estudantes e também por um debate inicial que o grupo instituiu, para convencer os pesquisadores da importância de trabalharem temas em comum.
O que é dito	CDCP9: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a maioria das investigações foram motivadas por interesses dos estudantes e também por um debate inicial que o grupo instituiu, para conduzir os pesquisadores à compreensão da importância de trabalharem temas em comum.
Unidades de sentido	CP: Então, quando eu recebo estudantes que tem esse foco, em geral, a gente sugere que eles procurem outros grupos, não que a gente não trabalhe a questão da tecnologia, mas sim ligada ao currículo; a formação de professores; e não com o foco na tecnologia propriamente dita porque lá no programa tem outras pessoas com mais condições de fazer isso. <u>Então, esta forma de ir estruturando o trabalho, de ir buscando, organizando pequenos projetos de pesquisas</u>

	<u>dentro do grupo, eu acho que foi uma estratégia bem interessante, bem produtiva, que por um lado facilitam o trabalho do orientador – facilitar e tornar mais efetivo este trabalho – e por outro lado, acho que traz uma grande possibilidade dos estudantes realizarem trabalhos mais consistentes.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP10: A entrevistada afirma que de seu ponto de vista, o fato de ir estruturando o trabalho e organizar pequenos projetos de pesquisas dentro do grupo, foi uma estratégia interessante e produtiva, que por um lado facilitou o trabalho de orientação; e por outro lado, possibilitou possibilidades dos estudantes realizarem trabalhos mais consistentes.
O que é dito	CDCP10: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o fato de ir estruturando o trabalho e organizar pequenos projetos de pesquisas dentro do grupo foi uma estratégia interessante e produtiva, que por um lado facilitou o trabalho de orientação; e por outro lado, possibilitou possibilidades dos estudantes realizarem trabalhos mais consistentes.
Unidades de sentido	CP: Por quê? Porque no fundo, estes trabalhos que estão dentro de um mesmo projeto, eles discutem coletivamente os mesmos aportes teóricos, <u>muitas vezes o doutorando, o mestrando eles ficam muito solitários</u> , às vezes quando eles escolhem um tema e ele tem que sozinho buscar informações, entender aquelas informações, refletir sobre elas. Então, <u>no grupo a gente tem reuniões semanais, a única... a gente tem uma semana no mês que em geral é dedicada ao seminário mais global, com outros grupos de pesquisa, mas os outros dias da semana, na segunda-feira a gente se reúne, eles são específicos para o trabalho de grupo e depois é claro, a gente tem as sessões individuais de orientação</u> , mas eu acredito que o trabalho no grupo, que na verdade é um estudo coletivo de aportes teóricos, de discussão... Bom, quais são as suas questões de pesquisa? Então, cada um coloca e os outros debatem se está claro? Ou não está claro? Você vai conseguir responder, o que você vai fazer para responder. Então, eles mesmos se ajudam nessa elaboração, na verdade então a gente durante a primeira etapa do grupo até 2007 por ai, trabalhou com a intenção de formar projetos de pesquisa, mas de certa maneira Tateando um pouco o que seria isso, na verdade era uma aproximação de temáticas similares, mas eu não digo que ainda a gente tinha tanta clareza do que seria formar um projeto de pesquisa.
Enxerto Hermenêutico	Muitas vezes o doutorando, o mestrando eles ficam muito solitários: refere-se a solidão do movimento de pesquisar que o pós-graduando encontra quando sozinho faz pesquisas e busca entender e refletir sobre determinado tema.
Unidades de significado	CP11: Segundo a depoente, no grupo acontecem reuniões semanais, em que acontecem discussões específicas dos trabalhos do grupo; também existe uma semana no mês que é dedicada ao seminário mais global com outros grupos de pesquisa; e realizam sessões individuais de orientação.
O que é dito	CDCP11: Das reuniões do grupo de pesquisa: acontecem reuniões semanais, em que se dão discussões específicas dos trabalhos do grupo; também existe uma semana no mês que é dedicada ao seminário mais global com outros grupos de pesquisa; e realizam sessões individuais de orientação.
Unidades de sentido	CP: Então, <u>o primeiro projeto de pesquisa que realmente funcionou nessa perspectiva de grupo foi esse o de construção de trajetória hipotéticas de aprendizagem e implementação de inovações curriculares no ensino médio</u> . Eu tinha um grupo de doutorandos e mestrandos, que eram interessados nas questões do ensino médio, todos eles, e na época tinha ali uma, 2007 e tal, uma discussão forte de inovações curriculares no ensino médio, toda discussão sobre <u>parâmetros para o ensino médio</u> , inovações, materiais novos na secretaria, então o assunto estava fervendo e ai, a gente se propôs a compreender melhor como é que esse processo curricular acontecia nas salas de aula de ensino médio e começamos a ler sobre isso, descobrimos a matéria do Martin Simon, ai todo mundo leu o texto, ou traduzimos, ou fomos buscar na bibliografia do Simon outros autores que também tinham trabalhado com a perspectiva de trajetória hipotéticas de aprendizagem, então evidentemente se esse trabalho fosse feito por um ou dois alunos isoladamente, talvez, a gente não tivesse possibilidade de

	ampliar, aprofundar, então nós tínhamos, acho que 10 ou 14 mestrados, cada um pegou um tema do ensino médio e aprofundou e ali a gente percebeu naquele momento e foi um depoimento que eu acho que de todos eles, de como eles sentiam mais seguros com esse acolhimento, com esse apoio do grupo de pesquisa, e para mim também foi uma experiência bastante importante.
Enxerto Hermenêutico	Parâmetros do ensino médio: refere-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais.
Unidades de significado	CP12: Segundo a entrevistada, o primeiro projeto de pesquisa que realmente funcionou nessa perspectiva de grupo foi o de construção de trajetórias hipotéticas de aprendizagem e implementação de inovações curriculares no ensino médio.
O que é dito	CDCP12: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o primeiro projeto de pesquisa que realmente funcionou nessa perspectiva de grupo foi o de construção de trajetórias hipotéticas de aprendizagem e implementação de inovações curriculares no ensino médio.
Unidades de sentido	CP: A partir daí, <u>eu tenho me dado ao luxo de não orientar ninguém que não esteja dentro de um projeto de pesquisa, no <i>processo de seleção</i> a gente já divulga os projetos de pesquisa em andamento, nas primeiras reuniões do grupo a gente sempre a cada semestre para os alunos novos, quando tem alunos novos no grupo, apresenta quais são os projetos em andamento, onde ele quer se inserir, se ele quer se inserir ali e tal e evidentemente também a gente vai abrindo possibilidades para constituição de novos grupos.</u>
Enxerto Hermenêutico	Processo de seleção: no texto, refere-se às etapas que os candidatos devem cumprir para ingressar no programa de pós-graduação.
Unidades de significado	CP13: A pesquisadora entrevistada afirma que atualmente, tem-se dado o luxo de não orientar ninguém que não esteja dentro de um projeto de pesquisa; e salienta que no processo de seleção o grupo divulga os projetos de pesquisa em andamento, assim como também faz nas primeiras reuniões do semestre para os ingressantes.
O que é dito	CDCP13: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: não orientar ninguém que não esteja dentro de um projeto de pesquisa e salienta que no processo de seleção o grupo divulga os projetos de pesquisa em andamento, assim como também faz nas primeiras reuniões do semestre para os ingressantes.
Unidades de sentido	CP: então, para alguns deles, na verdade a própria proposta de temática fui eu quem fiz, e em outros casos foi na verdade a demanda de um grupo de estudantes que queriam aprofundar aquele tema, então por exemplo, esse: <u>pesquisa comparativa sobre o desenvolvimento curricular em países da América Latina foi uma proposta minha, porque eu tinha uma experiência de ter sido presidente da <i>FISEM</i> e eu tinha vários contatos com pesquisadores de outros países e nos nossos encontros, a gente sempre discutia a falta de estudos</u> – que você sabe muitas coisas da Europa, da França, dos Estados Unidos e a literatura é rica nisso – mas, o que está acontecendo na América Latina com relação por exemplo da discussão curricular; da formação de professores;
Enxerto Hermenêutico	FISEM: Federação Ibero-Americana de Sociedade de Educação Matemática.
Unidades de significado	CP14: Segundo a entrevistada, o grupo desenvolveu uma pesquisa comparativa sobre o desenvolvimento curricular em países da América Latina; e ressalta que essa proposta foi apresentada ao grupo por ela, pois tinha certa experiência na presidência da FISEM, firmando vários contatos com pesquisadores de outros países.
O que é dito	CDCP14: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o grupo desenvolveu uma pesquisa comparativa sobre o desenvolvimento curricular em países da América Latina; e ressalta que essa proposta foi apresentada ao grupo por ela, pois tinha certa experiência na presidência da FISEM – Federação Ibero-americana de Sociedade de Educação Matemática, firmando vários contatos com pesquisadores de outros países.
Unidades de sentido	CP: então eu achei que essa era uma temática interessante, promissora, fiz a propósito e seis doutorandos se interessaram pelo tema; três no primeiro momento e depois mais três; <u>já essa pesquisa do currículo de matemática na educação de jovens e adultos foi um projeto que não fui eu que propus, mais sim os quatro alunos que ingressaram ali, mais ou menos próximos, um doutorando e três mestrados que revelaram o interesse por trabalhar com currículos da</u>

	<p><u>educação de jovens e adultos</u>. Como eles eram quatro, nós chegamos então a uma divisão em que o doutorando fez um estado da arte das pesquisas da educação de jovens e adultos na perspectiva da Educação Matemática e depois os outros, um estudou os currículos prescritos; outro estudou o currículo apresentado nos livros didáticos; e o outros apresentou o currículo praticado em sala de aula. <u>Então isso é mais uma vantagem de você trabalhar com grupos, porque você pode estar dimensionando vários níveis, várias etapas, várias situações e trazendo isso para um debate, o que se fosse feito individualmente a gente não teria tantas possibilidades.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>CP15: <u>Então isso é mais uma vantagem de você trabalhar com grupos, porque você pode estar dimensionando vários níveis, várias etapas, várias situações e trazendo isso para um debate, o que se fosse feito individualmente a gente não teria tantas possibilidades.</u></p>
O que é dito	<p>CDCP15: Da importância em se trabalhar em grupos: a pesquisa desenvolvida sobre currículo de matemática na educação de jovens e adultos foi um projeto proposto por quatro alunos ingressantes, um doutorando e três mestrandos, que revelaram o interesse por trabalhar com currículos da educação de jovens e adultos. Então isso é mais uma vantagem de você trabalhar com grupos, porque você pode estar dimensionando vários níveis, várias etapas, várias situações e trazendo isso para um debate, o que se fosse feito individualmente a gente não teria tantas possibilidades.</p>
Unidades de sentido	<p>CP: E aí, <u>depois a gente teve dois projetos menores: um que trabalha com aprendizagem significativa e currículo, que tem alguns trabalhos concluídos; e também a organização curricular e formação de professores em diferentes níveis e modalidades de ensino, que também reuniu pessoas que nos procuraram com educação tecnológica, que trabalhavam com outras modalidades e queria discutir o currículo nessas modalidades</u>, isso era um público bem restrito que a gente tinha; agora me parece que há uma tendência porque os cursos tecnológicos estão em grande expansão, então há muitos professores desses cursos querendo investigar isso. <u>Então eu acho que um grupo, ele tem que ter esse movimento de ter já algumas diretrizes do que ele se propõe a fazer, de ter uma visão antecipada do que se quer fazer, mas ele tem que estar também sempre aberto a novas demandas, então essa é a questão.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>CP16: A pesquisadora entrevistada afirma que no grupo também desenvolve dois projetos menores: um que trabalhava com aprendizagem significativa e currículo, que já possui pesquisas concluídas; e também a organização curricular e formação de professores em diferentes níveis e modalidades de ensino. Também salienta que o grupo deve ter diretrizes que balizam seu movimento de pesquisa, de modo a ter uma visão antecipada do que se quer fazer, mas também apresentando uma abertura a novas questões.</p>
O que é dito	<p>CDCP16: Dos projetos de pesquisa do grupo: desenvolve dois projetos menores: um que trabalhava com aprendizagem significativa e currículo, que já possui pesquisas concluídas; e também a organização curricular e formação de professores em diferentes níveis e modalidades de ensino; e também salienta que o grupo deve ter diretrizes que balizam seu movimento de pesquisa, de modo a ter uma visão antecipada do que se quer fazer, mas também apresentando uma abertura a novas questões.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como a senhora poderia se referir ao seu grupo de pesquisa, dizendo, de modo simples, do que ele trata?</i></p> <p>CP: Bom, <u>a denominação do grupo, desenvolvimento curricular de matemática e formação de professores, ela procura explicitar os dois focos de trabalho desse grupo e de forma articulada porque eu vejo nessas duas temáticas dois eixos das políticas públicas que são importantes investigar na Educação Matemática</u>, e eu acho que os trabalhos que o grupo fez até aqui, eles tem uma contribuição importante para as políticas públicas sobre o currículo de formação de professores, mas a gente tem aí umas 500 perguntas que a gente gostaria de responder, que a todo momento a gente se questiona no grupo e que agora de forma um pouco mais lenta do que eu fiz até agora, por conta do problema da faixa etária avançada, mas eu pretendo continuar com</p>

	esse trabalho e sempre abertos as questões que vão surgindo.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP17: Segundo a depoente, a denominação do grupo, desenvolvimento curricular de matemática e formação de professores, procura explicitar de forma articulada os dois focos de trabalho do grupo; e salienta que vê nessas temáticas, dois eixos das políticas públicas, que são importantes investigar na Educação Matemática.
O que é dito	CDCP17: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a denominação do grupo, desenvolvimento curricular de matemática e formação de professores, procura explicitar de forma articulada os dois focos de trabalho do grupo; e salienta que vê nessas temáticas, dois eixos das políticas públicas, que são importantes investigar na Educação Matemática.
Unidades de sentido	<p>A: <i>A senhora falou que os temas as serem trabalhados são sugeridos ora pela senhora, outras vezes por seus orientados. Desse modo, o que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre?</i></p> <p>CP: Bom, a gente... <u>A ideia do projeto, os objetivos, o que a gente vai investigar quais as questões de pesquisa gerais, elas são formuladas a partir do debate feito com os membros do grupo na maior parte das vezes, e daí a gente faz todo um processo de elaboração de um projeto de pesquisa</u>, geralmente eu escrevo esse projeto a partir das sínteses que a gente faz no grupo, principalmente as delimitações onde o problema... Da problemática de pesquisa que vai ser investigada, então para cada projeto você vê no relatório que tem um foco, o que a gente pretendia, nada assim quilométrico, mas assim um texto que todo mundo que é do grupo recebe, que estão ali algumas questões gerais, elaborada de forma propositalmente global, geral e a partir das quais eles vão verificar o que cada um vai se propor a responder, com que metodologia, com que tal [...]</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP18: Segundo a entrevistada, a ideia central dos projetos e os objetivos, são formulados a partir do debate feito com os membros do grupo que ela retoma e escreve.
O que é dito	CDCP18: Da constituição de um projeto de pesquisa: a ideia central dos projetos e os objetivos são formulados a partir do debate feito com os membros do grupo, porém a organização escrita é ela quem faz.
Unidades de sentido	<p>CP: [...] <u>Nesse projeto em geral, eu já também indico aqueles autores, a partir de um levantamento de literatura, uma revisão de literatura que os estudantes fazem a gente também já decide quais são os autores que vamos procurar estudar</u>, então só a título de exemplo, o projeto mais recente que é o: relações entre professores e materiais que apresentam o currículo de matemática; o que a gente foi olhando na trajetória, essa foi outra coisa interessante, um projeto às vezes ele abre portas para um novo projeto, o que a gente vai olhando é que o professor ele tem pouca relação com o currículo prescrito com esses documentos oficiais, em geral ele não lê, ou lê e acha que não tem muita coisa a ver com ele e tal, e o grande instrumento regulador dessa relação dele com o currículo é o livro didático ou os materiais curriculares das secretarias, que o Sacristán chama lá de currículo apresentado, então a gente falou, poxa! Então esses são os materiais que realmente concretizam o currículo em sala de aula, o que a gente tem de estudos a respeito desse material. Aí fizemos um levantamento e no Brasil ainda há pouco material disponível, pouco produção de conhecimento em relação aos materiais curriculares, tem algumas coisas, mas são muito pontuais, pegam algum assunto dentro de um livro e tal... Aí nessa busca, a gente encontrou um livro organizado por uma pesquisadora americana em que ela faz uma coletânea de artigos de pesquisas sobre o uso que os professores fazem sobre os materiais curriculares; como é que eles fazem?</p>
Enxerto Hermenêutico	Sacristán: refere-se ao pesquisador Gimeno Sacristán.
Unidades de significado	CP19: De acordo com a entrevistada, no projeto de pesquisa do grupo são indicados os autores, destacados de um levantamento de literatura, que serão estudados.
O que é dito	CDCP19: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: no projeto de pesquisa do grupo são indicados os autores, destacados de um levantamento de literatura, que serão estudados.

Unidades de sentido	CP: Em função de eles serem professores jovens, inexperientes; ou como é que eles usam quando eles já têm uma trajetória? Quais as características de um material que potencializam o melhor uso pelo professor; o que dificulta? Enfim, e aí <u>a gente agora está no momento nesse grupo, o nosso primeiro movimento foi ler e estudar aqueles artigos coletados nesse livro e a partir disso é que esses oito alunos que estão nesse projeto, eles estão formulando seus próprios projetos de pesquisa, mas tem todo um processo anterior que é o de debater o tema <i>coletivamente</i>, ver o que já está... Toda aquela etapa de revisão da literatura, de busca por aportes teóricos, ela é feita coletivamente.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Coletivamente:</i> refere-se à orientação que abrange várias pessoas do grupo.
Unidades de significado	CP20: Segundo a depoente, atualmente no grupo, estão lendo e estudando os artigos de um determinado livro, para a partir desses estudos, os integrantes do projeto formularem seus projetos de pesquisa; ainda ressalta que os temas investigativos são debatidos coletivamente com todo o grupo de pesquisa.
O que é dito	CDP20: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente no grupo, estão lendo e estudando os artigos de um determinado livro, para, a partir desses estudos, os integrantes do projeto irão formular seus projetos de pesquisa; ainda ressalta que os temas investigativos são debatidos coletivamente com todo o grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Uma reunião, que vocês coletivamente, expõem as ideias?</i> CP: Isso, <u>toda segunda-feira a gente se reúne e tem essa reunião.</u> Na reunião, às vezes, por exemplo, tem alunos desse projeto, na sua maioria, mas eu ainda tenho alguns alunos da América Latina que ainda não terminaram. Então eu trabalho na reunião com as temáticas que estão sendo investigadas naquele momento, em diferentes grupos.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP21: A pesquisadora expõe que todas as segundas-feiras o grupo se reúne e são trabalhadas as temáticas que estão sendo investigadas.
O que é dito	CDP21: Das reuniões do grupo de pesquisa semanalmente o grupo se reúne e são trabalhadas as temáticas que estão sendo investigadas.
Unidades de sentido	A: <i>Então esse tema maior que vai ser estudado ele parte dessa reunião onde vocês expõem esses temas?</i> CP: <u>Parte da reunião, parte de estudos, e aí a gente formaliza um projeto do grupo de pesquisa.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP22: Segundo a pesquisadora entrevistada, a temática investigativa do grupo é resultante das discussões ocasionadas nas reuniões e nos estudos, a partir disso o grupo formaliza um projeto de pesquisa.
O que é dito	CDP22: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: resultante das discussões ocasionadas nas reuniões e nos estudos, a partir disso o grupo formaliza um projeto de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Como a senhora disse que é coletivamente, como acontece à exposição das ideias? Respectivas reuniões, para que constituam um tema que todos os participantes do grupo se sintam incluídos.</i> CP: <u>Sim, é bem isso. E mesmo nesse começo de pesquisa, eu disse, olha gente eu acho que seria interessante trabalhar com os currículos da América Latina, fazer um estudo comparativo.</u> Tá bom trouxe a ideia, aí veio todo um debate, o que significa fazer um estudo comparativo? Qual é o lugar dos estudos comparativos dentro da aula? Ah, vamos fazer um levantamento, tudo é feito coletivamente, até o projeto ter suas linhas mestras esboçadas.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP23: De acordo com a depoente, as temáticas de pesquisa do grupo são definidas coletivamente; e ressalta que sugeriu investigações sobre os currículos da América Latina.
O que é dito	CDP23: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: são definidas coletivamente; e ressalta que sugeriu investigações sobre os currículos da América Latina,

	fazendo um estudo comparativo.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como à senhora, como coordenadora do grupo, intui a força de um tema? Percebendo como possibilidade de ter o grupo coeso e trabalhado?</i></p> <p>CP: <u>Bom, acho que assim, primeiro lugar a gente tenta compatibilizar os interesses de cada um, as vivências de cada um, as experiências de cada um, inclusive minha, com o que a gente percebe que é uma demanda da área, eu não posso justificar uma pesquisa só porque eu tenho interesse particular naquilo, mas eu tenho que verificar</u>, e isso é um processo que a gente faz sem parar mesmo, de ver, bom, mas quem está estudando isso? Como isso está sendo trabalhado? Então a título de exemplo, nós ano passado, organizamos um fórum de currículos e convidamos outro grupo de pesquisa que também trabalham com o currículo, um grupo da professora Cláudia Lisete da ULBRA, o grupo do Vinicius da USP, o grupo do Márcio do Mato Grosso, que foi meu orientando e também montou um grupo lá, Márcio Antônio da Silva, e aí nós convidamos o professor Luiz Rico da Universidade de Granada, e sempre a ideia é estar ampliando a perspectiva também do nosso grupo, o que as outras pessoas estão produzindo? O que elas estão fazendo? E verificar se a gente realmente está fazendo coisas que são importantes para o crescimento da área, nessa questão do currículo, e a formação docente. Então acho que é um pouco é esse o percurso, estar sempre se questionando, mas o que nós estamos fazendo? Tem interesse? Tem outras pessoas fazendo? O que estão fazendo? Em que direção está indo?</p>
Enxerto Hermenêutico	ULBRA: Universidade Luterana do Brasil de Canoas – RS; USP: Universidade de São Paulo.
Unidades de significado	CP24: De acordo com a pesquisadora, como coordenadora do grupo intui a força de um tema compatibilizando os interesses individuais de cada pesquisador membro do grupo; e salienta que apenas o interesse individual do pesquisador não é suficiente para justificar uma pesquisa, mas sim a demanda existente dessa temática na área investigada.
O que é dito	CDCP24: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: compatibilizando os interesses individuais de cada pesquisador membro do grupo; e salienta que apenas o interesse individual do pesquisador não é suficiente para justificar uma pesquisa, mas sim a demanda existente dessa temática na área investigada.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como à senhora vê o que liga os membros do grupo? Como se mantém ligados? Trabalho em torno do tema? Tanto individualmente, em parceria com mais alguém, com o grupo mesmo.</i></p> <p>CP: <u>Eu vou contar um pouco, assim, não sei como eles se mantêm ligados, mas assim, eu vou falar um pouco das dificuldades. Eu acho que as condições gerais hoje pelo menos que os nossos alunos que frequentam a pós-graduação têm diz respeito ao fato de que a grande maioria deles ainda trabalha mais do que poderia, têm as questões de tempo, e as questões de distância, aqui em São Paulo é tudo complicado para as pessoas virem para uma reunião, tem gente de fora de São Paulo, então o grupo não enfrenta só facilidades, o grupo tem todas as dificuldades, que a maioria dos estudantes da pós-graduação tem.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	Pós-graduação: curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado.
Unidades de significado	CP25: A pesquisadora afirma não saber como os pesquisadores do grupo se mantêm ligados à temática investigativa, mas ressalta as dificuldades encontradas por esses membros do grupo, como as condições gerais que os alunos da pós-graduação, em que a grande maioria trabalha mais do que poderiam, e ainda têm as questões de tempo, da distância, em São Paulo tudo é complicado para as pessoas virem para uma reunião. Essas são dificuldades que o grupo enfrenta.
O que é dito	CDCP25: De como os pesquisadores se mantêm ligados à temática investigativa do grupo: afirma não saber como os pesquisadores do grupo se mantêm ligados à temática investigativa, mas ressalta as dificuldades encontradas por esses membros do grupo, como as condições gerais que os alunos da pós-graduação, em que a grande maioria trabalha mais do que poderiam, e ainda têm as questões de tempo, da distância, em São Paulo tudo é complicado para as pessoas virem para uma reunião. Essas são dificuldades que o grupo enfrenta.

Unidades de sentido	CP: <u>Então muitas vezes, a gente sai hiper animada de uma reunião, aí vamos para semana que vem trazer isso e não é assim raro que às vezes a pessoa volte sem ter conseguido fazer uma leitura mais aprofundada, de um texto que nós resolvemos debater na próxima semana, ou que ela não tenha conseguido organizar suas próprias ideias, para avançar na proposição de questões</u> , etc. Então a gente enfrenta, evidentemente, os problemas todos. Agora é um depoimento frequente que se o grupo não existisse, se os debates não existissem, se eles não tivessem a oportunidade em se apoiar uns nos outros, por exemplo, uma atividade frequente, é que um aluno que está prestes a qualificar, ele manda o seu texto para o grupo, nós escolhemos duas pessoas que possam fazer um parecer sobre o material que ele está apresentando, os outros têm acesso ao tema pra debater, embora não sejam naquele momento responsáveis por fazer um relatório, eles apresentam os slides que organizaram para apresentar na qualificação, na defesa.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP26: Segundo a depoente, muitas vezes os participantes saem animados de uma reunião do grupo, porém na reunião posterior os alunos retornam sem ter conseguido realizar um leitura aprofundada do texto que será debatido e/ou não tenha conseguido organizar suas ideias para avançar na proposição de questões; e salienta que o grupo enfrenta problemas desse tipo.
O que é dito	CDCP26: Das reuniões do grupo de pesquisa: muitas vezes os participantes saem animados de uma reunião do grupo, porém na reunião posterior os alunos retornam sem ter conseguido realizar um leitura aprofundada do texto que será debatido e/ou não tenha conseguido organizar suas ideias para avançar na proposição de questões; e salienta que o grupo enfrenta problemas desse tipo.
Unidades de sentido	CP: Então eu percebo uma grande solidariedade que se constitui ali, ah vamos ajudar fulano porque ele está na marca do pênalti, vai qualificar semana que vem e tal. <u>Apesar da falta de tempo de todo mundo, essa coisa do grupo ela cria laços de <i>solidariedade</i> e de interesse no trabalho do outro.</u> Eu acho que isso tem uma coisa muito significativa porque o que eu vejo hoje e uma crítica que eu faço olho nos Congressos tem muito estudante de pós-graduação que ele vai a um Congresso, só pra se ouvir, ele vai apresentar o trabalho, e no resto no tempo ele fica no corredor, na livraria e tal, ele não assiste principalmente aqueles temas que não são ligados com o que ele está pesquisando, e eu acho isso péssimo, porque você tem que ter uma visão global da sua área, mas eu posso não pesquisar sobre tecnologia, mas eu gosto de ouvir de vez em quando uma palestra, um debate sobre aquilo, pra eu saber o que está acontecendo, e aí a gente trabalha muito no grupo, isso é difícil fazer o aluno sair um pouquinho do seu tema e se interessar por outro assunto que vá favorecer, claro, o trabalho dele, mas ele nem sempre percebe isso de imediato.
Enxerto Hermenêutico	Solidariedade: no texto, refere-se à ajuda mútua realizada entre os membros do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	CP27: Segundo a entrevistada, apesar da falta de tempo dos pesquisadores, o grupo cria laços de solidariedade e de interesse no trabalho entre os participantes.
O que é dito	CDCP27: Das interações entre os pesquisadores do grupo de pesquisa: apesar da falta de tempo dos pesquisadores, o grupo cria laços de solidariedade e de interesse no trabalho entre os participantes.
Unidades de sentido	CP: <u>Nós temos no programa, um <i>seminário</i> mensal, que reúne todos os grupos de pesquisa e a cada semestre nós escolhemos um tema e durante esse seminário, convidamos gente de fora ou então algum professor do próprio programa apresenta uma fala, tem um debate.</u> Aí você vê que no início isso é difícil porque, sei lá, se o tema é avaliação, e o fulano não está trabalhando com avaliação, ele fala: “Ah, não vou”, mas por que não vai? Não, tem que ir sim. Então eu acho que é péssima essa coisa de você se voltar unicamente para aquele tema que você está pesquisando, claro esse é o foco, mas você precisa ter uma visão dessa área de uma forma mais ampla e nós tentamos incentivar isso em um grupo de pesquisa.
Enxerto Hermenêutico	Seminário: no texto, refere-se ao modo de exposição de pesquisas em desenvolvimento.
Unidades de significado	CP28: Segundo a depoente, no programa de pós-graduação de que participa, existe um seminário mensal, que reúne todos os grupos de pesquisa e a cada semestre é escolhido um

	professor do próprio programa para apresentar e debater certo tema.
O que é dito	CDCP28: Das reuniões do grupo de pesquisa: no programa de pós-graduação de que participa, existe um seminário mensal, que reúne todos os grupos de pesquisa e a cada semestre é escolhido um professor do próprio programa para apresentar e debater certo tema.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Então a senhora que vê que essa disposição de tempo, vontade que a senhora acabou de relatar, também acontece com o tema de investigação do grupo?</i></p> <p>CP: É, também, eu acho que assim, o grupo favorece a participação, agora a gente não pode achar tudo um mar de rosas, não é, têm os problemas e os problemas são decorrentes eu acho...</p> <p>A: <i>Que tipo de problema?</i></p> <p>CP: <u>Falta de tempo, quando eles são entrevistados, eles juram de pé junto que eles vão ter todo o tempo do mundo, mas a sobrevivência fala mais alto, então eles acabam pegando mais aulas do que deveriam então a gente sabe que isso tem problemas familiares, pessoais, que acabam interferindo, isso infelizmente é a nossa realidade quase que generalizada.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP29: De acordo com a entrevistada, no processo seletivo, quando os alunos ingressantes no grupo são entrevistados eles afirmam esses ter todo o tempo disponível para as atividades do grupo, mas segundo ela a sobrevivência fala mais alto e eles acabam pegando mais aulas do que deveriam; ainda existem os problemas familiares e pessoais que acabam interferindo no desenvolvimento das pesquisas.
O que é dito	CDCP29: Da disposição de tempo dos pesquisadores para a temática de investigação do grupo: no processo seletivo, quando os alunos ingressantes no grupo são entrevistados, esses se comprometem de ter todo o tempo disponível para as atividades do grupo, mas segundo ela a sobrevivência fala mais alto e eles acabam pegando mais aulas do que deveriam; ainda existem os problemas familiares e pessoais que acabam interferindo no desenvolvimento das pesquisas.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como eu disse no começo da entrevista, eu busquei o grupo no diretório do CNPq, então esse grupo por ser credenciado ao CNPq ele tem um caráter institucional. A senhora considera essa característica de institucionalidade importante?</i></p> <p>CP: <u>Pergunta difícil, eu acho que nós ainda estamos em um movimento de constituição dessa figura, grupo de pesquisa, projeto de pesquisa, se a gente for ver no tempo, isso é recente no Brasil. Estar cadastrado em um diretório, dá visibilidade, permite você buscar parcerias para desenvolver projetos, permite diálogos, etc.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP30: A pesquisadora afirma que, de seu ponto de vista, o grupo ainda se está em um movimento de constituição de grupo de pesquisa, de projeto de pesquisa, e salienta que isso é recente no Brasil; e que estar cadastrado no diretório do CNPq dá visibilidade, permite ao grupo buscar parcerias para desenvolver projetos, permite diálogos, etc.
O que é dito	CDCP30: Da institucionalidade do grupo de pesquisa: o grupo ainda está em um movimento de constituição de grupo de pesquisa, de projeto de pesquisa, e salienta que isso é recente no Brasil; e que estar cadastrado no diretório do CNPq dá visibilidade, permite ao grupo buscar parcerias para desenvolver projetos, permite diálogos, etc.
Unidades de sentido	CP: Mas eu acho que ainda, <u>os grupos são bastante abandonados, tanto do ponto de vista das instituições macro, da CAPES, CNPq. Você tem talvez políticas pouco direcionadas para grupos e mais para pesquisadores,</u> individualmente, embora você tenha um grupo, tenha um tema importante, ainda faltam projetos de estímulos à consolidação dos grupos. E nas instituições universitárias, também eu acho que os grupos tem pouca visibilidade, nós não temos assim, seminários de encontro de grupos de pesquisa, para discutir isso, por exemplo, que você está trazendo, o que um grupo de pesquisa precisa para funcionar, como é que nós poderíamos potencializar o funcionamento de um grupo de pesquisa, talvez as instituições pudessem apoiar

	um pouco mais a constituição de grupos, mas fica muito a cargo da liderança do grupo, da criatividade, da disponibilidade de quem está liderando, do que propriamente, não vem ninguém falar, “que legal você tem um grupo de pesquisa bem organizado!”, não, não temos ainda a suficiente valorização e não só valorização, como apoio para melhores condições.
Enxerto Hermenêutico	CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Unidades de significado	CP31: De acordo com a pesquisadora entrevistada os grupos de pesquisa do Brasil são abandonados, tanto do ponto de vista das instituições macro, da CAPES e CNPq, e salienta que de seu ponto de vista, as políticas não são direcionadas para grupos e sim para os pesquisadores individualmente.
O que é dito	CDCP31: Da institucionalização do grupo de pesquisa: os grupos de pesquisa do Brasil são abandonados, tanto do ponto de vista das instituições macro, da CAPES e CNPq, e salienta que de seu ponto de vista, as políticas não são direcionadas para grupos e sim para os pesquisadores individualmente.
Unidades de sentido	A: <i>Mas para a senhora, de seu ponto de vista, essa característica de ser institucional contribui com o fortalecimento do grupo?</i> CP: <u>Eu acho que sim, na medida em que, todo mundo quer ter o grupo de pesquisa no diretório, eu acho que dá uma visibilidade, eu acho importante, só que ficou aí, você cadastra, você vai atualizando, mas assim, eu acho que no Brasil, eu estou participando, agora é um parêntese não entra na coisa, eu estou participando de um grupo, inclusive semana que vêm estarei lá, por isso disse que não poderia te atender, do INEP que está discutindo, rediscutindo a questão da avaliação, acho que assim, ninguém é contra a existência da avaliação, mas ela tomou uma proporção tão grande que nós não fazemos outra coisa na escola a não ser, avaliar, de alguma maneira se banalizou essa, instituição/avaliação. E o INEP ele mostra que a gente tem uma quantidade de dados, porque são feitas não sei quantas mil avaliações, SAEB, Prova Brasil, tem nacional, tem municipal, tem estadual, daqui a pouco vai ter de bairro a bairro, várias provas, todas iguais, aí você tem aqueles calhamaços de indicadores, estatisticamente trabalhados, mas a grande pergunta é: o que isso trouxe de benefício pra educação brasileira, se a gente pegar os últimos dez anos, a não ser Fátima Bernardes falando que as crianças estão abaixo do básico, ninguém sabe o que é isso, porque básico já é básico, agora, abaixo do básico, quem disse? Por quê? Da onde? E o que nós vamos fazer com esses dados?</u>
Enxerto Hermenêutico	INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; SAEB: Sistema de Avaliação da Educação Básica; Prova Brasil: refere-se à Avaliação Nacional do Rendimento Escolar.
Unidades de significado	CP32: Segundo a depoente, na medida em que todo mundo da pós-graduação quer um grupo de pesquisa cadastrado no diretório é importante, pois dá visibilidade ao grupo, porém ressalta que posterior ao cadastramento o grupo precisa ir se atualizando no diretório.
O que é dito	CDCP32: Da institucionalização do grupo de pesquisa: ter um grupo de pesquisa cadastrado no diretório é importante, pois dá visibilidade ao grupo, porém ressalta que posterior ao cadastramento o grupo precisa ir se atualizando no diretório.
Unidades de sentido	CP: <u>Então da mesma forma, eu acho o seguinte, eu acho super importante todo esse processo de bancos, de organizações da CAPES, de organizações de grupos de pesquisa, está bom, nós temos uma base de dados de fazer inveja para outros países, mas o que nós fazemos com isso? Se for só pra ficar cadastrando, ah tem tantos grupos de pesquisa, mas e aí?</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP33: Segundo a entrevistada, de seu ponto de vista, é importante todo o processo de organização da CAPES, em relação aos grupos de pesquisa, e salienta que no Brasil temos se tem uma base de dados de fazer inveja para outros países, porém, indaga o que está sendo feito com isso?
O que é dito	CDCP33: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante todo o processo de organização da CAPES, em relação aos grupos de pesquisa, e salienta que no Brasil temos se

	tem uma base de dados de fazer inveja para outros países, porém entende que indaga o que está sendo feito com isso?
Unidades de sentido	CP: Nós temos formas de dar visibilidade à produção desses grupos, nós temos formas de financiar alguns grupos para desenvolver um projeto com uma demanda própria, <u>eu acho que até o próprio MEC e outros órgãos, eles poderiam estar demandando de grupos de pesquisa, a investigação de algumas questões que são fundamentais para eles. Eu ainda não vejo muito esse movimento, por enquanto nós ainda estamos cadastrando, mas não tem um retorno mais interessante desses cadastros.</u>
Enxerto Hermenêutico	MEC: refere-se ao Ministério da Educação.
Unidades de significado	CP34: Segundo a entrevistada, de seu ponto de vista até o próprio MEC e outros órgãos poderiam estar demandando de grupos de pesquisa, a investigação de algumas questões que são fundamentais para eles, e salienta que não vê esse movimento, no Brasil só se cadastra os grupos, mas não se dá um retorno interessante a esses cadastros.
O que é dito	CDCP34: Da institucionalização do grupo de pesquisa: até o próprio MEC e outros órgãos poderiam estar demandando de grupos de pesquisa, a investigação de algumas questões que são fundamentais para eles, e salienta que não vê esse movimento, no Brasil só se cadastra os grupos, mas não se dá um retorno interessante a esses cadastros.
Unidades de sentido	A: <i>Segundo sua visão, o que significa ser institucional? No ponto de vista da senhora, esse aspecto influencia os modos de produção do seu grupo?</i> CP: <u>Olha de fato você para ter um grupo cadastrado faz alguns procedimentos, que são reconhecidos institucionalmente e tal, mas eu ainda reforço que há pouco espaço para você até registrar esses modos de produção, o próprio registro lá, quando você abriu o meu diretório, o que você viu?</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP35: Segundo a pesquisadora entrevistada para ter um grupo cadastrado no CNPq é preciso fazer alguns procedimentos, que são reconhecidos institucionalmente, mas reforça o argumento que há pouco espaço para você até registrar esses modos de produção no diretório de grupos.
O que é dito	CDCP35: Da institucionalização do grupo de pesquisa: ter um grupo cadastrado no CNPq é preciso fazer alguns procedimentos, que são reconhecidos institucionalmente, mas reforça o argumento que há pouco espaço para você até registrar esses modos de produção no diretório de grupos.
Unidades de sentido	CP: Você viu o nome do grupo, uma descrição sucinta do grupo, você viu lá quem é que está participando no momento, nem tem a história de quem já participou e que eu acho que poderia conter (<i>pausa para a professora Célia atender o telefone</i>). <u>Eu acho que por enquanto, o ser institucional garante alguma visibilidade, garante confirmar existência, mas eu acho que ainda que essa forma de registro institucional, ela ainda é insuficiente para você fazer debates como, por exemplo, a gente está fazendo aqui, discutindo o que é formar um grupo de pesquisa, é válido você trazer esses temas, é válido fazer esses projetos mais amplos, como é isso? Ou você poderia questionar, será que você cerceia a liberdade de alguns meninos que poderia inventar um projeto próprio, quando você os insere em um grupo de pesquisa? Ou não? Ou isso é uma forma de [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP36: Segundo a entrevista, de seu ponto de vista ser institucional garante alguma visibilidade ao grupo de pesquisa, garante confirmar sua existência, e salienta que essa forma de registro institucional é insuficiente para você fazer debates.
O que é dito	CDCP36: Da institucionalização do grupo de pesquisa: ser institucional garante alguma visibilidade ao grupo de pesquisa, garante confirmar sua existência, e salienta que essa forma de registro institucional é insuficiente para você fazer debates.
Unidades de sentido	CP: [...] Com a força do grupo e a colaboração do grupo ele poder avançar mais e tal. <u>No momento, eu te direi que eu vejo muita vantagem na organização de grupos, na escolha de temáticas porque a gente tem construídos trabalhos, eu acho que de melhor qualidade do que se</u>

	<p>eles fossem feitos individualmente, cada um atirando para um lado. Então a gente vai começando a perceber... a eu tenho quatro ou cinco trabalhos sobre o mesmo tema parecido. Ah bom! O que um complementa o outro? E ai eu acho que é a vantagem que se coloca nisso.</p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>CP37: De acordo com a depoente, no momento vê muita vantagem na organização de grupos, em que são escolhidas as temáticas investigativas, e ressalta que esse movimento acontece de melhor qualidade do que se fossem realizados individualmente por cada pesquisador.</p>
O que é dito	<p>CDCP37: Da institucionalização do grupo de pesquisa: vê muita vantagem na organização de grupos, em que são escolhidas as temáticas investigativas, e ressalta que esse movimento acontece de melhor qualidade do que se fossem realizados individualmente por cada pesquisador.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo?</i></p> <p>CP: <u>A gente podia fazer um levantamento, tem uma sistemática de participação em congressos, acho que a própria estruturação do programa estimula e valoriza a participação dos alunos em congressos e principalmente a publicação em artigos de periódicos, muitas vezes em parceria comigo e outras vezes também em produções individuais ou produções do grupo.</u> Então a gente tem agora um artigo publicado recentemente meu com mais três ou quatro alunos do grupo pesquisa comparativa, então essa é outra vantagem, que você também quando vai produzir artigo, você tem a possibilidade de publicar o artigo individualmente de cada um deles, mas você também tem a possibilidade de como eles pesquisaram temáticas similares, eles podem elaborar artigos coletivamente.</p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>CP38: Segundo a entrevista, as pesquisas desenvolvidas no grupo são apresentadas em eventos científicos, e salienta que a própria estruturação do programa de pós-graduação estimula e valoriza a participação dos alunos em congressos e principalmente a publicação em artigos de periódicos.</p>
O que é dito	<p>CDCP38: Das apresentações das publicações do grupo de pesquisa: são apresentadas em eventos científicos, e salienta que a própria estruturação do programa de pós-graduação estimula e valoriza a participação dos alunos em congressos e principalmente a publicação em artigos de periódicos.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como o grupo de pesquisa decide a autoria do produto publicado?</i></p> <p>CP: <u>Aí tem um critério, a pesquisa de quem ele está ligado? Eu acho que a autoria da pesquisa que vai ser discutida no artigo define, não tem muita... Você por quê eles fazem coletivamente? Mas, ai fica muito em cima que... Porque por exemplo, embora tenha um cenário comum, um panorama comum, cada um vai focalizar em um determinado aspecto e isso fica bem definido, qual é o foco seu? Qual é o foco dela? Qual é o foco do outro? Então quando vou escrever... Quem escreveu sobre aquele foco, evidentemente ele pode mencionar o trabalho de outro colega de grupo, como uma citação ou um texto meu, ou qualquer coisa mais e dos autores que ele utiliza, mas a autoria é garantida em função de quem fez aquela pesquisa[...]</u></p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>CP39: Segundo a pesquisadora entrevistada, a autoria de uma publicação é decidida em função da realização da pesquisa, e salienta que o pesquisador que escreveu sobre um determinado foco, pode mencionar o trabalho de outro colega de grupo, como uma citação ou um texto dela.</p>
O que é dito	<p>CDCP39: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: é decidida em função da realização da pesquisa, e salienta que o pesquisador pode mencionar o trabalho de outro colega de grupo, como uma citação ou um texto dela.</p>
Unidades de sentido	<p>CP: [...] normal. <u>Nos eventos as publicações são de autoria dos estudantes e do seu orientador também.</u></p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>CP40: Segundo a entrevistada, trabalhos apresentados em eventos científicos são de autoria dos</p>

	estudantes e do seu orientador.
O que é dito	CDCP40: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: trabalhos apresentados em eventos científicos são de autoria dos estudantes e do seu orientador.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Podemos notar que o grupo possui 63 pesquisadores, alguns deles ex-orientandos da senhora.</i></p> <p>CP: Esse número é maior porque o grupo se constituiu antes de ser cadastrado no diretório, então esses sessenta e três eles são o total dessa trajetória e durante um período – isso também está escrito no relatório – um dos egressos, o professor Armando Traldi Júnior atuou como docente do programa e ele fazia parte do grupo de pesquisa, então dessas sessenta tem um certo número, uns dez, não sei exatos, da para ver pelo lattes dele que foram orientadas por ele, então não são só minhas orientações, tem orientações dele também. Agora isso que eu te falei, o diretório te permite a partir da data que você entra e depois também ele vai eliminando... Ah! Essa é outra coisa que eu acho interessante de mencionar, <u>no grupo tem alguns doutorandos que também fizeram mestrado com a gente, voltaram e quiseram continuar no grupo, isso eu acho que é um indicador positivo de interesse pelo interesse na pesquisa</u> e há também agora – esse menino que estava me ligando agora – ele está fazendo pós-doutorado comigo, e ele é um egresso do doutorado, então uma coisa que a gente sabe, e que a gente desejaria muito seria o fato de que os egressos continuassem fazendo parte do grupo de pesquisa.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP41: Segundo a depoente, existem alguns doutorandos que também fizeram mestrado no grupo, e salienta que esses pesquisadores voltaram e quiseram continuar. Ainda, ressalta que isso, de seu ponto de vista, é um indicador positivo de interesse dos ex-alunos pela temática investigativa do grupo.
O que é dito	CDCP41: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existem alguns doutorandos que também fizeram mestrado no grupo, e salienta que esses pesquisadores voltaram e quiseram continuar; essa ação é um indicador positivo de interesse dos ex-alunos pela temática investigativa do grupo.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Com a senhora entende permanência desses alunos no grupo?</i></p> <p>CP: Eu fico contente, eu acho que é um sinal de que... <u>Eles todos falam que acham que o trabalho no grupo é muito rico e mesmo aqueles que não estão fazendo pós-doutorado de vez em quando eles aparecem por lá na segunda-feira, que é um espaço aberto para quem quer retornar, quer discutir alguma coisa, as vezes a gente tem alguns que voltam para fazer depoimentos do que eles estão fazendo na prática e tal... Ou para apresentar o trabalho deles,</u> porque tem umas coisas muito loucas no nosso programa, né? Você está ali no grupo, ai chegou seu prazo, você vai lá defende seu doutorado e você evapora no ar. Cadê o fulano? Ah! A última vez que o vi foi no dia da sua defesa e depois nunca mais, isso é bem maluco, né? Porque você tem uma convivência tão próxima e de repente fica aquela coisa, a gente tem procurado e tem conseguido estabelecer esse contato...</p>
Enxerto Hermenêutico	Pós-doutorado: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao curso de especialização ou aperfeiçoamento, ou estágio numa universidade ou instituição de pesquisa, nacional ou estrangeira, que se faz após a conclusão do doutorado; pós-doutoramento.
Unidades de significado	CP42: De acordo com a depoente, os pesquisadores relatam que o trabalho no grupo é rico e salienta que mesmo aqueles que não estão fazendo pós-doc, esporadicamente aparecem nas reuniões de segunda-feira, o qual é um espaço aberto para quem quer retornar, discutir algum tema e fazer depoimentos do que eles estão fazendo na prática.
O que é dito	CDCP42: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existem relatos que o trabalho no grupo é rico e salienta que mesmo aqueles que não estão fazendo pós-doc, esporadicamente aparecem nas reuniões de segunda-feira, o qual é um espaço aberto para quem quer retornar, discutir algum tema e fazer depoimentos do que eles estão fazendo na prática.
Unidades de sentido	CP: Então, por exemplo, o caso do Marcio que foi meu mestrando e doutorando do grupo e

	<p>agora está lá na UFMS, ele tem dois projetos de pesquisa em parceria com o nosso grupo que estão aqui no relatório, então isso é uma forma de manter vínculos, porque a gente não acha adequada essa coisa de acabou o doutorado acabou a ocupação, fica uma coisa muito ruim e... <u>Mas, tem casos que realmente desaparecem para sempre e você não sabe a onde foram parar etc. e tal, ai volta naquela questão de condição de trabalho.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	UFMS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Unidades de significado	CP43: Segundo a entrevistada, existem ex-alunos que realmente desaparecem para sempre; e ressalta que de seu ponto de vista isso está associado à questão de condição de trabalho.
O que é dito	CDCP43: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existem ex-alunos que realmente desaparecem para sempre; e ressalta que de seu ponto de vista isso está associado à questão de condição de trabalho.
Unidades de sentido	<p>A: <i>No caso desses orientandos que mantiveram o vínculo com o grupo, sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo a senhora, de que modo eles avançam aqui, em seu grupo de pesquisa, e lá, em sua instituição?</i></p> <p>CP: Bom, eu acho que assim... <u>Os primeiros percalços que eu tive na constituição do meu grupo, no sentido de que no início você não sabe bem como faz, como organiza um grupo, se você elabora um texto orientador, se não, todo esse mundo ainda desconhecido, eu tenho impressão que o Márcio, o que eu já acompanho do grupo dele, fui a defesas, já fui a reuniões que eles organizaram e agora eu sou professora colaboradora do programa, então acompanho também o que está acontecendo também no grupo dele, de alguma forma ele já pode utilizar essa experiência do que ele viu acontecer no nosso grupo e levar essa experiência para a atuação dele,</u> claro que com as características e peculiaridades dele, mas ele já tinha algum ponto de partida para organizar um grupo de pesquisa, então o grupo dele logo de cara tinha um nome, tinha site – está mais avançado do que o meu – tem mais fotos no Facebook do que o meu – eu falo para ele, nossa! Tudo que vocês se reúnem vocês postam fotos – mas enfim, brincadeira, muito mais rapidamente ele agilizou a constituição de um grupo de pesquisa, de projetos, coisa que no início a gente não tinha tanta clareza, como uma coisa que podia melhorar o trabalho do orientador na constituição de um grupo, ficava assim meio que a reboque das ideias que os alunos traziam, a então vou pesquisar... Ah! Então vão pesquisar, mas você não sabia muito bem se aquilo era relevante, onde que ia dar então eu acho que também tem essa coisa formativa, porque os estudantes egressos, doutorandos, o que a gente almeja para eles é que eles sejam futuros orientadores, que eles atuem em programas de pós-graduação e que eles sejam líderes de novos grupos de pesquisas, na medida em que eles vão participando, eles próprios de grupos com um bom grau de organização e de debate a tendência é eles levarem essa prática quando eles forem futuramente orientadores.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP44: De acordo com a depoente, na constituição do grupo aconteceram vários percalços, no sentido de não saber como se faz e como organiza um grupo; e salienta que os ex-alunos do grupo podem utilizar dessa experiência vivenciada no grupo ao levar para a atuação dele em seu respectivo novo grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCP44: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: na constituição do grupo aconteceram vários percalços, no sentido de não saber como se faz e como organiza um grupo; e salienta que os ex-alunos do grupo podem utilizar dessa experiência vivenciada no grupo ao levar para a atuação dele em seu respectivo novo grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>A senhora citou o exemplo do Márcio, seu ex-orientando, mas como vê isso de uma maneira geral?</i></p> <p>CP: Olha os que estão atuando em ensino superior – o [Erikson] que está me ligando – porque nem todo mundo consegue trabalhar como pesquisador, <u>mas os que estão trabalhando me dão relatos de que usam essa estratégia também em seus locais de trabalho.</u> Esse aluno que continua aqui no meu grupo e lá, então, por exemplo, ele está no Mato Grosso do Sul e nós estamos aqui,</p>

	<p>não tem a possibilidade de ele estar aqui toda semana ou eu estar lá toda semana, mas, por exemplo, ele vem participando de bancas de alunos meus, ele vem organizando eventos em parceria como esse Fórum de Currículos, quando ele organiza a revista do programa dele que tem uma intenção de discutir o currículo a gente discute como é que pode ser, então nessas atividades acadêmicas que são a questão das bancas e o projeto em fim, eu acho que a ideia inclusive futura é que a gente possa estabelecer inclusive processos de co-orientação, de a gente co-orientar determinados alunos, agora a gente vai ter uma primeira experiência de uma aluna do doutorado de lá – que acabou de abrir – e eu vou orientá-la e ele não quer orientá-la por um motivo muito básico, ele é marido dela – falei, é não dar certo! – da Vanessa, e é claro que ele será um interlocutor, não porque é marido dela, mas porque ele é do grupo de pesquisa e ela quer trabalhar com currículo dessa licenciatura do campo que eles estão abrindo lá, e a gente vai trocar figurinhas evidentemente.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP45: Segundo a entrevistada, os ex-alunos do grupo que estão trabalhando apresentam relatos de que usam as estratégias vivenciadas no grupo nos seus locais de trabalho.
O que é dito	CDCP45: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: os ex-alunos do grupo que estão trabalhando apresentam relatos de que usam as estratégias vivenciadas no grupo nos seus locais de trabalho.
Unidades de sentido	<p>A: <i>A senhora falou da permanência desses alunos, do seu ponto de vista, ela é positiva? Para quem? Para a sua instituição? Para aquela onde o/a participante do GP trabalha?</i></p> <p>CP: <u>Eu penso que sim, claro que se ele ficar... Não é ficar agarrado na barra da saia da mãe. Acho que é positiva para mim, para o grupo atual e para eles também. Eu sempre acho que este vínculo... Que fique bem claro, não é que vai ficar com uma dependência minha, mas assim é importante porque você para construir diálogos, para construir até divergências, pontos de vistas etc., você precisa de um contato razoavelmente duradouro, então eu acho que tenho uma experiência pessoal importante de dialogo com colegas pesquisadores que eu conheço a vinte, trinta, quarenta anos e todas as vezes que a gente se encontra, queremos discutir pontos de vistas e tal... Então não tem sentido um grupo de pesquisa, que durante um período tem um contato tão próximo, que discuti uma série de pontos e de repente, quando terminou lá, fez a ata da defesa, essa relação se perca, eu acho que importante. Para as instituições, acho que sim, é importante. Eu acredito que não só do ponto de vista das avaliações externas, que valorizam a existência de grupos, então um aspecto positivo na avaliação do nosso programa é exatamente a existência de grupos de pesquisa com temáticas variadas e com longa duração, grupos consolidados, como a gente chama, então eu acho que do ponto de vista da instituição é importante para a avaliação dela, e é importante também para uma dinâmica de funcionamento porque, eu vejo no grupo de pesquisa um local de acolhimento do estudante de chega na pós-graduação.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP46: Segundo a depoente, de seu ponto de vista, a permanência de ex-alunos no grupo é positiva, pois possibilita a construção de diálogos.
O que é dito	CDCP46: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: é positiva, pois possibilita a construção de diálogos.
Unidades de sentido	<p>CP: Ah! Tá bom, ele vai fazer disciplina com vários professores, ele vai ter uma relação com o coordenador do programa, ele vai ter uma relação com os outros colegas que estão ali, mas tudo muito rapidinho, superficialmente etc. e eu acho que o porto seguro deles é o orientador, e para essa relação não ficar muito de dependência do orientador eu acho que o grupo trás uma dinâmica interessante, ele se sentindo pertinente ao grupo de pesquisa... Ah, o meu grupo! Você nota que tem certa... <u>Um sentimento assim de pertencer aquele grupo, ele se sente respaldado, é o grupo que ele tem mais liberdade de dizer o que pensa, tem espaço para isso e ai a gente tem reuniões muito ricas, muito assim irreverentes, pode-se falar o que quer.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP47: A pesquisadora salienta que existe um sentimento de pertencimento ao grupo, em que o

	ex-aluno se sente respaldado, o grupo é o local em que ele tem mais liberdade de dizer o que pensa.
O que é dito	CDCP47: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: existe um sentimento de pertencimento ao grupo, em que o ex-aluno se sente respaldado, o grupo é o local que ele tem mais liberdade de dizer o que pensa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como acontecem essas reuniões?</i></p> <p>CP: A reunião... <u>Eu organizo no início do semestre uma pauta das reuniões do grupo, então, uma pauta preliminar em função ao andamento dos trabalhos, que autores que a gente vai discutir, que textos e tal... e quem é que vai fazer a primeira apresentação do texto de fulano,</u> então quando é essa questão de discussão de uma referência teórica, normalmente o procedimento é todo mundo ler o texto, mas um se incumbem de fazer uma breve apresentação para disparar os debates, depois tem algumas seções que são de apresentações do andamento do próprio trabalho e em diferentes fases, tem gente que ainda está montando suas questões de pesquisa, sua revisão, estão com anteprojeto ou com um projeto de pesquisa e vai apresentar para os colegas discutirem, outros já estão próximos da qualificação, então eu faço um cronograma do semestre, esse cronograma é feito por mim, eles dão palpite: não posso nesse dia! Me deixa mais para frente! Ou, eu prefiro fazer já! Os temas a serem discutidos geralmente quando a gente discute o projeto de pesquisa daquele grupo, como eu te falei a gente faz em geral uma revisão para saber o que já tem, nessa revisão naturalmente acaba aparecendo autores que alguns a gente já conhece e outros não, então, por exemplo, quando a gente foi fazer o de implementação curricular no ensino médio, a gente acabou conhecendo o Simon, não conhecia, nunca tinha ouvido falar dele, aí em função disso a gente viu que o Simon tinha sido relido e tinha outras pesquisas na Europa, quem são os autores que usaram essa ideia? Ah! Fulano, ciclano e tal... Então, a gente fez uma lista de autores e cada um foi buscar esses autores, normalmente a melhor coisa das referências bibliográficas é você fazer esse panorama de autores, então de alguma maneira os nomes eles vem não de uma decisão pessoal minha ou deles pessoal, mas dessa busca de quem são os autores que aparentemente e tal... E também tem casos que a gente lê o autor e fala, não é esse autor que vai contribuir para o que a gente está fazendo, é interessante o trabalho dele, mas... A gente também faz uma seleção de autores.</p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CP48: De acordo com a depoente, ela organiza no início do semestre uma pauta das reuniões do grupo, em função ao andamento dos trabalhos, dos autores que serão discutidos, dos textos que serão estudados, do pesquisador que apresentará o texto do outro.
O que é dito	CDCP48: Das reuniões do grupo de pesquisa: ela organiza no início do semestre uma pauta das reuniões do grupo, em função ao andamento dos trabalhos, dos autores que serão discutidos, dos textos que serão estudados, do pesquisador que apresentará o texto do outro.

A segunda entrevista realizada ocorreu no dia 18 de agosto de 2014 das 14 às 16 horas no departamento de Educação Matemática da Universidade Anhanguera, situada na Rua Maria Cândida, 1813, em São Paulo – SP. A pesquisadora entrevistada é a professora Dra. **Siobhan Victoria Healy (Lulu Healy)**, líder de pesquisa do grupo Tecnologias e Meios de Expressão em Matemática da Universidade.

Sujeito Significativo LH: prof. Dra. Siobhan Victoria Healy (Lulu Healy)

Unidades de sentido	A: <i>Boa tarde professora Lulu Healy, primeiramente gostaria de agradecer sua disposição em colaborar com minha pesquisa. A senhora recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de minha investigação, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. A</i>
----------------------------	--

	<p><i>senhora pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p>LH: Bom, então, o grupo de... <u>Na verdade no <i>diretório do CNPq</i> agora eu tenho dois grupos de pesquisa. O primeiro grupo tinha como nome oficial: Tecnologia e meios de expressões matemáticas e o segundo grupo, eu esqueci o nome, ele é recente, mas o primeiro foi construído somente em 2004, quando estava trabalhando principalmente com tecnologias digitais e naquele momento estava trabalhando em outra universidade, na <i>PUC-SP</i>, mas em 2002, na verdade quando eu vim da Inglaterra eu já venho com uma bagagem de mais ou menos dez anos trabalhando os usos de tecnologias digitais para criar uma matemática escolar alternativa. Então quando venho para o Brasil, no primeiro momento estas pesquisas continuaram, mas quando eu cheguei aqui, um dos primeiros mestrandos meus, quando estávamos discutindo os possíveis temas, falou que ela queria trabalhar com pessoas cegas, essa foi a Solange Hassan Ahmad Ali Fernandes e hoje ela é colega, então ela disse que queria trabalhar com pessoas cegas e eu fiquei interessada, mas falei para ela, na verdade eu não tenho conhecimento nessa área para te orientar, mas se você topa concentrar no conteúdo matemático, eu conheço bem pesquisa com relações a pessoas videntes, então talvez a parte de cegueira a gente poderia investigar juntos e quando nós começamos olhar na literatura percebemos que na verdade não foi somente nós que era um pouco ignorante em relação a essa área. Isso foi em 2002 não tinha muitas pesquisas e as pesquisas que existiam eram mais [...]</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<i>Diretório do CNPq:</i> refere-se ao diretório de grupo de pesquisa do CNPq. <i>PUC-SP:</i> refere-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Unidades de significado	LH1: segundo a pesquisadora entrevistada, atualmente no diretório do CNPq possui dois grupos de pesquisa cadastrados. o primeiro grupo: tecnologia e meios de expressões matemáticas e o segundo: educação matemática, inclusão e tecnologias de mediação que trabalha principalmente com tecnologias digitais, de psicologia ou deficiências.
O que é dito	CDLH1: Da coordenação de grupos de pesquisa: atualmente no diretório do CNPq possui dois grupos de pesquisa cadastrados. O primeiro grupo: Tecnologia e meios de expressões matemáticas e o segundo: Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação que trabalha principalmente com tecnologias digitais, de psicologia ou deficiências.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>Ou na área de psicologia ou deficiência de maneira ou outra e não era muito na área de Educação Matemática, então nós começamos a trabalhar e nós nos sentimos muito sozinhas, por um lado eu tinha o grupo de pessoas bastante significativos que trabalhavam com o uso das tecnologias digitais, tanto no Brasil como fora e quando nos fomos para essa área nós não tínhamos contato com outros pesquisadores, mas no mesmo tempo meu pensamento ainda nessa direção[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH2: De acordo com a depoente, quando começou a realizar pesquisas se sentiu muito sozinha e buscou trabalhar um grupo que já investigava o uso das tecnologias digitais, pois não trabalhava com Educação Matemática.
O que é dito	CDLH2: Da coordenação de grupos de pesquisa: quando começou a realizar pesquisas se sentiu muito sozinha e buscou trabalhar um grupo que já investigava o uso das tecnologias digitais, pois não trabalhava com Educação Matemática.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>porque meu envolvimento com tecnologia digitais sempre tinha sido de perspectiva de uma <i>matemática mais inclusiva</i>, não em termos apenas de pessoas com necessidades especiais, mas em termos de inclusão de maneira mais geral, por exemplo, quando eu comecei e estava fazendo licenciatura, no século passado, meu projeto naquele momento era sobre o envolvimento de meninas na matemática, através de tecnologias, porque naquele momento na Inglaterra tinha muito mais meninos que escolhiam estudar matemática em termos mais avançados do que meninas. Na Inglaterra o estudo de matemática só é obrigatório até os 16 anos, depois se você quer abandonar, você pode, e muitas pessoas abandonam e naquele momento era especialmente do sexo feminino o maior abandono e então a ideia era que... Vindo de um pesquisador da África do Sul que trabalhava nos Estados Unidos, Simon [...]</u>

Enxerto Hermenêutico	<i>Matemática mais inclusiva:</i> no texto se refere a inclusão de maneira mais geral da matemática.
Unidades de significado	LH3: Segundo a entrevistada, suas investigações de pesquisas, cuja temática era tecnologias digitais tinham perspectivas de matemática inclusiva, e ressalta que esse foco investigativo não se restringia a pessoas com necessidades especiais, mas sim, em termos de inclusão de uma maneira geral.
O que é dito	CDLH3: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: as investigações de pesquisas, cuja temática era tecnologias digitais tinham perspectivas de matemática inclusiva, e ressalta que esse foco investigativo não se restringia a pessoas com necessidades especiais, mas sim, em termos de inclusão de uma maneira geral.
Unidades de sentido	LH: [...] Eu acho que falei dele aquele dia na palestra em Rio Claro e ele pensou que nós poderíamos usar possibilidades de tecnologia digitais para criar novos tipos de matemáticas escolares, onde ele estaria convidando as pessoas a aprender matemática, então essas é tipo de sustentar toda a pesquisa e que eu tenho me envolvido e acho que caracteriza o pesquisador de nosso atual grupo de pesquisa. <u>Então, eu tentei fazer <i>um casamento</i> de nossa pesquisa com novas tecnologias tinham destacado a importância dos meios de mediação nas formas de envolvimento de aprendizes, mas também no próprio conhecimento que eles estavam investigando e então nós pensamos de uma forma de analogia, se você muda as ferramentas através dos qual você experiência o mundo, você também iria esperar por certas diferenças nas trajetórias cognitivas e o conhecimento que acaba sendo construído e valorizado.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Um casamento:</i> no texto se refere à união das temáticas, tecnologias digitais com a importância dos meios de mediação e envolvimento com os aprendizes.
Unidades de significado	LH4: Segundo a depoente, buscou desenvolver em seu grupo de pesquisa, reunindo a temática, tecnologias digitais com a importância dos meios de mediação e envolvimento com os aprendizes.
O que é dito	CDLH4: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: buscou desenvolver em seu grupo de pesquisa, reunindo a temática, tecnologias digitais com a importância dos meios de mediação e envolvimento com os aprendizes.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>Então, nossa conjectura é que se você entender os processos cognitivos daqueles que experienciam o mundo através de canais que diferem daqueles dos quais estamos acostumados, nós vamos entender melhor a construção do conhecimento de todo mundo.</u> Então essas foram... Tipo, justificando minha mudança de área de pesquisa, eu estava conhecida na área de tecnologia e completamente desconhecida na área de inclusão ou necessidades especiais ou o nome que você prefere batizar. E eu comecei com a Solange como disse, no momento que tinha algumas pessoas trabalhando com pessoas cegas, parece que... Na PUC-SP que eu estava naquele momento, outras pessoas que também pensavam... É interessante trabalhar nessa área mesmo, assim o grupo começou a crescer, mas ainda de forma muito lenta, eu acho que tive mais dois orientandos na PUC no início que também trabalharam com deficiência visual e 2006 tive uma felicidade de receber outro orientando que estava envolvido com a comunidade dos surdos, então nos ampliamos nossos olhos, nesse momento ainda principalmente pensando sobre a relação entre a percepção no sentido mais largo e cognição, e comecei a ver que entendemos as interações de pessoas com limitações sensoriais, talvez nos intendemos melhor o papel dessa modalidade sensorial na aprendizagem matemática [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH5: a entrevistada expõe a conjectura de pesquisa do grupo: em que, que se o pesquisador entender os processos cognitivos daqueles que experienciam o mundo através de canais que diferem dos usuais, irão entender melhor a construção do conhecimento.
O que é dito	CDLH5: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a conjectura de pesquisa do grupo é que se o pesquisador entender os processos cognitivos daqueles que experienciam o mundo através de canais que diferem dos usuais, então irão entender melhor a construção do conhecimento.
Unidades de sentido	LH: [...] quando nós começamos com o trabalho com pessoas surdas, nós entramos muito mais... A comunidade surda é bastante politizada e então embora quando falamos de pessoas

	<p>cegas é muito comum usarmos o termo deficientes visual, na comunidade surda eles desafiam nosso próprio conceito de deficiência, e então eu acho que nesse momento comecei a me identificar mais com as questões inclusão; exclusão e como diferentes níveis de aprendizes experenciam a matemática escolar. <u>Ao mesmo tempo, no ambiente brasileiro, eu acho que teve um interesse nessa área porque não foi somente o nosso grupo aqui em São Paulo que estava emergindo, mas também teve <i>grupos em Rio Claro</i> – que agora se chama <i>EPURA</i> – eu acho que não tinha nome naquela época, ele surgiu quase paralelamente ao nosso grupo e outros grupos talvez logo depois ou no mesmo tempo também começaram a aparecer, principalmente por causa das políticas de inclusão no Brasil e a interpretação e identificação com essa educação especial [...]</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p><i>Grupos em Rio Claro</i>: refere-se à pós-graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro – SP. <i>EPURA</i>: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática.</p>
Unidades de significado	<p>LH6: [...] A pesquisadora afirma que na mesma época em que seu grupo foi criado e começou a desenvolver pesquisas voltadas para tecnologias digitais, outros grupos de diferentes lugares do Brasil também foram criados, como no caso de grupos inseridos a pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.</p>
O que é dito	<p>CDLH6: Da criação do grupo de pesquisa: convergência de interesse pela temática do seu grupo de pesquisa com o de outra universidade.</p>
Unidades de sentido	<p>LH: [...] então no nosso grupo e também no grupo EPURA, <u>eu acho que teve duas coisas, eu vejo o grupo na nossa pesquisa tem uma parte muito forte teórica e uma parte forte prática, por um lado nós queremos entender os processos de aprendizagem nas diversidades de aprendizes e todos os diferentes fatores que interferem, seja individual, seja social, seja cultural, seja institucional, seja instrumental, tecnológico, mas por outro lado nós gostaríamos de ver uma participação daqueles que tradicionalmente são mais marginalizados nas aulas de matemática [...]</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH7: Segundo a pesquisadora entrevistada, as investigações realizadas em seu grupo possuem muita força nas partes teórica e prática; e salienta que por um lado buscam entender os processos de aprendizagem nas diversidades de aprendizes; todos os diferentes fatores que interferem, seja individual, seja social, cultural, institucional, instrumental, tecnológico, mas por outro lado também gostariam de ver uma participação daqueles que tradicionalmente são mais marginalizados nas aulas de matemática.</p>
O que é dito	<p>CDLH7: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: possuem muita força nas partes teórica e prática; e salienta que por um lado buscam entender os processos de aprendizagem nas diversidades de aprendizes; todos os diferentes fatores que interferem, seja individual, seja social, cultural, institucional, instrumental, tecnológico, mas por outro lado também gostariam de ver uma participação daqueles que tradicionalmente são mais marginalizados nas aulas de matemática.</p>
Unidades de sentido	<p>LH: [...] e atualmente nós estamos trabalhando com um campo que – <u>eu acho que não é exagerado falar que está associado com certo desespero – os professores que estavam acostumados com certa visão sobre a turma de matemática, a aula de matemática estão agora se confrontando com outra, eles tem que enfrentar outra e muitas vezes o aluno diferente acaba sendo culpado de certa forma com essa mudança, elas não sabem, elas dizem que não sabem como agir com esse novo tipo de aluno, que elas não são preparadas para isso, e não são <u>mesmos</u>. E acaba sendo um tipo de dupla exclusão porque os alunos são inseridos, mas não são... Elas são construídas como um problema, duplamente... Já tem supostamente um problema, pois julgamo-los deficientes e agora eles são outro problema porque eles estão perturbando uma situação que era supostamente boa antes. Uma coisa que muitas vezes eu pergunto para as pessoas quando elas falam sobre... – não, porque eu tenho uma aluna surda agora, e ela tem muita dificuldade para aprender, ela tem muita dificuldade para se comunicar, e eu pergunto: e todos os seus outros alunos estavam aprendendo? – não!</u></p>
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	LH8: Segundo a depoente, nas investigações realizadas, ao trabalharem com professores que tinham certas visões sobre a turma de matemática, a aula de matemática são confrontados com outras possibilidades; ressalta que quando esses professores se deparam com alunos com algum tipo de deficiência, enfrentam muitas dificuldades e muitas vezes o aluno diferente acaba sendo culpadas de certa forma com essa mudança, pois esses professores não sabem agir com esse novo tipo de aluno.
O que é dito	CDLH8: Das investigações do grupo de pesquisa: ao trabalharem com professores que tinham certas visões sobre a turma de matemática, na aula de matemática são confrontados com outras possibilidades; ressalta que quando esses professores se deparam com alunos com algum tipo de deficiência, enfrentam muitas dificuldades e muitas vezes o aluno diferente acaba sendo culpadas de certa forma com essa mudança, pois esses professores não sabem agir com esse novo tipo de aluno.
Unidades de sentido	LH: [...] Mas, de certa forma o diferente é visto como perturbação da ordem. <u>Então uma coisa que nos estávamos fazendo era trabalhar com professores nas suas salas de aulas para tratar a questão da inclusão de forma local, algumas pessoas podem até criticar isso, dizendo que é bastante ingênua, e é mesmo, porque na verdade você está apagando uma pequena parte de fogo, que apagando essa pequena parte não vai resolver, não vai <i>apagar o fogo</i> no geral, mas por outro lado se você não fizer isso você vai ficar esperando para entender o problema de inclusão, o problema de como as pessoas acabam sendo marginalizadas, com certeza se tem uma solução que eu não sei vão vir ações de nível institucional, mas se nós esperarmos essas ações em níveis institucionais acontecerem, nós nunca vamos aprender o processo de aprendizagem dessas pessoas, então nosso grupo [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Apagar fogo:</i> no texto refere-se ao impacto que a pesquisa está causando na região de inquérito investigada.
Unidades de significado	LH9: Segundo a entrevistada, as investigações do grupo trabalham com professores nas salas de aulas para tratar questões de inclusão de forma local, uma vez que os professores não se sentem preparados para esse trabalho.
O que é dito	CDLH9: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: as investigações do grupo trabalham com professores nas salas de aulas para tratar questões de inclusão de forma local, uma vez que os professores não se sentem preparados para esse trabalho.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>O que sustenta nosso grupo é um sonho de um novo tipo de matemática escolar, mas no mesmo tempo muitas de nossas pesquisas são estruturadas no entorno da matemática escolar que nós temos, então por um lado nós gostaríamos de contribuir para uma mudança meio radical, mas muitas de nossas pesquisas são... Não são... Elas são... Elas são diluídas, então embora as vezes nós queremos questionar certas estruturas curriculares, certas estruturas de avaliação, as vezes nós aceitamos que elas existem e nós procuramos meios de envolver algumas questões, estudando em um certo contexto... Não é solução [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH10: A pesquisadora afirma que o que sustenta o grupo é um sonho de um novo tipo de matemática escolar, e que muitas das pesquisas são estruturadas no entorno da matemática escolar, almejando uma contribuição de mudança nas estruturas curriculares.
O que é dito	CDLH10: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o que sustenta o grupo é um sonho de um novo tipo de matemática escolar, almejando uma contribuição de mudança nas estruturas curriculares.
Unidades de sentido	LH: [...] mas... <u>Têm duas conseqüências, uma poderia ser no lado prático, no sentido de sucesso, tanto para certo número limitado de alunos e professores e a outra mais egoísta, é que nós conseguimos os dados de pesquisa que nós pesquisamos é investigar os processos de ensino e aprendizagem em termos diferentes. Bom, eu falei muita coisa e agora me esqueci completamente qual era a questão que estava respondendo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH11: De acordo com a depoente, a temática investigativa do grupo de pesquisa têm duas conseqüências, uma a do lado prático, no sentido de alcançar o objetivo esperado ao realizar

	investigações com certo número limitado de alunos e professores; e a outra com um caráter egoísta, no sentido do grupo investigar os processos de ensino e aprendizagem em relação a termos diferentes.
O que é dito	CDLH11: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: têm duas consequências, uma a do lado prático, no sentido de alcançar o objetivo esperado ao realizar investigações com certo número limitado de alunos e professores; e a outra com um caráter egoísta, no sentido do grupo investigar os processos de ensino e aprendizagem em relação a termos diferentes.
Unidades de sentido	A: <i>Eu havia pedido para a senhora falar sobre seu grupo de pesquisa. Agora, se a senhora pudesse se referir ao seu grupo, dizendo dele de modo simples o que ele trata, o a senhora diria?</i> LH: [...] <u>De uma forma mais simples, eu acho que trata os esforços de pesquisadores, professores e alunos para entender e ao mesmo desenvolver novas formas de fazer matemática escolar.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH12: Segundo a pesquisadora entrevistada, em seu grupo de pesquisa acontecem esforços de pesquisadores, professores e alunos para entenderem e desenvolverem fazeres da matemática escolar.
O que é dito	CDLH12: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: acontecem esforços de pesquisadores, professores e alunos para entenderem e desenvolverem fazeres da matemática escolar.
Unidades de sentido	A: <i>Quando o seu grupo foi criado?</i> LH: [...] Então, <u>como qualquer grupo provavelmente, tem momentos. Eu e Solange começamos a trabalhar com aprendizagem de pessoas cegas em 2002. O projeto rumo a matemática e a educação inclusiva que é o nome de nosso site, que talvez é o aspecto mais visível de nosso grupo começou em 2010, mas eu acho que o site por si mesmo só foi lançado em 2013, mas o que aconteceu, nós começamos a trabalhar em 2002, mas nós [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Solange: refere-se à pesquisadora Solange Hassan Ahmad Ali Fernandes.
Unidades de significado	LH13: De acordo com a depoente, seu grupo de pesquisa foi criado no ano de 2002, quando ela e a também pesquisadora Solange, começaram a trabalhar com aprendizagem de pessoas cegas; e ressalta que o projeto em execução tinha como proposta trabalhar matemática e educação inclusiva.
O que é dito	CDLH13: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: foi criado no ano de 2002, quando ela e também a pesquisadora Solange, começaram a trabalhar com aprendizagem de pessoas cegas; e ressalta que o projeto em execução tinha como proposta trabalhar matemática e educação inclusiva.
Unidades de sentido	LH: [...] Praticamente eu estava muito reticente sobre o público, até eu sentir que tinha alguma coisa para falar, que nós tínhamos conhecimento suficiente para não falar bobagem. Então nós começamos a produzir, começamos a produzir em 2004, 2005... <u>Mas, sempre no ambiente mais local, quando nós fomos para publicação em revista, eu acho que começou a acontecer de forma mais significativa depois de 2008, eu acho que falaria que o grupo se consolidou mesmo nessa época, nós tivemos seis anos de infância, vamos falar assim.</u>
Enxerto Hermenêutico	Grupo se consolidou: refere-se a constituição e historicidade do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	LH14: De acordo com a entrevistada, o grupo de pesquisa se consolidou no ano de 2008, quando os membros do grupo começaram a apresentar as publicações em desenvolvimento em eventos da área e também em revistas científicas.
O que é dito	CDLH14: Das publicações do grupo de pesquisa: o grupo se consolidou no ano de 2008, quando os membros do grupo começaram a apresentar as publicações em desenvolvimento em eventos da área e também em revistas científicas.
Unidades de sentido	A: <i>Nesse sentido, gostaríamos de saber, de que modo surgem os temas a serem estudados?</i>

	<p>LH: [...] <u>De dois modos diferentes. Por um lado surge por preocupações dos pesquisadores aliados ao grupo que no momento são alunos de pós-graduação, mas nem sempre são... Esses que estão preocupados ou insatisfeitos com certas questões que estão acontecendo em suas aulas e quer... Eles querem buscar um pouco na comunidade de pesquisa respostas para essas situações, então eles normalmente trazem os tipos de diferenças com que estão mais preocupadas e talvez elas iriam investigar os conteúdos matemáticos, caso esse tema seja apropriado, então uma vem do campo, poderia falar assim. E a outra vem de nosso desejo de contribuir para uma nova perspectiva teórica, em qual nós tentamos entender o papel do corpo na construção do conhecimento social</u> e então, quando nós desenvolvemos qualquer estudo tem aspectos que eu acho que vem da parte teórica, do desejo de adotar certa lente nos dados que nós coletamos, e ter certeza que nós coletamos dados de forma que poderiam contribuir para as análises que precisamos e por outro lado, as outras considerações são que você pode falar mais pedagógica, é muito importante para nós que os alunos tenham essas duas contribuições, que não venha totalmente do mundo da pesquisa, mas que também oferece novos olhos para o que está acontecendo na prática.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Perspectiva teórica: refere-se à temática de investigação dos trabalhos realizados pelos membros do grupo de pesquisa, que busca também teorizar sobre o assunto pesquisado.</p>
Unidades de significado	<p>LH15: [...] Segundo a entrevistada, os temas investigativos do grupo de pesquisa surgem de dois modos diferentes. Primeiro das preocupações dos pesquisadores aliados ao grupo - os alunos de pós-graduação; e a segunda, vem do nosso desejo de contribuir para uma nova perspectiva teórica, na qual o grupo visa entender o papel do corpo na construção do conhecimento social.</p>
O que é dito	<p>CDLH15: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: de dois modos diferentes. Primeiro das preocupações dos pesquisadores aliados ao grupo - os alunos de pós-graduação que vêm com suas questões e preocupações; e a segunda, vem do desejo de contribuir para uma nova perspectiva teórica, na qual o grupo visa entender o papel do corpo na construção do conhecimento social.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Quando a senhora fala “nós”, eu entendo que esteja falado do grupo, certo?</i></p> <p>LH: [...] <u>Sim. Nosso grupo agora é grande, mas nosso grupo era muito pequeno, agora nós somos um grupo significativo, nós temos muita sorte porque as pessoas que se aliaram ao grupo no início muito deles continuam de uma forma ou de outra, nem sempre no mundo de pesquisa, pois nós temos professores que entraram no mundo de pesquisa, voltou para o mundo de ensino, mas quer continuar atuando no grupo e esses são muito importantes para nós, porque possibilita essa calibração entre o que acontece na sala de aula e o que acontece nas universidades, no campo de pesquisa.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH16: A pesquisadora afirma que atualmente, seu grupo é grande, caracterizando um grupo significativo, e salienta que o grupo possui sorte, pois os pesquisadores que se aliaram no surgimento do grupo, muitos deles continuam de uma forma ou de outra participando das atividades de pesquisa.</p>
O que é dito	<p>CDLH16: Dos participantes do grupo de pesquisa: atualmente o grupo é grande, caracterizando um grupo significativo, e salienta que o grupo possui sorte, pois os pesquisadores que se aliaram no surgimento do grupo, muitos deles continuam de uma forma ou de outra participando das atividades de pesquisa.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como coordenadora, a senhora sugere temas a serem pesquisados pelo grupo?</i></p> <p>LH: [...] <u>Sim, eu indico às vezes. Eu não sei se... Eu acho que eu indico de várias maneiras, vamos falar assim, é claro que eu não sou a única pessoa que indica porque agora temos outros professores que orientam e tudo nessa área e eu acho que muito dos temas que nós acabamos investigando são decididos por mais de uma pessoa, mas é claro que eu quero [...]</u></p>

Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH17: De acordo com a depoente, durante a escolha de uma temática investigativa, ela como coordenadora e os demais pesquisadores/orientadores do grupo também indicam temas investigativos a seus alunos/orientandos; salienta que muitos dos temas são decididos por mais de um pesquisador.
O que é dito	CDLH17: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: como coordenadora e os demais pesquisadores/orientadores do grupo também indicam temas investigativos a seus alunos/orientandos; e salienta que muitos dos temas são decididos por mais de um pesquisador.
Unidades de sentido	LH: [...] Eu acredito nas premissas teóricas que sustentam o trabalho que nós estamos fazendo, eu acredito, então, <u>eu gostaria de convencer outras pessoas do valor do que nós podemos aprender, se nós adotarmos essa maneira particular para olhar sobre o desenvolvimento da cognição matemática</u> , então nesse sentido é obvio que eu tento... E você acaba influenciando o que os alunos fazem, mas eu não imponho o tema, ou pelo menos eu penso que não imponho o tema, mas aí eu penso que você deveria falar com eles, eu faço sugestões, mas muitas vezes a pessoa que vai ter a principal atividade para a pesquisa ficou afim para uma direção ou outro, muito das pessoas que pesquisam comigo acabam não usando os mesmo referencias teóricos, então, isso é bom e ruim.
Enxerto Hermenêutico	Processos cognitivos: segundo o dicionário Houaiss, referem-se “ao processo mental de percepção, memória, juízo, e/ou raciocínio”. No texto significa a área da psicologia com a qual trabalha.
Unidades de significado	LH18: Segundo a entrevistada, ela gostaria de convencer outros pesquisadores sobre o valor do que podem aprender se adotarem uma maneira particular de olhar o desenvolvimento da cognição matemática.
O que é dito	CDLH18: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: do desejo da pesquisadora em convencer outros pesquisadores sobre o valor do que podem aprender se adotarem uma maneira particular de olhar o desenvolvimento da cognição matemática.
Unidades de sentido	LH: [...] Bom, porque eu não consegui convencer eles para olhar no mundo dessa maneira, mas bom porque mostra certa autonomia no jeito deles para buscar outros modelos de explicar, então, eu acho que os termos que é claro que... Às vezes o termo vai por uma... Onde nós temos uma certa ideia, olha de repente, <u>nos pensamos muito sobre maneiras diferentes de fazer matemática para os alunos, nos sentidos dos sons, de usando música história, usando música, então, se de repente nós pensamos: olha nós podemos fazer permutações e combinações através de composições musicais, então vamos ver se algum aluno topa, indo nessa direção.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH19: Segundo a depoente, os membros do grupo pensam muito sobre as diferentes maneiras de se fazer matemática para os alunos, e exemplifica o caso dos sons ao utilizar música na prática pedagógica e o caso de trabalhar com permutações e combinações através de composições musicais.
O que é dito	CDLH19: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: sobre as diferentes maneiras de se fazer matemática para os alunos, e trabalha também com sons ao utilizar música na prática pedagógica.
Unidades de sentido	LH: [...] E muitas vezes as pessoas topam, porque quando você esta começando no seu mestrado, você pode vir com alguma ideia do que você gostaria de investigar, <u>mas nem sempre está tão clara, então, eu acho que é nesse sentido que nós escolhemos os temas, eu acho que nós sacrificamos as vezes uma certa sistematicidade</u> em termos de... Por exemplo, alguma pessoa tem falado para nós: por que vocês não ficam só com pessoas cegas?
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH20: Segundo a entrevista, quando os pesquisadores/orientadores indicam uma temática investigativa para o aluno, geralmente ele aceita, pois chegam ao grupo com propostas de pesquisas obscuras.
O que é dito	CDLH20: Da constituição da temática de investigação do grupo de pesquisa: o grupo indica

	uma temática investigativa para o aluno, geralmente ele aceita, pois chegam ao grupo com propostas de pesquisas obscuras.
Unidades de sentido	LH: [...] Poderia ter investido muito, mas de certa forma na metodologia que nós usamos é muito para fazer essa parceria com o que está acontecendo nas escolas, nem sempre permite, nós alargamos os sujeitos porque foi isso que foi sugerido pelo mundo prático e então o que é interessante para nós, para ver se as explicações e os aferimentos teóricos que nós estávamos construindo para se sentir seguros tem aplicação mais geralmente; <u>eu acho que tem e então eu acho que alguns programas de pesquisas, uma critica que poderia ser direcionado ao nosso programa de pesquisa, é que as vezes nós sacrificamos essa <i>sistematicidade</i> para uma <i>praticidade</i>.</u>
Enxerto Hermenêutico	Sistematicidade: segundo o dicionário Houaiss, refere-se à organização de diversos elementos em um sistema. Praticidade: no texto refere-se a característica daquilo que é prático.
Unidades de significado	LH21: A pesquisadora expõe que uma critica que poderia ser direcionada ao programa de pesquisa, no qual seu grupo está inserido, é que às vezes sacrificam a sistematicidade da investigação, para obter algo mais prático.
O que é dito	CDLH21: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o sacrifício da sistematicidade por uma praticidade.
Unidades de sentido	A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre.</i> LH: <u>Bom, eu acho que é principalmente a direção do grupo global é direcionado pelos pesquisadores de universidades e está ligada com um projeto financiando que nós temos, e como somos nós que escrevemos as propostas para as agências de fomento, nós que tomamos essas decisões e essa eu acho que [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH22: De acordo com a depoente, de seu ponto de vista, o projeto maior do grupo é elaborado pelos pesquisadores que estão ligados a projetos de pesquisas com financiamentos vigentes.
O que é dito	CDLH22: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: é elaborado pelos pesquisadores que estão ligados a projetos de pesquisas com financiamentos vigentes.
Unidades de sentido	LH: <u>Eu não vejo outra alternativa para falar a verdade, se eu olhar para minha trajetória como pesquisadora, fica muito claro para mim, como as trajetórias de pesquisas que acabam tendo visibilidade tem a ver com um certo modismo por parte das <i>agências de fomento</i>, então eu entrei no mundo da pesquisa nos anos oitenta, século passado, na Inglaterra naquele momento, o computador estava chegando na escola, então a minha chefe daquela época que também era a orientadora do meu doutorado, ela era de certa forma astuta porque ela percebeu que com aquilo ela teria chance de obter financiamento e se você olhar em nossos primeiros projetos, eles todos tem a ver com fazer matemática em colaboração, em grupos e por que isso estava tão na moda naquela época?</u>
Enxerto Hermenêutico	Agências de fomento: refere-se a órgãos que disponibilizam recursos para financiamento de pesquisas.
Unidades de significado	LH23: A pesquisadora afirma que para o projeto de pesquisa ter visibilidade, não vê alternativa, a não ser, o grupo se adequar ao modismo das agências de fomento.
O que é dito	CDLH23: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: para ter visibilidade, não vê alternativa, a não ser, o grupo se adequar ao modismo das agências de fomento.
Unidades de sentido	LH: [...] Porque as escolas tinham computadores, mas tinham muito pouco, então de repente as pessoas estavam interessadas em organizações pedagógicas que você coloque pessoas para trabalhar em grupo, por conta dessa novidade. <u>Atualmente nós vemos o investimento na área de inclusão e então quando nós procuramos financiamento nós temos que <i>dançar um pouco conforme a música</i> das pessoas que estão oferecendo dinheiro e então... Isso não decide as questões fundamentais do grupo, as questões fundamentais do grupo são decididas a partir dos resultados das pesquisas que nós estamos fazendo e nas crenças e premissas que fundamentam <i>isso</i>.</u>

Enxerto Hermenêutico	<i>Dançar um pouco conforme a música:</i> refere-se a um ditado popular que expõe a capacidade do indivíduo se adaptar em situações adversas.
Unidades de significado	LH24: Segundo a entrevistada, atualmente, quando o grupo pleiteia financiamento para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, este passa por adequações ao que o órgão financiador exige, porém, ressalta que as questões fundamentais de grupo são decididas a partir dos resultados de pesquisa desenvolvidas.
O que é dito	CDLH24: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: quando o grupo pleiteia financiamento para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, este passa por adequações que o órgão financiador exige, porém, ressalta que as questões fundamentais de grupo são decididas a partir dos resultados de pesquisa desenvolvidas.
Unidades de sentido	A: <i>De todos os participantes, colaborativamente?</i> LH: <u>Não. Como eu poderia falar? Eu acho que quando você tem um grupo de pesquisa, você consegue ter um grupo que é mais central e um que é mais periférico, algumas pessoas que vem para o nosso grupo, vêm e vão. Elas vêm para fazer certa qualificação e depois eles vão para outros horizontes, mas a pesquisa deles ainda deixa uma marca.</u> Por exemplo, o primeiro doutorando – não, a Solange foi a primeira doutoranda – um dos primeiros doutorandos nessa área que defendeu em 2002 com uma tese muito interessante que envolvia aprendizes com síndrome de Down, ele ainda tem conexão com o grupo, mas a conexão dele é mais periférica, ele agora está fazendo suas próprias coisas, ele está muito envolvido com o movimento Down no país inteiro, ele vai oferecer workshops e tudo que ele desenvolve na perspectiva dele, no doutorado dele e está indo nessa direção, mas o fato que ele fez pesquisa e os resultados que ele trouxe, o que eu posso olhar como outro olho também deixou uma marca no pensamento e nas preocupações do grupo, então é muito difícil falar se é tudo ou não.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH25: Segundo a pesquisadora entrevistada, a construção do projeto maior do grupo não acontece colaborativamente com os outros membros de pesquisa, e ressalta que existe no grupo pesquisadores que são mais centrais, e outros que vem e vão, que apenas passam pelo grupo com a finalidade de obter certa qualificação.
O que é dito	CDLH25: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: a construção do projeto maior do grupo não acontece colaborativamente com os outros membros de pesquisa, e ressalta que existe no grupo pesquisadores que são mais centrais, e outros que vem e vão, que apenas passam pelo grupo com a finalidade de obter certa qualificação.
Unidades de sentido	LH: <u>Não são todos diretamente não, absolutamente não, mas sem talvez algumas contribuições de pessoas que tiveram passagem pelo grupo, mas que não são participantes centrais, talvez as direções não seriam as mesmas. No fim os pesquisadores e os membros que ficam mais tempo colaborando conosco acabam fazendo mais contribuições para as direções seguidas.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH26: Segundo a entrevistada, a elaboração do projeto maior do grupo, não conta com a participação de todos os membros do grupo; e salienta contribuições de pesquisadores que tiveram passagem pelo grupo, que não são caracterizados participantes centrais do grupo. Ainda, ressalta que os pesquisadores e os membros que ficam mais tempo participando do grupo fazem as indicações e contribuições para os direcionamentos dos temas investigativos.
O que é dito	CDLH26: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: não conta com a participação de todos os membros do grupo; e salienta que conta com contribuições de pesquisadores que tiveram passagem pelo grupo; que os pesquisadores e os membros que ficam mais tempo participando do grupo fazem as indicações e contribuições para os direcionamentos dos temas investigativos.
Unidades de sentido	A: <i>Se for elaborado colaborativamente, como acontecem a exposição das ideias e respectivas reuniões para que constituam um tema que todos os participantes do GP se sintam incluídos?</i> LH: <u>Por exemplo, minha preocupação central é com o processo cognitivo de aprendizagem.</u>

Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH27: A pesquisadora afirma que sua preocupação central de pesquisa é com o processo cognitivo de aprendizagem.
O que é dito	CDLH27: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: a preocupação central de pesquisa é com o processo cognitivo de aprendizagem.
Unidades de sentido	LH: Eu sou muito interessada no aprendiz. <u>Atualmente eu tenho muito pessoas pesquisando no grupo sobre o professor e as práticas pedagógicas, então, eu acho que essa questão é muito importante, é uma questão central para o grupo, mas não é meu interesse pessoal. Estou interessada, mas não é minha paixão.</u> Se eu tiver poder de falar você vai fazer isso, e você isso e aquilo, eu poderia determinar exatamente a configuração de todas as salas de aulas, eu faria alguma coisa talvez diferente de tudo que nós já fizemos.
Enxerto Hermenêutico	Não é minha paixão: refere-se que a temática de investigação do grupo não é sua primeira opção de investigação, não é sua interrogação de fundo.
Unidades de significado	LH28: De acordo com a entrevistada atualmente no grupo existem muitas pesquisas investigando sobre o professor e as práticas pedagógicas, e em seu ponto de vista essa é uma questão importante e central para o grupo de pesquisa, ainda que não seja o seu maior interesse.
O que é dito	CDLH28: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente no grupo existem muitas pesquisas investigando sobre o professor e as práticas pedagógicas.
Unidades de sentido	LH: Então nesse sentido, eu acho que as escolhas das questões são bastante ecléticas... <u>Atualmente eu acho que nós temos um esforço muito grande na formação inicial de professores e talvez tenha a ver com essa preocupação no ambiente maior.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH29: A pesquisadora expõe que atualmente o grupo tem se esforçado em investigações sobre a formação inicial de professores.
O que é dito	CDLH29: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: atualmente no grupo existem muitas pesquisas investigando sobre a formação inicial do professor e as práticas pedagógicas.
Unidades de sentido	LH: <u>Na verdade é muito difícil para nós reunir todos os membros do nosso grupo em algum momento, é muito difícil, porque nos somos uma universidade particular e a grande maioria de nossos colaboradores tem outros compromissos de trabalho, e muitos deles nem moram no estado de São Paulo, então é muito difícil que nós tenhamos uma reunião onde todos estejam presentes...</u> Até queríamos, mas o que nós conseguimos são subgrupos que estão presentes em certo tempo cronológico, então as pessoas que estavam estudando em 2011, elas vão se reunir e vão discutir suas pesquisas, mas às vezes [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH30: Segundo a pesquisadora entrevistada, é muito difícil reunir todos os membros do grupo em um único momento, pois pertencem a uma universidade particular e a grande maioria dos pesquisadores tem outros compromissos de trabalho, e muitos deles não residem no estado de São Paulo.
O que é dito	CDLH30: Da constituição do projeto maior do grupo de pesquisa: é muito difícil reunir todos os membros do grupo em um único momento, pois pertencem a uma universidade particular e a grande maioria dos pesquisadores tem outros compromissos de trabalho, e muitos deles não residem no estado de São Paulo.
Unidades de sentido	LH: Às vezes não, sempre, <u>eu gostaria de ter um espaço com pessoas que já defenderam suas teses e que já estão em outros momentos, onde realmente reunindo todo mundo, todo mundo na mesma sala eu nunca vi, acho que nunca vou, mas eu acho que não tem essa...</u> Nós temos o histórico que de certa forma, eu e Solange estamos presentes ao longo de toda a história do grupo e nós sabemos os temas que já foram desenvolvidos e nós temos os atuais e as pretensões, mas é muito difícil para imaginar, inclusive porque alguns membros muito importantes para o grupo atualmente não são pesquisadores, eles são professores em município ou estados diferentes, então para coordenar e trazer eles [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH31: Segundo a depoente, gostaria de ter um espaço em seu grupo de pesquisa, no qual os

	pesquisadores que já finalizaram suas pesquisas participassem com os demais membros, onde realmente reunisse todos os membros na mesma sala, e salienta que isso nunca aconteceu.
O que é dito	CDLH31: Das reuniões do grupo de pesquisa: gostaria de ter um espaço em seu grupo de pesquisa, no qual os pesquisadores que já finalizaram suas pesquisas participem com os demais membros.
Unidades de sentido	A: <i>Como a senhora como coordenadora intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i> LH: Esta é ok. <u>Esta é uma questão interessante, talvez tenha um pouco a ver com o que eu já falei, sobre como a pesquisa vai de certa forma em ondas e às vezes você tem a felicidade de estar pesquisando um tema quando ele realmente atrai um interesse muito grande</u> , o que eu acho que está acontecendo no Brasil nessa área, quando nós começamos as pessoas não estavam muito interessadas, e é difícil porque você não tem um corpo de literatura muito grande, e se você quer apresentar, ninguém quer assistir suas questões, pois quando as pessoas leem o título do seu trabalho dizem: ah, não estou interessado em pessoas cegas, então não vou.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH32: Segundo a depoente, a questão de intuir a força de um tema de investigação é interessante e de seu ponto de vista se caracteriza como um ato de felicidade pesquisar um tema que atraia o interesse coletivo do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDLH32: Da força de um tema de pesquisa: intuir a força de um tema de investigação é interessante e se caracteriza como um ato de felicidade pesquisar um tema que atraia o interesse coletivo do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	LH: Então era bastante difícil, eu até me lembro de que tinha uma pesquisadora, o nome dela é Ana, ela não trabalha nessa área, trabalha em uma área completamente diferente, mas ela é muito experiente e uma vez que nós estávamos falando sobre nossas pesquisas, ela me disse: Lulu sua pesquisa é muito interessante, mas muitas pessoas vão pensar que vocês não interessam a elas, pois os interesses de vocês são específicos, <u>you tem que pensar com muita criatividade nos títulos quando você for fazer alguma apresentação em congressos para atrair pessoas para ouvir vocês falarem e talvez elas percebam que tenha uma... Não seja apenas uma pequena área de interesse</u> . Então, eu acho que essa preocupação estava presente; eu lembro a primeira que eu escrevi para um congresso que eu avalio como um dos melhores em nossa área que é o PME - Psychology of Mathematics Education – a primeira vez que nós escrevemos um artigo com o nosso trabalho com pessoas cegas lá, um dos pareceristas escreveram que o artigo tem valor, blá blá blá, sugere que está aceito, mas acha que na apresentação os pesquisadores tem que mostrar como o trabalho realizado com pessoas cegas é pertinente com pessoas que não sejam cegas. E eu tive duas reações, a primeira eu fiquei <i>puta da vida</i> , pois pensei, todos esses anos de pesquisa sobre videntes e por que nós temos mostrar uma coisa... Por que eu tenho que mostrar que essa pesquisa tem alguma coisa para mostrar para eles? Por outro lado, eu pensei bom talvez seja interessante eu mostrar isso, pois o que eles estão falando é que não entendem que entendendo as perspectivas do outro nos entenderemos as perspectivas dos outros, então talvez tenha sido importante ele falar isso.
Enxerto Hermenêutico	Putá da vida: neste contexto diz do modo pelo qual recebeu a avaliação: muito brava
Unidades de significado	LH33: De acordo com a pesquisadora entrevistada, quando os membros do grupo submetem publicações expondo suas investigações, precisa-se pensar com muita criatividade nos títulos, de modo que evidencie que o grupo não realiza pesquisas voltadas apenas para uma pequena área de interesse e também para que atraia ouvintes nas apresentações.
O que é dito	CDLH33: Das apresentações de pesquisas do grupo: quando os membros do grupo submetem publicações expondo suas investigações, precisa-se pensar com muita criatividade nos títulos, de modo que evidencie que o grupo não realiza pesquisas voltadas apenas para uma pequena área de interesse e também para que atraia ouvintes nas apresentações.
Unidades de sentido	LH: <u>Nesse momento, por um lado, talvez no início do grupo nós não tivemos essa preocupação e talvez o que tivemos tenha sido o voto do povo mesmo que agregaram no</u>

	<p><u>grupo, pois nós começamos com pessoas cegas e de repente tiveram várias outras pessoas que estavam querendo trabalhar com outras coisas, então os interesses talvez emergiram apesar da falta de planejamento, mas agora eu acho que nós sentimos com mais confiança para argumentar da relação de como estamos investigando essa área, vista como muito específica, na verdade ela permeia todas essas outras questões sobre aprendizagem matemática porque embora nós temos concentrado com pessoas com deficiência a questão da inclusão obviamente não está limita as pessoas com deficiências.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH34: De acordo com a entrevistada, em seu surgimento, o grupo não tinha a preocupação de pensar com muita criatividade nos títulos dos trabalhos publicados, pois começaram com pesquisas com pessoas cegas e posteriormente outros pesquisadores se interessaram em temáticas diferentes; ressalta que os interesses investigativos do grupo estão emergiram apesar da falta de planejamento; porém, atualmente os pesquisadores do grupo sentem mais confiança para argumentar sobre como estão investigando na área.</p>
O que é dito	<p>CDLH34: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: em seu surgimento, o grupo não tinha a preocupação de pensar com muita criatividade nos títulos dos trabalhos publicados e que atualmente os pesquisadores do grupo sentem mais confiança para argumentar sobre como estão investigando na área.</p>
Unidades de sentido	<p>LH: <u>As pessoas com deficiências eram de certa forma excluídas das pesquisas que trabalhavam internacionalmente com grupos marginalizados, pesquisas que trabalham com pessoas negras, pessoas com questões de discriminação por sexo, pessoas em condições de pobreza, grupos indígenas, quando nós olhamos essa literatura o grupo que não estava representado lá foi aquele com pessoas deficientes, então vamos contribuir com as questões de igualdade e sobre questões de poder, talvez estando em nível mais macro, mas também para pessoas que estejam interessadas em processos mais micro de conhecimento individual e sua associação com fatores sociais e tudo também, acho que isso tem valor em nosso trabalho.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH35: Segundo a depoente, de seu ponto de vista, as pessoas com deficiências eram de certa forma excluídas das pesquisas que trabalhavam internacionalmente com grupos marginalizados, com negros, com questões de discriminação por sexo, condições de pobreza, grupos indígenas; e salienta que o interesse do grupo é contribuir com as questões de igualdade e de poder.</p>
O que é dito	<p>CDLH35: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: as pessoas com deficiências eram de certa forma excluídas das pesquisas que trabalhavam internacionalmente com grupos marginalizados, com negros, com questões de discriminação por sexo, condições de pobreza, grupos indígenas; e salienta que o interesse do grupo é contribuir com as questões de igualdade e de poder.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo. Ou seja, de modo se dispõem ao grupo de pesquisa em termos de tempo, vontade, disposição para trabalhar o tema?</i></p> <p>LH: <u>Bom, é muito variável, algumas pessoas que vem fazer uma pós-graduação, mas não tem a pretensão em continuar pesquisando, elas buscam devolver para nós atividades de desenvolvimento profissional onde elas estão trabalhando [...]</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Pós-graduação: curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado.</p>
Unidades de significado	<p>LH36: Segundo a pesquisadora entrevistada, a permanência de ex-alunos ao grupo é muito variável, e salienta que algumas pessoas buscam a pós-graduação, mas não tem a pretensão em continuar pesquisando no grupo, e sim, buscam devolver para o grupo atividades de desenvolvimento profissional onde eles estão trabalhando.</p>
O que é dito	<p>CDLH36: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: é muito variável, e salienta que alguns pesquisadores buscam a pós-graduação, mas não têm a pretensão em continuar pesquisando no grupo, e sim, buscam devolver para o grupo atividades de desenvolvimento</p>

	profissional onde eles estão trabalhando.
Unidades de sentido	LH: [...] então nós tentamos criar certos mecanismos de troca nas quais ambos os lados acabam ganhando alguma coisa; <u>então para nós pode ser interessante que alguém vá trabalhar em uma escola específica, pois pode ter uma professora interessada por ter alguns alunos que realmente seriam interessantes para nós também trabalhar</u> , muitas vezes depois que nós trabalhamos em certas escolas, nós somos convidados a falar com o município, ou a região maior da área para compartilhar, e às vezes isso é bom para nós, pois acabamos ganhando mais membros para o grupo e algumas... Eu acho que também nós [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH37: Segundo a entrevistada, para o grupo é interessante que os pesquisadores formados no grupo trabalhem em escolas específicas, pois pode ter algum professor (a) interessado (a) na temática investigativa por ter alunos que realmente sejam interessantes para o grupo trabalhar.
O que é dito	CDLH37: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: é interessante que os pesquisadores formados no grupo trabalhem em escolas específicas, pois pode ter algum professor (a) interessado na temática investigativa por ter alunos que realmente sejam interessantes ao trabalho do grupo.
Unidades de sentido	LH: Além de pessoas que tenham passagem para o nosso grupo... <u>Nosso grupo é relativamente jovem, dez a doze anos, então os mestrandos normalmente tem a passagem mais rápida e mais nem sempre, pois alguns mestrandos voltam para fazer doutorado e outros não vão embora, pois querem continuar uma conexão, mas uma coisa que nós sentamos para fazer é escrever juntos</u> , então é muito comum para nós nos envolverem com pessoas mesmo depois delas terem ido embora, em um artigo conjunto... Porque geralmente é em algum assunto que ambos as partes vai ganhar alguma coisa [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH38: De acordo com a entrevistada, seu grupo de pesquisa é relativamente jovem, possui dez a doze anos, e ressalta que os mestrandos normalmente têm passagens rápidas e nem sempre voltam para realizar o doutoramento; e uma iniciativa de conexão são as produções de trabalhos em parceira com os atuais membros do grupo.
O que é dito	CDLH38: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: o grupo de pesquisa é relativamente jovem, possui dez a doze anos, e ressalta que os mestrandos normalmente têm passagens rápidas e nem sempre voltam para realizar o doutoramento; e uma iniciativa de conexão são as produções de trabalhos em parceira com os atuais membros do grupo.
Unidades de sentido	LH: Mas outras pessoas – <u>Léo, por exemplo, que foi meu <i>doutorando</i> que trabalha com síndrome de down – nossa conexão continua, pois ele me convida para fazer coisas e eu o convido também para fazer coisas aqui, mas não sei se nós vamos pesquisar juntos novamente, mas eu vou ficar informada sobre as atividades em que ele está envolvido e ele gosta de saber no que nós estamos envolvidos, então acho que isso é outra maneira...</u> Mas eu penso que outra coisa que nós não temos tocado talvez seja por causa da novidade desse tema no ambiente brasileiro, nos temos muito contatos com outros grupos de pesquisas que emergiram independentes de nós e esse contato também é extremamente importante para nós – temos em Rio Claro, temos no Rio de Janeiro, temos em vários lugares da Bahia, temos em Sergipe – e eu acho que o contato que nós temos com esses grupos também é importante de modo a influenciar a direção que tomamos.
Enxerto Hermenêutico	<i>Doutorando:</i> refere-se ao aluno (a) que recebe orientação de um pesquisador doutor no desenvolvimento de investigações que visam à obtenção do título de doutor.
Unidades de significado	LH39: Segundo a depoente existe uma conexão com os ex-alunos do grupo e cita o exemplo do ex-aluno Léo, que foi seu orientando de doutorado e tinha como temática investigativa a síndrome de down, e atualmente, ele estabelece convites de trabalho e a pesquisadora ressalta que retribui, convidando também para fazer coisas com o grupo; ainda salienta que pode acontecer de não desenvolver pesquisas com ex-aluno, mas existe uma ligação em que fica informada das atividades em desenvolvimento desse pesquisador, que também gosta de saber o que o grupo está desenvolvendo.

O que é dito	CDLH39: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: existe uma conexão com os ex-alunos do grupo e cita o exemplo do ex-aluno Léo, que foi seu orientando de doutorado e tinha como temática investigativa a síndrome de down, e atualmente, ele estabelece convites de trabalho e a pesquisadora ressalta que retribui, convidando também para fazer coisas com o grupo; ainda salienta que pode acontecer de não desenvolver pesquisas com ex-aluno, mas existe uma ligação em que fica informada das atividades em desenvolvimento desse pesquisador, que também gosta de saber o que o grupo está desenvolvendo.
Unidades de sentido	A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo de pesquisa? E essa produção é credenciada em nome de quem? Como o grupo decide a autoria do produto publicado?</i> LH: Tá. <u>Essa é uma questão muito importante, mas na verdade é uma questão velha para mim porque quando eu comecei a trabalhar... Eu comecei a trabalhar em projetos que sempre teve mais de uma pessoa envolvida, quando eu entrei, eu era menos poderosa, era assistente de pesquisa, mas eu tive muita sorte, pois a Celia Hoyles que era a minha orientadora e também a diretora do primeiro <i>projeto</i> de pesquisa que eu fiz, ela é uma pesquisadora com muita ética e então, eu era muito jovem quando comecei, mas logo no início ela falou uma coisa que é muito importante e que nós começaríamos estabelecendo maneiras de decidir coisas</u> , como por exemplos, a ordem dos autores nos artigo, porque essa no fim é sua moeda e então nós temos certos mecanismos para fazer isso, em geral a pessoa que concebe e faz o primeiro esboço do artigo vai ser colocada como primeira autor e as outras pessoas vão ser decididas um por nível de contribuição ou por ordem alfabética se não tiver outro critério, mas essa é uma questão muito importante, também agora somos.
Enxerto Hermenêutico	Projeto: segundo Bicudo (1999), pro-jetar é lançar à frente, atualizando-se em ações na temporalidade e na espacialidade mundanas.
Unidades de significado	LH40: Segundo a depoente, quando começou a sua vida como pesquisadora, trabalhava com projetos que tinham o envolvimento de vários outros pesquisadores, em seu ponto de vista, teve sorte sua orientadora, Celia Hoyles, é uma pessoa muito ética; e ressalta que uma das orientações de sua orientadora, era que para desenvolver uma pesquisa seria necessário primeiramente estabelecer critérios para decidir certas coisas, como por exemplo, a ordem dos autores nos artigos.
O que é dito	CDLH40: Do credenciamento das pesquisas do grupo: quando começou a sua vida como pesquisadora, trabalhava com projetos que tinham o envolvimento de vários outros pesquisadores, em seu ponto de vista, teve sorte sua orientadora, Celia Hoyles, é uma pessoa muito ética; e ressalta que uma das orientações de sua orientadora, era que para desenvolver uma pesquisa seria necessário primeiramente estabelecer critérios para decidir certas coisas, como por exemplo, a ordem dos autores nos artigos.
Unidades de sentido	LH: <u>Tem a questão também para quando você busca financiamentos, porque para pesquisadores... eu agora sou velha, então eu tenho certa experiência e certo currículo ou então nós temos que balancear, pois se estamos pedindo dinheiro é melhor colocarmos uma pessoa menos experiente, para que ela tenha a oportunidade de crescer e tudo ou nós não vamos arriscar e colocar uma pessoa com o currículo melhor</u> , então esse é um outro balanço que eu penso importante de fazer. E nós arriscamos porque, eu acho importante que os jovens pesquisadores tenham... Eu aprendi um recado muito importante no meu trabalho na Inglaterra, eu trabalhei com uma pessoa extremamente famosa, ela é uma medalhista da Hans Freudenthal e tudo, e então enquanto eu estava lá na Inglaterra, meu trabalho era o trabalho dela, as pessoas não iriam falar o trabalho de Lulu Healy, ou o trabalho de Celia Hoyles, talvez algumas pessoas falariam o trabalho de Celia Hoyles faz junto com Lulu Healy, mas se você quer fazer um nome independente de uma pessoa que tem uma associação muito grande não é muito fácil e tem que ter uma separação [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH41: De acordo com a pesquisadora entrevistada, o credenciamento das pesquisas do grupo leva em conta a questão dos financiamentos, e salienta que se o grupo está pedindo dinheiro é

	melhor colocar um pesquisador menos experiente, para que ele tenha a oportunidade de crescer profissionalmente.
O que é dito	CDLH41: Do credenciamento das pesquisas do grupo: leva em conta a questão dos financiamentos, e salienta que se o grupo está pedindo dinheiro é melhor colocar um pesquisador menos experiente, para que ele tenha a oportunidade de crescer profissionalmente.
Unidades de sentido	LH: <u>Não sei se é necessário ter uma separação, mas você tem que respeitar esses mecanismos para não deixar uma pessoa receber os frutos do trabalho dos outros.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH42: A entrevistada afirma não saber se é necessário ter uma separação entre os pesquisadores jovens e os mais experientes, mas você tem que respeitar esses mecanismos para não deixar uma pessoa receber os frutos do trabalho dos outros.
O que é dito	CDLH42: Do credenciamento das pesquisas do grupo: não saber se é necessário ter uma separação entre os pesquisadores jovens e os mais experientes, mas é de parecer que se respeite esses mecanismos para não deixar uma pessoa receber os frutos do trabalho dos outros.
Unidades de sentido	LH: <u>Sobre a apresentação do grupo, agora nós temos um site, em nosso site nós temos várias páginas, algumas introduzindo o grupo, uma página que nós temos todos os pesquisadores que quiseram colocar seus <i>currículos Lattes</i> e depois que nós já havíamos lançado o site teve uma professora daqui até que falou: eu quis achar seu site e eu busquei pelo seu nome, e busquei pelo nome de Solange e não achei seu site. E na verdade nossos nomes não aparecem em destaque, não tem nomes de coordenadores nessas páginas, essa não foi uma decisão consciente, na página da equipe os nomes estão em ordem alfabética, o jeito brasileiro com o primeiro nome.</u>
Enxerto Hermenêutico	Currículo Lattes: refere-se ao curriculum elaborado a partir das exigências da Plataforma Lattes, criada e mantida pelo CNPq em uma plataforma que traz dados dos pesquisadores brasileiros.
Unidades de significado	LH43: Segundo a entrevistada, as apresentações das pesquisas do grupo acontecem no site do grupo, o qual tem várias páginas, a saber: de publicações, de introdução e dos pesquisadores com seus respectivos currículos Lattes do grupo.
O que é dito	CDLH43: Da apresentação das pesquisas do grupo: acontecem no site do grupo, o qual tem várias páginas, a saber: de publicações, de introdução e dos pesquisadores com seus respectivos currículos Lattes do grupo.
Unidades de sentido	LH: <u>E lá no site tem todos nossos artigos também e então nós publicamos em jornais, em livros, em congressos nacionais e internacionais, nós desenvolvemos materiais que também são disponibilizados até certo ponto no site, obviamente tem que ser uma publicação associada primeiro para garantir a associação com a pessoa que desenvolveu o trabalho [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH44: A entrevistada afirma que além da disponibilização de publicações no site do grupo, também publicam em jornais, em livros, em congressos nacionais e internacionais.
O que é dito	CDLH44: Da apresentação das publicações do grupo: além da disponibilização de publicações no site do grupo, também publicam em jornais, em livros, em congressos nacionais e internacionais.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>isso inclui <i>softwares</i> também [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Softwares: refere-se a um conjunto de componentes lógicos de um computador ou programa específico que realiza o processamento de dados.
Unidades de significado	LH45: Segundo a pesquisadora entrevistada, o grupo também desenvolve e disponibiliza por meio do seu site, softwares.
O que é dito	CDLH45: Da apresentação das publicações do grupo: desenvolve e disponibiliza por meio do seu site, softwares com produtos do grupo.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>nós também participamos muito em eventos para professores em semanas de licenciatura em eventos como aquele em Rio Claro – Seminário de Matemática e Educação Matemática - <i>SMEM</i> no departamento de matemática da UNESP/RC – então, nós apresentamos nosso trabalho, em particular nós gostamos de ir para estados que são mais distantes dos centros</u>

	<p><u>de pesquisas em Educação Matemática no Brasil porque lá nos achamos professores que são muito abertos para ouvir porque eles não têm muitas chances</u>, não tem muito contato com a pós-graduação e então eles estão enfrentando... Muitas vezes nas comunidades menores no Brasil eles já estão fazendo abordagens, inclusive já fazem há muito tempo, mas como elas são de comunidades pequenas então membros de comunidades são membros de suas comunidades e acho que nós temos muito a aprender deles, é diferente de São Paulo que nós somos mais classificados por poder e condição.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p>SMEM: Seminário de Matemática e Educação Matemática no departamento de matemática da UNESP de Rio Claro - SP.</p>
Unidades de significado	<p>LH46: Segundo a depoente, os membros do grupo participam de eventos para professores, realizados em semanas de licenciatura, em eventos como os SMEM's de Rio Claro - SP; salienta que gostam de ir para estados que são mais distantes dos centros de pesquisas em Educação Matemática no Brasil, pois encontram professores que são abertos para ouvir por não têm muitas chances de diálogo.</p>
O que é dito	<p>CDLH46: Da apresentação das publicações do grupo: participam de eventos para professores, realizados em semanas de licenciatura, em eventos como os SMEM's de Rio Claro - SP; salienta que gostam de ir para estados que são mais distantes dos centros de pesquisas em Educação Matemática no Brasil, pois encontram professores que são abertos para ouvir por não têm muitas chances de diálogo.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. A senhora considera essa característica de "institucionalidade" importante?</i></p> <p>LH: <u>Então, esse é até um problema, como eu te disse, eu tenho dois grupos cadastrados no CNPq, um que originalmente era cadastrado na PUC-SP, Tecnologias e meios de expressão em matemática e agora muito recentemente, acabou de ser certificado nessa instituição - UNIBAN, nós abrimos outros que eu esqueci o nome, mas que tem inclusão no título o outro não tem inclusão no título.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>UNIBAN: refere-se à Universidade Bandeirantes de São Paulo. CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.</p>
Unidades de significado	<p>LH47: De acordo com a pesquisadora entrevistada, o fato de o grupo ser institucionalizado se caracteriza como um problema, pois ela coordena dois grupos cadastrados no CNPq, o primeiro originalmente cadastrado na PUC-SP, visando investigações voltadas para tecnologias e meios de expressão em matemática; e agora recentemente, foi cadastrado na universidade UNIBAN o segundo grupo, Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação.</p>
O que é dito	<p>CDLH47: Da institucionalização do grupo de pesquisa: se caracteriza como um problema, pois ela coordena dois grupos cadastrados no CNPq, o primeiro originalmente cadastrado na PUC-SP, visando investigações voltadas para tecnologias e meios de expressão em matemática; e agora recentemente, foi cadastrado na universidade UNIBAN o segundo grupo, Educação Matemática, Inclusão e Tecnologias de Mediação.</p>
Unidades de sentido	<p>Tudo que eu falo hoje foge um pouco desse grupo - Tecnologias e meios de expressão em matemática – mas foi criado dentro desse ambiente, nós usamos as tecnologias, nos usamos na maneira mais ampla e se você ler a justificativa do grupo se fala bastante em inclusão, mas na verdade <u>nós decidimos recentemente em abrir um novo por que... Por pressão para falar a verdade, por pressão e por nome, pois como o nome desse grupo não tem nada sobre diferença ou inclusão</u>, nós pensamos que provavelmente seria bastante associado com tecnologias digitais embora que não era essa intenção, então nós não sabíamos se era possível mudar o nome do grupo e nós tivemos pensamentos diferentes, eu acho que uma coisa que é interessante são grupos com uma historicidade longa, inclusive é interessante saber que você foi lá e buscou os grupos com certa idade, mas então eu resisti à criação de um novo grupo, mas hoje, por exemplo, nada a ver com isso, mas estava trabalhando com um doutorando e ele estava lendo o trabalho de doutorado de outra pessoa de outra instituição que associa que fala que um aluno meu desta instituição fez o projeto dele dentro do ambiente de grupo de pesquisa TECMEN que</p>

	é da PUC-SP, e não é, então eu fiquei irritada, mas eu não sei... Porque originalmente o grupo nasceu lá, eu creio que eles ainda usam esse nome lá, mas não... O grupo no CNPq que tem esse nome não é mais da PUC-SP é da Universidade Bandeirantes, outros problema é que nossa universidade muda de nome a cada dez minutos, cada vez que nós somos vendidos para outra instituição o nome muda, então essa questão [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH48: De acordo com a depoente, o grupo decidiu criar um novo grupo de pesquisa por pressão e visando a mudança na nomenclatura do novo grupo, pois segundo ela o fato de o grupo primeiro grupo ter em seu título tecnologia, o grupo a usa em um sentido mais amplo.
O que é dito	CDLH48: Da criação de grupos de pesquisa: decidiu criar um novo grupo de pesquisa por pressão e visando a mudança na nomenclatura do novo grupo, pois segundo ela o fato do grupo primeiro grupo ter em seu título tecnologia, o grupo a usa em um sentido mais amplo.
Unidades de sentido	LH: <u>Para mim o grupo é mais associado com as pessoas que estão dentro do grupo e não são todas as pessoas... Embora que o <i>coordenador do grupo</i> esteja nessa instituição e recebemos certo apoio para a continuação do grupo existem pessoas de várias outras instituições que pertencem a esse grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	Coordenador do grupo: professor da pós-graduação que organiza e dinamiza as atividades do curso.
Unidades de significado	LH49: A pesquisadora afirma que o grupo é associado, de seu ponto de vista a seus pesquisadores/membros; e salienta que tanto o coordenador, que está na instituição, como vários outros pesquisadores que pertencem ao grupo e são de outras instituições, recebem apoio para continuar desenvolvendo as ações investigativas.
O que é dito	CDLH49: Da institucionalização do grupo de pesquisa: o grupo é associado, de seu ponto de vista a seus pesquisadores/membros; e salienta que tanto o coordenador, que está na instituição, como vários outros pesquisadores que pertencem ao grupo e são de outras instituições, recebem apoio para continuar desenvolvendo as ações investigativas.
Unidades de sentido	A: <i>Em que essa característica contribui com o fortalecimento do grupo (ou não) do seu grupo?</i> LH: <u>Acho que não. Bom, o fato que eu não sei em alguns sentidos nós temos que falar sim, pois em alguns sentidos a continuação de grupo em grande parte, não exclusivamente, mas em grande parte são de pessoas que vem fazer pós-graduação, então nesse sentido sim, mas o... (eu não sei se eu sei responder essa questão) porque não é por acidente que tem certas pessoas mesmo da mesma instituição que trabalham bem juntas para criar um grupo que consegue funcionar, então nesse sentido a instituição é fundamental, mas por outro lado que eu acho que nosso grupo agora nós temos colaboradores no Canadá, na Inglaterra, colaboradores em diferentes [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH50: De acordo com a pesquisadora entrevistada, de seu ponto de vista, a continuação do grupo está ligada, não exclusivamente, mas em grande parte com os pesquisadores que buscam o grupo por conta da pós-graduação.
O que é dito	CDLH50: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a continuação do grupo está ligada, não exclusivamente, mas em grande parte aos pesquisadores que buscam o grupo por conta da pós-graduação.
Unidades de sentido	LH: [...] eu não sei se eles todos constam na lista do grupo do CNPq, inclusive os internacionais eu acho que não, pois nem currículo Lattes eles têm, então eu não sei se o grupo sem nenhuma associação com alguma instituição, o grupo não iria existir [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH51: Segundo a depoente, a existência do grupo está ligada ao vínculo com os alunos e ex-alunos do grupo; e salienta que atualmente o grupo tem colaboradores do Canadá e Inglaterra; muitos deles não constam na lista do CNPq, pois não possuem currículo Lattes, desse modo afirma que se o grupo não apresentar associação com alguma instituição, o grupo não existiria.
O que é dito	CDLH51: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a existência do grupo está ligada ao

	<p>vínculo com os alunos e ex-alunos do grupo; e salienta que atualmente o grupo tem colaboradores do Canadá e Inglaterra; muitos deles não constam na lista do CNPq, pois não possuem currículo Lattes, desse modo afirma que se o grupo não apresentar associação com alguma instituição, o grupo não existiria.</p>
Unidades de sentido	<p>LH: [...] então nesse sentido é muito importante, <u>mas eu vejo o grupo como além da instituição, talvez é porque nós mantemos um contato muito forte com os professores que são de várias instituições diferentes</u>, tem passagem para nós... Nesse sentido... (qual era mesmo a questão?).</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH52: A entrevistada afirma que vê o grupo como além da instituição, talvez pelo fato do grupo apresentar um contato muito forte com os professores de instituições diferentes.</p>
O que é dito	<p>CDLH52: Da institucionalização do grupo de pesquisa: vê o grupo como além da instituição, talvez pelo fato do grupo apresentar um contato muito forte com os professores de instituições diferentes.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Em que essa característica contribui com o fortalecimento do grupo (ou não) do seu grupo?</i></p> <p>LH: [...] então, <u>eu acho que sim</u>, porque se [...]</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH53: Segundo a entrevistada a característica de institucionalização contribui para o fortalecimento do grupo, pois estabelece relações com diferentes pesquisadores de diferentes instituições.</p>
O que é dito	<p>CDLH53: Da institucionalização do grupo de pesquisa: contribui para o fortalecimento do grupo, pois estabelece relações com diferentes pesquisadores de diferentes instituições.</p>
Unidades de sentido	<p>LH: Você perguntou em algum momento sobre reunião, e eu respondi que era muito difícil e então, <u>as reuniões que nós conseguimos mesmo são porque as pessoas estão fazendo cursos dentro da mesma instituição, então sem essa seria mais difícil, entretanto o fato que nós temos membros...</u> Por exemplo, uma de minhas colegas do Canadá, estamos trabalhando juntas... Ela faz parte do nosso grupo já há quase dez anos agora, então é possível para ter colaborações de longo tempo e colaboração forte que transcendemos a instituição, então talvez eu esteja falando que a instituição é importante, mas ela não é tudo.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>LH54: De acordo com a entrevistada, as reuniões que o grupo desenvolve conta com a participação dos pesquisadores que pertencem à mesma instituição.</p>
O que é dito	<p>CDLH54: Das reuniões do grupo de pesquisa: as reuniões que o grupo desenvolve conta com a participação dos pesquisadores que pertencem à mesma instituição.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Segundo sua visão, o que significa ser institucional?</i></p> <p>LH: [...] Ah então, enquanto eu estava respondendo sua questão, estava pensando na unidade em que eu trabalho na Universidade pra quem eu trabalho <u>então eu poderia pensar que fosse mais amplo, falando em Sociedade Brasileira em Educação Matemática - SBEM</u>, mas, eu acho que uma coisa que é importante e tem realmente a ver, em instituição, é que nós temos um certo <u>orgulho do nosso grupo</u>, e esse orgulho também tem associação com a Instituição que nos <u>pertence</u>.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p>SBEM: Sociedade Brasileira em Educação Matemática.</p>
Unidades de significado	<p>LH55: De acordo com a depoente, em seu ponto de vista, levando em consideração a SBEM é importante ter certo orgulho do grupo, e esse orgulho também tem associação com a Instituição que o grupo está inserido.</p>
O que é dito	<p>CDLH55: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante ter certo orgulho do grupo, e esse orgulho também está associado à Instituição que o grupo está inserido.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Esse aspecto influencia os modos de produção do Grupo de Pesquisa?</i></p> <p>LH: <u>Eu acho que sim, pois, a criação de site que é uma atividade relativamente recente, bom, eu acho que tem duas coisas, uma é uma questão que o que nos sentimos do nosso trabalho, que</u></p>

	<u>gostaríamos de disseminar e a outra é mais negativa, eu acho que o <i>mundo acadêmico</i>, nem sempre é um mundo mais decente que nós gostaríamos, e então tem certa motivação nas produções que é pra nós, nós fizemos isso, nesta data, pra quando parece mais pra frente nós temos alguma maneira pra mostrar, por exemplo, todos os aplicativos que nós criamos [...]</u>
Excerto Hermenêutico	<i>Mundo acadêmico</i> : refere-se ao ambiente da pós-graduação.
Unidades de significado	LH56 : Segundo a entrevistada, a institucionalização do grupo influencia em seu modo de produção; e salienta que, por exemplo, a criação do site do grupo, que é uma atividade recente tem dois lados, o primeiro de disseminar nossas produções; e o segundo, negativo, pois em seu ponto de vista, o mundo acadêmico não é sempre decente em relação a produções.
O que é dito	CDLH56 : Da institucionalização do grupo de pesquisa: influencia o modo de produção do grupo e expõe existir duas vertentes, a primeira a de disseminar as produções; e a segunda, negativo, pois de seu ponto de vista, o mundo acadêmico não é sempre decente em relação a produções.
Unidades de sentido	LH : [...] quando eu vou para fazer uma apresentação e depois as pessoas dizem, ah <u>gostaríamos de cópias da calculadora musical e colorida, e a Solange diz pra mim, nem seu nome está escrito nesse software que você está dando, então não fica surpresa se depois de algum tempo, alguém aparece e coloca outra cara, associada a outro nome, então agora nós colocamos, e também isso foi a motivação para a disseminação através de sites, uma maneira para pessoas interessadas poderem achar.</u> Todos aqueles que estão no site, mas na verdade tem mais pessoas agora, porque o que acontece, esse grupo era pessoas que nós tiramos quando elas se formam e algumas ficam como pesquisadores, mas no site da Matemática Inclusiva nós não tiramos, só tiramos se a pessoa diz que não quer mais. Então uma vai ser estimativa e outra vai ser..., para fazer uma média.
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH57 : Segundo a entrevistada, alguns softwares produzidos pelo grupo são disponibilizados, em alguns casos, sem nenhum credenciamento do grupo, e salienta que por esse motivo esse mesmo material pode ser reproduzido e publicado com outra nomenclatura. Ainda, que a disseminação através de sites, é o modo de as pessoas interessadas encontrarem os materiais do grupo.
O que é dito	CDLH57 : Da institucionalização do grupo de pesquisa: alguns softwares produzidos pelo grupo são disponibilizados, em alguns casos, sem nenhum credenciamento do grupo, e salienta que por esse motivo esse mesmo material pode ser reproduzido e publicado com outra nomenclatura; que a disseminação através de sites, é o modo de as pessoas interessadas encontrarem os materiais do grupo.
Unidades de sentido	A : <i>Essa permanência ela é positiva, do seu ponto de vista? Para quem? Para a sua instituição? Para aquela onde o/a participante do grupo trabalha?</i> LH : Bom, eu acho que é positiva para o grupo. Eu acho que o maior número de pessoas que <u>mantem o compromisso durante longo tempo a contribuir com essa área mais que nós como grupo aprendemos</u> , nosso banco de dados aumenta e então as análises que nós podemos fazer também aumenta bastante, uma das razões que no início eu era muito reticente sobre publicar era pela natureza do trabalho que nós fazemos o número de alunos que nós trabalhamos é muito reduzido, então eu fiquei preocupada que nós estávamos fazendo afirmações bastantes fortes baseadas em evidências com poucas pessoas e na verdade essa é uma característica do tipo de pesquisa que nós fomos fazer e não vai mudar, só se nós sairmos pela rua cegando as pessoas, porque o número de pessoas que nascem com deficiência está diminuindo por conta dos cuidados no pré-natal e tudo, então fazer pesquisa em grande escala não vai acontecer [...]
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH58 : A pesquisadora afirma que a permanência de ex-alunos é positiva para o grupo; e salienta que quanto maior for o número de pesquisadores mantendo contato e compromisso com o grupo contribui com a área e com a aprendizagem de todos os membros do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDLH58 : Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: é positiva para o grupo, pois

	quanto maior for o número de pesquisadores em contato e compromisso com o grupo, maior será a contribuição com a área pesquisa.
Unidades de sentido	LH: [...] <u>mas a permanência do grupo maior nossas experiências são muito intensivas, mas agora o número de experiências que nós temos está virando para mim mais significativas, eu posso falar com mais segurança sobre as conclusões que nós estamos chegando, então nesse sentido a permanência dos pesquisadores é muito importante, eu acho que é importante para essa instituição,</u> eu acho que nós temos evidências para falar isso que nós estamos atraindo, o nome de nossa pesquisa está atraindo pesquisadores praticamente para fazer doutorado aqui, então eles conhecem nosso trabalho de uma forma ou de outra [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH59: Segundo a entrevistada, as experiências do grupo de pesquisa contribuem para a permanência de um número maior de pesquisadores vinculados no grupo; e salienta que em seu caso particular, atualmente sua experiência contribui para falar com propriedade sobre as conclusões das pesquisas realizadas no grupo de pesquisa.
O que é dito	CDLH59: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: as experiências do grupo de pesquisa contribuem para a permanência de um número maior de pesquisadores vinculados ao grupo; e salienta que em seu caso particular, atualmente sua experiência contribui para falar com propriedade sobre as conclusões das pesquisas realizadas no grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	LH: Podendo ser através do Renato, através de um caminho ou outro e então eu acho que ai a instituição ganha muito no sentido de publicações, nesse sentido. <u>E eu acho que também as outras instituições acabam ganhando porque abrem novas linhas de pesquisas em outras instituições, mas é mais do que isso, eu acho que é a área.</u>
Enxerto Hermenêutico	Linhas de pesquisas: refere-se às temáticas investigativas de determinada linha investigativa.
Unidades de significado	LH60: Segundo a entrevistada, a permanência de ex-alunos no grupo contribui para o grupo e também, para as instituições em que os pesquisadores são vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas.
O que é dito	CDLH60: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: contribui para o grupo e também, para as instituições em que os pesquisadores estão vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas.
Unidades de sentido	A: <i>Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo a senhora de que modo eles avançam aqui, em seu grupo de pesquisa, e lá, em sua instituição?</i> LH: Ele aprofunda lá. <u>Ele aprofunda na contribuição que ele está fazendo para a área que nós estamos trabalhando, se ele quer continuar sendo membro do grupo é porque ele sente alguma afinidade e alguma identificação com os trabalhos que nós realizamos, se ele publica junto conosco ele está aprofundando nos dois lugares, se ele está orientando outro aluno, talvez esse aluno nunca irá publicar com pessoas de nossas instituição, mas se nós continuarmos com ele, o trabalho do aluno dele diretamente também vai contribuir para o aprofundamento do nosso trabalho,</u> mas eu acho que é mais usual, por exemplo, um exemplo concreto, eu não sou muito boa em falar de generalidade, nós temos agora uma ligação muito forte com Ilhéus – BA com a Universidade Estadual de Santa Cruz, e nenhum dos pesquisadores de lá é diretamente um membro do nosso grupo, talvez depois dessa conversa com você, eu até vou convidá-los e colocá-los, mas uma delas era uma professora daqui, mas quando ela estava trabalhando aqui, ela não trabalhava nessa área, outro deles veio fazer o doutorado comigo, no primeiro momento, mas por motivos históricos que não são interessantes para aprofundarmos agora eu tive que sair da instituição e ele não fez o doutorado comigo, fez doutorado na área. Agora nós através desta colaboração encontramos outra pesquisadora lá que... na verdade ela vai qualificar amanhã e então, o propósito do grupo indiretamente, agora nós estamos trabalhando juntos, mas é mais por ligações dos grupos. Sim, eu acho que vou falar com eles, se eles querem fazer parte do nosso grupo no CNPq, eu não sou muito boa com essas coisas administrativas, sabe!
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	LH61: Segundo a entrevistada, a permanência de ex-alunos no grupo contribui para o grupo e também, para as instituições em que os pesquisadores são vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas e aprofundam na contribuição que está desenvolvendo para a área de investigação.
O que é dito	CDLH61: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: contribui para o grupo e também, com as instituições em que os pesquisadores são vinculados, pois eles acabam ganhando aberturas de novas linhas de pesquisas e aprofundam na contribuição que está desenvolvendo para a área de investigação.
Unidades de sentido	LH: Então, <u>nesse sentido, o que eles estão fazendo nos dos mestrados deles a gente nunca vai saber, na verdade nós estávamos lá recentemente olhando para os dados que eles coletaram com o intuito de escrevermos um artigo juntos sobre os dados deles, então eu acho que na nossa área que ainda tem relativamente poucas pessoas pesquisando, se nós conseguirmos fazer isso de maneira que confiamos, de uma maneira ética, onde as pessoas se sintam valorizadas, sentem que tem equidade na distribuição de qualquer produção etc. eu acho que tudo muda, as instituições lá e a daqui acabam ganhando.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LH62: De acordo com a depoente, o que o ex-aluno que mantém vínculo com o grupo está realizando em suas orientações, em sua instituição de ensino, o grupo nunca vai saber; mas o que interessa para o grupo são os dados que estão sendo coletados, com o intuito de escreverem artigos juntos; e salienta que em seu ponto de vista, na área de investigação do grupo existem poucos pesquisadores.
O que é dito	CDLH62: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: o que o ex-aluno que mantém vínculo com o grupo está realizando em suas orientações, em sua instituição de ensino, o grupo nunca vai saber; mas o que interessa para o grupo são os dados que estão sendo coletados, com o intuito de escreverem artigos juntos; e salienta que em seu ponto de vista, na área de investigação do grupo existem poucos pesquisadores.
Unidades de sentido	A: <i>Bom, foram essas questões que havia selecionado para essa conversa e nesse momento, abro um espaço, caso a senhora queira falar mais alguma coisa.</i> LH: Eu acho que para mim, quando você começou a falar de grupo de pesquisa, eu perguntei: você está falando do grupo de pesquisa do CNPq? Porque também outra coisa que eu acho... Para nossa área, quando estou falando de nossa área, eu acho que estou falando do que é batizado agora de diferença e inclusão a Educação Matemática um momento muito importante foi à criação do novo grupo de trabalho do SIPEM – Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, que acho que... Por acaso eu também sou coordenadora, eu não tinha certeza se era aquele grupo de trabalho ou ao outro que você estava falando e aquele grupo para mim, nesse momento talvez é porque você cria alguma coisa que... Um momento de criação é um momento de satisfação e orgulho e eu acho que esse... <u>Para mim, uma marca da importância dos diferentes grupos de pesquisa e a importância de ter essa possibilidade de se juntar, por exemplo, no grupo de Rio Claro que eu realmente tenho uma relação bastante direta, eu sei que o grupo de nosso trabalho embora nem sempre trabalhamos com as mesmas referências, a vinda do professor <i>Ole</i> tem mudado um pouco algumas direções de nossos trabalhos, porque você traz um outro olhar, então eu acho que essa colaboração desses grupos também é uma outra coisa que fortaleceu muito nosso grupo de pesquisa.</u> Eu não sei, mas também não sei se é sorte ou se é uma característica do campo da Educação Matemática em geral, mas, nossas experiências na criação dessas é muito feliz em termos da relação entre os diferentes grupos de pesquisas em termos de abertura, sabe de troca, não tive muito. A: <i>Obrigado professora Lulu Healy, mais uma vez agradeço sua disposição em colaborar com minha pesquisa.</i>
Enxerto Hermenêutico	Ole: refere-se ao pesquisador dinamarquês Ole Skovsmose.
Unidades de significado	LH63: Segundo a pesquisadora entrevistada, de seu ponto de vista, uma marca da importância

	dos diferentes grupos de pesquisa é a possibilidade de se juntarem, por exemplo, no grupo de Rio Claro que estabelece uma relação bastante direta; e também que a vinda do professor Ole Skovsmose tem mudado algumas direções dos trabalhos do grupo, pois é trazido e apresentado outro olhar, e ressalta que esse tipo de colaboração tem fortalecido seu grupo de pesquisa.
O que é dito	CDLH63: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: uma marca da importância dos diferentes grupos de pesquisa é a possibilidade de se juntarem, por exemplo, o grupo de Rio Claro com o qual estabelece uma relação bastante direta; e também que a vinda do professor Ole Skovsmose tem mudado algumas direções dos trabalhos do grupo, pois é trazido e apresentado outro olhar, e ressalta que esse tipo de colaboração tem fortalecido seu grupo de pesquisa.

A terceira entrevista realizada ocorreu no dia 10 de setembro de 2014 das 10 às 12 horas no departamento de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, na cidade de Campinas - SP. O pesquisador entrevistado é o Professor Dr. **Dario Fiorentini**, líder de pesquisa do Grupo de Estudo e Formação de Professores de Matemática.

Sujeito Significativo DF: prof. Dr. Dario Fiorentini

Unidades de sentido	A: <i>O senhor poderia, por favor, apresentar o seu grupo de pesquisa?</i> DF: Bom, na verdade atualmente tenho dois grupos de pesquisa de natureza mais acadêmica que é o grupo de pesquisa PRAPEM – Prática Pedagógica em Matemática, esse é mais voltado aos mestrados e doutorandos. O grupo de pesquisa GFPM – Grupo de Estudo e Formação de Professores de Matemática é um grupo que foi constituído em 1989 por iniciativa dos pós-graduandos, dos doutorandos principalmente, dos pós-graduandos aqui do programa que tinham como foco de estudo do professor, na época eu fazia parte. O PRAPEM já existia desde 1995, eu fundei o PRAPEM e também atuava no GPC – Grupo de Pesquisa de Formação Continuada de Professores, e na época o GPC não conseguia abrir espaço para uma nova demanda de pós-graduandos, me dispus, dizendo: tudo bem, vocês também <u>estão dispostos em constituir um grupo e acho que essa instância é importante sobre tudo de apoio aos mestrados e doutorandos que têm uma determinada <i>temática</i>, mais específica de estudo; o grupo é uma instância de <i>apoio mútuo</i> onde os membros podem aprofundar as discussões tanto teóricas quanto metodológicas no <i>processo de pesquisa</i>.</u>
Enxerto Hermenêutico	Temática: refere-se à temática que diz do que está sendo focado para investigação no grupo de pesquisa. Apoio mútuo: refere-se ao apoio mútuo que indica presença de um membro do grupo ao outro, respondendo, em um movimento dialógico, às solicitações apresentadas em relação ao andamento da pesquisa. Processo de pesquisa: refere-se à ação continuada na realização das pesquisas do grupo.
Unidades de significado	DF1: Os pós-graduandos de mestrado e doutorado estavam dispostos em constituir um grupo com uma temática de estudo específica, com objetivo de se apoiarem mutuamente e aprofundarem nas discussões teóricas e metodológicas do processo de pesquisa.
O que é dito	CDDF1: Da constituição do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: E aí dei todo o apoio e acompanhei esse grupo, por uma iniciativa dos próprios pós-graduandos e <u>finalizado o primeiro ano, o grupo teve bastante desenvolvimento, teve uma <i>produção bastante significativa</i> de estudos e de trabalhos e a partir de 1990 acabamos <u>regularizando esse grupo</u>, como grupo de pesquisa. Como um grupo dentro da faculdade. Perdão estou falando 1989 e não é, o grupo começou em 1999, corrige aí, pois a minha memória não está mais boa. Dez anos de diferença, então em 1999.</u>

Enxerto Hermenêutico	<i>Produção bastante significativa:</i> o pesquisador refere-se à produção acadêmica: artigos em periódicos, capítulos de livros e livros publicados pelo grupo de pesquisa, que é bem avaliada nos meios acadêmicos. <i>Regularizando esse grupo:</i> refere-se à institucionalização do grupo no diretório de grupos de pesquisa do CNPq.
Unidades de significado	DF2: No fim do seu primeiro ano de existência o grupo já apresentava características de seu desenvolvimento com produções significativas de estudos e de trabalhos. A partir do ano de 1990 o grupo foi regularizado junto ao CNPq como um grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF2: Da constituição e produção do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Essa outra data corresponde ao grupo <i>CEMPEM</i> , que é o grupo originário que agregava toda a <i>Educação Matemática</i> . Em 1995 começaram a subdividir o CEMPEM em subgrupos com temáticas mais específicas, tem o grupo HIFEM – História e Filosofia da Educação Matemática onde trabalham mais a professora Ângela Miorim e o professor Antônio Miguel [...]
Enxerto Hermenêutico	<i>CEMPEM:</i> Centro de Estudos Memória e Pesquisa em Educação Matemática. <i>Educação Matemática:</i> refere-se ao campo de investigação e atuação das pesquisas do grupo.
Unidades de significado	DF3: O grupo de pesquisa CEMPEM é um grupo originário que agregava toda a Educação Matemática trabalhada na UNICAMP; nos anos seguintes este grupo foi subdividido em subgrupos que trabalhavam com temáticas específicas.
O que é dito	CDDF3: Da constituição do grupo de pesquisa e organização de subgrupos de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] e o PRAPEM no final da década de noventa, em 1999 esse grupo de estudo e pesquisa sobre <i>formação de professores</i> de matemática foi constituído. Então como falei a partir do ano 2000 ele passa a se constituir como um grupo mais efetivo, já com uma coordenação mais forte minha e a partir daí a gente buscou a <i>institucionalização</i> desse grupo.
Enxerto Hermenêutico	<i>Formação de professores:</i> refere-se à formação continuada de professores que ensinam matemática. Essa formação no grupo de pesquisa coordenado por Dario Fiorentini caracteriza-se no âmbito de pesquisas de mestrado e doutorado. <i>Institucionalização:</i> refere-se ao processo de tornar institucional algo que tenha característica de reunir pessoas com mesmo objetivo.
Unidades de significado	DF4: O PRAPEM foi constituído no final da década de noventa, em 1999 carregando as características de estudo e pesquisa sobre a formação de professores de matemática. A partir do ano 2000 o grupo passa a se constituir efetivamente, com uma coordenação mais forte, visando à institucionalização do grupo.
O que é dito	CDDF4: Da constituição do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Então em 1999 foi o ano da organização e estruturação do grupo e ele não nasce “top down”, de cima para baixo, <i>ele nasce</i> dos próprios pós-graduandos, sendo uma característica muito interessante.
Enxerto Hermenêutico	<i>Ele nasce:</i> refere-se à constituição do grupo de pesquisa; surgimento que aconteceu entre os pós-graduandos da época.
Unidades de significado	DF5: O surgimento do grupo aconteceu por meio dos anseios dos próprios pós-graduandos, sendo esta uma característica considerada interessante pelo depoente.
O que é dito	CDDF5: Da constituição e característica do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: Como o senhor poderia se referir ao seu grupo de pesquisa, dizendo, de modo simples, do que ele trata. DF: Bom, não posso deixar de colocá-lo historicamente, <i>ele não tem assim uma característica estável ou permanente</i> , é um grupo que se constitui já como iniciativa dos pós-graduandos e no início ele tinha como meta dar <i>aportes teóricos e metodológicos</i> para quem fosse desenvolver estudos sobre o professor, sobretudo sobre <i>formação de professores</i> . Um dos aspectos, os saberes docente, era muito forte no início. A <i>epistemologia</i> da prática docente e desenvolvimento profissional veio surgir com bastante força depois. Dois ou três anos depois essa vertente do desenvolvimento profissional surge de maneira consistente e o pensamento do professor, saberes docentes e concepções vai perdendo espaço em função dessa outra perspectiva [...]
Enxerto Hermenêutico	<i>Estável ou permanente:</i> segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a algo que esteja firme,

	que se mantém constate e perdura. Aportes teóricos e metodológicos: referem-se à contribuição trazida para a teoria estudada e para a metodologia assumida na realização das pesquisas do grupo. Epistemologia: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a uma reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano, especialmente nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerente, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo. Em termos de pesquisa, diz dos procedimentos assumidos e explicitados na constituição do conhecimento.
Unidades de significado	DF6: Segundo o entrevistado, o grupo não apresenta uma característica estável, sendo constituído pela iniciativa dos pós-graduandos que tinham como meta dar aportes teóricos e metodológicos para quem fosse desenvolver estudos sobre o professor, sobretudo sobre a formação de professores. No início do grupo, o aspecto referente aos saberes docente era muito forte e a epistemologia da prática docente e desenvolvimento profissional veio surgir com bastante força dois ou três anos depois e a partir do surgimento dessa nova vertente, a primeira referente aos saberes docente perde força e espaço.
O que é dito	CDDF6: Da constituição e característica do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] do desenvolvimento profissional da pesquisa do professor sobre a própria prática <u>e a identidade docente e a profissionalidade docente são aspectos que vão se desdobrando e que vão ganhando mais força dentro desse grupo de pesquisa. Alguns contextos de prática formativa ou de desenvolvimento profissional vão sendo intuídos. Os grupos colaborativos, por exemplo, ganharam destaque sobretudo no final, durante a primeira década do ano 2000 até 2009 foi muito forte, então o grupo queria compreender como acontece a aprendizagem docente e o desenvolvimento profissional nesse contexto de grupos colaborativos, com o que essa colaboração de fato contribui para o desenvolvimento profissional, para a formação do professor e para a transformação da maioria das práticas. É um grupo colaborativo mais voltado à escola, então, em que sentido esses grupos fazem transformações das práticas escolares, do currículo escolar e qual a relação disso com o próprio processo de constituição do professor.</u>
Enxerto Hermenêutico	Identidade: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao estado do que não muda, do que fica sempre igual. Refere-se, no contexto da entrevista, às características do grupo de pesquisa. Grupos colaborativos: refere-se à característica do grupo, de modo que todas as ações que envolvem as articulações do grupo sejam constituídas coletivamente, em uma relação de igualdade entre os pesquisadores participantes.
Unidades de significado	DF7: Segundo o depoente, os aspectos desenvolvimento profissional da pesquisa do professor sobre a própria prática e a identidade e a profissionalidade docente foram se desdobrando e ganharam força dentro do grupo de pesquisa. Alguns contextos de prática formativa ou de desenvolvimento profissional foram sendo intuídos. Os grupos colaborativos, por exemplo, ganharam destaque durante a primeira década do ano 2000, em que o grupo almejou a compreensão de como a aprendizagem docente e do desenvolvimento profissional acontecia no contexto de grupos colaborativos e em que sentido esses grupos fazem transformações nas práticas escolares, do currículo escolar e a relação disso com o próprio processo de constituição do professor.
O que é dito	CDDF7: Das características de investigação do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Seu grupo de pesquisa existe desde 1999. O senhor poderia nos contar como ele foi criado, dizendo de sua proposta do dos modos pelos quais ele vem se mantendo atuante?</i> DF: Bom, a partir de 2005, 2006 por aí, eu tenho os textos ali que podem ajudar a precisar mais essas datas, a memória oral já escapa um pouco, mas os textos... Eu tenho alguns textos que depois eu posso passar para você que precisam melhor essa mudança. <u>O grupo deixa de ser um grupo voltado aos mestrados e doutorandos e passa a ser um grupo de doutores, porque essas pessoas que começaram no grupo como mestrados e depois doutorandos acabam se formando, concluindo o doutorado e apresentaram desejo de continuar participando das pesquisas do grupo e hoje temos um grupo basicamente constituído por doutores, tanto que temos doutores da UNESP, que é o caso da professora Rosana Miskulin, da UFSCAR que é a professora Carmem</u>

	Passos e Renata Gama desse grupo, da Universidade de São Francisco que é a professora Adair Nacarato, Regina Grando, aqui da UNICAMP sou eu e a professora Dione Luchesi de Carvalho que também entrou depois, tendo em vista os doutorandos orientados por ela, investigarem a formação do professor e o desenvolvimento profissional, então ela também começou a fazer parte e outros que hoje estão na PUC aqui de Campinas, por exemplo, a Celi Espasandi Lopes que é professora da UNICSUL do Cruzeiro do Sul também faz parte do grupo, fez no início e saiu e outros que hoje não fazem mais parte efetivamente, mas atuam em níveis nacionais. Nós temos atualmente um projeto universal do estado da arte da pesquisa sobre professor que iniciamos no ano passado, projeto universal financiado pelo CNPq e esse projeto trouxe alguns que já não pertenciam mais ao grupo por terem se afastado indo para o Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Belém do Pará, Salvador, Minas Gerais na UFOP [...]
Enxerto Hermenêutico	O grupo deixa de ser: está se referindo ao movimento de constituição do grupo
Unidades de significado	DF8: Segundo o entrevistado, a partir do momento em que os pós-graduandos se formaram, o grupo altera seu perfil, que era de acolher mestrandos e doutorandos e passa a ser constituído apenas por doutores, que desejam continuar participando das pesquisas do grupo.
O que é dito	CDDF8: Da constituição dos membros do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...], por exemplo, a Ana Cristina, e <u>com esse <i>projeto</i> a gente está trazendo de volta, por ser um projeto nacional e de grande envergadura para fazer um <i>mapeamento de pesquisas</i> que tenham o professor como foco de estudo, nós já estamos agora fechando corpos de análise desse projeto que envolve quase mil dissertações e teses que têm o professor como foco de estudo e estamos agora fazendo fichamento, porque vai levar três anos para ser concluída, então essa fase é a fase mesmo de fichamento desses trabalhos que é feito por uma equipe bastante grande, envolve quase trinta doutores e alunos mestrandos e doutorandos, que participam também desse processo de fichamento do trabalho [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Projeto: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se à ideia, desejo, intenção de fazer ou realizar algo no futuro. Filosoficamente, diz de pro – colocar à frente, em realização, algo planejado. Mapeamento de pesquisas: refere-se à intenção do grupo de levantamento das pesquisas em um determinado território que tenham como foco investigativo a formação de professores.
Unidades de significado	DF9: Segundo o depoente, atualmente seu grupo de pesquisa está engajado em um projeto universal do estado da arte da pesquisa que tem o professor como foco de estudo, financiado pelo CNPq. Esse projeto, por ter a característica de ser realizado no âmbito nacional, trouxe alguns pesquisadores que pertenciam ao grupo e estavam afastados. Este projeto envolve a análise de aproximadamente mil dissertações e teses. De acordo com o entrevistado estão envolvidos cerca de trinta pesquisadores doutores e seus respectivos alunos de mestrado e doutorado.
O que é dito	CDDF9: Das intenções investigativas do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] então, mas <u>o grupo a partir de 2004, 2005 ele passa a ser <i>interinstitucional</i>, ele deixa de ser da UNICAMP e por isso que ele é desmembrado do PRAPEM, no início ele era um subgrupo do PRAPEM e ele passa a ter <i>autonomia</i> e não mais vínculo com o PRAPEM propriamente dito [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Interinstitucional: refere-se às relações existentes entre distintas instituições de ensino. Autonomia: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se à faculdade que possui determinada instituição de traçar as normas de sua conduta, sem que sinta imposições restritivas de ordem estranha.
Unidades de significado	DF10: Segundo o entrevistado, o grupo a partir de 2004/5 passa a ser interinstitucional, deixando de ser da UNICAMP, e, por essa razão, foi desmembrado do PRAPEM, desvinculando-se da característica de subgrupo do mesmo e ganhando autonomia.
O que é dito	CDDF10: Da institucionalização do grupo
Unidades de sentido	DF: [...] então ele se torna um grupo interinstitucional, <u>a <i>sede</i> continua aqui</u> , dos encontros; nesta sala mesmo em que estamos é que o grupo participa e envolve essas pessoas dessas outras universidades e é interessante que a ênfase inicial que eram de pesquisas com natureza mais

	empírica para trabalhar com pesquisas de campo, visando aportes teóricos e metodológicos para esse tipo de pesquisa ele deixa de ser [...]
Enxerto Hermenêutico	<i>Sede</i> : refere-se que o local principal de encontros das reuniões do grupo continua sendo na instituição de ensino, UNICAMP.
Unidades de significado	DF11 : O grupo se torna interinstitucional e a sede dos encontros é na UNICAMP.
O que é dito	CDDF11 : Da Inter institucionalidade do grupo.
Unidades de sentido	DF : [...] <u>a ênfase deixa de ser pesquisa que a gente chama de primeira ordem e a gente passa a optar por desenvolver pesquisas de segunda ordem no grupo. O que seria segunda ordem? Trabalhos de <i>meta-análise</i>, por exemplo, como esse do estado da arte da pesquisa [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Meta-análise</i> : Bicudo (2014) entende a meta-análise como uma retomada da pesquisa realizada, mediante um pensar sistemático e comprometido de buscar dar-se conta da investigação efetuada, e, aqui neste caso, apontando características das pesquisas analisadas.
Unidades de significado	DF12 : De acordo com o entrevistado, a ênfase de pesquisa do grupo ao se tornar interinstitucional se transforma, deixando de se realizar apenas pesquisas denominadas de primeira ordem, de natureza mais empírica e optando a desenvolver pesquisas de segunda ordem, que seriam trabalhos de meta-análise.
O que é dito	CDDF12 : Da ênfase de investigação do grupo de pesquisa a meta-análise.
Unidades de sentido	DF : [...] <u>do mapeamento da formação de professores de matemática no Brasil e com uma perspectiva de <i>teorização</i> do campo, de construção teórica do campo, da formação de professores, do desenvolvimento profissional dos professores, então os trabalhos vão nessa perspectiva de <i>sistematizar</i>, de teorizar e fazer <i>meta-discursos</i>, <i>meta-pesquisas</i>, então muitas produções nossas vão nessa direção.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Sistematizar</i> : segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao ato de organizar diferentes elementos em um sistema. <i>Meta-pesquisas</i> : Para Bicudo (2014), caracteriza-se como a pesquisa sobre a pesquisa, ou ainda, sobre a própria produção da pesquisa, foco do estudo. <i>Teorização</i> : segundo Bicudo (2014), teorização é entendida como um olhar, ver, contemplar a totalidade do investigado, em uma ação que reúne, de um só golpe, a visão do todo a que se referem às análises individuais, quando se busca pela interpretação do que dizem sobre o tema investigado.
Unidades de significado	DF13 : Segundo o entrevistado, a pesquisa de segunda ordem, visada pelo grupo, apresenta uma perspectiva de teorização do campo, de construção teórica do tema “formação de professores” e do desenvolvimento profissional dos professores. Desse modo os trabalhos visam construir metas-discursos e metas-pesquisas e sistematizar de modo teórico os estudos sobre o tema.
O que é dito	CDDF13 : Da ênfase de investigação do grupo de pesquisa: a teorização.
Unidades de sentido	DF : Se você for ver os três livros publicados pelo grupo, além dos muitos artigos em periódicos e outros capítulos de livros, <u>os três livros foram produzidos exclusivamente pelo grupo e há um quarto livro que foi produzido com <i>colaboração</i> internacional com um grupo de pessoas do Canadá e foi publicado no Canadá, está em inglês então tem também uma boa produção do grupo nesse livro, mas três livros são os livros produzidos pelo grupo e nesses livros sempre tem trabalhos sobre o estado da arte, sobre um balanço das pesquisas produzidas no campo da formação de professores no Brasil [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Colaboração</i> : refere-se ao ato de ajudar o outro, no caso específico do grupo, de fazer junto uma determinada atividade de pesquisa.
Unidades de significado	DF14 : Segundo o entrevistado, as publicações do grupo estão disponíveis em artigos de periódicos, capítulos de livros - quatro livros publicados, sendo um deles produzido com colaboração internacional de um grupo do Canadá.
O que é dito	CDDF14 : Da produção do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF : [...] <u>então é um grupo que tem uma <i>liderança nacional</i> nesse aspecto da formação dos professores, não apenas de revisão, mas de teorização desse campo.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Liderança nacional</i> : diz que as pesquisas desenvolvidas no grupo tem o caráter de domínio e liderança em todo território brasileiro.
Unidades de significado	DF15 : De acordo com o entrevistado, o grupo apresenta uma liderança nacional no aspecto da formação de professores, tanto de revisão como de teorização nesse campo de pesquisa.

O que é dito	CDDF15: Da presença do grupo na revisão da literatura sobre formação de professores e respectiva teorização
Unidades de sentido	A: No sentido dos temas trabalhados pelo grupo, como eles surgem? DF: Bom, digamos assim, <u>como <i>coordenador</i> sou muito mais <i>mediador</i> do que alguém que vai propor, a proposição sempre é coletiva, colaborativa e conjunta, as ideias surgem [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Coordenador: refere-se à coordenação que organiza o trabalho do grupo de pesquisa. Mediador: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a aquele que serve de intermediário, de elo, que se incumbem de encontrar soluções para desacordos entre cidadãos, que atua com árbitro entre pessoas, grupo.
Unidades de significado	DF16: Segundo Dario Fiorentini, como coordenador do grupo não realiza proposta de pesquisas, e salienta que as proposições acontecem de maneira colaborativa e conjunta. As ideias de temas de pesquisas surgem em grupo.
O que é dito	CDDF16: Como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] e alguém tem que assumir um pouco depois o protagonismo de tocar em frente esses projetos, mas desde a elaboração de artigos de livros, <u>sempre o trabalho tem uma dimensão fortemente colaborativa, então todos participam, nós temos vários artigos publicados em nome do grupo e a autoria, o <i>primeiro autor</i> tem variado em função disso, então alguém assume a iniciativa, eu talvez seja aquele que seja o primeiro autor de muitos trabalhos, eu sou o principal autor, muito por conta é claro da coordenação [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Primeiro autor: refere-se à ordem de autoria de uma publicação acadêmica produzida pelo grupo de pesquisa.
Unidades de significado	DF17: Segundo o entrevistado, o trabalho do grupo tem uma dimensão fortemente colaborativa, onde todos participem. Existem várias publicações dos trabalhos do grupo, em que os autores são todos os participantes do trabalho e que o primeiro autor é definido por aquele que assume a iniciativa e/ou coordena o trabalho.
O que é dito	CDDF17: De como são definidos os autores dos trabalhos realizados de modo colaborativo no grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] da iniciativa de apresentar e propor o projeto, mas <u>os <i>projetos</i> são muitas vezes propostos pelos próprios participantes, pois todos são <i>doutores</i> e têm suas demandas institucionais em cada local de trabalho na UFSCAR ou na própria UNESP como a Rosana Miskulin ou na São Francisco que tem uma perspectiva muito mais voltada para pesquisas sobre a prática e pesquisas de natureza mais autobiográficas e eles acabam também tendo espaço, então o livro não é um livro que tem um único tema, desde o primeiro livro... o primeiro livros nós trabalhamos com formação inicial, mas tem a formação inicial que são trabalhos de natureza mais descritiva e outros que tem uma perspectiva mais colaborativa [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Doutor: título obtido na universidade em decorrência de uma pesquisa realizada, apresentada, avaliada por uma banca composta por doutores especialistas no assunto, defendida pelo autor/a e aprovada.
Unidades de significado	DF18: O depoente expõe que os projetos são propostos pelos participantes do grupo de pesquisa, e salienta como todos são doutores e trabalham em suas respectivas instituições de ensino, trazendo para o grupo suas demandas de trabalho.
O que é dito	CDDF18: Como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] então <u>nos próprios livros existem sub-temáticas que contemplam essa <i>diversidade</i> de interesse que também estão presente no grupo, então a definição é sempre <i>negociada</i>, como em uma comunidade de prática que é um estudo mais recente no grupo, estudar nesse contexto a aprendizagem situada em comunidades e o processo de ensino e aprendizagem em comunidades e o próprio Étienne Wenger que trabalha com comunidades, e no campo mais da formação dos professores e do professor nós trabalhamos como referência Alda Coker, Smith e Laiber são duas norte americanas que tem comunidades investigativas ou comunidades de professores, aí tem uma especificidade própria, pois Wenger e Jean Lave não trabalham com isso e nem com escolas necessariamente e nem com professores necessariamente embora muitos estudos</u>

	considerem essas comunidades de docentes ou professores como contextos de estudo da aprendizagem, mas nós aqui no grupo sempre tratamos de comunidades profissionais e de professores de matemática ou que ensinam matemática [...]
Enxerto Hermenêutico	<i>Diversidade:</i> Refere-se às diferentes ideias, perspectivas e interesses singulares de cada participante do grupo de pesquisa. <i>Negociada:</i> refere-se ao ato de entrar em acordo; estabelecer um padrão comum mediante comum acordo.
Unidades de significado	DF19: Segundo o entrevistado as publicações do grupo contemplam as sub-temáticas, envolvendo uma diversidade de interesse dos membros do grupo que entre si entram em acordo a respeito das definições assumidas.
O que é dito	CDDF19: Das produções e temáticas do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] inclusive <u>essa denominação de professores que ensinam matemática é uma construção conceitual do próprio grupo para agregar também os professores dos <i>anos iniciais</i> que ensinam matemática, eles não podem ser e não se identificam como professores de matemática [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Anos iniciais:</i> refere-se aos primeiros períodos do ensino fundamental, visando à alfabetização de crianças na faixa etária de 6 a 10 anos.
Unidades de significado	DF20: Conforme o depoente, o grupo trata de comunidades profissionais e de professores de matemática ou que ensinam matemática; salienta que essas nomenclaturas são construções conceituais do próprio grupo com a intenção de agregar também os professores dos anos iniciais que ensinam matemática.
O que é dito	CDDF20: Da região e dos sujeitos investigativos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] <u>mas requerem formação matemática e vão ensinar matemática e, portanto o grupo se preocupa com essa formação, com a constituição desse professor e do trabalho desse professor em sala de aula e tem sido fortemente investigado por um subgrupo, principalmente o da <i>UFSCAR</i> e a <i>São Francisco</i> que tem tomado mais esse foco de atenção. Então a dinâmica é esta, é uma dinâmica que tem um forte viés colaborativo e de negociação, então em todo momento a gente negocia e de vez em quando há discussões bastante acaloradas; não significa que não tem conflitos, não é um grupo homogêneo, é um grupo heterogêneo embora todos quase tenham passado por uma formação por aqui, na própria <i>UNICAMP</i>, mas a diversidade de concepções e pensamentos são bastante diversas, e isso é uma riqueza. Trabalhar com essa diversidade, trabalhar com as diferentes perspectivas e tentar chegar aos acordos, em alguns consensos que nem sempre é fácil, as vezes a gente tem que ir para o voto e a maioria é claro acaba vencendo, mas a gente sempre tenta na negociação abrir espaços para que estas perspectivas que são mais particulares de cada um possam ser contempladas ali, tento um núcleo comum preservado, quer dizer aquilo que é comum de concepções de formação de professores, de concepção do desenvolvimento profissional, aqueles fundamentos epistemológicos também são preservados e aí que são comuns.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>UFSCAR:</i> Universidade Federal de São Carlos. <i>UNICAMP:</i> Universidade Estadual de Campinas. <i>USF:</i> Universidade de São Francisco.
Unidades de significado	DF21: Segundo Dario Fiorentini, o grupo se preocupa com a formação e constituição do professor em sala de aula, em todos os subgrupos de trabalho. Salienta que o grupo se caracteriza pelo trabalho colaborativo e negociativo, e que durante as definições dos temas de pesquisas ocorrem discussões acaloradas e com conflitos entre os participantes, mas, ressalta que essas discussões ocorrem por se tratar de um grupo heterogêneo, surgindo diversidades de concepções e pensamentos, mas que tudo isso enriquece as discussões e fortifica a temática resultante dessas plenárias. Ainda, salienta que sempre é preservado o núcleo comum que rege o grupo, a saber, formação de professores, o desenvolvimento profissional, e os fundamentos epistemológicos.
O que é dito	CDDF21: Dos interesses de pesquisa e constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: O senhor poderia nos dizer <i>como são conduzidas as discussões de modo que todos os participantes do grupo de pesquisa se sintam incluídos?</i>

	DF: Então, <u>as ideias, muitas delas são gestadas no grupo, né! Mas, recebem fortes influências da literatura a que nós temos acesso, então na chamada internacional, nós no grupo, todo ano a gente senta e discute o que vamos fazer.</u> Geralmente na primeira reunião do ano, termina a reunião fazendo um balanço do ano, né? Mas, no início do ano a gente retoma essa avaliação do ano anterior, né! E define os rumos do ano seguinte, né! Quando você tem um projeto como esse universal, agora que nós estamos todos envolvidos no projeto universal, então, praticamente vai tomar conta durante três anos, desde outubro do ano passado até daqui mais três anos, né!
Enxerto Hermenêutico	Projeto Universal: denominação de uma das chamadas do CNPq para submissão de projetos que após avaliação podem ser contemplados com recursos daquela agência.
Unidades de significado	DF22: Segundo o pesquisador entrevistado, as exposições das ideias para constituírem um tema de pesquisa acontecem em grupo e são influenciadas pelas literaturas a que o grupo tem acesso. O grupo discute de antemão para organizar seus planos futuros.
O que é dito	CDDF22: De como são constituídos os temas investigativos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>Essa vai ser a nossa preocupação, a nossa ênfase! Embora lá dentro depois, de como fazer a seleção, mapear essa produção toda, vai ser avaliada tendo em vista os interesses dos participantes,</u> por exemplo: a Rosana Miskulim trabalha muito mais com as tecnologias, então, ensino a distância, o uso de tecnologias no processo de aprendizagem docente, no desenvolvimento profissional do trabalho docente, ela certamente vai constituir aí um subgrupo que vai [...]
Enxerto Hermenêutico	Mapear essa produção: refere-se à intenção do grupo de fazer um levantamento das pesquisas em um determinado tema que tenham como foco investigativo a formação de professores.
Unidades de significado	DF23: Segundo o depoente, depois da definição do tema de pesquisa, esse será a preocupação central do grupo, no qual posteriormente serão discutidas e definidas outras ações, como a de seleção, produção dos dados e análise. Ressalta que as definições acontecem mediante os interesses dos participantes do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF23: Da constituição do tema investigativo do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] trabalhar com tecnologias, <u>mas vai certamente constituir um subgrupo onde essa temática passa a ser dominante,</u> embora a questão da formação, do desenvolvimento profissional é comum [...]
Enxerto Hermenêutico	Subgrupo: refere-se a um grupo que faz parte de um grupo maior.
Unidades de significado	DF24: Segundo o pesquisador, são instituídos subgrupos do grupo maior, intencionados a partir das temáticas investigativas.
O que é dito	CDDF24: Da constituição de subgrupos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] <u>então nós temos textos, definimos uma literatura também de leituras que vai fundamentar teoricamente o grupo, e isso é lido coletivamente, então, nós lemos e discutimos esses textos, sempre tendo como mirada os nossos projetos e essas leituras contribuem para dar res-significado, dar certos rumos aos nossos projetos, então no próprio desenvolvimento de um projeto a gente já vai perspectivando outras alternativas e projetando outras possibilidades posteriores, esse por exemplo do universal certamente nós vamos ao concluí-lo abrir um leque de possibilidades de continuidade desse estudo com base nesse projeto, e isso vai dar continuidade ao grupo, o grupo não consegue fechar.</u>
Enxerto Hermenêutico	Res-significado: refere-se ao ato de dar novo significado de algo ou de fazer novo significado de algo ou de alguém.
Unidades de significado	DF25: De acordo com o entrevistado, o grupo a partir das temáticas investigativas define uma literatura de estudo, que segundo ele irá fundamentar teoricamente o grupo. Esses textos são lidos e discutidos coletivamente, no qual essas leituras visam dar resinificados e rumos aos projetos. O professor entrevistado salienta que durante a realização de um projeto de pesquisa, o grupo vai perspectivando alternativas e projetando possibilidades futuras.
O que é dito	CDDF25: Das ações organizadas a partir das temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Podemos pensar bom agora acabou, né! <u>E é isso que o alimenta,</u> embora os docentes já estejam, como no meu caso, em fase de aposentadoria , já tenho tempo para me aposentar, e não

	<u>me aposento por conta disso, né! Quer dizer, no fim essa paixão pela pesquisa, pelo trabalho me leva a continuar</u> , pelo menos por certo tempo ainda, antes de passar totalmente o bastão para os outros, né! Mas, estou passando, né!
Enxerto Hermenêutico	<i>Alimenta</i> : refere-se ao que sustenta o grupo, assim como os nutrientes presentes na alimentação, que sustentam os seres vivos. <i>Aposentadoria</i> : segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao afastamento remunerado do funcionário de suas atividades por ter atingido o limite de idade pré-estabelecida.
Unidades de significado	DF26 : Segundo o entrevistado o que alimenta o grupo, embora alguns docentes, como em seu caso pessoal, estejam em fase de aposentadoria, é a paixão pela pesquisa.
O que é dito	CDDF26 : Da motivação em dar continuidade nas investigações do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: O senhor poderia nos dizer <i>como o senhor, como coordenador do grupo, intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i></p> <p>DF: Bom, é... <u>Não é fácil explicar ou teorizar sobre isso (risos). É claro, aí entra não só razão, não só argumentação, mas também emoção, sentimentos... Então é uma mescla de tudo um pouco, né! Daquilo que é, digamos assim, que move... O que mobiliza o grupo para querer estudar determinado tema ou mobiliza a despender um tempo bastante grande da sua vida profissional para aprofundar em uma determinada perspectiva. O que mobiliza isso, claro que são as nossas práticas, as nossas <i>crenças</i>, as nossas motivações, nossos digamos assim, os trabalhos de nossos orientandos e as <i>interlocuções</i> que estabelecemos com nossa comunidade mais ampla, então, nós somos uma comunidade investigativa, um grupo que há uma comunidade investigativa, não é um grupo isolado do mundo, não é um grupo isolado de outros, tanto do campo da educação no Brasil, não só de educação matemática, nós temos como interlocução a comunidade de educadores matemáticos, mas não nos fechamos apenas nela, nós também nos comunicamos muito fortemente com a comunidade dos educadores brasileiros, tanto do campo do ensino de ciência em matemática, né! Dessa área de conhecimento, quanto com a área mais geral, né! Então, eu tenho produzido, parte do grupo tem produzido trabalhos que têm sido apresentados e reconhecidos, e muito bem avaliados e aceitos pela comunidade dos educadores em geral, eles reconhecem que nós temos trazidos algumas contribuições para o campo da formação de professores do Brasil, por exemplo, tanto nos aspectos teóricos, quanto metodológicos de como desenvolver pesquisas, então, isso também mobiliza o grupo, essa interlocução com a comunidade internacional a gente tem participado de congressos internacionais, né!</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<i>Interlocuções</i> : segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a conversas trocadas entre duas ou mais pessoas. <i>Crenças</i> : segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao ato ou efeito de crer; estado ou processo mental de quem acredita em pessoa ou coisa.
Unidades de significado	DF27 : Fiorentini expressa que não é fácil explicar ou teorizar sobre como ele, como coordenador do grupo de pesquisa, intui a força de um tema, considerando-o como possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando. O entrevistado salienta que vai além da argumentação com o grupo, envolve também emoção, sentimento, apresentando um movimento que mobiliza o grupo a querer estudar determinado tema ou aprofundar em uma determinada perspectiva.
O que é dito	CDDF27 : De como é intuído a força de um tema investigativo para o grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	Nessas áreas, aquele livro que nós produzimos com o <u>Canadá foi um livro que teve em um dos ICME</u> , que foi no México, um ponto de encontro que eu coordenei uma <i>sessão</i> , e o grupo participou fortemente apresentando trabalhos e como foi muito rica a sessão e os trabalhos também, na própria sessão o grupo de participantes levantou a ideia de elaborar e desenvolver esse livro, e foi feito, trazendo aportes de um mundo inteiro. E passamos a ter uma interlocução maior com a comunidade internacional, embora o nosso grupo tenha uma dificuldade ainda em ter interlocução tendo em vista de que não somos um grupo que domine tão fortemente o inglês.
Enxerto Hermenêutico	<i>Sessão</i> : refere-se ao período estipulado para a realização de uma determinada reunião. <i>ICME</i> : Congresso Internacional em Educação Matemática que ocorre a cada 4 anos.

Unidades de significado	DF28: O entrevistado, ao expor o movimento que o grupo faz para instituir uma temática de trabalho, exemplifica uma situação que ocorreu em um evento, o ICME, no México, que durante a sessão coordenada pelo próprio pesquisador o grupo participou fortemente apresentando trabalhos, e como as discussões se caracterizaram como ricas, os participantes levantaram a ideia de elaborar e desenvolver um livro, o que foi realizado e publicando, contemplando e trazendo aportes do mundo inteiro.
O que é dito	CDDF28: Da constituição de uma temática investigativa do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: A língua inglesa, embora todo mundo escreva e leia, né! , eu, por exemplo, tenho bastante dificuldade em estabelecer discussão ou interlocução mais oral, minhas habilidades de listening and talk não são tão boas para entrar com tudo nessa comunidade internacional, mas nós temos estabelecido bastante interlocução com parceiros também internacionais e, portanto, <u>todo esse contexto que estou trazendo é para justificar que, o que <i>mobiliza</i> o grupo para determinadas temáticas é algo <i>complexo</i> e tem a ver com tudo isso, com essa interlocução, com as nossas leituras, com as nossas pesquisas, nossos interesses enquanto particulares, nossos orientandos e essas temáticas passam a ser gestadas ou definidas nesse confronto de perspectivas e ideias e interesses, é um pouco por aí, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	Mobiliza: refere-se à movimentação realizada para a realização das pesquisas do grupo. Complexo: refere-se a algo não passível de ser encarado ou apreciado sob apenas uma vertente.
Unidades de significado	DF29: Segundo o entrevistado, o que mobiliza o grupo para determinada temática de pesquisa é algo complexo, que envolve a interlocução do grupo com suas leituras, pesquisas, interesses particulares dos pesquisadores e orientandos, de modo que as temáticas são definidas diante do conflito dessas perspectivas, ideias e interesses dos membros do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF29: Da constituição de uma temática investigativa do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>É muito difícil definir exatamente um caminho, não existe um modelo ou um caminho, ele se dá exatamente por essa abertura que o grupo tem essa perspectiva colaborativa. Em uma <i>perspectiva colaborativa</i> todo mundo discute desde os objetivos da pesquisa, da definição do tema [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Perspectiva colaborativa: refere-se à característica do grupo, de modo que todas as ações que envolvem as articulações do grupo sejam constituídas coletivamente, de forma igualitária entre os pesquisadores participantes.
Unidades de significado	DF30: De acordo com Dario Fiorentini é muito difícil definir exatamente um modelo ou um caminho para que o líder do grupo intua a força de um tema, percebendo como possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando. Essa abertura acontece a partir da perspectiva colaborativa que o grupo assumiu, em que todos os membros do grupo discutem desde o objetivo da pesquisa à definição do tema.
O que é dito	CDDF30: Da constituição de uma temática investigativa do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] <u>eu posso apresentar uma ideia e essa ideia ser fortemente modificada, <i>remodelada</i> em função dos interesses de cada um, então, a gente [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Remodelada: refere-se ao ato de refazer ou refazer uma proposta investigativa junto ao grupo de pesquisa.
Unidades de significado	DF31: Segundo Fiorentini, nas exposições de temas, qualquer membro do grupo pode fazer indicação de ideias, exemplifica dizendo que uma ideia apresentada por ele pode ser fortemente modificada, remodelada em função dos interesses de cada participante.
O que é dito	CDDF31: Da exposição ideias e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] <u>lembro de várias situações que a gente propôs determinadas <i>temáticas</i> e elas foram adquirindo corpo próprio, diferente daquilo que inicialmente eu tinha pensado, graças a essa participação conjunta e talvez aí esteja o segredo do engajamento dos participantes naquelas temáticas, talvez aí esteja o segredo de o grupo ainda querer continuar trabalhando e se encontrando mais [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Temáticas: refere-se à temática que diz do que está sendo focado para investigação no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	DF32: Fiorentini exemplifica que durante a definição de temas de pesquisa acontecem situações

	em que determinada proposta de temática ser apresentada, elas foram adquirindo corpo próprio, se constituindo em algo diferente daquilo que foi inicialmente proposto. E segundo o entrevistado isso acontece graças o engajamento conjunto dos participantes do grupo, ressalta que de seu ponto de vista, este pode ser o segredo do grupo ainda estar motivado a trabalhar coletivamente.
O que é dito	CDDF32: Da exposição ideias e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] porque nessa negociação a gente sempre procura contemplar a perspectiva de cada um, cada um se vê e se identifica com as ideias do grupo, porque <u>o grupo abre possibilidades, mas isso não significa que não seja sem <i>tensão</i>, sem <i>conflitos</i>, então tem momentos de muitos conflitos e outros que são de grande entusiasmos e harmonia, mas é assim em todos os grupos.</u>
Enxerto Hermenêutico	Tensão: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a uma qualidade, condição ou estado do que é ou está tenso. Tenso, no relacionamento entre pessoas, diz da situação de conflitos existentes e difíceis de serem resolvidos, criando uma zona de estranhamento. Conflitos: refere-se às discussões que acontecem no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	DF33: Segundo o entrevistado, durante a negociação das temáticas de pesquisa, o grupo visa contemplar a perspectiva apresentada pelos membros individualmente considerados, de modo que se identifiquem com as ideias do grupo. Ressalta que o grupo abre possibilidades de contemplação das ideias de todos os participantes, mas que isso não significa que aconteça sem tensões, mas que o entusiasmo e harmonia prevalecem nas relações o grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF33: Da exposição ideias, discussões e constituição de temas investigativos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Como os membros compreendem o fato de os membros se manterem ligados ao grupo e trabalharem em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo</i> DF: Bom, acho que assim, <u>uma forma de se manter engajado, vou chamar assim, engajado em um projeto maior isso não tem sido fácil, pois no início o engajamento era muito maior porque as pessoas não tinham tantas demandas pessoais, com o tempo cada um acabou ampliando, tendo em vista a instituição onde trabalham, ampliando um campo, uma perspectiva de trabalho muito forte e o tempo disponível para se dedicar aos projetos do grupo acabaram diminuindo,</u> então todo mundo tem grandes desejos de trabalhar, aí vem o condicionamento: o tempo, como as pessoas todas são acadêmicos, doutores que tem uma carga didática bastante grande, muitos orientandos, tem uma demanda institucional muito forte, eu sei que tinha uma época aqui que nós tínhamos quatro coordenadores de programas de pós-graduação, a Rosana coordenadora em Rio Claro, Carmem Passos na UFSCAR, eu na UNICAMP, a Regina na SÃO FRANCISCO, então quatro coordenadores de programa de pós-graduação e depois mais tarde a Dora, não era coordenadora de programa de pós, mas era diretora da faculdade de educação da PUC
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF34: Segundo o entrevistado, de seu ponto de vista, uma forma de manter os pesquisadores do grupo engajados em um projeto maior não tem sido fácil devido às demandas pessoais; afirma que o envolvimento com as obrigações institucionais resultou na diminuição do tempo disponível de cada pesquisador para se dedicar aos projetos do grupo.
O que é dito	CDDF34: De como os pesquisadores se mantém engajados na participação nas investigações do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] <u>então todo mundo muito envolvido também <i>administrativamente</i>, e isso prejudicou um pouco, digamos assim a efetividade da presença de todos nesse grupo,</u> então em muitos momentos infelizmente muitos não participam, mas o grupo tem esse compromisso [...]
Enxerto Hermenêutico	Administrativamente: refere-se às funções desenvolvidas pelos pesquisadores nas universidades em que trabalham.
Unidades de significado	DF35: De acordo com Dario Fiorentini, os membros do grupo estão também muito envolvidos em funções administrativas, por serem coordenadores de programas de pós-graduação e diretores de faculdade, e isso, do ponto de vista do entrevistado, prejudica a efetividade da

	presença de todos os membros do grupo em suas respectivas reuniões.
O que é dito	CDDF35: Da participação dos pesquisadores nas reuniões do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] o grupo sabe que pertencimento <i>implica</i> assumir os compromissos de trabalho do grupo. O que a gente começou a fazer então, diminuir mais as demandas, né!
Enxerto Hermenêutico	Implica: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a relação estabelecida entre dois conceitos ou proposições.
Unidades de significado	DF36: Segundo o pesquisador entrevistado, o grupo sabe que pertencimento traz a responsabilidade de assumir os compromissos de trabalho do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF36: Do comprometimento dos pesquisadores com os compromissos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: As nossas perspectivas eram de projetos muito maiores no início, <u>hoje o grupo tem essa função mais de <i>sistematização</i> e de <i>teorização</i></u> , tem um grupo importante que dá um feedback, um retorno forte para cada um em suas instituições daquilo que é feito aqui, <u>isso alimenta e retroalimenta!</u>
Enxerto Hermenêutico	Teorização: segundo Bicudo (2014), teorização é entendida como um olhar, um ver abrangente que contempla a totalidade do investigado, em uma ação que reúne, de um só golpe, a visão do todo que se referem às análises individuais, quando se busca pela interpretação do que dizem sobre o tema investigado. Sistematização: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao ato de organizar diferentes elementos em um sistema.
Unidades de significado	DF37: Segundo o entrevistado, antes as perspectivas do grupo eram de projetos maiores; hoje o grupo tem uma função de sistematização de teorização, em que o grupo vê como importante dar retornos fortes para cada uma das instituições do que é trabalhando no grupo e, segundo Fiorentini, esse movimento alimenta e retroalimenta o pesquisar do grupo.
O que é dito	CDDF37: Do foco de trabalho do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>Os subgrupos, as instituições de origens dos participantes, né! Então é uma instância importante, todo mundo valoriza isso e percebe isso, então mesmo que não possa vir em um ou dois encontros, por essas demandas sociais muito grande, eles acabam acompanhando via e-mail, então toda reunião ela é registrada e documentada, então tem uma ata, uma memória e essa memória é passada e as pessoas acompanham, e às vezes rola discussão via e-mail, então o e-mail do grupo [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	E-mail: refere-se ao correio eletrônico usado pelos pesquisadores do grupo de pesquisa para se comunicarem.
Unidades de significado	DF38: De acordo com o entrevistado, os subgrupos são uma instância importante do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF38: Da caracterização dos subgrupos para o grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>Então via e-mail às pessoas acabam interagindo, pois às vezes é o tempo que elas têm para isso, mas acompanham e todo mundo assume, agora, por exemplo, todo mundo vai ter que, cada um de nós vai ter que <i>fichar</i> trinta e dois trabalhos até janeiro do ano que vem. “poh” trinta e dois dissertações e teses não é um trabalho fácil, pois você tem que abrir um espaço para isso, você tem que fazer pelo menos cinco por mês, eu não estou conseguindo aí então estou aproveitando minhas doutorandas para me ajudarem nesse trabalho, pois tem uma temática muito próxima daquele conjunto que tenho para fazer né!</u>
Enxerto Hermenêutico	Fichar: refere-se a um modelo de organização, em que são apresentados destaques a certos pontos significativos do texto proposto para ser discutido e/ou analisado.
Unidades de significado	DF39: Segundo o entrevistado, o grupo se mantém ligado aos temas de pesquisa muito fortemente via e-mail, no qual os pesquisadores acabam interagindo. O entrevistado exemplifica, citando que no projeto atual de trabalho do grupo, cada participante terá que fichar cerca de trinta teses, e que para este trabalho os pesquisadores aceitam a ajuda de seus orientandos que apresentam certa proximidade nas temáticas de trabalhos com os temas das teses a serem fichadas.
O que é dito	CDDF39: Das interações para o desenvolvimento investigativo entre os pesquisadores do grupo de pesquisa.

Unidades de sentido	DF: <u>E todo mundo está mais ou menos assim, está se valendo um pouco dos <i>orientandos</i>, tendo em vista a alta demanda de trabalho e compromissos que tem para poderem dar conta daquilo que o grupo se propôs a fazer [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Orientando: refere-se aos alunos, mestrandos ou doutorandos, que recebem orientação de um pesquisador doutor no desenvolvimento de investigações que visam à obtenção dos títulos de mestre ou de doutor.
Unidades de significado	DF40: De acordo com o entrevistado, de seu ponto de vista, quase todos os pesquisadores do grupo estão se valendo da ajuda de seus orientandos para efetuarem fichamentos das teses, tarefa assumida no atual projeto de pesquisa, devido à alta demanda de trabalho e compromissos.
O que é dito	CDDF40: Das ações de colaboração entre os pesquisadores e seus orientandos para o desenvolvimento das atividades investigativas propostas e assumidas pelo grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] então o compromisso daquilo que você perguntou, eu diria assim: <u>o compromisso de participar, vir presencialmente e quando a gente vem, se nós formos discutir um determinado texto, esse texto tem que ser lido por todos e sempre elegemos um para coordenar a sessão.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF41: O depoente salienta que existe um compromisso dos participantes em relação às reuniões do grupo, em que os pesquisadores assumem o compromisso de estarem presentes presencialmente, e nas ocasiões em que o grupo for discutir determinados textos, esses devem ser lidos por todos e também sempre são escolhidos responsáveis para coordenar as sessões de discussões.
O que é dito	CDDF41: Dos encontros presenciais e das discussões de textos significativos pelos pesquisadores do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>A coordenação não é do coordenador não, eu sou coordenador geral, mas cada encontro, cada sessão tem um coordenador definido pelo grupo. Se for uma discussão de um texto de pesquisa, quem mais se identifica com aquele tema que normalmente assume a coordenação, e ele tem um papel importante de <i>ir a fundo</i>, se for à leitura de um texto, de ir fundo naquele texto, ver outros textos relacionados com ele, e tal! Sintetizar e levantar algumas questões e coordenar toda discussão no grupo, depois disso é registrado em uma ata e muitas dessas notas do próprio coordenador da sessão acaba sendo socializada com todos, mas todo mundo contribui com uma leitura prévia para chegar aqui e ter condições de debater, não lemos o texto no grupo, mas o texto ele é objeto de discussão em uma profundidade boa no próprio grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Ir a fundo:</i> refere-se ao modo pelo qual o grupo almeja proceder nas discussões e estudos de trabalhos, de modo que ocorra um estudo minucioso do investigado.
Unidades de significado	DF42: O entrevistado salienta que a coordenação geral do grupo é realizada por ele, mas que durante os encontros, quem mais se identifica com o tema sugerido para o debate, assume a coordenação da plenária, apresentando um papel importante, com o intuito de aprofundar na leitura do texto, relacionar e apresentar outras referências. Ainda, como função do coordenador da plenária, deve sintetizar e levantar questões sobre o tema e coordenar toda a discussão, visando um aprofundamento teórico junto ao grupo.
O que é dito	CDDF42: Da coordenação geral e das coordenações específicas dos encontros de discussão do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Este grupo é credenciado ao CNPq, tendo, portanto, um caráter institucional. O senhor considera essa característica de “institucionalidade” importante?</i> DF: <u>Eu acho que sim, porque dá uma <i>visibilidade</i> primeira, então o grupo que está visível, esta é uma forma também de você negociar com as próprias instituições, por exemplo, a Rosana e as outras que são de outras instituições na sexta de manhã eles vêm para cá, não é toda sexta, uma sexta sim e outra não, geralmente de quinze em quinze dias, mas agora nós mudamos um pouco por causa dessa demanda de trabalho muito grande de cada um, então a gente diminuiu para [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Visibilidade: refere-se à condição do grupo de ser efetivamente conhecido, percebido por outros.

Unidades de significado	DF43: De acordo com o entrevistado, a característica de institucionalidade é importante, porque dá maior visibilidade ao grupo e um grupo visível, institucionalizado pode fortalecer a negociação dos participantes com suas instituições de ensino.
O que é dito	CDDF43: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Eram sempre dois encontros por mês, agora nós diminuimos para um encontro por mês, tendo em vista que o trabalho maior é individual no processo de fichamento, mas estamos fazendo leituras sobre isso também e no grupo a gente discute, porque <u>há dúvidas no próprio processo de fichamento, de leitura e essas dúvidas tem que ser socializadas e discutidas aqui no grupo [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF44: Segundo Fiorentini, há dúvidas que envolvem o processo de realização das tarefas do grupo, exigindo que essas dúvidas sejam expostas ao grupo, para que coletivamente sejam discutidas pelo grupo. O fato de ser institucional possibilita que as instituições liberem esses pesquisadores para estarem presentes nas reuniões do grupo.
O que é dito	CDDF44: Das discussões sobre a realização das ações de trabalho assumida pelo grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>Então, para eles serem dispensados das instituições e estarem aqui na sexta de manhã, eu tenho que ter isso institucionalizado, se não, é difícil de você conseguir [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Instituições: refere-se à um determinado órgão socialmente aceito como importante para a sociedade; no caso deste texto, refere-se a um órgão de ensino, público ou privado. Institucionalizado: refere-se a algo que tenha característica institucional; que seja vinculado a uma instituição de ensino.
Unidades de significado	DF45: Segundo Fiorentini, o fato de ser institucional possibilita que as instituições liberem esses pesquisadores para estarem presentes nas reuniões do grupo.
O que é dito	CDDF45: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] então, <u>isso garante de que é uma instância reconhecida e legítima, tanto que é um projeto, é um grupo de pesquisa interinstitucional com projetos inter-programas</u> que então de cooperação que fica como sendo um trabalho entre instituições [...]
Enxerto Hermenêutico	Inter-programas: refere-se às relações existentes entre distintas instituições de ensino. Legítima: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao ato de justificar algo.
Unidades de significado	DF46: De acordo com o entrevistado, a institucionalização do grupo possibilita um reconhecimento legítimo do grupo, por se tratar de um grupo desenvolvedor de projetos de pesquisas interinstitucionais e com projetos inter-programas, de modo que a partir da cooperação se apresenta com um trabalho entre instituições.
O que é dito	CDDF46: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] então <u>o que é bom para a própria instituição e também no relatório CAPES isso já aparece como um trabalho colaborativo ou de intercâmbio entre programas que acaba acontecendo. A institucionalização passa a ser e ter um papel importante nesse sentido de liberar o docente para que ele esteja aqui pesquisando, produzindo e tem o interesse da instituição para que ele possa estar aqui, se não tivesse seria complicado sustentar isso.</u>
Enxerto Hermenêutico	CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Intercâmbio: refere-se à reciprocidade de relações estabelecidas pelo grupo com outros países e/ou grupos.
Unidades de significado	DF47: Para o entrevistado, a institucionalização do grupo passa a ter um papel importante para as instituições dos pesquisadores participantes, pois nos relatórios enviados para a CAPES constará como trabalho colaborativo ou de intercâmbio entre programas.
O que é dito	CDDF47: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: Como o senhor compreender a importância dessa característica “institucional”? DF: Sim, certamente, porque <u>o fortalecimento do grupo é que há um reconhecimento institucional e das instituições para que esse grupo possa, por exemplo, a faculdade de educação daqui dá todas as condições para que eu use esse espaço, que tenha alguns recursos da própria instituição para permanecer, e também para os financiamentos, você vai fazer um projeto, no CNPq um projeto do grupo, se o grupo não está institucionalizado, por exemplo no CNPq você</u>

	<u>não vai conseguir esse financiamento. Então é muito mais difícil de consegui-lo sem ter um grupo por trás.</u>
Enxerto Hermenêutico	CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Unidades de significado	DF48: Segundo Dario Fiorentini, a característica de institucionalização contribui para o fortalecimento do grupo, pois existe um reconhecimento institucional que possibilita o uso do espaço físico da universidade para a realização das atividades do grupo, e também disponham de recursos e financiamentos. O entrevistado exemplifica dizendo que, quando o pesquisador não pertence a um grupo institucionalizado junto ao CNPq, não conseguirá financiamento para realizar pesquisa.
O que é dito	CDDF48: Da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>É, institucional, na palavra instituir, ou seja, algo que se consolida, se institui e tem um certo reconhecimento de uma comunidade, então, eu vejo assim, a institucionalização passa a ser um processo que não é apenas formal de você ter o registro no CNPq, por exemplo, ou de ter o credenciamento ou reconhecimento de cada instituição, mas ele se constitui uma instituição pela produção, pela prática dessa... de que essa instituição ela é uma instituição viva, produtiva, efetiva de trabalho [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF49: De acordo com Dario Fiorentini, ser institucional vem do verbo instituir, ou seja, de algo que se consolida e tem certo reconhecimento de uma comunidade. E ainda, ressalta que a institucionalização passa a ser um processo que não seja apenas formal, em que o grupo se registre no CNPq ou que tenha credenciamento e reconhecimento da instituição, mas que o grupo seja constituído e reconhecido pela produção, pela efetividade de suas pesquisas.
O que é dito	CDDF49: Da constituição e da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>[...] é um pouco por aí, não é apenas uma coisa legal, certa legalização, não! Ela se institui não apenas legalmente, mas porque ela tem uma prática, um tipo de trabalho e que é reconhecido pelas instituições tanto de fomento quanto de trabalho que são as instituições acadêmicas.</u>
Enxerto Hermenêutico	Legalização: refere-se à regularização de algo conforme previsto na legislação.
Unidades de significado	DF50: Segundo Fiorentini, o aspecto de institucionalização vai além da legalização do grupo, em que ela se institua não apenas legalmente, mas também em uma prática, um tipo de trabalho que seja reconhecido pelas instituições tanto de fomento, quanto de trabalho dos pesquisadores.
O que é dito	CDDF50: Dos aspectos da potencialidade da institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Esse aspecto – ser institucional – segundo sua visão, influencia os modos de produção do grupo de pesquisa?</i> DF: <u>Certamente. Por exemplo, eu até tenho um artigo que publiquei agora no ano passado em uma revista de Portugal, um artigo que está em inglês onde vou definir as comunidades investigativas, as comunidades que vou chamar assim, acadêmicas de professores, no caso de professores tem as acadêmicas e as escolares, essa relação entre universidade e escola.</u>
Enxerto Hermenêutico	Escola: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo. Universidade: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se à instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla.
Unidades de significado	DF51: O entrevistado diz que certamente a institucionalidade influencia os modos de produção do grupo de pesquisa e cita, como exemplo, um artigo que publicou no ano de 2013 em uma revista de Portugal, em que define as comunidades acadêmicas de professores, discutindo a relação entre a universidade e a escola.
O que é dito	CDDF51: Da influência da institucionalização nos modos de produção do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>As acadêmicas, as escolares e aquelas que a gente chama de fronteiriças, aquelas que não ficam necessariamente monitoradas pela instituição universidade ou pela escola, ela fica em um</u>

	<u>espaço mais <i>fronteiriço</i>, não sei se você já ouviu falar no grupo de sábado. O grupo de sábado é um terceiro grupo meu, nem citei aqui para você porque ele é também, tem também uma natureza investigativa, não é institucionalizado no CNPq né! Ele não tem isso, mas por quê? Porque é um espaço que se pretende mais livre, menos monitorado e controlado, seja pela instituição, seja pela própria escola [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Fronteiriço</i> : refere-se aquilo que se encontra na fronteira de limites estabelecidos.
Unidades de significado	DF52 : Segundo o entrevistado, a institucionalização influencia nos modos de produção do grupo, ressaltando as ações que não são necessariamente monitoradas pela instituição universidade ou pela escola, apresentando-se em um espaço <i>fronteiriço</i> . Apresenta um terceiro grupo de estudo liderado por ele, o grupo de sábado, um grupo que apresenta uma natureza investigativa, não sendo institucionalizado, pois visa um espaço mais livre e menos monitorado, seja pela instituição ou pela própria escola.
O que é dito	CDDF52 : Da influência da institucionalização nos modos de produção do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF : [...] mas <u>o que se discute no <i>grupo de sábado</i>? As práticas de ensinar e aprender matemática nas escolas</u> , esse é o foco. E é um grupo constituído fortemente por professores de escola, né!
Enxerto Hermenêutico	<i>Grupo de sábado</i> : refere-se a um subgrupo do PRAPEM (Prática Pedagógica em Matemática) da FE/unicamp que se reúne quinzenalmente, aos sábados, com o intuito de estudar, compartilhar, discutir, investigar e escrever sobre a prática pedagógica em matemática nas escolas em um ambiente de trabalho colaborativo que congrega professores de Matemática do Ensino Fundamental e Médio e docentes da Área de Educação Matemática da FE/Unicamp.
Unidades de significado	DF53 : Segundo o entrevistado, as discussões do grupo de sábado apresentam como foco as práticas de ensinar e aprender matemática nas escolas. Fiorentini resalta que o grupo de sábado é constituído fortemente por professores de escolas.
O que é dito	CDDF53 : Do foco de discussões do grupo de sábado.
Unidades de sentido	DF : Futuros professores participam também e acadêmicos da faculdade também participam poucos, não é um grupo tão forte, <u>mas o grupo dominante é o grupo dos professores de escola, então a prática de ensinar matemática nas escolas é a ênfase, o que une, é o domínio comum, como se diria na perspectiva do <i>Wenger</i> desta comunidade</u> , isso não significa que nesse grupo a gente só faça discussões e relatos de experiências, não.
Enxerto Hermenêutico	<i>Wenger</i> : refere-se ao pesquisador suíço Étienne Wenger.
Unidades de significado	DF54 : Segundo o depoente, no grupo de sábado participam futuros professores e acadêmicos da faculdade, mas os professores de escolas são dominantes no grupo, no qual a prática de ensinar matemática nas escolas é o que une o grupo. Ressalta que apesar dessa característica notável, não significa que no grupo só sejam realizadas discussões e relatos de experiências.
O que é dito	CDDF54 : Dos participantes e da ênfase nas discussões do grupo de sábado.
Unidades de sentido	DF : <u>É um grupo que escreve e produz, já tem cinco livros publicados pelo grupo de sábado, são pequenas investigações de natureza mais narrativas, são análises narrativas de sala de aula, de prática de sala de aula, tem um viés investigativo aí, fortemente.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF55 : Segundo o entrevistado, o grupo de sábado escreve e produz, apresentando uma produção de cinco livros publicados, abordando pequenas investigações de sala de aula, de natureza mais narrativa.
O que é dito	CDDF55 : Das produções investigativas do grupo de sábado.
Unidades de sentido	DF : <u>O grupo de sábado tem sido objeto de pesquisa nosso, então mais acadêmico, tem tese de doutorado, de mestrado. Estão sendo finalizadas pelos membros desse grupo uma tese de doutorado e duas dissertações de mestrado no momento, está sendo investigada a contribuição e desenvolvimento institucional ou a contribuição para a prática escolar de participantes desse grupo, mas ele é um grupo que não é institucionalizado, ele tem uma certa institucionalidade podemos chamar assim, mas ela não é formalizada nem no CNPq, nem na própria UNICAMP. Aqui na UNICAMP a gente tem uma formalidade porque o grupo de sábado utiliza também o</u>

	<u>espaço da UNICAMP, mas como ele não é... Por que ele é fronteiroço? Porque ele acontece no sábado quando a UNICAMP não tem nada praticamente funcionando e não é monitorada, controlada pela instituição ou pelas regras da instituição, aqui é um espaço livre, de livre circulação de ideias, de livre produção, onde a agenda não é definida pela universidade ou por nós acadêmicos, a agenda é definida pelos professores [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Unidades de significado	DF56: Segundo Dario Fiorentini, o grupo de sábado tem se caracterizado como um objeto de pesquisa, no qual teses e dissertações foram desenvolvidas, investigando a contribuição e desenvolvimento institucional ou a contribuição para a prática escolar de participantes do grupo. O entrevistado ressalta que o grupo de sábado não é institucionalizado, não sendo formalizado junto no CNPq, nem na própria UNICAMP, existindo, porém, uma formalidade, devido o grupo utilizar também o espaço físico da universidade. As ações do grupo não são monitoradas e/ou controladas pela instituição ou pelas regras da instituição, sendo um espaço livre, de circulação de ideias, de livre produção, onde a agenda não é definida pela universidade ou pelos acadêmicos, e sim, pelos professores.
O que é dito	CDDF56: Do foco investigativo e da característica do grupo de sábado.
Unidades de sentido	DF: [...] pelos participantes, eles definem o que querem estudar ou o que querem ver e por incrível que pareça, <u>o grupo tem o mesmo tempo de vida que o grupo de formação de professores, grupo de pesquisa de formação de professores, porque ele também surgiu em 1999 como uma alternativa de espaço</u> , formação e desenvolvimento profissional dos professores a partir do estudo das práticas, discussões e reflexões sobre o ensinar e aprender matemática nas escolas, né! Então ele começa assim e o grupo... Não significa que o grupo não tenha teoria, claro que tem.
Enxerto Hermenêutico	Tempo de vida: refere-se ao tempo cronológico de existência de dois de seus grupos.
Unidades de significado	DF57: De acordo com o entrevistado, o grupo de sábado tem o mesmo tempo de existência que o grupo de formação de professores; ambos surgiram no ano de 1999 como uma alternativa de espaço, formação e desenvolvimento profissional dos professores a partir dos estudos das práticas, discussões e reflexões sobre o ensinar e aprender matemática nas escolas.
O que é dito	CDDF57: Da constituição do grupo de sábado.
Unidades de sentido	DF: O grupo, dependendo das temáticas que são definidas, escolhidas por eles, nós vamos ter que buscar literaturas, textos que falam daquilo, então <u>é um espaço muito gostoso</u> , quer dizer, embora eu tenha tão pouco tempo para ficar no sábado aqui, é um tempo que poderia gastar para me dedicar ao descanso, ao lazer, né!
Enxerto Hermenêutico	Gostoso: refere-se ao prazer sentido ao estarem juntos, pesquisadores em situação de discussão de temas investigados.
Unidades de significado	DF58: Segundo Fiorentini, as temáticas do grupo são definidas coletivamente; sendo assim, a partir das temáticas os pesquisadores buscam por literaturas abrangentes. O entrevistado ressalta que o grupo de sábado é um espaço muito prazeroso e que se sente bem em participar, embora o horário das reuniões pudesse ser utilizado para o lazer em sua vida particular.
O que é dito	CDDF58: Da constituição das temáticas investigativas e da participação dos professores nas reuniões do grupo de sábado.
Unidades de sentido	DF: É um prazer estar aqui com o grupo, pois as ideias são muito vivas, trazem a vida da escola para nós da universidade de maneira assim bem real, é contundente com suas felicidades e complexidades, portanto <u>uma instância de aprendizagem para nós, de compreensão desse mundo, que é o mundo da escola</u> . E esses professores, muitos deles migram para o mestrado e doutorado, então <u>é um bom contexto de desenvolvimento de um professor pesquisador</u> , que na medida em que ele vai desenvolvendo uma postura de interrogar, de questionar as práticas as próprias práticas, ele vê na pesquisa acadêmica a possibilidade de aprofundar mais a investigação de problemáticas que eles têm na própria escola, então eles trazem [...]
Enxerto Hermenêutico	Mundo da escola: refere-se a situações relativas à escola e/ou a quem está envolvido com no âmbito escolar.
Unidades de significado	DF59: Dario Fiorentini afirma que é um prazer participar do grupo de sábado, pois as ideias são

	<p>muito vivas, os professores trazem a vida da escola para os pesquisadores da universidade de modo bem real, sendo contundente com suas facilidades e complexidades. Ainda, salienta que o grupo produz um espaço de aprendizagem para todos, de compreensão do mundo da escola, e que muitas vezes os professores participantes migram para os cursos de mestrado e doutorado, se caracterizando como um bom contexto de desenvolvimento de um professor pesquisador.</p>
O que é dito	CDDF59: Das potencialidades na participação no grupo de sábado.
Unidades de sentido	<p>DF: <u>Como <i>PRAPEM</i> é um grupo que agrega mestrados e doutorandos e voltados bastante para a <i>prática</i>, a gente assume, aceita essas temáticas de problemáticas definidas por eles como objetos para estudo acadêmico e é claro que eles vão fazer uma pesquisa um pouco diferente daquela que eles desenvolvem no grupo de sábado que é mais narrativa e vai seguir um pouco os pressupostos acadêmicos porque ele vai fazer uma dissertação, uma pesquisa nos moldes um pouco acadêmicos, então pode até preservar a narratividade, os processos de descrever e narrar, mas tem um processo analítico muito forte, muito mais forte e forte discussão com a literatura, com um campo conceitual para fazer análise mais profunda sobre a prática de ensinar e aprender matemática nas escolas. Então, por que estou trazendo isso? Porque é outra forma, então a institucionalização, claro que tem um papel, se é um grupo institucionalizado, ele pertence e está dentro de uma instituição acadêmica ou científica você elabora projetos que são financiados e isso acaba influenciando de certa forma, condicionando de alguma forma aquilo que é feito e produzido lá no grupo, a liberdade não é tão grande, quer dizer, há um controle que às vezes não é tão assim implícito, mas explícito sobre o que a gente pode fazer ali, né! Por que falo implícito?</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>PRAPEM: refere-se ao Grupo de Pesquisa Prática Pedagógica em Matemática. Prática: refere-se às investigações voltadas para as ações dos professores que ensinam matemática.</p>
Unidades de significado	<p>DF60: Segundo o entrevistado, o grupo PRAPEM agrega mestrados e doutorandos, em pesquisas voltadas para a prática, em que os pós-graduandos aceitam as temáticas, as problemáticas definidas pelo coletivo do grupo como objetos investigativos. Fiorentini salienta que nessa estrutura do grupo, os pesquisadores fazem pesquisa um pouco diferente das desenvolvidas no grupo de sábado, que são mais narrativas. As pesquisas do grupo PRAPEM seguem os moldes acadêmicos, em alguns casos particulares se preservam a narratividade, mas existe um processo analítico forte, se caracterizando como um campo conceitual para fazer análises mais profundas sobre a prática de ensinar e aprender matemática nas escolas. Ainda, segundo o entrevistado, entre os grupos existe uma diferenciação, pois o grupo de sábado apresenta outra possibilidade de institucionalização, e acrescenta que quando um grupo é institucionalizado, ele pertence e está dentro de uma instituição acadêmica ou científica, no qual os pesquisadores elaboram projetos, que podem ser financiados e isso acaba condicionando de alguma forma aquilo que é feito e produzido no grupo. A liberdade não é tão grande, pois, há um controle que às vezes não é tão implícito, mas explícito sobre o que o grupo pode fazer ou não.</p>
O que é dito	CDDF60: Da perspectiva investigativa e das temáticas do grupo PRAPEM.
Unidades de sentido	<p>DF: <u>Porque o grupo que está aí, um grupo de professores que são pagos pela instituição e são valorizados pelo o que eles produzem em termos de pesquisa, por exemplo, então acaba por ser institucionalizado você tem que ter produtos, e esses produtos tem que ter uma cara da instituição acadêmica, então tem que ser trabalhos com certo <i>rigor investigativo</i> e que atendem aos pressupostos de natureza mais acadêmica, no grupo de sábado que não é um grupo institucionalizado isso não acontece. Então o grupo é muito mais livre para escrever do jeito que quer, da forma que quer, se quer fazer um estudo que tenha às vezes características investigativas ou não, a liberdade é maior e os aprendizados são outros, então, eu tenho investigado também o que se aprende em comunidades investigativas, tenho escritos trabalhos, então esse artigo que escrevi para uma certa revista em 2003, você até pode consultar, é <i>aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores que participam de comunidades investigativas</i>, mas eu só peguei uma professora, uma professora que fez que participou de três grupos, que chamei investigativos, de natureza mais acadêmica e um que é do grupo de sábado,</u></p>

	que ela participava também do grupo de sábado.
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF61: Fiorentini observa que nas pesquisas do grupo existe um rigor investigativo que atende aos pressupostos de natureza acadêmica, embora o grupo de sábado não se caracterize como um grupo acadêmico institucionalizado. Segundo o depoente, essa característica permite que o grupo seja mais livre para escrever da forma que desejar, apresentando uma liberdade maior e resultando em outros aprendizados; salienta que atualmente tem investigado o que se aprende em comunidades investigativas.
O que é dito	CDDF61: Dos aspectos e do rigor investigativo do grupo PRAPEM.
Unidades de sentido	DF: <u>Ela (referindo-se a uma pesquisadora que estava com ele fazendo o pós-doutorado) participou do PRAPEM que é o grupo mais de natureza investigativa e acadêmica e eu tento analisar o processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional dela a partir da participação dela nessas comunidades investigativas, que isso de certa forma vai contribuindo para evolução e desenvolvimento dela. Nesse artigo, talvez te interesse tendo em vista que você quer investigar talvez um pouco mais a dinâmica. Não sei se o teu objetivo é investigar a formação e desenvolvimento dos participantes, acho que não é né?</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF62: Fiorentini exemplifica uma situação investigativa do grupo, analisando o processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional, a partir da participação de uma pesquisadora nas atividades do PRAPEM. Segundo o depoente, essa pesquisa pode contribuir para a evolução e desenvolvimento da pesquisadora.
O que é dito	CDDF62: Do processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional a partir da participação de pesquisadores externos junto ao grupo PRAPEM.
Unidades de sentido	DF: <u>É mais o modo de como o grupo se constitui, se desenvolve e produz, mas, no artigo mencionado, falo um pouco dessas comunidades de fronteira que são um pouco diferentes e das acadêmicas do seu caso, que está interessado em investigar comunidades, grupos acadêmicos e institucionalizados, todos eles são, mas o que quero dizer é que todos eles influenciam, mesmo institucionalizados ou não institucionalizados, mas influenciam nessa perspectiva da institucionalização, porque por ser institucionalizados, dentro de uma instituição os valores que uma instituição coloca naquilo que ela valoriza como produto, ela vai influenciar, pode ser direto ou indiretamente, pode ser de maneira mais explícita, se você tem que prestar contas em um relatório daquilo que o grupo fez, como aqui na UNICAMP se pede, então a gente tem que fazer o relatório todo ano ou ao menos agora passou a ser trienal daquilo que o grupo tem feito, tem produzido [...]</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF63: Segundo o entrevistado, nos trabalhos do grupo são abordados temas de como o grupo foi e se mantém instituído, e ainda como desenvolve e produz pesquisas. Fiorentini ressalta que os grupos acadêmicos e institucionalizados influenciam tanto os institucionalizados ou os não institucionalizados, pois por serem institucionalizados, os valores que a instituição carrega valorizando seus produtos, vai influenciar, direto ou indiretamente as ações do grupo.
O que é dito	CDDF63: Da potencialidade da institucionalidade e da produção de pesquisas no grupo PRAPEM.
Unidades de sentido	DF: <u>[...] então tem uma pré-avaliação, então obviamente se o grupo chamar de pesquisa e não fizer pesquisa não tem razão de ser, é uma questão em que todo o grupo de pesquisa tem que ter produção, tem que ter produzido artigos, livros ou coisas dessa natureza, não é apenas dizer, olha eu fiz um relatório de pesquisa e tal, mas se não resultou em nenhuma produção efetiva de artigo, de um capítulo de livro pelo menos ou coisa assim, não há porque continuar chamando e manter-se como um grupo institucionalizado, nós tivemos aqui descrédito de grupos de pesquisa, na faculdade de educação por conta disso, então tinha uma faixa de grupo, né! de vez em quando se encontravam, mas acabava não tendo produtos efetivo daquele grupo [...]</u>
Excerto Hermenêutico	Produção: refere-se ao que é produzido em seu grupo de pesquisa, a saber, textos em periódicos, capítulos de livros, livros, além de dissertações e teses.

Unidades de significado	DF64: Segundo o entrevistado, se o grupo for denominado como grupo de pesquisa e não fizer pesquisa não tem razão em ser institucionalizado, e afirma que todo grupo de pesquisa tem que ter produção.
O que é dito	CDDF64: Da institucionalização e produção do grupo PRAPEM.
Unidades de sentido	A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo de pesquisa?</i> DF: Bom, as pesquisas de cada um, vou ter que fazer uma comparação com o que acontece no PRAPEM e no grupo de pesquisa de formação de professores. No início, como era um grupo... <u>No início o grupo de formação de professores, como era um grupo de mestrados e doutorandos os projetos de pesquisa de cada um, mestrado e doutorado eram discutidos no âmbito do grupo.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF65: Segundo entrevistado, no início o grupo de formação de professores era constituído por professores e seus respectivos alunos de mestrado e doutorado, assim, os projetos de pesquisa de cada pós-graduando eram discutidos.
O que é dito	CDDF65: Do perfil dos participantes e das discussões do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Depois que o grupo deixou de ser predominantemente um grupo de mestrados e doutorandos, <u>ele passou a ser um grupo de doutores, né! E um ou outro doutorando meu participa porque como estou aqui e eles também dão um suporte e tem interesse, eles também participam, mas, não é mais apresentado esse projeto de pesquisa individual. No grupo são apresentados apenas os <i>projetos de pesquisa</i> que são gestadas no coletivo do grupo, então, por exemplo, esses livros todos que foram produzidos e outros trabalhos de pesquisa que nós publicamos coletivamente com vários autores, [...]</u>
Excerto Hermenêutico	<i>Projetos de pesquisas:</i> segundo Bicudo (1999), pro-jetar é lançar à frente, atualizando-se em ações na temporalidade e na espacialidade mundanas.
Unidades de significado	DF66: De acordo com Fiorentini, depois que o grupo deixou de ser predominantemente constituído com mestrados e doutorandos e passou a ser um grupo de doutores são apresentados os projetos de pesquisas gestados no coletivo do grupo e as produções coletivas com outros autores externos ao grupo.
O que é dito	CDDF66: Da alteração do perfil dos participantes e das discussões do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: [...] <u>esses sim são projetos que são gestados analiticamente aqui no grupo e são discutidos, são apresentados e discutidos, então, por exemplo, nos livros todos os capítulos foram discutidos, só que é interessante saber que muitos desses capítulos são decorrentes de uma <i>tese</i> ou <i>dissertação</i> que tem a ver com o grupo, com as temáticas do grupo, então são mestrados ou doutorandos que participaram do grupo de formação, né! Mas, na produção dos projetos deles, individuais deles, não era a instância aqui no grupo, era lá no grupo PRAPEM o espaço para discutir os projetos de pesquisa deles, aqui no grupo era os projetos de interesse comum, e eles participavam, os doutorandos participavam de outros projetos do grupo, quer dizer, não necessariamente da tese deles, né! Então, havia uma discussão, vez por outra, coincidia que o tema da tese e a problemática da tese batia com uma das problemáticas de pesquisa do grupo, nesse caso tudo bem, acabava... Acontecia a discussão meio que por tabela. Por essa afinidade, a temática de pesquisa do mestrando ou doutorando com a do grupo, nesse caso tudo bem, até o grupo ficava sabendo... E aí essa pessoa, esse doutorando coordenava uma sessão de trabalho, de estudo, de uma temática quando tinha algo a ver com a tese dele, então a gente já... O grupo ficava conhecendo um pouco dos objetivos, da metodologia, discutia de certa forma e trazia contribuições até para a pesquisa individual dele de mestrado ou doutorado.</u>
Excerto Hermenêutico	<i>Tese:</i> refere-se à proposição que se apresenta ou expõe para ser defendida visando o título de doutor. <i>Dissertação:</i> segundo o dicionário Houaiss, refere-se à exposição escrita de assunto relevante nas áreas científica. Em programas de Pós-Graduação, a apresentação e defesa da dissertação é requisito para o título de Mestre.
Unidades de significado	DF67: De acordo com o depoente, os livros e as pesquisas desenvolvidas coletivamente e publicados pelo grupo refletem-se nos projetos gestados analiticamente pelos pesquisadores. Segundo o entrevistado nas reuniões do grupo são discutidos os capítulos de livros a serem

	publicados, em que muitas vezes esses capítulos tratavam de pesquisas de mestrandos ou doutorandos que participam do grupo de formação, os projetos dos alunos, esses são interesses em comum do grupo.
O que é dito	CDDF67: Do foco de investigação e das discussões realizadas no grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Então veja, é por isso que esse grupo tem uma diferença, o grupo talvez que vocês estejam mais acostumados a ver é o grupo <i>PRAPEM</i> , que é aquele voltado para mestrandos e doutorandos, né! Oriundos ali, eu e a Dione como orientadores, todas as pesquisas que envolvem práticas pedagógicas em matemática ou formação de professores, ali vão ter um espaço de discussão, um dia de apresentação bastante coletivo. Como esse grupo deixou de ser de mestrandos e doutorandos e passou a ser preponderantemente de doutores, mudou também esse esquema de discutir projetos individuais, a única exceção que nós temos feito, quando vem alguém fazer <i>pós-doutorado</i> aqui, tivemos dois pós-doutorados no grupo, né! Nesse caso sim, então ele vem fazer pós-doutorado em uma temática de interesse do grupo, né! Algo que tenha a ver com o grupo, aí sim, ele quando vem, ele tem que apresentar o projeto previamente de pesquisa e justificar o porquê ele quer fazer esse pós-doutorado na UNICAMP sob minha supervisão e participar do grupo e ter o grupo como interlocução porque é uma pesquisa que está relacionada com o grupo, né! Então tem que apresentar no início, há uma discussão muito grande, é um dia que nós vamos discutir o projeto mesmo, né! e depois, na fase mais de finalização, novamente, não na finalização total, mas na parte de análise etc. novamente uma apresentação, todo mundo aqui participa também das discussões, né! No caso do pós-doutorado a gente tem feito assim, né! ele vai participando do grupo... É... Então, as pesquisas individuais nossas também não são apresentadas no grupo, a não ser aquelas que têm a relação com o coletivo, então nem sempre é uma pesquisa individual, é uma pesquisa feita no coletivo ou em uma temática ou uma problemática do grupo, então pode ser uma pesquisa só minha, né! Mas, está dentro... É um tema, dentro do projeto maior do grupo, como é o estado da arte, por exemplo, agora vai acontecer a Rosana poder fazer um trabalho só dela sobre tecnologia ou com o grupo né, e como é dentro... Ela vai analisar teses e dissertações, então tem que apresentar aqui e vai ser discutido aqui esse trabalho e vai ser validado pelo grupo, né! Vai receber sugestões de reformulação e vai ter a validação do grupo, então é um pouco diferente [...]
Enxerto Hermenêutico	PRAPEM: refere-se ao Grupo de Pesquisa Prática Pedagógica em Matemática. Pós-doutorado: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao curso de especialização ou aperfeiçoamento, ou estágio numa universidade ou instituição de pesquisa, ger. estrangeira, que se faz após a conclusão do doutorado; pós-doutoramento.
Unidades de significado	DF68: Segundo o entrevistado, no grupo PRAPEM que se caracterizava pela realização de pesquisas de mestrado e doutorado, tendo como orientadores o próprio depoente, Dario Fiorentini e a professora Dione; ressalta que todas as pesquisas que envolvem práticas pedagógicas em matemática ou formação de professores, tinham e continuarão a ter um espaço de discussão e apresentação junto ao grupo de pesquisa. Como esse grupo passou a ser preponderantemente de doutores, mudou também esse esquema de discutir projetos individuais, a única exceção realizada, quando se tem algum pesquisador fazendo pós-doutorado junto com o grupo, quando o pesquisador que realiza o pós-doutorado trabalha com uma temática de interesse do grupo, algo que tenha a ver com o grupo. Desse modo, realiza a apresentação do projeto previamente de pesquisa e justifica o porquê ele quer fazer esse pós-doutorado na UNICAMP sob a supervisão do professor X membro do grupo. Assim, nesse momento há uma discussão muito grande sobre o projeto e depois, na fase de finalização, durante a análise dos dados, novamente ocorre uma apresentação, em que todos os membros do grupo participam das discussões. Segundo o depoente, as pesquisas individuais realizadas no grupo, só são apresentadas para todos, caso exista relação com os interesses comuns e tenha relação com o coletivo.
O que é dito	CDDF68: Das perspectivas investigativas, das exposições e das discussões das temáticas e pesquisas realizadas no grupo PRAPEM.
Unidades de sentido	DF: [...] aí sim é um trabalho dele e relacionado com o grupo, então não é qualquer trabalho

	<u>meu ou dos participantes que vai ser apresentado aqui, só aquilo que tem relação mesmo com a <i>temática</i> [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Temática</i> : refere-se à temática que diz do que está sendo focado para investigação no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	DF69 : O entrevistado salienta que não é qualquer trabalho que é apresentado no grupo, e sim, aquilo que tem relação com a temática de investigação do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDDF69 : Das apresentações e da temática investigativa do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: A produção do grupo <i>é credenciada em nome de quem? Como o grupo decide a autoria do produto publicado?</i></p> <p>DF: Então, <u>ai tem dois tipos de produção que podemos dizer que recebem a contribuição ou que tenha a colaboração do grupo. Existem projetos que a gente entende que seguem a perspectiva da pesquisa colaborativa. O que é uma pesquisa colaborativa? Não sei se você já leu um pouco sobre isso, eu tenho um capítulo de livro da pesquisa qualitativa organizado pelo Borba, né! Onde lá eu coloco com mais clareza isso, mas a pesquisa colaborativa é um grupo de pesquisadores que se reúne e vai fazer uma pesquisa conjunta, em colaboração, então desde a concepção do objeto de estudo, qual o objetivo, a pergunta, tudo é definido conjuntamente, a escrita também. A autoria também. Então todos vão ser pesquisadores e também autores, por exemplo, nós temos um trabalho que é famoso por ai, mapeamento e produção dos vinte e cinco anos da pesquisa sobre formação de professores brasileiros, publicado em uma revista de Minas Gerais, é do grupo, né! Lá tem cinco autores, as vezes tem seis, sete ou oito.. Fica complicado porque um trabalho com oito autores, e são oito autores que participaram de todo processo de pesquisa, quando você analisa um conjunto grande de teses, por exemplo, vai dar nisso, então no caso de todos são autores, mas a gente tem problemas de como as instituições... Pois nem todas as instituições aceitam um artigo com oito autores, temos recebido problemas, tido problemas com isso, às vezes só três, então a gente discute aqui quem é que vão ser os três, na outra rodada outros três vão poder participar, coisas dessa natureza, mas tudo é discutido... Quem é o primeiro autor também é discutido coletivamente, o <i>primeiro autor</i> é aquele que vai assumir a coordenação, vai assumir e coordenar o processo de escrita, onde todo mundo vai dar seus <i>pitacos</i>, todo mundo vai poder contribuir na própria análise e redação, mas ao primeiro autor cabe a finalização e acabamento final, então alguém vai assumir. Nesse caso é uma pesquisa que chamados de colaborativa [...]</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<i>Primeiro autor</i> : refere-se à ordem de autoria de uma publicação acadêmica produzida pelo grupo de pesquisa. <i>Pitacos</i> : refere-se a uma expressão popular que significa dar sugestões, conselho sobre algo.
Unidades de significado	DF70 : Segundo o entrevistado, em seu grupo de pesquisa existem dois tipos de produção, as que apresentam colaboração do grupo; e as que seguem a perspectiva da pesquisa colaborativa. O depoente expõe o que para o grupo é caracterizado como uma pesquisa colaborativa , descrevendo que um grupo de pesquisadores se reúne e desenvolvem uma pesquisa conjunta, em colaboração, desde a concepção do objeto de estudo à escrita. Fiorentini, afirma que a autoria do produzido também é coletiva, onde todos são pesquisadores e também autores. Ainda, uma crítica apresentada é que nem todas as instituições aceitam um artigo com oito autores, por exemplo, e a definição de quem será o primeiro autor também é discutida coletivamente. Este será sempre aquele pesquisador que assume a coordenação, o processo de escrita, em que todos os outros participantes apresentam suas contribuições, mas ao primeiro autor cabe a finalização e acabamento final.
O que é dito	CDDF70 : Das características de produção, das interações entre os pesquisadores e da organização das reuniões do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF : [...] feita em colaboração conjuntamente, trabalho com o outro, mas <u>existem aquelas com as quais o grupo coopera, colabora, mas não é uma pesquisa colaborativa, mas, tem a ver com o tema de pesquisa do grupo. Se você buscar, deveria ter trazido aqui um dos livros, você tem os livros do grupo? Tem os três?</u>

Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF71: Segundo o entrevistado, no grupo existem trabalhos em que os membros cooperam, colaboram uns com os outros, mas não se caracteriza como uma pesquisa colaborativa, mas que tem a ver com um dos temas de pesquisa do grupo.
O que é dito	CDDF71: Das interações entre os participantes do grupo e da caracterização das investigações do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>Vamos pegar lá, por exemplo, o terceiro livro, o de cor laranja, que é o último, o tema são as práticas de pesquisa sobre formação de professores e prática de pesquisa e práticas de formação, discutimos um pouco esses processos de pesquisar, então tem vários autores lá dentro que são individuais ou em colaboração, por exemplo, tenho um artigo que vou analisar o grupo de sábado, mas fiz esse texto individualmente e ele foi gestado na concepção do livro de trazer uma prática de pesquisa e de formação de professores inter-relacionadas nesse processo e que tinha a ver com o projeto do livro, então ele passou por duas ou três vezes.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF72: De acordo com um exemplo apresentado pelo entrevistado, nos livros publicados pelo grupo, especificamente no terceiro, o tema de investigação são as práticas de pesquisa sobre a formação de professores e a prática de pesquisa em que são discutidos os processos de pesquisar. Ainda, o entrevistado salienta que o livro é composto por várias pesquisas, tanto realizadas de modo individual, como em colaboração.
O que é dito	CDDF72: Do tema de investigação e das discussões sobre o processo investigativo do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>Primeiro a ideia de contribuir com isso, pretendo contribuir com isso... Então, isso é discutido no grupo, tem relação ou não tem. Caso não tenha é descartado, então tem que ter relação com a temática que se propõe dessa pesquisa mais ampla e do livro, né! e portanto, o projeto foi discutido desse trabalho, foi discutido e aprovado pelo grupo, aprovado quero dizer assim, não tal qual eu propus, ele sofreu algumas influencias e modificações em função daquilo que foi a discussão do grupo, isso vale para todo mundo, aí feita essa aprovação, ele trabalha. Tem três meses mais ou menos, a gente vai fixar um cronograma, né! Três ou quatro meses, onde ele vai desenvolver essa pesquisa com trabalho de campo, metodologia e tal, análise. Isso novamente é apresentado e discutido, lido pelo grupo [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF73: Segundo o entrevistado, antes de efetivar certa publicação, o grupo realiza um debate, em que são discutidos se a intenção de pesquisa tem relação com a temática com a qual o grupo está trabalhando; caso isso não se configure a publicação é descartada como sendo do coletivo.
O que é dito	CDDF73: Das discussões para definição do caráter das publicações, individual ou coletiva, do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: <u>O grupo novamente dá os seus pitacos e volta novamente a rever; às vezes tem que rever muito, se ele quiser continuar participando e enfim, depois é o término, a revisão final às vezes tem um parceiro que vai dar alguma revisão e pronto, e vai para uma revisão de português, aí já é aceito. Então, nesse caso a autoria é única, mas dentro de um livro que é organizado por um grupo, então digamos assim, existe uma produção de uma comunidade, onde as pessoas podem produzir individualmente, mas ela sofre influências e contribuições desse coletivo, então ao mesmo tempo em que dedico atenção a um trabalho seu, por exemplo, eu sei que você vai dar atenção a um trabalho meu e vai me ajudar, vai contribuir para que esse meu trabalho seja melhor possível, assim como eu também vou tentar dar contribuições para que o seu trabalho seja o melhor possível.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF74: Segundo o depoente, nas produções do grupo existem casos de autoria individual, onde os outros participantes colaboram com leituras, críticas e revisões ortográficas, e ressalta que certa produção de uma comunidade, na qual as pessoas podem produzir individualmente, mas essa produção sofre influências e contribuições do coletivo, de modo que ao mesmo tempo em que dedico atenção a um trabalho de outro pesquisador, por exemplo, é sabido que ele vai dar

	atenção a um trabalho meu e isso vai ajudar a ambos.
O que é dito	CDDF74: Das características e das influências apresentadas nas produções do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Podemos notar que o grupo possui 15 pesquisadores, alguns deles ex-orientandos do senhor. Com o senhor entende essa permanência? Ela é positiva, do seu ponto de vista? Para quem? Para a sua instituição? Para aquela onde o/a participante do grupo trabalha?</i></p> <p>DF: Bom, o primeiro lugar, a pertinência no grupo é uma opção de cada um. Eu tenho vários ex-orientandos que terminaram o doutorado, participavam do grupo e hoje não participam mais. Por quê? Porque um é lá do Mato Grosso, outro de Minas, outro de Belém do Pará, outro lá do Paraná, eles querem continuar, mas é muito difícil digamos assim ter uma participação totalmente a distância, pelas características que o grupo exige [...]</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF75: De acordo com o entrevistado, a pertinência no grupo é uma opção de cada participante e salienta que existem ex-orientandos que terminaram o doutorado, participavam do grupo e hoje não participam mais, pois residem em estados mais distantes. Ressalta que há os que desejariam continuar no grupo, mas é muito difícil ter uma participação totalmente a distância, pelas características que o grupo exige.
O que é dito	CDDF75: Da pertinência de pesquisadores ao grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	DF: Então, no início alguns se esforçam, vem de ônibus, vem de avião, né! tentam manter, mas não é fácil e acabam se distanciando, a não ser com esse projeto agora universal, nós recuperamos vários ex-orientandos ou ex-participantes do grupo para virem, para participarem novamente, aí eles ficaram felizes, claro né! e aí o encontro presencial, ele é um por ano, é uma vez por ano com todo o grupo junto.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF76: Segundo o entrevistado, no caso do atual projeto universal, o grupo está recuperando vários ex-orientandos ou ex-participantes a participarem novamente, em que o encontro presencial acontece uma vez por ano.
O que é dito	CDDF76: Das interações e temática investigativa do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo o senhor de que modo eles avançam aqui, em seu grupo, e lá, em sua instituição?</i></p> <p>DF: Bom, vamos restringir agora, com esses que participam do grupo. É o caso da Rosana, é o caso da Carmem Passos, da Renata... Que já possuem orientandos lá e tal. Então, a contribuição para o trabalho de cada um na instituição é muito grande, ao mesmo tempo em que às vezes na própria instituição em que cada um está tem contato com alguma literatura que esse professor traz para o grupo, estou olhando agora a contribuição... Há uma contribuição que é recíproca, é mútua, não é apenas do grupo, mas drena do grupo para as instituições, não! Às vezes das próprias instituições para o grupo, então alguém está orientando uma dissertação ou tese e tal, em uma temática que é pertinente ao grupo, mas encontra uma bibliografia muito interessante ou desenvolve um projeto de pesquisa muito interessante, né! e o participante comenta ou traz... “olha acho que isso seria interessante para o grupo discutir”, ou até ele propõe, “gostaria de discutir isso no grupo porque estamos com uma ideia lá de um projeto que estamos desenvolvendo, de um mestrando e tem a ver com aquilo que o grupo vem fazendo” e o grupo aceita, e o grupo decide se é pertinente e se vamos ler e estudar, e o grupo passa a adotar também aquela perspectiva ou aquela literatura [...]</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	DF77: De acordo com o entrevistado, a contribuição para o trabalho de cada participante em suas instituições de ensino é grande, há uma contribuição que é recíproca, é mútua, não é apenas do grupo, no sentido de ir do grupo para as instituições e às vezes das instituições para o grupo.
O que é dito	CDDF77: Das contribuições levadas pelos pesquisadores à suas instituições de ensino.

Unidades de sentido	<p>DF: [...] então há uma contribuição que vem às vezes das instituições locais e <u>ao mesmo tempo, claro, esse professor está interessado em participar do nosso grupo, por quê? Porque aqui a gente sempre se mantém mais atualizado, é uma frente de desenvolvimento teórico e metodológico e leva contribuições para as pesquisas locais, então é uma via de mão dupla, de ida e vinda dessas instituições, por isso que o pessoal acaba não desistindo porque mesmo... Sendo muito positiva essa permanência claro. Eu sempre penso que as comunidades não podem ser isoladas, uma comunidade isolada, se você pega qualquer contexto, qualquer meio, falando de física, química e você isola, a entropia ou a evolução daquilo tende a chegar a uma estabilização e se acomoda e deixa de evoluir, deixa de entrar em entropia. Então você sempre precisa ter, por exemplo, o grupo ele é forte, ele se fortalece na medida em que ele é aberto a outras possibilidades e perspectivas, quer dizer ele não é fechado, ele está em rede com outros grupos, está em articulação com outras comunidades, está aberto para novas ideias e isso ajuda para que o grupo possa estar permanentemente evoluindo, se transformando nesse processo, então o fato deles estarem em outros locais e trazerem novidades do próprio campo de cada um é altamente enriquecedor para a evolução e desenvolvimento do grupo, das ideias, das perspectivas de pesquisa e estudos do grupo.</u></p> <p>A: <i>Obrigado professor, nós agradecemos sua disponibilidade e disposição, sabendo de sua agenda atarefada.</i></p> <p>DF: Desejo-te um ótimo trabalho, é um tema muito interessante. Tenho muito interesse e fiquei muito entusiasmado com o tema. Manda um abraço para a Maria.</p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>DF78: Segundo o entrevistado existe um interesse dos pesquisadores continuarem participando das pesquisas, pois o grupo se mantém atualizado, se caracterizando como uma frente de desenvolvimento teórico e metodológico, levando contribuições para as pesquisas locais. Fiorentini ressalta que o grupo se fortalece na medida em que é aberto a outras possibilidades e perspectivas, se colocando em uma rede com outros grupos, se articulando com outras comunidades, aberto para aceitar novas ideias e isso ajuda para que o grupo possa estar permanentemente evoluindo e se transformando nesse processo de pesquisa e estudos do grupo.</p>
O que é dito	<p>CDDF78: Das potencialidades na continuidade de participação dos pesquisadores ao grupo de pesquisa.</p>

A quarta entrevista realizada ocorreu no dia 09 de outubro de 2014 das 16h às 17h30min horas no departamento de Matemática da Universidade Estadual Paulista - UNESP, situada na Avenida 24 A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro – SP. O pesquisador entrevistado é o professor Dr. **Marcelo de Carvalho Borba**, líder de pesquisa do Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática.

Sujeito Significativo MB: prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba

Unidades de sentido	<p>A: <i>Boa tarde professor Marcelo Borba, primeiramente gostaria de agradecer sua disposição em colaborar com minha pesquisa. O senhor recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de minha investigação, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. O senhor pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p>MB: <u>O GPIMEM está agora de acordo com o novo código civil com a maior idade são dezoito anos, pelo antigo para ter a maior idade mesmo seria vinte e um anos, então o que ele está fazendo aqui agora são vinte e um anos de existência, a professora Miriam ficou de me entregar os papéis que ela achou de algumas reuniões que nós fizemos há muito tempo atrás enquanto ela</u></p>
----------------------------	---

	ainda era membro do grupo e a gente começou fazendo essa...
Enxerto Hermenêutico	GPIMEM: Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática.
Unidades de significado	MB1: Segundo o entrevistado, seu grupo de pesquisa, o GPIMEM, está completando agora, segundo o código civil, sua maioria, pois o grupo, no ano de 2015, completa vinte e um ano de existência.
O que é dito	CDMB1: Da existência do grupo de pesquisa: o GPIMEM está completando agora, segundo o código civil, sua maioria, pois o grupo no ano de 2015 vinte e um ano de existência.
Unidades de sentido	MB: Tendo <u>essa ideia de construir o grupo porque nós queríamos quebrar com a solidão de querer usar as tecnologias informáticas como a gente chamava em 1993 e éramos dois docentes, eu e a professora <i>Miriam</i>, a Telma Aparecida Gracias uma aluna de iniciação científica da <i>Miriam</i> e que depois virou minha aluna de mestrado e nós chamamos todo mundo na primeira reunião[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Miriam: refere-se à professora Miriam Godoy Penteado.
Unidades de significado	MB2: De acordo com o entrevistado, a ideia de constituição de um grupo de pesquisa veio a partir do desejo de quebrar com a solidão e querer utilizar as tecnologias informáticas. No princípio, o grupo era constituído por ele e pela professora Miriam Godói Penteado e Telma Aparecida Gracias, que na época era aluna de iniciação científica.
O que é dito	CDMB2: Do surgimento do grupo de pesquisa: desejo de quebrar com a solidão e querer utilizar as tecnologias informáticas.
Unidades de sentido	MB: [...] acho que são esses papéis que ela encontrou... <u>Eram vinte pessoas, depois dez, depois cinco e ficando três e algumas pessoas indo e voltando ao longo do tempo, debatendo textos se não me engano de... O xerox que a gente tinha de um trabalho da APM de Portugal – da Associação de Professores de Matemática de Portugal.</u>
Enxerto Hermenêutico	Xerox: impressão em papel de outro trabalho, como possibilidade, à época de ter acesso ao trabalho de outro autor, aqui no caso, de outro país.
Unidades de significado	MB3: Segundo o entrevistado, durante o surgimento do grupo, participavam vinte pessoas e com o tempo restaram três. Enfatiza que também existiam outros participantes que tinham acesso ao grupo, vindo esporadicamente participar de estudos e debates de textos científicos.
O que é dito	CDMB3: Do surgimento do grupo de pesquisa: da presença dos pesquisadores que ajudaram na constituição do grupo.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>então assim se constituiu, depois em 1996 foi um marco, a gente conseguiu com um projeto da FAPESP o infra 1, consegui o dinheiro para montar um laboratório (você entende?) e ia ser onde hoje é o anfiteatro, mas a gente conseguiu depois é transformar o que era aqui o anfiteatro, que é onde está hoje o GPIMEM, o LIEM – Laboratório de Informática e Educação Matemática, no GPIMEM e construíram o anfiteatro maior para o uso coletivo[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Unidades de significado	MB4: Segundo o entrevistado, o ano de 1996 foi um marco para o grupo, pois conseguiram verba financiada pela FAPESP para a construção de um laboratório de pesquisa. Este espaço foi construído no local onde tínhamos o antigo anfiteatro, passando a existir o Laboratório de Informática e Educação Matemática e também foi construído um anfiteatro maior para o uso coletivo do departamento.
O que é dito	CDMB4: Dos auxílios financeiros conquistados pelo grupo: construção de um laboratório de pesquisa - Laboratório de Informática e Educação Matemática e também um anfiteatro maior para o uso coletivo do departamento.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>então isso a gente fez e foi um novo marco em termos de espaço, embora o laboratório do GPIMEM tenha sido utilizado por várias pessoas, dentro e fora do grupo, porque era praticamente o único laboratório de informática dessa parte do campus, pois boa parte do campus da UNESP estava ainda na rua dez, havia ainda um outro laboratório, mas de uso ainda muito restrito para estudantes apenas da computação era o ofício deles e depois quer dizer, a gente teve nessa fase...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB5: De acordo com o depoente, a aquisição do grupo de pesquisa foi um marco em termos de

	espaço, pois o laboratório do GPIMEM e era utilizando por várias pessoas, dentro e fora do grupo, pois na época era praticamente o único laboratório de informática do campus.
O que é dito	CDMB5: Dos auxílios financeiros conquistados pelo grupo: da importância da construção de um laboratório de pesquisa - Laboratório de Informática e Educação Matemática para os discentes da pós-graduação.
Unidades de sentido	MB: <u>O nosso grupo manteve ao longo desses vinte e um anos essa preocupação com as tecnologias em informática</u> embora a própria mudança de nome dessas tecnologias mostrem o quão rápido elas transformarem tecnologias da informação em comunicação – TIC em tecnologias digitais da informação e comunicação e tecnologias digitais ou todos os outros nomes [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB6: De acordo com o entrevistado, seu grupo de pesquisa manteve ao longo de toda sua existência – 21 anos – a preocupação com as tecnologias em informática e salienta que existe uma transformação acelerada acontecendo nessa região investigativa, e exemplifica expondo a mudança na nomenclatura da área, de Tecnologias da Informação para Tecnologias Digitais da Informação.
O que é dito	CDMB6: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a preocupação com as tecnologias em informática.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>isso surgiu (quer dizer) com muita força durante a existência do nosso grupo...</u> A internet se tornou muito presente, embora a internet seja anterior à história do grupo, mas no Brasil praticamente não era, e a existência da interface WWW é de mais ou menos uns dois anos depois da (se não me engano) criação do nosso grupo, acho que é isso 1994 ou 1996 se não me engano, 1995 [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB7: Segundo o depoente, a temática central de investigação do grupo surgiu com muita força durante a existência do grupo, e salienta que concomitante a época, a internet se tornou muito presente no Brasil, o que contribuiu para definirem essa temática investigativa.
O que é dito	CDMB7: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a internet se tornou muito presente no Brasil na época de surgimento do grupo, contribuindo para a definição da temática investigativa.
Unidades de sentido	MB: [...] e isto também não era muito disponível com os computadores que a gente tinha e <u>isto foi se transformando e parece que a gente está o tempo todo aprendendo e pesquisando a dinâmica dessas tecnologias no ensino, na aprendizagem de matemática, mas também na sociedade em geral, nos ajudando a pensar em questões epistemológicas e questões ontológicas sobre o que é ser humano, sobre esse ser em movimento, esse ser sendo influenciado por uma tecnologia que ele fabricou e gerou</u> e tal, e isso se for de interesse – não sei da metodologia da pesquisa – mas existem alguns capítulos e artigos do... Meus e de colegas do grupo relatando essa história, desde o livro de 2000 até um pouco antes tem alguns artigos relatando essa história e a mudança dela ao longo do tempo [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB8: Segundo o entrevistado, a temática investigativa do grupo está sempre se transformando e, segundo ele, o grupo está em constante aprendizado e pesquisando a dinâmica das tecnologias no ensino e aprendizagem da matemática, inserido na sociedade de forma geral. Ainda, salienta que a temática investigativa contribui para que o grupo pense em questões epistemológicas e ontológicas sobre o que é o ser humano, sobre esse ser em movimento, que é influenciado por uma tecnologia que ele mesmo fabricou.
O que é dito	CDMB8: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a temática vem se transformando, assim como o grupo que está em constante aprendizado ao pesquisar a dinâmica das tecnologias no ensino e aprendizagem da matemática.
Unidades de sentido	MB: [...] e eu diria que o livro Borba e Chiari do ano passado é fundamental, pois ele faz, na visão dos autores, o <u>que a gente tentou sempre juntar um membro experiente do grupo com um novato olhando para teses e produções do próprio grupo, então seria certa análise nossa sobre o</u>

	<u>nosso trabalho.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB9: Segundo o entrevistado, no último livro lançado pelo grupo, é contada um pouco a história do grupo, em que pesquisadores mais experientes foram agrupados com um mais novato para investigar teses e produções do grupo. Segundo o entrevistado, ele considerada esse trabalho como análise dos trabalhos do grupo.
O que é dito	CDMB9: Das produções do grupo de pesquisa: o último livro lançado pelo grupo relata um pouco da história do grupo, em que foram analisadas teses e produções do grupo por duplas de pesquisadores, havendo uma interação de pesquisadores experientes com outros mais novatos.
Unidades de sentido	A: <i>Como o senhor poderia se referir ao seu grupo de pesquisa, dizendo, de modo simples, do que ele trata.</i> MB: <u>É... dizendo o nome dele grupo de pesquisa em informática, outras mídias e Educação Matemática ainda se mantêm, a mudança central seria que as outras mídias estão todas informatizadas, ou seja, basicamente até (digamos) a mídia impressa é totalmente pensada em termos do Word, a televisão virou digital, tudo tem chip parece, então a gente tem estudado (quer dizer) como que estas tecnologias digitais entram ou não entram na sala de aula, diferente de outros grupos de pesquisa a gente procura ser também muito crítico, e eu em particular não sou deslumbrado com as tecnologias digitais e procurando bastante ser crítico como tenho sido em várias palestras agora sobre o uso da internet, como a internet tem transformado o nosso cérebro, como a internet tem transformado as nossas normas de boa convivência, mas é isso tecnologias digitais e Educação Matemática e junto com isso as pedagogias associadas a elas e diferentes membros do grupo levaram para diferentes caminhos.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB10: De acordo com o entrevistado, seu grupo de pesquisa trata de investigações voltadas para a informática, outras mídias e Educação Matemática e ressalta que houve uma mudança nessa temática, em que as outras mídias estão todas informatizadas, pensadas em termos do Word, da televisão que virou digital, pois em tudo encontramos chip, sendo assim o foco investigativo é como estas tecnologias digitais entram ou não entram na sala de aula e/ou como a internet tem transformado o nosso cérebro, como a internet tem transformado as nossas normas de boa convivência.
O que é dito	CDMB10: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: investigações voltadas para a informática, outras mídias e Educação Matemática; como que estas tecnologias digitais entram ou não entram na sala de aula e/ou como a internet tem transformado o nosso cérebro, como a internet tem transformado as nossas normas de boa convivência.
Unidades de sentido	A: <i>Esse grupo de pesquisa existe desde 1993. Como ele foi criado, em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante.</i> MB: Eu diria que de novo o livro de Borba e Chiari talvez até apresente isso de uma maneira mais sucinta, mas é interessante estar aqui... eu diria que as linhas de pesquisa do grupo, <u>quer dizer uma que é mais antiga se mantém (quer dizer) com o surgimento de novos software como o <i>geogebra</i>, agora o <i>geogebra</i> 3 D e tal, seja uma investigação de softwares sobre como os alunos pensam como o software de maneira de diferentes, como que diferentes alunos de diferentes softwares e lápis e papel e outros instrumentos pensam matemática, como que eles constroem matemática, como que eles produzem matemática</u> , então eu diria que essa é uma vertente forte do grupo[...]
Enxerto Hermenêutico	Geogebra: refere-se a um aplicativo de matemática dinâmica.
Unidades de significado	MB11: Segundo o depoente, o grupo se mantém atuante em torno das investigações de softwares – como o Geogebra -, investigando como os alunos pensam o software de maneiras distintas; como que diferentes alunos trabalhando com diferentes softwares e lápis e papel e outros instrumentos pensam matemática, como que eles constroem matemática, como que eles produzem matemática.

O que é dito	CDMB11: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: -, investigando como os alunos pensam o software de maneiras distintas; como que diferentes alunos trabalhando com diferentes softwares e lápis e papel e outros instrumentos pensam matemática, como que eles constroem matemática, como que eles produzem matemática.
Unidades de sentido	MB: [...] uma <u>outra vertente que se tornou bastante forte dentro do grupo: o trabalho com tecnologia estaria sempre associado com criação, com geração de novos problemas e no artigo Borba 2012 do ZDM, eu tematizo essa história, mais uma vez colocando como...[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	ZDM: refere-se a uma revista alemã, muito conceituada, de publicação de pesquisas em Educação Matemática.
Unidades de significado	MB12: Segundo o entrevistado, outra vertente que se tornou bastante forte dentro do grupo, se caracteriza nas investigações de como o trabalho com tecnologia estaria sempre associado com criação, com geração de novos problemas.
O que é dito	CDMB12: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: como o trabalho com tecnologia estaria sempre associado com criação, com geração de novos problemas.
Unidades de sentido	MB: E a gente tem novas mídias e novos problemas e tentando então com isso, Anderson, discutir a forma como a gente tem estado <u>envolvido em elaborar as atividades e as teses e dissertações defendidas dentro do grupo são rascunhos e aprimoramento dessas atividades que vão sendo feitas dentro do grupo, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB13: De acordo com o depoente, o envolvimento dos membros do grupo na elaboração e execução de atividades que compõe as pesquisas de dissertações e teses, são rascunhos e aprimoramento do que está sendo realizado no grupo de pesquisa sobre a temática central de investigação.
O que é dito	CDMB13: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: elaboração e execução de atividades que compõem as pesquisas de dissertações e teses são rascunhos e aprimoramento do que está sendo realizado no grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MB: [...] recentemente no livro lançado semana passada, Fases das Tecnologias Digitais em Educação Matemática com Ricardo Scucuglia R. da Silva que é membro do grupo e o George Gadanidis do Canadá que tem <u>interação com o grupo, a gente remete e mostra, inclusive teoriza, como essas atividades mudam e como elas tem que mudar mesmo quando estou com um Winplot para o geogebra que seriam parentes, irmão, mas eles já tem ferramentas, controles deslizantes e fazem coisas que o outro não fazia, então você tem que adaptar e repensar tudo. Mas, também desde o começo, vários de nós, e eu enquanto coordenador do grupo, tenho pensado apenas tecnologia não é importante, então pensar em problemas e problemas abertos que gerassem exploração com as tecnologias tem sido uma característica como eu falei[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Winplot: ferramenta computacional utilizada para a construção de gráficos 2D e 3D.
Unidades de significado	MB14: O entrevistado ressalta que na interação entre os membros do grupo de pesquisa acontecem teorizações dessas atividades realizadas em pesquisas específicas e discutem que apenas a tecnologia não é importante, mas que o importante é pensar em problemas abertos que possam gerar explorações com as tecnologias. E salienta que isso tem sido uma característica das investigações do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMB14: Da interação entre os membros do grupo de pesquisa: teorizações das atividades realizadas em pesquisas do grupo; discussão de que apenas a tecnologia não é importante, mas que o importante é pensar problemas abertos que possam gerar explorações com as tecnologias.
Unidades de sentido	MB: [...] e a gente tem também trabalhado com o que se convencionou chamar em <u>Educação Matemática de modelagem, para ver também como que os alunos pensam e geram problemas abertos na medida em que tem tecnologia diferentes, não só apenas para ver apenas como eles pensam quando tem tecnologias diferentes[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Modelagem: no texto entendida como uma estratégia pedagógica que privilegia a escolha de temas pelos alunos para serem investigados.
Unidades de significado	MB15: Segundo o pesquisador entrevistado, seu grupo de pesquisa também realiza investigações no que se convencionou chamar em Educação Matemática de modelagem.

	Salienta que o foco investigativo das pesquisas com essa temática se caracteriza no como os alunos pensam e geram problemas abertos na medida em que trabalham com tecnologias diferentes.
O que é dito	CDMB15: Da temática investigativa que mantém o grupo atuante: modelagem matemática, investigando como os alunos pensam e geram problemas abertos na medida em que trabalham com tecnologias diferentes.
Unidades de sentido	MB: [...] há trabalhos de modelagem embora poucos, que envolveram pouco uso de tecnologia, <u>mas a imensa vertente do grupo é esta interface dessas duas tendências entre modelagem e as tecnologias digitais</u> , utilizando a terminologia que hoje eu utilizo, então essa seria uma segunda vertente bastante forte do trabalho que a gente tem feito.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB16: Segundo o entrevistado, a segunda vertente de investigação do grupo de pesquisa são as pesquisas voltadas para a modelagem matemática. Porém, destaca que as vertentes de trabalho predominante são: modelagem e tecnologias digitais.
O que é dito	CDMB16: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: a segunda vertente de investigação do grupo de pesquisa é a modelagem matemática.
Unidades de sentido	MB: <u>A terceira que se tornou durante um tempo, até (eu diria) a vertente principal, eu acho que elas vão e flutuam um pouco, dependendo do acaso, também seria aquela que é influenciada, você pode ver que ela não é construída apenas pela vontade do Marcelo, ou pela vontade de outros membros do grupo, é por outras forças sociais que nos trazem a internet e com isso ressurgem a questão da EAD online e nós somos um grupo pioneiro no Brasil a investigar a educação online na EAD de 1999 testando em 2000 com o curso de tendências oferecido em sua primeira versão</u> que se constitui o campo entre aspas da tese de Telma Aparecida Gracias que é a primeira tese sobre o tema que... Nesse grupo já tinham saído outras teses, mas ela teve a felicidade de ficar grávida no meio da tese e com isso a tese demorou um pouco mais a sair e tal... Mas de qualquer jeito a gente tem já em Borba e Penteado (2001) o relato de parte do trabalho de campo feito por ela comigo e o técnico Geraldo Lima, era uma verdadeira...
Enxerto Hermenêutico	EAD: refere-se à Educação à Distância.
Unidades de significado	MB17: Segundo o entrevistado, a terceira vertente de investigação do grupo é a questão da EAD online. O pesquisador ressalta que a vertente de pesquisa principal do grupo flutua um pouco, não sendo constituída apenas pela vontade do coordenador ou de outros membros do grupo, e sim, por forças sociais.
O que é dito	CDMB17: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a terceira vertente de investigação do grupo é a questão da EAD online; e ressalta que a vertente de pesquisa principal do grupo não é construída pela vontade do coordenador ou de outros membros do grupo, e sim, por forças sociais.
Unidades de sentido	MB: Era algo muito diferente do que dar um curso online hoje utilizando o Facebook, onde eu praticamente demoro quarenta minutos para ajeitar toda infraestrutura e o Facebook cuida do resto e eu tenho que pensar no conteúdo, <u>não aquilo foram mais ou menos um ano para a gente montar, fazendo testes...</u> Isso também está relatado em outros livros, então essa é uma vertente, <u>a gente foi acompanhando mudanças do desenvolvimento da internet e ideia de AVA – Ambientes Virtuais de Aprendizagem, como dar cursos? Como pensar atividades? Como que a matemática poderia estar se modificando nesse ambiente virtual?</u>
Enxerto Hermenêutico	AVA: refere-se a um Ambiente Virtual de Aprendizagem.
Unidades de significado	MB18: Segundo o entrevistado, o grupo foi pioneiro em pesquisa sobre EAD online no Brasil e expõe que nos anos de 1999 e 2000 foi realizado pela internet um curso de Tendências em Educação Matemática. O pesquisador ressalta que essa vertente de pesquisa do grupo acompanha as mudanças e desenvolvimento da internet, o que é denominado de AVA, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, e as investigações nesse ambiente convergem para: como realizar os cursos? Como pensar atividades? Como que a matemática poderia estar se modificando nesse ambiente virtual?
O que é dito	CDMB18: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a EAD online acompanha as

	mudanças e desenvolvimento da internet, o que é denominado de AVA Ambientes Virtuais de Aprendizagem, e as investigações nesse ambiente convergem para: como realizar os cursos? Como pensar atividades? Como que a matemática poderia estar se modificando nesse ambiente virtual?
Unidades de sentido	MB: Você e membros do seu grupo já estão familiarizados com a noção de <i>seres humanos com mídias</i> , então não vou estar colocando aqui, mas esta noção surge...
Enxerto Hermenêutico	Seres-humanos-com-mídias: no texto refere-se à noção a qual entende que os seres humanos produzem conhecimento junto com determinadas mídias.
Unidades de significado	MB19: Segundo o depoente, a noção de seres-humanos-com-mídias trabalhadas no grupo surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos.
O que é dito	CDMB19: Do surgimento de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: o termo <i>seres humanos-com-mídias</i> surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos.
Unidades de sentido	MB: Quer dizer tentando <u>mostrar como que nós enquanto pessoas que conhecemos nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, agora com a internet isso chamou mais atenção, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB20: Para o pesquisador entrevistado a noção de seres humanos com mídias trabalhadas no grupo surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos.
O que é dito	CDMB20: Do surgimento de uma temática investigativa do grupo de pesquisa: o termo <i>seres humanos com mídias</i> surgiu do interesse investigativo de expor como nós, seres humanos, nos modificamos com as diferentes tecnologias e principalmente como produzimos conhecimentos de maneiras distintas, e mais ainda, como que a própria noção do que é ser humano, do que é ser humano com os outros se modifica com essa tecnologia que modifica todos nossos atos.
Unidades de sentido	MB: [...] eu diria então que essa é uma questão grande e ainda no que a gente chama da <u>quarta fase nesse livro agora, as fases seria quase que uma outra quarta tendência é essa mudança tão grande que traz a mobilidade, os celulares na sala de aula presencial, um curso a distância que estava dando ano passado em que os alunos rapidamente põem links mais interessantes do que aqueles que eu pesquisei e apresentei sobre matemática e arte num determinado momento, como a gente lida com isso? Como trabalhar com isso? Tem se tornado também uma vertente é... Muito forte. Finalmente, a quinta vertente deriva dessa da educação online é de analisar cursos de educação online que não fossem os cursos dados por nós, né...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB21: Segundo o depoente, o grupo está passando pelo que chama de quarta tendência investigativa, caracterizando como uma mudança que traz a mobilidade, os celulares na sala de aula presencial e exemplifica que em um curso a distância oferecida recentemente, os alunos tinham autonomia para inserir na plataforma utilizada para o curso, links mais interessantes do que aqueles que o pesquisador apresentou a eles sobre matemática e arte. O depoente ressalta que as questões investigativas se caracterizam em como o grupo lida com isso? Como trabalhar com isso?
O que é dito	CDMB21: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a presença de celulares na sala de aula, em que os alunos podem acessar e indicar links sobre o conteúdo estudado. O depoente

	ressalta que as questões investigativas se caracterizam em como o grupo lida com isso? Como trabalhar com isso?
Unidades de sentido	MB: Além dos cursos de tendências, tem o curso que eu e Rúbia demos para Fundação Bradesco, a Rubia então ainda aluna de mestrado ou na entre safra de doutorado, mas também a gente lidando com aquilo, <u>mas agora a gente tem dois projetos em que a gente analisa o que o governo com sua política pública de universidade aberta do Brasil, como que ele tem utilizado as tecnologias nos cursos de matemática? Ou seja, mantendo o foco do grupo nas licenciaturas de matemática.</u>
Enxerto Hermenêutico	Rúbia: refere-se à professora Rúbia Barcelos Amaral Zulatto.
Unidades de significado	MB22: Segundo o entrevistado, a quinta vertente de investigação do grupo deriva da educação online, no qual os pesquisadores analisam cursos de educação online que não sejam oferecidos pelo próprio grupo; e ressalta que atualmente o grupo tem dois projetos, em que estão analisando o que e como o governo, com suas políticas públicas de universidade aberta do Brasil, utiliza as tecnologias nos cursos de matemática, mantendo o foco nas licenciaturas de matemática.
O que é dito	CDMB22: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a quinta vertente de investigação do grupo deriva da educação online, no qual os pesquisadores analisam cursos de educação online que não sejam oferecidos pelo próprio grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Nesse sentido, gostaríamos de saber, de que modo surgem os temas a serem estudados. O coordenador sugere? Os membros indicam assuntos que gostariam de pesquisar?</i> MB: Esta parcialmente já está respondida (quer dizer), <u>ela surge dos <i>insights</i> do Marcelo nadando, ela surge dos insights do Marcelo caminhando, eu já fui aqui enquanto apenas cinco correriam no campo da Unesp, e um ou dois caminhavam, eu era o único professor que caminhava, e sempre estive caminhando com algum aluno bufando em geral mais novo e fruto de risadas, mas muitas dessas ideias surgem nessas caminhadas (quer dizer)[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Insights: segundo o dicionário Houaiss (2002), refere-se a uma clareza súbita.
Unidades de significado	MB23: De acordo com o entrevistado, as temáticas investigativas do grupo surgem de seus insights nadando e/ou caminhando.
O que é dito	CDMB23: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: dos insights do coordenador do grupo – nadando e/ou caminhando.
Unidades de sentido	MB: [...] sobre o que fazer, as últimas delas foi amadurecendo, para dar um exemplo, <u>que tenho vivo na memória foi com o Nilton Domingues</u> que você conhece e eu queria muito trabalhar com a ideia de vídeo em sala de aula e tal, mas só permite... E não sabia como fazer isso, então fizemos uma iniciação científica e ele é muito bom em vídeo, um ano e meio depois eu fui saber que ele ganhou um prêmio da Skol com isso e eu não sabia, e junto com isso...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB24: Segundo o pesquisador entrevistado, as temáticas investigativas do grupo surgem de seus insights nadando e/ou caminhando só ou, em geral, com alunos, e, sobre o que fazer, exemplifica o caso do aluno Nilton Domingues, que trabalha com a ideia de vídeo em sala de aula, e realizou sua iniciação científica sob sua orientação e um ano e meio depois descobriu que o aluno tinha ganhado um prêmio da Skol, em que desenvolveu certo vídeo publicitário.
O que é dito	CDMB24: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: dos insights do coordenador do grupo – nadando e/ou caminhando com alunos do grupo de pesquisa e junto a alunos que tenham conhecimento sobre o como fazer.
Unidades de sentido	MB: <u>Mas obviamente ele não tinha a experiência que eu tinha como professor para pensar na sala de aula e junto nós fomos desenvolvendo coisas nas disciplinas que eu ministro e depois daquilo eu fui fazer algo com a ajuda dele na sala de aula, nas salas de aulas que ministro que transformou no campo de trabalho... No insumo para dissertação de mestrado que ele defendeu.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB25: Segundo o entrevistado, o caso do aluno Nilton Domingues, que trabalha com a ideia de vídeo em sala de aula e havia ganhado um prêmio da Skol por ter desenvolvido certo vídeo

	publicitário, mas que não tinha experiência como professor, para pensar na sala de aula e juntos desenvolveram coisas nas disciplinas ministradas pelo pesquisador e desenvolver experimentos em sala de aula, toda essa dinâmica resultou na dissertação de mestrado defendida pelo Nilton.
O que é dito	CDMB25: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: expõe o caso de um aluno que já apresentava destreza com a ferramenta de produção de vídeos, mas que não tinha experiência como professor para pensar na sala de aula. Entretanto, na união pesquisador e orientando resultou em um produto investigativo.
Unidades de sentido	MB: Bom, mas aí você fala, mas isso é uma visão apenas da ideia... Não, nota que <u>são questões vindas da sociedade também e se manifestam também pelas tecnologias disponíveis</u> , obviamente pensar uma tese sobre o vídeo há quinze anos eu poderia, mas, seria outra coisa completamente diferente em termos de qualidade do vídeo e da possibilidade e tudo mais, ou como nós comentamos, hoje em dia eu tenho essa possibilidade [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB26: Segundo o entrevistado, os temas de investigação do grupo são questões advindas também da sociedade e se manifestam na utilização das tecnologias disponíveis.
O que é dito	CDMB26: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: temas advindos da sociedade e que se manifestam na utilização das tecnologias.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>a tecnologia transforma de tal maneira como a gente mostra no projeto com o George Gadanidis e Ricardo Scucuglia na performance matemática digital, que essa seria a quinta vertente, voltando a pergunta passada aqui, eu transformo o aluno naquele que publica na internet</u> , então o trabalho pelo qual ele vai ser avaliado, no qual ele participa na sala de aula presencial ou a distância também pode estar no youtube e liberado para quem ele quiser, para família dele, ele pode mostrar para os amigos a vontade sobre uma história que ele fez ou sobre algo que ele desenvolveu, então essa é eu diria que voltando ao começo de quando eu era aluno da sua orientadora e que nós...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB27: De acordo com o depoente, a quinta vertente de investigação do grupo de pesquisa é exposta no projeto desenvolvido com a parceria dos pesquisadores George Gadanidis e Ricardo Scucuglia, que possui como tema investigativo a performance matemática digital, em que o foco é transformar o aluno naquele que publica na internet.
O que é dito	CDMB27: Da temática de investigação do grupo de pesquisa: a performance matemática digital, em que busca também transformar o aluno naquele que publica na internet.
Unidades de sentido	MB: E que ela me emprestou o livro do Demerval Saviani, depois eu mudei para estar analisando que a noção de problema tem uma vertente subjetiva e objetiva, que eu fui burilando isso ao longo do tempo, <u>eu posso dizer que os temas surgem dessa questão subjetiva, do desejo de cada um, de uma questão do Nilton como também ser bom com vídeo e eu não ser tão bom, mas surgem também dessas questões objetivas que são as possibilidades e é claro que se tivessem ainda nos últimos dois anos a condição da própria eletricidade na UNESP tão ruim como era há seis anos lá no verão, provavelmente a tese dele não teria sido concluída porque era comum faltar luz nos cursos noturnos ou algo do tipo, e vários daqueles vídeos não teria sido utilizado [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB28: Segundo o pesquisador entrevistado, os temas investigativos do grupo surgem de questões subjetivas, do desejo de cada um, das questões objetivas e das possibilidades de cada membro do grupo, bem como, da materialidade disponível.
O que é dito	CDMB28: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: de questões subjetivas, do desejo, das questões objetivas, das possibilidades de cada membro do grupo e da materialidade disponível.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>então eu diria que essa interface, essa combinação de questões objetivas e subjetivas e uma possuindo a outra. As questões objetivas são impregnadas de humanidade quando eu coloco na ideia de seres humanos com mídias e as subjetivas impregnadas das objetividades das coisas que nos cercam, dessa sala onde está sendo a entrevista e tudo mais.</u>

Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB29: De acordo com o depoente, a escolha de um tema investigativo no grupo de pesquisa acontece mediante essa interface, essa combinação de questões objetivas e subjetivas, em que uma está impregnada da outra. O pesquisador ressalta que as questões objetivas são impregnadas de humanidade quando no grupo, se coloca mediante a ideia de seres humanos com mídias, e também que as questões subjetivas são impregnadas de objetividades a partir das coisas que nos cercam.
O que é dito	CDMB29: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: acontece mediante essa interface, essa combinação de questões objetivas e subjetivas, em que uma está impregnada da outra.
Unidades de sentido	<p>A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre.</i></p> <p>MB: Olha, este projeto do grupo, ele tem sido... Considerando as questões que eu já coloquei na questão anterior... Mas, ele tem sido é... <u>Num primeiro momento no grupo, pensado muito por mim porque era a principal liderança e pensava em projeto e via vertentes em torno daqueles projetos e também do terceiro fator objetivo considerar os financiamentos, as possibilidades de financiamento, a gente se adequava àquelas possibilidades pensando em projetos coletivos; num segundo momento já havia uma docente forte no grupo, também alguns alunos mais experientes com os quais eu dividia a decisão sobre: vamos propor isso? Depois que a gente propunha, a gente tinha que estar fazendo, pensando nisso e tal, e já começam a surgir insumos dele, que tal um projeto como esse e tal. Ultimamente, quer dizer, já faz algum tempo isso tem surgido de várias cabeças e às vezes eu sou consultado enquanto coordenador do grupo sobre a possibilidade disso ou sou comunicado sobre o projetos que surgem, nós somos seis docentes da Unesp nesse momento, são outros em torno de oito docentes dentro e fora do país que são pesquisadores associados que é uma categoria que a gente tem para pessoas que interagem com a gente com regularidade e constância, podem entrar e sair, diferente de um mestrando ou doutorando, mas eles podem e devem ter seus grupos de pesquisa com propostas disparas ou semelhantes das nossas, para que inclusive o grupo seja arejado por estas diferentes perspectivas e insumos e teorias que os grupos vão sendo liderados.</u> Então Jussara Araújo, Mônica Villarreal são exemplos de pesquisadoras como essas e outros que não foram nem alunos de mestrado ou doutorado do GPIMEM como Regina Franchi que estava na UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto e agora está na UFABC – Universidade Federal do ABC, por exemplo, com projetos com o grupo, todo mundo que passa muito tempo sem projeto com o grupo a gente...</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB30: O pesquisador entrevistado afirma que professores os temas investigativos são escolhidos no grupo. Em um primeiro momento eram pensados por ele – coordenador -, porque era a principal liderança e pensava em projetos, nas vertentes investigativas e nos financiamentos. Em um segundo momento, a decisão de escolha de um tema investigativo era dividida com pesquisadores mais experientes do grupo. Segundo o pesquisador, nos últimos anos, os temas investigativos estão sendo definidos por várias cabeças, pois atualmente o grupo conta com seis docentes da UNESP e outros oito docentes associados ao grupo, tanto do Brasil, como de outros países. Ainda, o pesquisador enfatiza que algumas vezes é consultado ou informado sobre temáticas que serão desenvolvidas no grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMB30: De como surgem os temas de investigação do grupo de pesquisa: em dois momentos, o primeiro, ao ser pensado por ele – coordenador, porque era a principal liderança e pensava em projetos, nas vertentes investigativas e nos financiamentos. E o segundo momento, com os pesquisadores mais experientes do grupo e pelos pesquisadores associados [...]
Unidades de sentido	MB: Vai ter outro projeto? <u>Se não tiver, sai de pesquisador associado e vai indo e pode voltar,</u> desde que tenha um projeto em conjunto com os grupos, então eu diria que são pensados com essas vertentes, de novo a partir dos editais, por exemplo, a gente passa a decidir um projeto porque sai um edital de colaboração com a Colômbia e com colaboração com a Argentina e

	também muito em uma vertente muito forte, quer dizer[...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB31: Segundo o entrevistado, a permanência de pesquisadores associados ao grupo se dá pela realização de projetos vinculados ao grupo; caso não estejam desenvolvendo projetos, os pesquisadores deixam de serem associados, mas podem voltar ao grupo posteriormente.
O que é dito	CDMB31: Da permanência de pesquisadores ao grupo: se dá pela realização de projetos vinculados ao grupo, caso não estejam desenvolvendo projetos, os pesquisadores deixam de serem associados, mas podem voltar ao grupo posteriormente.
Unidades de sentido	MB: [...] da cooperação internacional, então quando <u>se fala de <i>internacionalização</i> aqui, o nosso grupo ele é internacionalizado desde o começo</u> , quer dizer, eu com o fato de ter feito o doutorado no exterior já tinha desde o começo interações com a ex-orientadora que era de fora e com isso conheci outras pessoas e um olhar no Lattes que ainda está muito incompleto naquela época de noventa e tantos até...
Enxerto Hermenêutico	Internacionalização: no texto, refere-se a interação que os membros do grupo estabelecem com pesquisadores, grupos, eventos, textos de outros países.
Unidades de significado	MB32: De acordo com o entrevistado, na pós-graduação se fala de internacionalização, porém de seu ponto de vista, o seu grupo é internacionalizado deste seu surgimento, pois ele já se iniciou no programa com vínculos com pesquisadores do exterior.
O que é dito	CDMB32: Da internacionalização do grupo de pesquisa: o grupo é internacionalizado deste seu surgimento.
Unidades de sentido	MB: Noventa e oito não é uma boa ferramenta o Lattes para minha carreira, mas, <u>eu tenho várias idas etc. para o exterior e com isso depois, isso vai se consolidando e atualmente eu tenho que escolher algumas dessas cooperações, então teve também questões que não eram fortes no grupo, mas eu interagi com o professor Ole Skovsmose durante seis anos, foi assim que ele veio à primeira vez para Rio Claro e com isso outra questão que era da minha dissertação de mestrado de trabalhar com etnomatemática e educação matemática crítica resulta, em dois ou três artigos e capítulos publicados na <i>Springer</i> ou no <i>For the Learning of Mathematics</i>, né...</u>
Enxerto Hermenêutico	Springer; For the Learning of Mathematics; referem-se a revistas estrangeiras, bem conceituadas, de publicações de pesquisas em Educação Matemática.
Unidades de significado	MB33: Segundo o entrevistado o seu grupo de pesquisa é internacionalizado, pois ele como coordenador já realizou várias idas para o exterior e com isso vai consolidando algumas cooperações de grupos estrangeiros. Ressalta que estabeleceu interação com o professor Ole Skovsmose durante seis anos, resultando em sua vinda pela primeira vez para Rio Claro; e também cita que em sua dissertação de mestrado trabalhou com etnomatemática e que o trabalho com o Ole levou à etnomatemática e educação matemática crítica, o que resultou em dois ou três artigos e capítulos publicados na Springer ou no For the Learning of Mathematics.
O que é dito	CDMB33: Da internacionalização do grupo de pesquisa: o grupo já se formou internacionalizado por consolidar algumas cooperações com grupos estrangeiros; interação com o professor Ole Skovsmose durante seis anos, ocasionando sua vinda pela primeira vez para Rio Claro; e também a dissertação de mestrado do coordenador do grupo, que trabalhou com etnomatemática e educação matemática crítica, resultando em dois ou três artigos e capítulos publicados na Springer ou no For the Learning of Mathematics.
Unidades de sentido	MB: Então depois, ai já junto vem à cooperação com o George Gadanidis que tem agora oito anos e tal, mas eu não consigo fazer e <u>desenvolver todas. Tem uma cooperação muito interessante agora com os colegas da Colômbia, com o Jonh Alexander e com o Carlos, então, eles passam a influenciar também, porque eles falam: Marcelo queremos fazer isso e queremos fazer com você. Vamos fazer isso? E vem teses por exemplos deles, em que estão usando o construto seres-humanos-com-mídias de uma maneira que eu nem sei se eu concordo muito, mas eu decidi que isso também não é papel meu estar julgando isso, eu tenho que estar discutindo e debatendo e não dizendo você pode ou não pode como dizia o Chico Buarque: música e filho é assim, a gente põe no mundo e depois os usos são meios distintos.</u>
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	MB34: Segundo o entrevistado, as interações desenvolvidas com os pesquisadores estrangeiros influenciam as ações investigativas do grupo, relata que são oito anos de cooperação com o professor George Gadanidis e também a cooperação muito interessante estabelecida com pesquisadores colombianos, Jonh Alexander e Carlos. O pesquisador entrevistado ressalta que a cooperação com esses pesquisadores estrangeiros influenciam o grupo, pois das pesquisas deles são apresentadas teses em que trabalham com o construto seres humanos com mídias de uma maneira que ele nem sabe se concorda, mas que tomou a decisão de não decidir isso, e sim, de estar discutindo e debatendo.
O que é dito	CDMB34: Da interação com pesquisadores estrangeiros no grupo de pesquisa: são apresentadas teses em que usam o construto seres-humanos-com-mídias de uma maneira que ele nem sabe se concordo, mas que tomou a decisão de não decidir isso, e sim, de estar discutindo e debatendo.
Unidades de sentido	A: <i>Sendo elaboradas colaborativamente, como acontecem a exposição das ideias e respectivas reuniões para que constituam um tema que todos os participantes do grupo de pesquisa se sintam incluídos?</i> MB: Sim, e eu diria <u>que também há simetrias, não é o colaborativo totalmente nessa questão porque tem pressões...</u> Têm pressões dos dois lados, dos alunos que falam, eu quero esse projeto com isso, pois meu doutorado é aqui, tem pressões minhas da agência...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB35: De acordo com o entrevistado, a elaboração de um tema de investigação acontece colaborativamente, mas a exposição, ou publicação, não, pois há simetrias, e ressalta que existem pressões dos dois lados, do aluno que deseja investigar o projeto com algumas características e do orientador, do departamento e de agências de fomento do outro lado.
O que é dito	CDMB35: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: a elaboração de um tema de investigação acontece colaborativamente, mas a exposição, ou publicação, não, pois há simetrias, e ressalta que existem pressões dos dois lados, do aluno que deseja investigar o projeto com algumas características e do orientador, do departamento e de agências de fomento do outro lado.
Unidades de sentido	MB: Do departamento e tal, mas é bastante consultado, por exemplo, agora, <u>meu próximo projeto já foi discutido com cinco pessoas</u> , entendeu[...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB36: Segundo o entrevistado, seu próximo projeto de pesquisa, que será desenvolvido junto ao grupo, já foi discutido com cinco pessoas.
O que é dito	CDMB36: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: discussão de um possível tema investigativo com pesquisadores mais experientes do grupo.
Unidades de sentido	MB: [...] elas já me aconselharam, me criticaram e tal, e uma das pessoas como eu tinha dois projetos para desenvolver nos próximos anos, <u>uma das pessoas já pediu autorização: posso desenvolver o outro então, já que você não vai desenvolver?</u> Eu disse: espera mais seis meses para eu ter certeza, porque agora estou na fase: será que é isso mesmo que eu vou fazer durante quatro anos da minha vida?
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB37: O pesquisador entrevistado afirma que um membro de seu grupo de pesquisa, pediu autorização para desenvolver uma determinada ideia de pesquisa, uma vez que o ele já estava com outra opção de escolha.
O que é dito	CDMB37: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: o coordenador apresenta para crítica e sugestões tema que será investigado futuramente, podendo ou não desenvolver todos. Então, há membros do grupo pleiteiam os outros temas que não foram escolhidos, para desenvolverem.
Unidades de sentido	MB: Se depender de mim é, se for isso o outro certamente a pessoa vai poder fazer, <u>então são pessoas, eu não preciso dizer isso para você, mas é uma questão central, quer dizer isso já envolve mestrando menos, mas eu acabei de dar o exemplo do Nilton que foi importante, mas envolvem doutorandos, alguns doutorandos bastante, os outros colegas docentes do grupo e</u>

	<u>alguns desses de contribuição internacional e obviamente a gente faz isso, como você sabe de sexta de noite ou sábado e tal de maneira coletiva, o nosso trabalho é muito assim e abraçando quem precisa mais em um determinado momento.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB38: Segundo o entrevistado, a discussão de um tema de pesquisa é efetuada pelos pesquisadores docentes do grupo, tanto os pesquisadores da UNESP, quanto aqueles que cooperam internacionalmente ou de outras instituições; também por alunos mais experientes, geralmente os doutorandos. O professor enfatiza que de sexta-feira à noite ou sábado, de maneira coletiva, o grupo se reúne para abraçar quem precisa mais em um determinado momento.
O que é dito	CDMB38: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: efetuada pelos pesquisadores docentes do grupo, tanto os pesquisadores da UNESP, quanto aqueles que cooperam internacionalmente ou de outras instituições; também por alunos mais experientes, geralmente os doutorandos. E ainda, que o grupo dá, em momentos específicos, mais atenção aos que no momento estão precisando.
Unidades de sentido	MB: Olha, a gente tem uma reunião que atualmente é de sexta à tarde que é uma marca e ela há mais ou menos oito anos teve certa crise, eu diria dez anos, então metade da existência do grupo, <u>mas nos últimos três anos está maior ainda, que chama-se uma crise de crescimento, Maradona e Zico para serem escalados no mesmo time</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB39: Segundo o entrevistado, as reuniões do grupo acontecem geralmente às sextas-feiras à tarde, já se caracterizando como uma marca. Porém, enfatiza que há 10 anos teve uma crise e nos últimos dez anos o grupo está passando por uma crise de crescimento.
O que é dito	CDMB39: Das reuniões do grupo de pesquisa: as reuniões do grupo acontecem geralmente às sextas-feiras à tarde e enfatiza que nos últimos dez anos o grupo esteja passando por uma crise de crescimento.
Unidades de sentido	MB: [...], ou seja, <u>o grupo ficou grande e uma reunião apenas está ficando muito difícil para as pessoas poderem se expressar [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB40: O pesquisador afirma que o grupo ficou grande e uma reunião apenas está ficando muito difícil para os membros participantes possam se expressar.
O que é dito	CDMB40: Das reuniões do grupo de pesquisa: o crescimento do grupo está dificultando que os membros se expressem em apenas uma reunião.
Unidades de sentido	MB: [...] então o que <u>tem acontecido cada vez mais é uma multiplicidade de reuniões</u> , dentro do espaço físico do GPIMEM o outro na minha sala que funciona como uma extensão disso, outro em outras salas, quer dizer...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB41: Segundo o pesquisador entrevistado, o crescimento do grupo exige a realização de uma multiplicidade de reuniões do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMB41: Das reuniões do grupo de pesquisa: o crescimento do grupo está exigindo a realização de uma multiplicidade de reuniões.
Unidades de sentido	Ou seja, a gente tem bastante (quer dizer) isso sendo (como é que vou dizer?) <u>a gente tem tido no momento agora várias reuniões que são reuniões de projetos</u> , então tem reunião de projeto com financiamento do CNPq, tem reunião do OBEDUC que a Sueli Javaroni coordenada, que são reuniões que tem meus orientandos, tem outros e tal...
Enxerto Hermenêutico	OBEDUC: segundos documentos da CAPES, refere-se ao Programa Observatório da Educação, resultado da parceria entre a Capes, o INEP e a SECADI.
Unidades de significado	MB42: Segundo o entrevistado, o crescimento do grupo exige a realização de uma multiplicidade de reuniões, e expõe o caso de uma reunião específica para discussões de projetos de pesquisa.
O que é dito	CDMB42: Das reuniões do grupo de pesquisa: o crescimento do grupo está exigindo a realização de uma multiplicidade de reuniões, um caso particular citado é uma reunião

	especifica para discussão de projetos de pesquisa.
Unidades de sentido	MB: Tem orientandos ai... Que estão mesclados nessa parte e de outros projetos também <u>tem acontecido, têm acontecido reuniões e grupos de estudo</u> , por exemplo, as pessoas querem estudar e chamam as pessoas do GPIMEM e abrem para outros, porque existem outras pessoas, por exemplos pessoas do seu grupo estudarem em conjunto a EAD online e tal[...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB43: Segundo o entrevistado, os membros do grupo realizam reuniões de estudos e discussões de textos com pessoas de outros grupos.
O que é dito	CDMB43: Das reuniões do grupo de pesquisa: os membros do grupo realizam reuniões de estudos e discussões de textos com pessoas de outros grupos.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>então essa multiplicidade tem sido uma maneira nova para estar fazendo isso. Agora os projetos de pesquisa das novas ideias eles surgem muito nessas reuniões todas, mas não são decididos nessas reuniões</u> , ainda mais que vários alunos, por exemplo, de mestrado estão passando pelo GPIMEM, vieram porque tem o orientador e querem terminar sua dissertação e ir embora e a gente não tem uma postura de amarrar ou de obrigar a pessoa de ficar vinculada ao grupo, quer dizer, a participação é voluntária e terminado o mestrado e o doutorado que seria uma participação não totalmente voluntaria dentro do grupo[...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB44: De acordo com o pesquisador entrevistado, no grupo existe uma multiplicidade de maneiras de os membros interagirem entre si e com os demais alunos da pós-graduação, e salienta que nessas interações surgem novas ideias de pesquisas, porém são decididas em outro momento distinto.
O que é dito	CDMB44: Da constituição de um tema investigativo do grupo de pesquisa: as ideias surgem durante as múltiplas atividades de interação do grupo, porém são decididas em outro momento distinto.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>a pessoa continua no grupo se os docentes quiserem e ela quiser, e tem que os dois quiserem</u> , não é só.. Ou seja, eu quero que meu ex-aluno continue e ele não quer, ele não continua; se ele quer continuar, mas eu não quero, ele também não continua certo [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB45: Segundo o entrevistado, a permanência de um membro ao grupo acontece com o consentimento dos docentes e também do próprio aluno, ressalta que ambas as partes precisam querer.
O que é dito	CDMB45: Da permanência de membros ao grupo de pesquisa: acontece com o consentimento dos docentes e também do próprio aluno.
Unidades de sentido	MB: Então essa é mais ou menos a dinâmica de como isso se dá, <u>mas a decisão tem sido mais dos docentes com consulta a alguns doutorandos experientes, há dois ou três anos o nosso grupo de pesquisa tem também uma reunião docente</u> , nós somos três docentes aqui do campus de Rio Claro, dois desse departamento de matemática e um de fora, nós somos dois docentes no campus de São José do Rio Preto e um em Bauru, então é muito difícil organizar essa reunião, mas nós já fizemos cinco em dois anos, e várias delas nós passamos questões pontuais para fazer por e-mail, você entende? Porque tem sido... Então a gente tem visto isto porque antes era muito fácil a gente conseguia fazer isso nas reuniões de sexta, que já foram segunda, terça, quarta... Os dias já ficaram já se modificaram bastante.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB46: De acordo com o entrevistado, seu grupo de pesquisa, há três anos realiza reuniões exclusivas para docentes participantes do grupo.
O que é dito	CDMB46: Das reuniões do grupo de pesquisa: realização de reuniões exclusivas para os docentes do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Como o coordenador intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando.</i> MB: <u>O grupo é coeso, mas ele tem que ser diverso, então é unidade na diversidade, ele tem que</u>

	<u>ter propostas e eu estou aprendendo cada vez mais que o grupo tem ter determinadas propostas que cada um sinta que aquela é a dele, e ele é principal por ele, se tiver isso talvez não para todo mestrando, isso é... O grupo consegue se tornar coeso.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB47: O pesquisador afirma que seu grupo é coeso, porém necessita ser diverso, entende que o grupo vive a unidade na diversidade; afirma que precisa ter propostas específicas para cada membro, de modo que esse pesquisador se sinta à vontade para desenvolvê-la.
O que é dito	CDMB47: Da força de um tema de investigação: ter propostas específicas para cada membro, de modo que esse pesquisador se sinta à vontade para desenvolvê-la.
Unidades de sentido	MB: Eu acho que se todos se identificam com a proposta, por exemplo, ela é apenas minha e eles estão apenas colaborando, isso se torna algo ruim para a própria unidade de grupo, a não ser pela unidade impositiva, eu trabalho desesperadamente e alegremente e ao mesmo tempo com raça e com raiva nos congressos, <u>então eu aprendo muito nos congressos, eu estou vendo as ideias que estão circulando nos congressos, eu gosto de ir à festa no congresso, eu vou...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB48: De acordo com o depoente, todos os integrantes do grupo se identificam com o seu tema central de investigação. O pesquisador salienta que aprende muito participando de eventos científicos, pois passa a conhecer novas ideias que estão circulando nas discussões e também nas interações sociais do evento.
O que é dito	CDMB48: Da força de um tema de investigação: todos os integrantes do grupo se identificam com o seu tema central de investigação. Também salienta que conhece novas ideias que estão circulando nas discussões e também nas interações sociais do evento
Unidades de sentido	MB: Eu gosto de fazer turismo um dia que eu possa conhecer uma parte de onde está sendo o congresso, <u>mas eu ouço muito o que as pessoas estão falando...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB49: O pesquisador entrevistado salienta que aprende muito participando de eventos científicos, pois tem acesso a novas ideias que estão circulando nas discussões e também nas interações sociais do evento. Salienta que ao realizar turismo, por exemplo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando.
O que é dito	CDMB49: Da força de um tema de investigação: que aprende muito participando de eventos científicos e que durante as interações sociais, como turismo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando.
Unidades de sentido	MB: E às vezes elas estão falando em contextos diferentes e eu <u>estou pensando sobre a minha existência, a minha... O meu vinte e um anos de GPIMEM, os meus dez anos antes de vivência com Educação Matemática, pensando, poxa!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB50: Segundo o entrevistado, durante os eventos científicos, em atividades de interações sociais, como turismo, ele escuta muito que os outros pesquisadores estão falando e fica pensando em sua existência, nos vinte e um anos de participação do GPIMEM, de seus dez anos que antecederam a criação do grupo e de vivência com a Educação Matemática, ou seja, na sua realidade.
O que é dito	CDMB50: Da força de um tema de investigação: que aprende muito participando de eventos científicos e que durante as interações sociais, como turismo, escuta muito que os outros pesquisadores estão falando fica pensando em sua existência, nos vinte e um anos de participação do GPIMEM, de seus dez anos que antecederam a criação do grupo e de vivência com a Educação Matemática.
Unidades de sentido	MB: E as ideias às vezes a gente não sabe, né? Está ouvindo algo sobre educação e paz, eu sempre gosto de ir às seções nos congressos que não são de Educação Matemática, que seja diferente de Educação Matemática e nos congressos de Educação Matemática eu gosto de ir a seções que não tem a ver com educação online, com informática ou mesmo com modelagem que são as três palavras chaves assim, do que eu pesquiso mais hoje, para que? Para estar arejando, para estar ouvindo falar de livros diferentes e vendo como os outros <u>estão fazendo</u>

	<p>pesquisa, então como eu intuo os temas que é a parte que estou colocando, eu não sei dizer, né? <u>É um dos temas mais complicados da intuição, eu sei que eles acontecem em congressos, nas notas...</u> Nesses rabiscos que estou fazendo aqui, eles acontecem, por exemplo, como a gente relata nesse livro agora que você não teve a chance de ler ainda, esse último que eu coloquei, faces em tecnologias digitais e Educação Matemática tem um relato assim: Marcelo estava em um congresso, George Gadanidis estava no congresso e eles não se conheciam, entendeu? Eu estava sentado em uma mesa, no happy hour do final do congresso, as pessoas com quem eu estava, Arthur Powell e Martins Hoffmann estavam indo embora, pois estavam indo fazer um turismo no Rio de Janeiro ou algo do tipo e disseram assim: não vou te deixar sozinho! Marcelo: que é isso cara, eu aqui conheço gente, não tem problema, estou em casa, fiquem a vontade. Nós temos uma pessoa para... Vocês não acham que o George Gadanidis iria gostar de conversar com ele? Claro que sim e tal. Foram e colocaram os dois em contato. Com quinze minutos a gente já falou, espera um pouco, cada um voltou para o seu quarto do hotel, pegou os computadores e começamos a mostrar coisas e continuamos durante duas horas, no final de uma happy hour, todo mundo foi embora e ficamos nós dois conversando e daí surgiram oito projetos desde 2005.</p>
Enxerto Hermenêutico	Happy hour: refere-se a um período do dia, no fim da tarde, após o encerramento do trabalho, em que pessoas se reúnem em bares, restaurantes etc.
Unidades de significado	MB51: De acordo com o depoente, quando está participando de algum evento científico, busca participar também de seções que não tratem das temáticas investigativas de seu grupo de pesquisa, com o intuito de ver como os outros grupos estão fazendo pesquisa. Salienta que a intuição da força de um tema de pesquisa é algo complexo e que de seu ponto de vista acontecem em congressos e notas...
O que é dito	CDMB51: Da intuição da força de um tema de investigação: a intuição da força de um tema de pesquisa é algo complexo e que de ponto de vista acontecem em congressos e notas.
Unidades de sentido	MB: [...], ou seja , ele falou vem aqui para um congresso ICMI Studies em Águas de Lindoia – SP, organizado pelo Romulo Lins aqui era sobre congressos temáticos, naquele caso era sobre formação de professores e eu fui e me inscrevi porque pensei, aqui é bom estar indo, a gente gasta tanto com congressos internacionais, deixa eu ir para esse, mesmo não sendo minha área central, mas eu já tinha que estar trabalhando com <i>teacher education</i> por causa da educação online, que é onde ela mais ingressou mais nacional e internacionalmente foi no teacher education, então eu fui lá aprender e no final estou com o que é hoje a minha principal colaboração internacional.
Enxerto Hermenêutico	ICMI: refere-se a International Mathematical Union.
Unidades de significado	MB52: Segundo o pesquisador entrevistado, durante a participação no congresso ICMI em Águas de Lindoia – SP, temático sobre formação de professores, participou mesmo sabendo que não era sua área central de pesquisa, entretanto foi com o objetivo de aprender e no final resultou no que é hoje a principal colaboração internacional do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMB52: Da interação com outros pesquisadores: durante a participação no congresso ICMI em Águas de Lindoia – SP, temático sobre formação de professores, entretanto foi com o objetivo de aprender e no final resultou no que é hoje a principal colaboração internacional do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo. Ou seja, de que modo se dispõem ao grupo em termos de tempo, vontade, disposição para trabalhar o tema?</i></p> <p>MB: Bom, são membros do GPIMEM seis docentes, já falei o nome deles, mas é fácil colocar, né? Que estão cadastrados no diretório do CNPq são dezenove pesquisadores e vinte e um alunos, então são vários... Quer dizer, nem sempre esses dados são plenamente confiáveis, tem sempre algum atraso, mas de qualquer jeito <u>a gente tem esses seis docentes, tem essa categoria de pesquisador associado que o critério é, por exemplo, se formou a Débora Soares, há dois anos, por que ela é uma pesquisadora associada do GPIMEM e ela está se envolvendo com</u></p>

	<u>outros grupos? Porque ela tem projetos tanto comigo (você entende?) já com outras pessoas nesse núcleo aqui de Rio Claro, vamos dizer da UNESP, está ok, sede do grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>UNESP</i> : refere-se à Universidade Estadual Paulista
Unidades de significado	MB53 : O pesquisador entrevistado afirma para o ex-aluno do grupo se manter ligado ao grupo na categoria de pesquisador associado necessita que este esteja atuante em suas investigações, que esteja desenvolvendo projetos vinculados ao grupo.
O que é dito	CDMB53 : Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: necessita que esse pesquisador esteja atuante em suas investigações, que esteja desenvolvendo projetos vinculados ao grupo.
Unidades de sentido	MB : Outras pessoas (quer dizer) já foram membros durante um tempo, pois tinham projetos e depois não tinham mais, Nilce Scheffer, que eu adoro, ela passou a ter outras prioridades e eu também não consegui enxergar essas ligações, são membros digamos que ingressam e se tornam membros do GPIMEM os novos alunos aceitos, por exemplo, na seleção que ingressarem de fato, assinarem matrícula, mas vários deles já estão, por exemplo, um deles já pediu para vir nas reuniões de sexta-feira e ele está vindo, outros não podem, pois são de fora daqui, estão dando aula etc. e tal, <u>mas eles já são membros do grupo, eles ficam nesse período com o grupo e os membros docentes, nós já combinamos todos após algumas crises já no passado, todo mundo tem que ter condição de fundar o seu grupo etc., ou seja, ficar membro do GPIMEM tem que ser algo de interesse das pessoas, certo e isso tem que ser uma... Digamos assim... Algo que seja bom para todo mundo, o GPIMEM tem uma característica desde o começo, talvez influência minha, talvez parte da minha formação católica, eu não me considero mais católico pela quantidade de vezes que vou a igreja ou que não vou a igreja, mas é... Assim... Mas, tem uma coisa muito grande de solidariedade, a gente se abraça muito, então a gente participa muito nos projetos importantes [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB54 : De acordo com o pesquisador entrevistado, no grupo, entre os docentes e pesquisadores em formação já é combinado que todos são capazes de formar seus próprios grupos de pesquisas, e que ficar participando do GPIMEM é uma questão de interesse pessoal. O pesquisador ressalta que no grupo existe uma característica muito forte, que é a solidariedade.
O que é dito	CDMB54 : Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: todos são capazes de formar seus próprios grupos de pesquisas, e que ficar participando do GPIMEM é uma questão de interesse pessoal; no grupo existe uma característica muito forte, que é a solidariedade.
Unidades de sentido	MB : [...] recentemente agora eu submeti um projeto imenso e que estava no final e com outra pesquisadora de fora que veio aqui e nós ficamos aqui e vários fizeram várias tarefas aqui que não tinham a ver com seu mestrado, com seu doutorado, vários docentes que não tinham a ver com seu projeto de pesquisa, que entenderam a importância disso e fizeram isso, muitos poderiam dizer, <u>os alunos estão fazendo isso porque estão mais ou menos forçados, não forçados no sentido de escravos, mas de uma relação social ou tal... Mas, não era, as pessoas estavam obviamente também querendo aprender como se faz um projeto dessa envergadura, que a gente não sabe, pois é muito difícil de ganhar (você entende?), e... Mas, as pessoas aprenderam muito, então o que chama carinhosamente de escolinha do GPIMEM, que o doutor do GPIMEM saia aprendendo a fazer projeto, que ele participou dessa alguma vez... Se ele quis, mas existem vários que a gente chama, por exemplo...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB55 : De acordo com o depoente, recentemente foi submetido um projeto maior com parceria de uma pesquisadora estrangeira e durante um período os membros do grupo ficaram atarefados por conta desse projeto, de modo que ficaram envolvidos em atividades que não diziam respeito às respectivas pesquisas de mestrado ou doutorado, eles não estavam sendo forçados a realizar o trabalho, não forçados no sentido escravo e sim de uma relação social. O pesquisador ressalta que os alunos participaram, pois entendiam a importância de aprender a elaborar um projeto de tamanha envergadura. Entende que no grupo o doutor saia sabendo fazer um projeto.
O que é dito	CDMB55 : Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: da participação dos membros do grupo em atividades que não estão relacionadas com suas investigações de pesquisa.

	Exemplifica, expondo a interação realizada na submissão do último projeto do grupo e salienta que os alunos que participaram das atividades entendiam a importância de aprender a elaborar um projeto de tamanha envergadura. Entende que no grupo o doutor saia sabendo fazer um projeto.
Unidades de sentido	MB: Nessa última, eu falei: quem puder! Por favor, entrar em contato comigo separadamente. Vários não entraram e às vezes com bons motivos, a mãe está doente, ou tenho que terminar minha tese, eu tenho e tal... E vários que não quiseram (você entende?) e isso também tem que ser respeitado e <u>as pessoas ganham uma coisa e perdem outras, não aprenderam como se faz um projeto como esse, não participaram da dinâmica e das incongruências desse projeto, então eu diria Anderson que essa é uma característica, a gente tem o trabalho coletivo muito forte e ao mesmo tempo, por exemplo, uma das orientandas...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB56: O depoente afirma que nas interações dos membros do grupo para o desenvolvimento de atividades que não estão relacionadas com suas pesquisas e que não quiseram participar da elaboração do projeto, ganharam algumas coisas e perderam outras. Por exemplo, no caso da submissão de um projeto, caso não participem não aprendem como faz um projeto grande, não participam da dinâmica e das incongruências. O professor entrevistado salienta que o grupo tem em sua dinâmica o trabalho coletivo muito forte.
O que é dito	CDMB56: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: nas interações dos membros do grupo para o desenvolvimento de atividades que não estão relacionadas com suas pesquisas, os membros do grupo ganham algumas coisas e perdem outras.
Unidades de sentido	MB: Não é minha orientanda, estava ajudando o tempo todo, toda hora, fazendo tudo que era possível e eu nem sei se o orientador, orientadora estava sabendo disso tudo (entendeu?), mas, estava o tempo todo fazendo isso e tal, <u>nós somos hoje em dia mais um grupo [internético] também, então se a gente se ajuda muito pela internet, a gente se acha muito, a gente se mantém... Usa a internet para manter determinadas distâncias que são necessárias serem mantidas para evitar tensões maiores e um grupo desse tamanho, dessa envergadura, a gente se assusta a cada ano quando a gente passou a ter a mania de...</u>
Enxerto Hermenêutico	Internético: no texto, refere-se à interação realizada via internet pelos membros do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	MB57: De acordo com o entrevistado, o grupo hoje se relaciona muito por meio da internet, se ajudando muito pela via da internet; e salienta que o grupo usa a internet para manter determinadas distâncias que são necessárias para evitar tensões.
O que é dito	CDMB57: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: as pessoas se relacionam muito por meio da internet e usam a internet para manter determinadas distâncias que são necessárias para evitar tensões.
Unidades de sentido	MB: Nós temos a conferência interna, que a gente faz anualmente praticamente, e de uns anos para cá, cinco ou seis, a gente passou a ver quantos trabalhos em congressos o grupo apresentou, quantos artigos publicou, quantos livros e tal, <u>a gente toma sustos e sustos com essa questão (entendeu?) com a dinâmica de como a gente influência, quantos trabalhos a gente fez em escola, quantas pessoas a gente ajudou etc. e tal, então isso são questões que ajudam a essa ligação com o grupo, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB58: De acordo com o entrevistado, o grupo cresce anualmente e isso assusta, pois o crescimento do grupo reflete na influência do grupo em trabalhos desenvolvidos na escola, e também na quantidade de pessoas que podem ter sido ajudadas.
O que é dito	CDMB58: Do crescimento do grupo de pesquisa: reflete na influência do grupo em trabalhos desenvolvidos na escola, e também na quantidade de pessoas que podem ter sido ajudadas.
Unidades de sentido	MB: [...] e nós temos, por exemplo, membros que não querem mais estar fazendo pesquisa que são professores em diversos níveis, dizem que querem continuar, mas que na prática não estão fazendo e são muito ligados ao grupo (entendeu?), pedem e vem aqui de vez em quando só para conversar e saber do grupo e as novidades e últimas pesquisas e é ótimo, <u>nós também</u>

	produzimos e ajudamos a construir, espero, bons professores para todos os níveis de ensino.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB59: Segundo o entrevistado, existem ex-alunos do grupo que não querem fazer pesquisas, que optaram por continuar lecionando nas escolas, que visitam o grupo esporadicamente e enfatiza que de seu ponto de vista o grupo ajuda a construir, ele espera, bons professores para todos os níveis de ensino.
O que é dito	CDMB59: Da participação de ex-alunos ao grupo de pesquisa: que não querem fazer pesquisas, que optaram por continuar lecionando nas escolas, que visitam o grupo esporadicamente.
Unidades de sentido	A: <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. O senhor considera essa característica “institucionalidade” importante? Se sim ou se não, por quê? Em que essa característica contribui com o fortalecimento do grupo (ou não) do seu grupo?</i> MB: <u>Eu considero. Eu acho... O grupo ele é procurado também por essa institucionalização junto ao CNPq e também junto à própria UNESP, então nós somos procurados pela imprensa, nós somos procurados pela imprensa da UNESP, nós somos procurados por outros grupos a partir dessa institucionalização, então ela não é pequena, e eu deveria dizer aqui também que boa parte desse trabalho é administrativa.</u>
Enxerto Hermenêutico	CNPq: refere-se Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Unidades de significado	MB60: O pesquisador entrevistado afirma que o grupo é procurado pela imprensa, por outros grupos de pesquisas, devido à institucionalização junto ao CNPq e também junto à própria UNESP.
O que é dito	CDMB60: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a importância da visibilidade. São procurados pela imprensa, por outros grupos de pesquisas, devido à institucionalização junto ao CNPq e também junto à própria UNESP.
Unidades de sentido	MB: Administrar aquela sala, manter os computadores funcionando, fazer projetos, manter o diretório atualizado não é uma tarefa que nem se eu quisesse poderia fazer sozinho, e nós não temos uma secretária e eu não posso pedir para a secretária da pós-graduação, nem a secretária do departamento para fazer coisas para me ajudar nessa relação, e cada vez mais o que acontece é que a seção de pós-graduação manda serviços para mim, cada vez mais serviço, agora a seção do RH manda serviço para mim, eu tenho que fazer o meu pedido online de afastamento, cada vez mais, tem mais serviço pra mim e menos ajuda de fora, então o que restou e as pessoas fazem isso, elas entram no GPIMEM mais ou menos sabendo disso, as <u>pessoas ajudam muito, tem diversas tarefas disso e nós mudamos isso ano a ano, com pessoas que ajudam em diversas atividades, no que nós chamamos de tarefas administrativas</u> , incluindo o coordenador do grupo, que seria o mais importante etc. e tal, mas ele faz muito trabalho de carregar piano, de limpar pia, de lavar privada (você entende?) junto com as pessoas nesse nível também, a gente aprendeu também e com docentes esse problema não existiu ainda, mas com discente já existiu, que mesmo ele entrando no GPIMEM e tal e sabendo disso, não adianta obrigar (você entende?), faz... Quer dizer...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB61: Segundo o pesquisador entrevistado, a cada ano que se passa a seção de pós-graduação exige mais serviços administrativos do coordenador do grupo, por esse motivo, os membros do grupo ajudam muito, existem diversas tarefas, com diferentes pessoas ajudando de diversos modos, no que eles chamam de tarefas administrativas.
O que é dito	CDMB61: Da institucionalização do grupo de pesquisa: os membros do grupo ajudam muito, existem diversas tarefas, com diferentes pessoas ajudando de diversos modos, no que nós chamamos de tarefas administrativas.
Unidades de sentido	MB: <u>Você pode ter algum tipo de questão sendo, não é assim, algum tipo de pressão social do orientador ou tal, mas obrigado não tem jeito, então já teve várias vezes que eu peço algo para o aluno A, poderia me ajudar com isso? – claro professor. E eu vejo que a ajuda não é muito boa, não é de bom grado, e eu vejo e não peço mais...</u> Em um primeiro momento por inexperiência, eu ficava com meio magoa ou com raiva, atualmente nem tenho tempo para isso e nada, eu

	simplesmente não peço mais, se a pessoa um dia vier e se oferecer, você quer ajuda com isso?
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB62: De acordo com o depoente, a ajuda dos membros do grupo é de livre vontade, não existindo nenhum tipo de pressão social por parte do orientador. Ainda, exemplifica que já houve casos de solicitar a ajuda de algum membro do grupo e perceber que a ajuda não é de bom grado, consequentemente não solicita novas tarefas para esse aluno.
O que é dito	CDMB62: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: a ajuda dos membros do grupo é de livre vontade, não existindo nenhum tipo de pressão social por parte do orientador.
Unidades de sentido	MB: Eu passo a colocar no meu radar de novo para pedir algo, se não eu simplesmente não peço mais, essa é a vantagem de ter experiência, porque se não você pede, <u>a pessoa quando faz obrigada é mais trabalho, você perdeu o tempo explicando, você sempre perde uma meia hora para explicar o que você quer ai quando a pessoa te devolve e está pior ainda, você perdeu aquela meia hora e às vezes mais tempo ainda, então eu não peço mais, e uma arte que eu fui aprendendo também como professor e como coordenador de grupo é saber pedir a coisa x para a pessoa 1, (entendeu?), a coisa y para a pessoa 2, ou seja, uma determinada... Um usando a ideia de inteligência coletiva do Pierre Levy, as pessoas têm diferentes inteligências, elas têm diferentes habilidades, então não adianta eu pedir para um goleiro jogar de ponta esquerda, tenho que estar pedindo para um...</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB63: Segundo o entrevistado, a pessoa que realiza uma tarefa obrigada, dá mais trabalho, pois você perde um determinado tempo explicando para ela, e quando a pessoa te devolve o que foi pedido está pior que antes. Ainda salienta, se referindo à ideia de inteligência coletiva do Pierre Levy, que as pessoas têm diferentes inteligências, elas têm diferentes habilidades.
O que é dito	CDMB63: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: a pessoa que realiza uma tarefa obrigada dá mais trabalho, pois quem pediu perde um determinado tempo explicando para ela o que deve ser feito, e o resultado está pior do que o proposto inicialmente; as pessoas têm diferentes inteligências, elas têm diferentes habilidades.
Unidades de sentido	MB: Posso pedir para um meio campo jogar um pouco mais na frente, se ele é meio campo recuado, mas não adianta eu pedir para um goleiro jogar de ponta esquerda, utilizando uma metáfora do futebol, <u>para determinadas coisas tem que ver o que a pessoa sabe de matemática, de tecnologia, de educação e junto com isso e a vocação da pessoa para determinada função administrativa ou não.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB64: O entrevistado afirma que ao solicitar alguma tarefa aos membros do grupo, primeiramente está atento para determinadas coisas tem que ver o que a pessoa sabe de matemática, de tecnologia, de educação e junto com isso e a vocação da pessoa para determinada função administrativa ou não.
O que é dito	CDMB64: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: o coordenador deve estar atento, pois antes de designar uma função a um discente, deve saber o que a pessoa sabe de matemática, de tecnologia, de educação e junto com isso e a vocação da pessoa para determinada função administrativa ou não.
Unidades de sentido	A: <i>O senhor acha que essa característica contribui para o fortalecimento do grupo?</i> MB: Pra mim sim, pra mim sim, eu me perdi <u>na questão da institucionalização, eu não tenho dúvida disso e as pessoas também utilizam isso (quer dizer) na sua vida institucional, seja o aluno do mestrado, o aluno do doutorado que está se inscrevendo no concurso ele usa dessa questão institucional também para se fortalecer também nesses concursos, não são poucos que me pedem cartas aqui e etc., atestando A, B ou C ou etc. e tal, essa também é uma questão importante para os membros do grupo</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB65: De acordo com o depoente, a institucionalização contribui para o fortalecimento do grupo, e salienta que os membros dos grupos se utilizam da institucionalização para se

	fortalecerem e exemplifica dizendo de mestrandos e doutorandos que ao se inscrever em um concurso usa da institucionalização para se fortalecer.
O que é dito	CDMB65: Da institucionalização do grupo de pesquisa: os membros dos grupos utilizam da institucionalização para se fortalecerem e exemplifica dizendo de mestrandos e doutorandos que ao se inscrever em um concurso usa da institucionalização para se fortalecer.
Unidades de sentido	A: <i>Segundo sua visão, o que significa ser institucional. Esse aspecto influencia os modos de produção do grupo de pesquisa?</i> MB: Olha, essa é a questão mais difícil aqui agora, ser institucional, quer dizer, estar ligado a uma instituição seria a resposta simples, mas é... De maneira semelhante ao raciocínio que <u>a maneira que eu penso é a relação de mídias com humanos, eu pensaria que essa relação da vivência não institucional do grupo do cotidiano ou tal com a instituição é de maneira semelhante, por exemplo, quando eu me institucionalizo no CNPq, eu passo a ter um determinado peso dentro da UNESP também, quando eu me institucionalizo dentro da UNESP eu passo a ter certo peso em outras universidades e tal, e com outros grupos de pesquisa. Há também a institucionalização de práticas informais[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB66: Segundo o entrevistado, ser institucional quer dizer de estar ligado a uma instituição, de fora ou da própria universidade, com outros grupos e outras universidades etc. e isso vai trazendo mais peso de uns em relação aos outros.
O que é dito	CDMB66: Da institucionalização do grupo de pesquisa: diz de estar ligado a uma instituição de ensino, de fora ou da própria universidade, com outros grupos e outras universidades etc. e isso vai trazendo mais peso de uns em relação aos outros.
Unidades de sentido	MB: [...], por exemplo, como um dos grupos mais antigos aqui, ele exportou determinadas práticas de fazer reuniões, de convivência ou de como se reunir que foram incorporadas, eu diria de maneira criativa por diversos outros grupos, de maneira criativa obviamente porque as partes que eles não gostavam dessas práticas eles não fizeram e a transformaram, então <u>eu vejo que essa contribuição ela é importante e a publicidade dessa institucionalização ela é importante não só para a vida institucional de cada um de seus membros [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB67: Segundo o depoente, de seu ponto de vista, a institucionalização do grupo de pesquisa influencia em seus modos de produção. Ainda, o pesquisador ressalta que essa contribuição e a publicidade dessa institucionalização são importantes para a vida institucional de cada um dos membros do grupo.
O que é dito	CDMB67: Da institucionalização do grupo de pesquisa: influencia em seus modos de produção; essa contribuição e a publicidade dessa institucionalização são importantes para a vida institucional de cada um dos membros do grupo.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>mas para também formar cultura de outros grupos de pesquisa, que é também uma das outras coisas que eu me considero, acho que é importante na vivência do GPIMEM</u> quando eu vejo outros grupos que estão sendo criados dentro da UNESP, que foram criados dentro da UNESP, mas também os outros que estão sendo criados em outras instituições,[...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB68: Segundo o depoente, a vivência do GPIMEM contribui com o modo de outros grupos de pesquisa que estão sendo criado procederem.
O que é dito	CDMB68: Da institucionalização do grupo de pesquisa: a vivência do GPIMEM contribui com o modo de outros grupos de pesquisa que estão sendo criado procederem
Unidades de sentido	MB: [...] <u>recentemente por exemplo, em outro grau de institucionalização, que é o do programa de pós-graduação junto a CAPES, foi considerado de questão fundamental a nucleação de novos grupos e novos programas a partir do nosso programa, e obviamente dos exemplos citados e das questões onde foram colocadas e que estavam lá presente[...]</u>
Enxerto Hermenêutico	CAPES: refere-se ao a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Unidades de significado	MB69: O pesquisador entrevistado expõe que recentemente, por exemplo, em outro grau de institucionalização, o do programa de pós-graduação junto a CAPES, foi considerado de questão fundamental a nucleação de novos grupos e novos programas de pós-graduação a partir do programa o PPGEM da UNESP de Rio Claro.
O que é dito	CDMB69: Da institucionalização do grupo de pesquisa: em outro grau de institucionalização, o de programa de pós-graduação junto a CAPES, foi considerado de questão fundamental a nucleação de novos grupos e novos programas de pós-graduação a partir do programa o PPGEM da UNESP de Rio Claro.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>o GPIMEM era uma parte bastante importante nesse projeto de nucleação, então eu diria que esta institucionalização ela não age... Ela age no status do grupo, mas ela age também é em um grau maior junto a outros grupos, de uma maneira externa, olhando para dentro, essa institucionalização traz algo importante para gente?</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB70: Segundo o depoente, de seu ponto de vista, o GPIMEM é uma parte importante nesse projeto de nucleação e salienta que a institucionalização não age no status do grupo, mas sim em grau maior junto a outros grupos, de uma maneira externa, olhando para dentro, essa institucionalização traz algo importante para o grupo.
O que é dito	CDMB70: Da institucionalização do grupo de pesquisa: não age no status do grupo, mas sim em grau maior junto a outros grupos, de uma maneira externa, olhando para dentro, essa institucionalização traz algo importante para o grupo.
Unidades de sentido	MB: Eu diria que pouco (você entende?), mas ela traz... Individualmente eu já disse o que ela traz para cada uma das pessoas, mas ela traz pouca, digamos assim, ah... <u>Estar no diretório do CNPq trás pouca influência diretamente para dentro do grupo, mas ter um projeto do CNPq, ter um projeto OBEDUC da CAPES, ter a cooperação internacional com a Colômbia, Canadá e com a Argentina, isso influência bastante nesse grau de institucionalização, nas questões epistemológicas abordadas anteriormente, mas principalmente nessa questão da visibilidade e na questão da gente não se fechar dentro de nós mesmo e estarmos muito satisfeitos e com as nossas criações teóricas, com o nosso desenvolvimento recente e estar sempre posto em cheque por outros colegas.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB71: Segundo o entrevistado, estar no diretório do CNPq trás pouca influência diretamente para dentro do grupo, mas ter um projeto do CNPq, ter um projeto OBEDUC da CAPES, ter a cooperação internacional com a Colômbia, Canadá e com a Argentina, isso influência bastante nesse grau de institucionalização, nas questões epistemológicas, mas principalmente na questão da visibilidade e do grupo não se fechar dentro de suas relações. Ainda, salienta estarem satisfeitos com as criações teóricas produzidas pelo grupo.
O que é dito	CDMB71: Da institucionalização do grupo de pesquisa: estar no diretório do CNPq trás pouca influência diretamente para o grupo, mas ter um projeto do CNPq, ter um projeto OBEDUC da CAPES, ter a cooperação internacional com grupos estrangeiros influência bastante nesse grau de institucionalização, nas questões epistemológicas, mas principalmente na questão da visibilidade e do grupo não se fechar dentro de suas relações.
Unidades de sentido	A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo de pesquisa?</i> MB: <u>Caso você queira depois, eu posso tentar recuperar dos últimos dois anos aqui, esse PowerPoint ao qual me referi das conferências internas que tem isso, mas a gente praticamente, nós estamos em congressos desde de iniciação científica até os congressos internacionais em um crescimento que embora não seja exatamente... Ele se aproxima por uma exponencial, mas obviamente que ele tem né, a... [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB72: De acordo com o depoente as pesquisas do grupo são apresentadas em congressos desde iniciação científica até os congressos internacionais em um crescimento que embora não seja exatamente, mas se aproxima de uma exponencial.

O que é dito	CDMB72: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: são apresentadas em congressos desde iniciação científica até os congressos internacionais.
Unidades de sentido	MB: O... A variabilidade é grande de um ano para outro inclusive quando tem ICME é uma coisa, quando não tem ICME... Quando o <i>PME</i> é em um local muito caro diminui o número de pessoas ou tal, <u>mas o nosso grupo tem ido bastante aos ENEM's, a eventos, é o nosso grupo tem participado de congressos</u> que visam mais a extensão, que visam mais a dar cursos, agora mesmo para o <i>EBRAPEM</i> estamos indo (quer dizer) em um número muito grande de pessoas, e ao mesmo alguns outros irão chegar uns dias antes e vão participar de um curso que é muito mais um trabalho de extensão com alunos de graduação para incentivar dentro dessa excelente política do governo federal de criar novos campus no interior do país [...]
Enxerto Hermenêutico	ENEM: refere-se ao Encontro Nacional de Educação Matemática. PME: refere-se ao grupo internacional de estudos sobre a Psicologia da Educação Matemática; EBRAPEM: Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática.
Unidades de significado	MB73: Segundo o entrevistado, as pesquisas do grupo são apresentadas em diversos congressos como: ICME; PME e também estão participando bastante dos ENEM's.
O que é dito	CDMB73: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: são apresentadas em diversos congressos como: ICME; PME e também estão participando bastante dos ENEM's.
Unidades de sentido	MB: [...] que esses alunos que estão em uma universidade com pouca estrutura vislumbrem a participação em uma pós-graduação, <u>então a gente tem inúmeros livros (quer dizer), eu nesses vinte e um anos aí, acho que tenho oito livros de autoria e mais quatro ou cinco organizados e uns cinquenta capítulos, não sei... Entendeu... Mas tem e vários artigos, cada vez mais publicados no exterior e no Brasil, então eu diria que a gente utiliza todos esses e recentemente, dois anos pra cá nós temos o canal GPIMEM no Youtube</u> que é algo que a gente tem várias falas dos cursos a distância gravadas, a gente chama as questões lá e temos tido esse trabalho de extensão e de educação ou tal utilizando as redes sociais e...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB74: O pesquisador expõe que as publicações do grupo também são apresentadas em livros, e salienta que nesses vinte e um anos, são oito livros de autoria própria; mais quatro ou cinco organizados; uns cinquenta capítulos de livros; e vários artigos, cada vez mais publicados no exterior e no Brasil.
O que é dito	CDMB74: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: em livros, e salienta que nesses vinte e um anos, são oito livros de autoria própria; mais quatro ou cinco organizados; uns cinquenta capítulos de livros; e vários artigos, cada vez mais publicados no exterior e no Brasil.
Unidades de sentido	MB: Como o Facebook tem sido a principal delas, e praticamente abandonamos os ambientes virtuais de aprendizagem que já foram importantes, <u>porque nós vimos que eu passei a ter Facebook, utilizar o Facebook para educação, quando eu vi que meus alunos da graduação presencial não respondiam mais e-mail e passei a ver as inúmeras dificuldades dos professores de estarem em um AVA, em um Ambiente Virtual de Aprendizagem que em geral tinham interfaces muito menos amigáveis do que é a nova rede social, atualmente o Facebook, mas foi o Orkut, está sendo o Whatsapp com os celulares ou tal, ou algo vamos vendo as redes como elas andam evoluindo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB75: Segundo o depoente, há dois anos o GPIMEM passou a ter um canal do youtube que se caracteriza como um disponibilizador de várias falas dos cursos a distância gravadas, e está desenvolvendo esse trabalho de extensão e de educação utilizando as redes sociais, pois notaram que os alunos não respondiam e-mail; os professores apresentavam várias dificuldades de estarem em um AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem.
O que é dito	CDMB75: Das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa: o GPIMEM passou a ter um canal do youtube que se caracteriza como um disponibilizador de várias falas dos cursos a distância gravadas, e também está desenvolvendo um trabalho de extensão utilizando as redes sociais, pois notaram que os alunos não respondiam e-mail; os professores apresentavam várias dificuldades de estarem em um AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Unidades de sentido	<p>A: <i>E essa produção é credenciada em nome de quem? Como o grupo decide a autoria do produto publicado?</i></p> <p>MB: <u>Ela é credenciada em nome de seus autores, no GPIMEM não tem... Ninguém é obrigado a colocar o nome do orientador. Decidimos a autoria de duas maneiras, a dissertação e a tese são dos alunos, ponto.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB76: Segundo o entrevistado, as publicações do grupo são credenciadas em nome de seus autores, no GPIMEM ninguém é obrigado a colocar o nome do orientador. Decidimos a autoria de duas maneiras, a dissertação e a tese são dos alunos, ponto.
O que é dito	CDMB76: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: são credenciadas em nome de seus autores, no GPIMEM ninguém é obrigado a colocar o nome do orientador.
Unidades de sentido	MB: O que for publicado fora daí, acho que isso tem sido uma regra para os outros docentes que não sou eu também, eles são publicados pelo aluno, <u>o aluno pode convidar o orientador e ele pode aceitar ou não (você entende?) e/ou outros membros do grupo</u> , a gente tem por exemplo... <u>Essa tem sido a regra central, nenhum aluno de doutorado meu é obrigado a publicar um artigo comigo e ele pode querer e eu não querer (você entende?) e eu posso querer e ele não querer</u> , está ok, a gente tem incentivado também
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB77: Segundo o depoente, existem casos do aluno convidar o orientador para publicar, o orientador por sua vez, pode aceitar ou não. Salienta que existe uma regra central, em que nenhum aluno de doutorado, orientando do professor entrevistado seja obrigado a publicar um artigo com ele, ressalta que o aluno pode querer e ele não querer e também o contrário, o pesquisador pode querer e o aluno não.
O que é dito	CDMB77: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: existe uma regra central, em que nenhum aluno de doutorado, orientando do professor entrevistado seja obrigado a publicar um artigo com ele, ressalta que o aluno pode querer e ele não querer e também o contrário, o pesquisador pode querer e o aluno não.
Unidades de sentido	MB: se você olhar no Borba e Chiari é parceria distinta, está no livro publicado ano passado e organizado, tentando justamente pegar alunos de diferentes orientadores e colocar orientador de um com aluno de outro para terem <u>vivências diferentes também nesse ato de trabalho coletivo</u> que é o que eles vão ter em um departamento, em outro grupo ou, por exemplo, semana que vem estou em uma comissão da CAPES, daqui uns dias em outra e eu vou ter que trabalhar com pessoas que eu nem conheço, e eu vou ter que trabalhar com elas, estar à vontade para trabalhar com elas na segunda-feira e fazer um bom trabalho até quinta-feira [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB78: De acordo com o entrevistado, no último livro publicado pelo grupo, houve uma organização em que alunos de diferentes orientadores trabalharam com orientadores de outros alunos, para terem vivências diferentes também nesse ato de trabalho coletivo.
O que é dito	CDMB78: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: no último livro publicado pelo grupo, houve uma organização em que alunos de diferentes orientadores trabalharam com orientadores de outros alunos, para terem vivências diferentes também nesse ato de trabalho coletivo.
Unidades de sentido	MB: [...] <u>então essa tem sido uma parte, a gente pede sim que os trabalhos do GPIMEM tenham o nome do GPIMEM, ou seja, que tenham alguma referência pra isso, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB79: O pesquisador afirma que nas publicações do grupo de pesquisa é exigido que o nome do GPIMEM fosse citado nos trabalhos, ou seja, que tenha alguma referência ao grupo.
O que é dito	CDMB79: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: é exigido que o nome do GPIMEM fosse citado nos trabalhos, ou seja, que tenha alguma referência ao grupo.
Unidades de sentido	MB: [...] e isso as pessoas em geral tem feito, sem precisar pedir ou tal e fazem com orgulho, <u>então, também o grupo se tornou um cartão de visitas e tal, muito forte etc... Ah... A gente tem</u>

	várias autorias tem sido induzidas, então o livro Borba e Chiari foi mais ou menos induzido e apresentado e a gente colocava... Fizemos o critério, não vou ter mais do que um autor (você entende?), coautor por capítulo, exceções vão ser analisadas, se você olhar lá, vai ver que às vezes as exceções não sou eu (você entende?), foram porque eram importante ter, e para a pessoa não escrever sozinha, ou outra que falou eu não vou ter tempo de escrever sozinho, aí outro coautor fez a dobrada [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB80: O pesquisador afirma que nas publicações do grupo de pesquisa é exigido que o nome do GPIMEM fosse citado nos trabalhos, ou seja, que tenha alguma referência ao grupo. Salienta que o grupo se tornou um cartão postal de visitas, muito forte.
O que é dito	CDMB80: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: é exigido que o nome do GPIMEM fosse citado nos trabalhos, ou seja, que tenha alguma referência ao grupo; o grupo se tornou um cartão postal de visitas, muito forte
Unidades de sentido	MB: [...] <u>então você vai ver que há dois nomes em um daqueles capítulos [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB81: Segundo o entrevistado no último livro publicado pelo grupo, foi decidido em convenção pelo grupo que os capítulos não teriam mais do que um autor, e ressalta que exceções existiram depois de serem analisadas.
O que é dito	CDMB81: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: no último livro publicado pelo grupo, foi decidido em convenção pelo grupo que os capítulos não teriam mais do que um autor, e ressalta que exceções existiram depois de serem analisadas.
Unidades de sentido	MB: [...] então alguns desses processos são de autoria, agora recentemente a gente procura, <u>por exemplo, teve a conferência do Rio de Janeiro do GT 6 da SBEM de Tecnologias e a gente buscou pegar membros Juniors que estavam chegando ao grupo para fazer os pôsteres apresentando o grupo, então é uma boa maneira dele conhecer o grupo, pegar pôsteres nossos antigos reciclar, colocar e apresentar, pois a pessoa não tinha ainda como apresentar do seu trabalho, um aluno do mestrado que acabou de chegar outro dia em março e em junho ter decidido o que ia mandar.</u>
Enxerto Hermenêutico	SBEM: refere-se a Sociedade Brasileira de Educação Matemática.
Unidades de significado	MB82: De acordo com o entrevistado na conferência do GT 6 da SBEM de Tecnologias, o grupo buscou pegar membros Juniors que estivessem chegando ao grupo para fazer os pôsteres apresentando o grupo, sendo uma boa maneira desses membros conhecerem conhecer o grupo.
O que é dito	CDMB82: Da autoria das publicações do grupo de pesquisa: na conferência do GT 6 da SBEM de Tecnologias, o grupo buscou pegar membros Juniors que estivessem chegando ao grupo para fazer os pôsteres apresentando o grupo, sendo uma boa maneira desses membros conhecerem conhecer o grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Podemos notar que o grupo possui 19 pesquisadores e 21 estudantes, alguns deles ex-orientandos do senhor. Com o senhor entende permanência? Ela é positiva, do seu ponto de vista? Para quem? Para a sua instituição? Para aquela onde o/a participante do grupo trabalha?</i> MB: <u>É... Eu entendo, também está parcialmente respondida, mas tentando aqui agora direcionar, na conferência nós fizemos na conferência interna e às vezes nós fazemos junto há dos dez anos, quinze anos, dezoito e vinte você já viu por aí. A conferência dos dez anos está relatada, e a gente tomou com convidado de fora o professor Ole Skovsmose e se não me engano, a gente procura chamar para cada conferência interna ou tal, uma pessoa de fora do grupo, a Maria Bicudo já foi, para olhar o nosso trabalho e nós dar um feedback, e agente pede confidencibilidade na questão da reunião, mas a pessoa a gente quer alguém lá dentro, já foram vários docentes daqui a fazer esse trabalho, tipo um auditor, e a gente colocar... Quer dizer... Voltando a conferência dos dez anos era o Ole Skovsmose, era outra pessoa, mas teve uma discussão que caminho devo tomar? Pois estavam saindo os doutores e tal, uma proposta, não sei se foi do Ole Skovsmose, mas foi uma proposta muito forte era de a gente ter um GPIMEM</u>

	<u>só com vários subgrupos pelo país e pelo mundo a fora, e eu fiquei meio com medo disso, da história que eu tenho com a política e tal, e propus algo diferente, que a gente tivesse um modelo mais maleável e foi um modelo que se institui e que ficou, então vários grupos foram criados a semelhança ou em contraste pois houve aqueles que não gostaram da prática e criaram grupos em contraste e vários deles continuam ligados como pesquisadores associados desde que eu queira [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB83: Segundo o pesquisador entrevistado, o grupo realiza conferências internas em que sempre buscam convidar um auditor externo, exemplifica que já foram convidados professores como: Ole Skovsmose e Maria Bicudo para olharem o nosso trabalho e nós darem um feedback.
O que é dito	CDMB83: Das reuniões do grupo de pesquisa: realiza conferências internas em que sempre buscam convidar um auditor externo, exemplifica que já foram convidados professores como: Ole Skovsmose e Maria Bicudo para olharem o trabalho do grupo e dar um feedback.
Unidades de sentido	MB: [...], ou seja, tem amigos meus no Facebook, mas eles estão dando quarenta horas de aula por semana e não conseguem fazer nada, <u>mas a hora que você quiser voltar a fazer pesquisa vem aqui</u> , tem outros que estão dando trinta horas aula e vem nas reuniões de sexta-feira sempre que podem e etc., então eles estão aqui, estão fazendo isso, estão trabalhando com isso.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB84: De acordo com o entrevistado existem ex-alunos do grupo, que são professores atuantes e estão dando quarenta horas de aulas por semana e não conseguem fazer nada, mas que se desejar voltar a fazer pesquisa o grupo estará aberto para recebê-lo.
O que é dito	CDMB84: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: existem ex-alunos que desejam participar do grupo, mas por conta da carga horária de trabalho não conseguem desenvolver uma pesquisa; mas que se desejar voltar a fazer pesquisa o grupo estará aberto para recebê-lo.
Unidades de sentido	MB: <u>Então eu acho que isso é algo, eu diria que os princípios são não obrigatoriedades (você entende?), por outro lado uma interação com os alunos recém-formados ela é muito benéfica, por quê? O aluno recém-formado, ele concluiu o seu doutorado, o seu mestrado, a sua graduação, mas ele ficou ciente como diria Paulo Freire da sua incompletude, da necessidade de estar se educando sempre e esse primeiro momento, em particular que ele se formou são muito ricos para essa pessoa apresentar novas ideias, estar influenciando o grupo, estar me educando, estar me dando bronca, estar mostrando caminhos e tal, estar mostrando a determinadas coisas que eu possa estar ficando estacionado, então para mim é muito benéfico, isso eu posso dizer, para vários deles é muito benéfico também, eles já disseram, o GPIMEM tem se tornado também uma escola de pós-doutorado [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB85: O entrevistado afirma que a permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa segue o princípio da não obrigatoriedade e ressalta que a interação com alunos recém-formados é muito benéfica para ambas às partes, pois eles podem estar influenciando o grupo, estar me educando, estar mostrando novos caminhos e para vários deles é muito benéfico também, e enfatiza que o GPIMEM tem se tornado uma escola de pós-doutorado.
O que é dito	CDMB85: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: a permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa segue o princípio da não obrigatoriedade e ressalta que a interação com alunos recém-formados é muito benéfica para ambas às partes, pois eles podem estar influenciando o grupo, estar me educando, estar mostrando novos caminhos e para vários deles é muito benéfico também, e enfatiza que o GPIMEM tem se tornado uma escola de pós-doutorado.
Unidades de sentido	MB: [...], ou seja, são vários doutores jovens que como disse o Miguel, perdem o extraterrestre (orientador) e não tem o que fazer no GPIMEM boa parte deles tem, e boa parte dos que nem são mais associados utilizam disso bastante, não vou dizer o nome, pois também não sei se querem, <u>mas tem vários outros doutores formados aqui, que não foram formados por mim e nem no GPIMEM, mas que depois usam e abusam que sabem que eu sempre dei sugestões ou tal da tese e vem me pedir conselhos sobre A, B ou C, ou que caminham seguindo a sua vida</u>

	institucional e eu adoro fazer isso, então eles sabem que também [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB86: Segundo o pesquisador entrevistado existem vários doutores formados no PPGEM, que não foram formados por mim e nem no GPIMEM, mas que usam e abusam, pois sabem que o pesquisador sempre apresenta sugestões em discussões sobre a tese e vem me pedir conselhos sobre A, B ou C.
O que é dito	CDMB86: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: existem vários doutores formados no PPGEM, que não foram formados por mim e nem no GPIMEM, mas que usam e abusam, pois sabem que o pesquisador sempre apresenta sugestões em discussões sobre a tese e vem me pedir conselhos sobre A, B ou C.
Unidades de sentido	MB: [...] às vezes da opinião de outros e adoro fazer isso e pra mim é o trabalho de educar estar discutindo com essas pessoas e como já coloquei, recentemente na última reunião de docentes que nós tivemos em junho, eu falei: e ai, e quem que me ajuda? Não é! Porque eu ajudo todo mundo, e quem que me ajuda? São esses, eu mesmo respondi depois, né? São esses doutores que em geral estou ajudando... Todos aqui são mais jovens do que eu, eu diria que só o Maltempi , que embora mesmo mais novo estaria não por acaso está fazendo livre docência agora ou tal, mas são pessoas... Tem que ser essas pessoas, são os doutorandos mais assim que me ajudam com outras questões e um mestrando ou outro que vai ter uma ideia né, mais interessante e vai colocar... e vai estar me ajudando a tomar decisões, porque eu também preciso disso e obviamente ai invertendo [...]
Enxerto Hermenêutico	Maltempi: refere-se ao professor Marcus Vinicius Maltempi.
Unidades de significado	MB87: Segundo o depoente, dar contribuições para o desenvolvimento de pesquisas de outros alunos externos ao grupo é muito importante para ele, pois em seu ponto de vista isso se caracteriza como o trabalho de educar.
O que é dito	CDMB87: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: dar contribuições para o desenvolvimento de pesquisas de outros alunos externos ao grupo é muito importante para ele, pois em seu ponto de vista isso se caracteriza como o trabalho de educar.
Unidades de sentido	MB: [...] eu também tenho alguns doutores fora, no qual sua orientadora é um deles, no qual em alguns momentos eu consulto para determinadas decisões que eu tomo, então eu só tenho algumas pessoas como ela, a professora Maria Bicudo, mas em geral são essas pessoas que me ajudam, eu falo vou por aqui, ou vou por ali, eu faço isso ou tal. Esse projeto que está em vigência foi decidido com isso, formalmente, eu disse quero a opinião de cada um... a decisão vai ser minha, vou ter que fazer a pesquisa, mas eu quero a decisão de cada um e as pessoas deram, quem estavam na época, eram quatro docentes se não me engano e dois doutorandos que eu consultei.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB88: De acordo com o pesquisador, para decidir um protejo maior de pesquisa do grupo, ele pede a opinião e ajuda de todos os docentes do grupo e também de alguns doutorandos e, em alguns casos, de pessoa de fora.
O que é dito	CDMB88: Da definição de um projeto maior de pesquisa: pede a opinião e ajuda de todos os docentes do grupo e também de alguns doutorandos.
Unidades de sentido	A: Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo o senhor de que modo eles avançam aqui, em seu GP, e lá, em sua instituição? MB: Olha, eu não tenho certeza de como eles avançam lá, não saberia responder isso, não tenho tanto esse contato ou tal e evito perguntar pois poderia ser constrangedor, e eles ficarem... Ainda mais no começo, eles ficarem pensando que eu quero que eles façam as coisas como eu fiz ou algo do tipo, e como eles influenciam aqui eu já disse, né! Eles me ajudam bastante com essa oxigenação, colocando novas questões, dizendo, eu li o seu artigo com meus alunos e acho que você devia estar lendo esse livro que tem algo interessante que a gente nunca circulou por aqui e tal, acho que você devia ver esse site.

	<i>A: Professor Marcelo Borba, quero agradecer em meu nome e em nome da professora Maria Bicudo sua disponibilidade e participação. Desculpa o incomodo nos e-mails, e reitero que é um prazer tê-lo participando de minha pesquisa.</i>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MB89: Segundo o depoente, os ex-alunos que continuam vinculados ao grupo ajudam bastante com a oxigenação de novas ideias, apresentando novas questões, trazendo novas indicações de leituras.
O que é dito	CDMB89: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: ajudam bastante com a oxigenação de novas ideias, apresentando novas questões, trazendo novas indicações de leituras.

A quinta entrevista realizada ocorreu no dia 22 de outubro de 2014 das 19h às 20h horas no departamento de Matemática da Universidade Federal do Paraná, situada na Rua General Carneiro, 460 - sala 103, centro de Curitiba – PR. A pesquisadora entrevistada é a professora Dra. **Maria Tereza Carneiro Soares**, líder de pesquisa do Grupo Educação Matemática.

Sujeito Significativo MT: prof. Dra. Maria Tereza Carneiro Soares

Unidades de sentido	<p><i>A: Boa noite professora Maria Soares, primeiramente agradeço sua disposição em realizar esta entrevista. A senhora recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de investigação da minha pesquisa, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática. A senhora pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p><u>MT: O meu grupo de pesquisa ele se formou oriundo de uma das linhas de pesquisas que a gente tinha na época no mestrado em Educação, aquela época nós não éramos ainda doutorado, ai quando a gente se transforma em Educação Matemática, foi exatamente no mesmo ano que nós começamos a fazer a linha de pesquisa de Educação Matemática. Então, na verdade, ele é um grupo que se origina de uma linha de pesquisa do mestrado em Educação que se chamava Cognição, aprendizagem e interação social.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	Linhas de pesquisas: refere-se às temáticas investigativas de determinada linha de pesquisa.
Unidades de significado	MT1: Segundo a entrevistada, o grupo se constituiu a partir da linha de pesquisa: cognição, aprendizagem e interação social do curso de mestrado do departamento de Educação da UFPR. Posteriormente, foi implementado no programa de pós-graduação o curso de doutoramento, tendo sido constituída uma linha de pesquisa em Educação Matemática.
O que é dito	CDMT1: Da constituição do grupo: oriundo da linha de pesquisa do mestrado, cognição, aprendizagem e interação social, tendo sido o solo para a criação da nova linha de pesquisa, com foco em investigações em Educação Matemática.
Unidades de sentido	MT: Então a história desse grupo ela se inicia com essa matriz, <u>uma matriz muito focada na produção de um conhecimento do aluno e do professor querendo entender o pensamento do aluno, então por isso essa temática da cognição e ela se transforma a partir do momento em que passa a ter uma linha de pesquisa em Educação Matemática, porque daí sim dá nome ao grupo, que é um grupo denominado Educação Matemática. Essa passagem significou a abertura de três linhas, uma linha que era mais voltada para a aprendizagem, que justamente era a oriunda da linha de pesquisa anterior e que nós tivemos o apoio de uma pessoa da psicologia da Educação, voltada para a psicologia da Educação Matemática e uma linha voltada para a formação de professores, que era a linha na qual eu atuava mais fortemente naquele período, e outra linha voltada para a história da matemática e história na Educação Matemática que tinha então um perfil muito voltado para as pessoas que participam de dois grupos, um deles é o grupo da professora Maria, que é onde o professor que trabalha na linha, que é o professor Cifuentes que</u>

	<p>é o vice-líder, ele é da filosofia da Educação Matemática, então esse grupo ele era da história e da filosofia, e o outro é o professor Carlo Vianna que então trabalha junto com a História Oral junto com o professor Vicente Garnica e nesse meio do caminho um dos professores que também começou a tomar parte do grupo foi o professor Emerson Rolkouski, não sei se você conhece, que fez doutorado em Rio Claro. Esse professor é mais voltado para linha de Educação Matemática e tecnologia e houve um período que na linha de formação de professores nós também tivemos a participação da professora Etiene, que foi durante todo o período em que nós tivemos essa linha de pesquisa no mestrado e doutorado de Educação.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Cognição: segundo o dicionário Houaiss, refere-se “ao processo mental de percepção, memória, juízo, e/ou raciocínio”. Cifuentes: Jose Carlos Cifuentes Vasquez</p>
Unidades de significado	<p>MT2: De acordo com a entrevistada, a história do grupo se inicia com uma matriz focada na produção de conhecimento do aluno, e do professor querendo entender o pensamento desse aluno. Porém, o grupo e sua respectiva temática investigativa se transformam quando no programa de pós-graduação é constituída a linha de pesquisa em Educação Matemática, pois a partir desta, outras três perspectivas de pesquisa se originaram, a saber: a primeira voltada para a aprendizagem, contando com o apoio de um professor da psicologia da Educação e ênfase na psicologia da Educação Matemática; a segunda voltada para a formação de professores; e a terceira centrada na história da matemática e história da Educação Matemática.</p>
O que é dito	<p>CDMT2: Da constituição das temáticas de investigação do grupo: psicologia da Educação, com ênfase na psicologia da Educação Matemática; formação de professores; história da matemática e história da Educação Matemática.</p>
Unidades de sentido	<p>MT: A partir de três anos atrás, nós tivemos não mais a linha de Educação Matemática no mestrado em Educação, no doutorado em Educação, mas a abertura de um novo programa de mestrado, que é o programa de Educação em Ciências e Educação Matemática, então esse é um programa que não está vinculado à Educação, ele se dá no setor de ciências exatas, e este é outro programa e o grupo de pesquisa hoje, ele continua com estas participações e a única pessoa que não está mais no grupo é a professora Etiene que faz parte de uma outra linha de pesquisa. <u>Então é como grupo de pesquisa, eu diria que a fase que ele tem hoje é uma fase que congrega pessoas oriundas de dois programas, programa de mestrado e doutorado em Educação e muito fortemente ligado a formação de professores e também à relação com a aprendizagem e desenvolvimento e o programa lá do centro politécnico, então que é o programa de Educação Matemática, mestrado.</u> Esse é mais voltado para a alfabetização matemática nesse momento, que até ai não foi recomposto o grupo para esse ano, mas ele também agrega esse perfil e voltado para história oral e para filosofia com os dois professores, o professor Carlos Vianna e o professor Cifuentes, que são as linhas de pesquisa, então a alteração não houve tão significativa. Apesar da abertura do novo programa, em relação ao grupo de pesquisa, o grupo se mantém.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p><u>centro politécnico</u></p>
Unidades de significado	<p>MT3: Segundo a entrevistada, o grupo de pesquisa congrega pessoas oriundas de dois programas, de mestrado e de doutorado, um em Educação e outro em Educação Matemática, fortemente ligados à formação de professores e também à relação com a aprendizagem.</p>
O que é dito	<p>CDMT3: Dos participantes do grupo: congrega pessoas oriundas de dois programas de mestrado e doutorado, a saber, de Educação e Educação Matemática.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como a senhora poderia se referir ao seu grupo de pesquisa, dizendo, de modo simples, do que ele trata.</i></p> <p>MT: <u>Ele trata de pesquisas que tomam a Educação Matemática como um campo de conhecimento estritamente voltado para a relação professor x aluno x conhecimento de matemática na <i>educação básica</i> e no ensino superior.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Educação básica: refere-se ao nível de ensino correspondente aos primeiros anos de educação escolar.</p>
Unidades de significado	<p>MT4: Segundo a depoente as investigações do grupo lidam com pesquisas que assumem a</p>

significado	Educação Matemática como um campo de conhecimento estritamente voltado para a relação composta por: professor x aluno x conhecimento de matemática, tanto na educação básica como no ensino superior.
O que é dito	CDMT4: Das investigações do grupo: as pesquisas do grupo voltadas para a relação professor x aluno x conhecimento de matemática.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Esse grupo de pesquisa existe desde 2001. Como ele foi criado, em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante?</i></p> <p>MT: Bem, como eu disse, ele foi criado exatamente no momento em que nós passamos de ter só a formação para o mestrado, mas que o programa de mestrado em Educação passou a ter também o doutorado, então ele foi criado para ser uma das linhas de pesquisa do doutorado em Educação. O doutorado quando se compôs ele se compôs basicamente de duas linhas, e umas delas era a Educação Matemática, a outra linha era voltada para educação e trabalho, que então na época tinha outra denominação e ele se compôs porque, como eu disse, <u>o que mais unia era a relação com a formação de professores</u> independente da linha de pesquisa ser da filosofia da educação matemática ou da história da educação matemática ou voltada para a psicologia da educação matemática [...]</p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT5: Segundo a depoente, o grupo de pesquisa foi constituído com a intenção de ser uma das linhas de pesquisa do curso de doutorado que estava sendo implantado na UFPR. O anseio investigativo do grupo se dava na relação com a formação de professores, independente da orientação investigativa que o grupo assumisse.
O que é dito	CDMT5: Da constituição do grupo: o grupo foi constituído a partir da intenção de ser uma linha de pesquisa do curso de doutorado da UFPR.
Unidades de sentido	MT: [...] <u>mas o que unia o grupo era a perspectiva da relação com o conhecimento matemático na divulgação desse conhecimento para a escola básica e para o curso de licenciatura</u> , então era uma ligação muito forte com a formação inicial e a formação continuada de professores.
Excerto Hermenêutico	Licenciatura: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se grau universitário que dá o direito de exercer o magistério do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio.
Unidades de significado de	MT6: De acordo com a entrevistada, a união do grupo de pesquisa era constituída a partir da perspectiva de relação com o conhecimento matemático, e na divulgação desse conhecimento para as escolas básicas e para o curso de licenciatura, sendo uma ligação forte com a formação inicial e continuada de professores.
O que é dito	CDMT6: Da união entre os pesquisadores do grupo: perspectiva de relação com o conhecimento matemático e divulgação desse conhecimento para as escolas básicas; cursos de graduação e pós-graduação.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Nesse sentido, gostaríamos de saber, de que modo surgem os temas a serem estudados?</i></p> <p>MT: Como nós tínhamos e permanecemos ainda com o forte vínculo com a psicologia da Educação Matemática, esta área se foi feito um levantamento da produção em termos de teses defendidas, <u>ela é uma das áreas que traz uma grande produção do grupo, é uma produção aparentemente voltada mais para as séries iniciais, para os anos iniciais hoje inclusive na educação infantil, mas ela também está agregada a esta perspectiva de formação de professores</u>, então os conhecimentos, a busca pela linha de pesquisa.</p>
Excerto Hermenêutico	Séries iniciais: refere-se aos quatro primeiros anos de ensino escolar.
Unidades de significado de	MT7: Segundo a entrevistada, o grupo sempre teve um grande vínculo com a psicologia da Educação Matemática, agregada à perspectiva de formação de professores. Esta área da psicologia da Educação traz uma grande produção do grupo em pesquisas voltadas para as séries iniciais, anos iniciais e educação infantil.
O que é dito	CDMT7: Das temáticas de investigações do grupo: psicologia da educação e formação de

	professores nas séries iniciais e educação infantil.
Unidades de sentido	MT: A partir de saber, de ler tanto os currículos Lattes quanto o próprio grupo de pesquisa com as linhas de pesquisa do grupo, ela se dá nessa perspectiva da formação que as pessoas têm, então <u>é uma formação muito voltada para a psicologia da educação matemática de uma das pessoas, para a didática da matemática e formação de professores por outra, para filosofia da educação matemática e para a história da educação matemática.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT8: Segundo a entrevistada as linhas investigativas pertencentes ao grupo de pesquisa foram constituídas a partir da formação que os pesquisadores/orientadores tiveram, a saber: um professor com a formação voltada para a psicologia da Educação Matemática e formação de professores, outro para a filosofia da educação matemática e outro para a história da Educação Matemática.
O que é dito	CDMT8: Das temáticas de investigações do grupo: psicologia da Educação, com ênfase na psicologia da Educação Matemática; formação de professores; história da matemática e história da Educação Matemática.
Unidades de sentido	A: <i>O coordenador sugere? Os membros indicam assuntos que gostariam de pesquisar?</i> MT: O que agrega... Na verdade eu acho que tem dois fatores diferentes, né? Nós temos desde o início do grupo pesquisa que são como as que são feitas pela via do observatório da educação, então, <u>são pesquisas que visam uma quantidade de pessoas juntas produzindo o mesmo conhecimento. Então esse é um modo de agregar e que tem uma direção no grupo e tem também as que são típicas de cada um dos membros [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Agregar: segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao ato de reunir em uma só todas as partes que não têm entre si ligação natural; no texto, diz do crescimento do grupo promovido pela reunião de pessoas interessadas em temas tratados nos trabalhos do grupo.
Unidades de significado de	MT9: De acordo com a entrevistada, os temas de investigações no grupo são escolhidos por dois modos diferentes, o primeiro via o observatório da educação, por pesquisas que visam uma quantidade de pessoas juntas produzindo conhecimento sobre o mesmo tema. E o segundo modo são as pesquisas individuais de cada pesquisador/orientador do grupo.
O que é dito	CDMT9: Das temáticas de investigação do grupo: suas escolhas acontecem via o observatório da educação e pesquisas individuais de cada pesquisador/orientador.
Unidades de sentido	MT: [...] então <u>os membros do grupo têm suas pesquisas individuais e que pela via da pesquisa individual do professor estão agregados os alunos</u> que eles orientam naquele período. Então teria que falar de cada um desses momentos.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT10: Segundo a entrevistada, os pesquisadores do grupo possuem seus temas de pesquisas individuais. E nesse horizonte de pesquisas de cada pesquisador estão agregados os seus orientados e respectivas investigações.
O que é dito	CDMT10: Das temáticas de investigação do grupo: os pesquisadores junto com seus respectivos orientandos possuem seus temas de pesquisas individuais.
Unidades de sentido	A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre?</i> MT: Tá, o projeto maior do grupo é principalmente elaborado por mim e pelo professor Cifuentes. A: <i>De que maneira?</i> MT: Nós, <u>normalmente observamos com o próprio grupo qual é a temática que naquele momento é agregadora.</u>

Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT11: Segundo a depoente, o projeto maior do grupo de pesquisa é elaborado por ela (Maria Soares) e pelo professor Cifuentes. E ainda, que para constituir esse projeto maior, eles buscam os demais pesquisadores do grupo, para em conjunto definirem qual é a temática que naquele determinado momento é agregador e diz das pesquisas do grupo em geral.
O que é dito	CDMT11: Da constituição da temática central de investigação do grupo: é elaborado pelos pesquisadores líderes e dialogado com os demais membros do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: Então, nós tivemos como eu lhe disse dois <i>momentos assim muitos fortes</i> de observatório da educação, <u>no qual o tema que uniu o grupo foi o ENADE</u> , então foi um momento em que as pessoas participaram inclusive naquele momento também o professor Emerson [...]
Enxerto Hermenêutico	Momentos assim muitos fortes: refere-se aos momentos de execução de projetos e/ou pesquisas que influenciaram as temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
Unidades de significado de	MT12: Segundo a pesquisadora, o grupo já teve a partir do observatório da educação um momento forte de pesquisa cujo tema investigativo foi o ENADE.
O que é dito	CDMT12: Das temáticas investigativas do grupo: o observatório da educação, com o tema de investigação ENADE.
Unidades de sentido	MT: [...] e <u>na atualidade um dos temas que tem nos unidos bastante é o PINAIC</u> , por quê? [...]
Enxerto Hermenêutico	PINAIC: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.
Unidades de significado de	MT13: De acordo com a entrevistada, no momento, a partir do observatório da educação, um dos temas que tem unido o grupo atualmente é o PINAIC.
O que é dito	CDMT13: Das temáticas investigativas do grupo: atualmente, por meio do observatório da educação, o tema de investigação que está unindo o grupo é o PINAIC.
Unidades de sentido	MT: [...] <u>Porque é uma política, mas que nós temos participado pela via da pesquisa</u> . E houve também mais uma pesquisa que foi feita pelo observatório da educação, mas que tratava de políticas públicas.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT14: Segundo a depoente, o PINAIC tem unido as pesquisas do grupo por ser uma política do governo federal e que tem que envolvido o grupo inclusive por meio do tema pela via da pesquisa.
O que é dito	CDMT14: Das temáticas investigativas do grupo: atualmente, pela via da pesquisa, o tema de investigação que está unindo o grupo é o PINAIC.
Unidades de sentido	A: <i>A senhora considera que esse projeto maior é elaborado colaborativamente?</i> MT: <u>Sim, colaborativamente.</u>
Enxerto Hermenêutico	Colaborativo: refere-se, como compreendido nos estudos realizados para a realização desta pesquisa, como uma pesquisa realizada em parceria com os outros membros do grupo de pesquisa; desde a implementação da proposta, as ações de desenvolvimento à finalização; e publicação.
Unidades de significado de	MT15: De acordo com a professora Maria Soares, o projeto maior do grupo é elaborado colaborativamente entre todos os pesquisadores, uma vez que o tema central desse projeto agregue o conjunto de pesquisa do grupo como um todo.
O que é dito	CDMT15: Da constituição da temática central de investigação do grupo: é elaborado pelos pesquisadores líderes junto com os demais membros do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Como acontecem a exposição das ideias e respectivas reuniões para que constituam um tema que todos os participantes do GP se sintam incluídos?</i> MT: Essa reunião, <u>em diferentes momentos teve periodicamente modelos diferentes</u> .
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	de	MT16: Segundo a entrevistada, as reuniões do grupo de pesquisa acontecem periodicamente e com modelos diferentes.
O que é dito		CDMT16: Das reuniões do grupo: de modo periódico e modelos diferentes.
Unidades de sentido		MT: Então, quando nós iniciamos o grupo, nós nos reuníamos com muita frequência, porque nós tínhamos perspectivas muito diferentes, como são áreas diferentes até que nós conseguíssemos ter uma perspectiva comum para o projeto <i>guarda-chuva</i> , como a gente chama, isso demandava uma quantidade muito grande de reuniões, então, o modo como nós chegávamos ao consenso era realmente fazendo reuniões frequentes [...]
Excerto Hermenêutico		<i>Guarda-chuva:</i> refere-se a um projeto maior que abarca todas as outras pesquisas do grupo.
Unidades de significado	de	MT17: Segundo a depoente, no início do grupo de pesquisa, os pesquisadores se reuniam com muita frequência, pois tinham perspectivas investigativas diferentes até que conseguiram constituir uma perspectiva comum para compor o projeto guarda-chuva do grupo.
O que é dito		CDMT17: Da constituição da temática central de investigação do grupo: reuniões entre os pesquisadores para a elaboração do projeto maior do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido		MT: [...] então, <u>semanalmente nós nos reuníamos e também nessas reuniões não era só o professor que expunha sua pesquisa, mas era o modo como ele agregava as pesquisas de seus orientados.</u>
Excerto Hermenêutico		
Unidades de significado	de	MT18: Segundo a professora Maria Soares, no início do grupo, as reuniões aconteciam com mais frequência, semanalmente. Nessas reuniões professores e alunos expunham suas pesquisas, mas o modo como os pesquisadores agregavam suas pesquisas e as de seus orientados eram importantes ao grupo para a composição do projeto guarda-chuva do grupo de pesquisa.
O que é dito		CDMT18: Dos procedimentos para a constituição da temática central de investigação do grupo: reuniões entre os pesquisadores para a elaboração do projeto maior do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido		MT: Então, <u>para que a gente pudesse compor um projeto, nós sempre ouvíamos a cada semana, tudo aquilo que estava sendo trabalhado por aquele professor em seus respectivos projetos de orientados e naquilo que ele, naquele momento, tinha como perspectiva de produção [...]</u>
Excerto Hermenêutico		<i>Orientados:</i> referem-se aos alunos, mestrandos ou doutorandos, que recebem orientação de um pesquisador doutor no desenvolvimento de investigações que visam à obtenção dos títulos de mestre ou de doutor.
Unidades de significado	de	MT19: De acordo com a entrevistada, para que a composição do projeto guarda-chuva das pesquisas do grupo foi preciso ouvir semanalmente tudo o que estava sendo trabalhado por cada pesquisador do grupo junto com seus respectivos orientandos.
O que é dito		CDMT19: Da constituição da temática central de investigação do grupo: reuniões entre os pesquisadores.
Unidades de sentido		MT: [...] então esse foi um primeiro momento. Mais tarde <u>quando as linhas foram se definindo, nós tínhamos reuniões de quinze em quinze dias, não tínhamos mais semanais, mas nós tínhamos já um contato maior pela <i>via da internet</i>, então aquela periodicidade semanal, ela era suprida pelas trocas que eram feitas via e-mail ou outras formas [...]</u>
Excerto Hermenêutico		<i>Via da internet:</i> refere-se à utilização de artefatos da internet para realização das relações do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	de	MT20: Segundo a depoente, depois que os temas investigativos do grupo foram definidos, as reuniões que eram semanais passaram a ser quinzenais, porém um o contato via e-mail dos pesquisadores do grupo se estabeleceu com maior frequência.
O que é dito		CDMT20: Das reuniões do grupo de pesquisa: encontros periódicos quinzenais e contato entre os pesquisadores via e-mail.
Unidades de sentido		MT: [...] <u>Nós marcávamos uma reunião mensal, que era justamente aquela em que nós fecharíamos os trabalhos, e quando era período de preparação de projetos, naquele período nós nos reuníamos com muita frequência.</u>
Excerto		

Hermenêutico	
Unidades de significado	de MT21: Segundo a entrevistada, o grupo usualmente agenda um encontro mensal para a finalização dos trabalhos. Também salienta que durante a criação de projetos, o grupo apresenta uma frequência maior de encontros.
O que é dito	CDMT21: Das temáticas investigativas do grupo: realização de reuniões para elaboração de projetos e também, finalização de pesquisas.
Unidades de sentido	MT: [...] Por quê? Porque <u>sempre nós entendemos que para esse trabalho tem que ser ouvidas todas as pessoas que participam e produzem texto e passam esse texto para que todos leiam e complementem, façam mudanças, então a perspectiva colaborativa que a gente entende é durante todo o processo a pessoa participar, tanto oralmente, quanto escrita. Pela via da escrita é que a gente conseguia chegar a uma elaboração mais sistemática daquilo que seria naquele momento a escolha do grupo.</u> Veja nos últimos anos uma grande forma de relação do grupo foram com temas vinculados às políticas públicas, então todas as iniciativas e as demandas que foram sendo criadas pelo governo nesses últimos doze anos elas levantaram para o grupo a perspectiva de produção de projetos que pudessem ser apresentados nas demandas que surgiram e todos eles o que une o grupo é a perspectiva de formação de professores, então, em tudo aquilo pela via do ministério, principalmente pela via da CAPES foi surgindo de possibilidade de uso de base de dados, aí uma das formas de agregar foi a relacionada também com avaliação, como eu participei do PISA durante muito tempo, nesse período uma das grandes formas de se olhar para a escola básica foi também observando de que forma os nossos alunos estavam respondendo determinadas questões. Esta temática que também é das políticas públicas e daí voltada à avaliação unia o nosso grupo ao grupo da Regina Buriasco, então o nosso grupo, ele tem interfaces, ele não é um grupo que está fechado em si, ele tem várias interfaces, nós temos durante toda essa trajetória desses anos, pesquisas que fizemos pela via da psicologia da Educação Matemática com a professora [Lina Conrecife], pesquisas que fizemos pela via do professor Cifuentes com a própria professora Maria de colaboração.
Enxerto Hermenêutico	PISA: refere-se ao <i>Programme for International Student Assessment</i>
Unidades de significado	de MT22: Segundo a professora Maria Soares, nos processos de construção e finalização de um projeto de pesquisa, o grupo entende ser um trabalho em que se tem de ouvir todas as pessoas envolvidas – pesquisador/orientador e seus orientandos. Ainda, de acordo com a entrevistada o grupo tem um caráter colaborativo onde busca complementar na construção de textos investigativos do grupo, a colaboração acontece tanto de forma escrita em pareceres, quanto de forma oral, porém por meio da via da escrita o grupo consegue alcançar uma elaboração mais sistemática do foco investigativo do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMT22: Dos procedimentos de trabalho do grupo: reuniões entre os pesquisadores em que todos os envolvidos na investigação são ouvidos e colaboram de forma oral e escrita dos projetos investigativos de outros membros do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: Pesquisas que o professor Carlos Viana continua desenvolvendo com o grupo do professor Vicente Garnica e que nesse grupo também está agregado o Emerson e temos também uma interface que atualmente não existe tão forte, mas que já foi muito forte em um período com a psicologia da educação matemática da UNICAMP com a professora Marcia Brito. <u>Então a definição do que naquele momento vai ser agregadora para o grupo sempre foi à formação de professores e muito voltada para as demandas das políticas públicas.</u>
Enxerto Hermenêutico	UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas,
Unidades de significado	de MT23: Segundo a professora entrevistada, existem pesquisadores de seu grupo vinculados a outras instituições e outros grupos de pesquisas. O ponto agregador entre os grupos sempre foi sempre foi à formação de professores voltada para as demandas das políticas públicas.
O que é dito	CDMT23: Da relação entre pesquisadores de diferentes grupos: o ponto agregador é à formação de professores voltada para as políticas públicas.
Unidades de sentido	A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema,</i>

	<p><i>tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo?</i></p> <p>MT: Certo, é... Vou citar um exemplo, tá? Nós temos um compromisso muito grande com a área da Educação Matemática, como nós somos da universidade federal e existe uma parte do grupo que é do setor de Educação e uma parte do grupo que é do setor de ciências exatas, <u>o nosso maior desafio é a colaboração dos colegas do setor de ciências exatas para que no setor de Educação se valorize a Educação Matemática e uma parte nossa do setor de educação que apoia muito fortemente os colegas das <i>exatas</i> para que eles nos departamentos nos quais eles pertençam.</u></p>
Excerto Hermenêutico	Exatas: refere-se às ciências exatas que tem a Matemática, Química e a Física como peças fundamentais.
Unidades de significado de	MT24: A depoente afirma que seu grupo é constituído por pesquisadores dos setores da Educação Matemática, Educação e Ciências Exatas; e salienta que o maior desafio é a colaboração dos pesquisadores do setor das Ciências Exatas, visando valorizarem os pesquisadores do setor da Educação Matemática. Ainda, diz que os pesquisadores do setor de Educação apoiem fortemente os pesquisadores da área das ciências exatas.
O que é dito	CDMT24: Da relação entre pesquisadores de diferentes grupos: o grupo é constituído por pesquisadores dos setores da Educação Matemática, da Educação e das Ciências Exatas; e salienta a desvalorização da Educação Matemática pelos outros setores.
Unidades de sentido	MT: Pois ali nós temos dois departamentos, o professor Emerson ele não pertence ao departamento de matemática, ele pertence ao departamento de expressão gráfica, que é o antigo departamento de desenho e o professor Carlos Viana e o professor Cifuentes pertencem ao departamento de matemática, então, nós <u>nos unimos muito pela via da licenciatura, e é pela via da licenciatura que nós cada vez mais aprofundamos e temos uma produção bastante razoável de trabalhos voltados para a formação inicial de professor, de pesquisa de mestrado e doutorado.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT25: Segundo a entrevistada, em seu grupo existem pesquisadores de vários departamentos. A entrevistada salienta que o grupo se une pela via da licenciatura, cujo objetivo é formar professores, produzindo pesquisas de mestrado e doutorado voltadas para a formação inicial de professores.
O que é dito	CDMT25: Da relação entre pesquisadores de diferentes departamentos: os pesquisadores se unem pela via da licenciatura com o objetivo de formar professores de matemática; produzindo pesquisas voltadas para a formação inicial de professores.
Unidades de sentido	<p>A: <i>De que modo os integrantes do grupo se dispõem ao grupo em termos de tempo, vontade, disposição para trabalhar o tema?</i></p> <p>MT: <u>Esta relação com os alunos se dá muito fortemente nos momentos em que eles estão sendo orientados por esses professores,</u> então o caso, por exemplo, da psicologia da educação matemática que neste momento a professora que ainda faz parte do grupo já é aposentada há dez anos [...]</p>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT26: A depoente salienta que a disposição de tempo dos integrantes do grupo para os temas de pesquisas acontecem na relação entre pesquisador e orientando. Além disso, existe um grupo de estudo que fortalece o vínculo dos alunos com os temas investigativos e com ex-pesquisadores e alunos.
O que é dito	CDMT26: Da disposição de tempo dos pesquisadores em relação às temáticas do grupo: na relação do orientador com seus orientandos, e também em grupos de estudo agregando ex-pesquisadores e alunos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: [...] mas <u>o que fortalece o vínculo dos alunos é que nós temos grupos de estudos,</u> existe um grupo... O que nós fazemos com os alunos, como ela não está atuando mais como professora no

	programa e nesse momento ela não tem orientados [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	de MT27: Segundo a entrevistada o grupo de pesquisa mantém seu vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores através dos temas estudados em grupos de estudos.
O que é dito	CDMT27: Da disposição de tempo dos pesquisadores em relação às temáticas do grupo: o vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores acontece por meio de grupos de estudos.
Unidades de sentido	MT: [...] <u>o vínculo que a gente mantém com os <i>ex-alunos</i> é por meio de grupos de estudos, e este vínculo, faz com que os atuais alunos que também frequentem o grupo, então nós temos procedimentos que são um pouco diferentes agora para cada linha de pesquisa.</u>
Enxerto Hermenêutico	Ex-alunos: refere-se a alunos do mestrado e/ou doutorado já formados no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	de MT28: De acordo com a entrevistada o grupo de pesquisa mantém seu vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores através do grupo de estudo e a partir disso, faz com que os atuais alunos também frequentem as reuniões de estudo do grupo.
O que é dito	CDMT28: Das relações existentes no grupo: o vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores acontece por meio de grupos de estudos.
Unidades de sentido	MT: No caso da psicologia da educação matemática, eu participo também deste grupo, anteriormente eu participava mais fortemente na formação de professores, de dez anos para cá, eu venho participando bastante também da psicologia da educação matemática, <u>fazendo pesquisa conjunta e o modo com que esses alunos permanecem no grupo ou os que estão nesse momento fazendo mestrado ou doutorado mantêm o grupo e a frequência ao grupo, é justamente pela via dos grupos de estudo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	de MT29: De acordo com a professora, cada linha de pesquisa do grupo adota seus procedimentos para organizar suas reuniões. Em seu caso particular, a entrevistada salienta que nos últimos dez anos vêm participando também de pesquisas na linha da Psicologia da Educação Matemática, e do seu ponto de vista, o modo com que os alunos e ex-alunos permanecem no grupo de pesquisa se dá a partir das reuniões do grupo de estudo.
O que é dito	CDMT29: Das relações existentes no grupo: cada linha de pesquisa organiza suas reuniões e o vínculo com alunos, ex-alunos, pesquisadores e ex-pesquisadores acontece por meio de grupos de estudos.
Unidades de sentido	A: <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. A senhora considera essa característica de “institucionalidade” importante?</i> MT: Considero, e vou explicar qual é o motivo. Na nossa instituição, os grupos como em qualquer outra das federais, a consolidação de um grupo não é rápida, é o reconhecimento que você tem institucional para que você chegue até a consolidação é um processo que demanda um tempo razoável, não se inicia imediatamente e se consolida o grupo, então, <u>o fato dele ser institucional quando se faz qualquer projeto, e principalmente aqueles projetos que envolvem construções, como são os da <i>FINEP</i>, a institucionalidade e a consolidação de um grupo ela é fundamental.</u>
Enxerto Hermenêutico	FINEP: refere-se à organização governamental de financiamento a inovação e pesquisa.
Unidades de significado	de MT30: A depoente considera a característica de institucionalidade importante para o grupo, pois segundo ela o fato de o grupo ser institucional influencia quando os pesquisadores desenvolvem projetos que envolvem construções e cita o exemplo dos projetos da FINEP; ressalta que considera a institucionalização do grupo como fundamental.
O que é dito	CDMT30: Da institucionalização do grupo: na importância e influência da institucionalização para o desenvolvimento de projetos de pesquisas.

Unidades de sentido	<p>A: <i>Em que essa característica contribui com o fortalecimento do grupo do seu grupo?</i></p> <p>MT: Veja exatamente em 2004, há dez anos, nós tivemos uma participação por esse grupo e que foi dali que originou a possibilidade de a gente ter o que a gente tem hoje, o mestrado lá nas ciências exatas, que <u>é o mestrado em educação matemática lá nas ciências exatas, foi a participação no projeto da FINEP.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>MT31: De acordo com a depoente a institucionalização contribui para o fortalecimento do grupo de pesquisa, e cita o exemplo, dizendo que o mestrado em Educação Matemática foi constituído a partir da participação do grupo no projeto da FINEP.</p>
O que é dito	<p>CDMT31: Da institucionalização do grupo: na contribuição para o fortalecimento do grupo de pesquisa.</p>
Unidades de sentido	<p>MT: Naquele momento, nós nos agregamos ao setor de ciências exatas e ao setor de ciências humanas, então eram três setores juntos, que pelos <u>grupos de pesquisa conseguiram comprovar pesquisas na formação de professores que justificavam a construção de um prédio próprio, que acabou se transformando em um andar</u>, mas não em um prédio, e isso faz com que a gente tenha um lócus que ainda nesse momento ainda não terminou de ser construído, mas que existe já e que possibilitou na hora que criamos o mestrado termos um espaço próprio para isso.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>MT32: Segundo a professora Maria Soares, no início de sua formação o grupo de pesquisa era agregado ao setor de ciências exatas e ao setor de ciências humanas, sendo três setores juntos. Desse modo, a professora salienta a participação do grupo em pesquisas de formação de professores e no projeto da FINEP. A partir dessa participação no projeto FINEP, o grupo conseguiu justificar a construção de um prédio, que se transformou em um andar, fazendo com que o grupo adquirisse um lócus, um espaço próprio para as atividades da pós-graduação.</p>
O que é dito	<p>CDMT32: Da institucionalização do grupo: na participação em projetos que auxiliaram o financiamento da construção de um prédio para a realização das atividades da pós-graduação.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Na visão da senhora, o que significa ser institucional?</i></p> <p>MT: - Bem, <u>entendo a institucionalidade como sendo o pertencimento e a realização na instituição daquilo que é a proposta, então para mim, a institucionalidade do grupo ela se dá pela produção do conhecimento que é reconhecido em uma determinada instituição.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>MT33: A entrevistada entende a institucionalidade como sendo o pertencimento e a realização na instituição daquilo que é proposto nos projetos de pesquisa. Desse modo a professora salienta que a institucionalidade do grupo se dá pela produção de conhecimento que é reconhecido em uma determinada instituição de ensino.</p>
O que é dito	<p>CDMT33: Da institucionalização do grupo: como pertencimento e a realização na instituição daquilo que é proposto nos projetos de pesquisas.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Esse aspecto influencia os modos de produção do grupo?</i></p> <p>MT: No nosso caso influencia, porque como ele agrega o setor de ciências exatas e o setor de ciências humanas, e na verdade mais fortemente o setor de educação, o fato de ele ser institucional é uma justificativa bastante forte para que a gente consiga, por exemplo, que os professores da matemática tenha a sua carga... Contada na sua carga horária e que eles participem das atividades de aulas, atividades docentes, de orientação no grupo de pesquisa.</p> <p>A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo de pesquisa?</i></p>

	<p>MT: Nós temos uma atividade desde o início do grupo que fazia parte das atividades do programa, essa atividade continua sendo mantida nos dois programas, tanto aqui na educação, como lá nas exatas que <u>são seminários, nós temos os seminários de apresentação dos trabalhos periódicos, nós temos também sempre a todo ano, tanto no setor das exatas mais propriamente na semana da matemática e também no setor de ciência da educação e mais propriamente na semana pedagógica, nós temos as apresentações do grupo, além disso nós participamos dos congressos locais da cidade com as apresentações, nós participamos dos congressos...</u> Dos eventos aqui da educação matemática do Estado do Paraná, nós participamos da ANPED no GT de educação matemática que tem na ANPED há alguns anos, então desde a formação daquele GT que era um grupo de estudos ainda, nós apresentamos trabalhos com frequência na ANPED, participamos também pela via da psicologia da educação matemática da ANPEP, no caso do professor Cifuentes pela filosofia da educação matemática, mas ele se voltou para modelagem matemática, como uma forma de relação com o conhecimento matemático, então ele participa muito e agora, por exemplo, está sediando com a UFPR o evento de modelagem, nós aqui em Curitiba já tivemos dois encontros que são simpósio nacional de psicologia da educação matemática, os dois únicos que tiveram no Brasil foram sediados aqui na UFPR onde a gente apresentou. Participamos também do Ebrapem onde nossos alunos apresentam trabalho e nós... Todos nós já participamos também em diferentes circunstâncias, desde palestras até grupos de trabalho, participamos de ENDIPE's, participamos dos encontros de história da educação matemática e também de história da educação, também com bastante frequência e participamos de atividades muito voltadas para as instituições para qual nós nos formamos, então tem algumas atividades da USP, que foi onde Carlos e eu nos formamos, na UNICAMP, na PUC-SP onde temos também bastante contato, fizemos um contato muito forte e participamos por muitas vezes dos eventos da UNB pela via da psicologia da educação matemática, também pela via da [ANPEP], então, existem os seminários, simpósios brasileiros e simpósios sul-americanos, então a gente tem uma participação local, estadual, nacional e participamos daquele evento em Roma dos 100 anos da educação matemática. Em artigos, livros nós temos... Todos os livros que foram produzidos pela psicologia da Educação Matemática na linha pela [ANPEP] que foi um grupo de psicologia da Educação Matemática em todos os livros nos tivemos participação, é o professor Carlos Viana e o professor Cifuentes em cada uma das áreas, filosofia da educação matemática e história da educação matemática, os livros de história oral e também o professor Emerson tem participado desses livros, né? Eu nos últimos anos junto com a professora Regina tenho participado bastante de todos os trabalhos de avaliação, então nós temos uma produção ligada ao IMEP, tivemos um livro também que foi coordenado pelo professor Wagner e era voltado à avaliação, e nós tivemos também uma produção muito... Foi um período, foi periódica, mas que saiu na França porque nós temos um contato bastante estreito com o professor Gerard Renow pela via da psicologia da educação matemática.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p>ANPED: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; ENDIPE: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.</p>
Unidades de significado	<p>MT34: Segundo a entrevistada as pesquisas do grupo são apresentadas nos seminários de apresentação de trabalhos periódicos realizados no grupo, também existem eventos organizados pelas linhas de pesquisa do grupo, como a semana da pedagogia e da matemática, organizados respectivamente pelos setores de Educação e Ciências Exatas. Outro modo de exposição das pesquisas são as apresentações do grupo em eventos científicos realizados no Brasil e no exterior e produções do tipo: artigo, periódicos e livros.</p>
O que é dito	<p>CDMT34: Modos de apresentação das pesquisas desenvolvidas no grupo: em seminários de apresentações do grupo, eventos organizados pelas linhas de pesquisa do grupo e eventos científicos.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>E essa produção é credenciada em nome de quem?</i></p> <p>MT: Quando o grupo tem um trabalho e todos se voltam para a produção daquele mesmo trabalho, acho que isso pode se tornar uma coisa complexa. No nosso caso isso não ocorre</p>

	porque o que nós temos produzido normalmente... <u>Nós temos produzido não em nome do grupo como um todo, mas pelas linhas de pesquisas. Então, o máximo de autores que nós temos são dois ou três.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT35: A depoente afirma que o grupo de pesquisa não tem produzido pesquisas em nome de todos os pesquisadores do grupo; e sim, que são realizadas pesquisas nas linhas investigativas, sendo que o máximo de autores que o grupo usualmente aceita em suas pesquisas são dois ou três pesquisadores.
O que é dito	CDMT35: Do credenciamento das produções do grupo: não há publicações que envolvam todos os membros do grupo e sim, no máximo três pesquisadores credenciados por pesquisa efetuada.
Unidades de sentido	A: <i>Como o grupo decide a autoria do produto publicado?</i> MT: <u>Se o trabalho é do aluno, a autoria é sempre dele, é... Poucas vezes nós... Há dez anos assinaríamos mesmo junto com o aluno, mas recentemente de dez anos para cá se passou a solicitar inclusive que fosse feito trabalho junto, então a autoria primeira é do aluno e em segundo é do professor. Quando nós temos trabalhos produzidos por duas, três pessoas... Que são pessoas do grupo, aí nós em geral não temos prioridade, normalmente isso é estabelecido pela ordem alfabética do sobrenome ou se for o caso, quando é algum trabalho mais fortemente ligado a uma determinada área, então aquele que é da área assina em primeiro lugar.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT36: Segundo a professora Maria Soares os pesquisadores do grupo a partir do ano de 2004 passaram a produzir trabalhos em coautoria com seus orientandos, sendo o aluno o primeiro autor e o professor pesquisador o segundo. Também são produzidas pesquisas com participação apenas de pesquisadores, dois ou mais, nesse caso o primeiro autor é decidido pela ordem alfabética ou quando o trabalho está diretamente ligado a uma determinada área de pesquisa, aquele pertencente à área, por ter mais familiaridade com o tema investigado assume o primeiro lugar na autoria.
O que é dito	CDMT36: Do credenciamento das produções do grupo: existem pesquisas realizadas apenas pelos pesquisadores do grupo, em que a autoria da pesquisa se dá pela proximidade do pesquisador ao tema investigado ou por ordem alfabética.
Unidades de sentido	A: <i>Podemos notar que o grupo possui 12 pesquisadores, alguns deles ex-orientandos. Como a senhora entende a permanência deles?</i> MT: A permanência se dá porque eles se mantêm em contato produzindo na mesma direção daquele conhecimento que eles vieram a realizar as suas teses, então, vou citar dois exemplos... Três exemplos assim bem pontuais que são meus ex-orientandos. O ano passado, eu mantive uma produção, um diálogo bastante grande com o professor que é do Rio Grande do Sul, que é o [Leivas] e esse diálogo muito em cima daquilo que foi a produção da tese dele, onde ele estudava a imaginação e educação matemática, imaginação, visualização... E embora fosse mais voltada para o ensino superior a base teórica, era a base teoria que ele continuou construindo no diálogo que ele mantém com o grupo, então, esta manutenção ela se dá, pois <u>efetivamente a gente mantém o contato e mantém a pesquisa.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT37: De acordo com a depoente a permanência dos ex-alunos em seu grupo de pesquisa acontece quando o egresso continua produzindo na mesma direção dos temas investigado em seu trabalho de doutorado junto ao grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMT37: Da permanência de ex-alunos ao grupo: ocorre quando o egresso continua produzindo na mesma direção dos temas investigados pelo grupo de pesquisa.

Unidades de sentido	MT: Então eu continuo acompanhando e mesmo quando <u>ele abre uma nova pesquisa, ele mantém a forma de pesquisa, seja pela via da metodologia, seja pela busca pelos fundamentos teóricos e a gente mantém esse vínculo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MT38: De acordo com a entrevistada ao manter o vínculo com o grupo de pesquisa, iniciando um novo trabalho, o ex-aluno dá continuidade à investigação primária do mestrado/doutorado pela via da metodologia.
O que é dito	CDMT38: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade da investigação primária do mestrado/doutorado pela via da metodologia.
Unidades de sentido	MT: Tenho outro orientado que é do Pará, que é o José Maria. <u>Esse orientado também continua trabalhando com temas que foram de sua tese de doutorado, ele fez mestrado aqui e doutorado aqui, e a pesquisa que ele desenvolve agora é vinculada na formação inicial de professores, que é o tema que eu mantenho alunos trabalhando, né?</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MT39: Segundo a depoente, um exemplo de vínculo com ex-aluno é o caso do José, ex-orientando de mestrado e doutorado, que mantém o vínculo com o grupo fazendo pesquisa em temas originados em sua pesquisa de doutorado.
O que é dito	CDMT39: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade da investigação primária do mestrado/doutorado pela via da metodologia.
Unidades de sentido	MT: Então, <u>é porque eles mantêm a sua produção relacionada com o tema de formação e mantêm o contato e participam no grupo, então essa <i>manutenção é estreita.</i></u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Manutenção é estreita:</i> refere-se às exigências para a permanência dos alunos egressos continuarem a participar das investigações do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	MT40: De acordo com a entrevistada a permanência de ex-alunos ao grupo está relacionada a dois fatores: continuidade na produção relacionada ao tema de formação do aluno no mestrado/doutorado e participação nas atividades do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMT40: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade na produção relacionada ao tema de formação do mestrado/doutorado e participação nas atividades do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: E tem o terceiro caso, que é de uma aluna, que daí é um contraexemplo, mas que é bastante interessante, que é de uma aluna que está atualmente em Florianópolis e que faz parte também do grupo do professor [Ori], e porque digo que é um contraexemplo, porque o trabalho que ela faz é bastante diferente do ponto de vista da produção que a gente faz pela via da psicologia da educação matemática, embora ela trabalhe com um autor que também pode ser classificado dentro dessa área, que é o [Davidovisk], mas que tem outra relação com o conhecimento matemático e faz parte de outro viés teórico, <u>a presença dela e o diálogo com ela é o contraponto para aquele grupo, então a manutenção dela se dá por essa via e também inúmeras vezes ela participa da produção teórica que a gente faz.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MT41: A depoente apresenta um contraexemplo de permanência de ex-alunos junto ao grupo de pesquisa, citando o caso de uma ex-aluna que apresenta uma produção diferente ao viés de produção do grupo, mas enfatiza que sua presença possibilita discussões e produção de trabalhos relacionados a temas de investigação do grupo.
O que é dito	CDMT41: Da permanência de ex-alunos ao grupo: a possibilidade de discussões das produções e temas investigativos com egressos que produzem em vieses diferentes das produções do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Esta permanência é positiva, do seu ponto de vista?</i> MT: <u>Fundamental.</u>
Enxerto	

Hermenêutico	
Unidades de significado	de MT42: Segundo a entrevistada a permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa é fundamental, pois a partir dessa interação acontecem discussões que dão continuidade a produção teórica do grupo.
O que é dito	CDMT42: Da permanência de ex-alunos ao grupo: importante, pois a partir dessa interação acontecem discussões que dão continuidade a produção teórica do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Para quem? Para a sua instituição? Para aquela onde o/a participante do grupo trabalha?</i> MT: <u>Pelos dois lados, é fundamental no seguinte sentido. Primeiro, eles mantêm um vínculo com o programa, porque você sabe que depois que a pessoa termina a dissertação ou a tese, ela ainda mantém a sua produção por mais dois anos no programa de origem. Não sei se você tem essa informação, então mesmo que você defenda, nos próximos dois anos, aquilo que você produzir ainda vai ser o retorno para aquele seu programa pela via do <i>currículo Lattes</i>, pelo programa que gerou o título. Por outro lado, toda pessoa que termina, eu considero que ela leva um tempo para ela se estabelecer e nesse período ela se fortalece quando ela faz parte de um grupo. Pela vinha do acompanhamento, pela via da produção.</u>
Enxerto Hermenêutico	Currículo Lattes: refere-se ao curriculum elaborado a partir das exigências da Plataforma Lattes, criada e mantida pelo CNPq.
Unidades de significado	de MT43: A depoente afirma que o vínculo de ex-alunos com o grupo é fundamental para os discentes que mantêm o contato com o programa de pós-graduação, desse modo suas produções pós-defesa estarão ligadas ao programa de pós-graduação e contribuirão via currículo Lattes por um período de dois anos.
O que é dito	CDMT43: Da permanência de ex-alunos ao grupo: fundamental, pois as produções pós-defesa estarão ligadas ao programa de pós-graduação e contribuirão via currículo Lattes.
Unidades de sentido	A: <i>Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo o ponto de vista da senhora, de que modo eles avançam aqui, em seu grupo de pesquisa, e lá, em sua instituição?</i> MT: <u>Eu acho que ele avança aqui pelo modo mediante o qual ele se insere, porque enquanto aluno a inserção dele é de um nível, quando ele já é professor e ele em geral já ocorreu nesses casos que eu mencionei, todos eles quando foram alunos ainda do [Leivas] que já era uma pessoa aposentada e foi para outra instituição, mas mesmo ele e quando ele fez o trabalho aqui e sua defesa, ele não era, por não ser doutor, ele não era um pesquisador do grupo, a partir do momento em que ele passa a ser pesquisador no grupo, então a contribuição e crescimento dele no grupo é de uma participação em outra instância e, por exemplo, na autoria [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	de MT44: Segundo a entrevistada quando o ex-aluno retorna ao grupo, ele é credenciado como pesquisador, participando em outra instância nas atividades e produções do grupo.
O que é dito	CDMT44: Da permanência de ex-alunos ao grupo: participação dos egressos em outra instâncias nas atividades e produções, passando de aluno para pesquisador do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: <u>Então, a coautoria se dá em outro nível, é diferente do momento em que ele está fazendo a tese e todo trabalho dele se volta para um trabalho de tese de produção própria, nesse momento quando você tem já esse indivíduo que está em outra instituição e que participa aqui, ele participa para produção e, por exemplo, quando a gente fez a pesquisa do ENADE, eles participam [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	de MT45: Segundo a professora Maria Soares a participação se distingue de quando o aluno é doutorando e passa a ser pesquisador. Quando o ex-aluno que também já é professor/orientador em outra instituição retorna ao grupo, sua participação é direcionada à produção.

O que é dito	CDMT45: Da permanência de ex-alunos ao grupo: participação é direcionada à produção do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: [...] <u>mas participam como colegas, como pessoas que estão produzindo naquele momento junto com o orientador, e não a sua pesquisa própria, mas uma pesquisa em colaboração. E na sua instituição, daí eu considero que é bastante interessante o modo em que isso se dá, porque no caso, por exemplo, da colega que está em Florianópolis, essa colega formou um grupo, mas durante seu período de se tornar doutora, ela participou tanto aqui desse grupo que ela continua participando, como continua participando em São Paulo do grupo do [Ori], como tinha um coorientador numa outra cidade que não era Florianópolis, que era sua cidade de origem [...]</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT46: Segundo a depoente em alguns projetos, como no caso do ENADE, os alunos participam junto com seu orientador, não se constituindo uma pesquisa do próprio aluno. O caso dos ex-alunos se difere, pois já formaram seus próprios grupos de pesquisa e no grupo seu papel passa a ser de pesquisador.
O que é dito	CDMT46: Da permanência de ex-alunos ao grupo: mudança de papel, passando de aluno para pesquisador do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	MT: [...] <u>a partir do momento em que ela se doutorou, ela mesma constitui um grupo e passa a fazer orientações e passa a ter a sua própria pesquisa junto com seus orientados. Então, eu vejo que a forma como ela dá continuidade ao seus trabalhos tem muita relação com aquilo que ela construiu no momento em que ela era aluna.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT47: De acordo com a professora Maria Soares ao concluir o doutorado os alunos passam a constituir seus próprios grupos de pesquisa e a ter seus próprios orientandos. A continuidade do trabalho do ex-aluno junto ao grupo de pesquisa tem relação com a continuidade das temáticas investigativas que realizavam nas pesquisas de doutorado.
O que é dito	CDMT47: Da permanência de ex-alunos ao grupo: continuidade nas investigações das temáticas que realizavam nas pesquisas de doutorado.
Unidades de sentido	MT: Eu queria só fechar colocando uma questão que me parece importante, que é o modo diferenciado que grupos podem se constituir né? No caso do nosso grupo, ele se constituiu de pessoas que se agregaram e que formaram linhas de pesquisa e que têm projetos em comum, <u>mas também tem seus próprios projetos, mas há grupos de pesquisa e que me parece uma direção também bastante importante que são formados em torno de uma temática muito própria,</u> por exemplo, eu vou citar o grupo da Regina em Londrina, que é um grupo estritamente voltado para formas de avaliação, e aquela produção toda, ela é derivada de projetos que estão em uma mesma direção, então são dois formatos bastante distintos de grupos de pesquisas.
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado de	MT48: Segundo a entrevistada seu grupo de pesquisa se constitui de pessoas que agregaram e formaram linhas de pesquisas e que possuem seus próprios projetos e também projetos em comum com outros pesquisadores. De acordo com a professora Maria Soares, seu grupo se difere de outros grupos de pesquisa que possuem uma temática própria, na qual as produções de pesquisa seguem sempre o mesmo direcionamento.
O que é dito	CDMT48: Das temáticas investigativas do grupo: as diferentes linhas de pesquisas do grupo com seus distintos pesquisadores distancia o grupo de uma temática própria, na qual as produções de pesquisa seguem sempre o mesmo direcionamento.
Unidades de sentido	MT: Em alguns anos, quando foi realizada a primeira coleta para se formar grupos de pesquisa aconteceu uma coisa que eu considero interessante que <u>foi a observação vinda do próprio CNPq de que nós deveríamos ter grupos de pesquisa com esse formato do grupo da professora Regina [...]</u>
Excerto	CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Regina: refere-se à

Hermenêutico	pesquisadora Regina Luzia Corio de Buriasco.
Unidades de significado	MT49: Segundo a depoente existe uma observação do CNPq de que os grupos de pesquisas apresentem uma temática própria direcionando as pesquisas e produções do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDMT49: Das temáticas investigativas do grupo: o CNPq orienta que os grupos de pesquisas apresentem uma temática própria de direcionamento de suas pesquisas e produções.
Unidades de sentido	<p>MT: [...] e não, no formato que nós ainda hoje mantemos o nosso grupo e <u>posteriormente no meio desse caminho foi sugerido e aberto que não se precisaria mais ter esse grupo tão fechado numa única dimensão e mais atualmente, diriam de uns oito anos pra cá, novamente nós temos esse formato muito direcionado para possibilidade de você ter um grupo de pesquisa com uma única linha de pesquisa e com todos seus orientados relacionados ao seu próprio projeto de pesquisa. Então me parece que também a própria definição de grupo de pesquisa é algo que está em constante mutação. Seria bastante interessante que o CNPq voltasse a fazer algo que ele fez no início da constituição dos grupos de pesquisas, que era discutir as formações de grupos de pesquisas e proceder às orientações nessa direção.</u> O que eu digo é em relação ao modo como o CNPq, porque ele está fazendo isso agora, uma coleta com data marcada de novo, para consolidação do seu quadro de grupo, isso é periodicamente refeito, o que digo é que nesse momento me parece que quando você diz que tem quatrocentos grupos constituídos ou mais de quatrocentos grupos na área da educação matemática me parece que seria muito interessante que nas áreas e o próprio CNPq orientasse isso, novamente voltasse à discussão do que é um grupo de pesquisa.</p> <p>A: Professora, eu agradeço sua disponibilidade em participar e atenção dada a minha pesquisa.</p> <p>MT: Eu que agradeço em participar e manda um abraço para a professora Maria.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	MT50: Segundo a depoente existe uma movimentação efetuada pelo CNPq sobre a definição de grupos de pesquisas e que de seu ponto de vista seria necessário uma discussão no momento da formação de grupos, efetuando orientações nessa direção.
O que é dito	CDMT50: Da constituição de grupos: necessidade de discussão e orientações no momento de formação dos grupos de pesquisa.

A sexta entrevista realizada ocorreu no dia 20 de novembro de 2014 das 17h às 18h horas no departamento de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, situado na Avenida Acadêmico Hélio Ramos, s/n – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, oitavo andar, na cidade de Recife – PE. O pesquisador entrevistado é o professor Dr. **Antonio Roazzi**, líder de pesquisa do Grupo Psicologia Cognitiva.

Sujeito Significativo AR: prof. Dr. Antonio Roazzi

Unidades de sentido	<p>A: Boa tarde professor Antonio Roazzi, primeiramente agradeço sua disposição em conceder esta entrevista. O senhor recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de investigação da minha pesquisa, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática. O senhor pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</p> <p>AR: Certo. Agora trabalho mais sobre as questões da lógica mental, estando relacionada com matemática, mas na minha tese de doutorado foi sobre concepções de matemática. Bom, sobre o meu grupo de pesquisa, em que sentido, onde trabalha? Quantas pessoas têm? Atualmente ou no</p>
----------------------------	--

	<p>passado?</p> <p><i>A: Na perspectiva que o senhor desejar falar.</i></p> <p><i>AR: Bom, <u>tenho um grupo</u> de pesquisa no qual venho trabalhando junto com outros colegas. Sou eu, o Bruno Campello de Souza e o Alexandro Medeiros do Nascimento, esses são os <u>pesquisadores principais</u> que são colegas aqui da UFPE. Depois tem, insiro também os alunos que vem trabalhando comigo, que eu oriento. Tanto de doutorado como de mestrado[...]</i></p>
Enxerto Hermenêutico	<i>Tenho grupo de pesquisa:</i> possui um grupo de pesquisa com o qual trabalha. <i>Pesquisador principal:</i> no texto está sendo entendido como professor da Universidade em que trabalha que se interessa pelo assunto que pesquisa e que também orienta alunos
Unidades de significado	AR1: O depoente afirma ter um grupo de pesquisa, no qual trabalha junto com dois professores da Universidade e também com alunos, por eles orientados.
O que é dito	CDAR1: Do grupo de pesquisa e sua constituição: dos professores orientadores e seus respectivos orientandos.
Unidades de sentido	AR: [...] então <u>a gente faz orientações às vezes coletivas!</u> Antigamente fazia muito mais, agora fazemos menos e também tem orientações individuais[...]
Enxerto Hermenêutico	<i>Orientações coletivas:</i> são atividades que, em conjunto com o grupo de pesquisa, são realizadas orientações. <i>Coletivo:</i> orientação que abrange várias pessoas. <i>Individuais:</i> orientação dedicada a uma pessoa.
Unidades de significado	AR2: O depoente afirma que no grupo de pesquisa realizam orientações coletivas e individuais, para ler, criticar e debater projetos de pesquisa de alunos e professores.
O que é dito	CDAR2: O que o grupo de pesquisa faz: orientações coletivas.
Unidades de sentido	AR: [...] quando <u>discutimos o projeto de pesquisa tanto do aluno como dos professores</u> , por exemplo, você tem um projeto que está desenvolvendo, que é do professor e a gente apresenta e discute e faz a discussão nesse sentido. Do ponto de vista da produção do conhecimento, por exemplo, especificamente que comecei a me envolver no começo da minha experiência de pesquisa aqui na Universidade Federal de Pernambuco, o ano era mais ou menos 1980, e eu tinha que revalidar o meu diploma de formado, era formado na Itália, em Roma, na Universidade de Roma La Sapienza, aí comecei a trabalhar na área de lateralização hemisférica sobre a possibilidade de entender como funcionam os hemisférios cerebrais, entrei em contato porque aqui tinha a pós-graduação em psicologia cognitiva. Entrei em contato com a Terezinha Nunes, que você deve conhecer, ela antigamente tinha outro sobrenome, depois que se separou do marido virou Nunes, então quando entrei em contato, ela era responsável pela graduação, e ela disse, bom, a gente pode fazer o reconhecimento do diploma, porque quando você faz uma equivalência sempre tem diferenças, mesmo a graduação que você fez lá, sabe lá onde, na UNESP, ou aqui, cada uma tem suas peculiaridades, aí ela me convidou para participar da pesquisa que ela estava fazendo na época e depois produziu o livro na vida dez na escola zero, famoso, e eu participei inclusive depois, e falei bom vou fazer o mestrado, inclusive foi naquela época o mestrado se fazia em quatro anos, hoje em dia não, pode são dois anos ou mais seis meses. Eu fiz o mestrado até mais rápido nessa época, todo mundo queria fazer em quatro anos, mas eu queria terminar logo e reconhecer os estudos, fiz uma pesquisa sobre tarefa de inclusão de classe em contextos piagetianos com meninos de rua, a partir disso depois fiz um concurso, aí participei do ponto de vista da produção do conhecimento, participei dessas pesquisas que estavam sendo feitas nessa época aqui.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR3: Segundo o entrevistado, no grupo de pesquisa são realizadas reuniões para discutirem os projetos de pesquisas, tanto dos professores, como dos alunos de mestrado o/ou doutorado.
O que é dito	CDAR3: O que o grupo de pesquisa faz: discussão dos projetos de pesquisa dos docentes e discentes.
Unidades de sentido	<i>A: Como o senhor poderia se referir ao seu grupo de pesquisa, dizendo, de modo simples, do que ele trata.</i>

AR: Olha, o meu grupo de pesquisa de modo amplo trabalha os processos cognitivos no sentido mais amplo. Por exemplo, você pode pegar aspectos inclusive que em princípio não poderiam nem estar relacionados, por exemplo, com a cognição: apego. Apego tem os aspectos cognitivos, por exemplo, intercepção de filtro das informações etc. Essa é a malha de pesquisa que venho trabalhando, por exemplo, a questão das representações sociais, você tem os aspectos cognitivos da representação social, então pego os aspectos cognitivos que tem por trás, porque os aspectos cognitivos estão por trás de tudo, por exemplo, tomada de decisão, tem todos os aspectos cognitivos, as heurísticas, os enfiamentos, as pessoas, a racionalidade limitada, né, então o que me interessa são esses aspectos cognitivos que estão por trás de determinadas áreas, que não necessariamente estão diretamente, especificamente tratam das questões cognitivas clássicas, não gosto de estar fazendo estudo de percepção no sentido clássico. O estudo da emoção, compreensão das emoções. Compreensão já tem haver com a questão cognitiva, eu venho trabalhando com a compreensão de emoção em crianças, por exemplo, como a criança desenvolve valores, estou fazendo pesquisa e na próxima semana teremos um simpósio aqui e estão vindo da Alemanha para apresentar trabalhos nessa área, de valores em crianças e adultos, então como é que você avalia a constituição dos valores, pode parecer, por exemplo, a tomada de decisão, de valores os aspectos estudados na psicologia social, mas a base é cognitiva. Então eu tento fazer essa ligação entre os aspectos cognitivos nas várias áreas da psicologia, por exemplo, tem vários alunos que estão trabalhando as questões executivas, que tem haver com mil coisas, qual a relação das questões executivas com as teorias da mente, é interessante, por exemplo, os primeiros estudos sobre teoria da mente começaram aqui, não o primeiro, digo no Brasil, então fui eu e a minha colega Maria da Graça Bompastor Borges Dias. A gente começou aqui porque tínhamos experiência com Paul Hares que foi o orientador dela e trabalhava também na área da teoria da mente, então quando voltamos do doutorado, eu fiz o doutorado em Oxford a gente trouxe todo esse conhecimento que tínhamos nessa área que era inexistente aqui no Brasil para aplicar sobre a teoria da mente, que tem haver, por exemplo, com aspectos cognitivos também, espera aí, agora me confundi, falei da teoria da mente, e estava querendo dizer outra coisa. A gente tinha uma fase que fizemos uma série de pesquisa importante, inclusive nós conseguimos um financiamento do National Foundation para trabalhar os universais lógicos. De acordo com a teoria da lógica mental, então existem várias linhas de pensamento sobre a questão de como funciona o raciocínio macro, então tem a linha do pensamento que não existe esses universais, a gente partiu do pressuposto que esses universais existem, e que é compartilhado por toda a população, por exemplo, você tem os estudos Luria no Uzbequistão, a partir das coisas que ele vinha trabalhando com Vygotsky que dizia, ah bom! As pessoas que não tinha escolarização são menos capazes. O que é ridículo! Pois todo mundo tem esse universais lógico, é preciso somente você detectar, por exemplo, então a gente procurou populações que não tinha contato com a... Como se chama? Mundo ocidental, vamos dizer. Então a gente procurou em Rondônia, a gente procurava por um grupo indígena que era os Amundavas, eles tinham sido recém-descobertos em 1983, 1984. Só que dois ou três anos acabam tudo. Só que não funcionava porque esses grupos que são recém-descobertos, quando têm contato com o homem branco em três ou quatro anos você perde completamente a possibilidade de fazer qualquer tipo de pesquisa. Teria mil coisas que poderia contar sobre isso, mas agora não vai dar tempo. Bom, então depois a gente procurou por populações mais isoladas, então a gente achou as populações que ficam no alto do rio negro na reserva indígena da FUIRNG que fica na fronteira com a Colômbia. Bom, lá você tem o rio negro e depois tem os afluentes do rio negro. O rio negro que depois vai se juntar na Amazônia com o rio Solimões, mas um dos afluentes do rio negro é o rio Uaupés, só para informações, foi onde começou a teoria evolucionista, todo mundo só acha que foi o Darwin, mas o Edgar Olars pesquisou nesse rio. Já ouviu falar nisso? Porque a maioria das pessoas só acha que foi Darwin, então ele trabalhou nessa área. Foi pesquisar nessa área porque lá ninguém pode entrar a princípio, apenas padres católicos, às vezes pesquisadores. Os evangélicos não entram porque a igreja católica

	que manda, não sei agora se mudou. Então a gente começou a fazer pesquisa com os Tucanos, à gente publicou, então se você quiser eu posso te mandar as coisas que têm na internet. Então fizemos pesquisa sobre os universais lógicos para mostrar exatamente que todo mundo tem raciocínio lógico, depende de como você vai coletar essas informações.
Enxerto Hermenêutico	Processos cognitivos: segundo o dicionário Houaiss, refere-se “ao processo mental de percepção, memória, juízo, e/ou raciocínio”. No texto significa a área da psicologia com a qual trabalha. De modo amplo: para o depoente significam ações de cunho psicológico que podem estar no fundo e junto com o que a Psicologia denomina específicas “de cognitivo”, como, segundo o texto da entrevista transcrita: apego, decisão, heurística, racionalidade limitada e emoções.
Unidades de significado	AR4: Afirma o entrevistado, que seu grupo de pesquisa trabalha com cognição e com aspectos mais amplos, como apego, emoção, que estão por trás dos aspectos cognitivos.
O que é dito	CDAR4: Com o que o grupo de pesquisa trabalha: cognição e aspectos mais amplos como apego e emoção.
Unidades de sentido	A: <i>Quando o seu grupo de pesquisa foi constituído?</i> AR: Bom, não me lembro em qual ano, porque na realidade, entre nós, tem uns grupos de pesquisas... <u>Antigamente a gente fazia assim, todo mundo que é da pós-graduação, pertencia a um único grupo de pesquisa. Então, o coordenador colocava todo mundo junto, até para justificar quando pede financiamento, isso na primeira fase da década de 1990, depois da década de 1990 começaram-se a formar vários grupos, então, várias pessoas formam seus grupos específicos.</u>
Enxerto Hermenêutico	Pós-graduação: curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado. Coordenador: professor da pós-graduação que organiza e dinamiza as atividades do curso.
Unidades de significado	AR5: O depoente se refere ao modo pelo qual o grupo de pesquisa era constituído na pós-graduação por todos integrantes desse curso e organizado pelo coordenador da pós-graduação. Afirma que depois, essa prática se modificou e as pessoas passaram a formar seus grupos.
O que é dito	CDAR4: Da historicidade do grupo de pesquisa na pós-graduação: de sua constituição e organização.
Unidades de sentido	AR: É, como se diz, e mesmo continuando com os vários grupos da pós-graduação, na realidade funcionava do mesmo jeito que ter apenas um grupo geral, pois é <u>mais um grupo de pessoas que tem mais afinidade no tipo de pesquisa que estão fazendo.</u>
Enxerto Hermenêutico	Afinidade: segundo o dicionário Houaiss, refere-se “coincidência ou semelhança de gostos, interesses, sentimentos etc.” Grupo: conjunto de pessoas ou coisas dispostas proximamente e formando um todo.
Unidades de significado	AR6: O entrevistado afirma que o grupo de pesquisa é um grupo constituído por pessoas que têm mais afinidade no tipo de pesquisa que estão fazendo.
O que é dito	Característica da composição do grupo de pesquisa: afinidade nas diferentes pesquisas do membro do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Esse grupo de pesquisa existe desde 1989. Como ele foi criado, em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante.</i> AR: <u>Eu, por causa da minha característica específica, gosto do que me interessa na hora.</u> Atualmente, estou pesquisando a questão da compreensão de emoção, os aspectos; o raciocínio lógico, os conceitos de racionalidade etc.; Pesquisas sobre a autoconsciência e o estado ampliado de consciência.
Enxerto Hermenêutico	Eu gosto: eu aprecio, eu valorizo. Do que me interessa na hora: do que é importante para mim, no presente da investigação.
Unidades de significado	AR7: O depoente afirma que por sua característica ele decide participar do grupo de pesquisa conforme a importância que o assunto investigado assume para ele.
O que é dito	CDAR7: De como decide participar de grupos de pesquisa: visando a temática investigativa.

Unidades de sentido	<p>A: <i>De que modo surgem os temas a serem estudados. O coordenador sugere? Os membros indicam assuntos que gostariam de pesquisar?</i></p> <p>AR: Bom, depende do aluno, se ele vem com <i>a ideia bem formada</i> ai tudo bem, eu posso entrar nesse... Posso aceitar as coisas que ele propôs, se a ideia não for bem formada, pego as determinadas ideias que tenho, e que estão relacionadas com o que estou pesquisando e proponho.</p>
Enxerto Hermenêutico	A ideia bem formada: refere-se à proposta investigativa apresentada de modo claro e objetivo pelos alunos de mestrado e/ou doutorado.
Unidades de significado	AR8: Segundo o entrevistado, a escolha de um tema de pesquisa pode resultar da proposta de um aluno, caso essa ideia seja bem formada; ou caso a proposta do aluno não seja bem estruturada, o próprio pesquisador sugere ideias relacionadas a assuntos de pesquisas vigentes.
O que é dito	CDAR8: De como os temas investigativos do grupo são escolhidos: das propostas dos alunos e sugestões do orientador.
Unidades de sentido	<p>A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre.</i></p> <p>AR: Na realidade não tem um <i>projeto único</i>, existem vários. Na realidade eu sou guiado em função dos financiamentos.</p>
Enxerto Hermenêutico	Projeto único: refere-se a um projeto guarda-chuva que abarca todas as outras pesquisas do grupo.
Unidades de significado	AR9: De acordo com o depoente, em seu grupo de pesquisa, não existe um único projeto maior que baliza as demais pesquisas. Segundo o professor Antonio Roazzi suas ações de pesquisas são guiadas em função dos financiamentos das agências fomentadoras.
O que é dito	CDAR9: Os temas investigativos do grupo são escolhidos: em função dos financiamentos.
Unidades de sentido	AR: Bom, a gente se reúne, por exemplo, <u>tem as reuniões que a gente faz, quatro vezes por ano para discutir as coisas que estão sendo desenvolvidas</u> , agora na próxima semana vai ter o simpósio do Lacos, que é de um colega meu o Alexandro, na próxima semana, será terça e quarta, então vai ter pessoas que virão da Alemanha, tem pessoas que vem da Universidade Federal da Paraíba que vão falar sobre a pesquisa que estamos desenvolvendo; eu posso te mandar até o panfleto. Então, muitas das coisas que estou falando não tem um projeto específico que se caracterize como uma “umbrela” que pega todos, não, isso não tem.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR10: Segundo o entrevistado, em seu grupo de pesquisa são realizadas quatro reuniões anuais, com o intuito de discutir as pesquisas em desenvolvimento. Salienta também os eventos que ocorrem e são também, espaços de discussão das pesquisas do grupo. Antonio Roazzi salienta que o grupo não possui um projeto guarda-chuva, onde uma pesquisa maior abarca as demais.
O que é dito	CDAR10: Das ações do grupo de pesquisa: realização e participação de reuniões e eventos com o objetivo de discutir as temáticas e pesquisas em desenvolvimento no grupo.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Essa reunião que o senhor mencionou como acontece? E quem participa?</i></p> <p>AR: Em geral são os professores, como eu te disse que participam junto comigo dessas pesquisas e também com os alunos que são bolsistas que participam também das pesquisas.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR11: Segundo o depoente nas reuniões de discussão dos temas investigativos do grupo são compostas pelos professores/orientadores e seus respectivos orientandos/bolsistas.
O que é dito	CDAR11: Das ações do grupo de pesquisa: realização e participação de reuniões e eventos com o objetivo de discutir as temáticas e pesquisas em desenvolvimento no grupo.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como o coordenador intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i></p> <p>AR: Bom, <u>são sempre assuntos ligados com as questões <i>cognitivas</i></u>, sempre, como expliquei</p>

	para você antes, todos os aspectos que tem o cognitivo por trás.
Enxerto Hermenêutico	Cognitivas: refere-se às pesquisas realizadas pelo grupo, investigando os processos mentais, voltados para teorias psicológicas.
Unidades de significado	AR12: Segundo o entrevistado, as temáticas de pesquisa do grupo estão sempre ligadas às questões cognitivas.
O que é dito	CDAR12: Das temáticas investigativas do grupo: ligadas às questões e aspectos que envolvem o cognitivo.
Unidades de sentido	AR: [...] <u>Agora muitos <i>projetos</i> às vezes eu coordeno, a ideia é minha, eu escrevo e os outros participam junto.</u> Inclusive junto com os alunos etc. etc. outros, por exemplo, um colega meu trabalha com autoconsciência, ruminação, reflexão, autoconhecimento etc.
Enxerto Hermenêutico	Projeto: segundo Bicudo (1999), pro-jetar é lançar à frente, atualizando-se em ações na temporalidade e na espacialidade mundanas. Também pode significar uma proposta de trabalho, com cronograma cronológico de realizações de fases, bem como uma planilha de gastos.
Unidades de significado	AR13: Segundo o entrevistado, existem muitos projetos em que a ideia da temática, a escrita e a coordenação são realizadas pelo professor, porém outros pesquisadores participam junto no desenvolvimento.
O que é dito	CDAR13: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídos os temas e desenvolvimento de pesquisas.
Unidades de sentido	AR: [...] <u>Então ele pega mais a frente esse projeto, eu participo também dos projetos dele, aí tem essa interação, por exemplo, se eu trabalho junto com você, você pode ter mais três ou quatro projetos ao mesmo tempo funcionando e tem a possibilidade nessa forma de você <i>produzir</i> até mais, entendeu?</u> Às vezes, existem projetos que duram dois ou três anos para coletar os dados, por exemplo, um projeto sobre a validação de uma escala [Uecos] com o pessoal de Portugal, da Universidade do Minho, só que para coletar os dados é complicado. Em termo das crianças, você tem que ir à escola, ir lá várias vezes e coletarmos com as crianças os vários instrumentos utilizados. E aí como é que você faz? Isso dá muito mais trabalho, ao contrário de quando você faz um questionário e aplica, para quatrocentos estudantes, por exemplo, você coleta os dados em no máximo uma semana. Então você tem que saber equilibrar o que é mais rápido, o que é menos rápido, por exemplo, tem muita ideia que desenvolvo com os alunos da graduação, discuto as ideias, às vezes para fazer a prática dou introdução a pesquisa, então discuto as ideias que estou desenvolvendo, mostro como é que funciona, aí eles aprendem na prática determinadas coisas que a gente vem trabalhando. Por exemplo, nesse semestre estou trabalhando a questão do bullying no contexto escolar e todos os aspectos envolvidos com a questão do bullying e o significado disso relacionando o com autoconsciência. Será que pessoas, por exemplo, que tem o nível de ruminação mais alta, são mais vítimas de... As crianças que tem o nível de reflexão mais alta de acordo com o conceito de autoconsciência disposicional? Estou falando em nível de exemplo, que é um aspecto cognitivo. Então estou fazendo a ligação com os aspectos... Com um assunto que é bullying, que em principio não é um assunto da cognitiva, mas tem a ver com aspectos cognitivos. Por exemplo, outra pesquisa, estamos vendo a questão do maltrato em crianças e qual a relação com locus de controle interno e externo que entra o aspecto cognitivo se você... Em principio estamos coletando os dados tanto na Itália quanto no Brasil, ainda não sei se vai dar tempo de coletar tudo, com a Universidade La Sapienza. Então, quem tem o locus interno é mais fácil é... Ser menos sujeito a maltratos. Então depende dessa relação e como o apego mede essa relação em função do tempo, estou falando em exemplo, é uma pesquisa que estamos fazendo, estou escrevendo um artigo, a parte italiana já foi coletada.
Enxerto Hermenêutico	Produzir: refere-se a artigos, capítulos de livros, livros e outras formas de publicações resultantes das pesquisas realizadas no grupo. Ruminação: segundo o dicionário Houaiss, refere-se ao ato ou efeito de remoer o mesmo assunto; meditar insistentemente a respeito do mesmo assunto. Bullying: No texto diz de atos de violência, física, verbal, psicológica, realizados entre alunos de escolas.
Unidades de significado	AR14: Segundo o entrevistado, alguns pesquisadores do grupo começam a participar de seus

	projetos que estão em desenvolvimentos, porém ele também participa dos projetos em desenvolvimento desses outros pesquisadores. De acordo com o depoente essa articulação possibilita um aumento nas produções dos pesquisadores.
O que é dito	CDAR14: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídas as articulações entre pesquisadores no desenvolvimento de diferentes pesquisas.
Unidades de sentido	A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo de pesquisa?</i> AR: <u>Hoje em dia tudo funciona mais fácil, pois temos a internet</u> , porque a cidade de Recife tem tráfego. Você já deve ter visto como é, né? Você demora duas ou três horas para chegar de um lugar para outro, a gora eu venho para a universidade muito menos por causa disso, mas agora estou sempre ligado com o Skype, por exemplo, até orientação de alunos eu faço pelo Skype, muito mais rápido.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR15: De acordo com o entrevistado, hoje em dia tudo funciona mais fácil, pois temos acesso à internet; ainda enfatiza que devido às condições do trânsito da cidade de Recife, prefere fazer muitas das ações de interação com o grupo pela via internet.
O que é dito	CDAR15: Das ações do grupo de pesquisa: como são realizadas as articulações de orientações entre orientador e orientandos.
Unidades de sentido	AR: [...] Essas coisas mudaram, <u>venho aqui na universidade somente para, se tiver... Por exemplo, hoje teve a reunião para seleção de alunos para o doutorado ou quando tem aula na maioria das vezes, então a gente se comunica muito por e-mail</u> . Com a internet é muito mais fácil. Isso é muito diferente do que era há dez anos ou a mais de dez anos atrás.
Enxerto Hermenêutico	E-mail: refere-se ao correio eletrônico usado pelos pesquisadores do grupo de pesquisa para se comunicarem.
Unidades de significado	AR16: Segundo o entrevistado, atualmente, sua permanência na universidade acontece em determinadas ocasiões, a saber: reuniões, eventos ou disciplinas; e salienta que na maioria das vezes a comunicação com o grupo acontece via correio eletrônico - email.
O que é dito	CDAR16: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídas as articulações de orientações entre orientador e orientandos.
Unidades de sentido	A: <i>Na visão do senhor, de que modo os participantes do grupo se dispõem ao grupo em termos de tempo, vontade, disposição para trabalhar o tema?</i> AR: Bom, os alunos de mestrado ou doutorado? Ou os bolsistas? O problema é que os alunos de mestrado e doutorado, eu faço mais acompanhamento para a pesquisa deles. Não tanto para desenvolver, atualmente eles têm que fazer a pesquisa deles, e não a minha pesquisa, mas, por exemplo, quando <u>eu faço a orientação coletiva, quando faço orientação e cada um apresenta seu projeto de pesquisa, todo mundo vai participar também</u> , porque, o que estou explicando para ele, por exemplo, o que é um quadrado latino, como controla a ordem das tarefas, então estou explicando para ele, mas estou explicando também para os outros, o outro não vai usar também, mas pelo menos aprendeu alguma coisa.
Enxerto Hermenêutico	Todo mundo: refere-se aos alunos, mestrandos ou doutorandos, que recebem orientação de um pesquisador doutor no desenvolvimento de investigações que visam à obtenção dos títulos de mestre ou de doutor.
Unidades de significado	AR17: Segundo o entrevistado, em seu grupo são realizadas orientações coletivas, nessas, quando ele, o professor orientador explica um tema específico para um determinado aluno, os demais também têm a oportunidade de aprender. Ainda salienta que nessas orientações coletivas, cada aluno apresenta seu projeto de pesquisa, no qual todos os integrantes participam das discussões.
O que é dito	CDAR17: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídas as articulações de orientações e discussões de projetos do grupo.
Unidades de sentido	AR: [...] <u>Isso acontece mais ou menos a cada dois meses, a gente faz um cronograma em</u>

	<p>relação às apresentações, os alunos meus orientandos e os orientandos dos outros participam do grupo. Isso facilita para mim também na orientação. Não tenho que ficar explicando dez mil vezes à mesma coisa, por exemplo, sei uma coisa, e também sei que o fulano A sabe dessa coisa, e tenho que explicar para você isso, eu falo vai falar com ele e ele te explica, e se tiver algum problema volta para mim, porque se não você acabo sem fazer mais nada.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>AR18: Segundo o entrevistado, as reuniões coletivas acontecem mais ou menos a cada dois meses, e o grupo cria um cronograma em relação às apresentações, os alunos orientandos pelo professor Antonio Roazzi e também os outros alunos, orientandos de dos outros pesquisadores do grupo participam.</p>
O que é dito	<p>CDAR18: Das ações do grupo de pesquisa: como são constituídas as articulações de orientações e discussões de projetos do grupo.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. O senhor considera essa característica de “institucionalidade” importante?</i></p> <p>AR: <u>Para mim é um faz de conta!</u></p> <p>A: <i>Por quê?</i></p> <p>AR: Porque o CNPq para criar os grupos é um faz de conta, eu acho. Essa é a minha visão. Essa é mais uma invenção do CNPq, pois você faz pesquisa independente do grupo. O grupo é uma coisa natural que vem a partir da interação entre pessoas. Por que você quer fazer um grupo de pesquisa? Senta e em meia hora você faz... Escreve um texto bonitinho. Agora, a questão é quem vai avaliar se o grupo é mesmo um grupo? Tem alguém que vai avaliar? Não. Se ninguém vai avaliar você pode fazer o que você quiser, pode escrever o que quiser.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Faz de conta: refere-se à farsa; enganação.</p>
Unidades de significado	<p>AR19: Segundo o entrevistado, a característica de institucionalização do grupo é um faz de conta, pois em sua visão, os pesquisadores fazem pesquisa independente da constituição de um grupo e que em sua opinião o grupo é uma coisa natural dos humanos, que surge a partir da interação entre pessoas. De acordo com o depoente, após a constituição de um grupo junto ao CNPq não há uma avaliação das ações do mesmo e se não existe essa avaliação o grupo tem autonomia para escrever o que quiser.</p>
O que é dito	<p>CDAR19: Da institucionalização do grupo: da constituição e da avaliação das ações do grupo de pesquisa.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Essa característica contribui com o fortalecimento do seu grupo?</i></p> <p>AR: <u>Não. Nunca peço financiamento. Pode ter outros determinados órgãos etc. que podem dar apoio financeiro, mas, para mim é um faz de conta.</u> Como quase todas as coisas no Brasil é um faz de conta. O comitê de ética no Brasil é um faz de conta. É um faz de conta, é ridículo. É uma imposição norte americana que está se impondo aqui, não estou dizendo que tem que fazer pesquisa antiética, não é isso, mas que fizeram tantas porcarias lá nos Estados Unidos que agora estão exportando para o mundo inteiro.</p> <p>A: <i>Na visão do senhor, o que é ser institucional?</i></p> <p>AR: Instituição no sentido de ter um grupo registrado no CNPq ou sei lá onde exatamente. Como um grupo faz pesquisa e ninguém avalia? Por exemplo, digo que é bonitinho ter um grupo de pesquisa, então tudo bem, a gente senta lá, ei fulano de tal, vamos lá montar um grupo de pesquisa.</p> <p>A: <i>O senhor disse que essa característica de ser institucional não contribui para o fortalecimento do grupo, mas contribui com os modos de produção do grupo?</i></p>

	AR: Também não! Não sei se penso diferente da maioria das pessoas.
Enxerto Hermenêutico	Apoio financeiro: refere-se ao financiamento de pesquisas por certos órgãos de fomento, como CAPES, CNPq e outros.
Unidades de significado	AR20: Segundo o entrevistado a característica de institucionalização do grupo junto ao CNPq, de seu ponto de vista não é importante, pois seu grupo nunca pede financiamentos para desenvolver pesquisas; e também salienta que existem outros órgãos de fomento a pesquisa que podem ser utilizados.
O que é dito	CDAR20: Da institucionalização do grupo: pedidos de financiamentos à pesquisas.
Unidades de sentido	A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo?</i> AR: <u>Em geral são apresentadas na forma de... Por exemplo, você é um aluno de mestrado, você tem que fazer uma qualificação etc. e você apresenta para todo mundo, todo mundo coloca as ideias, questiona. Tem aluno que ao apresentar o projeto, a gente durante quatro ou cinco vezes derrubou o projeto inteiro.</u>
Enxerto Hermenêutico	Derrubou o projeto: refere-se a reconstrução do projeto de pesquisa após as discussões no grupo.
Unidades de significado	AR21: Segundo o entrevistado, as pesquisas em andamento, são apresentadas para todo o grupo e exemplifica que antes do exame de qualificação, o aluno apresenta seu projeto e este será discutido por todos os outros integrantes.
O que é dito	CDAR21: Das ações do grupo de pesquisa: como ocorrem as apresentações e discussões de projetos do grupo.
Unidades de sentido	AR: Só que no final saí um negócio que presta, tem as minhas críticas que <u>quando critico ou questiono etc. aponto determinados caminhos etc. os alunos também estão aprendendo</u> , então é sempre na e dentro da necessidade que você fazemos essas apresentações.
Enxerto Hermenêutico	Determinados caminhos: refere-se a possibilidades metodológicas apresentadas pelo orientador para a realização de temáticas no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	AR22: Segundo o entrevistado, de seu ponto de vista, depois das discussões ocorridas nas reuniões, o resultado final dos projetos é considerado bom, pois existe o momento das críticas e questionamentos, no qual o autor dos questionamentos aponta por caminhos e soluções.
O que é dito	CDAR22: Das ações do grupo de pesquisa: como ocorrem as apresentações e discussões de projetos do grupo.
Unidades de sentido	AR: Para os alunos de doutorado tem que aprovar o projeto, e a mesma discussão acontece ou pode ser utilizados. <u>E tudo isso pode se transformar em artigos, livros e outras coisas.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR23: De acordo com o entrevistado, no caso particular dos alunos de doutorado, existe a necessidade de aprovação dos projetos junto à pós-graduação; e ainda que os resultados dessas discussões possam resultar em artigos e capítulos de livros.
O que é dito	CDAR23: Da produção do grupo de pesquisa: existe a necessidade de aprovação dos projetos junto à pós-graduação; e ainda que os resultados dessas discussões possam resultar em artigos e capítulos de livros.
Unidades de sentido	A: <i>E essa produção é credenciada em nome de quem?</i> AR: <u>Aí depende, por exemplo, alguém que participou na coleta de dados, alguém que participou da escrita do trabalho etc. então você participa, não em tudo, mas... Dependendo da participação.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR24: Segundo o entrevistado a produção é credenciada em nome do pesquisador que coletou os dados, ou que participou da escrita ou de outro modo da pesquisa. O credenciamento do autor depende da participação que o pesquisador desempenhou na investigação.
O que é dito	CDAR24: Da produção do grupo de pesquisa: de como se dá o credenciamento de autores em

	produções coletivas do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Como o grupo de pesquisa decide a autoria do produto publicado?</i> AR: Em função da <u>participação</u> .
Enxerto Hermenêutico	Participação: refere-se ao empenho que determinado pesquisador apresentou no desenvolvimento de uma pesquisa.
Unidades de significado	AR25: Segundo o entrevistado a produção é credenciada em função da participação do pesquisador na investigação.
O que é dito	CDAR25: Da produção do grupo de pesquisa: de como se dá o credenciamento de autores em produções coletivas do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Quantos pesquisadores participam do grupo?</i> AR: Bom, <u>tem também os ex-alunos</u> que participam, mas pesquisadores mesmo que <u>trabalhamos juntos etc. somos três</u> .
Enxerto Hermenêutico	Ex-alunos: refere-se a alunos do mestrado e/ou doutorado já formados no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	AR26: Segundo o entrevistado, participam do grupo de pesquisa, três professores pesquisadores, os seus respectivos orientandos e também, os ex-alunos, formados no grupo.
O que é dito	CDAR26: Da participação no grupo: pesquisadores, alunos de mestrado e doutorado e também, ex-alunos formados no grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Com o senhor entende permanência desses ex-alunos?</i> AR: Olha, como para mim é um faz de conta (risos). O grupo, como já expliquei para você, para mim esse negócio de grupo de pesquisa mesmo você não gostando, pois você está pesquisando isso, para mim é um faz de conta. Como no Brasil a maioria das coisas são um faz de conta. Como o diretório de pesquisa e muitas outras coisas por aí são um faz de conta. Não são coisas sérias, nesse sentido, por exemplo, você faz uma pesquisa nos Estados Unidos, não é aprovada no comitê de ética, você pode ser demitido da universidade. Aqui até um aluno do PIBIC tem que ter o projeto aprovado pelo comitê de ética de pesquisa, você imagina os processos que tem, será que alguém avalia depois, se cumpriu ou não cumpriu as exigências? É nesse sentido, e depois eles extrapolam, por exemplo, as prerrogativas que o comitê de ética tem... Por exemplo, eu tenho uma aluna de doutorado que está fazendo uma pesquisa sobre habilidade de leitura, sem entrar nos detalhes, mas, ela tinha que avaliar as crianças, os bons leitores, os médios e os leitores pobres, disseram: - Você está discriminando! Como estou discriminando, se for trabalhar a leitura e ninguém vai dizer para o aluno que ele é um leitor ruim. Pelo fato de ter alunos que serão apontados como leitores ruins, não queriam aprovar o projeto de jeito nenhum. Enquanto nos Estados Unidos que é muito mais sério, projetos iguais eram todos aprovados, então atrapalha muito essas coisas e como disse, esse é um dado interessante sobre o comitê de ética, mas a questão do grupo de pesquisa que estou falando, para mim não é um negócio tão relevante. O fato de você ter um grupo de pesquisa é simplesmente porque você precisa ter um grupo de pesquisa, pois a universidade está pedindo. Se a universidade não tivesse pedindo não mudaria nada, <u>eu continuaria produzindo, fazendo as coisas em colaboração com as outras pessoas como um grupo de pesquisa</u> , mas sem estar vinculado. Até porque antigamente não existia isso, antigamente não existia, isso é uma invenção nova, alguém que chegou lá no MEC e inventou essa história.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR27: Segundo o entrevistado, em sua opinião, a institucionalização de grupos de pesquisa é um faz de conta; e salienta que caso hoje não tivesse um grupo cadastrado no CNPq, ele continuaria produzindo, fazendo pesquisas em colaboração com as outras pessoas em um grupo. Ainda, destaca que a constituição do grupo é uma invenção nova no Brasil.
O que é dito	CDAR27: Da permanência de ex-alunos no grupo: a institucionalização não interfere nas articulações dos participantes do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Então, como senhor entende a permanência desses ex-alunos?</i>

	<p>AR: Bom. Em geral esses ex-alunos não continuam, pois sempre cada um faz um concurso e vai para outro lugar, a permanência acontece só se tiver alguma coisa específica. Vou explicar melhor, a maioria do pessoal que se forma aqui, um aluno, por exemplo, ele faz o concurso e vai para outro lugar. <u>O pessoal que fica aqui na universidade, a maioria que fizeram concurso depois que terminaram a <i>pós-graduação</i> em psicologia cognitiva, passaram para o departamento de Educação, nesse prédio ao lado. Então, tem alunos, por exemplo, que eu continuo interagindo, por questões de ligações com o grupo de pesquisa e também afetiva.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Pós-graduação: curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado.</p>
Unidades de significado	<p>AR28: Segundo o entrevistado, os ex-alunos geralmente não continuam participando do grupo; existem algumas exceções de alunos que continuam, devido suas aprovações em concursos na própria UFPE.</p>
O que é dito	<p>CDAR28: Da permanência de ex-alunos no grupo: manutenção dos alunos acontece devido à aprovação dos alunos formados no grupo na própria instituição formadora, a UFPE.</p>
Unidades de sentido	<p>AR: As questões não racionais são mais importantes do que as racionais, então, você pode continuar, eu tenho uma aluna que fez o concurso já faz tempo, agora ela está lá (na educação) em fonoaudiologia, então têm vários casos assim. <u>Estou co-orientando os alunos com ela etc. e a gente está produzindo. Tem alguns alunos que não estão na Educação. Então com determinados alunos você continua interagindo, mas não é pelo motivo só de pesquisa, também existe a afinidade.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>AR29: Segundo o depoente, as questões racionais são mais importantes do que as racionais e salienta que existem casos de ex-alunos que continuam participando do grupo, cita um exemplo, de uma ex-aluna que se formou junto ao grupo e passou no concurso na UFPE, trabalhando no departamento de Educação, na área de fonoaudiologia. Segundo o entrevistado, ele co-orienta os alunos dela e os dois estão produzindo juntos; ainda, enfatiza que existem determinados alunos que a interação continua não só pelo motivo da pesquisa, mas também pela afinidade.</p>
O que é dito	<p>CDAR29: Da permanência de ex-alunos no grupo: manutenção dos alunos acontece devido à aprovação dos alunos formados no grupo na própria instituição formadora, a UFPE; e também pela afinidade com os alunos formados.</p>
Unidades de sentido	<p>A: <i>Esta permanência, ela é positiva, do seu ponto de vista?</i></p> <p>AR: <u>Sim, ela é positiva. Positiva para ambos. Positiva para mim e positiva para eles, porque em geral sempre surge a partir de uma necessidade. Você tem outra pessoa com quem você pode interagir para discutir e para analisar.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>AR30: Segundo o entrevistado, em sua opinião, a permanência de ex-alunos junto ao grupo é positiva. Positiva para ambos, pois se tem um interlocutor com que o pesquisador pode interagir para discutir e analisar dados investigativos.</p>
O que é dito	<p>CDAR30: Da permanência de ex-alunos no grupo: caracterizado como algo importante, possibilita aos pesquisadores estabelecerem uma interação para discutir e analisar dados de pesquisas.</p>
Unidades de sentido	<p>AR: <u>Como sei que tenho bastante capacidade para analisar dados, então o pessoal me procura muito por causa disso, é um fato importante para continuar interagindo nesse sentido.</u> Pois tem a estatística tradicional, gosto de fazer estatística também. Estou dizendo não tradicional por ser análise multidimensional que muito poucas pessoas conhecem, inclusive na próxima semana vai ter dois cursos, um sobre a estatística do programa R, a maioria das pessoas usam os programas [USPS], você já deve ter ouvido falar, então até para análise de dados qualitativos você pode usar programas estatísticos, então estou me especializando também nessas coisas, então tenho o programa R que é aberto, qualquer um pode baixar na internet. Se você quiser comprar no Brasil será tipo o Linux, qualquer um pode usar, não tem que pagar nada, o R é também aberto e</p>

	como se diz, não precisa pagar o Linux. Não precisa pagar o Office, o Windows é nesse sentido. As pessoas me procuram para trabalhar, mas não só para isso, por exemplo, sobre análises multidimensionais também, vai ter um curso também na próxima semana nesse sentido.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR31: Segundo o entrevistado, outros pesquisadores e ex-alunos o procuram, pois sabem de sua capacidade de analisar dados, e também pela importância de continuarem interagindo.
O que é dito	CDAR31: Da importância na articulação de ações investigativas e interação entre pesquisadores do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Para a instituição é boa à permanência desses alunos?</i> AR: <u>Em geral os alunos não continuam, eles interagem. É bom, é bom. São os que chamamos de egressos.</u>
Enxerto Hermenêutico	Egressos: refere-se a alunos do mestrado e/ou doutorado já formados no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	AR32: Segundo o entrevistado, em geral os alunos não continuam participando das pesquisas do grupo, e sim interagem com os demais membros. Salienta que é uma relação boa entre os pesquisadores atuantes e os egressos do grupo.
O que é dito	CDAR32: Da permanência de ex-alunos no grupo: na maioria das vezes, os egressos não continuam participando das pesquisas do grupo, e sim interagem com os demais membros.
Unidades de sentido	A: <i>Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo o senhor de que modo eles avançam aqui, em seu grupo de pesquisa, e lá, em sua instituição?</i> AR: Vou dar um exemplo concreto, <u>tenho um aluno, que fez o mestrado e doutorado comigo, se chama Leonardo, em seguida, ele fez o concurso e passou, hoje está na Univasf, aí ele me procurou dois anos atrás e disse, - olha quero fazer um pós doutorado, para onde eu vou? Eu disse: por que você não vai para Harvard? – Ele disse Harvard eu, não! Imagina, estou na Univasf e vou para Harvard. Respondi para ele, que é muito mais fácil você ir para universidades famosas, do que ir para universidades não famosas, porque as universidades famosas funcionam em função de quem te indica, então, como eu conheço alguém lá, eu indico o seu nome e o cara te aceita. Nas universidades famosas funcionam assim, agora se eu indico uma pessoa que não presta, depois estou lascado. É muito mais sério. No Brasil, se faz concurso para fazer qualquer coisa, concurso, teste etc. depois você sabe o que acontece, né? Aí mandei um e-mail para o pessoal lá de Harvard, eles o aceitaram e ele foi fazer o pós-doutorado lá, fez o pós-doutorado e voltou para Univasf; ainda tive outra aluna minha de doutorado, que está no segundo ano, essa tinha bolsa sanduíche, aí falei...</u>
Enxerto Hermenêutico	Univasf: Universidade Federal do Vale do São Francisco; Harvard: Harvard University, importante universidade dos Estados Unidos da América do Norte.
Unidades de significado	AR33: De acordo com o entrevistado, alunos egressos o procuram com o intuito de continuar pesquisando, e cita o exemplo de um aluno que cursou o mestrado e o doutorado sob sua orientação, Leonardo, após sua formação, foi aprovado em um concurso e trabalhar na UNIVASF, e depois de um tempo de trabalho o procurou com o desejo de continuar nos estudos, dessa vez em nível de pós-doutorado.
O que é dito	CDAR33: Da procura dos alunos egressos ao grupo, buscando dar continuidade nos estudos investigativos.
Unidades de sentido	AR: <u>Trabalhava na mesma área do que estava orientando sobre justiça distributiva, e estava querendo fazer o sanduíche, então vamos lá, vamos tentar Harvard, também de novo, depois a gente viu que tinha uma pessoa que trabalha exatamente na mesma coisa que a gente está fazendo, que era em Boston, aí ela foi para Boston, é interessante, pois fizemos contato com outro professor que a gente não conhecia e eu comecei a trabalhar, fizemos um artigo, tenho até que enviar hoje. A gente escreveu um artigo os três, o Leonardo, ele e eu. Como se chama? Esse meu aluno, sobre justiça distributiva a partir do trabalho que a gente começou a desenvolver nesse sentido...</u>

Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	AR34: Segundo o entrevistado, alunos egressos o procuram com o intuito de continuar pesquisando, e cita outro exemplo, agora de uma aluna do doutorado, bolsista que queria fazer parte do doutorado fora. Vimos que em Boston havia um professor pesquisador que trabalhava na mesma área que nosso grupo. Estabelecemos uma relação com esse pesquisador, ela fez seu sanduíche, e hoje produzimos juntos; ainda exemplifica que recentemente escreveram um artigo juntos, os três.
O que é dito	CDAR34: Da procura dos alunos egressos ao grupo, buscando dar continuidade nos estudos investigativos.
Unidades de sentido	<p>AR: Então é essa triangulação que é interessante, isso funciona muito mais do que essa coisa de grupo de pesquisa. <u>Então eu penso que não tem um caminho só, têm vários caminhos, aquele aluno de mestrado e doutorado, terminou, fez um concurso e passou. Presta atenção, agora tem um(a) aluno(a) que ele está orientando lá, mas lá não tem pós-graduação e veio fazer a pós-graduação aqui, aí ele é co-orientador, e também coloquei ele também como orientador de outra, tudo isso aí gera produto. Isso funciona muito mais do que as palhaçadas do grupo de pesquisa. Quanto menos <i>institucionalizar</i> é melhor!</u> Olha eu acho que essa formalidade informal, funciona dessa forma, eu sou muito não paramétrico, não gosto das coisas assim... Eu sei para onde eu quero ir, agora como é que vou chegar lá depende de como as coisas irão acontecer, depende dos interesses das pessoas. Eu sou muito flexível, por exemplo, se você quer ser pesquisador 1 A, pela lógica que existe hoje em dia, você precisa produzir muito, então, se estou ligado só em uma coisa fica difícil de produzir muito, todos os pesquisadores que tem que produzir muito, porque hoje em dia no Brasil não se avalia a qualidade, se avalia a quantidade, eles chama de “qualis”, mas na realidade não tem nada de qualidade, por exemplo, avaliar os livros em termos de qualidade eles estão avaliando quem é a editora. São todas as coisas quantitativas, não tem nada de qualidade! Então, às vezes, você tem que, por exemplo, que ser moldar aos critérios que você pode até questionar, mas que em termos de sobrevivência, de conseguir financiamentos, ter alunos bons, ter o reconhecimento no mundo acadêmico, você tem que se moldar de acordo com as regras como elas são você vai encontrar muitas pessoas que vão questionar isso, mas, a pessoa diz, eu posso escrever um artigo. Bom, como é que você vai avaliar? A CAPES tem que avaliar dos livros, foram produzidos cinco mil capítulos de livros no ano, quem vai ler? Quem vai estabelecer o critério para desenvolver isso? Entendeu? Vai usar o sistema de citações, entendeu? Tem vários sistemas que eles utilizam, mas na área de ciências humanas fica mais difícil. Tem várias coisas, então estou dizendo. Não sei se atendeu as suas expectativas.</p> <p><i>A: Professor Antonio, quero agradecer sua participação, muito obrigado em dispor do seu tempo para realizarmos essa entrevista.</i></p>
Enxerto Hermenêutico	Institucionalizar: refere-se à institucionalização do grupo no diretório de grupos de pesquisa do CNPq.
Unidades de significado	AR35: Segundo o entrevistado, em sua opinião não existe um caminho para estabelecer relações investigativas com pesquisadores egressos do grupo, mas sim vários caminhos, e exemplifica dizendo que aquele aluno de mestrado e doutorado que terminou, fez um concurso e passou, agora está orientando em sua instituição, porém como lá não tem pós-graduação, seus alunos vieram para UFPE e estão sendo orientados por ele, juntamente com seu aluno, na função de co-orientador. De acordo com o entrevistado, toda essa articulação gera produtos e funciona muito mais do que as palhaçadas do grupo de pesquisa, e finaliza dizendo que quanto menos institucionalizar o grupo é melhor.
O que é dito	CDAR35: Da procura dos alunos egressos ao grupo, buscando dar continuidade nos estudos investigativos e produzindo junto com o grupo de pesquisa.

A sétima entrevista realizada ocorreu no dia 24 de novembro de 2014 das 17h às 18h horas no departamento de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, situado Centro de Ciências Exatas e da Terra – CCET, na cidade de Natal – RN. A pesquisadora entrevistada é a professora Dra. **Bernadete Barbosa Morey**, líder de pesquisa do Grupo Matemática e Cultura.

Sujeito Significativo CP: prof. Dra. Bernadete Barbolsa Morey

Unidades de sentido	<p>A: <i>Boa tarde professora Bernade Barbosa, primeiramente agradeço sua disposição em realizar esta entrevista. A senhora recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de investigação da minha pesquisa, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática. A senhora pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p>BM: Olha, o meu nome consta como líder, mas durante muitos anos o professor <i>Fossa</i> era o líder do grupo, mas ele se aposentou, não está mais nesta instituição, então como eu era uma espécie de vice, então agora fiquei como líder. O grupo chama “Matemática e Cultura”, e cheguei aqui em 1997 e o professor Fossa deveria estar aqui já há um ano, também recém-doutor, <u>inicialmente éramos eu, ele e os alunos dele, nada estruturado como grupo de pesquisa, apenas um grupo de estudo.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Estruturado: segundo o dicionário Houaiss é uma organização ou ordem dos elementos. Grupo de estudo: grupo de pessoas, constituído por professores da pós-graduação e alunos que se reuniam com o objetivo de estudar determinados temas. Nos texto significa um grupo de estudo que não estava organizado; Fossa: refere-se ao professor John Fossa.</p>
Unidades de significado	<p>BM1: Segundo a entrevistada, inicialmente, seu grupo não era estruturado como um grupo de pesquisa, e sim, apenas um grupo de estudo que contava com a participação dela, do professor Fossa e de seus respectivos orientandos.</p>
O que é dito	<p>CDBM1: Da constituição do grupo: estrutura inicial e participantes do grupo de pesquisa.</p>
Unidades de sentido	<p>BM: Reuníamo-nos a cada semana ou a cada quinze dias, não me lembro, estudávamos uma série de coisas em Educação Matemática, mas assim, o que “dava na telha”, o que dava vontade. <u>Só depois de algum tempo é que, aos poucos, nós fomos nos estruturando.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>Estruturando: se adequando as características exigidas pelo CNPq para cadastramento e manutenção de grupos de pesquisa.</p>
Unidades de significado	<p>BM2: Com o tempo, aos poucos, o grupo de estudo foi se estruturando e se constituindo em um grupo de pesquisa.</p>
O que é dito	<p>CDBM2: Da constituição do grupo: estrutura inicial e articulações para constituição de um grupo de pesquisa.</p>
Unidades de sentido	<p>BM: Eu, o professor Fossa, e o grande número de orientandos que ele sempre teve, e os meus poucos alunos, fomos migrando aos poucos. <u>Então, como tinham outras pessoas no grupo que não estavam na história da matemática, tinha outro nome, porque tinha o pessoal da etnomatemática naquele tempo.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<p>História da matemática e etnomatemática: referem-se a determinadas linhas de pesquisas, ambas existentes no âmbito da Educação Matemática.</p>
Unidades de significado	<p>BM3: O grupo de pesquisa era constituído por pesquisadores das linhas de pesquisas: história da matemática e de etnomatemática, por esse motivo tinha outra denominação.</p>
O que é dito	<p>CDBM3: Dos participantes do grupo: o grupo de pesquisa era constituído por pesquisadores de duas áreas investigativas distintas, a saber: história da matemática e etnomatemática.</p>
Unidades de sentido	<p>BM: <u>Esse grupo então acolhia história da matemática, etnomatemática e educação matemática, então o grupo ficou como Matemática e Cultura. É que tinha um grande número de pessoas da etnomatemática, e depois esse pessoal foi se afastando, muito deles eram do Belém do Pará, eles terminaram os estudos e se foram.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	<p>BM4: O grupo acolhia trabalhos desenvolvidos no âmbito da história da matemática,</p>

	etnomatemática e educação matemática, deste modo, sua denominação ficou como Matemática e Cultura.
O que é dito	CDBM4: Das temáticas investigativas do grupo: as pesquisas do grupo de pesquisa abrangiam duas distintas áreas investigativas, a saber: história da matemática e etnomatemática.
Unidades de sentido	BM: <u>Aqui ficou basicamente, história da matemática.</u> Quase todos os orientandos de Fossa, meu e de <i>Iran</i> , eles fizeram mestrado ou doutorado em História da Matemática, poucos fizeram em Educação Matemática que não fosse em história. O professor Fossa se aposentou, está trabalhando na Paraíba, faz uns dois ou três anos, eu me aposento muito em breve, então não sei como é que vai ficar. Os jovens até agora, não assumiram uma liderança, isso vai ser um trabalho a ser feito.
Enxerto Hermenêutico	<i>Iran:</i> refere-se ao professor Iran Abreu Mendes.
Unidades de significado	BM5: A temática investigativa do grupo de pesquisa, após a formação de alguns pesquisadores, ficou sendo a história da matemática.
O que é dito	CDBM5: Da temática investigativa do grupo: as pesquisas do grupo abrangem história a matemática.
Unidades de sentido	A: <i>Quando o grupo foi constituído?</i> BM: Não sei, talvez nos anos 2000, por aí. A: <i>Se a senhora fosse dizer de modo simples do que o grupo da senhora trata.</i> BM: A maioria dos estudos são sobre, o grupo aqui em Natal, eles se definem mais entre <u>História da Matemática</u> e Educação Matemática, como eles são do professor Fossa que durante <u>muitos anos e ainda continua fazendo isso, ele foi aos poucos se definindo como uma investigação histórica propriamente dita de História da Matemática, sem ligação com a educação matemática.</u> Então, uma boa parte da quantidade de obras que ele fez, foi como história, como historiador mesmo.
Enxerto Hermenêutico	<i>História da Matemática:</i> refere-se a uma linha de pesquisa do programa de Pós-graduação da UFRN.
Unidades de significado	BM6: Segundo a depoente, a linha de pesquisa história da matemática em seu grupo de pesquisa foi fundada pelo professor Fossa se que tem se definido como fazendo uma investigação histórica de História da Matemática. Então uma parte significativa da produção dele é em história.
O que é dito	CDBM6: Da temática de investigação do grupo: fundação e manutenção da linha de pesquisa história da matemática.
Unidades de sentido	BM: Ou ele pega uma obra antiga, e explora e escreve sobre ela, ou traduz, enfim, esse tipo de coisa. Pra você usar história da matemática como recurso pedagógico, relacionado com a educação matemática, <u>pra você levar uma obra de história da matemática, para a sala de aula, essa obra precisa ser, digamos assim, digerida primeiro, você não pode pegar uma obra de 200, 300 anos atrás.</u> Por exemplo, essa tese aqui (a professora se refere a um exemplar de tese que está sobre sua mesa), uma obra de Blaise Pascal... Você não pode pegar a obra de Blaise Pascal levar direto para a sala de aula, não vai funcionar. Precisa de todo um trabalho do educador matemático que se importa com a história matemática. É por exemplo pegar essa doutoranda aqui de Fossa que vai defender, ela pegou esse livro, fez um estudo sobre ele, digeriu de capa a capa, e pensou, “Ah, como vou levar isso para a sala de aula?”, aí ela elabora uma série de atividades, faz um preâmbulo, elabora como se fosse uma apostila sobre ele, e ela vai para a sala de aula já com aquele roteiro de aulas, e também com a obra original, mas ela apenas diz “Olha meus alunos, aqui está à obra original”, mas nós vamos trabalhar especificamente em tais aspectos.
Enxerto Hermenêutico	<i>Digerir:</i> segundo dicionário Houaiss significa transformar (algo abstrato ou concreto), promovendo uma absorção. <i>Digerindo:</i> no texto a depoente afirma que o texto precisa ser trabalhado por um educador matemático, de modo a preparar atividades e outros artifícios, antes

	de ser levado para sala de aula.
Unidades de significado	BM7: Segundo a pesquisadora para levar uma obra antiga para sala de aula, antes é preciso que o educador matemático faça sua digestão, isto é, trabalhe nessa obra de modo a constituir possibilidades, que visem à compreensão do texto pelos alunos em sala de aula.
O que é dito	CDBM7: Dos produtos resultantes de pesquisas do grupo: do tratamento dos dados à publicação.
Unidades de sentido	BM: <u>Na verdade, isso de digerir a obra é o trabalho do educador matemático, ou melhor, isso é o que fazemos aqui, uma grande parte do que fazemos aqui.</u> Existe uma variedade muito grande de trabalho desse tipo. Pega uma obra, digere e depois pensa como levar para a sala de aula.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM8: O trabalho do educador matemático, de acordo com a depoente, é digerir a obra, e isso, é uma grande parte do que fazem no grupo de pesquisa.
O que é dito	CDBM8: Dos produtos resultantes de pesquisas do grupo: do tratamento dos dados à publicação.
Unidades de sentido	A: <i>Em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante?</i> BM: Olha, acho que isso que te contei é a nossa última proposta, por que antes cada um fazia uma coisa, até que foi se afunilando mais. <u>Quem nos impulsionou para esta direção foi a nossa estreita ligação com a Sociedade Brasileira de História da Matemática.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM9: De acordo com a entrevistada a estreita ligação do grupo de pesquisa com a Sociedade Brasileira de História da Matemática impulsionou o direcionamento investigativo da temática do grupo, a saber, investigações históricas da história da matemática.
O que é dito	CDBM9: Das temáticas investigativas do grupo: constituição do foco de investigação históricas da história da matemática.
Unidades de sentido	A: <i>Nesse sentido, gostaríamos de saber, de que modo surgem os temas a serem estudados?</i> BM: <u>A gosto do pesquisador.</u>
Enxerto Hermenêutico	A Gosto: em uma receita culinária, por exemplo, significa que se coloque a quantidade do ingrediente apontado que agrada ao paladar daquele que está preparando a comida; no texto, refere-se aos interesses particulares de cada pesquisador do grupo para escolher seus temas de pesquisa.
Unidades de significado	BM10: Segundo a entrevistada, a escolha da temática de pesquisa dá-se conforme interesses próprios dos pesquisadores do grupo.
O que é dito	CDBM10: Das temáticas investigativas do grupo: os interesses particulares de cada pesquisador direciona sua escolha do tema de investigação.
Unidades de sentido	BM: Eu acho que assim, é uma parte boa da história da matemática pelo menos, você pode contar histórias da Matemática há milhares de anos atrás, então você tem uma infinidade de obras originais, <u>você tem escolhas, muitas escolhas.</u> Por exemplo, esse aqui (refere-se a um trabalho), <u>você conhece Irineu Bicudo? Se um aluno meu de mestrado ou doutorado vai trabalhar com os Elementos de Euclides, ou com outra obra, isso quem define é ele, o próprio orientando com o orientador.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM11: A depoente afirma que existem muitas escolhas que precisam ser realizadas para o desenvolvimento das pesquisas do grupo, exemplifica dizendo que a decisão de escolher a obra que um aluno de mestrado ou de doutorado utilizará em sua respectiva pesquisa, cabe ao próprio aluno junto com seu orientador.
O que é dito	CDBM11: Das temáticas investigativas do grupo: realização de escolhas que balizam as investigações das pesquisas.
Unidades de sentido	BM: <u>Na verdade, é o orientador.</u> O orientando não tem muita <i>maturidade</i> para escrever não. Mas influencia muito se a obra está disponível ou não, o que adianta eu querer fazer um

	trabalho sobre Apolônio, se eu não tenho nada sobre ele e nem sei onde encontrar, ou o que eu encontro dele está em um inglês muito complicado ou em grego, francês.
Enxerto Hermenêutico	Maturidade: segundo o dicionário Houaiss é o saber ou habilidade adquirida; em termos de constituição do pesquisador, traz a noção de experiências prévias do pesquisador com relação às leituras e pesquisas concernentes à área de investigação.
Unidades de significado	BM12: De acordo com a depoente, a escolha dos temas de pesquisa é realizada pelo orientador, pois segundo a depoente o orientando não apresenta maturidade para escrever o trabalho sozinho.
O que é dito	CDBM12: Das temáticas investigativas do grupo: escolha realizada pelo orientador, pelo fato do orientando não ter maturidade.
Unidades de sentido	BM: <u>Depende muito da disponibilidade, do nosso alcance à obra, se está em uma língua que a gente possa digerir, e se aquilo já despertou a minha curiosidade, o meu sentido desbravador em algum momento ou não, têm autores que não despertam e pronto. Não despertam a sua atenção para aquilo.</u>
Enxerto Hermenêutico	Curiosidade: a pesquisadora refere-se ao desejo de estudar uma determinada obra. Digerir: refere-se à possibilidade de aprofundar no estudo de uma determinada obra.
Unidades de significado	BM13: A pesquisadora salienta que a escolha de uma determinada obra está diretamente relacionada com sua disponibilidade e alcance do grupo; também salienta a importância de a obra estar publicada em línguas que o pesquisador consiga fazer o seu estudo e que a obra em algum momento, deve despertar a curiosidade investigativa do pesquisador.
O que é dito	CDBM13: Das temáticas investigativas do grupo: escolha realizada a partir da disponibilidade e alcance do grupo a possíveis obras investigativas.
Unidades de sentido	BM: Nós tivemos um hiato muito grande em reuniões regulares do grupo de pesquisa e só agora nós estamos retomando de novo.
Enxerto Hermenêutico	Hiato: refere-se a um intervalo de tempo que o grupo ficou sem realizar reuniões regulares.
Unidades de significado	BM14: Segundo a entrevistada, depois de um período sem realizar reuniões, o grupo há um determinado tempo retomou suas reuniões regulares.
O que é dito	CDBM14: Reuniões do grupo de pesquisa: retomada da rotina de encontros do grupo.
Unidades de sentido	BM: E esse grupo não passou por <u>todas aquelas leituras iniciais que nós fizemos em 2000, então teríamos que retomar. Por exemplo, nós fizemos algumas leituras e algumas pessoas do grupo falaram “Nós precisamos de metodologias, de pesquisas em História, de historiografia”, então nós estamos fazendo de novo. O que outra geração fez, nós podemos encarar assim, que o grupo que está agora é outra geração.</u> Enquanto, eu, Fossa e Iran éramos de outra geração, apesar de Iran ter sido orientando de Fossa, mas isso lá no começo, o grupo que está agora mesmo que são professores da Universidade já foram nossos alunos, entraram aqui em 2008, são jovens do ponto de vista da Universidade, do grupo, de idade também, então muitas coisas precisam ser retomadas, muitas das leituras feitas precisam ser feitas novamente, mas eu também sou passado, daqui dois anos me aposento, daqui a pouco estou fora desse grupo.
Enxerto Hermenêutico	Historiografia: segundo o dicionário Houaiss é o estudo e descrição da história;
Unidades de significado	BM15: Segundo a depoente o grupo está em outra geração de pesquisadores e assim a retomada de leituras já realizadas em gerações anteriores se faz necessária para a manutenção e escolhas de temas investigativos do grupo.
O que é dito	CDBM15: Reuniões do grupo: manutenção e escolhas de leituras já realizadas pelo grupo de pesquisa em anos anteriores.
Unidades de sentido	A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre?</i> BM: <u>Ah sim, nesse sentido a gente tem um projeto maior do grupo, mas digamos assim ele não é um projeto formalizado, ele consta só no grupo de pesquisa, na medida em que, para fazer o registro do grupo você precisa ter linhas de ação, temas. E a temática é História da Matemática e Educação Matemática.</u>
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	BM16: Segundo a pesquisadora entrevistada para cadastrar o grupo de pesquisa no diretório do CNPq, era necessário apresentar linhas de ação e temas investigativos, desse modo o grupo possui um projeto maior não formalizado que consta apenas no diretório de grupos de pesquisas. A temática do grupo de pesquisa é a história da matemática e a educação matemática.
O que é dito	CDBM16: Da institucionalização do grupo de pesquisa: características assumidas pelo grupo para a regularização junto ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq.
Unidades de sentido	A: <i>Esse projeto maior é elaborado coletivamente?</i> BM: <u>Não, olha quando nós estávamos tentando amarrar o grupo, nós fazíamos reuniões para conseguir colocar isso em palavras, mas depois que foi colocado, nós não mexemos mais. Não é um projeto, por exemplo, para ser submetido à CAPES, um projeto para ter financiamento, não é isso; é um projeto de estudos dos anos futuros, para a gente seguir nesta direção, é uma coisa que, nós não fizemos um projeto, mas sim, alguns acertos para poder nos definir como grupo e nos registrar no CNPq.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM17: De acordo com a depoente em relação ao projeto maior do grupo, não considera que o grupo o tenha constituído, mas sim, elaborado alguns acertos com o intuito de registrar o grupo de pesquisa no diretório do CNPq, em foram realizadas reuniões onde definiram os temas investigativos.
O que é dito	CDBM17: Elaboração do projeto maior do grupo: o grupo não possui um projeto maior que abarca as demais pesquisas, porém, foi elaborado um projeto maior, por exigência do CNPq apenas com a finalidade de cadastramento do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Como acontecem a exposição das ideias e respectivas reuniões para que constituam um tema que todos os participantes do grupo de pesquisa se sintam incluídos?</i> BM: <u>No início da história do grupo foi assim, fizemos várias reuniões com alunos pós-graduandos, e professores da UFPE. Naquele tempo estava Arlete, Iran, Fossa e eu. A Arlete foi embora em 2007, no início de 2007. Então o projeto do grupo, no sentido de, quando o grupo decidiu o que é que vai fazer, se definir, se autodenominar, isso foi um pouco antes, em 2000, 2002 ou 2004. Arlete estava aqui nessa época. E eu acho que ela entrou em 2002 e foi embora em 2004, então deve ter sido em 2004.</u>
Enxerto Hermenêutico	UFPE: Universidade Federal de Pernambuco; Arlete: refere-se a professora Arlete de Jesus Brito.
Unidades de significado	BM18: Segundo a pesquisadora no início da história do grupo as exposições das ideias de temas de pesquisas aconteciam em reuniões em que participavam os pós-graduandos e professores/orientadores do programa de pós-graduação da UFPE.
O que é dito	CDBM18: Dos encontros do grupo: exposições das ideias de temas de pesquisa do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Como o coordenador intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i> BM: Eu acho que assim, os parâmetros eu proponho, é claro que eu escuto, mas assim, você tem que ter uma leitura maior pra poder saber se todos do grupo vão dar conta da leitura, se você propuser um “beco sem saída” vai desestimulando. <u>Então eu acho que vai da experiência anterior, das leituras anteriores daquele coordenador, isso é muito importante que o coordenador tenha um leque grande de leituras e capacidade assim de convencer, sabe quando você faz com que as pessoas vejam nesse tema, coisas boas, né? A palavra não é convencer, mas seduzir as pessoas para aquela questão tem que ter uma parte disso, por que senão, como você vai manter o grupo?</u>
Enxerto Hermenêutico	Beco sem saída: popularmente, seu sentido é o de não se vislumbrar possibilidades futuras, induz ao sentido de um ponto final. Experiência do coordenador: refere-se às vivências prévias do pesquisador enquanto tal, bem como, a sua sensibilidade de ouvir os interesses dos

	membros do GP, reunindo-as em um tema e fazendo com que percebam as possibilidades que antevê com essa investigação.
Unidades de significado	BM19: Segundo a pesquisadora, para ela como coordenadora intuir a força de um tema investigativo, vale-se de suas experiências anteriores, de modo que tenha um leque de leituras e possibilidades que convençam e façam os alunos enxergarem nos temas investigativos coisas significativas para suas pesquisas.
O que é dito	CDBM19: Das ações do coordenador do grupo: a presença do coordenador na constituição do tema do grupo de pesquisa acontece por meio de suas experiências vividas.
Unidades de sentido	BM: Alguma coisa em francês, as leituras em português não são tão frequentes assim, quando nós pegamos um texto em português nós lemos tão rápido que falamos “Nossa, como foi fácil”, então você tem que convencer as pessoas, achar um meio para fazer isso, <u>como eu sou coordenadora do grupo de pós-graduação, tenho que fazer isso todo dia, mas eu não sei como vai se definir daqui a pouquíssimo tempo, não sei como vai ser daqui pra frente.</u>
Enxerto Hermenêutico	Pós-graduação: curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado. Coordenadora: professor da pós-graduação que organiza e dinamiza as atividades do curso.
Unidades de significado	BM20: Segundo a professora entrevistada, em sua prática como orientadora e coordenadora de um grupo de pesquisa, em uma pós-graduação, fazer com que os alunos se sintam seduzidos a temas investigativos é uma prática cotidiana.
O que é dito	CDBM20: Das ações do coordenador do grupo: manter os participantes do grupo envolvidos e interessados nos temas investigativos.
Unidades de sentido	A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo?</i> BM: Nós nos reunimos toda semana, quase toda semana, pelo menos no estágio em que está o grupo, é um grupo muito menor do que já foi, mas <u>as pessoas buscam esse elo de com quem estudar e com quem “ler” as coisas, porque senão cada um vai pra sua sala de aula e isso mata qualquer um. Se você vai só agir como professor, se você não tem um grupo que estuda as mesmas coisas que você, as pessoas se sentem isoladas e solitárias do ponto de vista intelectual.</u> Tanto é que, essa retomada dos trabalhos agora, nem tanto foi a minha chamada, mas dos outros professores “Vamos voltar a fazer”, porque nós tínhamos dado uma parada, por diversos motivos. Desses que eu estou lhe falando, eles se sentem impedidos de fazer isso, elas querem ter alguém com quem estudar, elas querem isso.
Enxerto Hermenêutico	Mata qualquer um: refere-se à morte do interesse de estudar um determinado tema coletivamente;
Unidades de significado	BM21: De acordo com a entrevistada, os pesquisadores do grupo de pesquisa buscam um elo para lerem, estudarem e discutirem pontos significativos para o grupo, pois segundo a depoente, se os pesquisadores do grupo agirem apenas como professores e não tiverem uma relação de discussão com seus pares do grupo, se sentirão isolados do ponto de vista intelectual.
O que é dito	CDBM21: Dos encontros do grupo: importância do trabalho em grupo para constituição de um elo e aprofundamento investigativo dos estudos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>De que modo eles se dispõem ao grupo de pesquisa em termos de tempo, vontade, disposição para trabalhar o tema?</i> BM: Ah, tempo é um problema né? <u>Porque a Universidade é como qualquer outra instituição de ensino, é mestre em “comer” o seu tempo,</u> nas Federais desde os anos 2000 as coisas mudaram muito, depois que o PT entrou no governo, muito mesmo. Porque eu entrei aqui em 1997, o regime na Universidade no Departamento de Matemática, cada professor dava 12 horas de aulas normais, e só, era a carga horária que tinha. Todo mundo dava suas aulas e iria para casa. Não tinha nenhum projeto financiado, não vinha nenhum investimento pra Universidade, além disso. Nos primeiros anos do Governo Lula, não mudou nada, e eu achei que não fosse mudar, mas no finalzinho do primeiro mandato começou a sair editais da CAPES para financiar projetos de

	estudos, bolsas do <i>Pibid</i> , o Pibid é recente, acho que é o quarto ano, hoje nós temos uma quantidade grande de bolsas. Para as bolsas do Pibid, para fazer a gestão dessas bolsas, você precisa, aqui, por exemplo, nós temos dois professores coordenando um grupo de 20 bolsistas, quer dizer, orientar 20 bolsistas, imagina o quanto de tempo isso não vai. Eu nunca peguei Pibid e faço questão de nunca pegar, para conseguir selecionar um pouco meu tempo.
Enxerto Hermenêutico	<i>Comer o seu tempo</i> : refere-se a grande quantidade de compromissos com os quais os professores universitários se envolvem, resultando na diminuição dos horários para se relacionar com o grupo de pesquisa. <i>Pibid</i> : Programa Institucional de Bolsa de Iniciação.
Unidades de significado	BM22 : De acordo com a entrevistada a Universidade, assim como qualquer outra instituição de ensino, consome o tempo do pesquisador. Existem projetos que consomem o tempo do pesquisador.
O que é dito	CDBM22 : De como os pesquisadores se mantém engajados na participação e nas investigações do grupo de pesquisa: grande quantidade de trabalho.
Unidades de sentido	BM : Eu vou dar exemplo de um professor, pois agora o Fernando também é coordenador do Pibid, o exemplo é de uma professora que coordena um grupo de 15 a 20 bolsistas do Pibid, isso quer dizer que tem que fazer projetos com eles, ir à escola, publicar trabalhos em eventos, ela tem os mestrados dela do Mestrado Profissional, ela tem as disciplinas na pós-graduação, na graduação, e isso ainda eu estou te contando só algumas coisas, então, que tempo sobra <u>para um grupo de pesquisa se reunir? Então, porque umas pessoas fazem isso e não pegam o pouco de tempo que tem para estudar sozinha? Só tem uma justificativa, as pessoas sentem-se solitárias, querem a participação. É mais produtivo e você tem outro interlocutor.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Produtivo</i> : refere-se segundo o ponto de vista da entrevistada, da obtenção de proveito nas relações existente entre os pesquisadores do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	BM23 : A depoente afirma que para ela, o significado dos encontros coletivos do grupo, nas poucas horas que os pesquisadores têm livre, se dá pelo fato de se sentirem solitários ao estudarem sozinhos, se caracterizando como algo importante para o grupo por ser mais produtivo e apresentar uma interlocução entre os pesquisadores do grupo.
O que é dito	CDBM23 : De como os pesquisadores se mantém engajados na participação e nas investigações do grupo de pesquisa: a disposição de tempo, o esforço para estar com o outro e a transcendência do trabalho solitário.
Unidades de sentido	BM : Por exemplo, a professora Gisele que tem um monte de atividades, dessas que eu listei numa reunião passada ela apresentou os temas que ela tem orientado, e em que direção ela acha que vai tomar os futuros projetos, eu me esqueci de dizer ainda as Iniciações Científicas, porque aqui nos temos os projetos de pesquisa que concorrem às bolsas de Iniciação Científica, financiadas pelo Governo Federal, então é mais uma atividade que se faz. Ela contou o que ela fez nos últimos anos, o que ela pretende fazer, o que falta de bibliografia pra ela, o que ela tem procurado. <u>Então, esse diálogo, não teria em outro lugar, então é isso que faz com que as pessoas busquem o grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Diálogo</i> : interlocução com outros pesquisadores no âmbito do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	BM24 : A pesquisadora afirma que a interlocução com outros pesquisadores não aconteceria em outro lugar, a não ser no grupo de pesquisa e isso faz com que as pessoas busquem estar no grupo.
O que é dito	CDBM24 : De como os pesquisadores se mantêm engajados na participação e nas investigações do grupo de pesquisa: o grupo como possibilidade de diálogo.
Unidades de sentido	A : <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. A senhora considera essa característica de “institucionalidade” importante?</i> BM : <u>É, apesar de que é muito ruim ter que fazer relatórios, entrar no site, aliás, o meu está desatualizado, e tem que fazer até dia 10, senão o CNPq exclui o grupo. Mas que eu acho que importante, acho. Acho importante que não seja algo informal, mas dá trabalho. Isso vai depender muito do coordenador, que lide bem com a tecnologia, que entre no site e com a maior facilidade o atualize.</u>

Enxerto Hermenêutico	<i>Dá trabalho:</i> refere-se às muitas ações de responsabilidade do coordenador do grupo junto ao diretório de grupo do CNPq, no cadastramento e manutenção das informações do grupo.
Unidades de significado	BM25: A depoente considera importante que o grupo de pesquisa seja institucionalizado, porém considera difícil mantê-lo atualizado; ressalta que saber utilizar a informática ajuda nessa tarefa.
O que é dito	CDBM25: Da institucionalização do grupo de pesquisa: exigências para credenciamento e manutenção do grupo no diretório de grupos do CNPq.
Unidades de sentido	A: <i>Em que essa característica contribui com o fortalecimento do grupo?</i> BM: <u>Contribui. Eu acho que todas essas coisinhas, que parecem que não, contribuem sim. As pessoas querem saber, “Eu to num grupo de pesquisa”, “Meu grupo de pesquisa é esse e ele está no CNPq.” É uma bobagem, mas é importante para os membros do grupo. E depois uma vez por ano tem o edital aqui na Universidade para fortalecer os grupos de pesquisa, os registrados no CNPq saem nesse edital, sai um dinheirinho pra você publicar um livro ou outro.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Da um dinheirinho:</i> refere-se a uma pequena verba de fomento disponibilizada pela universidade por meio de editais para grupos registrados no CNPq. Essa verba, segundo a entrevistada é utilizada para o fortalecimento de seu grupo, mais especificamente no financiamento das produções do grupo de pesquisa.
Unidades de significado	BM26: Segundo a pesquisadora estar cadastrada no diretório de grupo do CNPq fortalece o grupo, pois dá visibilidade aos pesquisadores vinculados; e ainda, possibilita pleitear verbas para financiamentos de pesquisas.
O que é dito	CDBM26: Da institucionalização do grupo: possibilitando uma visibilidade aos pesquisadores e financiamentos de pesquisas de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Segundo sua visão, o que significa ser institucional?</i> BM: Institucional quer dizer reconhecido pela Universidade, a Universidade lista os grupos dela e é reconhecido pelo CNPq, isso que eu estou falando de institucionalização. A: <i>Esse aspecto influencia os modos de produção do grupo de pesquisa?</i> BM: Não, porque eu vejo assim, seria inconcebível ser de outro jeito, <u>se fosse um grupo informal já teria morrido.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Informal:</i> segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se ao que não aparece ou se recusa a aparecer sob uma forma definida, reconhecível.
Unidades de significado	BM27: A depoente afirma que ser institucional significa ser reconhecido pela universidade e outras agências fomentadoras de recursos, dando sustentação às pesquisas do grupo.
O que é dito	CDBM27: Da institucionalização do grupo: reconhecimento da universidade e outras agências fomentadoras de recursos.
Unidades de sentido	BM: Informal quer dizer assim, nós temos professores, temos interesses comuns, a gente se reúne, estuda, lê, publica, <u>mas não tem nada de oficializado.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM28: A pesquisadora afirma que quando o grupo não é oficializado, informal se caracteriza como um grupo de estudo.
O que é dito	CDBM28: Institucionalização do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	BM: Eu acho que todo mundo é temporário, um se aposenta e sai, o outro vai e se muda de Universidade, <u>então se isso não fosse institucionalizado, o risco de se perderem seria maior.</u> Nós temos na História, em qualquer área do conhecimento muitos grupos, científicos ou intelectuais que funcionaram durante anos sem se perderem, mas eu acho que esses grupos são exceções. O círculo de Bakhtin que se reuniam na Rússia nos anos 30, que reuniu aquela intelectualidade que tratava de filosofia e linguagem, tá eles não tinham nada institucionalizado, mas eles são eles. Então quer dizer que a gente não conseguiria esse número grande de grupos em uma Universidade se eles não fossem institucionalizados. Aqui na UFRN nós temos 53 programas de pós-graduação, então esses grupos não se manteriam de jeito nenhum, desapareceriam muito

	rapidamente, se fossem informais.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM29: De acordo com a entrevistada, caso o grupo de pesquisa não fosse institucionalizado o risco de se perder e o grupo se acabar seria maior.
O que é dito	CDBM29: Da institucionalização do grupo: a sobrevivência do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo de pesquisa?</i> BM: <u>As pesquisas que o grupo produz, são mais ou menos individuais, no sentido de que gira muito em torno do seu orientador e dos seus agora orientandos, fazem que parte desse grupo que eu estou falando, então um orientador pode chegar com o seu aluno, no caso a Gisele, nessa apresentação.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM30: Segundo a entrevistada as pesquisas do grupo possuem características individuais, no sentido de estarem em torno das discussões entre orientador e orientandos.
O que é dito	CDBM30: Da produção do grupo: característica individuais presentes nas discussões entre orientador e orientandos do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	BM: O meu aluno de doutorado apresentou “Olha, estou pesquisando isso, nos próximos anos é isso que nós vamos fazer...”, Então são apresentações do tipo “PowerPoint”, muitas vezes numa exposição dessas, outras pessoas do grupo dizem: <u>“Ah eu quero participar disso!” A princípio é uma exposição e um convite, mas ninguém está obrigado a nada.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM31: Segundo a entrevistada, em seu grupo a apresentação do trabalho de um aluno/pesquisador, engendra a vontade do outro em participar da pesquisa.
O que é dito	CDBM31: Das apresentações dos pesquisadores nas reuniões do grupo: expondo as investigações e possibilidades de trabalho entre os demais membros do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	BM: <u>Cada pesquisador apresenta nos eventos de que participam, e como grupo a gente só expõe nesses momentos, e uma coisa que tem acontecido agora, nesses últimos encontros, e foi uma coisa boa, é como se isso definisse bem o grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM32: De acordo com entrevistada, as apresentações são escolhidas por cada pesquisador, em participações de eventos de modo individual, como grupo, as pesquisas são expostas apenas nesses momentos.
O que é dito	CDBM32: Das apresentações das pesquisas do grupo: participação em eventos científicos.
Unidades de sentido	BM: A produção do grupo não é exposta de modo especial. <u>Não de uma maneira especial, “Essa é a exposição do grupo”, não, porque cada pesquisador e orientador tem os seus eventos, seus veículos de publicações, é o pesquisador individual.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM33: Segundo a entrevistada, não existe um modo de exposição coletivo das produções do grupo e sim, eventos específicos, escolhidos individualmente pelos pesquisadores, em que são apresentadas e discutidas, individualmente as pesquisas produzidas no grupo.
O que é dito	CDBM33: Das apresentações das pesquisas do grupo: participação em eventos científicos.
Unidades de sentido	A: <i>E essa produção é credenciada em nome de quem?</i> BM: <u>Dos pesquisadores, daqueles que escolheram aquela temática. A produção acaba sendo individual, mesmo que eu apresentei uma temática e você diz que gostaria de fazer isso também, se você quiser e fizer de fato isso comigo, quando a gente produzir vai sair no meu nome e no seu.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM34: Segundo a entrevistada, a produção do grupo é credenciada em nomes dos pesquisadores que escolheram trabalhar naquela temática específica; existe a possibilidade de outros membros do grupo participarem em diferentes temáticas e consequentemente produzirem coletivamente com outros participantes do grupo de pesquisa.

O que é dito	CDBM34: Do credenciamento dos autores em publicações do grupo: escolha da temática de investigação pelos pesquisadores do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Como o grupo de pesquisa decide a autoria do produto publicado?</i></p> <p>BM: Ah não, mais isso não chega a ser uma coisa do grupo, a ponto de o grupo ter que decidir de quem é a autoria, nesse sentido <u>as pesquisas são individualizadas, as publicações são individualizadas, não a ponto de ser uma publicação do grupo, a ponto de decidir quem de fato é autor disso. Porque a princípio cada um publica junto com seus orientandos, basicamente.</u> Não existe esse momento, essa necessidade da gente ter que pensar como é dividida a autoria. Como o nosso grupo é teórico, ele é muito mais de estudo... Mas mesmo sendo de estudos, ele tem intervenções, mas mesmo assim é o orientador e seus orientandos. Claro que acontece muito de dois orientadores se juntarem, por exemplo, tem um trabalho com um que é o PIBID, Fernando e Gisele, se sair uma publicação daí, os dois entre si vão decidir quem é o primeiro autor, o nosso grupo de pesquisa não advoga sobre isso, não é um problema do grupo de pesquisa. É um trabalho dos membros do grupo de pesquisa, mas a gente não decide por autoria. Agora se você acha que isso é um problema, dê uma ilustração pra eu saber do que você está falando.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM35: De acordo com a pesquisadora entrevistada, as pesquisas do grupo são publicadas individualmente e não expõem de maneira geral a produção do grupo. E sim, as investigações individuais dos pesquisadores com seus orientandos.
O que é dito	CDBM35: Do credenciamento dos autores em publicações do grupo: publicações de pesquisas entre orientandos e orientadores.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Não vejo como um problema, só gostaria que a senhora relatasse sobre as articulações do grupo.</i></p> <p>BM: <u>Isso não existe. Um trabalho que é produzido assim, tão coletivamente, a ponto depois da gente ter que decidir qual é a ordem dos autores. Não.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM36: Segundo a entrevistada, a autoria do produto publicado no grupo acontece naturalmente, pois a princípio cada professor/orientador publica junto com seus orientandos; ainda, ressalta que não existe em seu grupo de uma pesquisa ser realizada coletivamente e depois indicarem os autores.
O que é dito	CDBM36: Do credenciamento dos autores em publicações do grupo: publicações de pesquisas entre orientandos e orientadores.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Com a senhora entende permanência e ex-alunos em seu grupo de pesquisas?</i></p> <p>BM: <u>Nós somos do Rio Grande do Norte, as instituições são poucas, então nós temos de instituição de ensino superior, grande com grupo de pesquisa com infraestrutura de pesquisa, nós temos: UFRN, pelo menos 95% dos grupos de pesquisa estão na UFRN no estado do RN.</u> Existe uma Universidade estadual que é a UERN que tem uma coisinha assim, pequenininha. Então, por exemplo, Graciana que vai defender o doutorado aqui, ela é professora lá na UERN lá em Mossoró, a quatro horas de viagem daqui... Pode ser que ela continue a participar do grupo aqui, se ela achar como vir para os encontros e viajar 4 horas. Ou pode ser que ela ache mais fácil tentar começar alguma coisa lá. Muito insipiente, sem recurso, sem ter muito com quem dialogar, sem muitos recursos de informática, uma biblioteca muito pequena. E com uma infraestrutura muito menor, pode ser que ela decida começar alguma coisa lá. Mas quando você fala de ex-orientandos que continuam no grupo, eles são professores daqui, porque a Universidade cresceu muito. Os que continuam no grupo são professores daqui.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM37: Segundo a entrevistada, no estado do Rio Grande do Norte existem poucas instituições públicas de ensino superior. E ainda, que programa de pós-graduação com grupos apresentando infraestrutura de pesquisa existe apenas na UFRN.

O que é dito	CDBM37: Das instituições públicas com programas de pós-graduação: grupos apresentando infraestrutura de pesquisa.
Unidades de sentido	<p>A: <i>A permanência desses ex-alunos, ela é positiva, do seu ponto de vista? Para quem? Para a sua instituição?</i></p> <p>BM: Com outro status, ele agora se torna pesquisador, professor de graduação, ele começa a orientar seus alunos, é a renovação do grupo. Renovação no sentido de quê é outra geração que vem vindo, não é renovação no sentido de que... São os mesmos pressupostos teóricos, mesmas vivências. Mas no nosso caso, nós não temos escolhas, é diferente de situações... Você está no Rio Grande do Norte, há milhares de quilômetros de Minas Gerais, São Paulo e do Rio de Janeiro, certo? No sudeste existem muitas instituições, muitas... Então, o aluno termina o doutorado aqui e vai trabalhar nessa, termina nessa e vai trabalhar naquela, então existe esse rodizio grande. Não é isso? Não é o caso daqui, nós temos... Você pega, nós todos aqui no nordeste até pouco tempo atrás, a gente só tinha uma universidade federal na capital, né? A situação está mudando um pouco agora, como por exemplo, existe outro tipo de instituição que está crescendo muito no nordeste, que vai ter pesquisadores daqui um tempo, que são os institutos federais, né? Então, existe uma quantidade grande de campus dos institutos federais do Rio Grande do Norte e mais cedo ou mais tarde vai ter gente nesse campus também, vai ter... Ele vai ter... E tem vindo gente do sudeste também com... Que se formou lá no sudeste e veio para cá, <u>mas nós temos, digamos assim... Assim, uma situação que se considera... Caracteriza-se como uma androgenia, não é uma coisa boa para nenhuma instituição, não é... Mas, não é uma coisa que nós escolhemos (risos), entende?</u></p>
Enxerto Hermenêutico	Androgenia: segundo o dicionário Houaiss é o desenvolvimento de um embrião a partir do ovo fertilizado, mas com o aproveitamento somente do núcleo do gameta masculino. No texto dia de serem contratados pela universidade, seus egressos.
Unidades de significado	BM38: Segundo a pesquisadora o grupo de pesquisa está em uma situação que se caracteriza como androgenia, não sendo algo bom e nem passível de escolha.
O que é dito	CDBM38: Da permanência de ex-alunos no grupo: situação de androgenia.
Unidades de sentido	BM: Não é você está em uma região a milhares de quilômetros... Concurso está aberto, a gente abre concurso e anuncia para o Brasil todo, quem disse que as pessoas querem sair dos seus eixos e virem para cá! Não é isso? <u>Então, não é uma coisa a ser questionada porque não é escolha</u> , não é assim, tinha dez candidatos e nós aprovamos o nosso não tem nada a ver, nem em sonho isso, é uma androgenia que você escolhe a que você opta por isso, aí você pode questionar, mas se isso é bom ou ruim é o nosso caso (risos). Muitas vezes a gente sai catando candidatos, então você já vai ter os que moram por aqui, acaba indo caçar eles a laço, pegando eles a laço.
Enxerto Hermenêutico	Escolha: o pesquisador se refere ao isolamento que os pesquisadores se encontram, resultante da localidade geográfica que a cidade de Natal – RN se encontra em relação a outras cidades do país.
Unidades de significado	BM39: A permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa não é uma coisa a ser questionada, pois não se trata de uma questão de escolha.
O que é dito	CDBM39: Da permanência de ex-aluno no grupo: não pode ser questionada, pois não é uma questão de escolha.
Unidades de sentido	BM: <u>Esses pesquisadores em geral são alunos da pós-graduação. Dos orientadores tem pessoas da UFRN de outro campus, temos professores da UFRN de outro campus, mas que foi meu orientando.</u> Ele trabalha lá, mas não orienta lá, ele é locado lá, passa três dias da semana lá, mas no dia da reunião está aqui, mas isso é um sacrifício físico. Para o grupo, nós só sentimos a ausência dele de vez em quando, né! Porque em geral nós marcamos a reunião nos dias em que ele não esteja lá, que ele esteja disponível, mas em geral quem trabalha em outro campus não fica direto lá, não mora lá... Vai e volta, vai ao início da semana e volta no fim da semana. Ai a gente vai tentando colocar as reuniões do grupo de modo que encaixe... Problema para a instituição por que... Esse campus que não assim no interior tem dificuldade de fixar a pessoa

	no lugar tem dificuldade. Então é problemas para eles, né! Problemas para eles têm que lutar muito até conseguir fixar um corpo docente que more na cidade, isso é um problema sério. Seríssimo.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM40: Segundo a entrevistada os pesquisadores do grupo de pesquisa em geral são oriundos do programa de pós-graduação da UFRN, alguns, que trabalham em outros campi da UFRN.
O que é dito	CDBM40: Dos pesquisadores do grupo: pesquisadores oriundos do grupo e que trabalham em outros campi da UFRN.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Bem professora Bernadete Morey, foram esses os temas que eu trouxe para nossa conversa. Agora abro um espaço para caso à senhora queira falar em alguma direção.</i></p> <p>BM: <u>Acho que a coisa mais importante, acho que é assim, um grupo que está se renovando, que está havendo mais ou menos uma substituição brusca e não paulatina de uma geração para outra.</u> Penso que isso pode ter um impacto, pode. Se as lideranças surgirem e se desenvolverem, pode ser um impacto bom. Se as lideranças novas não se revelarem, vai ser um impacto ruim. Vamos ver como é que vai ser, mas o impacto com toda certeza vai existir (risos).</p> <p>A: <i>Professora Bernadete Morey, agradeço sua participação na minha pesquisa. Muito obrigado.</i></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	BM41: Segundo a entrevistada, seu grupo de pesquisa está passando por um momento de renovação. Ressalta que essas substituições de pesquisadores do grupo estão acontecendo de forma brusca e não paulatina de uma geração para outra.
O que é dito	CDBM41: Dos pesquisadores do grupo: o grupo está se renovando de forma brusca e não paulatina de uma geração para outra.

A oitava entrevista realizada ocorreu no dia 12 de dezembro de 2014 das 19h às 20h horas no departamento de Matemática da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, situada na Rua Farroupilha, 8001, em Canoas – RS. A pesquisadora entrevistada é a professora Dra. **Claudia Lisete Oliveira Groenwald**, líder de pesquisa do grupo de Estudos Curriculares em Educação matemática.

Sujeito Significativo CL: prof. Dra. Claudia Lisete Oliveira Groenwald

Unidades de sentido	<p>A: <i>Boa noite professora Claudia Groenwald, primeiramente gostaria de agradecer sua disposição em colaborar com minha pesquisa. A senhora recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de minha investigação, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. A senhora pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p>CL: <u>Bem, o grupo trata de questões curriculares. Nas questões: o que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia. Na realidade é um currículo que se tenta buscar uma transformação curricular, nós buscamos pesquisar essas questões do currículo de maneira que nós possamos realizar uma transformação curricular, de maneira que faça o aluno realmente ter uma aprendizagem significativa para ele, de maneira que ele se torne um cidadão atuante na sociedade, que ele fique preparado e com as competências necessárias para viver nessa vida moderna, né!</u></p>
Enxerto Hermenêutico	Currículo: refere-se à programação total ou parcial de um curso ou de uma matéria a ser examinada.

Unidades de significado	CL1: Segundo a entrevistada, seu grupo de pesquisa trata das questões curriculares: o que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia. Ainda, ressalta que o grupo busca pesquisar questões do currículo de maneira que se pode realizar uma transformação curricular.
O que é dito	CDCL1: Das temáticas do grupo de pesquisa: o que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia. Ainda, ressalta que o grupo busca pesquisar questões do currículo de maneira que se pode realizar uma transformação curricular.
Unidades de sentido	CL: <u>O grupo trata do currículo de matemática nas perspectivas que eu te falei: o que, como e quando ensinar e também como avaliar</u> , como realizar um processo de ensino e aprendizagem de maneira, eu não gosto de dizer de maneira eficaz, mas na realidade é nesse sentido, de maneira que tanto os professores quanto os alunos se sintam, vamos colocar assim, se sintam motivados a desenvolver processos de ensino e aprendizagem.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL2: De acordo com a entrevistada, o grupo trata do currículo de matemática nas perspectivas do que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia.
O que é dito	CDCL2: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: o currículo de matemática nas perspectivas do que se ensina; como se ensina; quando se ensina e como se avalia.
Unidades de sentido	A: <i>Esse grupo de pesquisa existe desde o ano de 2003. Como ele foi criado, em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante?</i> CL: <u>Em cima do currículo de Educação Matemática do ensino básico. Nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL3: Segundo a entrevistada o grupo foi criado e se mantém atuante em torno da proposta investigativa do currículo de educação matemática do ensino básico, mais especificamente nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio.
O que é dito	CDCL3: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: o currículo de educação matemática do ensino fundamental e do ensino médio.
Unidades de sentido	CL: Essa proposta de pensar um currículo que seja de acordo com as competências da vida moderna, que não seja um currículo de conteúdo, que não seja uma listagem de conteúdos e <u>sim de pensar o currículo nos aspectos que acabei de te falar. Nesses aspectos entra muito o como</u> [...]
Enxerto Hermenêutico	Como: refere-se à metodologia investigativa utilizada pelos pesquisadores do grupo nas pesquisas envolvendo o currículo de matemática para expor o modo pelo qual o objeto investigado se mostra.
Unidades de significado	CL4: Segundo a entrevistada a proposta investigativa do currículo de educação matemática do ensino básico visa pensar um currículo que esteja de acordo com as competências da vida moderna, não se caracterizando como um currículo de conteúdo.
O que é dito	CDCL4: Da proposta investigativa do grupo de pesquisa: o currículo de educação matemática do ensino básico visando às competências, e não ao conteúdo.
Unidades de sentido	CL: [...] e é por isso que a gente trabalha os processos de ensino e aprendizagem e <u>uma das coisas que nós temos trabalhado muito, nós nos dedicados bastante é em cima das tecnologias, o uso das tecnologias na Educação Matemática, que seria o como ensinar, com que recurso atuais, tu pode trabalhar as questões de currículo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL5: De acordo com a professora Claudia Groenwald, o grupo tem se dedicado na temática dos currículos, investigando sobre tecnologia; o uso das tecnologias na Educação Matemática.
O que é dito	CDCL5: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: o uso das tecnologias na Educação Matemática.
Unidades de sentido	A: <i>Nesse sentido, gostaríamos de saber, de que modo surgem os temas a serem estudados?</i>

	CL: É nesse sentido, por exemplo, quando você vai estudar currículo, tu vai estudar, por exemplo, como... <u>Vamos pegar em cima do que estou orientando, oriento, por exemplo, uma tese de doutorado que se chama currículo por competências</u> , como desenvolver um currículo nas séries iniciais do ensino fundamental através das competências de um aluno poder viver de forma competente na vida moderna.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL6: Segundo a entrevistada a temática de investigação de suas pesquisas é voltada para o currículo nas séries iniciais do ensino fundamental através das competências dos alunos.
O que é dito	CDCL6: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: o currículo nas séries iniciais do ensino fundamental através das competências dos alunos.
Unidades de sentido	CL: Uma tese, por exemplo, no <u>sentido da utilização de metodologias tanto no ensino fundamental como no ensino médio, voltada para formação de professores</u> , pois como é que você vai formar um professor, que currículo tu precisa ter para formar um professor que esteja competente para desenvolver esse currículo que se busca.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL7: A entrevistada exemplifica a temática de investigação do grupo, expondo uma pesquisa de doutorado desenvolvida no grupo, que investigava a utilização de metodologias tanto no ensino fundamental como no ensino médio.
O que é dito	CDCL7: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: a utilização de metodologias tanto no ensino fundamental como no ensino médio.
Unidades de sentido	CL: Por exemplo, <u>outra dissertação que nós trabalhamos muito com o uso das tecnologias, é o uso de sequências didáticas eletrônicas. Que é a busca de metodologias com recursos atualizados, com recursos que estejam na escola e que sejam possíveis de serem desenvolvidos na escola</u> , uma das coisas que nós fazemos sempre é a preocupação de que isso seja utilizado. Seja para a escola, né! Para os professores que estão atuando em escolas ou para futuros professores que vão atuar nas escolas da educação básica.
Enxerto Hermenêutico	Recursos: refere-se a instrumentos tecnológicos próprios da escola investigada.
Unidades de significado	CL8: A professora Claudia Groenwald exemplificou outra pesquisa realizada no grupo, de uma dissertação de mestrado realizada com a utilização da tecnologia, mais especificamente com o uso de sequências didáticas eletrônicas, buscando recursos que estejam na escola.
O que é dito	CDCL8: Da temática investigativa das pesquisas do grupo: a utilização da tecnologia na sala de aula, mais especificamente com o uso de sequências didáticas eletrônicas.
Unidades de sentido	CL: Olha, normalmente <u>emerge do grupo, das discussões do grupo</u> , por exemplo, como é que surgiram os números decimais? Surgiu da dificuldade que essa professora tinha em trabalhar essa temática com os alunos no sexto ano, isso ela considerava difícil à compreensão dos alunos, e daí surge então a ideia, vamos trabalhar essas questões. Nós vamos trabalhar também.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL9: Segundo a entrevistada as temáticas de investigação emergem das discussões entre os membros do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCL9: De como surgem às temáticas investigativas do grupo de pesquisa: emergem das discussões entre os membros do grupo de pesquisa.

Unidades de sentido	CL: <u>Aí começam as discussões, nós vamos trabalhar ligados a uma <i>temática</i> importante para o aluno, que motive ele. Então, os números decimais foram entrelaçados com temas transversais trabalhados em consumo, por exemplo, então, eu não sei te dizer exatamente como surge o assunto, surge das dificuldades do grupo, surge das problemáticas com os professores encontram nas salas de aula. Surge das próprias questões de pesquisa do grupo, ou seja, se eu quero discutir currículo, então eu vou discutindo todas as perspectivas do currículo e quando eu vou discutindo eu vou levantando as problemáticas, eu vou levantando as possibilidades, eu vou lendo um texto aqui, eu vou lendo um livro ali e as coisas vão acontecendo e vão surgindo novas temáticas. Olha agora nós vamos nos dedicar a isso, por exemplo, agora nós vamos replicar uma pesquisa, uma pesquisa de frações que foi feita no SIENA lá no Pará, com um aluno do Pará. Que tem interesse em trabalhar frações na escola pública lá município de Xinguara - PA, né! Então, Xinguara no Pará, então é uma cosia extremamente rica para nós. Outra comunidade com outras problemáticas. E que vai ser extremamente rico.</u>
Enxerto Hermenêutico	Temática: refere-se aos temas/assuntos investigativos das pesquisas desenvolvidas no grupo.
Unidades de significado	CL10: De acordo com a depoente, ela não saberia dizer exatamente quando surgem as temáticas investigativas o grupo; salienta que as temáticas investigativas surgem das dificuldades do grupo, das problemáticas que os professores encontram nas salas de aula. Há um processo de questionamentos e de amadurecimento das perguntas levantadas.
O que é dito	CDCL10: De como surgem às temáticas investigativas do grupo de pesquisa: não saberia dizer exatamente quando surgem às temáticas investigativas o grupo; salienta que as temáticas investigativas surgem das dificuldades do grupo, das problemáticas que os professores encontram nas salas de aula. Há um processo de questionamentos e de amadurecimento das perguntas levantadas.
Unidades de sentido	A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre?</i> CL: <u>Ah sim! Não, nós temos reuniões semanais onde são discutidas as questões de currículo. Nós temos um tema central que são as questões do currículo da matemática na educação básica, em cima disso, em cima das leituras, das reflexões que se fazem, o grupo começa a sugerir possibilidades e nós também temos <i>convênios</i> de pesquisas que nos levam a determinadas pesquisas, por exemplo, nós temos um convênio de pesquisa com a Universidade de [Laguna], com um grupo de tecnologias educacionais que nos que nos leva a trabalhar com essas questões tecnológicas do currículo de matemática, como utilizar as tecnologias no currículo de matemática, como isso é viável e possível tanto que nós desenvolvemos junto com esse grupo uma plataforma de ensino para desenvolver essas sequências didáticas que eu estava te colocando. A plataforma se chama SIENA – Sistema Integrado de Ensino e Aprendizagem é uma plataforma de ensino, ela está em teste ainda.</u>
Enxerto Hermenêutico	Convênios: nos texto, refere-se às parcerias interinstitucionais realizadas no grupo de pesquisa.
Unidades de significado	CL11: Segundo a entrevistada as reuniões do grupo acontecem semanalmente, quando são discutidas a questão central de investigação, a saber, o currículo da matemática na educação básica. Nessas reuniões, durante as discussões e reflexões de textos surgem as propostas de investigação. Ainda são ressaltados os convênios de pesquisas do grupo, exemplifica o convênio vigente com a Universidade de Laguna em que são investigados temas voltados as questões tecnológicas do currículo de matemática.
O que é dito	CDCL11: Das reuniões do grupo de pesquisa: as quais acontecem semanalmente com discussões sobre a questão central de investigação do grupo, a saber, o currículo da matemática na educação básica.
Unidades de sentido	CL: Se você quiser, eu posso te dar acesso, para ti dar uma estudada, dar uma olhada em como

	nós estamos trabalhando. E ali <u>nós desenvolvemos vários projetos, por exemplo, nós já trabalhamos com geometria analítica, com números decimais, números naturais, multiplicação e divisão dos números naturais, frações, equações de primeiro grau e essa plataforma ela trabalha com testes aplicativos e sequências didáticas</u> , é bem interessante de ver, se você quiser eu posso te dar acesso, para ti dar uma pesquisa no que nós estamos desenvolvendo.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL12: Segundo a entrevistada, o grupo desenvolve vários projetos e exemplifica alguns temas investigativos já trabalhados, como: geometria analítica, com números decimais, números naturais, multiplicação e divisão dos números naturais, frações, equações de primeiro grau e sequências didáticas.
O que é dito	CDCL12: Dos temas investigativos já trabalhados no grupo: geometria analítica, com números decimais, números naturais, multiplicação e divisão dos números naturais, frações, equações de primeiro grau e sequências didáticas.
Unidades de sentido	CL: <u>Então o projeto maior ele é desenvolvido nessas discussões com o grupo</u> , nós temos reuniões de quinze em quinze dias com o grupo [...]
Enxerto Hermenêutico	Projeto maior: refere-se a um projeto que abarca todas as outras pesquisas do grupo.
Unidades de significado	CL13: Segundo a entrevistada o projeto maior é elaborado nas discussões realizadas quinzenalmente junto com os membros do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCL13: Da elaboração do projeto maior do grupo de pesquisa: nas discussões realizadas quinzenalmente junto com os membros do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	CL: [...] aonde nós <u>vamos fazendo a reflexão e a discussão dos temas que são importantes na organização de um currículo de matemática e dentro dessas questões de currículo estão às questões de políticas públicas também</u> . Como é que o currículo acontece e por que ele acontece; qual é a parte legal que tem; qual é o papel dos professores; qual é o papel da comunidade escolar; qual é o papel dos alunos nesse currículo; então essas discussões que levam para as temáticas das pesquisas a serem desenvolvidas.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL14: Segundo a entrevistada nas reuniões do grupo são realizadas discussões e reflexões de temas considerados importantes na organização de um currículo de matemática e sobre políticas públicas.
O que é dito	CDCL14: Das reuniões do grupo de pesquisa: acontecem discussões e reflexões de temas considerados importantes na organização de um currículo de matemática e de políticas públicas.
Unidades de sentido	A: <i>Como o coordenador intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i> CL: Bom. <u>Na realidade são as leituras que acontecem, os convênios que vão acontecendo, agora outro convênio que está acontecendo</u> com a Universidade de Alicante na Espanha, que trabalha com a questão da formação do professor.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL15: Segundo a entrevistada, ela, como coordenadora do grupo, intui a força de investigação de um tema durante a realização das leituras discutidas no grupo e dos convênios de pesquisa em que o grupo se associa com outras instituições.
O que é dito	CDCL15: De como o coordenador intui a força de um tema investigativo do grupo de pesquisa: durante a realização das leituras discutidas no grupo e dos convênios de pesquisa em que o grupo se associa com outras instituições.
Unidades de sentido	CL: Com o professor Salvador Llinares, então, de acordo com as leituras do professor Salvador Llinares, das pesquisas deles, <u>nós também desenvolvemos pesquisas em conjunto</u> , que é a questão da competência de observar com sentido, que é uma competência do professor extremamente importante quando ele está atuando em sala de aula [...]
Enxerto Hermenêutico	Em conjunto: refere-se, como compreendido nos estudos realizados para a realização desta pesquisa, como uma pesquisa realizada em parceria com os outros membros do grupo de

	pesquisa; desde a implementação da proposta, às ações de desenvolvimento e à finalização; e publicação.
Unidades de significado	CL16: Segundo a entrevistada o grupo desenvolve pesquisa em conjunto e exemplifica a relação com o professor Salvador Llinares; e salienta que nas investigações são trabalhadas as questões de competência de observar com sentido.
O que é dito	CDCL16: Dos convênios investigativos firmados pelo grupo: o grupo desenvolve pesquisa se relacionando com outras instituições e em suas investigações são trabalhadas as questões de competência da observação com sentido na prática docente.
Unidades de sentido	CL: [...] na realidade <u>o que a gente pensa é que através das leituras, através do contato com outros pesquisadores, com outras experiências e que vai motivando o grupo e vai se envolvendo os mais diferentes tipos de pesquisas, mas sempre ligados às questões do currículo de matemática</u> , mas entendo o currículo nessas perspectivas que eu te disse, não entendo o currículo, como o estágio de conteúdos que vai ser trabalhado. É no sentido de buscar todas essas formas de currículo que...
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL17: De acordo com a depoente, o que os membros do grupo pensam é motivado através das leituras, do contato com outros pesquisadores, com outras experiências que vão motivando e envolvem os membros do grupo em diferentes tipos de pesquisa, sempre ligados às questões do currículo de matemática pensado como ela expôs.
O que é dito	CDCL17: Da motivação investigativa dos membros do grupo de pesquisa: acontece através das leituras e do contato com outros pesquisadores.
Unidades de sentido	CL: As questões que compõem um currículo dinâmico em sala de aula, e é por isso, por essas leituras, essas reflexões, dessas discussões que vão surgindo as pesquisas, uma pesquisa se engaja na outra, um determinado aluno se interessa mais por um determinado tipo de pesquisa e outro por outro, e nós vamos compondo isso, né, através das discussões, das apresentações, <u>nós dizemos que um aluno sempre vai...</u> Nós temos as discussões dos projetos, das possibilidades de pesquisas e daí vão surgindo, vamos nos motivando e trabalhando.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL18: De acordo com a entrevistada, as possibilidades de pesquisa e dos projetos do grupo são definidas nas discussões dos projetos do grupo.
O que é dito	CDCL18: Da definição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: acontecem nas discussões dos projetos do grupo.
Unidades de sentido	CL: <u>Nós também trazemos muitos palestrantes para o nosso grupo, por exemplo, esses convênios que nós temos, nos permitem que esses pesquisadores venham aqui e a gente vá até eles, também muitas participações em congressos, em outros grupos de pesquisas que também vão motivando esse grupo a realizar pesquisas.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL19: Segundo a entrevistada, a motivação do grupo para continuar realizando pesquisas se configura a partir das participações em eventos científicos e das relações existentes com pesquisadores de outros grupos, no caso da presença de professores visitantes no grupo e também de pesquisadores do grupo que visitam outras instituições, ambas as situações são possibilitadas pelos convênios firmados entre os grupos.
O que é dito	CDCL19: Da motivação investigativa dos membros do grupo de pesquisa: nas participações em eventos científicos e das relações existentes com pesquisadores de outros grupos, no caso da presença de professores visitantes no grupo e também de pesquisadores do grupo que visitam outras instituições.
Unidades de sentido	CL: Quando esses <u>pesquisadores visitantes estão aqui, normalmente ficam um período aqui, eles participam dos grupos de pesquisas, normalmente nós intensificamos mais as reuniões, né!</u> Eles dão seminários e reuniões de estudo e se trabalha em cima das questões desses professores para motivar e conhecer outros pontos de pesquisa, outros pontos de vistas, outros resultados de pesquisa, né! É assim.
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	CL20: De acordo com a pesquisadora entrevistada, quando o grupo recebe pesquisadores visitantes, estes convivem com os membros do grupo por um período de tempo, em que participam das atividades e reuniões coletivas do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCL20: Dos convênios investigativos firmados pelo grupo: os pesquisadores que visitam o grupo convivem com os membros por um período e participam das atividades e reuniões coletivas.
Unidades de sentido	A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo. Ou seja, de modo se dispõem ao grupo de pesquisa em termos de tempo, vontade, disposição para trabalhar o tema?</i> CL: Nós não temos muitos problemas com motivação, não sei se é por eu ser muito motivada (risos), mas <u>normalmente o grupo é extremamente motivado, mas acho que está em cima do interesse dos temas comuns, como tu gosta de estar estudando, de estar estudando essa temática, normalmente não temos muitos problemas de desistências no grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	Temas comuns: referem-se à convergência dos temas investigativos presentes nas pesquisas desenvolvidas no grupo.
Unidades de significado	CL21: Segundo a pesquisadora entrevistada, a motivação de pesquisa dos membros do grupo se dá pelo interesse dos temas comuns; e também salienta que normalmente não existe desistência de pesquisadores em pesquisas em andamento.
O que é dito	CDCL21: Da motivação investigativa dos membros do grupo de pesquisa: surge no interesse dos temas comuns. Não existe desistência de pesquisadores em pesquisas em andamento.
Unidades de sentido	CL: Porque, como é que é formado meu grupo? <u>Meu grupo é formado por pesquisadores daqui do programa, também tenho outros professores que trabalham comigo, aluno de iniciação científica, alunos de mestrado, alunos de doutorado e alguns professores da rede pública que atuam com a gente também, agora nós temos uma senhora, uma professora que está fazendo pós-doutorado conosco e também se interessou pela nossa temática de pesquisa e nos procurou e está fazendo pós-doutorado [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Iniciação científica: refere-se a uma modalidade de pesquisa realizada com alunos da graduação, introduzindo esses alunos em pesquisas científicas. Pós-doutorado: refere-se a uma atividade de pesquisa realizada após a obtenção do título de doutor.
Unidades de significado	CL22: De acordo com a entrevistada, seu grupo de pesquisa é formado por pesquisadores do programa de pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, alunos de iniciação científica, de mestrado, de doutorado, professores da rede pública e pesquisadores realizando pós-doutorado.
O que é dito	CDCL22: Dos membros do grupo de pesquisa: é formado por pesquisadores do programa de pós-graduação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, alunos de iniciação científica, de mestrado, de doutorado, professores da rede pública e pesquisadores realizando pós-doutorado.
Unidades de sentido	CL: [...] e <u>ela coordena um grupo de formação continuada de professores, e nesse grupo de formação continuada ela trabalha... Ela está trabalhando com as questões do currículo para o sexto ano do ensino fundamental, então, na realidade, está todo mundo engajado.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL23: Segundo a depoente, existem pesquisadores que realizam pós-doutorado junto ao grupo de pesquisa, e exemplifica, citando o caso de uma professora/pesquisadora que coordena um grupo voltado para investigações sobre formação continuada de professores e que trabalha com questões do currículo para o sexto ano do ensino fundamental.
O que é dito	CDCL23: Dos pesquisadores visitantes no grupo: existem pesquisadores que realizam pós-doutorado junto ao grupo de pesquisa, investigando questões voltadas para o currículo.
Unidades de sentido	CL: Então, nós <u>temos vários professores da rede de ensino que participam do grupo e que vem em função das temáticas que eles têm e se interessam pela temática de pesquisa.</u> Estava falando de uma professora de uma universidade que nos procurou para fazer pós-doutorado conosco no grupo, trabalhando com formação continuada de professores, com a ideia de currículo para o

	sexto ano do ensino fundamental, ai entra todos seus aspectos né!
Excerto Hermenêutico	Temáticas: referem-se à convergência dos temas investigativos presentes nas pesquisas desenvolvidas no grupo.
Unidades de significado	CL24: Segundo a entrevistada, participam do grupo vários professores da rede de ensino e salienta que estes procuram o grupo em função das temáticas de pesquisa que o grupo desenvolve.
O que é dito	CDCL24: Dos pesquisadores visitantes no grupo: participam do grupo vários professores da rede de ensino, interessados pela temática investigativa.
Unidades de sentido	CL: A ideia de como é formado os conteúdos, de como são trabalhados esses conteúdos no sexto ano, quais são as concepções dos professores ao currículo do sexto ano, <u>então isso também é uma novidade, vamos assim dizer, no nosso grupo, essa professora que se engajou e veio nos procurar em função da temática de pesquisa mesmo</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL25: De acordo com a pesquisadora, o fato de o grupo ser procurado por pesquisadores por conta das temáticas investigativas, como no caso da professora que está fazendo pós-doutorado, é uma novidade.
O que é dito	CDCL25: Dos pesquisadores visitantes no grupo: participam do grupo vários professores da rede de ensino, interessados pela temática investigativa.
Unidades de sentido	CL: Então eu vejo assim que <u>a ideia de estar motivado e de continuar no grupo é pelo interesse na temática de pesquisa</u> , que isso faz com que as pessoas venham e participem do grupo, né! Se motivem e estejam interessados nas leituras que se realizam e assim por diante.
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL26: Segundo a pesquisadora, de seu ponto de vista, a motivação dos membros do grupo de pesquisa em continuar engajados em suas pesquisas vem do interesse pessoal de cada individuo na temática de pesquisa.
O que é dito	CDCL26: Do interesse investigativo dos membros do grupo de pesquisa: surge do interesse pessoal de cada individuo em relação à temática de pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. A senhora considera essa característica de “institucionalidade” importante?</i> CL: <u>Considero, eu acho importante porque na realidade nós somos ligados a uma pós-graduação e ela tem algumas obrigações importantes de serem realizadas.</u> Que é a questão do grupo de pesquisa, das publicações, de como tu demonstra o teu trabalho.
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL27: De acordo com a entrevistada, de seu ponto de vista, é importante o grupo ser institucionalizado, pois na realidade o grupo é ligado a uma pós-graduação e por esse motivo existem obrigações importantes a serem realizadas.
O que é dito	CDCL27: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante pelo fato do o grupo ser ligado a uma pós-graduação, existindo obrigações a serem realizadas.
Unidades de sentido	CL: <u>Na realidade tu tens verba de pesquisa, tu ganha verba de pesquisa e tem que dar um retorno para a sociedade, então é nesse sentido que eu acho importante.</u> Que retorno tu da para a sociedade na área da Educação Matemática?
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL28: Segundo a entrevista, a institucionalização possibilita ao grupo de pesquisa apoio financeiro para realização de pesquisa, e por esse motivo, como o grupo recebe verba é necessário ter um retorno para a sociedade.
O que é dito	CDCL28: Da institucionalização do grupo de pesquisa: possibilita ao grupo de pesquisa apoio financeiro para realização de pesquisa.
Unidades de sentido	CL: Então é esse compromisso que tu tem de fazer pesquisa e de dar retorno, <u>de tentar fazer com que essas pesquisas influenciem a escola, eu acho extremamente importante, influenciar a escola, os órgãos governamentais, eu acho importante essa questão de motivação de se tentar</u>

	<u>realmente influenciar as políticas públicas.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL29: Segundo a entrevistada, o compromisso do grupo se caracteriza em produzir pesquisas e dar um retorno para a sociedade, de modo que essas pesquisas realizadas influenciem a escola, os órgãos governamentais e as políticas públicas.
O que é dito	CDCL29: Da institucionalização do grupo de pesquisa: existe o compromisso de dar um retorno para a sociedade, influenciando a escola, os órgãos governamentais e as políticas públicas.
Unidades de sentido	CL: As pessoas que estão atuando na escola, toda comunidade escolar em geral, então eu acho importante que se assim... <u>Que estar ligado a uma instituição, estar ligado a uma pós-graduação te permite certa visibilidade e te dá certa credibilidade. é nesse sentido que julgo importante.</u>
Enxerto Hermenêutico	Pós-graduação: curso que acolhe alunos para efetuarem investigações e as apresentarem como trabalho para obter título de mestrado ou doutorado.
Unidades de significado	CL30: Segundo a entrevista, o grupo ser institucionalizado é importante, pois estar ligado a uma pós-graduação permite visibilidade e credibilidade ao grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCL30: Da institucionalização do grupo de pesquisa: estar ligado a uma pós-graduação permite visibilidade e credibilidade.
Unidades de sentido	A: <i>Em que essa característica contribui com o fortalecimento do grupo (ou não) do seu grupo?</i> CL: <u>Contribui. Contribui muito. A questão de estar ligado a uma pós-graduação te dá outras possibilidades, mais verba de pesquisa, mais pessoas engajadas. Eu acho importante isso. Extremamente importante. Ser institucional é estar engajada em um programa de pós-graduação, ligada a uma universidade e estar com apoio dessa universidade, apoio no sentido de que a instituição te possibilita condições de realizar essa pesquisa, credibilidade. Credibilidade frente aos órgãos públicos, frente aos órgãos pesquisadores também.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL31: Segundo a entrevistada, ser institucional é estar engajada em um programa de pós-graduação, ligada a uma universidade e estar com apoio dessa universidade, apoio no sentido de que a instituição contribui para o fortalecimento do grupo de pesquisa, pois possibilita a viabilização de recursos financeiros de modo a aumentar o número de pesquisadores engajados nas pesquisas; ainda, ressalta que estar participando de um programa de pós-graduação ligado a uma universidade é importante, pois recebe apoio para o desenvolvimento das investigações das temáticas do grupo e credibilidade frente aos órgãos públicos.
O que é dito	CDCL31: Da institucionalização do grupo de pesquisa: contribui para o fortalecimento do grupo de pesquisa, pois possibilita a viabilização de recursos financeiros de modo a aumentar o número de pesquisadores engajados nas pesquisas; ainda, ressalta que estar participando de um programa de pós-graduação ligado a uma universidade é importante, pois recebe apoio para o desenvolvimento das investigações das temáticas do grupo e credibilidade frente aos órgãos públicos. Entende que ser institucional é estar engajada em um programa de pós-graduação, ligada a uma universidade e estar com apoio dessa universidade
Unidades de sentido	CL: Pois é uma coisa importante. <u>Não são pesquisas isoladas, são pesquisas que estão ligadas a outras pesquisas, a outros pesquisadores.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL32: De acordo com a professora entrevistada, com o grupo institucionalizado, as pesquisas realizadas não são isoladas, e sim ligadas a outras pesquisas e outros pesquisadores.
O que é dito	CDCL32: Da institucionalização do grupo de pesquisa: as pesquisas realizadas não são isoladas, e sim ligadas a outras pesquisas e outros pesquisadores.
Unidades de sentido	CL: Então isso é uma coisa muito importante, e os <u>próprios convênios que o grupo possui também estão ligados à instituição.</u> A instituição te possibilita tu sair da instituição, se dedicar a pesquisa, tu ter horas para dedicar a pesquisa, tu poder viajar, poder participar de congressos, pode ter atividades que não são estritamente ligadas a instituição e sim ligadas a pesquisa, então

	é nesse sentido que acho extremante importante.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL33: Segundo a entrevista a institucionalização do grupo é uma coisa muito importante, e exemplifica dizendo dos convênios firmados com grupos de outras instituições.
O que é dito	CDCL33: Da institucionalização do grupo de pesquisa: algo importante que possibilita constituir convênios com grupos de outras instituições.
Unidades de sentido	A: <i>Segundo sua visão, o que significa ser institucional. Esse aspecto influencia os modos de produção do grupo de pesquisa?</i> CL: <u>Nos modos de produção acho que não. Não. Na realidade o grupo de pesquisa ele tem autonomia. Ele tem que desenvolver pesquisa com certa autonomia para poder realmente investigar.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL34: De acordo com a depoente, de seu ponto de vista, a institucionalização não influencia nos modos de produção do grupo de pesquisa, pois o grupo tem que desenvolver pesquisas com autonomia para poder realmente se caracterizar investigativo.
O que é dito	CDCL34: Da institucionalização do grupo de pesquisa: não influencia nos modos de produção do grupo de pesquisa, pois o grupo desenvolve pesquisas com autonomia.
Unidades de sentido	CL: <u>Se tu estás atrelado a algumas pré-condições não consegue fazer uma pesquisa, realmente com alguma autonomia, com poder de tomar decisões. Então eu não me sinto assim pelo menos, não tenho... A instituição não me obriga a nenhum resultado, né! Pelo contrário, ela me permite... Apenas me permite ter mais horários, mais flexibilidade de horário, mais tempo para me dedicar à pesquisa, aliás, nunca me senti assim, então nem sei te responder (risos).</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL35: Segundo a entrevistada, a institucionalização do grupo atrela a algumas pré-condições de trabalho, mas ressalta a importância do grupo ter autonomia e poder de decisão e enfatiza que a instituição não obriga seu grupo a nenhum resultado de pesquisa.
O que é dito	CDCL35: Da institucionalização do grupo de pesquisa: atrelamento com algumas pré-condições de trabalho, mas o grupo apresenta ter autonomia e poder de decisão no desenvolvimento de pesquisas.
Unidades de sentido	CL: <u>Quando tu faz uma pesquisa, tu tens que ter compromisso com a verdade, e o compromisso com a verdade não pode estar atrelado com pré-compromissos. A determinados resultados, não!</u> Os resultados são realmente... Tem que ser divulgado como realmente como aconteceram, acho extremamente importante, não pode mascarar a realidade, não pode enfeitar a realidade, né! Tu precisa ter uma visão de como as coisas acontecem para poder tomar decisões, ou tomar... Ter as suas conclusões em cima da realidade para poder tentar... Eu sempre tenho o compromisso que é tentar nas minhas pesquisas, nas pesquisas do grupo, fazer com que isso chegue à escola, e para chegar à escola é para melhorar a escola, que a escola reflita sobre o que nós estamos pensando e o que nós entendemos que seria o correto para melhorar e para ampliar o processo de ensino e aprendizagem em relação à Educação Matemática, então esse compromisso não pode estar atrelado a resultados já pré-estabelecidos, ele tem que realmente ter um comprometimento com a verdade, né! Com o que tu realmente está vendo, com o que está pesquisando, com o que as reflexões do grupo levem né! Para a resultados factíveis, né! De realidade, de compromisso social e assim por diante.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL36: De acordo com a entrevista, quando um grupo realiza uma investigação científica, este tem que ter compromisso com a verdade, de modo que essa responsabilidade não esteja atrelada com compromissos pré-determinados visando resultados, pela instituição.
O que é dito	CDCL36: Da responsabilidade dos membros do grupo no desenvolvimento de pesquisas: apresentando um compromisso com a verdade, em que essa responsabilidade não esteja atrelada com compromissos pré-determinados pela instituição e visando resultados.

Unidades de sentido	<p>A: <i>Como são apresentadas as pesquisas do grupo de pesquisa?</i></p> <p>CL: <u>Sempre através de congressos; artigos científicos, né! Livros, nós temos... Se você for olhar nossa produção do grupo, ela tem uma vasta produção, tanto em artigos da área, do <i>qualis</i> da área de ensino, porque eu trabalho na área de ensino; em congressos, nós participamos muito de congressos, tanto no Brasil quanto no exterior; na publicação de livros, nós estamos organizando dois livros, que é resultado já dos trabalhos que estão para ser publicados no ano que vem, um é em cima dos processos de ensino e aprendizagem e outro em cima dos resultados de pesquisa mesmo, um resultado de pesquisa e o outro mais recursos didáticos para a sala de aula, esse livro vai ser doado para as escolas, por exemplo, as escolas públicas, né! É uma produção que tenta chegar à escola com os resultados do grupo. Então a gente faz o comum, né! Vai para congresso tanto no Brasil quanto no exterior, participa da sociedade, da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, participa dos congressos aqui no Brasil, principalmente dos congressos da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, da SBEM tanto regional quanto estadual e nacional, participa do SIPEM do grupo de pesquisa, quer dizer, tenta estar engajado com a comunidade acadêmica.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	Qualis: refere-se ao sistema brasileiro de avaliação de periódicos, mantido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
Unidades de significado	CL37: Segundo a entrevistada as pesquisas realizadas em seu grupo são apresentadas sempre em congressos no Brasil e exterior, artigos científicos, livros.
O que é dito	CDCL37: De como são apresentadas as investigações do grupo de pesquisa: em congressos no Brasil e exterior, artigos científicos, livros.
Unidades de sentido	<p>A: <i>E essa produção é credenciada em nome de quem? Como o grupo de pesquisa decide a autoria do produto publicado?</i></p> <p>CL: <u>Em nome de quem a publica, nunca é todo grupo, sempre a gente vai trabalhando em cima de resultados, por exemplo, são os alunos com o professor ou depende muito.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL38: Segundo a entrevistada as publicações do grupo de pesquisa são credenciadas em nome do(s) membro(s) que realiza(m) a investigação, por exemplo, orientador e orientando, porém nunca em nome de todo o grupo.
O que é dito	CDCL38: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: em nome do(s) membro(s) que realiza(m) a investigação.
Unidades de sentido	CL: <u>Eu trabalho muito com os meus alunos, com os meus <i>bolsistas</i>, ou também individualmente, ou com meus convênios de pesquisas, como eu disse com o professor Salvador Llinares, com o professor Lorenço, a professora Carmem que trabalha no meu grupo e tem um convênio com o professor Juan Rotino de Granada na Espanha, então nós também publicamos com ele, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	Bolsistas: refere-se aos pós-graduandos que recebem financiamento de órgãos públicos para o desenvolvimento de suas pesquisas.
Unidades de significado	CL39: De acordo com a depoente, ela efetua investigações de pesquisa tanto individualmente, como junto com seus orientandos e com os professores pesquisadores participantes dos convênios firmados com diferentes instituições do Brasil e do exterior.
O que é dito	CDCL39: Do desenvolvimento de investigações coletivamente no grupo de pesquisa: os membros trabalham individualmente, em parcerias, por exemplo, orientador e orientandos e também com pesquisadores visitantes.
Unidades de sentido	CL: <u>Na realidade são várias frentes. Então quem se dedica naquela frente de trabalho e dali sai o artigo, sai o resultado de pesquisa é que coloca o nome no artigo, nós não publicamos sempre em nome do grupo, independente se a pessoa está ou não trabalhando na pesquisa, isso não acontece, não acontece.</u>
Enxerto Hermenêutico	

Unidades de significado	CL40: Segundo a entrevistada, o credenciamento das publicações do grupo se dá a partir da dedicação do pesquisador perante o desenvolvimento do trabalho. Ainda enfatiza que o grupo não publica em nome de todo o grupo.
O que é dito	CDCL40: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: se dá a partir da dedicação do pesquisador perante o desenvolvimento do trabalho. O grupo não publica em nome de todo o grupo.
Unidades de sentido	CL: Ah! Nesse artigo vão ser tais e tais pessoas, não! <u>São as pessoas que realmente trabalharam naquele tipo de resultado, que encontraram aquele tipo de resultado. Então, normalmente são duas ou três pessoas em cada artigo. Não é o grupo todo.</u> Nós não trabalhamos com essa ideia de o grupo assina os artigos, não! É o grupo assina os seus resultados de pesquisas, então se tem um grupo trabalhando... Vou te dar um exemplo, a professora Rosane, está fazendo o mestrado comigo, ela é professora da escola pública, para estar trabalhando com o SIENA, dentro do SIENA, na produção do... De uma sequência didática eletrônica com números decimais e a...
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL41: Segundo a depoente, o credenciamento das publicações do grupo se dá para aqueles pesquisadores que realmente trabalharam para produzir o resultado de pesquisa e que normalmente são dois ou três pesquisadores por artigo. Ainda ressalta que as publicações não são credenciadas para todo o grupo.
O que é dito	CDCL41: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: se dá para aqueles pesquisadores que realmente trabalharam para produzir o resultado de pesquisa. O grupo não publica em nome de todo o grupo.
Unidades de sentido	CL: Por exemplo, os testes adaptativos foram trabalhados, ela trabalhou, a minha aluna de iniciação científica trabalhou, a minha aluna de iniciação científica e eu, então <u>nós escrevemos um artigo só em cima dos testes que foram realizados com essas três pessoas. Já a sequência didática que foi realizada por ela, sob minha orientação, eu e ela estamos publicando, e assim vai...</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL42: De acordo com a entrevistada, em seu grupo, são escritos artigos a partir de testes realizados e exemplifica, que temáticas já realizadas anteriormente por ex-orientandos também são objetos de investigações.
O que é dito	CDCL42: Das publicações do grupo de pesquisa: escrita de artigos a partir de testes realizados anteriormente por ex-orientandos são objetos de investigações.
Unidades de sentido	CL: Vão acontecendo os artigos, né! Nós... Não é o grupo que assina os artigos e sim, cada resultado de pesquisa por quem trabalhou e fez... E trabalha em cima disso, <u>embora todo grupo conheça, dê opinião, leia, a autoria é por quem trabalhou naquela pesquisa, com aqueles resultados... e encontrou aqueles resultados.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL43: Segundo a entrevista, embora todos os pesquisadores conheçam, discutam e opinem sobre os diversos trabalhos realizados no grupo de pesquisa, a autoria é direcionada apenas para quem trabalho no desenvolvimento da pesquisa.
O que é dito	CDCL43: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: embora todos os pesquisadores conheçam, discutam e opinem sobre os diversos trabalhos realizados no grupo de pesquisa, a autoria é direcionada apenas para quem trabalho no desenvolvimento da pesquisa.
Unidades de sentido	A: <i>Podemos notar que o grupo possui 5 pesquisadores e 9 estudantes, alguns deles ex-orientandos da senhora. Como a senhora entende essa permanência?</i> CL: <u>Se eles continuarem participando das reuniões, desenvolvendo trabalhos, interessados, motivados, fazendo pesquisa eles ficam no grupo, se não eles são retirados no grupo.</u> Eles têm que participar das reuniões, participar das leituras, desenvolver experimentos, né!
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL44: De acordo com a entrevista, a permanência de ex-alunos no grupo se dá quando, esses já

	pesquisadores formados continuam participando das reuniões, desenvolvendo trabalhos, estando interessados e motivados no desenvolvimento de pesquisas, caso contrário, eles são retirados no grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCL44: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: com a continuidade das participações nas reuniões, desenvolvendo trabalhos, estando interessados e motivados no desenvolvimento de pesquisas, caso contrário, eles são retirados no grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	CL: Participar das reflexões que o grupo realiza né! Assim... <u>Penso que a permanência deles seja extremamente positiva porque tu tens visões diferenciadas</u> , né! Tu tens... Eu acho extremamente importante no grupo, você ter alunos em formação inicial, alunos em formação continuada, alunos que estão atuando, professores que estão atuando na vida acadêmica, professores que estão dando aula na educação básica, outros que estão atuando no ensino superior, isso dá uma visão mais completa da relação de currículo de compromisso que esse currículo de matemática tem com a sociedade, né!
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL45: Segundo a professora entrevistada, de seu ponto de vista, a permanência de ex-alunos no grupo é extremamente positiva, pois isso possibilita ao grupo visões diferenciadas.
O que é dito	CDCL45: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: é extremamente positiva, pois isso possibilita ao grupo visões diferenciadas.
Unidades de sentido	CL: <u>Então eu acho isso extremamente importante, e acho extremamente importante esses convênios que eu te falei, essa ideia do pesquisador externo que vem te acompanhar que tu vai visitar que tu acompanhas o grupo de pesquisa dele, isso é extremamente importante</u> , e eu acho extremamente saudável a convivência de alunos de iniciação científica com alunos de mestrado e doutorado, com professores da rede pública, né!
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL46: Segundo a entrevistada, a permanência de ex-alunos no grupo é extremamente positiva, e também ressalta que de seu ponto de vista, os convênios firmados com outros grupos também são importantes para o grupo, por receber pesquisadores visitantes e ir visitar outros grupos.
O que é dito	CDCL46: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: é extremamente positiva, salientando que os convênios firmados com outros grupos também são importantes, pois recebem pesquisadores visitantes e também visitam outros grupos.
Unidades de sentido	CL: Por exemplo, agora essa professora que está fazendo o pós-doutorado conosco é uma professora brilhante, que vem contribuir com o grupo, que vem com outra experiência, vem do interior do estado do Rio Grande do Sul, então é uma professora que viaja... O nome dela é Ancila, professora Ancila. A professora Ancila viaja, vem de longe para vir participar do grupo, <u>então isso contribui muito com o grupo. Só isso já mostra a motivação que as pessoas têm</u> . Os convênios no meu ponto de vista contribuem para a produção do grupo. Contribui extremamente porque tu tens novas visões, novos pontos de vistas, outras realidades, porque é... Uma coisa é tu conhecer a sua realidade, eu acho extremamente importante quando tu falar em pesquisa em currículo é tu conhecer a realidade, tu tem que conhecer a realidade das escolas, conhecer a comunidade escolar em que essa escola está inserida e onde esse currículo vai atuar, né! E conhecer as políticas públicas que atuam nesse currículo, que fazem na realidade esse andar da escola. E quando tu tens outras realidades, isso tem outros aportes né, que vão te mostrar que a realidade é diferente, que os currículos são diferentes, que as concepções são diferentes, que as tradições são diferentes, quer dizer, que tudo são outros pontos de vistas que vem para contribuir, evidentemente que te fazem refletir, fazem pensar, fazem buscar outros caminhos, né!
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL47: Segundo a entrevista, de seu ponto de vista, a permanência de ex-alunos e a participação de pesquisadores visitantes contribuem muito com o desenvolvimento das pesquisas e demonstra a motivação dos membros do grupo.
O que é dito	CDCL47: Da permanência de ex-aluno no grupo de pesquisa: contribuem muito com o desenvolvimento das pesquisas e demonstra a motivação dos membros do grupo.

Unidades de sentido	<p>A: Essa permanência, <i>ela é positiva, do seu ponto de vista? Para quem? Para a sua instituição? Para aquela onde o/a participante do grupo trabalha?</i></p> <p>CL: <u>Sempre que falo do grupo, estou pensando nas pesquisas e quem essas pesquisas podem impactar, então na realidade quando estou falando em fazer pesquisa, eu sempre estou pensando na comunidade escolar, entendendo a comunidade escolar como todos os atores que influenciam a escola, os pais, os alunos, os professores, a direção da escola, os órgãos oficiais.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL48: De acordo com a depoente, em sua fala, quando diz do grupo, está se referindo às pesquisas realizadas e a quem essas publicações podem impactar; salienta que sempre está pensando na comunidade escolar, que de seu ponto de vista engloba todos os atores que influenciam a escola.
O que é dito	CDCL48: Do questionamento sobre as pesquisas realizadas e publicadas e do impacto que geram na comunidade escolar
Unidades de sentido	CL: <u>Inclusive a comunidade onde essa escola está inserida, então quando eu penso que vai melhorar as pesquisas, é que vão melhorar os resultados de pesquisa, e nós vamos poder influenciar... Não gosto de usar a palavra influenciar, nós vamos poder levar os nossos resultados de pesquisas para fazer outras pessoas também pensarem e refletirem também o que nós estamos refletindo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL49: De acordo com a entrevista, as pesquisas realizadas e publicadas no grupo podem influenciar ou levar os resultados a outras pessoas, possibilitando que pensem e reflitam sobre as temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
O que é dito	CDCL49: Das investigações realizadas no grupo de pesquisa: podem influenciar ou levar os resultados a outras pessoas, possibilitando que pensem e reflitam sobre as temáticas investigativas do grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	CL: <u>E pode ser que isso vá impactar a escola da maneira que nós queremos que impacte. Eu acho extremamente importante que os nossos resultados de pesquisa cheguem à escola, nós temos esse compromisso no nosso grupo, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL50: De acordo com a depoente, de seu ponto de vista é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola.
O que é dito	CDCL50: Das investigações realizadas no grupo de pesquisa: é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola.
Unidades de sentido	CL: Quando nós estamos estudando o currículo, nós não estamos pensando em um currículo para nós nos engrandecermos, e <u>sim para tentar impactar a escola, tentar influenciar a escola, melhorar essa escola.</u> E quando falo em melhorar é no sentido de qualificar o processo de ensino e aprendizagem, de melhorar a aprendizagem dos alunos, de melhorar a compreensão no sentido da matemática ela é importante para ti viver em sociedade, principalmente na sociedade contemporânea, então os nossos resultados de pesquisa tentam fazer com que isso auxilie no processo de ensino e aprendizagem e faça com que os alunos se sintam também motivados a buscar essas competências para viver na sociedade moderna com mais competência, com mais comprometimento, né! Com mais atuação positiva, é nesse sentido que nós estudamos o currículo, né! Para tentar atuar positivamente na escola, acho que foi a melhor resposta seria essa: atuar positivamente na escola.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL51: Segundo a professora entrevistada é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola, pois em sua visão, isso pode ser um modo de impactar, de influenciar, de melhorar a escola.
O que é dito	CDCL51: Das investigações realizadas no grupo de pesquisa: é extremamente importante que os resultados das pesquisas realizadas no grupo cheguem à escola, pois pode ser um modo de

	impactar, de influenciar, de melhorar a escola.
Unidades de sentido	CL: <u>O livro que está sendo lançado é de resultado de pesquisas</u> , eu agora não saberia te dizer de todos os artigos que tem no livro, mas, por exemplo, nós fizemos todo desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem das frações, trabalhamos com isso com as tecnologias, aplicamos na escola, e esses resultados nós estamos demonstrando nesse livro, por exemplo, esse é um dos artigos, né! O trabalho com as frações e o uso das tecnologias, por que tu sabes que nas escolas hoje o governos está investindo muito nas tecnologias e elas estão sendo pouco utilizada, então isso nós estamos tentando mostrar aos professores que isso é uma coisa importante e que é possível de ser utilizadas.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL52: Segundo a entrevista, as publicações do grupo são sempre resultados das investigações realizadas, exemplifica expondo um livro que está sendo lançado, em que a temática aborda o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem de frações utilizando tecnologia e aplicados em sala de aulas.
O que é dito	CDCL52: Das publicações do grupo de pesquisa: são sempre resultados das investigações realizadas pelos pesquisadores.
Unidades de sentido	CL: Então, por exemplo, nós vamos ter dois livros, um desses recursos didáticos que foram investigados e foram aplicados na escola e que nós estamos disponibilizando para os professores, o outro são os resultados de pesquisa, né! Então, por exemplo, na experiência que foi feita com equações do primeiro grau, que também foi desenvolvido na plataforma SIENA, foi feito um levantamento de dados das dificuldades dos alunos, das dificuldades individualizadas dos alunos, então nós estamos apontando isso como um resultado de pesquisa, onde é que o professor tem que se preocupar, onde é que são obstáculos epistemológicos que o aluno encontra no estudo das equações, quais são os recursos que ele poderia utilizar para tentar minimizar essas dificuldades, então é nesse sentido que nós estamos escrevendo esse livro. <u>Esse livro é resultado do projeto observatório da educação.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL53: Segundo a entrevista, as publicações do grupo são sempre resultados das investigações realizadas, exemplifica expondo um livro que está sendo lançado, em que a temática aborda o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem de frações utilizando tecnologia e aplicados em sala de aulas. Ainda segundo a entrevista, esse livro é resultado de um projeto maior, a saber, o observatório da educação.
O que é dito	CDCL53: Das publicações do grupo de pesquisa: são sempre resultados das investigações realizadas pelos pesquisadores, muitas vezes resultados de um projeto maior.
Unidades de sentido	A: <i>Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo a senhora de que modo eles avançam aqui, em seu grupo de pesquisa, e lá, em sua instituição?</i> CL: Olha, acho que a sua experiência de pesquisa te mostra caminhos. <u>Então, tu discutir resultados de pesquisa. Discutir seus caminhos de pesquisa é extremamente importante, o que leva tu a refletir <i>colaborativamente</i> é muito mais rico do que divertido, então eu acho que tem essa riqueza de estar com diferentes pensamentos, com diferentes pessoas, com diferentes pontos de vistas, com diferentes leituras e diferentes experiências, isso faz crescer [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	Colaborativamente: No texto, na US 56 a pesquisadora afirma que trabalhar colaborativamente é escutar o outro, é todos terem voz no grupo. Todos poderem opinar, serem ouvidos. Serem ouvidos, ser discutidos as suas ideias.
Unidades de significado	CL54: De acordo com a depoente, a experiência de pesquisa de cada membro do grupo direciona os caminhos investigativos e possibilita a discussão dos caminhos de pesquisa, o que de seu ponto de vista é extremamente importante. Ainda é ressaltado que a reflexão colaborativamente é muito mais rica, pois apresenta diferentes pensamentos, pontos de vistas, leituras e experiências.

O que é dito	CDCL54: De como surgem às temáticas investigativas do grupo: a experiência de pesquisa de cada membro do grupo direciona os caminhos investigativos e possibilita a discussão dos caminhos de pesquisa.
Unidades de sentido	CL: [...] então eu vejo que é isso que acontece tu estás em um grupo de pesquisa que pensa que reflete que estuda depois tu vai para o seu grupo de pesquisa, tu continua com esse ritmo de trabalho, <u>então eu acho isso extremamente importante, e tu quer fazer com que isso aconteça positivamente. Então, na realidade o grupo de pesquisa vai te possibilitar isso, experiência, discussão colaborativa.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL55: Segundo a entrevistada, de seu ponto de vista, as ações de pensar, refletir, estudar e desenvolver uma investigação junto com o grupo de pesquisa são extremamente importantes; e ainda, o grupo possibilita aos pesquisadores ter experiências e discussões colaborativas.
O que é dito	CDCL55: Das relações investigativas do grupo de pesquisa: as ações de pensar, refletir, estudar e desenvolver uma investigação junto com o grupo de pesquisa são extremamente importantes; e ainda, o grupo possibilita aos pesquisadores ter experiências e discussões colaborativas.
Unidades de sentido	CL: <u>Estar colaborativamente é escutar o outro, é todos terem voz no grupo. Todos poderão opinar, serem ouvidos. Serem ouvidos, ser discutidos as suas ideias. Ter voz no grupo é nesse sentido. Que as pessoas realmente sejam ouvidas como nem mais importante, nem menos importante que qualquer outra pessoa do grupo, todos tem as mesmas condições. E tu também fazendo parte do seu grupo, tu também se sente em condições de igualdade no seu grupo, tu não sente nem inferiorizado, nem valorizado, tu é uma pessoa do grupo que fala que ouve, que troca de opinião, que forma opinião, eu entendo colaborativo nesse sentido.</u> Eu ouço o que o outro tem a dizer, eu troco de opinião se esse outro argumenta e eu entendo que é correto, eu também argumento, também tenho opinião, também dou opinião, é nesse sentido. A: <i>Professora Claudia, agradeço sua participação, sua disposição em ajudar em minha pesquisa. Muito obrigado!</i> CL: Que nada, o que você precisar é só dizer, pois agora nós já nos conhecemos. Um abraço e um abraço na Maria Bicudo.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	CL56: Segundo a entrevistada, estar em grupo colaborativamente é escutar o outro, em um ambiente em que todos os membros tenham voz, possam opinar e serem ouvidos durante as discussões de ideias. A entrevistada ainda ressalta que ter voz no grupo significa que as pessoas realmente sejam ouvidas, nem como nem mais importante, nem menos importante que qualquer outra pessoa, e sim que todos tenham as mesmas condições. Que o grupo apresente condições de igualdade, para que os membros não se sintam inferiorizado e nem valorizado, é desse modo que o grupo entende ser colaborativo.
O que é dito	CDCL56: Das relações investigativas do grupo de pesquisa: estar em grupo colaborativamente é escutar o outro, em um ambiente em que todos os membros tenham voz, possam opinar e serem ouvidos durante as discussões de ideias.

A nona entrevista realizada ocorreu no dia 06 de fevereiro de 2015 das 08h às 09h horas no setor de administração do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, situado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, na cidade de Rio Claro – SP. O pesquisador entrevistado é o professor **Dr. Sergio Roberto Nobre**, líder de pesquisa do grupo de pesquisa em História da Matemática.

Sujeito Significativo CP: Sergio Roberto Nobre

Unidades de sentido	A: <i>Bom dia professor Sergio Nobre, primeiramente gostaria de agradecer sua disposição em</i>
----------------------------	--

	<p><i>colaborar com minha pesquisa. O senhor recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de minha investigação, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. O senhor pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p>SN: <u>O grupo de pesquisa de história da matemática é voltado a assuntos especificamente da história da matemática e que tenham alguma ligação com a Educação Matemática, filosofia da matemática e outras relações.</u> É um grupo que está vinculado ao programa de pós-graduação em educação matemática e ao departamento de matemática, agora departamento de educação matemática [...]</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN1: Segundo o entrevistado, seu grupo de história da matemática faz pesquisa sobre assuntos específicos da história da matemática e que tenham ligação com filosofia da matemática e com a Educação Matemática.
O que é dito	CDSN1: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: assuntos específicos da história da matemática e que tenham ligação com filosofia da matemática e com a Educação Matemática.
Unidades de sentido	SN: [...] mas eu diria departamento de matemática em geral porque não está presente apenas na educação e sim também na matemática, né! mas, <u>é um grupo que começou lá na década de noventa ainda, por volta de 1995 ou 1996 não tenho certeza, talvez o cadastramento do grupo foi a partir de 1996, preciso olhar isso ai, mas é um grupo que começou comigo, inicialmente com a professora Rosa Barone e com o professor Marcos Teixeira do departamento que era na época aluno do doutorado, ele estava fazendo doutorado ainda, depois ele termina o doutorado e se incorpora como docente ao grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN2: De acordo com o depoente, o grupo começou suas atividades na década de noventa, por volta de 1995 ou 1996; e salienta que inicialmente contava com a participação dele Sérgio Nobre – coordenador -, da professora Rosa Barone e do professor Marcos Teixeira que na época era aluno de doutorado.
O que é dito	CDSN2: Da criação do grupo de pesquisa e seus integrantes: começou suas atividades na década de noventa, e salienta que inicialmente contava com a participação dele Sérgio Nobre – coordenador -, da professora Rosa Barone e do professor Marcos Teixeira que na época era aluno de doutorado.
Unidades de sentido	SN: E nesse grupo quem sempre... Na verdade foi assim, como docente, quem sempre atuou junto com o grupo do programa foi o professor Ubiratan D’Ambrosio, mas não que ele atuasse como docente com presença física, mas os seus alunos, os alunos de mestrado e doutorado do Ubiratan frequentavam o grupo, <u>então sempre foi assim, nós três, nossos alunos e os alunos do professor Ubiratan que trabalham com questões de história, pois o professor Ubiratan tem um leque de trabalho, questões ligadas com a etnomatemática e outros assuntos, mas aqueles que eram alunos com assuntos da história vinham e discutiam assuntos no nosso grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN3: O entrevistado afirma que os integrantes do grupo de pesquisa sempre foram os pesquisadores/orientadores e seus respectivos orientandos; e ressalta também que no surgimento do grupo, também contavam com a participação do professor Ubiratan D’Ambrósio e de seus orientandos que trabalhavam com questões de história, etnomatemática e outros assuntos.
O que é dito	CDSN3: Da criação do grupo de pesquisa e seus integrantes: sempre foram os pesquisadores/orientadores e seus respectivos orientandos; e ressalta também que no surgimento do grupo, também contavam com a participação do professor Ubiratan D’Ambrósio e de seus orientandos que trabalhavam com questões de história, etnomatemática e outros assuntos.
Unidades de sentido	SN: Esse grupo teve uma atuação até no início... Interessante... Eu diria assim em termos de produção a gente começou a fazer muitas coisas e muitas coisas interessantes que a gente fez foi a existência – depois acabou – de uma jornada específica de história da matemática <u>aqui em Rio Claro, nós fazíamos pelo menos uma a cada semestre, nós batizamos de jornadas unespianas de</u>

	<u>história da matemática, fizemos pelo menos uns cinco ou seis encontros e depois em certo momento com a aposentadoria da professora Rosa, embora ela continuasse com seus alunos, ela se desliga um pouco.</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Aqui em Rio Claro:</i> refere-se ao programa de pós-graduação em Educação Matemática.
Unidades de significado	SN4: Segundo o entrevistado, uma ação importante do grupo de pesquisa foi à criação de uma jornada específica de história da matemática na UNESP de Rio Claro – SP, mas que depois, mas, que depois de certo período se acabou.
O que é dito	CDSN4: Das reuniões do grupo de pesquisa: a criação de uma jornada específica de história da matemática na UNESP de Rio Claro – SP, mas que depois, mas, que depois de certo período se acabou.
Unidades de sentido	SN: E ai depois de certo tempo, com o professor Sergio – que sou eu – vindo para diretoria do instituto o grupo ficou praticamente... <u>Embora o grupo ainda exista, eu sou o líder do grupo, praticamente as reuniões presenciais do grupo são feitas pelo professor Marcos Teixeira, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN5: Segundo o depoente, embora o grupo ainda exista, sendo ele o coordenador, praticamente as reuniões presenciais do grupo são realizadas e coordenadas pelo professor Marcos Teixeira.
O que é dito	CDSN5: Das reuniões do grupo de pesquisa: embora o grupo ainda exista, sendo ele o coordenador, praticamente as reuniões presenciais do grupo são realizadas e coordenadas pelo professor Marcos Teixeira.
Unidades de sentido	SN: [...] <u>Bom, produção do grupo, especificamente trabalho de mestrado e doutorado saíram do grupo na sua grande e esmagadora maioria, muitos trabalhos ligados a história do conhecimento, a história da matemática no Brasil e pouquíssimos trabalhos ligados ao assunto educação matemática, pouquíssimos. Pouquíssimos trabalhos que relacionam história com educação, nós tivemos... É claro que se nós fomos analisar a fundo, nós temos: quando eu trabalho com a história de uma instituição, como foi a criação da faculdade de filosofia de Rio Claro, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN6: De acordo com o depoente, a produção do grupo, especificamente os trabalhos de mestrado e doutorado saíram, na maioria das vezes, ligados a história do conhecimento, a história da matemática no Brasil e pouquíssimos trabalhos ligados a assunto de Educação Matemática. Ainda, ressalta que foram pouquíssimos trabalhos desenvolvidos no grupo que relacionaram história com educação.
O que é dito	CDSN6: Da produção do grupo de pesquisa: especificamente os trabalhos de mestrado e doutorado saíram, na maioria das vezes, ligados a história do conhecimento, a história da matemática no Brasil e pouquíssimos trabalhos ligados a assunto de Educação Matemática.
Unidades de sentido	SN: Eu tenho sim que ligar isso ao ensino da matemática, a educação matemática porque foi uma criação de uma faculdade com curso de matemática, que originou na formação de muitos matemáticos, então isso é educação também, mas nunca, pouquíssimos... <u>Pouquíssimos não, vou até listar, assuntos que você trabalha conteúdos matemáticos no desenvolvimento pedagógico dele, não tivemos. Tivemos um único trabalho de doutorado nessa área, os outros são todos ligados a história do conhecimento, né!</u> Esse é o grupo, um grupo pequeno na verdade, são poucas pessoas que atuam, embora se a gente for analisar o programa de pós-graduação em Educação Matemática aqui de Rio Claro, se for analisar mesmo tem muita gente que trabalha com história, é história oral, é história do ensino, é história específica com o professor Irineu Bicudo, que é história antiga, mas no grupo somos só nos três que trabalhamos nesse grupo de pesquisa.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN7: O professor entrevistado ressalta que foram pouquíssimos trabalhos desenvolvidos no grupo que tinham ligação com assuntos de Educação Matemática e cita a exceção: conteúdos matemáticos no desenvolvimento pedagógico. Afirma que a maioria dos trabalhos são ligados à história do conhecimento.
O que é dito	CDSN7: Das produções do grupo de pesquisa: os trabalhos desenvolvidos no grupo relacionado

	a Educação Matemática apresentaram os conteúdos matemáticos no desenvolvimento pedagógico como temática.
Unidades de sentido	A: <i>Em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante?</i> SN: Olha a proposta... <u>Continua na mesma proposta, né! Identificar... Então são duas linhas fortes, primeiro é a história da matemática como conteúdo que são muitos trabalhos que são analisados e estudados. Segundo forte é a história da matemática no Brasil. Alguns a gente mescla história do conteúdo no Brasil, né!</u> Por exemplo, quando que determinados assuntos de matemática foram introduzidos no país, por exemplo, geometria diferencial, quando que a geometria diferencial chega ao país. Então, são coisas assim, quais foram os primeiros trabalhos de doutorado defendidos no Brasil, que é o conteúdo, então isso a gente trabalha, mas basicamente é isso: história da matemática no Brasil e história de conteúdos matemáticos, de tópicos específicos.
Enxerto Hermenêutico	Linhas fortes: refere-se às temáticas investigativas de determinada linha investigativa.
Unidades de significado	SN8: Segundo o depoente a proposta que mantém o grupo atuante é a mesma sempre, apresentando duas linhas fortes, a primeira da história da matemática como conteúdo, e a segunda da história da matemática no Brasil.
O que é dito	CDSN8: Da temática central de investigação do grupo: duas linhas fortes, a primeira da história da matemática como conteúdo, e a segunda da história da matemática no Brasil.
Unidades de sentido	A: <i>De que modo surgem os temas a serem estudados?</i> SN: <u>Inicialmente da experiência do orientador</u> , são poucos, agora vou falar do meu caso, de todos os trabalhos orientados foram [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN9: O entrevistado afirma que os temas a serem estudados no grupo de pesquisa surgem, inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores.
O que é dito	CDSN9: De como surgem os temas investigativos do grupo de pesquisa: inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores.
Unidades de sentido	SN: [...] <u>São raros os trabalhos que não saíram da experiência do orientador. O trabalho na verdade, o aluno vem com um trabalho encomendado, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	Trabalho encomendado: refere-se às propostas de investigação feitas pelos orientadores a seus respectivos alunos.
Unidades de significado	SN10: Segundo o professor entrevistado, os temas a serem estudados no grupo de pesquisa surgem, inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores e são raras as exceções; e salienta que os alunos do grupo trabalham com trabalhos já delineados pelos orientadores.
O que é dito	CDSN10: De como surgem os temas investigativos do grupo de pesquisa: inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores e salienta que os alunos do grupo trabalham com trabalhos já delineados pelos orientadores.
Unidades de sentido	SN: Não é assim, o aluno chega e diz eu quero fazer tal coisa, não! <u>Quando o aluno chega no grupo, chega no programa, o orientador já deu o tema para ele, então é isso que acontece, eu basicamente todos os trabalhos meus, com exceção de dois, fui eu que dei o tema, então o tema sai daí.</u> Como que a gente vê isso daí? A gente vê projetos grandes que se ramificam, então, por exemplo, um projeto grande: história das instituições que [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN11: Segundo o entrevistado, os temas a serem estudados no grupo de pesquisa surgem, inicialmente, das experiências dos pesquisadores/orientadores e são raras as exceções; quando o aluno chega ao grupo, o orientador apresenta o tema para ele. Ainda, ressalta que em todos os trabalhos sob sua orientação, foi ele que apresentou o tema investigativo para o aluno.
O que é dito	CDSN11: De como surgem os temas investigativos do grupo de pesquisa: das experiências dos pesquisadores/orientadores; quando o aluno chega ao grupo, o orientador apresenta o tema para ele. Ainda, ressalta que em todos os trabalhos sob sua orientação, foi ele que apresentou o tema investigativo para o aluno.

Unidades de sentido	SN: Da institucionalização da matemática no país, um projeto grande. Projeto específico: história da sociedade paulista de matemática; história da sociedade brasileira de matemática; história da sociedade brasileira aplicada e computacional. Então, <u>a partir daí a gente vai ramificando os projetos grandes, com os outros orientadores também acontece isso, né! O professor Marcos ele também já entra na área do conteúdo, ele já desenvolve trabalhos... Embora também desenvolva trabalhos ligados a Brasil, mas mais na área do conteúdo. E a professora Rosa também, a Rosa seguiu um pouco a área da formação matemática dela, quando trabalha com coisas ligadas a álgebra e análise, principalmente análise matemática.</u> Então, a partir da formação deles, né! Mas é assim que a gente cria, começa a fazer com que os projetos caminhem.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN12: De acordo com o entrevistado, a partir da indicação do tema de investigação do orientador para os orientandos, o grupo vai ramificando os projetos grandes, em que o professor Marcos Teixeira realiza investigações voltadas para área do conteúdo, com trabalhos ligados ao Brasil; a professora realiza investigações voltadas para área de álgebra e de análise, principalmente análise matemática.
O que é dito	CDSN12: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: a partir da indicação do tema de investigação do orientador para os orientandos, o grupo vai ramificando os projetos grandes, em que o professor Marcos Teixeira realiza investigações voltadas para área do conteúdo, com trabalhos ligados ao Brasil; a professora realiza investigações voltadas para área de álgebra e de análise, principalmente análise matemática.
Unidades de sentido	A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre?</i> SN: Bom, primeiro a ideia, né! O que a gente tem, é interessante, nós temos uma discussão muito grande, essa discussão aconteceu há muitos anos, aliás essa discussão acontece desde quando existe o programa de pós-graduação aqui dentro, porque existe uma linha dentro da pós-graduação, isso estou falando dentro da pós-graduação em geral no Brasil, <u>especificamente na pós-graduação de Rio Claro que delimita, que a necessidade de uma metodologia para se trabalhar um projeto de pesquisa, né! Os trabalhos de história da matemática não atendem uma metodologia pré-concebida, não atende! Motivo: você não sabe o que vai pegar, e não sabe como vai trabalhar aquilo que você tem, você tem ideia, aí você vai a campo – campo eu digo ir aos arquivos – procurar o material, depois que você tem o material que você vai ver como trabalhar aquilo, né! Diferentemente de algumas áreas que acham: primeiro eu crio uma metodologia e depois eu faço o meu projeto.</u> Isso é sempre uma discussão, não sei se você já acompanhou, mas sempre essa discussão dentro do programa que algumas pessoas questionam o porquê história da matemática não tem uma metodologia pré-concebida. Não tem porque não deve ter! Porque ninguém sabe o que vai fazer enquanto não tiver o material em mãos, não adianta, não tem! Mas, isso é uma discussão antiga, teve até seminários, desses seminários de terça-feira sobre esse tema, feio alguns favoráveis e outros contras, é uma discussão antiga.
Enxerto Hermenêutico	Projetos de pesquisas: segundo Bicudo (1999), pro-jetar é lançar à frente, atualizando-se em ações na temporalidade e na espacialidade mundanas; no texto diz da intenção de realizar uma investigação sobre um determinado assunto.
Unidades de significado	SN13: De acordo com o depoente, o projeto maior do grupo é elaborado mediante uma discussão que acontece desde a criação do grupo de pesquisa, em que a pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP delimita a necessidade de uma metodologia para se trabalhar com um projeto de pesquisa, e segundo o entrevistado, os trabalhos de história da matemática não atendem uma metodologia pré-concebida, pois os pesquisadores não sabem o que irão investigar e como irá trabalhar a temática; e ressalta que isso os difere de outras áreas em que primeiro se cria a metodologia de pesquisa e posteriormente se constrói o projeto.
O que é dito	CDSN13: Da elaboração do projeto maior do grupo: mediante uma discussão que acontece desde a criação do grupo de pesquisa, a necessidade de uma metodologia para se trabalhar com

	um projeto, e segundo o entrevistado, os trabalhos de história da matemática não atendem uma metodologia pré-concebida, pois os pesquisadores não sabem o que irão investigar e como irá trabalhar a temática.
Unidades de sentido	SN: [...] <u>Inicialmente os projetos nossos saem da ideia, da necessidade da verificação, como que saem essas ideias? Saem a partir do contato que a gente tem no campo, tanto nacional, na área e também internacional, porque a gente começa a enxergar que determinados temas, são temas de pesquisa que precisam ser aprofundados, é isso, então a partir disso a gente aprofunda</u> , então falando mais vez de um grande projeto, um grande projeto nosso é como que foram as primeiras dissertações de doutorado defendidas no Brasil. O que era isso? Como foram? O que era o doutorado no Brasil na época que foi criado em 1842? Esse é um grande tema, especificamente: qual o conteúdo matemático que eles trabalhavam? Que tipo de literatura eles usavam? Isso é específico, né! Então, a partir de um projeto, de uma ideia grande a gente vai para suas especificidades, então tem a ideia, ataca o problema, vai no arquivo, analisa as dissertações e depois faz a forma de analisar, então são assim que surgem as ideias.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN14: Segundo o depoente, inicialmente os projetos do grupo saem a partir do contato estabelecido no campo de trabalho, tanto nacional como internacionalmente. Ainda, salienta que nesse momento que os pesquisadores começam a enxergar determinados temas que precisam ser aprofundados.
O que é dito	CDSN14: Da elaboração do projeto maior do grupo: saem a partir do contato estabelecido na realização do campo de trabalho, sendo que nesse momento os pesquisadores começam a enxergar determinados temas que precisam ser aprofundados.
Unidades de sentido	A: <i>Como o coordenador intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i> SN: <u>Olha, o líder do grupo ele tem que tomar conta daquilo que está acontecendo, essa é a função do líder, ele está aí para isso, tem que estar olhando o que os alunos estão fazendo e fazer ligação entre um e outro. É isso que o líder faz. Por exemplo, mais um exemplo, história do instituto de tecnologia da aeronáutica, dois trabalhos de doutorado, um foi defendido agora em dezembro e o outro estará sendo defendido na semana que vem ta!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN15: O entrevistado afirma que o líder do grupo de pesquisa tem por obrigação tomar conta das pesquisas que estão acontecendo, precisar estar atento ao que os alunos estão fazendo em suas pesquisas e fazer ligação entre um e outro. É isso que o líder faz.
O que é dito	CDSN15: Das ações do líder do grupo: tem por obrigação ficar atento às pesquisas que estão acontecendo, precisa estar atento ao que os alunos estão fazendo em suas pesquisas e fazer ligação entre um e outro.
Unidades de sentido	SN: O primeiro tem que estar junto com o segundo, né! <u>Então o líder tem que estar juntando, então eu dei o tema para os dois, cada um foi trabalhar independente, mas eles estavam discutindo para que um não fizesse a coisa do outro, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN16: Segundo o depoente, de seu ponto de vista, o líder do grupo tem que estar juntando as temáticas de pesquisa realizada pelos membros do grupo, e exemplifica a seguinte situação: o coordenador apresenta uma temática para dois alunos, esses que trabalham independentes um do outro, mas que interagem em discussões que delimitam ações investigativas.
O que é dito	CDSN16: Das ações do líder do grupo: tem que estar juntando as temáticas de pesquisa realizada pelos membros do grupo.
Unidades de sentido	SN: Então essa é a função do líder, levar essa intuição, levar... <u>Na verdade a liderança precisa estar fazendo com que os orientandos percebam que existe uma ligação entre os temas e que um não pode ficar dependente na verdade, quer dizer... Um não pode ficar dependente do outro por ser temas individuais, mas que um não pode estar entrando na área do outro também, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	Orientando: refere-se aos alunos, mestrandos ou doutorandos, que recebem orientação de um

	pesquisador doutor no desenvolvimento de investigações que visam à obtenção dos títulos de mestre ou de doutor.
Unidades de significado	SN17: De acordo com o pesquisador entrevistado, o líder do grupo precisa estar fazendo com que os estudantes percebam que existe uma ligação entre os temas com os quais trabalham e que um não pode ficar dependente do outro por serem temas individuais e que um não pode estar entrando na área do outro também.
O que é dito	CDSN17: Das ações do líder do grupo: precisa estar fazendo com que os estudantes percebam que existe uma ligação entre os temas e que um pesquisador não pode ficar dependente do outro por se tratar de temáticas individuais, e também que um pesquisador não pode estar entrando na área de atuação do outro.
Unidades de sentido	A: <i>Como os membros se mantêm ligados ao grupo de pesquisa e trabalham em torno do tema, tanto individualmente, em parceria com mais alguém, como com o grupo de pesquisa?</i> SN: <u>Trabalhando os dois modos. Individualmente principalmente e tendo o trabalho coletivo, a função do grupo é essa, você juntar de vez em quando os trabalhos comuns e falar: eu fiz isso, fiz aquilo, posso te ajudar nisso e posso te ajudar naquilo. Essa é a função... E é assim que se desenvolve o trabalho.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN18: De acordo com o depoente, os membros do grupo se mantêm ligados à temática investigativa do grupo, trabalhando de dois modos: individualmente e procurando unir o que de comum há entre os trabalhos. Ainda ressalta que a função do grupo é juntar os trabalhos comuns.
O que é dito	CDSN18: Do envolvimento dos membros do grupo com a temática investigativa: trabalhando de dois modos: individualmente e coletivamente.
Unidades de sentido	A: <i>Este grupo, por ser credenciado ao CNPq, tem o caráter de ser institucional. O senhor considera essa característica de “institucionalidade” importante?</i> SN: <u>Importantíssima, a universidade precisa saber o que está acontecendo. Importantíssima mesmo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN19: O pesquisador entrevistado afirma que de seu ponto de vista, o grupo ser institucional é importantíssimo, pois a universidade precisa saber o que está acontecendo no grupo.
O que é dito	CDSN19: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importantíssimo, pois a universidade precisa saber o que está acontecendo no grupo.
Unidades de sentido	SN: <u>[...] Infelizmente, agora vou falar como administrador, nós recebemos aqui, nós sabemos que existe não sei quantos grupos cadastrados no IGCE, mas que tem uma porcentagem grande de líderes de grupos que se quer entra <i>no site</i> para atualizar o site e por isso eles perdem o cadastro no final do ano, ai eles passam a ser des-cadastrados. É importante, a universidade precisa dessa informação, se você criou o grupo, você precisa manter ele em dia, isso é importantíssimo.</u>
Enxerto Hermenêutico	IGCE: Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP de Rio Claro – SP; No site: refere-se ao diretório de grupo de pesquisa do CNPq.
Unidades de significado	SN20: O entrevistado salienta que, ao falar como administrador, é visível que existe uma grande porcentagem de grupos cadastrados no IGCE da UNESP de Rio Claro – SP que não atualizam o grupo na plataforma do CNPq e conseqüentemente, anualmente perdem o cadastro.
O que é dito	CDSN20: Da institucionalização do grupo de pesquisa: há uma grande porcentagem de grupos cadastrados no IGCE da UNESP de Rio Claro – SP que não atualizam o grupo na plataforma do CNPq e conseqüentemente, anualmente perdem o cadastro.
Unidades de sentido	A: <i>E para o grupo?</i> SN: <u>O grupo na verdade se usa como forma assim: eu sou ligado a um grupo. As pessoas individuais do grupo se usam. O grupo ele existe, se o grupo não está atualizado ele deixa de</u>

	<u>existir</u> , seria bom você inclusive, no seu trabalho fazer uma análise sobre isso, porque de todos esses grupos que você falou, existem muitos que existem porque foram criados lá há dez, quinze anos atrás e nunca mais ninguém o atualizou, portanto ele deixou de existir, né! Isso estou falando como administrador, quando estou lá sala de aula, quando estou lá no departamento não percebo isso, mas agora como administrador, meu diretor vem e mostra: olha, nós temos tantos grupos, mas só que esse, esse e esse não estão atualizados, então eles estão descredenciados do CNPq, então isso é ruim para a universidade.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN21: De acordo com o professor entrevistado, se um pesquisador é ligado a um determinado grupo de pesquisa, ele utiliza disso para se expor e ser reconhecido por outros grupos; ainda salienta que a existência do grupo depende da frequente atualização, caso contrário deixa de existir.
O que é dito	CDSN21: Da institucionalização do grupo de pesquisa: caso um pesquisador seja ligado a um determinado grupo de pesquisa, ele utiliza disso para se expor e ser reconhecido por outros grupos; ainda salienta que a existência do grupo depende da frequente atualização, caso contrário deixa de existir.
Unidades de sentido	A: <i>Essa característica contribui com o fortalecimento do seu grupo?</i> SN: <u>Não. O grupo pode existir sem <i>isso</i>.</u>
Enxerto Hermenêutico	Isso: refere-se a adequação do grupo as exigências do diretório de grupo do CNPq.
Unidades de significado	SN22: Segundo o depoente, ser institucional não é condição necessária para o fortalecimento do grupo, pois de seu ponto de vista, o grupo pode existir sem ser institucional.
O que é dito	CDSN22: Da institucionalização do grupo de pesquisa: não contribui para o fortalecimento do grupo, pois de seu ponto de vista, o grupo pode existir sem ser institucional.
Unidades de sentido	SN: <u>A institucionalidade é importante para a visão do grupo, mas não influencia. O grupo pode existir e você não precisa ser oficial para fazer trabalhos, mas é importante que você oficialize para mostrar o trabalho, é a grade história do mundo acadêmico, não adianta você produzir, se você não mostrar o que você produziu.</u> Essa é a grande história, você precisa mostrar. E como você mostra? Publicando, expondo seus trabalhos, apresentando em congressos. Essa é a forma, infelizmente a forma acadêmica, não adianta você produzir um monte de coisa boa e deixar guardadinho na sua sala, você precisa divulgar aquilo que você faz.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN23: O pesquisador afirma que a institucionalidade, de seu ponto de vista, é importante para a visão do grupo, mas não influencia o trabalho; e salienta que o grupo pode existir sem a institucionalidade, mas que para produzir trabalhos, a institucionalização é importante e enfatiza que pela grade histórica do mundo acadêmico, não adianta o grupo produzir e não expor para a sociedade.
O que é dito	CDSN23: Da institucionalização do grupo de pesquisa: é importante para a visibilidade do grupo, mas não influencia a pesquisa propriamente dita; que o grupo pode existir sem a institucionalidade, mas que para tornar os trabalhos conhecidos, a institucionalização é importante.
Unidades de sentido	A: <i>É justamente isso que iria perguntar, como são apresentadas as pesquisas do grupo?</i> SN: <u>Congressos em geral, meus alunos participam de todos os congressos da área, quer dizer, de pelo menos quase todos, todos que eu indico, embora sejam poucos, mas os congressos que existem a gente tem que participar. Nós temos como meta que os nossos alunos participem dos nossos eventos.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN24: De acordo com o pesquisador entrevistado, as pesquisas realizadas no grupo são apresentadas em congressos em geral, seus orientandos participam de quase todos os congressos da área e salienta que existem poucos congressos da área, sendo assim, o grupo tem por meta que os alunos participem desses eventos.

O que é dito	CDSN24: De como são apresentadas as pesquisas do grupo: em congressos em geral, seus orientandos participam de quase todos os congressos da área e salienta que existem poucos congressos da área, sendo assim, o grupo tem por meta que os alunos participem desses eventos.
Unidades de sentido	A: <i>E essa produção é credenciada em nome de quem?</i> SN: <u>Do aluno. Esse é outro assunto que mexe um pouco com a forma de muitos enxergarem a academia, né! No nosso grupo de pesquisa, diferentemente de muitos outros e de muitas outras pessoas, nós não consideramos que o trabalho do aluno seja um trabalho do orientador, nós não consideramos isso, portanto se o aluno fez o trabalho é dele, não é para colocar nome de professor nesse trabalho, a não ser que esse trabalho tenha sido feito em conjunto, aí então é claro, faz o trabalho conjunto.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN25: De acordo com o depoente, as publicações são credenciadas em nome de quem as produziu. Enfatiza que de seu ponto de vista, esse assunto mexe um pouco com a forma que muitos pesquisadores enxergam a academia e afirma que no grupo de pesquisa, diferentemente de muitos outros, não consideram que o trabalho do aluno seja também do orientador, portanto se o aluno desenvolveu o trabalho, a produção é dele, não colocando o nome do orientador nesse trabalho, a menos que o trabalho tenha sido feito em conjunto.
O que é dito	CDSN25: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: em nome de quem as produziu e não consideram que o trabalho do aluno seja também do orientador, portanto se o aluno desenvolveu o trabalho, a produção é dele, não colocando o nome do orientador nesse trabalho, a menos que o trabalho tenha sido feito em conjunto.
Unidades de sentido	SN: [...] Agora <u>nós não entendemos que só porque o aluno trabalha dentro do laboratório x e produziu alguma coisa que ele tem que colocar o nome do coordenador do laboratório em todo trabalho que for publicado</u> , nós não entendemos isso aí não. Mas, isso é uma discussão acadêmica de difícil trato, não é fácil você levar isso para a academia, porque a academia entende de forma geral, que se você é responsável por um laboratório x, todo trabalho que for publicado ali tem que sair com seu nome, eu não acho assim, o professor Marcos não acha assim, embora a gente tenha trabalho conjunto, porque a gente senta junto, agora não é porque eu dei a ideia de um trabalho que o meu nome tem que aparecer nele, eu não entendo assim porque a minha função é dar ideia, eu estou aqui para isso, sou pago para isso, né! Nós não atuamos assim, pelo menos de minha parte.
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN26: Segundo o entrevistado, o grupo não entende que o pertencimento do aluno no laboratório de pesquisa x, e conseqüentemente produza nesse espaço, dá o direito de as produções apresentarem o nome do coordenador do laboratório em todos os trabalhos que forem publicados pelo grupo.
O que é dito	CDSN26: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: não entende que o pertencimento do aluno no laboratório de pesquisa x, e conseqüentemente produza nesse espaço, dá o direito das produções apresentarem o nome do coordenador do laboratório em todos os trabalhos que forem publicados pelo grupo.
Unidades de sentido	A: <i>Como o senhor entende permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa?</i> SN: Olha, na verdade alguns saem, mas continuam trabalhando com a gente, né! <u>Continuam pessoas que estão ligadas a gente e que ficam assim produzindo na mesma área, não produzindo conjuntamente, mas estão ligadas a gente, né! E por isso que a gente gosta de... Na verdade de fortalecer o grupo com a presença dessas pessoas, eu acho que todos os pesquisadores...</u> Todos que são considerados pesquisadores são meus alunos inclusive, não tem nenhum aluno da Rosa, nenhum aluno do Marcos, só tem meu, são todos meus alunos. Então os que estão considerados pesquisadores no grupo. Vou contar a história da Luciele, ele foi orientada pelo professor Ubiratan, mas o trabalho dela foi o trabalho meu. Fui eu que dei a ideia, então ela ficou praticamente o tempo todo orientada pelo professor Ubiratan, pois eu não tinha vaga para

	orientar na época quando ela entrou, e aí o trabalho foi desenvolvido dentro do grupo e por isso que ela entrou como pesquisadora do grupo. E na verdade porque... É assim, quando a pessoa vai para alguma universidade ela precisa se mostrar presente em algum grupo de pesquisa, e aí ela pediu para que o nome dela ficasse no grupo como pesquisadora. Mas, ela foi orientada pelo Ubiratan no mestrado e doutorado, ela que começou o projeto sobre as sociedades científicas, que ela fez sobre a sociedade de São Paulo, então foi um trabalho que na verdade eu que dei o tema e foi trabalhado dentro do grupo, então é por isso que a Luciele está, os outros são: o Carlos, a Mariana, a Romélia... Não lembro mais.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN27: De acordo com o entrevistado a permanência de ex-alunos ao grupo acontece quando esses pesquisadores continuam ligados ao grupo, produzindo na mesma área, não produzindo conjuntamente, mas ligados de certo modo ao grupo. Enfatiza que a presença de ex-alunos fortalece o grupo.
O que é dito	CDSN27: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: acontece quando esses pesquisadores continuam ligados ao grupo, produzindo na mesma área, não produzindo conjuntamente, mas ligados de certo modo ao grupo; que a presença de ex-alunos fortalece o grupo.
Unidades de sentido	A: <i>No ponto de vista do senhor, esta permanência, ela é positiva?</i> SN: <u>Eu acho que é positiva. É positiva porque... Por várias coisas, primeiro que você mostra que o grupo não se desfaz com a saída do aluno, o grupo se mantém, né!</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN28: O entrevistado afirma que de seu ponto de vista, a presença de ex-alunos no grupo de pesquisa é positiva, pois revela que o grupo não se desfaz com a saída do aluno, que o grupo se mantém.
O que é dito	CDSN28: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: é positiva, pois expõe que o grupo não se desfaz com a saída do aluno, que o grupo se mantém.
Unidades de sentido	SN: [...] <u>E é importante para o aluno também no início da vida acadêmica deles estar vinculado a um grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN29: Segundo o entrevistado, a permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa é positiva, pois para esse pesquisador recém-formado é importante ele estar vinculado a um grupo.
O que é dito	CDSN29: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: é positiva, pois para esse pesquisador recém-formado é importante ele estar vinculado a um grupo.
Unidades de sentido	SN: Eu, por exemplo, não faço questão nenhuma de estar vinculado a um grupo, já estive em vários outros grupos no programa de pós-graduação da PUC em história das ciências de São Paulo, no grupo da USP, já estive em vários grupos, né! <u>Eles precisavam fortalecer o grupo naquela época e me chamaram, eu não sinto falta, eu hoje que estou <i>sênior</i> na universidade, mas para as pessoas que estão começando acho importante a participação deles no grupo, por isso a gente mantém.</u>
Enxerto Hermenêutico	Pesquisador sênior: segundo informações do CNPq, refere-se ao pesquisador que se destaca entre seus pares como líder e paradigma na sua área de atuação, valorizando sua produção científica e/ou tecnológica.
Unidades de significado	SN30: Segundo o entrevistado, particularmente não faz questão de estar vinculado a nenhum grupo de pesquisa e que já esteve credenciado em vários, como por exemplo, nas universidades: PUC, UNESP e USP. Ainda, salienta que os convites de participação eram realizados, pois os grupos precisavam se fortalecer na época e que para os pesquisadores que estão começando julga ser importante a participação deles em grupo de pesquisas.
O que é dito	CDSN30: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: não faz questão de estar vinculado a nenhum grupo de pesquisa e que já esteve credenciado em vários; os convites de participação eram realizados, pois os grupos precisavam se fortalecer; para os pesquisadores que estão começando é importante a participar em grupo de pesquisas.

Unidades de sentido	<p>A: <i>Sabemos que muitos desses pesquisadores atuam em outras universidades onde orientam alunos então, segundo o senhor de que modo eles avançam aqui, em seu grupo de pesquisa, e lá, em sua instituição?</i></p> <p>SN: Bom, ai já os alunos deles é outro caso, ai eles mesmos criam os grupos deles. <u>Eles avançam na pesquisa do grupo quando eles continuam a trabalhar aquilo que foi desenvolvido no grupo. Então se eles continuam, estão vinculados ao grupo e dão continuidade ao trabalho de pesquisa que eles iniciaram no grupo, eles avançam com o grupo, né!</u> É claro que a estatística disso a gente não coloca o... Esse site do CNPq é muito ruim porque a gente não consegue, por exemplo, a não ser que eu faça um relato extenso contando tudo que não é esse o objetivo do site, né! Mas, por exemplo, uma coisa que não consigo colocar no site, qual é a produção científica dos egressos do grupo, né! Eu tenho, por exemplo, alunos que fizeram parte do grupo, que publicaram vários livros e artigos na área, têm alunos continuam orientando em programas de pós-graduação na área, ou seja, que tipo de escola foi criado? Por exemplo, vou dar um exemplo, que é um exemplo importante de ser dado, a professora Maria Bicudo tem uma escola forte, ela criou uma escola, então ela tem os egressos da orientação dela, não sei se ainda estão vinculados ao grupo dela ainda, mas que atuaram com ela e deram continuidade ao trabalho dela, né! Exemplo do Adlai que está sempre ai, e a Rosa Monteiro e muitos outros, a Queiroga... São pessoas lá do passado que até hoje continuam fazendo aquilo que a Maria começou com elas, né!</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN31: De acordo com o entrevistado, os pesquisadores formados e que permanecem no grupo avançam na pesquisa do grupo, quando eles continuam investigando aquilo que foi desenvolvido em suas pesquisas. Então se eles continuam, estão vinculados ao grupo e dão continuidade a investigação de pesquisa, entende que estão avançando com o grupo de pesquisa.
O que é dito	CDSN31: De como os pesquisadores que continuam no grupo avançam em suas pesquisas: quando eles continuam investigando aquilo que foi desenvolvido em suas pesquisas. Então se eles continuam, estão vinculados ao grupo e dão continuidade a investigação de pesquisa, entende que estão avançando com o grupo de pesquisa.
Unidades de sentido	SN: [...] Então esse... Por isso que seria importante se você analisasse isso, o que será que aconteceu depois do grupo, né! E por isso essa história a gente não tem, <u>veja bem, uma coisa é assim, o aluno passa pelo grupo, por exemplo, eu tenho vários alunos que passaram pelo grupo e que não ficaram nem como pesquisadores, né!</u> Mas, que deram continuidade na vida acadêmica, qual é a força disso tudo? Qual é a força desse grupo? Será que esse grupo serviu para alguma coisa, para dar continuidade? O exemplo é a professora Maria no grupo dela, que deu continuidade ao trabalho dela, será que outros grupos fazem isso? Será que todos os alunos que estão dentro do grupo conseguem dar essa continuidade?
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN32: Segundo o entrevistado existem alunos – mestrados ou doutorandos - que passaram pelo grupo, se formaram e não ficaram nem como pesquisadores.
O que é dito	CDSN32: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: existem alunos – mestrados ou doutorandos - que passaram pelo grupo, se formaram e não ficaram nem como pesquisadores.
Unidades de sentido	SN: [...] Eu diria: não. No meu grupo não. <u>Eu tenho aluno que veio, fez mestrado ou doutorado comigo e sumiu, eu nunca mais soube dele,</u> e isso certamente deve ter acontecido com a Maria também e com todos orientadores, alguns com mais e outros com menos, mas deve ser com todos.
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN33: De acordo com o depoente, ele já orientou aluno - mestrado ou doutorado, que participou do grupo, se formou e nunca mais soube nenhuma notícia.
O que é dito	CDSN33: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: já orientou aluno - mestrado ou doutorado, que participou do grupo, se formou e nunca mais soube nenhuma notícia
Unidades de sentido	SN: [...] Então isso é importante na hora de analisar o grupo, qual foi a herança deixada pelo

	<p><u>momento que a pessoa ficou no grupo.</u> No nosso grupo os egressos aparecem no site do CNPq, pois teve um tempo que começamos a colocar as dissertações defendidas, mas agora está desatualizado aquilo.</p> <p><i>A: Professor Sergio Nobre quero agradecer sua participação, muito obrigado em dispor do seu tempo para realizarmos essa entrevista. Peço sua autorização para transcrever e analisar a entrevista.</i></p> <p>SN: Anderson, não sei se ajudo em alguma coisa, mas fique a vontade em me procurar. Um abraço para professora Maria.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	SN34: Segundo o pesquisador entrevistado é importante analisar qual foi a herança deixada pelos pesquisadores que não permaneceram no grupo.
O que é dito	CDSN34: Da permanência de ex-alunos ao grupo de pesquisa: é importante analisar, qual foi a herança deixada pelos pesquisadores que não permaneceram no grupo.

A décima e última entrevista realizada ocorreu no dia 16 de fevereiro de 2015 das 10h às 15h horas na residência da professora Dra. **Lourdes de La Rosa Onuchic**, na cidade de Santa Bárbara D'oeste. A pesquisadora entrevistada é líder de pesquisa do grupo de Trabalho e Estudos em Resolução de Problemas.

Sujeito Significativo LO: Lourdes de La Rosa Onuchic

Unidades de sentido	<p><i>A: Bom dia professora Lourdes de La Rosa Onuchic, primeiramente gostaria de agradecer sua disposição em colaborar com minha pesquisa. A senhora recebeu uma carta convite de minha orientadora, onde foi apresentado o foco de minha investigação, sobre o como se dá a produção do conhecimento em Educação Matemática no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados. A senhora pode apresentar o seu grupo de pesquisa?</i></p> <p>LO: Bem, para fazer essa pergunta <u> você foi testemunha de uma coisa, um rapaz que fez o mestrado comigo, me telefonando para ver como é que ele vai trabalhar no curso que ele vai dar novo, como é que ele pode colocar nossas ideias de trabalho, se eu posso dar uma ajuda.</u></p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO1: Segundo a pesquisadora entrevistada, ao iniciar a entrevista fui testemunha de quando um ex-aluno do grupo que foi orientando de mestrado, a telefonou para ver como é que ele vai trabalhar em um curso novo que está oferecendo, como é que ele pode colocar as ideias de trabalho do grupo.
O que é dito	CDLO1: Da permanência de ex-alunos no grupo de pesquisa: um ex-aluno do grupo que foi orientando de mestrado, telefonou-lhe para saber como é que ele vai trabalhar em um curso novo que está oferecendo, como é que ele pode colocar as ideias de trabalho do grupo.
Unidades de sentido	LO: Então, a nossa dinâmica é uma coisa assim, <u>eu sempre gostei de grupo de trabalho.</u> eu não acho interessante <u> você ter o seu isolamento</u> , fico muito triste quando eu vejo alguns dos meus alunos dizerem: eu não falo o que estou fazendo, porque o outro pode me roubar a ideia. Esse não sabe trabalhar em grupo, porque se acha que o outro vai roubar a ideia, então você não poderia ler um livro, porque a ideia foi do outro, não poderia fazer nada. Então quando eu era aluna na faculdade de filosofia, ciências e letras da USP de São Paulo, eu entrei em 1951 e me formei em 1954. Nós entramos em vinte alunos e saímos quatro formados, veja em 1954 já... O que a faculdade de filosofia queria, a faculdade de filosofia a ideia era, se nós formamos um bom professor, o aluno vai aprender, só se falava em ensino, o professor ensina e se ele for bom o aluno aprende, era uma consequência, era esta a cabeça. E o professor Omar, era o professor que nos dava... Foi professor nosso de cálculo no segundo ano e ele já pegou os alunos

interessados em escola, em aprender e formou um grupo conosco, onde todos nós tínhamos oportunidade de falar, tínhamos obrigação de ouvir e tínhamos que por as nossas dúvidas e aquilo que acreditávamos e o professor Omar era uma pessoa realmente... Era um comunista, na ocasião, ele as vezes convidava a gente para ir para em reuniões. – Professor Omar Catunda, eu não vou! – Eu sou católica, eu não vou! - Mas Lourdes, você pensa que comunista come criança? – Não, comunista não faz isso, comunista faz... – Professor, eu acredito e não vou discutir com o senhor, e nem vou trazer o senhor para minha igreja, mas eu não vou entrar... Eu não sabia direito se era contra o comunismo, mas a palavra era meio pecaminosa para nós. Omar Catunda, uma pessoa excelente e que no meu casamento ele foi, ele me deu de presente aquela nossa senhora que tenho em minha sala, e se ajoelhou (risos), foi muito engraçado, eu nunca fui a reunião dele, mas ele foi ao meu casamento. Ele era muito querido da gente, e nós quatro que nos formamos, fomos: Ubiratan, eu, Almerindo Basso que foi responsável para quando começou o primeiro grau, a mudança de sair do ginásio do colégio para primeiro grau, ele era responsável junto à secretaria de educação para fazer a matemática toda dessa, então foi interessante, e a Iracema, essa foi ser professora de matemática no IME, essa faleceu e os outros três estamos vivos ainda. E o que a gente via naqueles encontros era o que havia na época, você tinha que ser um bom professor, e ser um bom professor, o que era? – Era aquele que sabia matemática. O meu curso, nós fizemos três anos só matemática, tanto que nós saímos bacharel e licenciado. Fizemos toda a matemática, tivemos professores excepcionais, Abraão de Moraes, que tem uma cratera na lua que tem o nome dele, o Mario Shendber, um nome famosíssimo da física, uma pessoa esquisita, era muito excêntrico, ele fumava na sala de aula e às vezes ele fumava o giz, as vezes ele pendurava o guarda-chuvas no braço e esquecia de tirar, era bem assim, mas era um físico excelente, tivemos o Marcelo de Souza Santos da física, eu detestava ele porque ele usava matemática e não dizia o que a física dizia, mas de qualquer maneira, tivemos gente muito importante, aquele primeiro grupo que você ouviu na defesa da Angélica, o primeiro grupo que se formou do professor Lacase, o que... Quem eram os professores? – Os franceses, os italianos que tinham vindo para formar a faculdade de filosofia em 1934 e depois de três anos era que estava formado, e esta gente da física, todos aqueles inclusive alguns que vieram do interior e foram para São Carlos, um monte deles que vieram para trazer a matemática que a gente não tinha, já em 1954 quando nós fomos estudar na faculdade, foi a ocasião em que houve os concursos para Candido Lima de Souza Dias, Edson Fará, Fernando Furquim de Almeida, Castruti nós assistimos todas as defesas, fazer um concurso era uma coisa excepcional, agora você vai defender o doutorado e vai meia dúzias de pessoas, ninguém da atenção, não vai professor nenhum. Como se fosse uma coisa vulgar, e não é. Bem o que acontece é que o Catunda formava grupos e eu sempre gostei porque desde criança eu gostava de juntar crianças da minha idade para a gente ler um livro, discutir o livro, para a gente fazer o problema, estar em grupo, essa solidariedade do grupo fazia com que eu pensasse mais de uma vez porque não era só eu falar e responder para mim mesmo era ouvir os outros e me fazer refletir e ver o que acrescentava em mim e o que eu acrescentava ao outro, isso desde criança, eu acho que isto eu devo a minha irmã mais velha, que faleceu agora dia 3 de outubro, esta minha irmã, ela tinha oito anos a mais do que eu, e ela foi da nossa família que era uma família... Vamos dizer que era uma classe média, mas uma classe média de pais não letrados, o máximo que meu pai tinha era o curso primário, mas foi conseguir criar vinte e dois tipos diferentes de máquina pela prática dele que fazia e a minha mãe aprendeu a ler com o pai dela, então a nossa família não tinha uma estrutura de escola, mas meu pai tinha uma cabeça muito boa e dizia: - se nós não fomos os nossos filhos vão. E quando a minha irmã foi para escola, ela fez o primário e o professor foi dizer para o meu pai que ela era muito inteligente e que ela deveria ir para um ginásio e havia em São Paulo um ginásio do Estado, só um. E para entrar era difícil, entravam os filhos de gente preparada, e a minha irmã entrou no primeiro ano lá, fez o ginásio que era de cinco anos, ai tinha um pré-universitário, e ela quis fazer faculdade, os amigos do meu pai diziam: - Mas José, mulher tem que aprender a cozinhar, cuidar de casa, costurar. E ele dizia: - Mas, ela quer estudar e eu fico muito orgulhoso. E ela foi para

	universidade, então mocinha ela terminou o curso de letras clássicas: português, latim e grego e ganhou muito dinheiro dando aula de latim particular porque as crianças ficavam reprovadas no ginásio em matemática e latim.
Enxerto Hermenêutico	<i>Grupo de trabalho:</i> refere-se ao grupo de pessoas, constituído por professores da pós-graduação e alunos que se reuniam com o objetivo de estudar determinados temas.
Unidades de significado	LO2: De acordo com a depoente, ela sempre gostou de grupo de trabalho, e salienta que não acha interessante pesquisadores serem isolados.
O que é dito	CDLO2: Da constituição do grupo de pesquisa: ela sempre gostou de grupo de trabalho, e salienta que não acha interessante pesquisadores serem isolados.
Unidades de sentido	LO: E essa minha irmã, eu era a pequeninha da casa, então ela me olhava como aquela que ela tinha que orientar, vamos dizer, a mãe intelectual foi ela mais do que a minha mãe de verdade, então como eu entrei na escola muito cedo e meu pai queria que eu fosse a contadora da firma que ele tinha, eu deveria entrar na melhor escola de comércio que era a Alvares Penteado, que era no largo de São Francisco em São Paulo, do lado de lá era a faculdade de direito e daqui a escola Alvares Penteado, só que lá, só se entrava com doze anos e eu terminei o primário com nove, então eu fiz um ano de admissão, depois eu fiquei um ano em casa para depois poder entrar na Alvares Penteado, e nesse ano que eu fiquei em casa, a minha irmã disse: - Não pensa que você não vai para escola. Então eu tinha que ler um livro toda semana, contar o livro para ela, discutir o que eu tinha gostado mais, que palavra tinha sido difíceis para mim, então era me orientou muito nisso, matemática ela não sabia, então ela pegava um livro e dizia: - Faça toda essa lista. E eu fazia toda lista e ela olhava se a resposta batia ou não, era o máximo que ela podia fazer, mas fazia, e eu treinava, então eu não passei um ano parada, eu passei trabalhando, tinha que fazer uma redação completa todo dia, ela me ocupava, o horário de escola era como se fosse lá em casa e quando eu entrei na Alvares Penteado, eu fiquei doze, treze, quatorze e quinze, saindo com dezesseis anos, porque eu sou de julho. Eu tive um professor na Alvares Penteado, professor Greco, que era muito bom em matemática, ele dizia para mim: - Menina, você tem que fazer matemática. Eu não sabia o que era fazer matemática, não estava na minha linguagem, eu sabia o que minha irmã tinha feito, mas não sabia o que era eu só sabia que ali se formava um professor de matemática. – Você imagina gastar você para ser contadora, não! E eu acabei ganhando o prêmio Veiga Filho e eu teria grátis toda a escola posterior na Alvares Penteado, então eu fiquei naquela dúvida, uso essa bolsa que estão me dando ou vou fazer matemática, e aí fui descobrir eu e minha irmã que para fazer matemática eu tinha que fazer o científico, e para fazer o científico eu deveria ter o ginásio, mas a minha escola não era uma escola de ginásio, era uma escola de comércio e não havia equiparação, então eu teria que fazer o ginásio outra vez, mas como eu tinha a bolsa, o doutor Orácio Berklin que era o diretor, e ele estava muito ligado porque ele estava em busca de equiparar, porque dentro do curso de comércio nós tínhamos latim, educação moral e cívica, tínhamos todas as disciplinas do ginásio, mas não estava equiparado, aí como eu ganhei a bolsa, ele foi para o ministério discutir, eu não tinha... Eu estava muito preparada, não precisava fazer outra vez o ginásio. E aí, o que eles conseguiram foi que eu fizesse com dezesseis anos o exame de maturidade, hoje nós temos o supletivo que é uma vergonha. Na maturidade você tinha que fazer todas as disciplinas do ginásio, não poderia ser reprovado em nenhuma, então era muito difícil, e esse exame de maturidade estava preparado para as pessoas de mais idade que precisavam de um diploma de ginásio para galgarem outras posições, então eram adultos que iam, por isso era preciso ser maior de dezoito anos, e quando eu fui fazer esse exame eu passei em tudo, e aí eu pude fazer o científico. Então eu fiz o científico, nós éramos em dezessete alunos, desse só passei eu. Um ficou em inglês, outro em matemática, daí você tinha que fazer de novo todos os exames, hoje não você passa em um tiquinho aqui do supletivo e já carrega o outro e você sai sem saber nada, mas o que acontece foi que eu fui para o colégio Panamericano, meu pai procurava sempre as melhores escolas, ele achava que a gente tinha direito de uma escola boa e na... Lá no Panamericano, a escola paulista de medicina que hoje é a UNIFESP, a escola paulista de medicina preparava alunos para entrarem na medicina, então era também um grupo de

	<p>dezesseis, dezessete alunos, não chegava, não passava de vinte e era um pessoal fantástico que dava aula, inclusive o Lacase dava aula lá, o Abraão Bloc dava aula lá, era gente muito boa e... Só que eu comecei em março desse ano que 1948, que eu ia fazer dezessete e meu pai faleceu no dia 10 de agosto, foi na época da guerra, as pequenas empresas começaram a cair, foi a época do gasogênio, não tinha gasolina, como nós estamos passando um período ruim com as empresas hoje, naquele tempo foi bem sério e meu pai faleceu, teve dois infartos seguidos e quando ele morreu nós fomos ver que o patrimônio que nós tínhamos, praticamente nós tínhamos equiparados em dívida. Então toca mudar de vida, eu fui para escola pública, foi muito bom eu ter ido para escola pública, porque até lá a gente ficava sempre um pouco assim na nata, e a gente não era a nata, vamos dizer, era aquele que entrava na nata porque reconhecia valor nas coisas, e aí eu fiz o colégio Presidente Roosevelt, que aí já havia mais escolas públicas e quando eu estava no terceiro ano da faculdade eu fui dar aulas já nessa escola, eles pegavam a gente, pois também já não havia tanto professores e estava aumentando as escolas, mas sempre em todas essas escolas eu fazia um horário de trabalho com alunos, um grupinho aqueles que estavam com mais dificuldade havia um horário, a gente fazia, conversava, levava os problemas, discutia, levava para casa, as dúvidas que tinha... Eu sempre achei que na hora de por, não só aqueles que queriam porque não sabiam, mas por também aqueles que não sabiam mas que gostaria de aprender e esses grupos deram resultados, quando eu fui, nós fomos... Saímos de São José e fomos para Rio Claro nós fizemos... Fomos fazer a... Montar, criar Rio Claro, o Nelson que era... O Nelson e o professor Mario Tourasse Teixeira que eram os líderes e havia o grupo que estava trabalhando, e nesse grupo, não sei se você conhece esse livro, esse livro foi lançado no encontro da SBEM e eles todos os que foram presidentes da SBEM estavam vendendo este livro, a mulher do Cristiano Muniz que foi a escritora, e aqui o que está interessante é que nessa... Fala do contexto, fala da institucionalização da SBEM e que a Nilza Bertoni, ela era de Limeira e quando a faculdade abriu, os pais não deixavam as moças saírem da sua cidade ou da casa, então ela nunca pode fazer um curso que ela queria, quando abriu a nossa faculdade em 1959, ela foi aluna da primeira turma, certo. A Nilza, aqui no livro a página 61 é a parte dela, (começa a leitura de um trecho do livro) Graduada e licenciada em matemática pela universidade estadual paulista Júlio de Mesquita Filho, isso hoje é, naquele tempo era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro com mestrado em matemática e doutor é honoris causa, ela não fez doutorado, ela é muito ligada à escola elementar, uma pessoa fantástica, gosto muito dela. Depois da Nilza, quem foi o outro... Dante, página 95, foi o segundo presidente da SBEM. O Dante era goleiro do São Paulo futebol clube, nesta ocasião ele era de São Pedro e também veio para cá por ser perto e poder vir, ele era goleiro do São Paulo e resolveu largar para fazer matemática e o Dante foi muito ligado a mim, aqui ele conta uma história dele. (começa a leitura de um trecho do livro) <u>Em 1965, a professora Loudes de La Rosa Onuchic que ainda é ativa na SBEM iniciou em Rio Claro na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje UNESP, seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática.</u></p>
Excerto Hermenêutico	SBEM: Sociedade Brasileira de Educação Matemática. UNESP: Universidade Estadual Paulista.
Unidades de significado	LO3: Segundo a entrevistada, existe um livro escrito por todos os presidentes da SBEM, e nesse livro, no capítulo escrito pelo professor Dante, é apresentado que em 1965, a professora Loudes de La Rosa Onuchic iniciou em Rio Claro na antiga faculdade de filosofia, ciências e letras, hoje UNESP seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática.
O que é dito	CDLO3: Da constituição do grupo de pesquisa: em 1965, a professora Loudes de La Rosa Onuchic iniciou em Rio Claro na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje UNESP seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática.
Unidades de sentido	LO: Então, eu <u>peguei daquele grupo da licenciatura quem gostava de ensinar, quem gostava dessa vida de ver o outro ter a alegria de ver quando uma criança aprendia e de que maneira nós trabalhávamos e de que maneira deveríamos melhorar essa forma.</u> Então ele diz (continua a leitura de um trecho do livro) . Lembro-me que éramos três alunos da licenciatura em

	<p>matemática que participávamos desses seminários, Sérgio Lorenzato, que depois se tornou doutor em Educação Matemática e está na UNICAMP, o Neide Beiralde que é professora do ensino médio até hoje e eu. Depois acrescentaram-se outros, mas nessa época eram esses três, aí ele diz aqui: (continua a leitura de um trecho do livro) Nessa época nós estudávamos todos os livros do Papi e Gategno. Quem foi papi? Foi quem introduziu na Bélgica a matemática moderna e de Gategno, era um egípcio que representava o Papi com a matemática no mundo e quando Heitor de Souza que já estava vindo para ser da física de Rio Claro, quando ele já estava metido com política universitária o Ubiratan soube que Gategno foi para Argentina, então conseguimos um dinheiro para trazê-lo para Rio Claro, então ele fala aqui dessas pessoas que eram figuras exponenciais mundiais nessa área. (continua a leitura de um trecho do livro) Seguramente a educação matemática que viria posteriormente a se desenvolver em Rio Claro, teve seu embrião nesses seminários, depois em 1970 começou o GEEMPA – Grupo de Estudo de Ensino de Matemática de Porto Alegre com a professora Ester Grossi que até hoje participa das nossas reuniões e é muito ativa, então ele declara. Por isso que o Sérgio sempre fala e o Bicudo em uma das aulas inaugural diz que Rio Claro começou com duas linhas, a matemática e o ensino de matemática, que depois virou Ensino de Matemática e põe na mão do Nelson a matemática, e põe na minha mão Rio Claro, por isso que eu tenho tanto afeto pelo que nós fizemos, e esses grupos a gente se reunia semanalmente com cuidado, toda semana a gente fazia aquele grupo. Era um grupo nosso que a gente fazia isto, e ele fala que foi o embrião do que <i>seria a Educação Matemática de Rio Claro</i>, e o Bicudo escreve isso muito bem, eu tenho até esta escrita dele, que ele faz separando em dois lances e ele declarou isso em aula inaugural, então o espírito do grupo, depois veio o Gerson, veio o marido da Marielza, a irmã dela, todos eles foram carregando, tinham uns da matemática que não podiam nem ver esse grupo e diziam: esse grupo é quem não sabia somar, não sabia fazer fração. Então era isso que eles diziam, que precisava fazer matemática, havia uns que de jeito nenhum vinham para o grupo, mas a maioria aceitava.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO4: Segundo a depoente, quando constituiu os seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática, buscou no grupo da licenciatura quem gostava de ensinar.
O que é dito	CDLO4: Da constituição do grupo de pesquisa: quando se constituiu os seminários sobre métodos modernos do ensino de matemática, buscou do grupo da licenciatura quem gostava de ensinar.
Unidades de sentido	LO: <u>E como eu trabalhei logo no começo me deram responsabilidade da pedagogia, porque o curso de pedagogia também foi feito, então a Maria Cecília Miccotti e o grupo todo dela, a Maria Lúcia Wodewotzki, todas essas foram minhas alunas, que elas eram professoras primarias e a gente também fazia os grupos, pois eu achava que no grupo [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO5: A pesquisadora afirma que no início dos trabalhos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro - SP foi designada a ela, a responsabilidade da pedagogia, e cita que as então Maria Cecília Nicoti e Maria Lúcia Wodewotzki foram suas alunas, pois elas eram professoras primarias e a professor Lourdes também fazia grupos de estudo com esses alunos.
O que é dito	CDLO5: Da constituição do grupo de pesquisa: no início dos trabalhos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro - SP foi designada a ela a responsabilidade do curso de pedagogia.
Unidades de sentido	LO: <u>Que não podia perder as aulas, então o que fazia um dia discutindo as dúvidas e fazendo o grupo falar, então eu sempre tive isso. Quando sai de Rio Claro e fui para São Carlos, lá também tive um grupo de alunos, que nós nos reunimos... Alunos da graduação que vinham com problemas e que queriam ver, depois eu fui para... Eu me aposentei na USP, e quando me aposentei, eu estava muito preocupada com o porquê que meus filhos aprendiam a matemática, porquê os meus netos aprendiam e a maioria dos alunos não? O que é que havia no ensino médio que nós estávamos recebendo na própria USP, alunos com deficiências em matemática que não era natural, se o aluno esperava fazer engenharia, ou esperava fazer matemática era</u>

	<p>porque havia alguma... Depois eu vi que nem sempre, era porque era o curso mais fácil de entrar, certo! Pouca gente ia fazer então aluno que não passava em nada, passava em matemática e depois do primeiro ano, uma leva saía e a gente via. Então, quando eu saí de São Carlos, quando me aposentei, eu resolvi largar... O meu filho Paulo, este de Americana – SP, lá o cursinho CAASO – Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira, eles mantinham um cursinho muito forte, era uma espécie de viveiro de formação, não é bem um viveiro, mas onde se criavam professores, que depois iam dar aula nos outros cursinhos, o CAASO funcionava com alunos da graduação em engenharia, então no primeiro ano já havia aqueles que eram melhores e que tinham capacidade de ensinar e eles tinham que assistir aula do veterano, aí no segundo ano ele aprendia e no outro ano ele começa a dar aula e quando estava no quinto voltava aqueles todos e o Paulo, nesta ocasião o CAASO deixou de ser apenas um cursinho para criar uma escola de três anos, era um colégio que eles iriam criar de três anos, e quando eu falei em casa que ia me aposentar, o Paulo disse: você não vai fazer nada Mãe? Como quem diz, a senhora só sabe fazer isso. – Quem disse que não vou fazer nada? – Por que tenho uma proposta, o CAASO agora ele vai ter três anos, o aluno não vai mais ser aquele aluno que passa na cabeça do presidente do centro acadêmico, porque eles aproveitavam e faziam política na cabeça dos alunos, então aquilo não podia, pois a cada ano mudava o presidente e o aluno não podia pensar, então o que aconteceu é que eles fizeram o colégio, e para o colegial precisava ter alguma ligação, e ele me convidou para trabalhar no CAASO, e eu fiquei muito contente, pois pensei, agora quero ver no local porque os alunos estão chegando mal, e fui dar aula no CAASO, comecei a dar aulas lá e foi muito interessante, havia aqueles que sabiam repetido, aqueles que podiam pensar e aqueles que tinham horror na matemática, e como era o único cursinho que havia eles iam para o CAASO, e pela fama também que tinham, mas aí no colegial toda quarta-feira nós tínhamos o nosso grupo e era interessante, aquilo que falei agora há pouco, não só os bons vinham, vinha aluno e dizia: olha eu não sei nada, será que eu posso entrar no grupo para ir entendendo? E a gente recuperou muito aluno por causa disso, quando houve olimpíadas, desses alunos que a gente selecionou foi interessante, aí houve uma discussão com o presidente dizendo que nós estávamos fazendo a cabeça dos alunos que não era eles e dos trinta e dois professores do CAASO, trinta e um saíram, foi uma tristeza, pois era a melhor escola de nível secundário. Um dos professores que apoiavam esse grupo do presidente, disse: Isso é fácil, a gente arruma facilmente substituição. E não foi verdade, ficou muitos anos até que o a CAASO se refizesse e a maioria desses professores o ANGLO pegou, e no ANGLO eu tinha o meu grupo de estudo com os alunos, então eu sempre tive isso, quando eu estava já no ANGLO, o pessoal, era 1988, desde 1987 o pessoal me convidando para eu ir para a pós-graduação lá e pós-graduação, pós-graduação, pós-graduação, eu dizia: - bem, eu sei trabalhar com essa turma em grupo, será que eu vou saber orientar? Só aquela primeira aluna, a Oneide que eu tive uma orientação com ela, mas quem respondia era o Nelson, pois eu não era doutora, e aí quando eu estava no ANGLO, era o ANGLO e suas apostilas, você tinha que vencer as apostilas e como eu ensinava diferente, eu ensinar a partir de resolução de problemas, era difícil de entrar naquele esquema mecânico deles e eu reclamava muito e eles achavam ruim porque eu nunca chegava na última apostila deles, mesmo que os meus alunos fossem fazer vestibular e passassem em escola pública, eles achavam que eu não tinha vendido apostila, eles tinham que devolver o dinheiro para a matriz, então o seu Zé que era o diretor dizia: - a senhora tem a síndrome da apostila.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO6: A pesquisadora afirma que a dinâmica do grupo, quando dava aula no Anglo, era discutir as dúvidas e fazer com que os alunos falassem.
O que é dito	CDLO6: Da dinâmica do grupo de pesquisa: grupo era discutir as dúvidas e fazer com que os alunos falassem.
Unidades de sentido	LO: [...] – Tenho, a síndrome da apostila, não é assim que se ensina, e aí nessa ocasião eu resolvi aceitar o convite de Rio Claro, deixo o meu Zé com as apostilas e eu vou para Rio Claro. Cheguei em Rio Claro achando que eu ia pegar o Dante, porque o Dante estava trabalhando

com resolução de problemas, nesta ocasião a Miriam era aluna de mestrado dele para fazer mestrado em resolução de problemas, a outra menina que no ano anterior tinha feito era resolução de problemas, mas o Dante tinha tido uma briga muito violenta lá com o Bicudo e a Maria e achou que ele não podia ficar mais lá, uma briga ruim entre eles, e quando eu falava com ele de trabalharmos juntos, ele dizia: não dona Lourdes, eu quero acabar esses dois mestrados e eu vou me aposentar, eu não fico mais nessa escola. E eu me vi com a resolução de problemas lá e nessa ocasião, eu já tinha tido conhecimento de um grupo em San Diego, onde meu filho trabalhava na universidade da Califórnia, mas não era na Universidade da Califórnia, Educação Matemática era sempre segunda categoria, então era na universidade estadual e então eu fui para lá e falei para o meu filho, eu achei uma revista que fala de um casal de educadores matemáticos assim, assim e assim... E ele disse: - Mas, você não quer saber como era o pessoal aqui da universidade da Califórnia que estão trabalhando com a Educação Matemática? E me mandou para um... Como eu dava aula de cálculo, para o professor de cálculo que estava introduzindo cálculo através da calculadora, foi excelente, foi muito bom, mas não era o que eu queria. Depois ele me mandou para outro grupo que trabalhava com material manipulativo e material dirigido para o ensino de matemática, material concreto, foi muito interessante, mas não era o que eu queria. Isso já foi no ano de 1989, a Maria estava tomando conta das coisas e nesta ocasião tinha uma professora, ela tinha dois orientandos, largou e dizia que quem trabalhava de graça era relógio, ela foi para UNICAMP onde ela iria ganhar e como membro convidado, sem ser professor concursado ia ser difícil você ganhar alguma coisa, então nós fomos chamados para ser colaboradores, mas quando eu fui para lá em 1989, eu não sei de que maneira eu pude ser indicada para o departamento de matemática, eu não fiz concurso, quando eu me vi, acho que por título eles fizeram alguma coisa, quando eu me vi era professora lá, isso foi em 1989. Eu trabalhei de maio de 1989, não, um pouco depois metade do ano até maio de 1990 porque nessa ocasião a minha nora, médica, esposa do Luis Fernando, ela estava grávida do segundo filho e nessa ocasião ela descobriu que tinha um câncer de mama e que ela tinha que ser operada, ela estava grávida de sete meses e meio, e assim... Câncer não era tratado como hoje é tratado, então quando ela precisou retirar o seio e foi para os Estados Unidos e eu precisei pegar a criança e criei por seis meses, então eu me desliguei disto e desligada fiquei seis meses cuidando da Laurinha, esta aqui que agora está fazendo residência e o que acontece é que quando eu voltei, eu disse: não quero mais trabalhar porque estando no departamento de matemática, eu tinha que dar aula na biologia, tinha que dar aula não sei onde e eu queria mesmo era trabalhar na pós-graduação, formar meu grupo e aquela professora que foi para Campinas, esta professora deixou dois estudantes e a Maria me jogou os dois, era um tal de Rodrigues e uma moça de Sergipe, e eu me vi orientando sem nunca ter feito uma coisa desse tipo, sem nem ter o doutorado em Educação Matemática, o meu doutorado era em matemática pura e já comecei a juntar esses dois alunos para ver se pegava o que eu queria, porque quando eu fui lá para o Estados Unidos aquele grupo que eu queria não era o da Universidade da Califórnia, mas da Universidade de San Diego, o centro universitário de San Diego, e era a Judith Sauder e o marido dela, um grupo muito forte no *NCTM*, então a partir daí, eu vesti a camisa deles, eu ganhei das mãos dela uma agenda de pesquisa em ensino e aprendizagem de matemática, mas não aquela agenda que era a primeira de ação, mas essa era de pesquisa, então era em 1989, dia 30 de dezembro de 1989 ela me deu isso e eu comecei a ver que era realmente o que eu gostava, a partir daí todos os anos eu ia para os Estados Unidos e ficava no começo um mês, depois acabei ficando duas semanas, e ia nem que fosse para ficar uma semana, ia para pegar todos os livros que ela tinha, ela fazia e dava parecer para quase todos os artigos e eu tinha acesso a artigos em pré-print, então eu comecei a me envolver muito com isto, nesse ponto todo eu parei enquanto eu matemática pura fui para uma bolsa de um ano nos Estados Unidos, eu fui para equações diferenciais, mas aí eu pedi autorização para eu poder cursar dois cursos em Educação Matemática, um da escola elementar e outro da escola secundária, que foi a ocasião da matemática moderna posta aqui no Brasil, isso é outra história, tem muita coisa.

Excerto Hermenêutico

NCTM: Journal for Research in Mathematics Education

Unidades de significado	LO7: A pesquisadora afirma que se viu diante da temática investigativa da resolução de problema quando foi trabalhar em Rio Claro. Posteriormente, assumiu a orientação de dois alunos, cujo professor/orientador – professor Dante - deixou o programa de pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP. E tentou trazê-los para a sua temática.
O que é dito	CDLO7: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: se viu diante da temática investigativa da resolução de problema quando foi trabalhar em Rio Claro e posteriormente assumiu a orientação de dois alunos, cujo professor/orientador deixou o programa de pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.
Unidades de sentido	LO: Mas, aí eu fiquei então ligada então com isso e voltando o meu grupo... <u>Formei meu grupo, então, daí para frente eu passei a ter mais alunos e nós não tínhamos o grupo ainda registrado, cadastrado, mas tinha o grupo do <i>Baldino</i>, aquele grupo do Baldino, onde ele fazia aos sábados juntava professores da região e ele pediu para o nosso grupo ser incorporado ao grupo dele, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	<i>Baldino:</i> refere-se ao professor/pesquisador Roberto Ribeiro Baldino, que á época lecionava em Rio Claro, na PGEM.
Unidades de significado	LO8: De acordo com a depoente, quando formou seu grupo de pesquisa, ele ainda não era cadastrado, mas contavam com o grupo do professor Baldino que realizavam reuniões aos sábados e juntava professores da região de Rio Claro; salienta que a pedido desse professor, seu grupo foi incorporado ao grupo dele.
O que é dito	CDLO8: Da constituição do grupo de pesquisa: quando formou seu grupo de pesquisa, ele ainda não era cadastrado, mas contavam com o grupo do professor Baldino que realizavam reuniões aos sábados e juntava professores da região de Rio Claro; salienta que a pedido desse professor, seu grupo foi incorporado ao grupo dele.
Unidades de sentido	LO: [...] então nós fomos postos no grupo do Baldino, <u>ficamos em um grupo de Educação Matemática e nesse grupo nós tínhamos as nossas reuniões as quintas-feiras e o grupo que produzia, os problemas que davam mais críticas, muitas teses nasceram desses grupos onde vinha um e tinha dificuldade em logaritmos, então vamos estudar todos logaritmos, como conteúdo matemático, como material para ensino, como [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO9: De acordo com a depoente, seu grupo era da Educação Matemática e tinham reuniões às quintas-feiras, em que eram discutidos os problemas que geravam críticas, ressalta que muitas teses nasceram das discussões do grupo.
O que é dito	CDLO9: Das discussões do grupo de pesquisa: o grupo do Baldino era da Educação Matemática e tinham reuniões às quintas-feiras, em que eram discutidos os problemas que geravam críticas, ressalta que muitas teses nasceram das discussões do grupo.
Unidades de sentido	LO: Era o grupo que trabalhava, e esses problemas que eram mais elaborados e que levavam a muitas discussões, no sábado com o encontro do Baldino um dos nossos alunos levava esse material e muitos dos encontros do Baldino era em termos dos nossos problemas e aí <u>quando o Baldino largou, quando ele saiu da UNESP, então o nosso grupo precisou ter sua forma, nós temos um projeto que não termina porque ele é sempre com pessoas diferentes, com assuntos diferentes, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO10: A pesquisadora afirma que quando o professor Baldino saiu da UNESP, o grupo precisou ter sua forma, e salientam que possuem um projeto de pesquisa que não termina, pois é constituído por pessoas diferentes, com assuntos diferentes.
O que é dito	CDLO10: Da temática investigativa do grupo: o professor Baldino saiu da UNESP, o grupo precisou ter sua forma, e salientam que possuem um projeto de pesquisa que não termina, pois é constituído por pessoas diferentes, com assuntos diferentes.
Unidades de sentido	LO: [...] mas a ideia é a mesma de juntar gente para discutir, aí <u>criamos o <i>GTERPE</i>, então ficou cadastrado, tem sua vida e parece que a SBEM não tem o nosso grupo, outro dia foi a Rosilda que disse que o Alessandro falou que nós não estamos como resolução de problemas cadastrados, então amanhã quando a Norma vier nós vamos tomar providencias para que isso seja feito.</u>

Enxerto Hermenêutico	GTERPE: Grupo de Trabalho e Estudo em Resolução de Problemas.
Unidades de significado	LO11: A pesquisadora afirma que criou o GTERPE a partir da necessidade de reformular o antigo grupo do professor Baldino, e salienta que o grupo não está cadastrado na SBEM, mas não sabe o motivo.
O que é dito	CDLO11: Da criação do grupo de pesquisa: criou o GTERPE a partir da necessidade de reformular o antigo grupo do professor Baldino, e salienta que o grupo não está cadastrado na SBEM, mas não sabe o motivo.
Unidades de sentido	LO: <u>E o nosso grupo então foi criando outros grupos.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO12: A pesquisadora afirma que a partir do seu grupo, o GTERPE, outros grupos foram criados.
O que é dito	CDLO12: Da constituição de grupos de pesquisa: a partir do seu grupo, o GTERPE, outros grupos foram criados.
Unidades de sentido	A: <i>Em torno de qual proposta e como ele vem se mantendo atuante?</i> LO: Desde que <u>criamos com nome próprio o GTERPE, desde 1992 esse grupo funciona, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO13: A pesquisadora afirma que criaram o grupo com a denominação de GTERP e desde 1992 esse grupo funciona na pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.
O que é dito	CDLO13: Da constituição do grupo de pesquisa: criaram o grupo com a denominação de GTERP e desde 1992 esse grupo funciona na pós-graduação da UNESP de Rio Claro – SP.
Unidades de sentido	LO: [...] então o que acontece é que por trabalhar em grupos e isso é uma parte forte da nossa linha de pesquisa o trabalho em grupo, faz falta e <u>nosso grupo se reúne toda terça-feira em grupos e esse grupo produz em grupo, [...]</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO14: Segundo a pesquisadora, seu grupo se reúne toda terça-feira em grupos de estudo e salienta que as investigações e produções são realizadas em grupo.
O que é dito	CDLO14: Das reuniões e produções do grupo de pesquisa: o grupo se reúne toda terça-feira em grupos de estudo e salienta que as investigações e produções são realizadas em grupo.
Unidades de sentido	LO: [...] nosso <u>livro que saiu é do grupo, nós pusemos duas pessoas do grupo como colaboradoras do livro, não há o domínio, não é da Lourdes, é do grupo.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO15: De acordo com a depoente as produções o grupo de pesquisa são realizadas em grupo, e exemplifica o último livro publicado, salienta que é uma produção do grupo e que colocaram dois pesquisadores como colaboradores, mas não há o domínio, não é da Lourdes, é do grupo.
O que é dito	CDLO15: Do credenciamento das publicações do grupo de pesquisa: as produções o grupo de pesquisa são realizadas em grupo, e exemplifica o último livro publicado; salienta que é uma produção do grupo e que colocaram dois pesquisadores como colaboradores, mas não há o domínio, não é da Lourdes, é do grupo.
Unidades de sentido	A: <i>De que modo surgem os temas a serem estudados?</i> LO: <u>Ai entra muito, levaria cada ano no primeiro dia, o que nós vamos fazer neste ano? Qual a ênfase? Por exemplo, eu tenho todas as revistas desde os anos 1990 do <i>NCTM</i>, todas as revistas da... O <i>NCTM</i> no qual eu sou sócia desde os anos 90 ele tem quatro revistas, uma Teaching Children, para escola elementar, uma tem Middle Grades, que são lá os sextos, sétimos e oitavos anos, quase que o nosso fundamental dois, mas no fundamental dois nós vamos até funções e depois a gente tem três anos para ensino médio, lá eles têm três anos para o Middle School e tem quatro para a High School que seria o ensino médio. Então no fundo nós temos doze anos, considerando o pré-zeitoze anos de escolaridade e Teaching Children é para a escola elementar que vai do primeiro ao quinto ano lá, o segundo que é Middle Grades nos graus médios sextos, sétimos e oitavos e depois tem o para escola secundária e depois tem essas revistas aqui, que é a revista famosa de pesquisa deles, todas elas não são grandes de volume,</u>

	<p>mas trazem muita coisa, <u>agora os meus alunos andam preguiçosos, eles querem pegar um assunto, ver o assunto dele, onde tem, e esquecem que a gente tem que ouvir o que se fala, não pode ficar só naquilo, então eu levo as revistas, faço assim...</u> Eles não vêm as coisas, então eu fico muito preocupada, porque gasto um dinheirão, a assinatura é cara para ser sócia, então você pega essas coisas deles e você vê, eu assino desde a escola nova, assino RPM... então, eu recebo nove revistas por ano de cada uma delas (Teaching Children; Middle School; Teaching Children), eles começam em setembro, já acabou o espaço aqui na biblioteca, preciso organizar de colocar mais uma estante. Então, estas revistas a gente vê que no mundo a educação está caindo, não é só no Brasil. No Brasil a gente tem o descaso porque os professores que vão trabalhar na escola elementar não sabem matemática, quem vai para pedagogia fugiu da matemática, depois ele vai fazer o curso de pedagogia e tem um semestre que se reduz a três meses para aprender matemática e para deformar a cabecinha das crianças, isso me da pena quando vejo isso, a criança é inteligente, a criança pensa e o professor porque ela fez a conta diferente do que ele fez, porque ela só sabe fazer daquele jeito, não tem fundamento, enquanto o que a gente ver, o que a Angélica falou do Lakás, professor bom dando aulas em boas escolas já naquele tempo, anos 40, 50, pois ele se formou nos anos 30, então é claro que a população dele era outra que não é esta população, quando eu me formei também, quando eu fui para escola, ia para escola aquela criança que os pais queria que fosse para escola, reconheciam que a escola era um lugar de valor, e você tinha que respeitar o professor, até o meu terceiro ano do ensino médio, o professor Gomide entrava na sala, qualquer professor que entrava a gente ficava de pé, professor entrava na hora que ele sentava nós nos sentávamos, igual na igreja, havia um respeito pelo professor, não brincava na sala de aula, então era uma coisa diferente porque você sabia que... Meus filhos eu sempre dizia para eles: - Olhem, eu não vou exigir 10 de vocês, eu vou fazer vocês estudarem, vocês vão fazer a tarefa, de noite eu vou olhar a tarefa de um por um, tudo que vocês fizeram, aquilo que vocês tiveram na escola, arrumo a malinha de cada um e vamos dormir, toda a noite era o nosso ritual, mas eu dizia para eles, mas, se não vier 10 de comportamento, tinha essa nota naquele tempo, vocês vão se ver comigo, professor não tem que tomar conta de filho mal criado dos outros. Então, era a posição que a gente tomava, o respeito ao professor e então o que aconteceu, no meu tempo, assim como eu estava na escola da dona Florinda, que era uma professora que tinha quatro fileiras de carteiras, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano, eu não tinha idade para ir para o grupo escolar e ela ensinava lá, enquanto ensinava esse, esses outras faziam tarefa, depois era a mesma coisa para os outros, ela voltava e via tudo que a gente tinha feito, então você tinha que fazer e trabalhar, então a gente levava a sério, ninguém deixava de fazer a tarefa e quando abriu-se a escola para todo mundo, foi ruim? Não! Foi um grande passo, só que abriram a escola, não preparam os professores, como se qualquer um pudesse dar aulas, a faculdade que tinha quatro anos, passou a ser aquela licenciatura curta, se em quatro anos não aprendiam, em dois vão aprender? Então, começou a cair, aumentou a quantidade e caiu muito a qualidade e então, aquilo que quando os meus filhos entraram na escola, o difícil era entrar na escola pública, os quatro fizeram escola pública, meu filho que ganhou o “diáspora”, ele fez o pré-primário, os quatro anos de primário, fez o exame de admissão, fez o ginásio, fez a escola pública, o colegial, depois fez duas faculdades: engenharia e física ao mesmo tempo em São Carlos – SP, na USP, então tudo, tudo, tudo escola pública, fez o mestrado com bolsa da CAPES, foi fazer o doutorado com CNPq, depois de ter feito tudo assim, ele foi dar resultado para os Estados Unidos, não é crime? Agora se ele ficasse aqui no Brasil, ele não seria o que ele é.</p>
Enxerto Hermenêutico	<p><i>NCTM</i>: refere-se a National Council of Teachers of Mathematics. <i>Diáspora</i>: prêmio que visa reconhecer os talentos brasileiros que inspiram as futuras gerações, envolvidas em ciências, tecnologias e outras áreas.</p>
Unidades de significado	<p>LO16: Segundo a entrevista, os temas investigativos do grupo saem da primeira reunião que tem com os orientandos, em que são discutidas as temáticas investigativas anuais do grupo; e salienta que disponibiliza para os alunos as revistas do NCTM, para que eles busquem temáticas de investigação.</p>

O que é dito	CDLO16: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: na primeira reunião com os orientandos é discutida a temática anual de investigação do grupo; salienta que disponibiliza para os alunos as revistas do NCTM, para que eles busquem temáticas de investigação.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Então professora Lourdes, nessas exposições que a senhora apresenta para os seus alunos surgem os temas as serem trabalhados por eles?</i></p> <p>LO: <u>Essas exposições são para eles estarem sabendo o que está acontecendo. Isso é uma coisa, um caminho, quando eu começo o grupo, se tem coisa nova eu já passo para eles, gasto uns quinze minutos e cada um busca para sua tese, para o seu trabalho e às vezes não vê que ele poderia estar com aquilo crescendo para outra coisa</u>, aí o que acontece os grupos variam, a dissertação de mestrado que eu tenho de uma aluna A, nasceu no grupo por causa do logaritmo, então o que acontece, logaritmo o pessoal não sabia, mesmo gente que já tinha até mais formação do que hoje era impressionante, o que é uma equação? Nós sabemos, bem, porque você tem quando passa daquilo é uma função? Quando você tem uma função você começa com funções polinomiais, trabalha de primeiro grau, trabalha a de segundo grau, terceiro já não porque é o finalzinho do ensino médio e ninguém ensina certo? Números complexos você precisa entrar lá, também não se ensina, e a gente aprendia! Então o que acontece, vai ver função, você pergunta, por que esta função chama polinomial? Por que essa função se chama função modular? Por que ela é uma função exponencial? Por que é função logaritmo? Por que é uma função diferenciável? Por quê? Eles não sabem dizer para gente por que, se a função é função do que? De uma variável. Se a variável estiver em um polinômio, a função é polinomial. Se a variável estiver em um módulo, é uma função modular. Se a variável estiver no expoente é uma função exponencial. Agora ensino tudo isso e eles decoram e não vêem a diferença, nem o que é uma função, porque o conceito de função levou muito tempo até ser criado, porque até lá aquilo que o homem fazia era tudo estático, não tinha movimento, quando o homem começou a perceber que havia movimento, o matemático precisou criar um novo ser, que era a função que leva uma coisa daqui para cá, esse movimento é uma máquina, funciona, por isso é função, e os alunos não percebem nem o nome, é mais um ser que definiram. Função é uma correspondência que associa todo x de A... O que é isto? É isso que eu preciso saber de função? E depois não sei identificar quando há uma função, quando eu passo da aritmética para álgebra, aritmética trabalha sobre os números relacionando, definindo as apurações sobre eles, estabelecendo propriedades sobre elas e aplicando, é linear a ideia da aritmética, se você levar para a álgebra... Álgebra como a variável tem múltiplas facetas, você tem muitas ideias na álgebra, mas se você pergunta para o professor, álgebra é aquilo que usa letras e números. Isso é álgebra? Depois você vai aprender álgebra moderna, vai saber o que é grupo, subgrupo, corpo, anel e não sabe nada, não entende nada disso, porque não dá para entender se eu não sei o que estou falando, e os professores não sabem, então repetem um livro e o aluno repete o que o professor falou e passa, e por isso que eu fico muito angustiada quando no grupo você pergunta, por que é uma função? Por isso fico brava, fico brava mesmo, gente vocês estão fazendo um doutorado, o que de novo vocês vão apresentar, para ser um doutorado? Você está aqui fazendo perguntas por que você quer, e eu não deixo você falar, então vamos lá.</p>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO17: Segundo a entrevistada, nas exposições de pesquisas realizadas, ela expõe para os alunos o que está sendo produzido, e salienta que esse é um caminho para a constituição da temática investigativa do grupo.
O que é dito	CDLO17: Da constituição da temática investigativa do grupo: nas exposições de pesquisas realizadas, ela expõe para os alunos o que está sendo realizado, e salienta que esse é um caminho para a constituição da temática investigativa do grupo.
Unidades de sentido	<p>A: <i>O que eu gostaria de entender é como o projeto maior do grupo é elaborado, no sentido de quem o elabora e de que maneira isso ocorre?</i></p> <p>LO: <u>Ah, nunca mexi, é sempre o mesmo, é o mesmo estilo, eles nunca me pediram para</u></p>

	atualizar [...]
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO18: A pesquisadora afirma que nunca alterou o projeto maior do grupo, ressalta que é sempre o mesmo, com o mesmo estilo e que o diretório de grupos do CNPq nunca solicitou a ela atualização.
O que é dito	CDLO18: Do projeto maior do grupo de pesquisa: nunca alterou o projeto maior do grupo, ressalta que é sempre o mesmo, com o mesmo estilo e que o diretório de grupos do CNPq nunca solicitou a ela atualização.
Unidades de sentido	<p>LO: [...] nem para fazer nada, quando eu saí apresentei e aquilo se mantém e o grupo muda, porque mudam as pessoas do grupo, mas a maneira de trabalhar na minha é sempre em termos da nossa linha de pesquisa, porque você sabe que com resolução de problemas, problema sempre existiu no mundo, sempre existiu problema, por isso que o homem fez a matemática, você sabe que tem as ciências naturais e matemática, eu fiquei assustada quando eu perguntei no meu grupo, por que a sua escola chama... Que você faz graduação em ciências naturais e matemática, matemática não é ciência? Porque as ciências naturais existem naturalmente, na matemática é uma ciência construída pelo homem e ela é que explica a ciências naturais, sem a matemática a física não teria uma estrutura, sem a matemática a biologia não teria uma explicação, na química não teria... Então, nas ciências naturais cai um raio independente de mim, eu jogo um sal no ácido explode, é independente de mim, o ser humano nasce de um ato sexual nasce uma criatura, aí vem àquilo que o próprio Einstein disse: você tem que acreditar em alguma coisa superior que fez tudo isso. E a gente quer por na mão da gente, para explicar porque quer ser Deus, então o homem vai e Deus vai dando chance de explicar as coisas né, e a gente vai entendendo, mas antes... É o que estava dizendo para o Vagner, a gente nasce com cinco sentidos, a gente vê, ouve, senti gosto, senti cheiro e pega nas coisas, tem o tato, então esses cinco sentidos nos dão oportunidades de compreender as coisas, porque ouço eu gravo, porque eu vejo eu gravo, porque sinto o cheiro eu sei se está queimando ou não, eu gravo, porque eu sinto sabor eu gravo, porque eu pego, eu gravo. Então o conhecimento como fala <i>Cantoral</i> fica parado no cérebro, se eu passasse o conhecimento para o aluno eu ficaria sem ele, se eu te der cinquenta reais eu fico sem ele, se eu pegasse o meu conhecimento e passasse para o aluno eu ficaria sem ele, no entanto estou com o meu conhecimento, então qual é a diferença entre conhecimento e saber? É que quando você pega aquele conhecimento que está parado no cérebro e você começa a refletir, a ver as ideias que você tem no cérebro, a trabalhar sobre elas, na hora que você faz isto, como qualquer construção no mundo físico, você precisa de material, ferramenta e esforço, nós também precisamos para construir o conhecimento de material, as nossas ideias, de ferramentas, esse movimento que faço com isso e o esforço, se eu não participar não adianta, eu só repito, então, o Cantoral fala que no instante que eu faço isto, aquele conhecimento estático no meu cérebro ele passa para a mente como saber e aí se da à aprendizagem, olha que coisa linda! Quem fala bem isso é o Carlos D'Amore. (a professora Lourdes busca por um livro, encontra e abre na página 315), ele trata de cognição e conhecimento, no ENEM de Belo Horizonte, o Cantoral estava lá, na hora que estávamos na fila para pegar comida, aquela confusão que estava lá, ele estava na fila, ele e a mulher e eu fui conversar com ele, nós ficamos batendo um papo, e eu falei, olha a sua ideia eu passo para todos os meus alunos, ele saiu e foi falar para mulher: ela usa o que eu falo, saiu tão contente. Achei tão bonito ele ficar feliz com isso. Então, o que é a mente da gente? Não é um órgão, o cérebro é um órgão, você vê aquele miolo lá, então eu fui perguntar para um psiquiatra amigo nosso, o que era a mente e ele disse que a mente é uma manifestação do cérebro, você tem aquele instante que você mexe com... Ele vai produzir. E o professor não mexe no cérebro do aluno, não mexe nem na mente, dentro da nossa metodologia vou para Vigostki que vocês conhecem bem, o Vigostki diz que se você vai querer que o aluno construa um conhecimento, você precisa conhecer o que é que ele tem como conhecimento prévio, certo! Eu não posso ensinar a integrar para uma criança que tenha quatro anos primários, ele precisa de mais conhecimento para poder avançar para um conhecimento lá, então o Vigostki fala a partir do</p>

	conhecimento prévio você tem um conhecimento potencial que te dar condições de aprender um conhecimento real que você quer que ele construa certo, essa distancia entre o conhecimento potencial para o conhecimento chama de zona de desenvolvimento proximal que vocês todos conhecem, então, quem é que faz este trabalho? [...]
Enxerto Hermenêutico	<i>Cantoral:</i> trata-se do pesquisador Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza.
Unidades de significado	LO19: Segundo a pesquisadora, a temática do projeto maior realizada no credenciamento do grupo se manteve, e salienta que mudam os pesquisadores do grupo, porém a maneira de trabalhar é sempre em termos da linha de pesquisa resolução de problemas.
O que é dito	CDLO19: Do projeto maior e da temática investigativa do grupo de pesquisa: a temática do projeto maior realizada no credenciamento do grupo se manteve, e salienta que mudam os pesquisadores do grupo, porém a maneira de trabalhar é sempre em termos da nossa linha de pesquisa com resolução de problemas.
Unidades de sentido	LO: <u>Eu identifico que o aluno tenha o conhecimento prévio, então ele tem potencialidade para construir um conhecimento novo, então dentro da minha metodologia, eu vou questionando o aluno até chegar naquela hora que ele diz: ah, agora eu sei! Você foi levando, ele foi trabalhando aquelas ideias e ele transformou aquilo que ele tinha de conhecimento prévio no conhecimento novo e nessa hora, quando ele agora eu sei, ele ainda não fez a resolução do problema, mas ele sabe que vai fazer e para aquilo, ele precisou construir um conhecimento novo, que é aquele conhecimento real, a nossa resolução de problemas se faz assim, problema sempre existiu, é ele quem motiva a pessoa, qualquer pessoa em qualquer situação, não precisa ser problema matemático, pode ser um problema de vida.</u>
Enxerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO20: A pesquisadora afirma que identifica o que o aluno tem de conhecimento prévio, se ele tem potencialidade para construir um conhecimento novo, e então na perspectiva da metodologia do grupo, vai questionando esse aluno até chegar ao novo conhecimento; salienta que é esse o modo pelo qual trabalha com resolução de problemas, e que problema sempre existiu, é ele quem motiva os pesquisadores.
O que é dito	CDLO20: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: identifica o que o aluno tem de conhecimento prévio e então com a metodologia do grupo, o aluno chega ao novo conhecimento.
Unidades de sentido	A: <i>Como o coordenador intui a força de um tema, percebendo-o com possibilidade de manter o grupo coeso e trabalhando?</i> LO: <u>É, a gente parte que você conhece o projeto de cada um e cada um, estava com sete alunos, estava doida, é uma cabeça só pensando em sete ideias diferentes, e a orientanda B foi se meter com história e eu não sou historiadora, nossa senhora como eu sofri, até delimitar o que ela fazia tem quatrocentas páginas. Então, como a gente trabalha com isso? Mas, o que acontece é que a gente não pode dizer... Para este ano nós gastamos muito preparando o terceiro SERP, nós estávamos criando um livro, que esse livro foi um livro que nós queríamos fazer porque todos pediam para a gente: o que é que vocês fazem em resolução de problemas? Isso nasceu no grupo, a Fabiane, Andresa, a Rosilda disseram está na hora de fazer um livro, então vamos fazer um livro, quem é que tem força nisso, Lourdes e Norma.</u>
Enxerto Hermenêutico	Orientanda: refere-se aos alunos, mestrandos ou doutorandos, que recebem orientação de um pesquisador doutor no desenvolvimento de investigações que visam à obtenção dos títulos de mestre ou de doutor; Estava doida: no texto diz de estar difícil enfrentar a situação, que precisa se desdobrar para dar conta de todos os orientandos e seus respectivos temas.
Unidades de significado	LO21: Segundo a depoente, ela conhece o projeto de pesquisa de cada orientando, e exemplifica que recentemente estava com sete orientandos e estava difícil, pois é uma cabeça só pensando em sete ideias diferentes.
O que é dito	CDLO21: Das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: se conhece o projeto de pesquisa de cada orientando.
Unidades de sentido	LO: A Norma que foi a minha terceira doutora, e ela assumiu o que a gente fazia, <u>então para</u>

fazer esse livro nós fizemos uma parte de teoria e prática falando aqui de aspectos teóricos: uma abordagem história da resolução de problemas, depois um ensino e aprendizagem e avaliação de matemática, por que através da resolução de problemas? Depois a pesquisa científica e a pesquisa pedagógica, a parte dois já foram os aspectos práticos, então nós resolvemos como faríamos isso para professores pegar os parâmetros curriculares que falam em números em operações, não falam em álgebra, eles pega a álgebra como se fosse um rabinho da aritmética, não vêem a grande diferença, no NCTM você tem cinco padrões de conteúdo, você números e operações, você tem álgebra, você tem geometria, você tem medida e depois tem análise de dados e probabilidade, certo, nós temos números e operações e faz um rabinho da álgebra, depois fala de geometria, depois fala de medição e depois fala de tratamento de informação, então nós pegamos este, já que nós queremos os professores, pegamos números e operações, espaço e forma que é que eles chama de geometria, grandezas e medidas e tratamento de informação. Para o livro a escolha foi assim, nós pegamos muito mais coisas, certo! Como é que você vai trabalhar, eu tenho dezessete teses de dissertações de mestrado e dez de doutorados feitos, mais um que vai agora, mais cinco para serem feitos, certo, o que acontece é que... Resolvemos fazer... Veja como é que foi feito, (**começa a ler um trecho do livro que apresenta seu grupo de pesquisa**). Então, o que é que nós quisemos dizer com isso, a gente vai querer, nós estamos dentro da Educação Matemática, e a educação matemática tem duas vertentes: a matemática e a psicologia, certo! Então, o que significa o que ela é diferente da matemática? A matemática quando você pega o aluno, a graduação em matemática você tem duas linhas, você tem o bacharelado e tem a licenciatura. O bacharelado, o egresso do bacharelado ele sai para produzir mais matemática e isto tem um artigo interessante, onde o autor conta que ele era um professor de ensino secundário e ele foi fazer um doutorado e o interesse dele era que a dificuldade de ensinar análise combinatória, por que o professor tem tanta dificuldade de ensinar e por que o aluno tem tanta dificuldade restrição em aprender análise combinatória, então esse professor que queria trabalhar nessa área, ele via que aquilo ele ensinava para os alunos e que os alunos nem sempre aprendiam, então ele não deveria estar ensinando bem, e ele estava agoniado, muito amolado que tese vai sair se eu não sei nem o que vou fazer e pegou em um desses dias de angústia e entrou na sala do professor orientadora dele e ele ficou contando da angústia e o orientador dele disse: olha, a matemática é como uma árvore, ela tem a estrutura de uma árvore, quando você olha uma árvore, o que você vê? O tronco vê os galhos, mas se ela não tiver as raízes ela não estaria em pé, então você precisa ver da matemática quais são as raízes, a aritmética, números e operações e a geometria, formas e tamanhos. Então você está vendo aquilo que você precisa ver de base, se a criança vem com dificuldade ela não consegue subir no tronco, fica escorregando o tempo todo, mas se você conseguiu e está com essa base, vai estar subindo pelo tronco, daqui a pouco você estará em um dos ramos, e aquele ramo que você subiu, ele vai ter uns raminhos e na ponta desses raminhos tem um broto que vai gerar alguma coisa, quando você está no doutorado você está nesse brotinho, o que é que de novo você vai produzir? É uma metáfora bonita. Então você está naquele pontinho, aí saiu mais animado, ele viu então que ele precisa saber não só análise combinatória que ele tinha lá, mas as raízes daquilo, como se fatoravam aquelas ideias, de que maneira... Aí ele foi para uma ideia que lá ele ia buscar alguma coisa nova ligando aquilo que ele queria da aprendizagem porque a matemática, a Educação Matemática o objetivo dela é a aprendizagem do aluno, então ele viu que podia fazer isso, e disso saiu a tese dele e ele saiu ótimo professor de escola secundária, então é uma coisa assim bonita que a gente vê como é que alguém pode por essas ideias pra gente. Então nesse livro nosso nós falamos de coisas assim onde aqui tem um prefácio... Introdução... Depois os aspectos teóricos... Em um dos trabalhos, liderado pela Norma ela coloca o porquê através da resolução de problemas, e esse através era interessante porque o Nelson Pirola de Bauru brigou muitas vezes comigo, - eu não concordo com esse através, já falei com linguistas, mas você está olhando a coisa diferente, falei para ele, o nosso através, não é o através de atravessar, o meu através de... E através de, é o ao longo do percurso, eu descí ao longo do rio, através do... Isso eu não encontrava nada que convencesse

	essas pessoas que eram contra o meu através, assim como quando eu comecei a falar em ensino, havia ensino e aprendizagem, eu resolvi tirar o “e”, e colocar um hífen, a minha Miriam brigava comigo, é uma coisa que acontece simultaneamente, enquanto o professor ensina o aluno aprende, de que forma fazer isso, né!
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO22: Segundo a entrevistada na constituição do último livro publicado pelo grupo fizeram em duas partes, a primeira tratando da teoria e da prática, e a segunda em ensino, aprendizagem e avaliação de matemática.
O que é dito	CDLO22: Das publicações e temáticas investigativas do grupo de pesquisa: na constituição do último livro publicado pelo grupo fizeram em duas partes, a primeira tratando da teoria e da prática, e a segunda em ensino, aprendizagem e avaliação de matemática.
Unidades de sentido	LO: Então foi interessante que a gente vai vendo, você me perguntou como é que as coisas acontecem, <u>eu não posso dizer para você que há uma regularidade, fazemos isso, isso e isso, não, porque as vezes é como na sala de aula, você vai com a aula preparadinha, o aluno faz uma pergunta e você muda tudo e cresce, e avança, então o nosso grupo tem muito disso, as vezes nós vamos resolver problemas mesmo.</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO23: A pesquisadora afirma que não existe uma regularidade para definir as temáticas investigativas do grupo de pesquisa, e exemplifica que é como na sala de aula, preparamos uma aula e o aluno faz uma pergunta que muda todo o andamento da mesma; ainda, salienta que em seu grupo às vezes se reúnem apenas para resolver problemas.
O que é dito	CDLO23: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: não existe uma regularidade para definir as temáticas investigativas do grupo de pesquisa, e exemplifica que é como na sala de aula, preparamos uma aula e o aluno faz uma pergunta que muda todo o andamento da mesma; ainda, salienta que em seu grupo às vezes se reúnem apenas para resolver problemas.
Unidades de sentido	LO: Os encontros do nosso grupo, eles variam, eles não podem ter, <u>na reunião que vem nós vamos fazer tal coisa, ou naquele outro dia vamos fazer tal coisa ou então podíamos falar da tese dela, então nós mudamos de acordo com... Eu levo sempre material novo e às vezes... Você vê as revistas que bonitinhas que estão? Ninguém pega para ler! Por exemplo, o grupo brigou muito comigo porque eu disse para eles que os nossos encontros dos últimos anos foram péssimos, falei foi o pior grupo que eu tive durante toda minha vida, foi esse grupo, o aluno tem um problema não aparece, o outro mora em Goiás tem mulher e filho, então não viesse fazer doutorado aqui, eu não tenho nada com isso, você entrou aqui para fazer seu curso. Então, qual é a sua colaboração, ficar quieto quando vem? Achando que está perdendo tempo. Sabe esse grupo não foi tão fiel, foi muito bom, quem foi muito boa foi à aluna C, que sempre teve muita participação, aluna B também, a aluna D, a aluna E sempre marcava compromissos para as terças-feiras, marca outro dia, então eu tive muitas discussões com esse grupo, mas eles disseram: mas, nós conseguimos fazer um livro. Verdade, eu não tiro o mérito deles, porque realmente em uma liderança da aluna C o livro saiu. Há dois anos, ou três, aconteceu uma coisa interessante, quando saiu [...]</u>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO24: Segundo a pesquisadora entrevistada, durante as reuniões do grupo surge a definição de temas investigativos; e salienta que sempre leva materiais novos para os alunos se atualizarem e usarem em suas investigações, porém eles, atualmente, não se interessam por esse material.
O que é dito	CDLO24: Da constituição das temáticas investigativas do grupo de pesquisa: durante as reuniões do grupo surge a definição de temas investigativos; e também a pesquisadora sempre apresenta materiais novos para os alunos se atualizarem e usarem em suas investigações.
Unidades de sentido	LO: De 2011 já faz mais de três anos, nós começamos, a Rosana, nas nossas teses e dissertações, <u>a Rosana dizia: Dona Lourdes a senhora fala que é uma metodologia de ensino-aprendizagem, avaliação da matemática através da resolução de problemas, eu não acho que é uma metodologia! Ela muito mais que uma metodologia, eu acho que é uma filosofia da</u>

	<p><u>educação</u>. E eu me achei pretenciosa demais em dizer que isso seria uma filosofia da educação, mas a turma começou a bater o pé em cima de mim dizendo que era isso, aí eu peguei os livros da Maria, os livros do Vicente, umas coisas da Meneguel que estava na USP e comecei a ver que realmente se encaixava com isso, por isso é que a gente acabou até colocando alguma coisa nesse livro, onde nós dissemos que a resolução de problemas pode ser considerada... Quando nós mandamos este artigo, colocando isso para o Vicente reagiu e disse que tinha... (Abre o livro e começa a leitura de um trecho).</p>
Excerto Hermenêutico	Rosana: refere-se a professora/pesquisadora Rosana Giaretta Sguerra Miskulin.
Unidades de significado	LO25: A pesquisadora salienta que existem discursos de outros pesquisadores sobre a metodologia utilizada no grupo e exemplifica citando a fala da professora Rosana, que diz que a metodologia de ensino-aprendizagem, avaliação da matemática através da resolução de problemas, de seu ponto de vista não é uma metodologia, e sim uma filosofia da educação.
O que é dito	CDLO25: Da temática investigativa do grupo de pesquisa: salienta que existem discursos de outros pesquisadores sobre a metodologia utilizada no grupo e exemplifica citando a fala da professora Rosana, que diz que a metodologia de ensino-aprendizagem, avaliação da matemática através da resolução de problemas, de seu ponto de vista não é uma metodologia, e sim uma filosofia da educação.
Unidades de sentido	<p>LO: A Maria concordou com a gente e o Vicente resolveu colocar que tem um matiz, já que tem um matiz está aberta a coisa, então aí a resolução de problemas... (continua a leitura). Então, dentro disso muita gente já está dizendo isso, eu ainda sou um pouco relutante, eu não sou filósofa como é a Maria, mas se ela concorda com estas coisas, eu lembro em um dos encontros que a gente teve e que eu falei bastante com o Vicente, que é bastante meu amigo não tenho dúvida, eu disse: eu estou segura, <u>a minha resolução de problemas atende aquilo que a gente quer ver, o objetivo primeiro da Educação Matemática é a aprendizagem do aluno</u>, e perguntei: agora, qual é o objetivo da sua história oral? E ele respondeu que não tinha um objetivo assim. Olha, para dizer a verdade, o grupo só interessou por isso, porque na hora de fazer os seus relatório e coisas assim precisava ter isso cadastrado e em ordem, como a coisa funcionava, mas nunca entrou... Eu nunca me preocupei demais com esta parte de estar registrado, estar feito, eu queria que o pessoal se encantasse com as coisas que a gente faz, eu sou um pouco romântica com isso, não sei qual é a palavra que posso por, mas eu me encanto quando vejo uma criatura pensar em um problema e buscar a solução e dizer: achei! Olha o que eu fiz! Se envaidecer com aquilo, pois é um poder que tem e como eu sempre vi tudo a partir de problemas, no instante que eu criei esta linha pra gente, foi por isso que eu passei pelas ruindades que eu passei lá com o pessoal todo quando achavam que eu estava fazendo um absurdo querendo que tivesse uma linha de resolução de problemas, foi muito ruim para mim, muito ruim, sofri muito! Muito, muito, me maltratou por pôr aquilo em uma reunião de alunos, o que os alunos tinham que opinar? Se nem o professor A sabia distinguir o que era uma linha e o que era uma área! Sabe, fiquei muito triste e foi muito ruim e meus próprios alunos não apareceram muito lá, então eu quero fazer aquilo que eu acredito que seja importante fazer porque as pessoas sintam que eles têm que aprender matemática porque se não aprender matemática serão incapazes de pensar, outro dia uma aluna do grupo foi pagar uma conta que custava quinze reais e sessenta centavos, e ela foi pagar e deu sessenta centavos e pôs lá, a moça do caixa disse: o que a senhora quer com isso? Não você me devolve quinze reais. – Como? A máquina está falando que tenho que devolver quatorze reais e quarenta centavos para a senhora. Ela não conseguia entender, uma pessoa que estava no caixa, então eu digo, aguenta que roubam milhões e não se escandalizam, se você der um problema para alguém assim: <i>se eu gastasse um segundo para dizer cada número na sequência, partindo de um, quanto tempo eu gastaria para contar de um até um trilhão?</i> Eu apliquei isso no CAASO, eram alunos do primeiro ano do colegial. Apresento as opções, 32 dias; 32 anos; 32 mil anos; 32 milhões de anos. Era uma turma do primeiro ano do colegial, as crianças são espertas, olharam e um disse para o outro: 32 dias não é se não ela não iria colocar em primeiro lugar, depois pensaram 32 anos, eram crianças de 14, 15 ou 16 anos, era o dobro da idade que eles tinham vivido não pode</p>

	<p>né! Aí começaram a chutar, não faziam ideia, não conseguiam perceber. Aí falei, olha vocês tentando ver qual delas se adapta a coisa, mas a matemática não faz isso, ela vai fazer certinho, vai dizer... Então, veja como é que vocês podem fazer, um lá deu uma ideia, se eu contar de um a sessenta, eu gastaria um minuto! – Ótimo! Mas, um minuto, quantos minutos tem em uma hora? Multiplica por tanto e você vai ver quantos números até quanto você queria, sessenta vezes sessenta ou o que você vai por, como é que vai ser. Se você depois pegasse em um mês, em uma semana, é difícil fazer isso? É só fazer continhas de multiplicação e se tiver a calculadora você faz em um instante, aí começaram a ver e eu comecei a relacionar, eu gastaria tantos segundos por ano, então eu comecei a fazer simplificação naquela fração que havia, depois comecei a fazer fatoração para ver o que acontecia e chegava em 32 mil anos. É doídera né! E naquela ocasião, o órgão de dinheiro nosso lá, como se fosse o <i>INSS</i> de hoje, aquele órgão tinha desviado um trilhão de cruzeiros, então eu digo, se roubassem um cruzeiro por segundo, iam levar 32 mil anos, vejam quanto, o que vocês teriam, você, seus pais, seus avós, bisavós... Quantas gerações e começam a fazer contas, começaram ver que se fizessem pacotinhos de tanto daria tanto e com aquilo que volume gastaria e viram que um caminhão não conseguiria levar todo aquele dinheiro, foi muito interessante esse problema, pois ele realizou primeiro no âmbito de suposições, de querer descobrir sem fazer nada, sem esforço, aí precisou fazer esforço, conseguir fazer todas aquelas contas. Foi muito interessante como a aula se deu, aí que eles viram o que era roubar um trilhão, a gente vê que estão roubando bilhões e não fazemos ideia do que roubaram.</p>
Enxerto Hermenêutico	<i>INSS</i> : refere-se ao Instituto Nacional do Seguro Social, órgão do Ministério da Previdência Social.
Unidades de significado	LO26 : A pesquisadora afirma que a sua linha de resolução de problemas atende aquilo que o grupo quer ver e ressalta que o objetivo primeiro da Educação Matemática é a aprendizagem do aluno.
O que é dito	CDLO26 : Da temática investigativa do grupo de pesquisa: que a sua resolução de problemas atende aquilo que o grupo quer ver, e ressalta que o objetivo primeiro da Educação Matemática é a aprendizagem do aluno.
Unidades de sentido	<p>A: <i>Essa característica contribui com o fortalecimento do seu grupo?</i></p> <p>LO: <u>Ela é conveniente, é conveniente para os <i>relatórios deles</i>, para que isto conste que o grupo existe que se reúne com relativa frequência, então tudo isso é feito sempre olhando o que isso que está sendo institucionalizado nos garante que nos dá certezas, que a gente coloca isso em um documento e ele tenha valor, [...]</u></p>
Enxerto Hermenêutico	<i>Relatórios deles</i> : refere-se aos documentos do diretório de grupos do CNPq.
Unidades de significado	LO27 : Segundo a depoente, a institucionalização do grupo é conveniente para os relatórios do CNPq, para que conste que o grupo exista que se reúne com relativa frequência, e ressalta que ser institucionalizado garante ao grupo algumas certezas e valores.
O que é dito	CDLO27 : Da institucionalização do grupo de pesquisa: a institucionalização do grupo é conveniente para os relatórios do CNPq, para que conste que o grupo exista que se reúne com relativa frequência, e ressalta que ser institucionalizado garante ao grupo algumas certezas e valores.
Unidades de sentido	LO : [...] certo, agora o fato é que também há uma busca de grupo, nós recebemos agora, quando eu pedi dinheiro para o <i>SERP</i> , eu pedi para <i>CAPES</i> e para <i>FAPESP</i> . A <i>FAPESP</i> quando estive lá o Brito fazendo aquela palestra para nós, lembra?, disse que eles querem pesquisa, você viu que pouca coisa era para educação, era empresa... E eu pedi assim mesmo, não pedi muito e eles mandaram metade do que foi pedido, mas os pareceristas puseram, este é um raro grupo de pesquisa em educação em atividade [...]
Enxerto Hermenêutico	<i>SERP</i> : refere-se ao evento científico: Seminário em Resolução de Problemas. <i>CAPES</i> : <i>CAPES</i> : refere-se ao a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. <i>FAPESP</i> : refere-se à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Unidades de significado	LO28 : Segundo a depoente, de seu ponto de vista, existe uma busca por grupos de pesquisa, e

	salienta que recentemente o grupo recebeu financiamento para realização de um evento científico, o SERP.
O que é dito	CDLO28: Da institucionalização do grupo de pesquisa: existe uma busca por grupos de pesquisa, e salienta que recentemente o grupo recebeu financiamento para realização de um evento científico, o SERP.
Unidades de sentido	LO: <u>Então nós aparecemos, isso para nós é estar institucionalizado e ficou uma coisa que eu posso mostrar para todo mundo que a FAPESP nos reconhece como um grupo bom de pesquisa, certo.</u> Eu tenho isso escrito. A: <i>Professora Lourdes Onuchic quero agradecer sua participação, muito obrigado em dispor do seu tempo para realizarmos essa entrevista.</i>
Excerto Hermenêutico	
Unidades de significado	LO29: Segundo a entrevistada, a institucionalização permite uma divulgação do grupo, e salienta que pode mostrar para todo mundo, pois está escrito no parecer da FAPESP que essa agência os reconhece como um grupo bom de pesquisa.
O que é dito	CDLO29: Da institucionalização do grupo de pesquisa: permite uma divulgação do grupo, e salienta, que por isso pode mostrar para todo mundo que a FAPESP reconhece como um grupo bom de pesquisa.